UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

A EDUCAÇÃO JAPONESA EM SANTOS (1908 – 1943)

RAFAEL DA SILVA E SILVA

Santos
2011

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

A EDUCAÇÃO JAPONESA EM SANTOS (1908 – 1943)

RAFAEL DA SILVA E SILVA

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação *stricto senso* em Educação da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação sob a orientação da Profa. Dra. Maria Apparecida Franco Pereira.

Santos
2011

Dados Internacionais de Catalogação
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos
SibiU

S586e Silva, Rafael da Silva e.
A educação japonesa na cidade de Santos (1908 – 1943) / Rafael da Silva e Silva; orientadora Maria Apparecida Franco Pereira - Santos: [s.n.], 2011.
421 f.; (Dissertação de Mestrado) - Universidade Católica de Santos, Programa de Mestrado em Educação

1. Educação. 2. Imigração. 3. Escola Japonesa I. Pereira, Maria Apparecida Franco (Orientadora). II. Universidade Católica de Santos. III. Título.

CDU 37(043.3)

Esta é uma pesquisa realizada com financiamento CAPES

COMISSÃO JULGADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Santos, ____/____/____

Assinatura:_____

SILVA, Rafael da Silva e. **A Educação Japonesa na cidade de Santos** (1908 – 1943). 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos.

RESUMO

Em 1908 chegaram os primeiros imigrantes japoneses para trabalhar nas fazendas de café, iniciando a história da imigração japonesa no Brasil. Espalharam-se por diversas regiões do Estado de São Paulo, fundando colônias. Parte desses imigrantes optou por regressar, ainda no mesmo ano, para a cidade de Santos. Como característica marcante, era comum, após fundar uma colônia, ergue-se também uma escola. Assim também aconteceu na cidade litorânea, onde os japoneses esforçaram-se para garantir o ensino da língua japonesa para as novas gerações, construindo e mantendo escolas próprias, com destaque para Escola Japonesa de Santos, cuja função era centralizar o ensino de japonês na região. Sendo assim, o presente trabalho pretende estudar a educação escolar japonesa na cidade de Santos, seu respectivo progresso e importância para a colônia local no período da chegada dos imigrantes, até o ano de 1943, quando japoneses, alemães e italianos foram obrigados a deixar a cidade por determinações do governo de Getúlio Vargas, forçando o fechamento das suas escolas. O estudo utiliza pesquisa documental realizada em acervos públicos e privados, onde foi possível encontrar fontes de natureza diversa, tais como certidões, processos, jornais, fotografias etc. Além disso, realizaram-se entrevistas , a fim de obter histórias de vida - com enfoque temático na educação japonesa - de pessoas que estudaram na escola ou tiveram um contato próximo com a colônia, como por exemplo, amigos, filhos de funcionários etc. Entre outros, a pesquisa tem suporte teórico nos trabalhos dos seguintes autores: Wilma Therezinha Fernandes de Andrade e Ana Lúcia Duarte Lanna, pois ambas trabalham com as mudanças da cidade de Santos na passagem do século XIX e XX, época da chegada dos primeiros imigrantes japoneses. Apóia-se também nos trabalhos de Tomoo Handa, que faz um grande retrospecto da história dos imigrantes japoneses no Brasil, Hiroshi Saito cuja teoria defende a divisão periódica da imigração japonesa no Brasil em três períodos distintos e no trabalho de Zeila de Brito Fabri Demartini, dedicado ao estudo da educação de imigrantes japoneses no país, principalmente no Estado de São Paulo. Pôde-se concluir que a educação entre os nipônicos era bem valorizada, pois, na ausência de suas escolas, matriculavam-se as crianças em Grupos Escolares, mesmo que isso pudesse comprometer ou atrasar o ensino da língua pátria. Além disso, a Escola Japonesa, além de ensinar o japonês e ser uma escola de acordo com todas as exigências da Secretaria de Educação, era também um centro cultural e administrativo da colônia desses imigrantes.

Palavras-chaves: Educação, Imigração, Escola Japonesa

SILVA, Rafael da Silva e. **Japanese Education in the city of Santos** (1908 – 1943). 2011. Dissertation (Master's Degree in Education). Universidade Católica de Santos.

ABSTRACT

In 1908, the Kasatu Maru arrived at the port of Santos, in the coast of São Paulo State, bringing the first Japanese immigrants to work in the coffee farms and starting the History of Japanese Immigration in Brazil. From then on, the Japanese spread through several regions of the State, founding new communities. Some of these immigrants decided to return, in that same year, to the city of Santos. A common hallmark, after the forming of a community, was the building of a schoolhouse. That also happened in the coastal city, where the Japanese struggled to guarantee the teaching of their native language to new generations by building and maintaining their own schools, especially the Escola Japonesa de Santos (Japanese School of Santos), whose main function was to centralize the study of the Japanese language in the city. This work was intended as a study of the Japanese schooling in the city of Santos, its progress and relevance to the local Japanese community, from the arrival of the first immigrants to the year of 1943, when, along with German and Italian natives, they were banned from the region by a decree from the federal government, leading to the shutdown of Japanese schools. For that purpose, a research was done in public and private archives, where a wide range of documents was found, such as certificates, judicial files, newspapers, photographs, etc. Oral History interviews were also utilized to obtain life histories, with a thematic focus on the Japanese education, from former students and other persons close to the community, such as friends, descendents of employees, etc. The research was based, among others, in the works of authors Wilma Therezinha Fernandes de Andrade and Ana Lúcia Duarte Lanna, for both explore the changes the city of Santos went through in the late nineteen century and early twentieth, when the first Japanese immigrants arrived. It is also based in the works of Tomoo Handa, which offers a great retrospect of the history of Japanese immigration in Brazil, Hiroshi Saito, whose theory defends a division of the Japanese immigration in Brazil in three different periods, and in the work of Zeila de Brito Fabri Demartini, dedicated to the education of Japanese immigrants in the country, mainly in the State of São Paulo. As its final considerations, it was noted that education was highly valued among the Japanese, for, in the absence of their own schools, parents enrolled their children in elementary schools, even if that meant compromising the teaching of their native language. It was also noted that the Escola Japonesa served as a cultural and administrative center for the Japanese community as well, besides being a regular school that met all the official requirements.

Key-words: Education, Immigration, Japanese School

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pais, Rivaldo Silva e Maria Auxiliadora da Silva. Por tudo o que fizeram e que ainda fazem por mim. Responsáveis pela transmissão dos meus valores, devo ao que sou hoje a eles. Sou eternamente grato! Aos meus irmãos, Renato e Ricardo e a minha esposa Katia Cristina, pois estiveram ao meu lado durante todo esse processo de formação acadêmica, da graduação ao mestrado, colaborando no que foi possível. Agradecimento especial a toda minha família, uma vez que é bem numerosa, não menos fraterna.

A minha orientadora professora Dra. Maria Apparecida Franco Pereira, pois, além da excelente orientação, sem sua ajuda seria impossível realizar este sonho.

Ao financiamento da Bolsa de Estudos da CAPES, que contemplou parte do curso.

Aos demais professores do Mestrado em Educação da UNISANTOS pelo apoio, pelas aulas e pelas dicas e conselhos.

Ao Grupo de Pesquisa do qual faço parte, LIAME (Laboratório de Informação, Arquivo e Memória da Educação), coordenado pela Profa. Dra. Maria Apparecida Franco Pereira, e com agradecimento especial aos colegas Wilson Dias da Silva, Cesar Neves de Souza, Ana Maria Poggiani, Paloma Lopes Barboza, Maria Fátima Lourenço Pereira, André Luiz Meirelles e Djanira Rangel.

Aos funcionários da Hemeroteca Municipal de Santos; do Arquivo Público do Estado de São Paulo; da Biblioteca Humanitária dos Empregados do Comércio de Santos e do Museu da Imigração Japonesa no Brasil.

À Associação Japonesa de Santos e seus respectivos funcionários, ex-funcionários e diretores, principalmente ao ex-secretário Paulo Fukami.

Aos meus amigos Jorge, Junior, Guilherme e Bruninho.

Aos demais colegas professores que trabalham comigo nas unidades escolares de Educação Básica.

A *Sensei* Takaku Ushida, professora de língua japonesa na Associação Japonesa de Santos, pela tradução dos documentos em japonês.

Por fim, a todos os entrevistados que colaboraram com suas histórias de vidas atreladas a História Regional, pois, sem dúvida, foram de suma importância para realização deste trabalho. Agradecimento especial a atenção com ao qual fui recepcionado por todos os entrevistados. Alguns deles, residentes na capital, como no caso do Sr. Ignácio Morigushi e Sérgio Yanaguisawa, se dispuseram a vir de bom grado a Associação Japonesa de Santos para a gravação. Também a Família Yamashiro, pois se dispôs a viajar até a cidade de Pirassununga para que eu pudesse entrevistar a Sra. Yoneco Yamashiro para a realização da entrevista e consultar as fotografias da família. As Entrevistadas Sra. Alice Naka Hashimoto, Isaltina Uehara, Matsu Kushikene e Tazuko Shiraki, além de proporcionar belas tardes de história, serviu-me um ótimo café. A recepção a iniciativa do Sr. Francisco Carlos Simons e da Sra. Diva dos Santos de me procurar em oferecimento para colaborar com o trabalho e a prontidão dos Srs. Fumio Tamashiro e Antonio Fernandez Filho.

A todos, muito obrigado!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....17

1. A CHEGADA DOS IMIGRANTES JAPONESES NO BRASIL.....27

1.1 Panorama inicial.....28

1.2 O imigrante japonês nas fazendas de café e o seu avanço pelo Estado de São Paulo.....40

1.3 A colônia japonesa em Santos.....48

2. A EDUCAÇÃO JAPONESA EM SANTOS.....89

2.1 A educação japonesa em Santos.....99

2.2 A Escola Japonesa de Santos.....113

3. OS IMPACTOS DA ERA VARGAS NA EDUCAÇÃO JAPONESA EM SANTOS.....151

3.1 A situação da colônia de Santos.....169

3.2 A educação japonesa em crise.....189

3.3 A devolução do casarão da Rua Paraná à Associação Japonesa de Santos.....201

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....203

ANEXOS.....209

ENTREVISTAS.....302

FONTES E REFERÊNCIAS.....411

ÍNDICE DE IMAGENS

1. Navio Kasatu Maru.atracado no Porto de Santos (1908).....38

2. Maria Fumaça Transportava os imigrantes até São Paulo (1908).....39

3. Partida dos imigrantes japoneses da Hospedaria para as fazendas de café (1908).....40

4. Imigrantes trabalhando na colheita de café.....43

5. Imigrantes japoneses trabalhando na lavoura de auto-sustento.....43

6. Cartaz de propaganda estimulando a emigração para o Brasil.....47

7. Anúncio de jornal onde dois moços e uma moça se oferecem para serviços de copeiro.....50

8. Anúncio de jornal onde uma moça japonesa se oferece para serviço de criada...51

9. Anúncio de jornal onde um menino e duas moças japonesas se oferecem para serviço de copeira ou arrumadeira.....51

10. Anúncio de jornal onde um rapaz se oferece para serviço de cozinheiro ou padeiro.....51

11. Anuncio de jornal onde um cozinheiro japonês se oferece para trabalhar em casa de família.....51

12. Anúncio de jornal onde se precisa de um rapaz japonês para serviços leve.....52

13. Anuncio de jornal onde se precisa de uma moça japonesa para ajudante de cozinha.....52

14. Uma das barcas utilizadas pelos japoneses em suas pescarias em alto mar.....55

15. Barco pesqueiro adentrando o Canal do Estuário, em Santos (início da década de 1940).....56

16. Pesca da Praia do José Menino.....57

17. Habitações de japoneses, no Campo Grande.....61

18. Reportagem sobre o caso do assassino Kamadissu Kamato.....62

19. Imigrantes na cidade de Santos.....70

20. Lista das colônias japonesas no Litoral do Estado (1943).....71

21. Photografia tirada na residência de yasushi Furukawa, ex-consul do Japão nesta cidade, para apresentação as autoridades e à sociedade santista, do novo representante daquele país, Sr. Yoshizo Saito.....73

22. Convite de Assembléia da Sociedade Japonesa de Santos.....75

23. Planta do terreno total pertencente à Associação Japonesa de Santos.....76

24. Associação Japonesa de Santos (década de 1930).....78

25. Jogo em homenagem a despedida do fundador do time de *baseball* Colônia Japonesa.....79

26. Inauguração do campo de *baseball* com participação dos clubes Hachuja e Colonia Japonesa.....80

27. Notícia sobre a inauguração do Baseból Clube de Santos.....81

28. Jogo em homenagem a chegada do novo Cônsul japonês na cidade de Santos.....83

29. Time de *baseball* da Colonia Japonesa, na ocasião, havia derrotado o Hase, de São Paulo, pelo expressivo placar de 28 a 4.....83

30. Pensão Seikokan.....85

31. Hotel Ushio.....85

32. Grupo tirado no Hotel Ushio, durante baile ali realizado na terça-feira de carnaval 86

33. Anúncio em jornais de carpintaria e mercearia de Kissabro Kanayama.....86

34. Anúncios de serviços prestados por japoneses em Santos.....87

35. Álbum de Iguape.....93

36. Colégio Particular da Sede da Colônia.....94

37. Aulas de português no jornal “Notícias do Brasil”.....96

38. Aulas de português no jornal “Notícias do Brasil”.....96

39. Alunos aprovados da Escola União Japonesa.....102

40. Curso de costura da Escola Primária da Associação de Jovens de Santos (1938).....107

41.Escola Primária da Associação de Jovens de Santos: alunos e professores (1938).....109

42. Escola Primária da Associação de Jovens de Santos (1940).....110

43. Vista frontal das ruínas da Escola Primária da Associação de jovens de Santos (2007).....112

44. Visão lateral das ruínas da Escola Primária da Associação de Jovens de Santos (2007).....112

45. Professor Akio Yanaguisawa (1937).....114

46. Escola Japonesa de Santos em 1934.....115

47. Comparação entre Imagem 41 e a Imagem 46, apresentando semelhanças referente à professora brasileira que atuava nas escolas japonesas.....115

48. Apostila utilizada pela Escola Japonesa de Santos para ensinar a sua língua 117

49. Atividades da apostila baseada nos gestos da cultura japonesa.....118

50. A lenda do Momotaro na apostila.....118

51. Contracapa da apostila onde consta a produção de origem japonesa.....119

52. Turma de alunos da professora Ana Palmeira Martins Malta (década de trinta).....121

53. Alunos e professores da Escola Japonesa de Santos (início da década de 40).....123

54. Escola Japonesa de Santos.....125

55. Atividade de língua portuguesa da Escola Japonesa de Santos do ex-aluno Francisco Carlos Simon.....127

56. Atividade de Aritmética.....128

57. Atividade de redação.....129

58. Exercícios.....130

59. 52 japoneses batizados na catedral.....133

60.Turma de formandos de 1936, onde se encontram as professoras Ana Palmeira Martins e Morigushi Sensei. Em pé, a segunda aluna da esquerda para a direita é Yoneco Yamashiro (1936).....136

61. Escola de Corte e Costura de Londrina.....139

62. Alunos da Escola Japonesa na estação de Trem de Guarujá (fim da década de 30).....140

63. Alunos no trem, no Guarujá (fim da década de 30).....141

64. Alunos próximos à estação de travessia Santos-Guarujá (fim da década de 30).....141

65. Alunos na praia do Guarujá (fim da década de 30).....142

66. Alunos jogando peteca na praia do Guarujá (fim da década de 30).....142

67. Alunos posam para fotografia sob uma arvore (fim da década de 30).....143

68. Internato Nansei Shogaku (1939 ou 1940).....144

69. Abe Sensei e Moacir Ikemory na entrada do Internato Nansei Shogaku (1939 ou 1940).....145

70. Planta do casarão onde funcionava o pensionato Nansei Shogaku Sha.....146

71. Planta do casarão onde funcionava o pensionato Nansei Shogaku Sha. Andar térreo e andar superior.....146

72. Morigushi Sensei com os filhos Inácio (Tadayoshi) e Kasuyoshi, Abe Sensei e Moacir Ikemori no Internato Nansei Shogaku Sha (1939 ou 1940).....147

73. Alunos e professores da Escola Japonesa de Santos com a presença do Cônsul japonês de Santos (Início da década de 40).....148

74. Alunos e professores da Escola Japonesa de Santos (1941).....149

75. A nacionalização dos estabelecimentos considerados de grande utilidade pública e o ex-Hospital Alemão, da Capital.....157

76. Firmas do Brasil incluídas na lista negra.....158

77. Os estudantes de Santos manifestaram também de maneira expressiva o seu repúdio ao nazi-nipo-fascismo.....159

78. Grandes manifestações populares em Santos contra o “Eixo”.....160

79. Apelo do governo brasileiro ao caráter cordial do povo brasileiro.....162

80. Manobras de “quinta coluna”.....162

81. Estão sendo esclarecidos os verdadeiros objetivos dos nipônicos em nosso país.....163

82. Ação eficaz das nossas autoridades contra o “perigo amarelo”.....165

83. Polícia paulista destrói forte rede de espionagem nipônica.....166

84. Japão acusa o Brasil de tratar desumanamente os súditos nipônicos.....167

85. Diplomatas brasileiros deixam o nosso Estado.....168

86. Presos em Santos e São Vicente quatro inimigos do Brasil.....171

87. Estão sendo afastados de Santos e do Litoral todos os súditos japoneses e alemães.....174

88. Mais de 1500 súditos japoneses alemães removidos.....175

89. Imigrantes lembram a expulsão do bairro.....178

90. Exemplo de salvo conduto para estrangeiro de Fukuko Chinen.....183

91. Ordem para expedir salvo conduto.....184

92. Diploma da Escola Barnabé anexado ao Prontuário 19808..... 200

ÍNDICE DE TABELAS E MAPAS

Tabelas

1. Entrada de imigrantes no Brasil.....35

2. Distribuição dos japoneses nas fazendas de café.....39

3. Destino dos japoneses que deixaram as fazendas.....45

4. Atividades realizadas por japoneses em 1925 na cidade de Santos.....50

5. Famílias japonesas nos bairros de Santos e arredores (1943).....67

6. Quantidade de imigrantes japoneses na cidade de Santos segundo as fontes encontradas.....72

7. Escolas japonesas e alunos em 1932.....99

8. Destino dos japoneses residentes em Santos após a remoção.....181

9.Prontuários do arquivo do DOPS – Arquivo Público do Estado de São Paulo.....198

10. Escolas japonesas fechadas em 1938.....194

11. Visita de inspetores de ensino às escolas japonesas de Santos.....196

Mapas

1. Cidade de Santos em 1913.....60

2. Número e localização de acordo com o levantamento realizado pelo Consulado Japonês de Santos.....68

INTRODUÇÃO

A transição do século XIX para o XX foi marcada, no Brasil e mais especificamente no Estado de São Paulo, pela vinda de milhares de imigrantes com destino às fazendas no interior do Estado para trabalhar na colheita do café, na época principal produto brasileiro para exportação. Insere-se nesse contexto o imigrante japonês que, mesmo com números tímidos em comparação com os italianos ou portugueses, representou a quarta etnia com maior número de entradas no país. Além disso, após o ano de 1908, marco simbólico do início da história da imigração japonesa no Brasil, muitas colônias nipônicas se espalharam por diversas regiões formadas pelos trabalhadores que deixavam os cafezais em busca de melhores condições de vida. Nesses núcleos, desenvolviam culturas distintas voltadas, principalmente, para o mercado interno, a exemplo da horticultura, onde os

japoneses foram responsáveis pela introdução de diversos gêneros alimentícios no solo brasileiro. Em Santos, o mesmo aconteceu. Muito imigrantes, a maioria provindos de Okinawa, deixaram os cafezais e vieram à cidade simpatizados com as características litorâneas da região, onde, além da horticultura, dedicaram-se à pesca e ao comércio, juntando-se à grande população imigrante de Santos.

Nesse contexto, era comum, nos núcleos japoneses, o surgimento de escolas para a transmissão da cultura japonesa através do ensino da língua. Era inaceitável, para o japonês, permitir que as crianças crescessem sem aprender o idioma dos ancestrais, pois a maioria deles ainda sonhava com o regresso à terra natal. Contudo, havia a preocupação com o destino das novas gerações no Brasil, não podendo faltar o ensino da língua portuguesa para evitar que sofressem as mesmas dificuldades que os pioneiros da imigração. Em Santos, funcionaram algumas escolas nipônicas, mas merece destaque a Escola Japonesa de Santos, fundada em 1929, pois era responsável pela centralização do ensino japonês na região, entre outras atribuições.

Não se pode negar a contribuição que os imigrantes deram a esta cidade. Portanto, acredita-se que a colônia japonesa de Santos também merece destaque no plano dos estudos científicos, pois dados revelam que até 1943 havia pouco mais de três mil indivíduos de origem japonesa na cidade. Além disso, foram notáveis os esforços dos japoneses no plano educacional, construindo suas próprias escolas ou matriculando seus filhos nos grupos escolares públicos.

A temática da Imigração Japonesa é estudada desde a década de 70, ganhando ainda mais impulso com as celebrações do seu centenário no ano de 2008. Destaque-se, dessa maneira, os trabalhos de Hiroshi Saito e Tomoo Handa, que iniciaram, a partir de então, uma série de reflexões e investigações sobre o

tema. Santos, contudo, ainda caminha no sentido de investigar melhor a trajetória desses imigrantes e sua respectiva educação. Não se pode negar a existência e a contribuição de trabalhos anteriores, como por exemplo, um capítulo inteiro de Tomoo Handa, na obra “O Imigrante Japonês: história de sua vida no Brasil”, onde aborda a questão dos imigrantes japoneses na colônia japonesa de Santos.

Há também os trabalhos de conclusão de curso de História da Universidade Católica de Santos de Eloá Maia Pereira Stroh, orientado pela Profa. Dra. Maria Apparecida Franco Pereira com o título “Imigração Japonesa na Baixada Santista: do sonho ao pesadelo (1908 – 1943)”; o de Ana Maria Almeida com o título “Imigração japonesa em Santos: a presença japonesa na Ponta da Praia” sob orientação da Profa. Maria Suzel Gil Frutuoso; também o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de História do presente autor “O Imigrante Japonês na Cidade de Santos e Região: da sua chegada ao Brasil à constituição de vida na Baixada Santista (1908 – 1943)”. Contudo, não há trabalhos específicos voltado à educação japonesa na cidade de Santos, com exceção do artigo elaborado para a página virtual do Clube Estrela de Ouro, de origem japonesa, localizado no bairro Ponta da Praia, em Santos.

O interesse pelo tema da presente pesquisa surgiu no ano de 2006 com a proposta de estudar o bairro do Saboó em Santos, como trabalho de conclusão de curso para a obtenção de título de graduação no curso de Licenciatura Plena de História pela Faculdade de Ciências e Letras Don Domênico. Na medida em que as pesquisas avançaram, achou-se mais pertinente o aprofundamento na colônia japonesa no bairro do Saboó, até então desconhecida para o autor. Após o levantamento dos dados, percebeu-se que era possível realizar uma abordagem mais abrangente dos japoneses na região, ultrapassando os limites do bairro. O

TCC foi defendido no ano de 2007 sob a orientação da Profa. Mestre Solange Padilha Oliveira Guimarães com o título já citado. As pesquisas continuaram durante o ano de 2008 com o foco voltado para a educação japonesa visando o ingresso no curso de Mestrado em Educação, na linha de História das Instituições Escolares.

A pesquisa da presente dissertação buscou entender a educação escolar japonesa na cidade de Santos no período de 1908, data que assinala a chegada dos primeiros imigrantes japoneses na cidade, até 1943, ano em que os imigrantes foram expulsos, da costa litorânea brasileira, pelas políticas nacionalistas de Getúlio Vargas. Para tal, o estudo procurou responder as seguintes questões:

1) Como aconteceu o processo de formação da comunidade japonesa de Santos?

2) Como era a Escola Japonesa de Santos?

3) Como era a relação da educação japonesa com a educação nacional e educação não formal na comunidade japonesa de Santos?

4) Que consequências gerou para o contexto social da época?

Entre outros, a pesquisa sobre o contexto da cidade baseou-se principalmente nos trabalhos dos seguintes autores: Wilma Therezinha Fernandes de Andrade e Ana Lúcia Duarte Lanna, pois ambas trabalharam com as mudanças que Santos estava sofrendo na passagem do século XIX para o XX, época em que chegam os primeiros imigrantes japoneses à cidade. Apóia-se nos trabalhos de Tomoo Handa, que faz um grande retrospecto da história dos imigrantes japoneses no Brasil, e Hiroshi Saito cuja teoria defende a divisão da imigração japonesa em três períodos distintos, que vão desde a chegada dos pioneiros em 1908 à retomada da corrente imigratória a partir de 1953. Por fim, apoiou-se na autora Zeila de Brito Fabri

Demartini que estuda a educação japonesa no Estado de São Paulo. Também foi importante para a compreensão do contexto da educação santista na época o livro “Santos nos caminhos da educação popular (1870-1920)” de Maria Apparecida Franco Pereira. Quanto à abordagem teórica referente à cultura escolar privilegiaram-se as idéias da historiadora Diana Vidal.

No caso da colônia japonesa de Santos, muitos documentos provavelmente tenham sido destruídos ou encontram-se ainda em locais não pesquisados. Em 1943, Getúlio Vargas determinou a remoção dos imigrantes japoneses da costa litorânea e fechou a Escola Japonesa de Santos e a sede da Associação Japonesa de Santos que se localizava no mesmo prédio. A documentação ficou sob a guarda do então diretor da Escola, professor Yanaguisawa. Em 1945, tal documentação ficou sob a responsabilidade do Consulado da Suécia e posteriormente passou para a Embaixada da China e desaparecendo a partir de então. Na tentativa de reencontrá-lo, recorreu-se ao Consulado da Suécia, à Embaixada da China, ao Consulado do Japão e ao Museu da Imigração Japonesa, localizado na cidade de São Paulo, porém nada foi encontrado.

Por essa razão, a pesquisa foi realizada em diferentes locais, entre acervos públicos e privados, onde foi possível encontrar razoável documentação de natureza diversa, como por exemplo, certidões, processos, jornais, algum material escolar e fotografias. Entre os acervos públicos consultados, destacam-se a Fundação Arquivo e Memória de Santos, importante para a localização de alguns processos e fotografias acerca da colônia; a Hemeroteca Municipal de Santos e o acervo do Jornal A Tribuna, onde foram encontrados grande parte dos periódicos do período estudado; a Biblioteca Humanitária dos Empregados do Comércio de Santos que possui documentos referentes à cidade,como por exemplo o Recenseamento de

1913, e um rico acervo de jornais e revistas que circulavam na cidade na primeira metade do século XX, dentre eles exemplares da Revista Flama; o Museu da Imigração Japonesa, onde estão os exemplares dos jornais nipo-brasileiros da época.

Também foi realizada pesquisa no Arquivo Público do Estado de São Paulo para fazer o levantamento prontuários de japoneses e descendentes residentes em Santos. Para tal, buscacaram-se como palavras-chave “nacionalidade japonesa” e “cidade Santos”, encontrando-se setenta e cinco documentos. No Arquivo também foram localizados os Relatórios Anuais da Delegacia Regional do Ensino de Santos. No acervo do Centro de Documentação da Baixada Santista da Universidade Católica de Santos foi encontrado o Álbum Colônia Iguape (1913 – 1933), trazendo um rico acervo de fotografias referentes à colonização japonesa no Vale do Ribeira e mais algumas fotografias sobre Santos. Além disso, o documento contém diversas informações sobre a região, com mapas e relatórios de autoridades e uma rica coleção de fotografias da colônia, representando uma excelente fonte para futuras pesquisas.

É interessante notar que os documentos escritos fornecem novos subsídios para a condução do trabalho com História Oral, assim como novas fontes surgiramn a partir do contato com os entrevistados (DEMARTINI, 2005). Assim, na medida em que eram realizadas as entrevistas, acervos particulares foram localizados junto com as pesquisas de História Oral, que em sua maioria possuíam documentos relevantes. Por exemplo, no bairro do Saboó, localizaram-se fotografas referentes à escola japonesa e alguns recortes de jornais. Outros foram encontrados graças à colaboração e indicação da secretaria da Associação Japonesa de Santos, como por exemplo, o Entrevistado SY, pois além de dar a entrevista, possuía uma série de

fotografias referentes à Escola. A Entrevistada AH e seu respectivo acervo, foi localizada graças às indicações da secretaria da Casa de Repouso Kosei Home, próximo ao Mercado Municipal. Esta pessoa, por sua vez, indicou a Entrevistada IU, que forneceu um grande depoimento, sendo necessário retornar em um segundo encontro. Ambas possuíam fotografias e outros documentos de valor para a pesquisa. Quanto à Entrevistada TS, foi localizada a partir de uma reportagem do Jornal A Tribuna, a partir de então foi possível encontrar seu contato pelo catálogo telefônico, que também possuía fotos relevantes para a pesquisa. A Entrevistada YI foi indicada pelo seu sobrinho que se dispôs a levar este pesquisador até a sua residência em Pirassununga, interior de São Paulo. Ela, possuí uma série de fotografias sobre a Escola Japonesa de Santos que datam de 1934.

Para a obtenção das entrevistas, utilizou-se questionário semi-estruturado, buscando colher história de vida resumida, a exemplo de outros trabalhos realizados pela autora Zeila de Brito Fabri Demartini, com enfoque temático na educação. Essa escolha leva em consideração tanto aqueles que estudaram nas escolas japonesas, quanto aqueles que tiveram um contato secundário com a colônia, como por exemplo, filhos de professores ou vizinhos de nipônicos. Assim foi possível perceber o que o entrevistado conhecia ou lembrava sobre as escolas japonesas, o que ela significou na formação. As entrevistas foram realizadas com o uso de filmadora acoplada a um tripé. Para alguns autores que trabalham com História Oral, o uso da filmadora pode ser um tanto intimidador para o entrevistado e deixá-lo constrangido no momento da entrevistada, porém, essa escolha possibilitou a captação dos gestos e expressões, além do cenário, na maioria das vezes a própria moradia do entrevistado. Houve dois casos especiais em que a entrevista foi realizada com mais de uma pessoa em uma mesma filmagem: a Entrevistada YY e LY e os

Entrevistados FS e DS. No primeiro caso, a Entrevistada YY, por questões de saúde, precisou ser auxiliada pela sua filha para relembrar alguns fatos e facilitar a comunicação. No segundo caso, os próprios entrevistados optaram por realizar a entrevista juntos, pois acreditavam que assim poderiam relembrar com mais facilidade os acontecimentos, já que estudaram juntos na Escola Japonesa, preocupando-se, como em outros tipos de fontes, com os cuidados necessários com o uso dessa escolha. A história de vida resumida possibilitou o levantamento de uma série de informações e produziu novos documentos que se complementam com os demais documentos de natureza diversa. Com os Entrevistados FS e IU foi encontrado o material didático utilizado na Escola Japonesa, no caso um caderno escolar e uma apostila de ensino de língua nipônica, representando um importante material para a compreensão parcial do ambiente cultural desenvolvido no interior da escola.

A utilização de pseudônimos levou em consideração a fala dos Entrevistados, onde todas elas mereceram igual atenção no foco temático e na produção dos documentos. Contudo, pelo fato de não haver informações comprometedoras e por não haver oposições por parte dos entrevistados, há no final do trabalho, a relação das entrevistas completas com os verdadeiros nomes e as datas em que as entrevistas foram realizadas.

Assim pôde-se, ao final dos dados coletados, redigir o presente texto em três capítulos. O primeiro abordou o contexto histórico no território paulista na economia do café: analisando os motivos que estimularam a vinda do imigrante japonês para o Brasil, tanto internos como externos; o seu percurso nas fazendas de café e os motivos pelos quais a deixaram e constituíram diversos núcleos espalhados pelo estado de São Paulo. Segue estudando o desenvolvimento da colônia japonesa de

Santos, procurando responder qual eram as bases sociais, econômicas e culturais da comunidade para a transmissão da cultura japonesa, seja ela escolar ou familiar.

O segundo capitulo aborda a questão especifica da educação japonesa no Brasil e na cidade de Santos. Analisa os aspectos comuns entre os diversos núcleos nipônicos do Estado de São Paulo e preocupa-se em entender as razões da importância dada pelo japonês à educação, fato perceptível pelo número de escolas japonesas que funcionaram ao longo dos anos estudados. Em seguida, estuda as características da educação japonesa na cidade de Santos. Assim, o capitulo não poderia deixar de abordar especificamente a Escola Japonesa de Santos e as demais que funcionaram no período de 1930 até 1943, com a função de centralizar o ensino da língua japonesa na região, ressalvadas as dificuldades e ausências da documentação.

O terceiro capítulo dedica-se às políticas nacionalistas que impuseram uma série de restrições à educação estrangeira desde o início da década de trinta no Estado de São de Paulo, acirrada ainda mais com as medidas nacionalistas durante o Estado Novo (1937 – 1945). Esse período, além de ter representado uma época de grande dificuldade para a educação da língua e dos costumes japoneses, foi também muito traumático especialmente para a colônia de Santos, pois os imigrantes de ascendência japonesa, alemã ou italiana foram obrigados a deixar a cidade em vinte e quatro horas no ano de 1943. Nesses anos, a Escola Japonesa utilizou artifícios para manter-se em funcionamento, mas inevitavelmente foi obrigada a fechar, sendo seu prédio confiscado pelo governo. Somente anos mais tarde, os imigrantes puderam voltar à cidade. Contudo, muitos jamais o fizeram, vivendo a partir de então no interior. Utilizou-se também documentos presentes no Arquivo Público do Estado de São Paulo do DOPS e dos Relatórios da Diretoria

Regional de Santos de Educação, importantes para a compreensão dos problemas que os japoneses e descendentes sofreram na época e os respectivos impactos na educação.

Como considerações finais, viu-se que, na medida em que as dificuldades iniciais da colônia foram superadas, os japoneses puderam canalizar seus esforços na consolidação de estabelecimentos para o formal da língua japonesa. Isso ficou evidente após a década de trinta com a construção da Escola Japonesa de Santos, uma instituição bem estruturada e apta a receber também classes do Ensino Primário como uma escola particular, assim como alunos de outras regiões e modalidades esportivas. A pesquisa percebeu também a complexidade no âmbito das relações culturais no interior das escolas japonesas, uma vez que os alunos eram inseridos em dois contextos culturais diferentes em um mesmo ambiente, pois em um período participavam das aulas de japones, seguindo um sistema com livros didáticos importados, e em outro, o sistema brasileiro, veículo inclusive utilizado pelo governo para a nacionalização da população. Por fim percebeu-se que o período do Estado Novo (1937 – 1945) foi muito traumático à colônia japonesa de Santos, culminando com a remoção deles da faixa litorânea, resultando no abandono do aprendizado da língua japonesa por quase toda uma geração.

Espera-se, dessa maneira, poder contribuir tanto com a história regional de Santos, como com a história da imigração japonesa em âmbito regional e nacional, entendendo os esforços e os significados da educação japonesa na cidade, possibilitando experiências, críticas e sugestões à atual educação brasileira.

CAPÍTULO 1
A CHEGADA DOS IMIGRANTES JAPONESES NO BRASIL

O imigrante japonês, desde o início de sua história no Brasil, demonstrou grande preocupação com a educação, fato facilmente percebido nos diversos núcleos formados em território brasileiro, principalmente no Estado de São Paulo, onde se verificou o maior número de colônias. No entanto, para compreender melhor esse contexto, tanto educacional como social, é preciso traçar o retrospecto da imigração japonesa para o Brasil e entender tanto os fatores internos quanto externos que motivaram o deslocamento dos imigrantes japoneses (TSUKAMOTO, 1973. p. 13).

1.1 Panorama inicial

Durante quase três séculos, no período denominado Era Edo (1603 – 1868), o Japão manteve-se isolado do mundo ocidental com exceção do restrito comércio realizado com a Holanda. Esse período foi marcado por um regime político-social semelhante ao feudalismo existente na Europa medieval, de caráter rural e dominado pelos shoguns, senhores que passaram a exercer o poder político e militar no Japão. Esse quadro começou a mudar quando os Estados Unidos, seguidos pela Inglaterra e as forças unidas ocidentais, estabeleceram contato com o Japão e impuseram uma série de restrições e forçaram-no à abertura dos portos, caracterizando a expansão imperialista do ocidente em meados do século XIX (HOBSBAWM, 2009, p. 230). O contato com o ocidente obrigou o país a abrir sua economia e exportar boa parte de sua produção, trazendo efeitos negativos, pois fez com que o preço do arroz se elevasse em até seis vezes, impondo uma série de dificuldades aos japoneses (CHESNEAUX, 1976. p. 43).

Diante da crise e impossibilitado de uma reação à altura dos problemas que afetavam o país, o governo japonês pediu formalmente a reunião do conselho dos *daimios* em busca de uma solução plausível. Tais crises favoreceram o aparecimento de um segmento de jovens samurais adeptos de outra linha ideológica a favor da expulsão dos bárbaros e à veneração ao imperador. Surgiram, assim, os movimentos para restituir o poder do imperador e substituir o sistema de xogunato. Finalmente, em 1868, o poder do imperador foi restaurado e uma nova era no Japão se iniciou, denominada Meiji (HOBSBAWM, 2009. p. 234).

Após a Revolução, o governo japonês deu início a uma série de inovações políticas, levando o Japão, anos mais tarde, a encaixar-se na acepção do termo

Estado Moderno aplicado ao mundo ocidental naqueles tempos. Colocou ainda o país em uma posição de competição imperialista na disputa tanto militar como industrial (HOBSBAWM, 2009. p. 45-46). Adotou medidas político-administrativas semelhantes aos países europeus, abolindo as distinções sociais, criando o serviço militar obrigatório, estipulando o fim da autonomia dos feudos, introduzindo o calendário ocidental e impondo a obrigatoriedade do ensino, além de equipar uma marinha aos moldes britânicos (CHESNEAUX, 1976. p. 44). No entanto, não se pode afirmar, assim como no contexto europeu do século XV, que esta Revolução foi um movimento de caráter especificamente burguês que pôs fim ao regime feudal. Pelo contrário, representou uma ruptura no sistema vigente de cima para baixo, onde a classe comerciante participou, apenas facilitando a introdução do capital ocidental (HOBSBAWM, 2009. p. 236).

Além de abrir os portos e buscar uma inserção cada vez maior no mundo capitalista, o Japão também iniciou, após a Revolução, uma política de expansão territorial, conquistando primeiramente os arquipélagos ao sul e, posteriormente, regiões estrangeiras: Coréia, Taiwan (1895) e Rússia (1905). No inicio do século XX o Japão contava com uma extensão territorial de cerca de 250 mil quilômetros quadrados (HOBSBAWM, 2009. p. 99-100). No entanto, no âmbito interno, o país ainda mantinha a grande maioria de sua população no campo. Acredita-se que entre os anos de 1870 e 1880, oitenta por cento da população japonesa era rural (NOGUEIRA, 1973. p. 18). A situação dos camponeses piorou na medida em que a economia capitalista adentrava a sociedade de estrutura feudal e transformava os antigos proprietários de terras em simples usuários sujeitos ao capital externo, e passaram a transferir suas dificuldades para os camponeses através de pesados

impostos. Assim, durante todo o Período Meiji, era comum a presença de “pobres e vagabundos” que vagavam pelas cidades e vilas (ANDO, WAKISAKA, 1971. p. 13).

Além disso, a própria constituição familiar do Japão corroborava para o agravamento da situação. Havia, por parte dos pais, toda uma preocupação com a hereditariedade das terras, sendo que o filho mais velho recebia uma educação diferenciada dos demais justamente para continuar o legado familiar. Staniford (1973. p. 35–36) apresenta algumas alternativas que eram dadas aos filhos não sucessores às terras dos pais e os agricultores pobres:

> No caso de permanecerem em suas comunidades natais, os não-sucessores e agricultores pobres dispunham de certas alternativas: 1) tornar-se ‘família derivada’ recebendo uma porção de propriedade da ‘família tronco’, alternativa que era permitido só àqueles que tenham nascidos nas famílias ricas; 2) ser adotado como sucessor em alguma família ou casar-se com uma moça cuja família não tenha nascido nenhum filho, sendo possível, em ambos os casos, a aquisição de posição de sucessor; 3) ser adotado por uma família abastada que queira admitir, em adição a seus, filhos de famílias pobres; 4) tornar-se colono arrendatário de qualquer outro proprietário; 5) garantir a moradia em sua comunidade natal e arranjar emprego numa cidade próxima ou dedicar-se a trabalhos sazonais em outras áreas rurais; 6) arranjar algum emprego local como assalariado; 7) permanecer na família como solteiro (comumente isso acontece quando a pessoa tem alguma problema de ordem física ou mental).

Diante dessa situação, o governo passou a estudar a possibilidade de migração, primeiro incentivando famílias a deslocarem-se para a região de Hokkaido, uma das três principais ilhas que compõem atualmente o Japão, localizada no lado norte do país. Não sendo o suficiente, decidiu por oficializar a permissão da emigração para outras regiões do mundo. Em 1883, trinta e sete trabalhadores mergulhadores partiram rumo a Ilha Thuraday, na Austrália. No ano seguinte, o governo emitiu permissão para emigração ao Hawaii, onde já viviam

outros japoneses emigrados ainda no início da Era Meiji. Os trabalhadores partiam com tempo previsto de retorno de cerca de três ou quatro anos, e, mesmo em condições severas de exploração, ainda seria mais vantajoso do que permanecer no Japão, pois assim poderiam fazer alguma reserva e retornar posteriormente com melhor condição financeira. A partir de 1891, surgiram as primeiras Companhias responsáveis por intermediar a relação entre os empregadores e os emigrantes. As Companhias buscavam os destinos, firmavam contratos e organizavam as viagens. Também eram responsáveis por arrecadar dos voluntários à emigração depósitos compulsórios e seguros. Até 1916, chegaram a existir cinquenta e uma companhias de emigração (ANDO, WAKISAKA, 1971. p. 16).

Além de representar uma alternativa para os agravamentos dos problemas sociais internos, a emigração também poderia fazer parte do projeto imperialista de expansão frente ao mundo ocidental. Rio Midzuno, por exemplo, fundador da Companhia Imperial de Emigração e responsável pela entrada dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil, acreditava veementemente que só com a emigração japonesa para diversas partes do mundo é que se poderia constituir a idéia de um império japonês (ANDO, WAKISAKA, 1971. p. 23).

Apesar da emigração japonesa para o Brasil ter ocorrido somente em 1908, as primeiras tentativas de envio de trabalhadores para os cafezais paulistas ocorreram em 1887, onde se pretendia introduzir dois mil trabalhadores, jovens entre 25 e 30 anos e solteiros. Devido a uma crise cafeeira, o contrato foi rompido poucos dias antes da partida dos emigrantes do Japão. Até o ano de 1906, o destino mais comum para os emigrantes japoneses foi os Estados Unidos e o Canadá. Somente em 1907 o governo norte-americano decidiu restringir a entrada de nipônicos no país com a política *Gentlement´s Agriment.* Alegava-se, na época, que os trabalhadores

japoneses eram responsáveis por distúrbios internos na medida em que se sujeitavam a trabalhar por salários menores aos dos demais trabalhadores, além de normalmente boicotarem greves em troca de dinheiro extra. As restrições de entradas de japoneses nos Estados Unidos levaram as companhias de emigração a buscar novos destinos para firmar contratos. Uma das alternativas no início do século XX era o Brasil, país mais visado de emigração do mundo, que contava, com vastas áreas para ocupação e com a cultura de café em pleno desenvolvimento, sofrendo contudo, problemas com a introdução e a fixação de trabalhadores nas plantações (ANDO, WAKISAKA, 1971. p. 16-23).

Não se sabe ao certo quando chegaram as primeiras mudas de café ao Brasil, mas há registros de pequenas plantações no Rio de Janeiro desde o século XVIII (COSTA, 1998. p. 63 – 64). O crescimento da cultura se deu pelo avanço no Vale do Paraíba até atingir o Planalto Paulistano e adentrar todo interior do Estado.

Tradicionalmente, o Brasil colonial foi marcado pelo sistema escravista, transferindo essa característica à cultura do café presente no período imperial. Apesar das imposições feitas pela Inglaterra no início do século XIX para coibir o tráfico negreiro para o Brasil, a escravidão continuou e se intensificou até a década de cinquenta do século XIX (PRADO JUNIOR, 1949. p. 156–158). No Império, porém, com a necessidade constante de braços para a lavoura de café nas províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o sudeste passou a abrigar mais de cinquenta por cento da população escrava do país (COSTA, 1998. p. 69–70).

Após décadas de ineficiência por parte dos ingleses em combater o tráfico, o governo britânico aprovou, em 1845, o “Bill Aberdeen”, condenando a pirataria traficante de escravos a serem julgados pelos tribunais do almirantado. Ao mesmo

tempo, no plano interno, o próprio governo imperial já mostrava certa disposição contra o tráfico de escravos. Em 1850, o Senado aprovou a lei que permitia as autoridades ou navios de guerra apreender qualquer embarcação, atracada ou não, acusada de tráfico. Mesmo assim, a prática ainda foi prorrogada até 1856, trazendo um número de escravos consideravelmente alto, até que foi definitivamente combatido a partir de então. A interrupção no tráfico e a crescente necessidade de mão-de-obra fizeram com que as autoridades brasileiras voltassem suas atenções para o mercado interno, iniciando as grandes migrações de negros do nordeste para sudeste (COSTA, 1998. p. 81-85).

A solução encontrada pelos cafeicultores para a substituição da mão-de-obra escrava que estava com seus dias contados, foi a introdução do imigrante europeu como trabalhador livre. A chegada dos primeiros imigrantes ocorreu no período de transição da Colônia para Império. A idéia neste primeiro período era ocupar as regiões inóspitas do país com o colono policultor semelhante ao camponês europeu (PETRONE, 1977. p. 96). Em 1828, por exemplo, foram encaminhados a São Paulo novecentos e vinte e oito colonos para diversos municípios com o fim de ocupação regional. Entre os anos de 1827 e 1837, cerca de dez mil colonos estavam espalhados pela província. Esses imigrantes, em sua maioria, não permaneciam nas regiões a que eram designados e migravam constantemente para outros lugares de acordo com a sua conveniência (COSTA, 1998. 110–111). Esse modelo de imigração foi duramente criticado pelos produtores de café, pois não oferecia uma solução real ao problema da mão-de-obra nas lavouras, além de trazer gastos excessivos ao governo (PETRONE, 1977. p. 96).

Por iniciativa própria, Nicolau Campo Vergueiro organizou uma companhia, a Sociedade Vergueiro & Cia., para obter empréstimos do governo imperial, a fim de

subvencionar a entrada de novos imigrantes. Em um período de apenas dois anos, de 1852 a 1853, a companhia conseguiu introduzir cerca de mil colonos nas fazendas. Diante desses números, muitos outros fazendeiros interessaram-se pelo uso do imigrante (COSTA, 1998. 122–123). Esse sistema iniciado com Vergueiro ficou conhecido como parceria, onde parte da colheita era dividida com os trabalhadores. Apesar da sugestão do nome, a relação entre o fazendeiro e os parceiros estava muito longe de sugerir alguma igualdade; na verdade, em muitos aspectos, ainda lembrava o sistema escravista (HOLLOWAY, 1984. p. 112–113). Assim, é possível supor que o sistema de parceria funcionou como uma transição do regime escravo para o sistema de colonato (MARTINS, 1973. p. 78).

As falhas no sistema de parceria aliadas com o fim cada vez mais previsível do sistema escravocrata levaram os fazendeiros a repensar os métodos de imigração para a lavoura. Primeiramente, houve um aumento, por decreto, da verba destinada a ajudar os fazendeiros a adquirir imigrantes. Em 1881, os fazendeiros se organizaram para planejar a construção de um prédio destinado a abrigar os imigrantes recém chegados ao Brasil: a Hospedaria do Imigrante, inicialmente com capacidade apenas para quinhentas pessoas e mal localizada, longe de qualquer estação de trem. Posteriormente, foi ampliada e transferida para uma região mais viável, capaz de acomodar quatro mil pessoas (HOLLOWAY, 1984. p. 63). Nesse período, o sistema de parceria já não era mais adotado, dando lugar ao trabalho assalariado. Além disso, o imigrante passou a vir para o Brasil sem contrato assinado, deixando para ser realizado somente na Hospedaria do Imigrante, de acordo com a necessidade dos fazendeiros (PRADO JUNIOR, 1949. p. 199).

Se por um lado, a lavoura cafeeira requeria cada vez mais braços devido à sua expansão para o interior, por outro, a Europa, no fim do século XIX, mantinha um

quadro socioeconômico complicado e favorável à emigração de sua população (HOBSBAWN, 2009. p.184). Assim, o número de imigrantes ingressos no Brasil teve um grande crescimento no fim do século XIX, sendo reduzido gradativamente nos anos posteriores a 1930, mas mantendo ainda uma quantidade significativa de entradas, como é possível perceber na tabela abaixo, cujos dados foram extraídos do ‘‘Boletim do Departamento de Imigração e Colonização” (apud. NOGUEIRA, 1973,p. 41):

Tabela 1: **Entrada de imigrantes no Brasil**.

Anos	Totais de todas as naciona-lidades entradas	Italianos		Espanhóis		Portugueses		Alemães		Austríacos		Japoneses	
		N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
1870/1879	11.330	3.411	30,11	300	2,65	1.660	14,65	1.091	9,63	176	1,55		
1880/1889	183.505	144.654	78,83	5.538	3,02	22.613	12,32	2.354	1,28	2.590	1,41		
1890/1899	734.985	340.243	58,54	86.994	11,84	59.011	8,03	7.176	0,98	14.910	2,03		
1900/1909	364.834	174.634	47,48	88.524	24,07	57.097	15,52	3.881	1,06	5.377	1,46	825	0,22
1910/1919	446.582	105.834	23,7	135.326	30,3	132.682	29,71	6.731	1,51	5.084	1,14	27.114	6,07
1920/1929	487.253	74.778	15,35	63.814	13,1	113.366	23,27	32.719	6,71	8.662	1,78	57.164	11,73
1930/1939	198.122	12.429	6,27	6.584	3,32	36.284	18,31	10.397	5,25	1.323	0,67	101.666	51,31
1940/1949	53.992	9.519	17,63	1.317	2,44	18.114	33,55	2.091	3,87	763	1,41	2.946	5,46
1950/1951	55.537	12.600	22,69	7.447	13,41	20.102	36,2	2.721	4,9	420	0,76	49	0,09
Totais	2.539.140	968.102	38,13	395.844	15,59	460.929	18,15	69.161	2,72	39.305	1,55	189,764	7,47

FONTE: NOGUEIRA, 1973, p. 41.

Mesmo com o elevado número de entradas no fim do século XIX, os problemas com mão-de-obra nunca foram definitivamente solucionados pelos fazendeiros. As difíceis condições de vida nas fazendas, aliadas à impossibilidade de ganhos de acordo com o que era oferecido pelas propagandas realizadas nos países de origem dos emigrantes, levavam muitos trabalhadores a se mobilizarem para buscar melhores condições de trabalho e ganhos em outras fazendas ou mesmo fora delas,

em ambientes urbanos, ou reemigrando para outros países, ou até mesmo regressando para a terra natal (PRADO JUNIOR, 1949. p. 222). Por conta desses problemas, os fazendeiros nunca deixaram de tentar manter o elevado número de entradas de imigrantes no país, pois havia a necessidade de mais mão-de-obra, a fim da procura exceder a demanda e, consequentemente, reduzir o valor pago aos trabalhadores (NOGUEIRA, 1973. p. 26).

A nacionalidade de maior relevância numérica ingressa no Brasil para trabalhar nos cafezais foi a italiana, seguida pela portuguesa, espanhola e japonesa respectivamente. Os italianos representaram quarenta e seis por cento do total de imigrantes entrados no país no período de 1888 a 1900, representando cerca de setenta e seis por cento de todos os imigrantes que vieram para o Brasil. Esse fato era consequente da economia italiana que se encontrava estagnada, principalmente no setor agrícola. No entanto, a partir de 1890, com a retomada do crescimento econômico, o governo italiano passou a desencorajar a emigração para o Brasil, devido a denúncias de péssimas condições de vida nos cafezais (HOLLOWAY, 1984. p. 71–73).

Em vista desses problemas, fazendeiros do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo reuniram-se em 1906 para discutirem as prioridades da produção de café, onde destacou-se a possibilidade, entre outras coisas, de introdução do imigrante japonês e o possível acordo de exportação de café para aquele país. Esse evento ficou conhecido como Convênio de Taubaté (LOVE, 1977. p. 69).

Ainda nesse mesmo ano, foram iniciados os preparativos a fim de trazer os primeiros imigrantes japoneses ao Brasil. O governo brasileiro fechou contrato com a Empire Emigration Company que visava o envio de três mil imigrantes, sendo que a maioria deveria ser constituída por lavradores, reservando apenas dez por cento

para pessoas ligadas a outros ofícios. Na ocasião, o próprio presidente da Empire Emigration Company, Rio Midzuno, visitou o Brasil ficando satisfeito com as possibilidades de ganho na lavoura. É provável que as impressões equivocadas de Midzuno tenham colaborado para a formação de uma errônea propaganda no Japão a respeito do Brasil, levando muitos japoneses a uma grande decepção nos primeiros anos de imigração. Foi acertado que as despesas deveriam ser custeadas pelas companhias ou pelos fazendeiros, repassando esse custo posteriormente, em forma de dívida, aos colonos (NOGUEIRA, 1973. p. 76–89).

As previsões para a chegada dos primeiros nipônicos datavam para o mês de maio de 1908. No entanto, devido ao atraso ocasionado pelas dificuldades de reunir o número adequado de emigrantes em tempo hábil, somente no dia 28 de abril de 1908 partiu do porto de Kobe o navio Kasato Maru, carregando a bordo aproximadamente oitocentos japoneses (setecentos e oitenta e um contratados e os demais voluntários). O navio chegou ao porto de Santos em 17 de junho de 1908, atracando somente no dia seguinte.

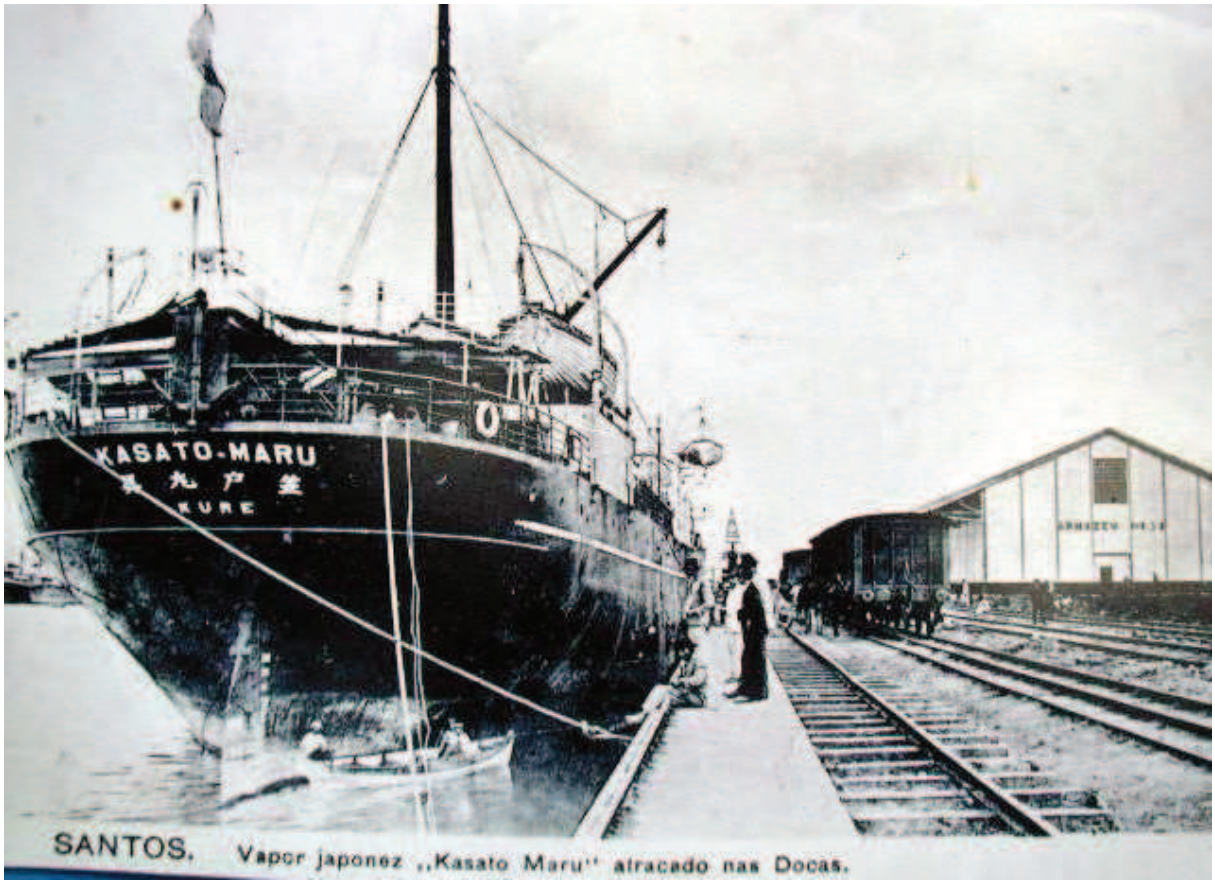


Imagem 1: **Kasato Maru atracado no porto de Santos (1908)**.
FONTE: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Ao desembarcarem, os imigrantes foram conduzidos ao trem que os levar à Hospedaria dos Imigrantes na capital. Ali permaneceram até o dia vinte e sete, quando foram sucessivamente encaminhados aos cafezais. Para a Fazenda Canaã, dirigiram-se cento e cinquenta e dois trabalhadores originários de Okinawa; para a Fazenda Floresta, cento e setenta e três também de Okinawa. À Fazenda São Martinho, dirigiram-se cento e uma pessoas originárias de Kagoshima. Para a Fazenda Guatapará, oitenta e oito pessoas também provindas de Kochi, Nigata e Kagoshima. No dia vinte e nove, duzentas e dez pessoas provindas de Fukushima, Kinnamoto, Hiroshima, Miyagi e Tókio, foram para à Fazenda Dumont. Por fim, no dia seis de julho, para a Fazenda Sobrado foram quarenta e nove pessoas oriundas de Yamaguchi, Aichi entre outras províncias (HANDA, 1987. p. 6-17). Os números

apresentados por Arlinda Rocha Nogueira são um pouco divergentes aos dados apresentados por Tomoo Handa. No entanto, a autora deixa claro que as próprias fontes de consultas, do Consulado do Japão e da Hospedaria dos Imigrantes, apresentam diferenças em relação aos números de japoneses ingressos nas fazendas documentos consultados na Hospedaria dos Imigrantes (1973, p. 97). Assim estão apresentados os números:

Tabela 2: **Distribuição dos japoneses nas fazendas de café**

Fazenda	N° de famílias	N° de av ulsos	Total de pessoas
Dumont	51	13	210 (11 menores)
Guatapará	23	6	90 (4 menores)
São Martinho	27	12	99
Sobrado	15	-	49
Floresta	24	3	170 (1 menor)
Chanaan	24	6	155

Fonte: NOGUEIRA, 1973, p. 103.

Imagem 2: **Maria Fumaça transportava os imigrantes até São Paulo (1908)**.
FONTE: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Imagem 3: **Partida dos imigrantes japoneses da Hospedaria para as fazendas de café (1908).**
FONTE: Museu Histórico da Imigração Japonesa.

1.2 O imigrante japonês nas fazendas de café e o seu avanço pelo Estado de São Paulo

Ao introduzir o japonês como colono nos cafezais, os fazendeiros acreditavam que estavam solucionando o problema da alta mobilidade dos imigrantes pelas fazendas e a consequente instabilidade da mão-de-obra pelo fato de que o nipônico possuía uma cultura muito diferente das dos ocidentais, principalmente a língua, tendo dificuldades assim para deixar as fazendas em que foram instalados (NOGUEIRA, 1973. p. 60). Aconteceu, no entanto, exatamente o contrário. Assim como os imigrantes de outras nacionalidades, o japonês, em geral, não se fixou. Ainda no ano de 1908, foram registradas as primeiras fugas para outras fazendas ou

mesmo parar outras regiões do Estado, sendo que a primeira delas, apenas alguns meses após a introdução na Fazenda Dumont, em Ribeirão Preto, onde um grupo de trabalhadores descontentes regressou à Hospedaria, e foram posteriormente empregados em serviços diversos. Na Fazenda Canaã, no município São Simão, as primeiras fugas ocorreram em 2 de outubro desse mesmo ano quando trinta e uma pessoas oriundas de Okinawa partiram para Santos com o sonho de rápido enriquecimento (HANDA, 1987. p. 43–44). Logo, a prática da fuga se generalizou entre colonos japoneses, levando os fazendeiros a intensificar a vigilância noturna, dificultando a saída das fazendas. A partir de então, a prática da fuga tornou-se corriqueira e uma verdadeira aventura para aqueles que sonhavam em melhores ganhos no Brasil. Tomoo Handa (1973. p. 100–103) relata o quão arriscado era deixar as fazendas de café antes do término dos contratos:

> Como não se pode pretender usar veículos, tem-se de estar decidido a fugir a pé. Se possui objetos de porte, antecipadamente os confia à guarda de algum amigo, ou dá de presente a alguém, ou ainda, se são valiosos, vende-os. Mas as coisas necessárias terá de carregar, distribuindo-as entre os familiares. Se sabe que no caminho terá a necessidade de pouso, terá então de levar a esteira (trazida do Japão para embalar objetos) e o sobretudo. Isso não se sucede assim se vai à fazenda próxima (pois se deixa combinado com antecedência o local onde alguém possa vir buscar de carroça o fugitivo e uma vez entrado na fazenda visada, o perseguidor da outra não tem mais o direito de prendê-lo). Mas quem vai longe tem de andar até a estação da estrada de ferro. Sucede que não serve a estação mais próxima à fazenda, devendo procurar outra seguinte ou a de outra linha. Tem de andar, assim, sem despertar a atenção, de vinte a trinta quilômetros. Como faz calor demais de dia, caminha a noite. Para tanto, precisa prevenir-se de alimentos, pois será muito arriscado procurar as vendas. É assim que utiliza atalhos de matos de poucos caminhantes. Mas mesmo assim não consegue se livrar da impressão de estar sendo perseguido. Se ouve acaso sons de cascos de montaria, procura esconder-se em algum canto da estrada. Sucede que os cavalos são sensíveis a tudo que se acha escondido perto da estrada, e, muitas vezes, estacam próximo ao esconderijo. Nessa hora, o fugitivo não cabe em si de medo. O cavaleiro que conhece bem o caminho esporeia o animal e procura seguir em frente. Então, o cavalo, que havia parado, sai desta vez em disparada. Há cavaleiros que, em ocasiões como essa, sacam

> do revolver da cintura e dão dois ou três tiros para o alto, quem sabe afugentando as criaturas imaginárias.

O autor segue narrando:

> O fugitivo sai à estrada, dando graças a Deus por não ter sido perseguidor o cavaleiro. Mas como não tem nenhuma prova disso, pelo contrário aquele poderá voltar a qualquer momento pelo mesmo caminho, entra em algum atalho. Por fim amanhece, e descobre que perdeu o caminho. Se isto acontecer, daí por diante joga tudo na sorte. Há casos, então, em que se vê forçado a procurar alguma casa e pedir comida, pois do contrário não consegue mais andar de tanta fome. Pelo fato de caminhar com peso nas costas e estar sem dormir direito, as pernas doloridas mal permitem que se ande. Assim, a sensação de estar sendo perseguido, enquanto caminha durante uma ou duas noites, enraíza-se no fundo da alma, até aparecendo, mesmo depois de chegado o local de destino, em pesadelos noturnos em forma de negra sombra de perseguidor. Fuga nessas condições só pode ser realizada pelo imigrante recém-chegado obcecado pela idéia de ganhar dinheiro depressa e retornar ao Japão.

Arlinda Rocha Nogueira destaca como fatores fundamentais à não fixação do colono japonês nas fazendas de café, em primeiro lugar, o desconhecimento dos serviços agrícolas e a constituição peculiar das famílias. O fato de desconhecerem os serviços nas fazendas dificultou a adaptação e o sucesso com o trabalho na colheita do café, longe de atingir os ganhos prometidos; isso porque muitas pessoas se identificaram como sendo agricultores sem na verdade o serem a fim de formar número suficiente para emigrar. As “famílias compostas”, com o único objetivo de emigração, caracterizaram-se pela formação de famílias pela junção de pessoas estranhas em um mesmo ambiente, sem qualquer laço consanguíneo ou afetivo. Devido ao fato dos salários e as dívidas serem cobradas por famílias e não por indivíduo, a saída de um integrante ou o nascimento de outro, poderia causar sérios problemas de relacionamento (NOGUEIRA, 1973. p. 65–66).

Imagem 4: **Imigrantes trabalhando na colheita de café**.
FONTE: Museu Histórico da Imigração Japonesa.

Imagem 5: **Imigrantes japoneses trabalhando na lavoura de auto-sustento**.
FONTE: Museu Histórico da Imigração Japonesa.

Além disso, é possível destacar a grande desilusão sentida pelos imigrantes diante dos reais ganhos da lavoura frente à propaganda exagerada feita no Japão, onde se prometia encontrar a “árvore dos frutos de ouro”. Pelos cálculos, em apenas três anos seria possível reaver o dinheiro investido para emigrar e, em cinco, retornar com uma quantia razoável para o Japão. Outro aspecto decisivo foi o completo desconhecimento da cultura e da língua local, dificultando a relação dos japoneses com os demais colonos de outras nacionalidades, levando muitas vezes ao estranhamento e ao preconceito (ALVIN, 1998. p. 268). É preciso destacar também que quando os colonos chegaram, já haviam decorrido seis meses de colheita, restando-lhes apenas poucos frutos enegrecidos e de baixa qualidade (HANDA, 1987. p. 58).

Ao fim do primeiro ano de experiência com o imigrante japonês, cerca de dois terços do número total de japoneses havia se retirado das fazendas. Em sua maioria, buscaram exercer atividades nos centros urbanos como empregados domésticos, estivadores, marceneiros, carpinteiros, operários etc. Outros se dirigiram, como foi visto anteriormente, a outras fazendas que propiciassem ganhos maiores em relação às em que foram instalados originalmente. Outros até buscaram reemigrar para fora do país. Segundo os autores Zempati Ando e Katsunori Wakisaka, mais da metade dos imigrantes dessa primeira leva deixaram as fazendas em busca de novos destinos onde poderiam enriquecer. Para a Argentina, reemigraram cento e sessenta japoneses, sendo que para as cidades de São Paulo e Santos foram cento e dois e cento e dez respectivamente (1971. p. 26).

Tabela 3: **Destino dos japoneses que deixaram as fazendas**

Outras fazendas	40
São Paulo	102
Porto de Santos	110
Reemigração para a Argentina	160
Outros	Algumas dezenas

. FONTE: ANDO, WAKISAKA, 1971. p. 26.

Esses números levaram os fazendeiros e autoridades a discutir sobre a possibilidade de continuidade da introdução de nipônicos nas fazendas. Muitos se encontravam insatisfeitos, queixando-se justamente da falta de experiência por parte dos japoneses em relação ao trabalho agrícola e à formação de "famílias compostas". Apesar disso, em sua maioria, os fazendeiros mantiveram-se otimistas com a imigração japonesa desde que esses problemas fossem devidamente solucionados (NOGUEIRA, 1973. p. 115–117). Assim, a imigração japonesa continuou sem interrupções até o ano de 1914. Nesse período, foram introduzidos cerca de catorze mil imigrantes nas fazendas, sendo que finalmente os fazendeiros admitiram a inviabilidade de introdução de mais japoneses devido às "instabilidades" dos colonos dessa nacionalidade. Com o agravamento das dificuldades em introduzir novos imigrantes devido à Primeira Guerra Mundial que interrompeu o fluxo de europeus, novos japoneses foram trazidos nos anos seguintes, registrando cerca de treze mil, quinhentos e noventa e cinco nipônicos entre 1917 a 1920 (SAITO, 1961. p. 31).

Hiroshi Saito divide a história da imigração japonesa no Brasil em três períodos distintos: O primeiro é caracterizado pelas primeiras experiências com os braços japoneses na lavoura cafeeira e se estende do ano de 1908 a 1925, quando o governo do Estado de São Paulo suspendeu os subsídios para a introdução de

novos nipônicos. O segundo período se estende de 1926 a 1941 e é marcado pela transferência de subsídios do governo paulista para o governo japonês, sendo o período em que se atingiu o ápice de entradas, de 1928 a 1933. O período se encerra com a o fim das relações diplomáticas entre Brasil e Japão em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Por fim, o terceiro período é definido pelos anos de proibição de entrada de japoneses durante a Segunda Guerra Mundial e a abertura para novos imigrantes em 1953 (SAITO, 1961. p. 34–40).

O segundo período foi marcado por uma ativa participação do governo japonês no envio de novos colonos. A partir de 1924, o Japão passou a controlar e monopolizar os serviços de emigração através da Companhia *Kaigai Kogyo Kobushiki Kaisha,* mais conhecida como K.K.K.K. Além disso, passou a estimular com subsídios diretos o imigrante japonês a tornar-se pequeno proprietário, arrendatário de terras, pequeno industrial ou comerciante. Assim, o Brasil passou a ser, durante esse período, o país de maior investimento japonês (VIERA, 1973. p. 43). À frente da emigração para o Brasil e dos interesses da colônia no país, o governo japonês intensificou a propaganda no Japão para atrair mais pessoas dispostas a partir para o Brasil. A imagem 6, a exemplo dessa ação, representa um cartaz produzido pelo governo, incentivando o colono japonês a partir para o Brasil com toda a sua família:

Imagem 6: **Cartaz de propaganda estimulando a emigração para o Brasil**.
FONTE: Museu Histórico da Imigração Japonesa.

Por outro lado, o sucesso individual dos imigrantes que abandonavam os trabalhos nas fazendas de café e obtinham êxito nas mais diversas atividades, na cidade como empregado ou no campo como pequeno proprietário, incentivava os japoneses recém chegados a também abandonarem os cafezais. Com isso, muitas colônias japonesas se desenvolveram ao longo do interior de São Paulo e em muitas cidades, alcançando até o Estado do Paraná.

O êxito no campo se deve, em sua maioria, pela habilidade trazida da terra natal. Em fins do século XIX, a agricultura japonesa era muito admirada pelos norte-americanos por não possuir qualquer tipo de máquina, em solo desfavorável,

mantendo excelentes resultados (HOBSBAWM, 2009. p. 241). O surgimento de cooperativas agrícolas, a exemplo da CEAGESP (Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo), localizada no distrito industrial de Jaguaré, foi resultado do sucesso do imigrante japonês como pequeno proprietário e produtor hortigranjeiro. Além de inserir diversos gêneros alimentícios à dieta brasileira (SAITO, 1973. p. 189–191), a produção dos imigrantes japoneses ganhou relativa importância para o abastecimento interno de feiras e mercados (ONO, 1973. p. 136).

Dessa forma, o imigrante japonês avançou e se instalou por diversas áreas do Estado de São Paulo e outras regiões do Brasil. Com o apoio do Governo Japonês, o colono pôde estruturar melhor sua produção e contar com uma variedade maior de serviço que pudesse auxiliá-lo e contribuir para o crescimento da colônia como um todo (VIEIRA, 1973. p. 57–63).

1.3 A colônia japonesa em Santos

Como foi visto anteriormente, os imigrantes da Província de Okinawa ingressos na fazenda Canaã deixaram os trabalhos nos cafezais ainda no mesmo ano da chegada do Kasato Maru, em 1908, e regressaram a Santos no mês de outubro. Após a descida da Serra do Mar, onde muitos tiveram que realizá-la caminhando devido à falta de recursos, conseguiram acomodações em um hotel sírio da cidade e empregaram-se no porto (HANDA, 1987. p. 46). Esses pioneiros puderam trabalhar inicialmente nas obras de expansão do cais santista e na pedreira do Jabaquara como operários e no carregamento de café como estivadores (HANDA, 1987. p. 313). Nesse período, o porto encontrava-se em franco desenvolvimento devido à produção do café no interior do Estado de São Paulo. Junto com o porto, uma série

de outros serviços aparecia e pouco a pouco modificavam as características da cidade, oferecendo uma série de oportunidades para os trabalhadores locais (ARAUJO FILHO, 1969. p. 72; ANDRADE, 1995. p. 91). Com essas possibilidades, os primeiros imigrantes puderam garantir sua permanência na região dedicando-se posteriormente a outras atividades com as quais possuíam maior familiaridade.

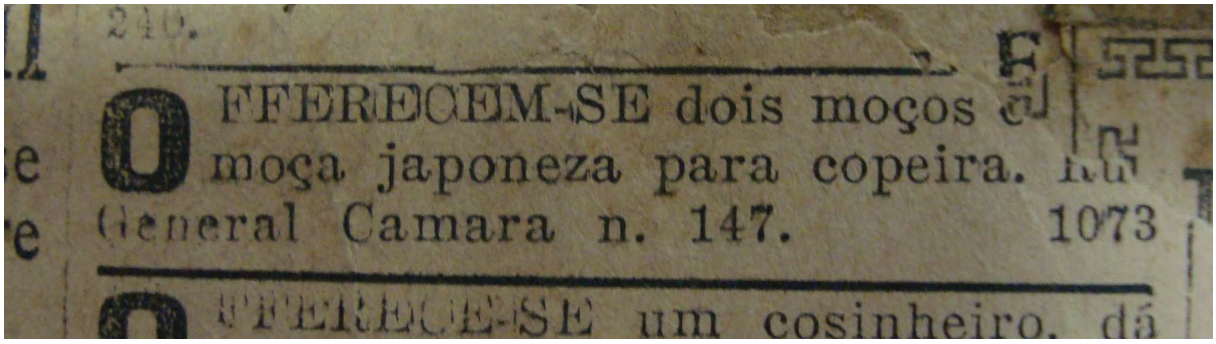
Apesar de atuarem inicialmente no porto da cidade, esses japoneses, porém, não tiveram uma participação efetiva nos movimentos operários da cidade no Período da República Velha, como por exemplo, em movimentos anarcosindicalistas organizados em sua maioria por imigrantes portugueses, italianos e espanhóis (MARAM, 1979. p. 17). Após a fixação na cidade, muitos optaram pelo arrendamento de pequenos lotes de terra onde poderiam dedicar-se à pesca e à horticultura para o auto-sustento e para o abastecimento do mercado interno da cidade. Essa característica foi consequência da cultura trazida de Okinawa, onde essas duas atividades eram amplamente realizadas (HANDA, 1987. p. 315). Alguns outros buscaram trabalhar em atividades diversas, como comércio, artesanato, bordéis, serviços domésticas e em construções. Em 1912, por exemplo, muitos japoneses ingressaram nas obras da construção da linha férrea que estava sendo construída para realizar a ligação de Santos com a cidade de Juquiá, no sul do Estado de São Paulo, que foi concluída em 1914 (HANDA, 1987. p. 319–320). Ao término das obras, muitos japoneses formaram novos núcleos ao longo da linha, alcançando diversas cidades do Vale do Ribeira. Essa região, mais tarde se destacou na produção de diversos gêneros alimentícios, como por exemplo, o chá e a banana (PETRONE, 1977. p. 207).

Tabela 4: **Atividades realizadas por japoneses em 1925 na cidade de Santos**.

Ocupação	*Unidades familiares*	*Número de membros*
Pesca	65	245
Horticultura	245	940
Ofícios de artesão	49	222
Comércio	37	193
Prostituição(bordéis)	10	32
Total	406	1632

FONTE: HANDA, 1987. p.315.

Tomoo Handa apresenta alguns dados referentes às atividades exercidas pelos imigrantes japoneses na cidade de Santos, em 1925. Os números mostram que a grande maioria dedicava-se à horticultura. Em seguida, vinha a pesca como atividade mais desenvolvida. Além disso, atuavam no artesanato duzentos e vinte e dois imigrantes, cento e noventa e três no comércio e trinta e duas pessoas em bordéis (1987, p. 315). Outros japoneses procuravam também por trabalhos domésticos, como cozinha, faxina, pajem etc. Isso pôde ser constatado nos anúncios contidos no Jornal A Tribuna do período estudado. Eis alguns exemplos:


240.

OFFERECEM-SE dois moços e moça japoneza para copeira. Rua General Camara n. 147. 1073

OFFERECE-SE um cosinheiro, dá

Imagem 7: **Anúncio de jornal onde dois moços e uma moça se oferecem para serviço de copeiro.**

A Tribuna. Santos; 28 jan.1913. p. 9.

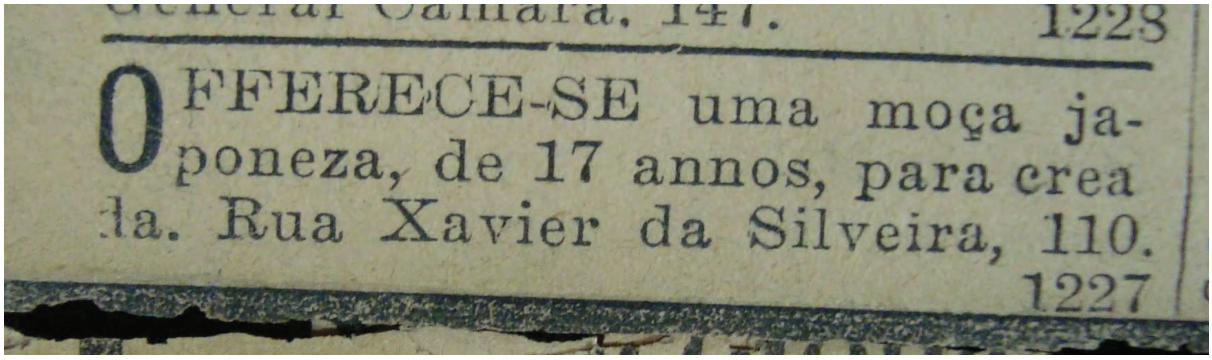


Imagem 8: **Anúncio de jornal onde uma moça japonesa se oferece para serviço de criada.**
A Tribuna. Santos, 28 jan. 1913. p. 10.

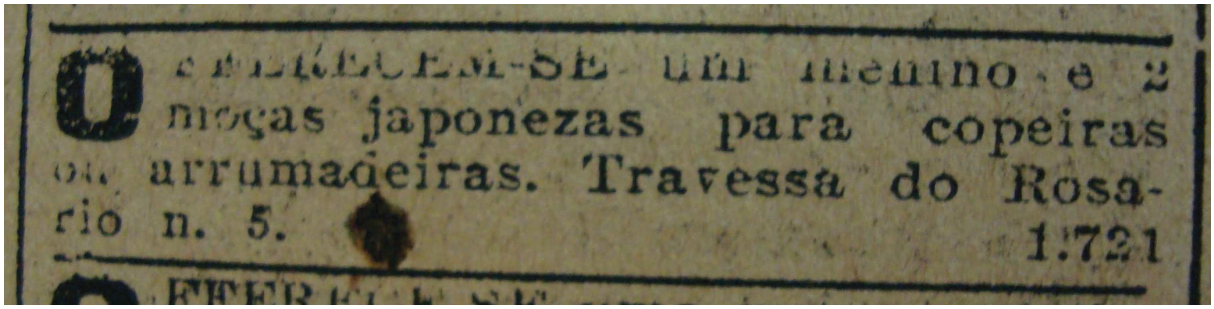


Imagem 9: **Anúncio de jornal onde um menino e duas moças japonesas se oferecem para serviço de copeira ou arrumadeira.**
A Tribuna. Santos, 7 fev. 1913. p. 8.

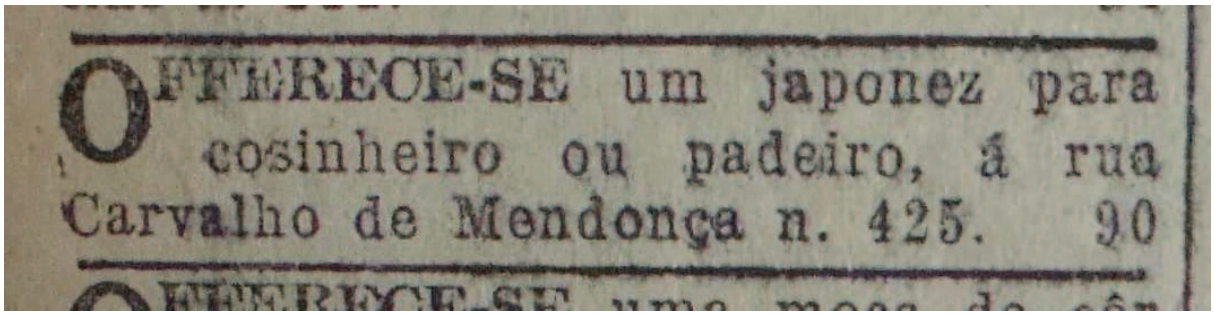


Imagem 10: **Anúncio de jornal onde um rapaz se oferece para serviço de cozinheiro ou padeiro.**
A Tribuna. Santos, 3 jan. 1918. p. 10.

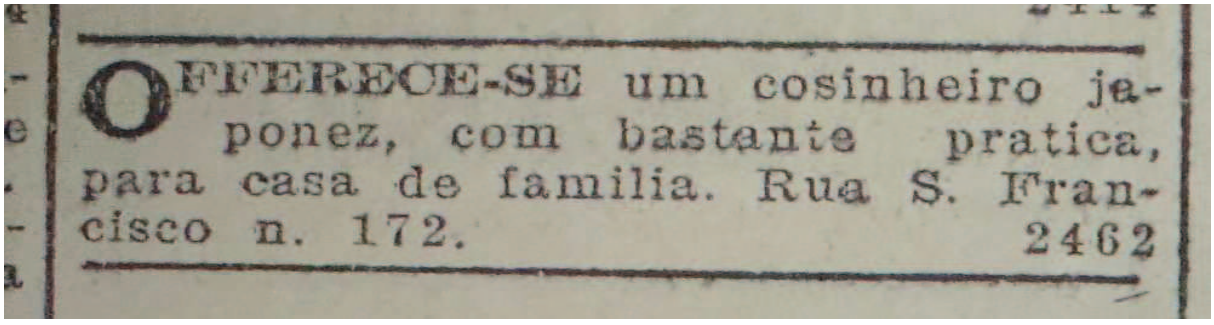


Imagem 11: **Anuncio de jornal onde um cozinheiro japonês se oferece para trabalhar em casa de família.**
A Tribuna. Santos, 23 fev. 1918. p. 9.

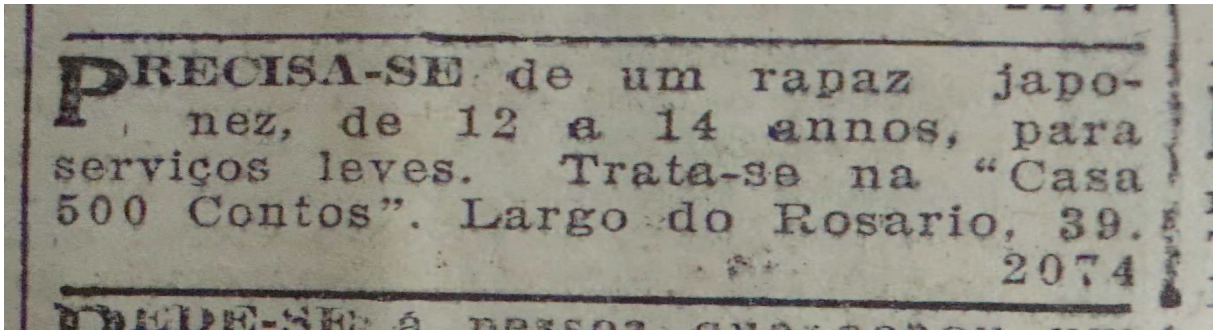

PRECISA-SE de um rapaz japonez, de 12 a 14 annos, para serviços leves. Trata-se na "Casa 500 Contos". Largo do Rosario, 39.
2074

Imagem 12: **Anúncio de jornal onde se precisa de um rapaz japonês para serviços leve.**
A Tribuna. Santos, 27 jan. 1918. p. 10.

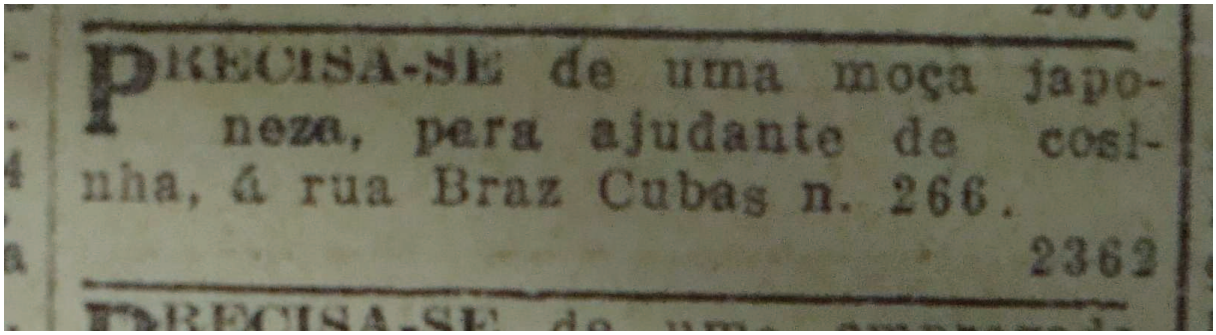

PRECISA-SE de uma moça japoneza, para ajudante de cosinha, á rua Braz Cubas n. 266.
2362

Imagem 13: **Anúncio de jornal onde se precisa de uma moça japonesa para ajudante de cozinha.**
A Tribuna. Santos, 31 jan. 1918. p. 11.

Observando os dois últimos anúncios, é possível notar aceitação pelo trabalho doméstico japonês após alguns anos depois da chegada dos pioneiros. Esses anúncios, por volta de 1915, passam a aparecer com mais frequência no jornal da cidade, mas a procura por emprego por parte dos japoneses nos lares de Santos já é visível desde o ano de 1913.

Segundo Ana Lúcia Duarte Lanna, até o início do século XX, havia poucos gêneros alimentícios para abastecer as necessidades internas da cidade, como toicinho, feijão e farinha, trazidos por tropeiros ou por barcos de regiões vizinhas que descarregavam no Mercado Municipal, construído em 1902 especialmente para a distribuição desses gêneros na região (1996. p. 67). Além disso, havia muitas chácaras espalhadas pelos morros da cidade, formadas em sua maioria por imigrantes portugueses procedentes da Ilha da Madeira, responsáveis por criações

de gado ou aves e pela produção de mandioca e bananas (FRUTUOSO, 1995. p. 44). Os japoneses, com o êxito que obtiveram no ramo de produção de verduras e legumes, graças à cultura trazida da província de Okinawa, ganharam rapidamente a aceitação e espaço no mercado local. A venda desses gêneros, em sua maioria, era realizada pelas mulheres que saíam pelas ruas da cidade equilibrando um grande cesto ou tabuleiro na cabeça e oferecendo sua mercadoria de porta em porta (HANDA, 1987. p. 319). Assim relembra a Entrevistada MK:

> Naquela época era trabalhar. Trabalhava de casa, tabuleiro na cabeça e vender verdura, e eu subia esse Morro da Penha, Pacheco para vender verdura, foi assim minha vida de infância, assim fora do comércio não, só trabalhava [...] naquela época todo mundo trabalhava dessa maneira. Trabalhava tudo dessa maneira mesmo, tabuleiro na cabeça e vender verdura, batendo de porta em porta e cada um tinha.

Como relata o Entrevistado AF, morador do bairro do Saboó desde 1936, alguns produtores levavam sua mercadoria até o Mercado da cidade em carroças puxadas a burro ou vendiam suas mercadorias nas próprias chácaras aos compradores de atacado que vinham buscar a mercadoria em caminhões:

> Ta vendo, antigamente era estrada de barro, passava aquelas carroças de japonês, no burrinho, no cavalo, descarregava verdura para o Mercado em cima de burro, jumento né [...] Eles chegavam, os japoneses já sabiam, um vendia, o outro vendia, o cara enchia o caminhão de coisa e ia embora, compradores de porcos, às vezes vendia até na porta, agora nós não, nós éramos no morro, eu e meu pai, fazia pinga, água ardente.

A pesca realizada pelos japoneses também deve seu sucesso à herança cultural de Okinawa. Sua prática foi responsável pela formação de alguns núcleos de pescadores, principalmente nos bairros da Ponta da Praia e no Macuco e também nas cidades vizinhas, como Guarujá, São Vicente e Praia Grande. No início a pesca era realizada em embarcações simples cujo modelo foi trazido do Japão pelos colonos. Em visita ao bairro do Campo Grande, a equipe do Jornal A Tribuna, em 1914, constatou a presença de pescadores e embarcações no local utilizadas para a atividade (22 mar. p.1):

> Os seus barcos de pesca são do modelo “samak”, empregados como meio de transporte nas corredeiras do interior das ilhas nipônicas.
>
> Existem dois desses barcos em Santos, nos quaes os japoneses sahem diariamente para o alto mar, de onde trazem sempre grande quantidade de peixe, que vendem por bom preço.

Apesar das dificuldades iniciais, logo muitos pescadores puderam contratar outras pessoas, japoneses ou brasileiros, para trabalhar em suas embarcações, fundando posteriormente suas próprias companhias e cooperativas de pesca (HANDA, 1987. p. 315–317). Puderam também, como é possível perceber nas fotografias 7 e 8, modernizar os barcos pesqueiros, adquirindo embarcações maiores e motorizadas. Foi o caso do pai da Entrevistada AH, que chegou a possuir duas embarcações motorizadas. Por conta da atividade, morava no bairro do Macuco, onde poderia descarregar o pescado ali mesmo no Mercado Municipal:

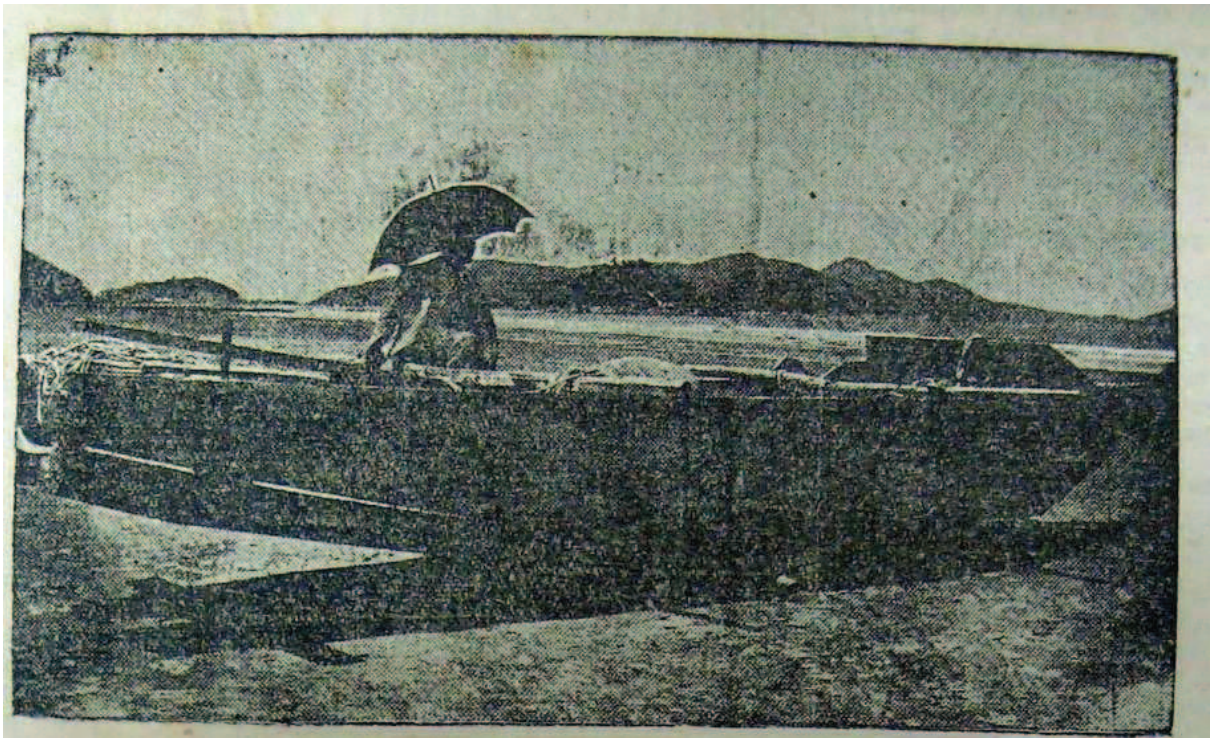


Imagem 14: **Uma das barcas utilizadas pelos japoneses em suas pescarias em alto mar**.
FONTE: **A Tribuna**. Santos, 22 mar. 1914. p. 1.

> Pai tinha os barcos de sardinha e naquela época descarregava na rampa do Mercado, então, por isso, nós sempre vivemos aqui nessa região e na rua Chile, nos mudamos para Silvério Fontes, que era uma travessa da rua Chile e depois o homem, o dono da casa, queria comprar, vender a casa, e minha mãe não queria comprar lá e aí compramos essa casa aqui e há 58 anos nós moramos nessa casa aqui [...]. Então! O meu pai foi uma pessoa que sempre lutou, e quando eu nasci, ele já era pescador, tinha os barcos de pesca, então as atividades dele anteriores só sei porque o pessoal comenta que ele foi chofer, tanto é que ele tem um diploma aí, diploma aí que eu mandei fazer um quadro, mas a convivência com ele foi sempre com... pessoa fala pra lançar dinheiro, que era dono de barco de pesca, então eu não sei de outra, eu não convivi com... não sei de outra atividade.

Além desse exemplo, os relatos da Entrevistada TS demonstram que antes de sua família chegar a Santos, já havia uma colônia de pescadores bem consolidada no bairro da Ponta da Praia, assim puderam se engajar no ramo e também na construção e manutenção de barcos:

Aqui na Ponta da Praia, ele já tinha se comunicado, meu avô tinha se comunicado com japonês amigo dele, já estava no ramo da pesca, entende, onde meu avô se meteu no negócio do ramo de pesca. Foi aí que surgiu a família, sempre trabalhando em peixe, construção de barco e pescavam em alto mar. Diz que naquela época, meu pai contava que eles lançaram a rede até na altura das imediações do Aquário, existia peixe em abundância. Aquário, hein! Então, eles não precisavam, muitas vezes, nem ir de embarcação, sabe. Mas, quer dizer, para trazer os cardumes de peixe naturalmente tinha que ter algum... Eu não sei como faziam, mas diz que lá no Aquário, na altura do Aquário, existia muito peixe. Foi daí que eles foram, graças a Deus, progredindo, progredindo a frota, foram aumentando a frota, sempre. Então, antigamente, até a guerra, nós tivemos uma vida muito farta. A gente pode dizer farta, nunca passamos necessidade.

Imagem 15: **Barco pesqueiro adentrando o Canal do Estuário, em Santos (início da década de 1940)**.
FONTE: Acervo de Alice Naka Hashimoto.

Imagem 16: **Pesca na Praia do José Menino, Santos**.
FONTE: **Álbum Colônia Iguape 1913 – 1934**.

O desenvolvimento dessas atividades, da pesca, pecuária e da horticultura, foi significativo para a caracterização de cada um dos núcleos coloniais que se desenvolvia nos bairros da cidade. A horticultura, por exemplo, foi marcante nos bairros do Campo Grande e do Marapé (HANDA, 1987. p. 318). Segundo informações de alguns entrevistados, a horticultura e a pecuária também foram realizadas nas colônias formadas nos bairros do Saboó e de Vila Mathias, próximo ao Canal 3. O Entrevistado AF, não sendo japonês, relembra que enquanto sua família morava no morro e produzia aguardente em alambiques assim como outras famílias portuguesas localizadas nos morros da cidade havia muitas famílias japonesas na parte plana, donas de pequenas chácaras:

> Aqui na quarta travessa, era japonês, tinham criação de porcos e chacrinhas, eram chácaras, chácaras de japoneses! E lá, da Mercedes Fea para baixo, era brejo, criavam porcos, chacrinhas de japonês, só tinha japonês aqui! Bairro do Saboó, daqui até chegar lá

> fora, na avenida, Nossa Senhora de Fátima, sempre foi Nossa Senhora de Fátima, daqui até lá fora, era só japonês desse lado do brejo, criavam porcos. […] Eu vim aqui para o Saboó, quando eu cheguei aqui, cheguei em 1936, vim pequenininho, mas de 39 para cá eu conheço tudo, em 1939. Tinha a Escola Japonesa lá embaixo, no fim da Mercedes Fea, terminava e tinha uma escola de japonês, 39! Dessa rua para cá, só morava japonês, umas casinhas pequenas, casinhas de madeira, uma chacrinha na frente. Português só tinha meu pai no morro e mais umas três casas aí no morro, uma ali e outra aqui. Não tinha essas casas aí no morro, só tinha uma casa aí no morro. E essa rua, quarta travessa, só tinha uma espanhola lá na frente e japonês desse lado como está agora, e esse japonês, eram tudo casinha de madeira e zinco, chacrinha na frente.

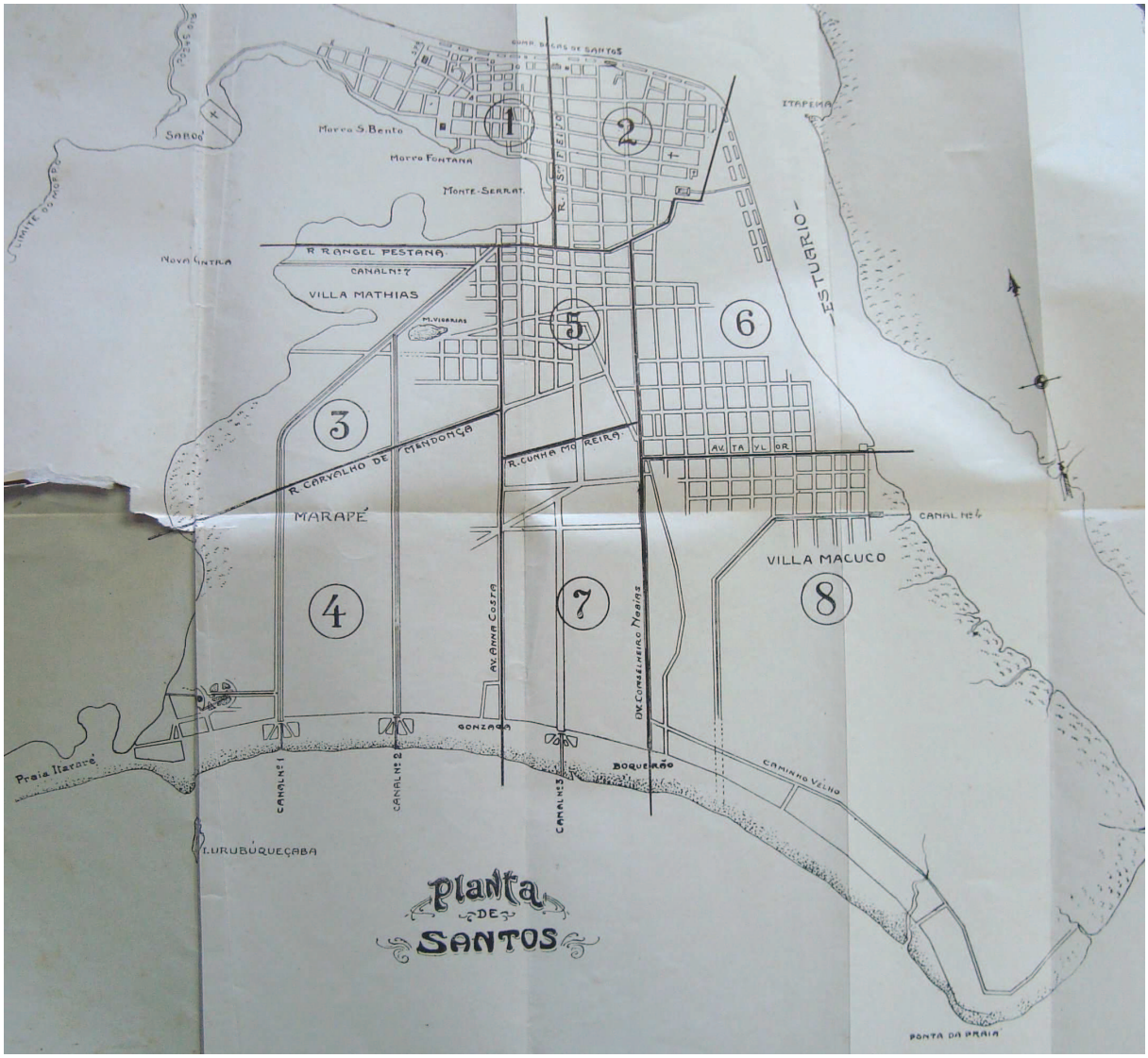
A partir das afirmações do Entrevistado AF, é possível imaginar como significativa era a presença japonesa no local que, junto com a região que se estendia do Saboó até próximo ao centro da cidade, recebeu o apelido de Bairro Chinês, curiosamente, devido à forte presença nipônica (SILVA, 2007. p. 55). O Entrevistado AF destaca ainda que, em determinado momento, a Prefeitura de Santos assoreou o rio que corta o bairro, depositando o lixo da cidade. Por conta disso, toda região tornou-se um grande pântano, forçando os japoneses residentes daquelas áreas a abrir com seus próprios meios novamente o rio para escoar a água empossada:

> Para entrar no Saboó, tinha que ir pisando na estrada de terra, hoje que a Prefeitura fez um passeio, fez um passeio ligando uma na outra, mas era lama, o caminhão atolava. E o lixo parou ali, chegou no Pantanal, parou, aí veio os caminhões, se inventou o caminhão, acabou as caçambas, o lixo era carregado em carrocinha, puxadas a burro. Parou o lixo ali na metade, virou um pantanal, aí começou a trabalhar, a empurrar o lixo para a água poder passar, virou um pantanal, assim na porta. Tinha japonês que não agüentou viver mais em cima da água e fugiu mais para cima, tudo água daqui até lá fora. O cemitério sempre foi mais alto, com aquele passeio, então a água nunca chegava lá dentro, batia no muro e voltava. Chovia, a água chegava no muro do cemitério. Entupia, não tinha cavalo, não tinha nada, eram valas, entupia a vala. A gente, quando chovia muito, passava por dentro do cemitério, só por dentro do cemitério que dava para passar, molecada chegava da escola, passava por dentro do

> cemitério e sai lá no fundo. Cheio de água, enchia de água! Onde hoje é os prédios, era um pantanal, enchia de água isso aí, a água batia no muro do cemitério, essa rua aí... a do cemitério que era a Pio XII já enchia, essa aí que era uma vielazinha enchia de água. Eram valas! Enchia de água as valas que os japoneses faziam, japonês fazia aquela valinha assim, enchia tudo. Em tempo de chuva aí era uma briga para chegar lá fora, chegava ali na esquina, parecia uma lagoa. A gente entrava pela porta fundo, passava por dentro do cemitério para ir para escola. A molecada aqui do fundo, aqui do morro, passava aqui por trás, aqui em cima água nunca chegava, entrava pela a porta do cemitério e sai lá fora, porque o muro do cemitério não deixava a água entrar, era alto, batia e voltava. Virava um pantanal isso daí!

O Entrevistado segue narrando:

> Assim, abriram uma vala larga para a água ir com uma potencia com tudo. Eles mesmos que abriram! Não foi a Prefeitura não! Eles abriram, os japoneses tudo puxando terra, quando a vala chegou lá fora na ponta, começou a secar as águas, as águas estavam presas aqui dentro, cheio de água isso aí, a vala entupida, tudo cheio de água. Aí, eles abriram e nunca mais encheu. A Prefeitura espalhou o lixo com aquelas máquinas, plantou um bananal em cima do lixo e o lixo começou a sair em um caminhão a sair para o outro lado, não vinha mais por o lixo aí. Foi indo, foi indo, a Prefeitura tomou conta disso tudo aí e o lixo parou lá na metade, daí para cá, veio um aterrozinho, ali onde é o campo do Bandeirantes, antigamente o Bandeirantes era lá. Aí foi indo, mandaram o bandeirantes para lá, tudo isso era água! O Bandeirantes começou aqui fora, na Pio XII, começou na Pio XII, naquele tempo, aterraram o lixo, aterraram aqui na frente, depois chegou para cá, mudaram, ali era um pantanal também. Primeiro foi o japonês que abriu, depois veio a Prefeitura para asfaltar, afundaram mais, era deles, da Prefeitura, fizeram aquele canal, depois esse, depois aquele, aí fizeram isso daí tudo. Mas no meu tempo, era um pantanal isso daí, o Saboó. Era só japonês, porco. O canal que os japoneses abriram começava lá na Sevem Boys, e ia até lá na ponta, era reto! Era retinho! A Prefeitura quando abriu, já fez... veio para cá, depois voltou.



Mapa 1: **Cidade de Santos em 1913**. Parte das regiões 1, 3, 4 e 8, onde muitos japoneses se instalaram, ainda não estavam loteadas por um padrão de urbanização.
FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. **Recenseamento de 1913**. Santos: 1914.

Apesar do processo de modernização a que a cidade estava submetida na virada do século XIX para o XX, muitas regiões ainda mantinham-se na condição de periferia em relação ao centro. Aos poucos, com a ampliação das linhas de bonde e dos novos loteamentos, novos bairros e vilas operárias davam caráter urbanístico às regiões mais afastadas, como por exemplo, o Gonzaga e Vila Mathias (LANNA, 1996. p.72; ANDRADE, 1995. p. 99). Além disso, como solução às graves epidemias que atingiam constantemente a cidade, vitimando milhares de pessoas anualmente, iniciou-se um ousado processo de urbanização e higienização chefiado por

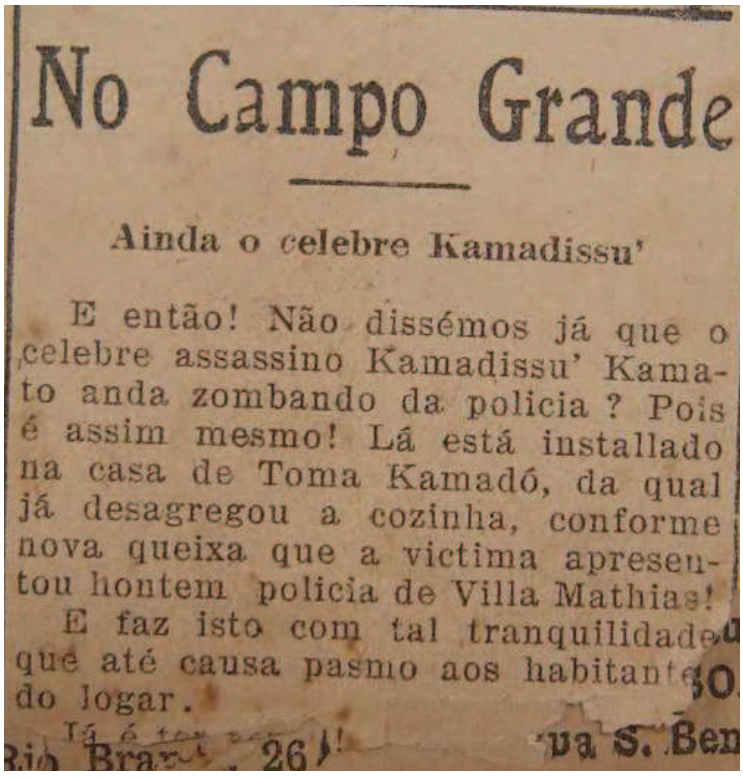
Saturnino de Brito no início do século XX. Entre as obras mais significativas nesse sentido, estão os canais de drenagem, cujo objetivo era captar as águas fluviais e pluviais e assim evitar o acúmulo de água parada, já que se trata de uma região plana ao nível do mar, atribuindo-se a isso a causa de doenças graves (BERNARDINI, 2006. p. 263–267).

Contudo, observando o mapa extraído da publicação do recenseamento realizado em 1913 (Mapa 1), nota-se que as regiões onde se fixaram os primeiros imigrantes japoneses ainda estavam distantes das demais áreas urbanizadas, salvo o Macuco, que na época constituía o maior bairro operário da cidade, além de abrigar o Mercado Municipal e contar, desde 1915, com o Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo (BRASIL, 2008. p. 26).

O bairro do Campo Grande, pelo contrário, até a metade do século careceu de muitos serviços de urbanização e ficou às margens do progresso de Santos até a segunda metade do século XX. Tomoo Handa afirma que o bairro era constituído basicamente por chácaras, ocupadas por sua vez, por uma população mais carente (1987. p. 313).

Imagem 17: **Habitações de japoneses, no Campo Grande**.
FONTE: **A Tribuna.** Santos, 22 mar. 1914. p. 1.

A imprensa local comumente retratava o bairro como sendo violento e quase diariamente apresentava uma ocorrência. Assim também Francisco Martins dos Santos o descreve como *um vasto lençol de mattas e brejaes, onde refugiava-se a gente da peior espécie existente na cidade e onde a própria policia tem receio de penetrar para caso de captura* (1937. p. 117). O caso do assassino Kamadissu, reportado pelo "Jornal A Tribuna" em 1916, é apenas um exemplo entre muitos outros, envolvendo diversas nacionalidades de imigrantes e também brasileiros:



No Campo Grande

Ainda o celebre Kamadissu'

E então! Não dissémos já que o celebre assassino Kamadissu' Kamato anda zombando da policia ? Pois é assim mesmo! Lá está installado na casa de Toma Kamadó, da qual já desagregou a cozinha, conforme nova queixa que a victima apresentou hontem policia de Villa Mathias!

E faz isto com tal tranquilidade que até causa pasmo aos habitantes do logar.

Imagem 18: **Reportagem sobre o caso do assassino Kamadissu Kamato**. **A Tribuna**. Santos, 1 maio 1916.

A reportagem do dia 22 de março de 1914, além de revelar a presença de pescadores no bairro do Campo Grande, mostra também como eram as condições de vida no local e muitos dos costumes dos japoneses. A reportagem inicia

abordando como os japoneses chegaram à cidade e em que se ocupavam nesse primeiro momento:

> É de recente data a chegada das primeiras levas de imigrantes japonezes neste Estado.
>
> Um bello dia aqui aportou o ´Tatssu-Maru´ trazendo no rebojo algumas dezenas de nippões, que logo se espalharam pelo interior do Estado empregando-se na cultura do café nas fazendas.
>
> Bem depressa porém, os bravos súditos do Mikado que o rude trabalho nas propriedades não lhes convinha, por motivos que não se acham sufficientemente explicados, e abandonaram o interior, vindo para Santos, cuja vida intensa os attrahia. Em menos de dois annos os colonos nipponicos estavam todos neste porto trabalhando uns nas Docas, empregando-se outros em casas particulares, como fâmulos.

A reportagem continua narrando como os japoneses se empenhavam no trabalho, realizando, inclusive, cálculos a respeito das remessas enviadas pelos imigrantes ao Japão para auxiliar a família que ficou na terra natal:

> O japonez é como formiga: pensa no futuro, não desperdiça o que ganha, e dalli as continuas remessas de dinheiro que faz para os parentes que lá ficaram nas longinquas terras do Império do Sol Nascente.
>
> Essas remessas, segundo informações que obtivemos ha mezes, attingiam a cerca de 36 contos mensaes, signal evidente que os japonezes sabem trabalhar, sabem ganhar e sabem poupar.

Segue afirmando que os japoneses foram responsáveis por melhorias na segurança do local, pois antes era lugar de frequentes delitos cometidos por vadios e desordeiros. Por fim, a reportagem segue, semelhante ao que afirmou Tomoo Handa (1987. p. 313–318), descrevendo as humildes condições do bairro e das moradias dos japoneses:

> Raça exótica ao Brasil, gente de habitos e língua completamente diversos dos nossos, os amarelos vivem aqui completamente isolados do resto da população. O Campo Grande, bairro outr´ora habitado quasi exclusivamente por vadios e desordeiros foi pelos nipponicos escolhido como residencia.
>
> Em poucos mezes o bairro famigerado ficou repleto de pittorescos "chalets" de madeira, coberto de folhas de Flandres, "chalets" que lembram, pela sua arquitectura, as confortaveis vivendas de que nos fala Loti, na sua "Madame Chrysanthéme".
>
> Verdade seja dita, porém, que essas semelhanças referem-se apenas á forma dada pelos japonezes ás suas casinholas, porquanto, a respeito do conforto e da hygiene, o que existe no Campo Grande é tudo quanto ha de mais primitivo.
>
> As habitações nipponicas do Campo Grande constam apenas um ou dois quartos de dormir, um alpendre que serve de sala de jantar e de palestra, e de uma cozinha. Uma porta da acceso á habitação, que recebe luz solar por meio de algumas vigias estreitas abertas nas paredes e que a noite são fechadas como se fossem alçapões.
>
> Nessas habitações vivem as vezes duas ou três famílias, em perfeita comunhão de ideias e de... corpos, pois as camas são largos estrados de madeira, que ocupam duas terças partes do aposento e que se eleva meio metro do sólo.[1]
>
> […] O Campo Grande lucrou muito com a invasão nipponica, a policia pouco tem agora o que fazer no bairro, pois os japonezes não brigam, não se mettem com a vida dos demais habitantes do bairro (**A Tribuna**. Santos, 22 mar. 1914. p. 1.).

Em 1948, a equipe do Jornal "A Tribuna" (17 mar.) visitou os bairros do Campo Grande e do Marapé, muitos anos após o início das obras de saneamento e urbanização da cidade, e registrou que a população residente desses locais ainda sofria com a presença de animais peçonhentos, mosquitos, falta de higiene e matagal. No caso do Campo Grande, relata:

> Chegamos à rua Amazonas depois de um sem número de ginásticas para não rolarmos na lama dos caminhos. Um grupo de crianças nipo-brasileiras brincava, ao lado das poças dágua que encharcavam o terreiro. Procuramos falar com um dos petizes, porém, todos correram para o interior da moradia, de onde regressaram em companhia de seus genitores, soubemos então, que

[1] É interessante notar a perplexidade do redator, utilizando reticências, para noticiar a característica peculiar de famílias japoneses dormirem no mesmo ambiente, sendo que cada esteira de madeira, que cumpria o papel do colchão, comportava uma família inteira.

> naquele chalé viviam cerca de 15 pessoas, sendo que 8 crianças. Abstendo-se de falar com a reportagem, o casal insistiu para que não mencionássemos as necessidades daquela família e ainda menos da situação precária que atravessavam porquanto, “eles não poderiam reclamar”. Não nos foi preciso ouvir as queixas daquelas pobres criaturas, as queixas estavam ali expressas, naquelas fisionomias tristes e receosas, naquele lamaçal que circundava a casa e naquele tosco chalé que abrigava 15 pessoas da família.

A situação do Marapé não era muito diferenciada da do Campo Grande; contudo, havia o agravante dos constantes deslizamentos de pedra que ocorriam na região devido à extração mineral:

> A reportagem da “A Tribuna” visitou, ontem, pela manha, varias ruas do populoso bairro do Marapé. Infelizmente, como quase todas as ruas mais afastadas do centros, Marapé também tem suas vias públicas obstruidas pelo mato e suas valas infectas, de onde os mosquitos e outros insetos perniciosos saem nos dias estivais para perturbar o sossego e a alegria simples daquele que, após um dia inteiro de árduas tarefas, procuram entrar-se à porta de suas residências, com a despretenciosa esperança de se distrair um pouco.
>
> […] Disse-nos esse funcionário da City que ás 11 e as 17 horas, invariavelmente, todas as casas daquelas redondezas são atingidas por uma verdadeira chuva de pedras, que se deslocam da pedreira, situada ao fundo de sua casa. Essa pedreira é propriedade da Cia. Docas, a qual arrendou a uma firma que vem explorando ali os serviços de extração do minério. Ainda a cerca de 8 meses, um bloco enorme de granito caiu sobre o telhado de sua residencia, quebrando as telhas e por pouco não atingindo uma de suas filhas e esposa.
>
> […] E fomos encontrar quase no fim da rua Carvalho de Mendonça, num chalé caindo aos pedaços uma família de japoneses cujo chefe da casa se chama Seiko Ihga. Falando a reportagem, disseram-nos os moradores do referido chalé que no mês passado o aluguel era de Cr$ 200.00 e que este mês o proprietário já mandou um aviso de que passaria a cobrar Cr$ 300.00 (**A Tribuna**. Santos, 9 mar. 1948).

Quanto ao bairro da Ponta da Praia, conservou suas simplórias características até metade do século XX, quando se iniciou a construção de grandes edifícios na

orla da praia (LICHTI, 1986. p. 142). Segundo relato da Entrevistada TS, misturavam-se entre as moradias de pescadores japoneses, fazendas e plantações, além dos clubes de regatas:

> O bairro era assim... Só mato, não tinha água encanada, existia uma torneira assim de não sei quantos metros adiante. Assim, tinha uma torneira, vamos dizer, pública, que fala [...] Padaria só existia na altura do Clube Regatas [...] Aqui nesse pedaço todo era puro mato, então eles soltavam os gados, as vacas, os cavalos que eles tinham! Soltavam, quantas carreiras a gente tomava dos touros! Quando soltava do bonde, quantas vezes não levava dos bois!

Em geral, as regiões de fixação dos japoneses, com exceção de alguns bairros, estavam à margem do progresso a que a cidade estava sujeita na virada do século XIX para o XX. Se por um lado, esse fato pôde ter representado um desafio a mais para ser superado pelos imigrantes, por outro, ofereceu espaço à fixação e ao desenvolvimento das atividades a que lhes convinha.

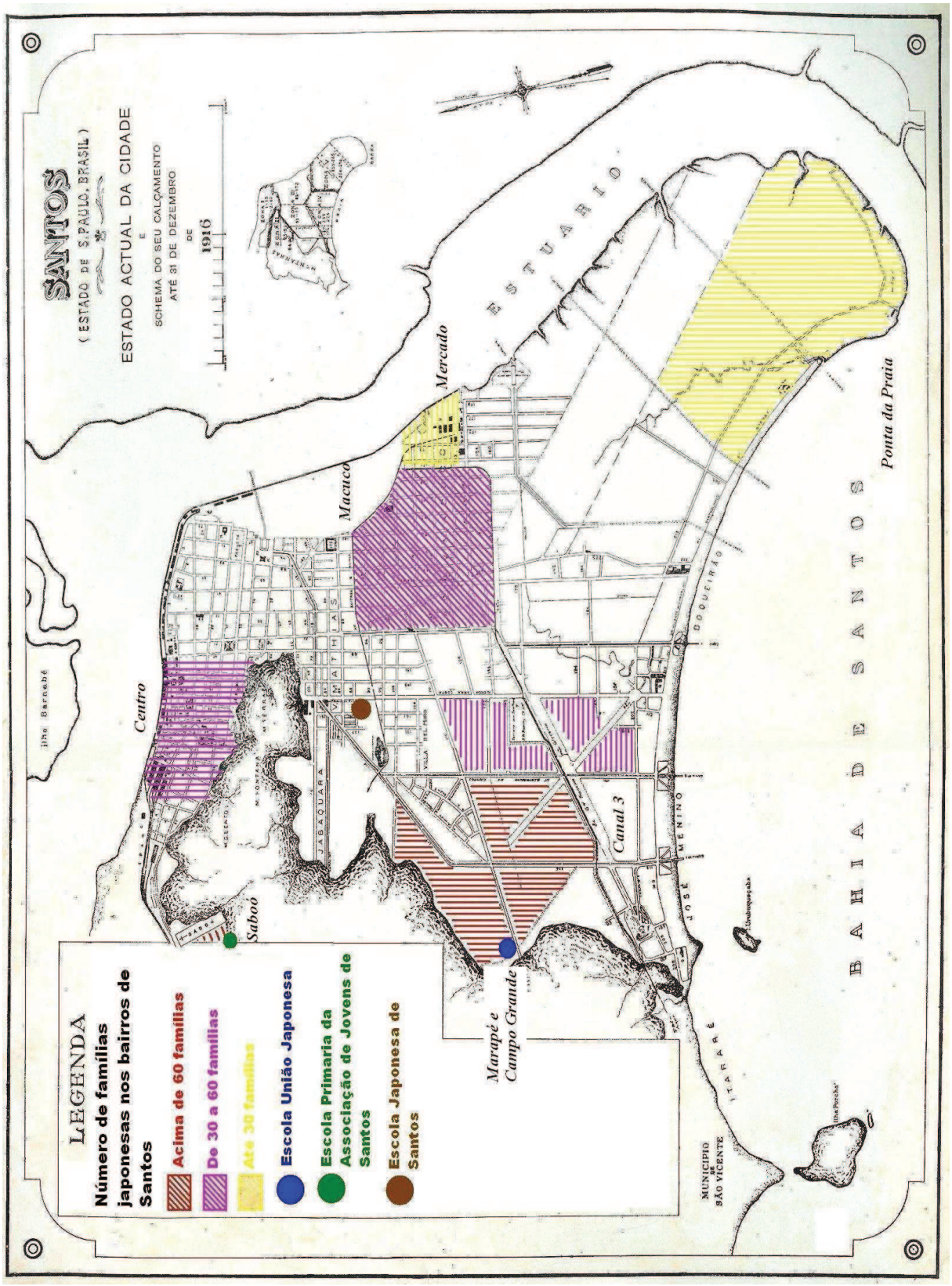
No início da década de quarenta do século XX, cerca de três décadas após a chegada dos primeiros imigrantes japoneses à cidade de Santos, pouco antes da expulsão promovida por Getúlio Vargas devido a medidas de segurança nacional durante o Estado Novo, o Consulado do Japão realizou um levantamento do endereço residencial das famílias japonesas presentes em Santos e arredores (ANEXOS 1 e 2). Através desse levantamento, foi possível mapear as regiões de maior concentração da colônia e contabilizar as pessoas separadamente por bairros:

Tabela 5: **Famílias japonesas nos bairros de Santos e arredores (1943)**.

MARAPÉ	83
SABOÓ, ALEMOA E SANTA MARIA	71
CANAL 4 E MACUCO	59
CIDADE (Centro Velho)	56
CANAL 3	40
MERCADO	26
PONTA DA PRAIA	14
CANAL 2	11
GUARUJÁ	4
SÃO VICENTE	3
NOVA CINTRA	2
TOTAL	330[2]

FONTE: **Levantamento dos endereços residenciais das famílias japonesas presentes em Santos e arredores**. Acervo de Sérgio Yanaguisawa.

[2] Este número corresponde ao total descrito no documento original, sendo que a soma numérica corresponde a 369.



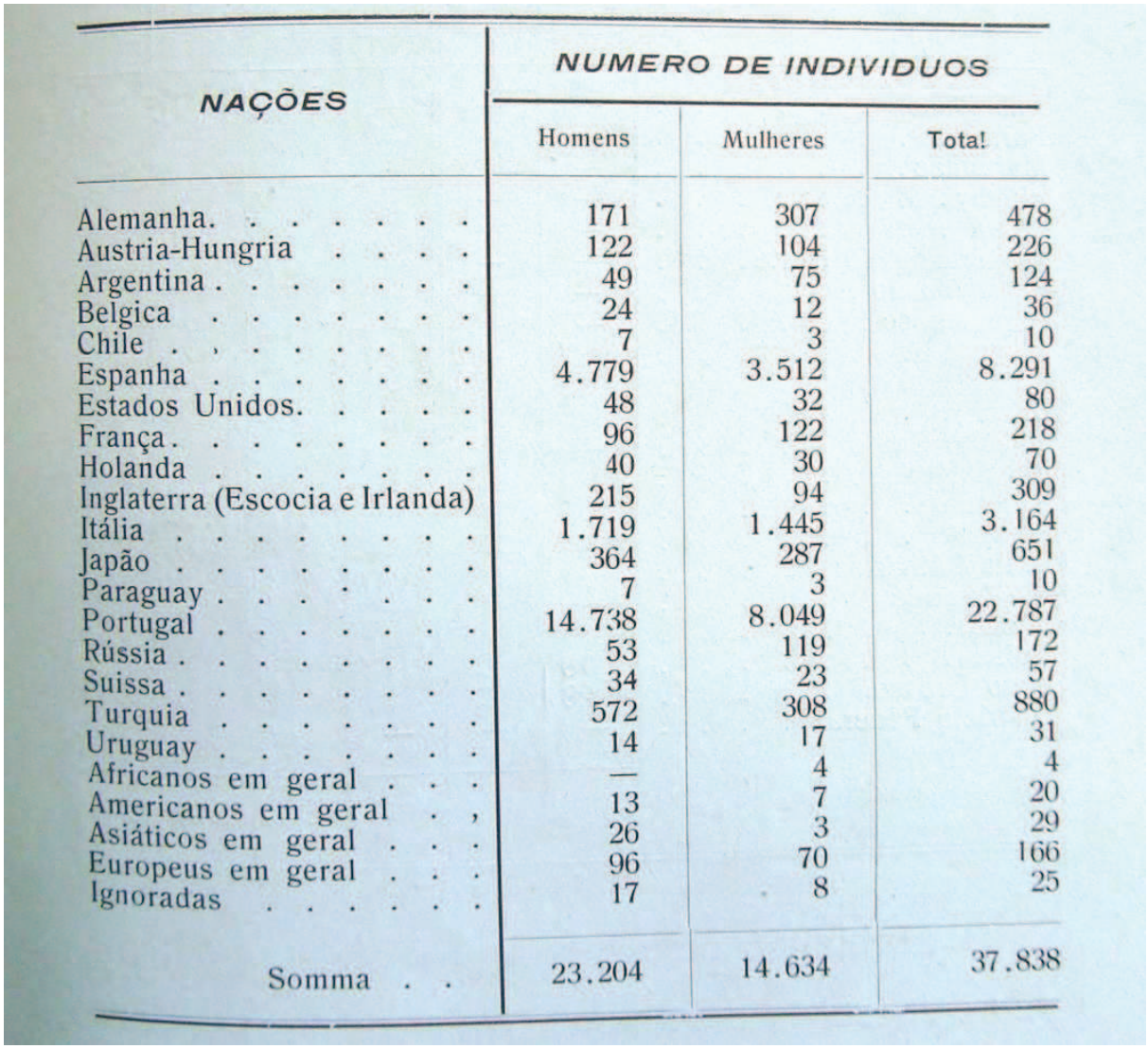
Mapa 2: **Número e localização das famílias japonesas em Santos de acordo com o levantamento realizado pelo Consulado Japonês de Santos**.
FONTE: Adaptado de "Santos: Estado atual da cidade – 1916". Obtido em www.novomilenio.inf.br/santos – acessado em 25/07/2010.
Autoria: Rafael da Silva e Silva.

O crescimento da comunidade esteve diretamente relacionado ao sucesso dos pioneiros e às possibilidades que a cidade oferecia ao imigrante recém-chegado, que esperava saldar o mais rápido possível suas dívidas, fazer certa riqueza e retornar ao Japão em cerca de três anos. As notícias que chegavam de Santos sobre as possibilidades de ganho agitavam os imigrantes já insatisfeitos com a realidade das fazendas de café. Assim, muitos acabaram abandonando os trabalhos de colheita no cafezal e fugiram para Litoral (HANDA, 1987. p. 47).

Segundo o recenseamento realizado na cidade em 1913, havia em Santos trezentos e sessenta e quatro homens e duzentos e oitenta e sete mulheres, totalizando seiscentos e cinquenta e um japoneses. De acordo com a *Commissão* que realizou o levantamento, especulava-se que havia mais de mil súditos dessa nacionalidade, por isso houve uma grande preocupação com o rigor com o qual os dados seriam obtidos, sendo que utilizaram inclusive um interprete da língua japonesa (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS, 1914. p. 120-121). A reportagem do Jornal “A Tribuna“ dia 22 de março de 1914, contudo, chega a afirmar a presença, neste ano, de mais de mil japoneses na cidade:

> Calculos mais ou menos exactos dão hoje a Santos uma colonia nipponica superior a mil indivíduos, em sua maioria homens validos, rapagões robustos, sobrios e de uma resistencia para os mais arduos trabalhos.

Além do número do número de japoneses presentes na cidade de Santos em 1913, a Tabela 6, retirada do Recenseamento de 1913, revela a grande quantidade e diversidade de imigrantes que compunham a população santista, com destaque para a nacionalidade portuguesa, espanhola e italiana respectivamente:

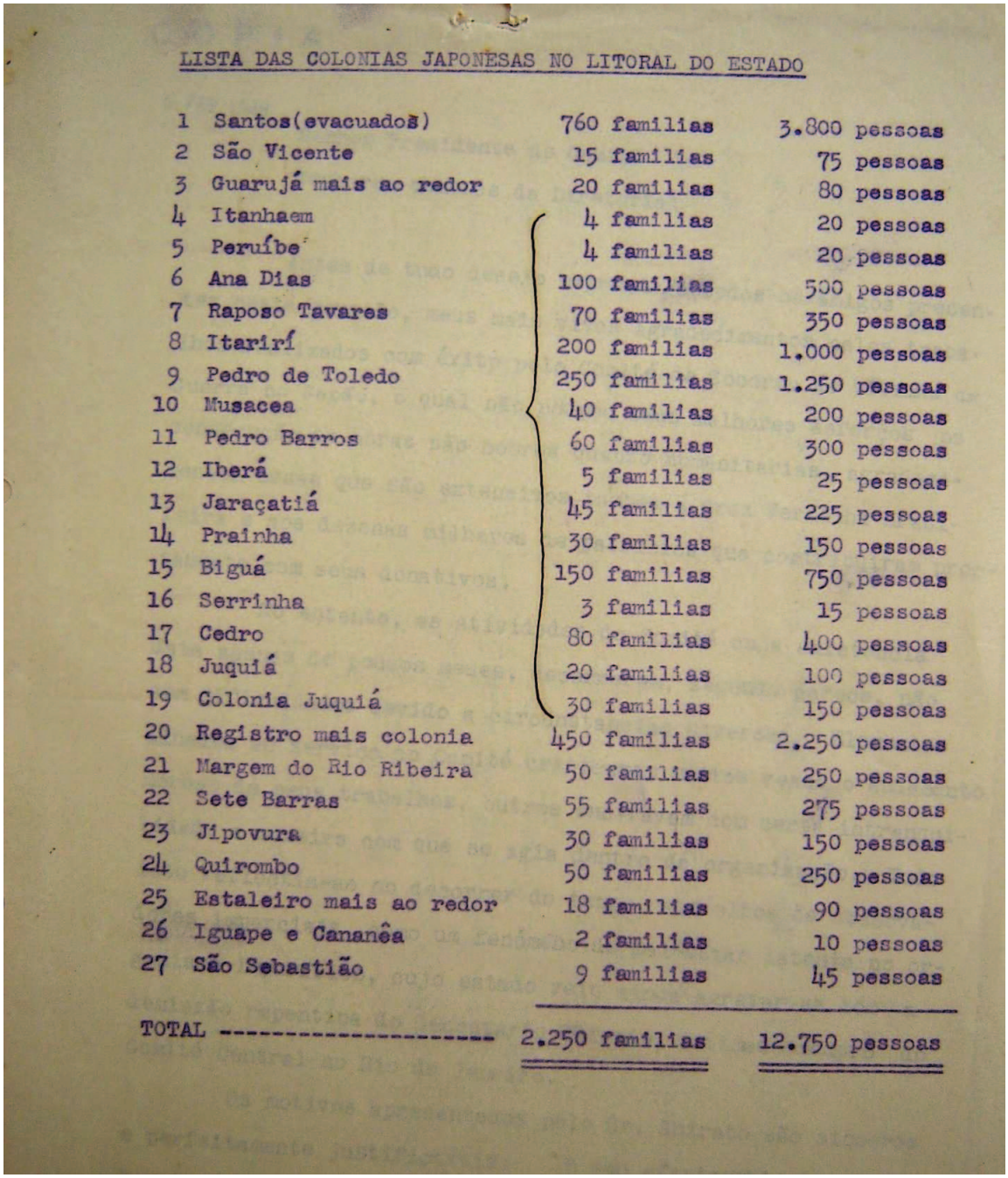


NAÇÕES	NUMERO DE INDIVIDUOS		
	Homens	Mulheres	Total
Alemanha	171	307	478
Austria-Hungria	122	104	226
Argentina	49	75	124
Belgica	24	12	36
Chile	7	3	10
Espanha	4.779	3.512	8.291
Estados Unidos	48	32	80
França	96	122	218
Holanda	40	30	70
Inglaterra (Escocia e Irlanda)	215	94	309
Itália	1.719	1.445	3.164
Japão	364	287	651
Paraguay	7	3	10
Portugal	14.738	8.049	22.787
Rússia	53	119	172
Suissa	34	23	57
Turquia	572	308	880
Uruguay	14	17	31
Africanos em geral	—	4	4
Americanos em geral	13	7	20
Asiáticos em geral	26	3	29
Europeus em geral	96	70	166
Ignoradas	17	8	25
Somma	23.204	14.634	37.838

Imagem 19: **Imigrantes na Cidade de Santos**.
FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. **Recenseamento de 1913**. Santos: 1914, p. 121.

Em 1943, de acordo com os dados obtidos na Lista das colônias japonesas no Litoral do Estado (Imagem 20), encontrada no acervo pessoal de Sérgio Yanaguisawa, ao serem evacuados da cidade, o Consulado Japonês contabilizou pelo menos setecentos e sessenta famílias, totalizando três mil e oitocentas pessoas que deixaram a cidade. O documento não faz menção se junto a essa contagem estão os filhos de japoneses nascidos no Brasil, pois muitos deles puderam permanecer na cidade para cuidar dos bens e dos negócios dos pais que foram

removidos da cidade. Pelo documento, fica claro que a colônia de Santos era mais relevante numericamente na região abrangida por toda a Baixada Santista e no Vale do Ribeira.



LISTA DAS COLONIAS JAPONESAS NO LITORAL DO ESTADO

1	Santos(evacuados)	760 familias	3.800 pessoas
2	São Vicente	15 familias	75 pessoas
3	Guarujá mais ao redor	20 familias	80 pessoas
4	Itanhaem	4 familias	20 pessoas
5	Peruíbe	4 familias	20 pessoas
6	Ana Dias	100 familias	500 pessoas
7	Raposo Tavares	70 familias	350 pessoas
8	Itariri	200 familias	1.000 pessoas
9	Pedro de Toledo	250 familias	1.250 pessoas
10	Musacea	40 familias	200 pessoas
11	Pedro Barros	60 familias	300 pessoas
12	Iberá	5 familias	25 pessoas
13	Jaraçatiá	45 familias	225 pessoas
14	Prainha	30 familias	150 pessoas
15	Biguá	150 familias	750 pessoas
16	Serrinha	3 familias	15 pessoas
17	Cedro	80 familias	400 pessoas
18	Juquiá	20 familias	100 pessoas
19	Colonia Juquiá	30 familias	150 pessoas
20	Registro mais colonia	450 familias	2.250 pessoas
21	Margem do Rio Ribeira	50 familias	250 pessoas
22	Sete Barras	55 familias	275 pessoas
23	Jipovura	30 familias	150 pessoas
24	Quirombo	50 familias	250 pessoas
25	Estaleiro mais ao redor	18 familias	90 pessoas
26	Iguape e Cananêa	2 familias	10 pessoas
27	São Sebastião	9 familias	45 pessoas
TOTAL		2.250 familias	12.750 pessoas

Imagem 20: **Listas das colônias japonesas no Litoral do Estado (1943).**
FONTE: Acervo de Sérgio Yanaguisaua.

Tabela 6: **Quantidade de imigrantes japoneses na cidade de Santos segundo as fontes encontradas:**

Ano	N° de japoneses	Fonte consultada
1908	7 ou 8 famílias	HANDA, 1987. p. 313.
1913	651 indivíduos	Recenseamento de Santos – 1913.
1914	1000 indivíduos ou mais	Jornal A Tribuna – 22 -mar- 1914.
1925	406 famílias e 1632 indivíduos	HANDA, 1987. p. 315.
Início década de 40	330 famílias	Lista de japoneses residentes em Santos (Anexo 1 e 2).
1943	760 famílias e 3800 indivíduos	Listas das colônias japonesas no Litoral do Estado.

Autoria: Rafael da Silva e Silva.

A história da imigração japonesa no Brasil foi marcada pela ajuda mútua dos japoneses. Inicialmente, a fundação e o progresso de uma colônia contava somente com o esforço coletivo dos próprios colonos, construindo estradas, casas, escolas etc. (HANDA, 1987. p. 282). Nesse sentido, era comum a formação de associações justamente para a organização dos trabalhos e principalmente para a construção de uma escola com o intuito de oferecer aos mais novos o ensino da língua japonesa (WAKISAKA, 1992. p. 97). As associações também desempenharam um importante papel para a preservação dos laços conterrâneos do Japão. Até os dias atuais, ainda é possível perceber, conversando com os mais velhos, as origens regionais das colônias e das associações (NOGUEIRA, 1973. p. 103).

Em terras santistas, funcionou a Associação Japonesa de Santos. Não se sabe ao certo quando foi fundada, mas contou com a participação de imigrantes pioneiros na cidade. A Entrevistada IU relata que, após chegar a Santos, seu pai, trabalhando nas Docas e posteriormente como comerciante, atuou também junto à Sociedade Japonesa da cidade:

Então, meu pai chama-se Bunguro Naka, chegou no Kasatu Maru juntamente com meu sogro e também eles vieram sozinhos para tentar a vida aqui, achavam...achavam não, todos achavam que viriam aqui ganhar dinheiro rápido para voltar para o Japão, por isso vieram sozinhos assim, deixaram mulher e filho lá, mas chegaram aqui e foi complicado, na chegada, foi uma decepção no Brasil, porque a historia não foi bem assim pensando que um dia o dinheiro não foi tão fácil, tiveram que lutar muito, foi muito sacrificado ir para as fazendas, trabalharam como escravos mas daí eles conseguiram depois de alguns meses, meu sogro, ele conseguiu fugir da fazenda, veio para Santos e foi trabalhar nas docas, depois das docas ele foi, deve ter trabalhado muito bem e ganhou confiança, depois das docas ele trabalhou como pintor e depois de uns dias ele conseguiu trabalhar, comprar uma vendinha, sustentar a família, mas depois de trabalhar também ajudando a sociedade da época, na Sociedade Japonesa ele, passado um tempo, ele faleceu, ele ficou doente, faleceu e aí, na ocasião, que ele morreu.

Imagem 21: **Photografia tirada na residência de Yasushi Furukawa, ex-consul do Japão nesta cidade, para apresentação ás autoridades e à sociedade santista, do novo representante daquele país, sr. Yoshizo Saito**.
FONTE: **Revista Flama**, anno XX, n 4, abr. 1941.

Após o ano de 1925, a Associação da cidade passou a ganhar maior apoio das autoridades japonesas devido à política de subvenção e investimento na emigração para o Brasil. Havia dois motivos básicos para o interesse em apoiar a colônia de Santos: primeiro, pelo crescimento e progresso da colônia que se destacava pelo número de imigrantes; segundo, por ser o primeiro local onde os imigrantes desembarcavam, mesmo que destinados a outras regiões.

A primeira grande expressão da colônia foi a inauguração de um escritório do Consulado Japonês localizado na Pensão Mikasa (HANDA, 1987. p. 316). A partir de então, a Associação, à frente dos interesses da colônia japonesa, passou a ter maior representatividade na política local, assim como possibilitou maiores investimentos do governo japonês. Anos mais tarde, o título de Cônsul foi transferido ao sr. Yasushi Furukawa e, em 1941, ao sr. Yozhiso Saito (Imagem 11), posteriormente deixando a cidade devido ao rompimento diplomático entre Brasil e Japão.

Em 1929, a Associação Japonesa de Santos, com auxílio do governo japonês, adquiriu um imóvel para funcionamento da sua própria sede e onde poderia funcionar também uma escola, já que essa era a grande preocupação, apesar das demais atribuições da Associação. O casarão localizava-se na Rua Paraná, n° 129. Segundo certidão de registro de imóvel, cuja cópia hoje se encontra na sede da Associação Japonesa de Santos (Anexo 3), o terreno foi adquirido em janeiro de 1929 do Sr. Cassiano dos Santos Coelho. Em 1930, a Associação entrou com o pedido de habitação do imóvel, convocando em edital publicado no jornal “A Tribuna” no dia 11 de maio de 1930 o maior número de associados possível para aprovação de empréstimo para o pagamento do prédio recém construído.

Sociedade Japonesa de Santos

São convidados todos os socios desta Sociedade, para se reunirem em Assembléa extraordinaria, que terá logar no dia 12 do corrente, na séde social, á rua Paraná n. 129, ás 20 horas, para o fim unico e especial de autorizarem a Directoria, ou o legitimo representante da Sociedade, a levantar um emprestimo com garantia hypothecaria do predio social, para com o seu producto, ser pago o saldo devedor de sua construcção, mediante condições e clausulas, que serão discutidas. Em vista da importancia do assumpto, pede-se o comparecimento do maior numero de socios, que fôr possivel.

A DIRECTORIA.

5303—11

Imagem 22: **Convite de Assembléia da Sociedade Japonesa de Santos.**
FONTE: **A Tribuna**. Santos, 11 maio 1930. p. 11.

Além do casarão, o terreno contava com um amplo espaço onde foi construída uma quadra de esportes. Em 1939, a Associação adquiriu o terreno situado na Rua Antônio Bento, número 112, que corresponde à parte de trás do terreno da Rua Paraná, do Sr. Antônio Maria Martins, para a construção do internato que abrigou alunos e professores. Ao fim, a Associação contava com um terreno entre as ruas Paraná e Antônio Bento, dispondo de uma quadra para a prática de esportes e dois casarões onde simultaneamente funcionavam o escritório da associação, a escola e o internato. A planta abaixo, retirada de um processo movido pelo Destacamento Misto de Santos após o governo confiscar para a União os bens dos japoneses, demonstra a área total pertencente à Associação Japonesa até o ano de 1943:

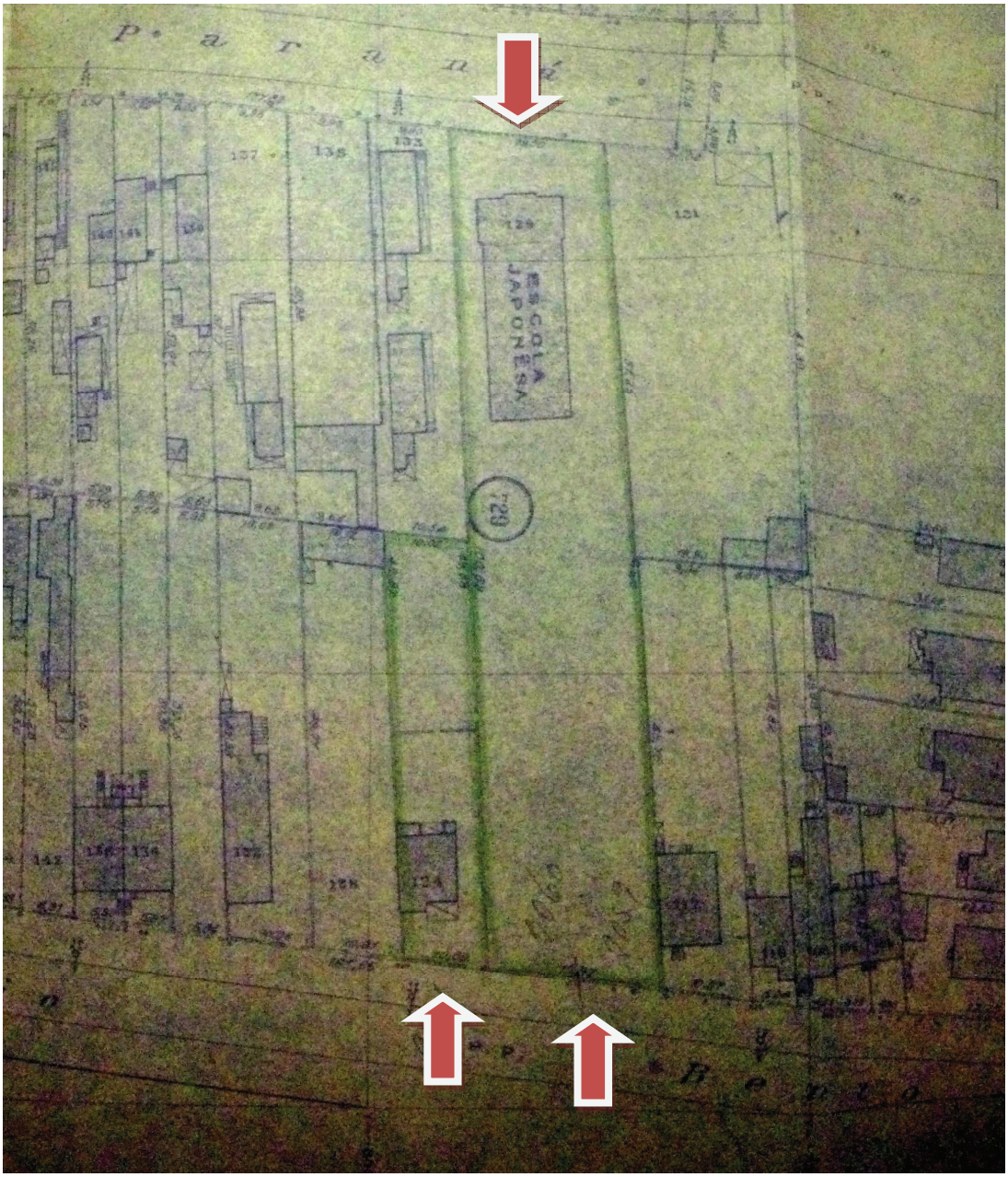


Imagem 23: **Planta do terreno total pertencentes à Associação Japonesa de Santos**
FONTE: **Fundação Arquivo e Memória de Santos**. Processo n°6.103 – 29-maio-1947.
Marcação: Rafael da Silva e Silva.

A partir de 1930, passou a funcionar no local a Escola Japonesa de Santos que será estudada no próximo capítulo. De qualquer forma, a escola, como afirmou o Entrevistado IM, cujo pai foi secretário juramentado da Associação, estava subordinada à Associação Japonesa de Santos:

> Bom, evidentemente, a finalidade básica, era ser escola, mas, com certeza, em torno dessa escola, funcionou a sede da Associação Japonesa, *Nihonjin-kai*. Então, como você vê essas várias salas que existem por aqui, com certeza abrigaram toda a parte administrativa, não só ao da escola, mas principalmente da Associação. Aliás, a escola fazia parte da Associação. A Escola, em função da Associação. Quem formou a Escola foi a Associação. Dificilmente a origem, vamos dizer assim, o ponto de partida foi a Escola. Existia a Associação, a necessidade de fazer com que essa cultura japonesa fosse mantida, fosse preservada. Havia necessidade de escola. Então, a Associação formou a escola e nesta importância daqui de Santos, o Governo Japonês então despendeu, eu não sei qual valor, mas, com certeza, um valor considerável para construir isto aqui.

Além dos assuntos educacionais, havia por parte da Associação Japonesa de Santos uma preocupação com o bem comum da colônia e dos imigrantes recém chegados a Santos. Para o cargo de secretário, o Entrevistado IM conta que seu pai, que desempenhava a função, tinha formação específica de tradutor juramentado:

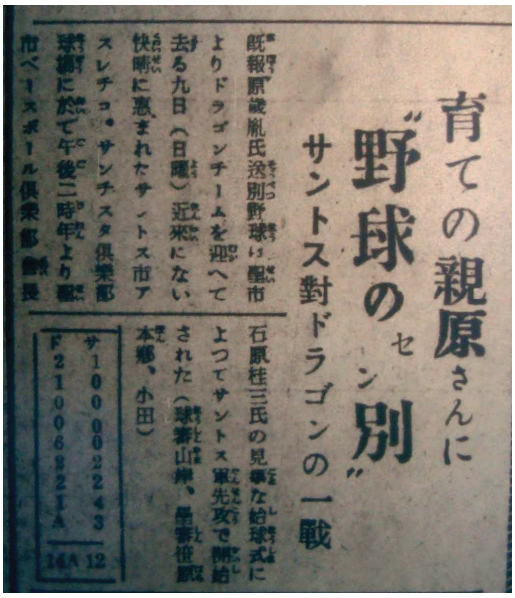
> Ele era (o pai) tradutor juramentado e a tarefa dele era de auxiliar os imigrantes que estavam chegando aqui em Santos, então, na questão de apresentação daqueles que queriam se estabelecer aqui em Santos. Então, ele tinha, vamos dizer assim, capacidade de como tanto juramentado e fazendo esse trabalho de auxiliar, por isso, que ele tinha uma função dentro da Associação Japonesa, aqui de Santos.

Imagem 24**: Associação Japonesa de Santos (década de 1930)**.
FONTE: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

A aquisição do casarão da Rua Paraná junto com os demais terrenos garantiu um espaço para que a Associação, e até mesmo a colônia japonesa de Santos, desfrutasse de um ambiente propício a manifestações artísticas, comemorações e prática de modalidades esportivas, Na imagem acima (12), membros da Associação Japonesa de Santos posam para fotografia durante uma partida de tênis junto ao cônsul japonês de Santos.

As associações, de forma geral, também eram responsáveis pela divulgação de modalidades esportivas. Além de ser uma forma de lazer, o esporte aproximava e integrava as colônias em âmbito regional e nacional através das competições (HANDA, 1987. p. 180–183). Em Santos, eram praticadas várias modalidades no espaço da Escola Japonesa de Santos, com destaque para o *baseball,* cujo fundador do time, que representava a cidade de Santos, foi o senhor Hara,como consta em uma reportagem publicada pelo Jornal “Jiho do Brasil”, no dia 14 de abril

de 1939. Na ocasião, a reportagem afirma que foi disputado um jogo entre o time de Santos e o de São Paulo, em homenagem à despedida do Sr. Hara.



育ての親原さんに
"野球のセン別"
サントス對ドラゴンの一戰

既報原綾胤氏送別野球は聖市
よりドラゴンチームを迎へて
去る九日（日曜）近來にない
快晴に惠まれたサントス市ア
スレチコ・サンチスタ倶樂部
球場に於て午後二時半より聖
市ベースボール倶樂部主催

石原桂三氏の見事な始球式に
よつてサントス軍先攻で開始
された（球審山岸、星審笹原
本郷、小田）

Imagem 25: **Jogo em homenagem a despedida do fundador do time de *baseball* Colônia Japonesa.**
FONTE: **Jiho do Brasil**. São Paulo, 7 abr. 1939. p. 2.

menor numero, mas um pouco

BASEBÓL CLUBE DE SANTOS

Foi hontem inaugurado o campo social com um encontro entre os quadros Hachuja, de S. Paulo, e Colonia Japonesa, de Santos

Imagem 26: **Inauguração do campo de *baseball* com participação dos clubes Hachuja e Colonia Japonesa.**
FONTE: **A Tribuna**. Santos, 8 nov. 1938.

Aspectos da inauguração do Baseból Clube de Santos — Em cima, o quadro Hachuja, de S. Paulo, vencedor — No meio, um flagrante da partida — Em baixo, o quadro da Colonia Japonesa, de Santos

08/11/1938

Em Villa Belmiro, antigo campo da Americana, foi hontem inaugurado, o estadio do "Baseból Clube Santos", com um jogo amistoso entre os quadros Hachya, de S. Paulo, e da colonia japonesa, desta cidade.

A solennidade inaugural foi presidida pelo consul do Japão em Santos, dr. Sakae Nanjo, que arremessou a primeira bola, dando inicio á partida. Serviram de juizes os srs. dr. Nanjo, Sassahara, Kanada, chanceller do consulado e Jokoo.

O jogo desenvolveu-se sob grande enthusiasmo da assistencia, tendo os contendores evidenciado optima "performance". Levaram vantagem, saindo victoriosos pelo escore de 18x9, os jogadores paulistanos, mais experimentados na pratica desse esporte, pois participam dos campeonatos annuaes, realizados na capital paulista.

O mau tempo, que vem reinando ultimamente em Santos, impediu que os jogadores locaes se exercitassem devidamente, tendo sido essa a causa principal do seu fracasso. Ainda assim, com falta de treino, mostraram os componentes da esquadra santista rara habilidade durante o meio tempo, quando o jogo lhes correu favoravel. Nada conseguiram, porém, no final, com handicap, saindo alguns contundidos.

Organizou-se o quadro de "Old Boys", de Santos, cujo capitão é o dr. Nanjo e que brevemente enfrentará o "Old Boys", de São Paulo, no campo de Villa Belmiro.

Os treinos proseguirão todos os domingos, pedindo a direcção do "Baseból Clube", o comparecimento de todos os interessados nesse esporte, de modo a incentivar-se, em Santos, a pratica do mesmo.

E' sabido que o Baseból é um esporte universalmente cultivado, sendo conhecido, principalmente, nos Estados Unidos, paises da Europa e no Japão. A colonia japonesa de S. Paulo está bastante interessada em incrementar a pratica do interessante esporte, em nosso meio, para o que conta com a indispensavel bôa vontade dos esportistas brasileiros.

Imagem 27: **Notícia sobre inauguração do Baseból Clube de Santos.**
A Tribuna. Santos, 8 nov. 1938.

O grupo de *baseboll* da cidade era conhecido como Colônia Japonesa, e era comum disputar jogos representando Santos com outros clubes de diferentes localidades. O time estava presente, por exemplo, durante a inauguração do Baseból Club de Santos, localizado no bairro do Campo Grande, em 1938. De acordo com a reportagem publicada em “A Tribuna”, havia o interesse, por parte da

colônia japonesa em difundir a modalidade esportiva no Brasil, uma vez que já era bastante praticada no Japão. Por essa razão, era comum a presença de autoridades japonesas nos jogos desse esporte.

Os jogos de *baseball,* além de aproximarem as colônias japonesas de diferentes regiões, a exemplo dos jogos mencionados acima, também serviam como forma de prestigiar as autoridades da cidade e difundir a participação japonesa na cidade. O jornal nipo-brasileiro “Jiho do Brasil”, por exemplo, apresentou, no dia 8 de novembro de 1939 uma reportagem anunciando que fora realizado um jogo em homenagem a recepção do novo cônsul japonês na cidade.

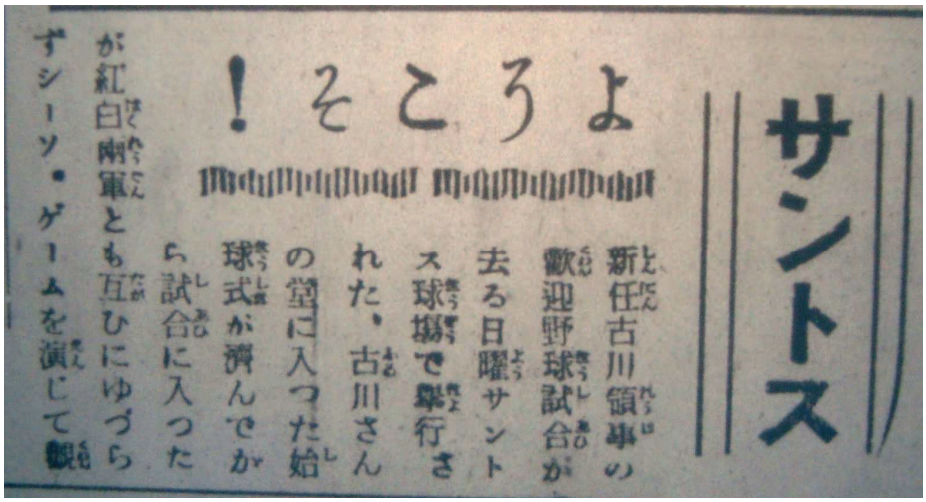

サントス
よろこそ！
新任古川領事の歓迎野球試合が去る日曜サントス球場で挙行された、古川さんの望に入つた始球式が済んでから試合に入つた
が紅白兩軍とも互ひにゆづらずシーソ・ゲームを演じて観

Imagem 28: **Jogo em homenagem a chegada do novo Cônsul japonês na cidade de Santos. Jiho do Brasil**. São Paulo, 8 fev. 1939.

Imagem 29: **Time de *baseball* da Colonia Japonesa, na ocasião, havia derrotado o Hase, de São Paulo, pelo expressivo placar de 28 a 4**.
FONTE: **Revista Flama**, anno XVIII n 8, ago. 1939.

Outras modalidades, além do tênis e do *baseball*, eram praticadas junto à Associação. Além de dispor de boa estrutura para o ensino de Ginástica nas aulas oferecidas pela Escola Japonesa de Santos, o espaço também servia para festas, reuniões e gincanas, conhecidas como *undokai*. A Entrevistada TS comenta que entre a colônia japonesa comemorava-se o aniversário do Imperador, onde eram realizadas gincanas e práticas esportivas:

> Sempre foi aniversário do Imperador do Japão. Imperador do Japão, se não me engano, eles comemoraram no dia 29 de abril, uns dois dias antes, por aí. Então aonde que aqui, os que estavam aqui no Brasil, comemoravam o 1º de maio, sabe? Em consideração ao aniversário do Imperador. Aí então diz assim, essa gincana se chama undo-kai, undo – esporte, kai – grupo. Grupo que faz os esportes, que é o tipo de gincana: undo-kai: tipo de esporte, sabe?

O segundo período da imigração japonesa, após o ano de 1925, também foi marcado pela mudança no perfil do imigrante japonês, cujos efeitos foram perceptíveis na colônia de Santos (ANDO, WAKISAKA, 1971 p. 34). A partir de então houve um crescimento considerável de profissionais liberais, oferecendo maior variedade de serviços para aos próprios japoneses e para a cidade de uma maneira geral. É possível perceber nos anúncios dos jornais da época, nipo-brasileiros, ou não, uma oferta muito maior de serviços desenvolvidos por japoneses ou descendentes que nos anos anteriores. O Jornal “Nambei Shimpo”, por exemplo, publicou, em 1930 comemorando o ano novo, uma série de anúncios de lojas e serviços desenvolvidos por japoneses na cidade de Santos. O próprio governo japonês passou a apoiar a emigração de pessoas letradas para o Brasil, principalmente para exercerem a profissão de professor. Além disso, surgiram na cidade hotéis e pousadas nipo-brasileira com a função de acomodar os recém-chegados do Japão ou do interior e que se destinavam a outras localidades, a exemplo do Vale do Ribeira, ou desejavam instalar-se e permanecer em Santos. O álbum de fotografias da colônia de Iguape apresenta algumas imagens da cidade e comenta o serviço prestado por japoneses, na ocasião o Hotel Ushio e a Pensão Mikado (Imagens 14 e 15). Além desses, existiu no centro da cidade, na Rua Braz Cubas, o Hotel Japonês, construído pelo português José da Silva Novita. Na época, o prédio foi um dos primeiros da região a contar com elevador. Ficou conhecido com esse nome pelo alto número de japoneses que atendia e pela decoração baseada na cultura japonesa (**A Tribuna,** Santos, 11 ago. 2006). Além dos serviços de acomodação prestados, esses hotéis também ofereciam bailes e festejos (Imagem 16), servindo como um local de manifestações culturais.

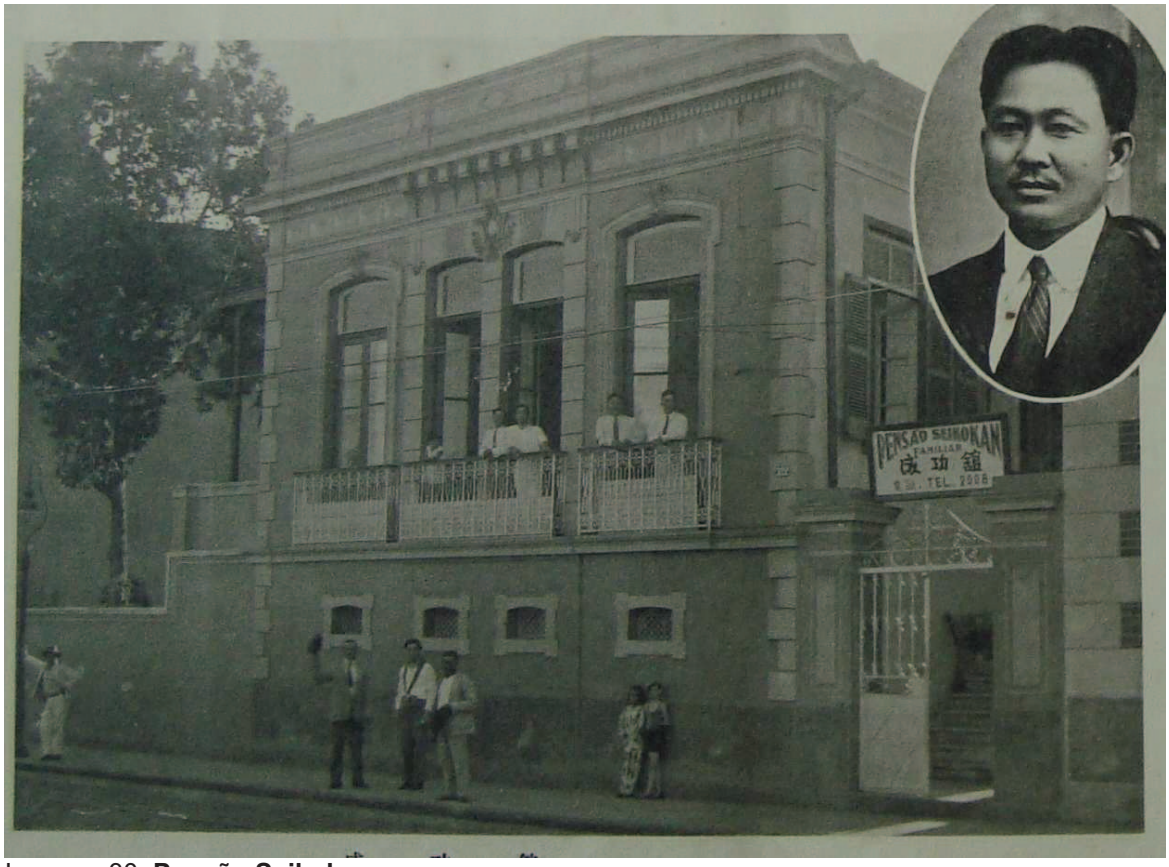


Imagem 30: **Pensão Seikokan.**
FONTE: Álbum Colônia Iguape 1913 – 1933.

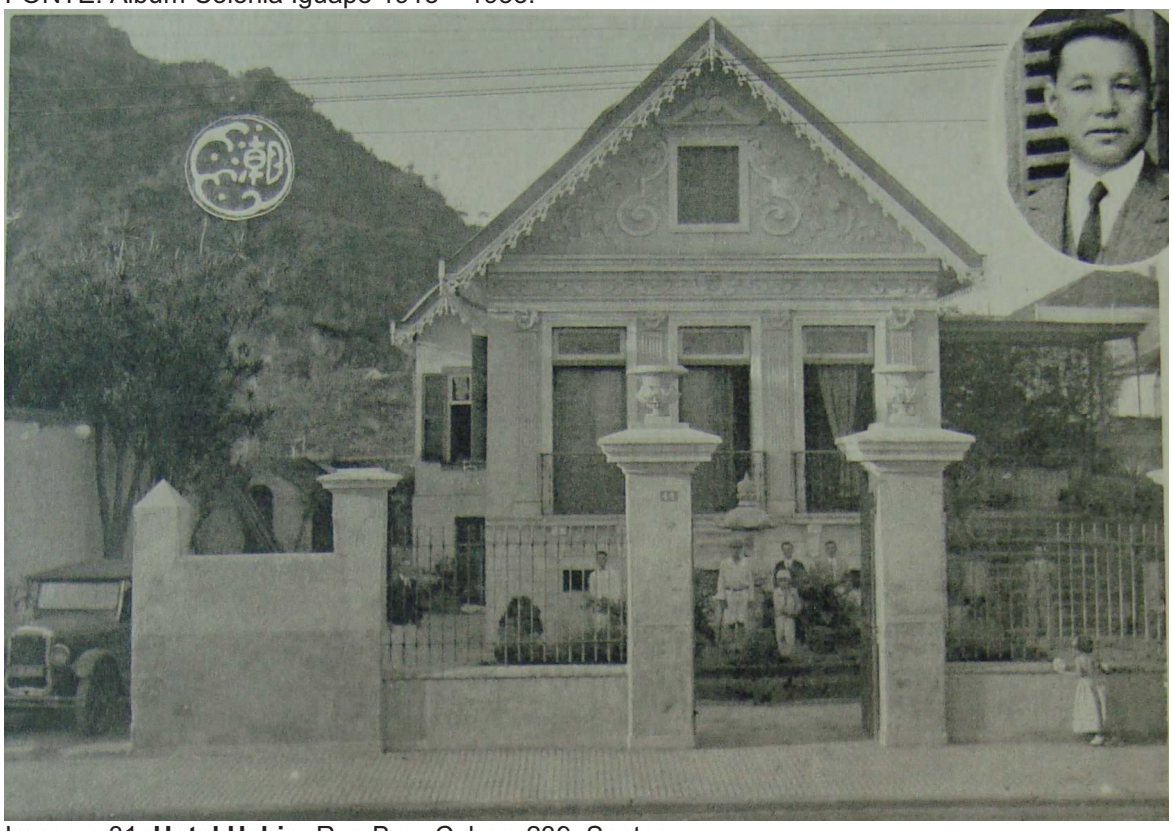


Imagem 31: **Hotel Ushio.** Rua Braz Cubas, 239, Santos.
FONTE: Álbum Colônia Iguape 1913 – 1933.

Imagem 32: **Grupo tirado no Hotel Ushiho, durante baile ali realizado na terça-feira de carnaval.**
FONTE: **Revista Flama**, anno XX n 3, ago. 1941.

Imagem 33: **Anúncio em jornais de carpintaria e marcenaria de Kissabro Kanayama**
A Tribuna. Santos, 24 nov. 1928. p. 17.

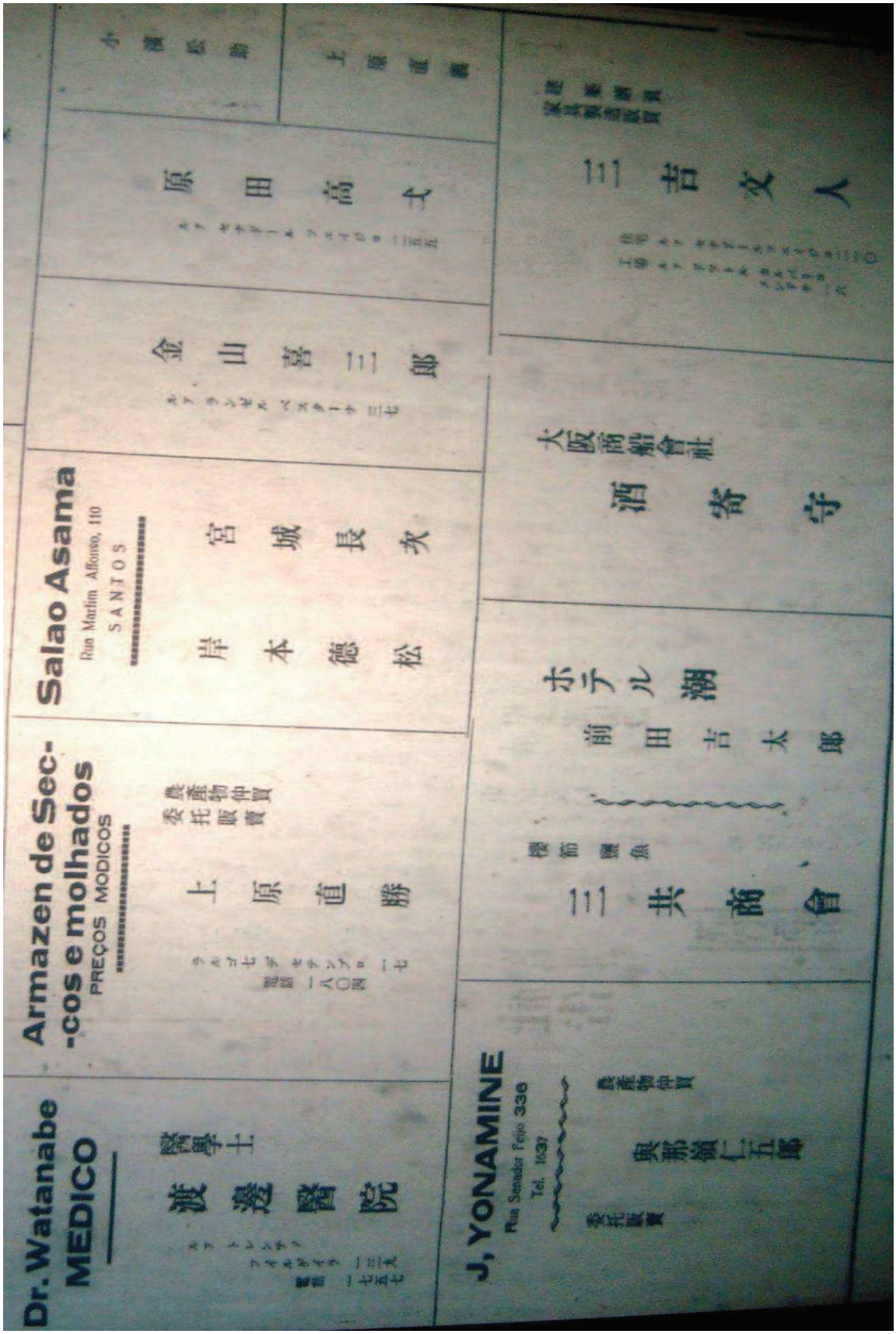


Imagem 34: **Anúncios de serviços prestados por japoneses em Santos.** **Nambei Shimpo**. São Paulo, 01 jan. 1930. p. 6.

Assim, Santos se solidificou como uma das mais estruturadas colônias japonesas no Estado de São Paulo, contando com ampla rede de serviços, além de manter uma boa relação com o restante da população da cidade (HANDA, 1987. p. 249). Durante a década de 1930, havia escolas, serviços diversos e espaços para manifestações culturais. A presença japonesa já não mais se limitava apenas às áreas periféricas da cidade. A cultura hortigranjeira e a pesca eram desenvolvidas avidamente. A educação escolar, tão valorizada pelo imigrante japonês, acompanhou o desenvolvimento da colônia na cidade, oferecendo melhores condições de ensino da língua japonesa na medida em que se solidificava a estrutura sócio-econômica dos japoneses na cidade.

CAPÍTULO 2
A EDUCAÇÃO JAPONESA EM SANTOS

A marca da imigração japonesa no Brasil foi o alto zelo à educação das gerações mais novas. Era inaceitável para o japonês deixar os filhos crescerem sem pelo menos a educação básica. Por isso, os descendentes nascidos no Brasil atingiram níveis mais elevados de educação escolar que os pioneiros.

Provavelmente, esse fenômeno se explique devido à Revolução Meiji (1868) que pôs a educação como fator indispensável à modernização do país (MIYAO, 1980. p. 91). O sistema educacional da Era Meiji buscou centralizar o ensino escolar. Muitos produtores rurais viam-se contrariados em enviar jovens, aptos ao trabalho, à escola; por isso a intervenção estatal se fazia necessária. Além disso, a educação formal desse período garantiu a conservação da estrutura familiar e a

preservação cultural japonesa, ameaçada pelo processo de modernização iniciado desde então (SAVELLE, 1968. p. 497-499).

Antes mesmo da Revolução, o Japão já contava com um sistema educacional bem estruturado, apesar de favorecer somente a uma parte da população, a classe samurai (ALBUQUERQUE, 1971, p. 63). Até meados do século XIX, cerca de quarenta por cento da população já estava alfabetizada, a maioria era masculina, mas com um número relativamente alto de mulheres na época se comparado com outros países ocidentais. Coube ao governo centralizar o sistema e expandi-lo para toda a sociedade (FAZOLI FILHO, 1991. p. 18–19).

O novo governo procurou aumentar o número de escolas e, através delas, difundir o conhecimento, homogeneizar a alfabetização, impor a disciplina, obediência, pontualidade e, acima de tudo, o respeito religioso ao imperador. O espírito de nacionalidade japonesa, em grande parte, foi forjado no seio escolar (LANDES, 1998. p. 421). Nesse sentido o governo promulgou o Manifesto Imperial Sobre a Educação em 1890 contendo as idéias fundamentais que nortearam a educação até o ano de 1945. O Edito pregava, sobretudo, a conduta de valorização familiar e o empenho nos estudos, além da obrigação de confiar sua vida nas mãos do Imperador. Além da simples alfabetização, havia toda uma conduta moral e cívica em torno da figura do Imperador que deveria ser respeitado. Apareceram, inclusive, as datas festivas, como por exemplo, 11 de fevereiro, onde se celebrava a figura do imperador com cantigas e hinos patrióticos (GONÇALVES, 1971. p. 63).

Pouco antes da imigração para o Brasil em 1908, o Japão apresentava excelente índice de letramento alcançando quase a totalidade da população. Na virada para o século XX, noventa por cento da população já estava alfabetiza e, em 1907, esse número estava próximo de cem por cento. Nesse período, o sistema de

quatro anos de ensino primário pôde ser ampliado para seis (FAZOLI FILHO, 1999. p. 29).

Das nacionalidades de trabalhadores que foram enviadas às colheitas de café, o japonês possuía um dos maiores níveis de instrução, contando com setenta e dois por cento de alfabetizados, atrás somente dos alemães que tinham oitenta e sete por cento (SCHADEN, 1980. p. 141). Inevitavelmente, esse espírito de valorização educacional chegou ao Brasil com os primeiros imigrantes, testemunhas da transformação social da Era Meiji (MIYAO, 1980. p. 91).

Nos primeiros anos da imigração japonesa no Brasil, não havia maiores preocupações com a educação já que eram poucos em idade escolar e as atenções estavam voltadas exclusivamente para o trabalho, a fim de saldar as dívidas contraídas com a viagem e acumular certa riqueza. Na medida em que o imigrante percebeu a necessidade de permanecer mais tempo no país e as crianças, vindas do Japão ou nascidas no Brasil atingiam idade escolar, mais urgente se tornava o problema da educação. Logo, o imigrante viu-se dividido entre o trabalho e a educação dos mais novos. Além de a educação ser vista como único meio de obter ascensão social, o imigrante temia que seus filhos fossem discriminados ao regressar ao Japão sem conhecer a língua e a cultura dos ancestrais (ANDO, WAKISAKA, 1971. p. 31).

A organização de núcleos coloniais possibilitou ao imigrante japonês preservar as características culturais da terra natal. Constantemente eram realizadas festas e reuniões com o intuito de discutir os assuntos da colônia ou simplesmente beber e comer. A colônia também possibilitou o surgimento de escolas essencialmente japonesas, onde se poderia ensinar a língua e os valeres pátrios. Logo as escolas adquiriram grande relevância para os núcleos, simbolizavam o progresso e

representavam, também, o centro administrativo da colônia e local de reuniões e festas. A simples presença de uma escola japonesa atraia imigrantes fugidos das fazendas de café para os núcleos coloniais devido à preocupação com a educação dos filhos.

Os primeiros estabelecimentos eram rústicos, construídos com paredes de barro, chão de terra batida e forro de palha. O terreno normalmente era doado pelos próprios colonos (HANDA, 1987. p. 282–291). A primeira escola japonesa fundada no Brasil que se tem notícia foi inaugurada em 1915 no interior paulista, ao longo da linha Noroeste na colônia Hirano. Em seguida surgiu a Escola Primária de Água Limpa da Colônia Birigui. No mesmo ano, na capital paulista, na Rua Conde de Sarzeda, apareceu a primeira escola japonesa em ambiente urbano. Com o passar dos anos, as escolas japonesas se multiplicaram pelo Estado de São Paulo, sendo que em 1932 contabilizaram-se cento e oitenta e sete estabelecimentos de origem japonesa e, em 1938, pouco antes do governo restringir o funcionamento de escolas estrangeiras, especulava-se ao todo a existência de cerca de quatrocentos e setenta e seis estabelecimentos (WAKISAKA, 1992. p. 123–129).

Nos primeiros momentos, a educação oferecida por essas escolas japonesas estava voltada apenas para o ensino da língua japonesa e dos valores cívicos, dando continuidade à educação familiar, sendo os pais responsáveis pelo desenvolvimento da disciplina e obediência (CARDOSO, 1973. p. 319). Em algumas localidades prevaleceu a preferência pelo ensino da língua japonesa e a resistência em matricular os filhos em escolas brasileiras (SCHADEN, 1980. p. 142). Contudo, havia colônias, como no caso de Ribeirão Preto, que abriram mão da educação da língua japonesa, contentando-se apenas em matrícular os filhos nas escolas brasileiras da região, sem sequer mostrar interesse pela língua da terra de origem

(WAKISAKA, 1992. p. 212). Na maioria dos casos, os pais preferiam matricular seus filhos em escolas brasileiras e, em horário distinto, faziam com que frequentassem as escolas japonesas. Logo apareceram os problemas de impactos culturais, pois o aluno se viu em dois ambientes distintos: na família e na escola da colônia ao mesmo tempo em que frequentava a escola brasileira e mantinha o contato com outras crianças de cultura diversificada (CARDOSO, 1973. p. 322).

Uma das regiões onde a colônia japonesa se destacou e também onde funcionaram muitas escolas japonesas, foi a região de Iguape, no Vale do Ribeira, região sul do Estado de São Paulo. Ali existiam seiscentas e noventa e uma famílias japonesas na década de trinta. Contava com onze escolas japonesas, dez professores japoneses e dezenove professores brasileiros, uma escola técnica de agricultura e um jardim da infância. Ao todo, entre descendentes de japoneses e brasileiros, estudavam cerca de mil e duzentas crianças (Álbum Colônia de Iguape, 1934, p. 2 - 6).

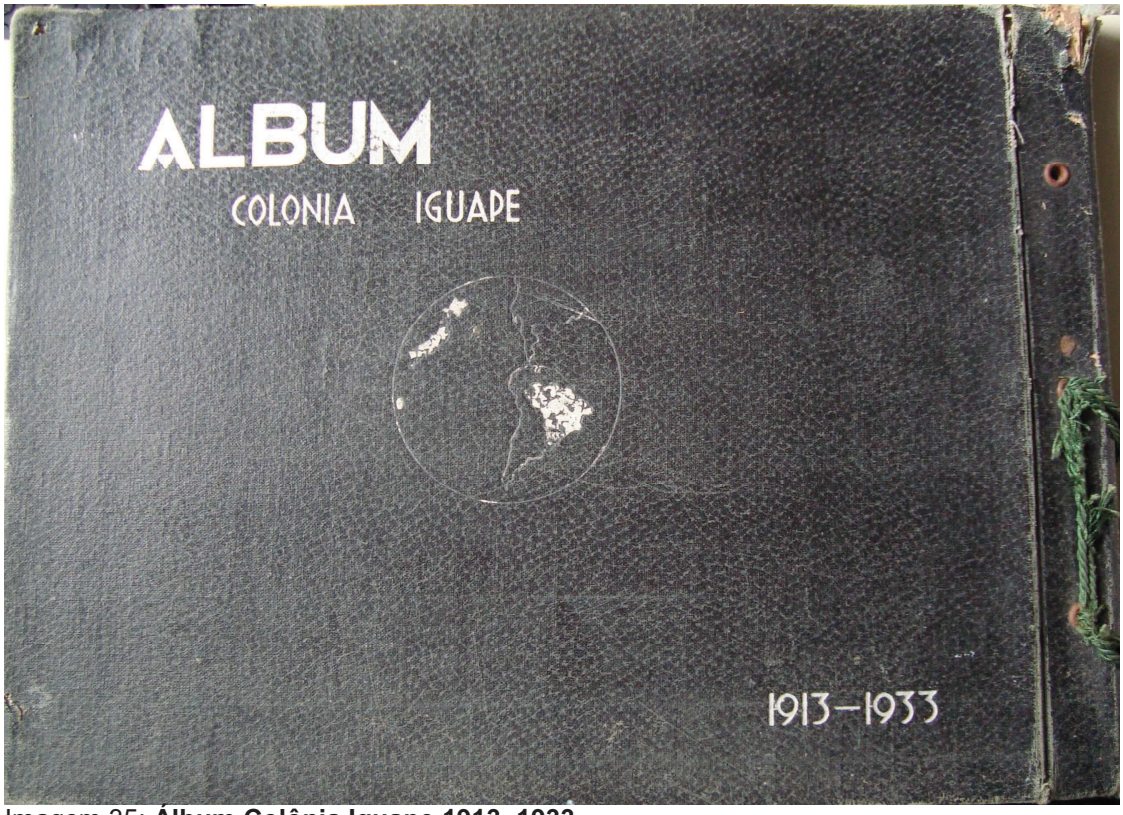


Imagem 35: **Álbum Colônia Iguape 1913–1933.**

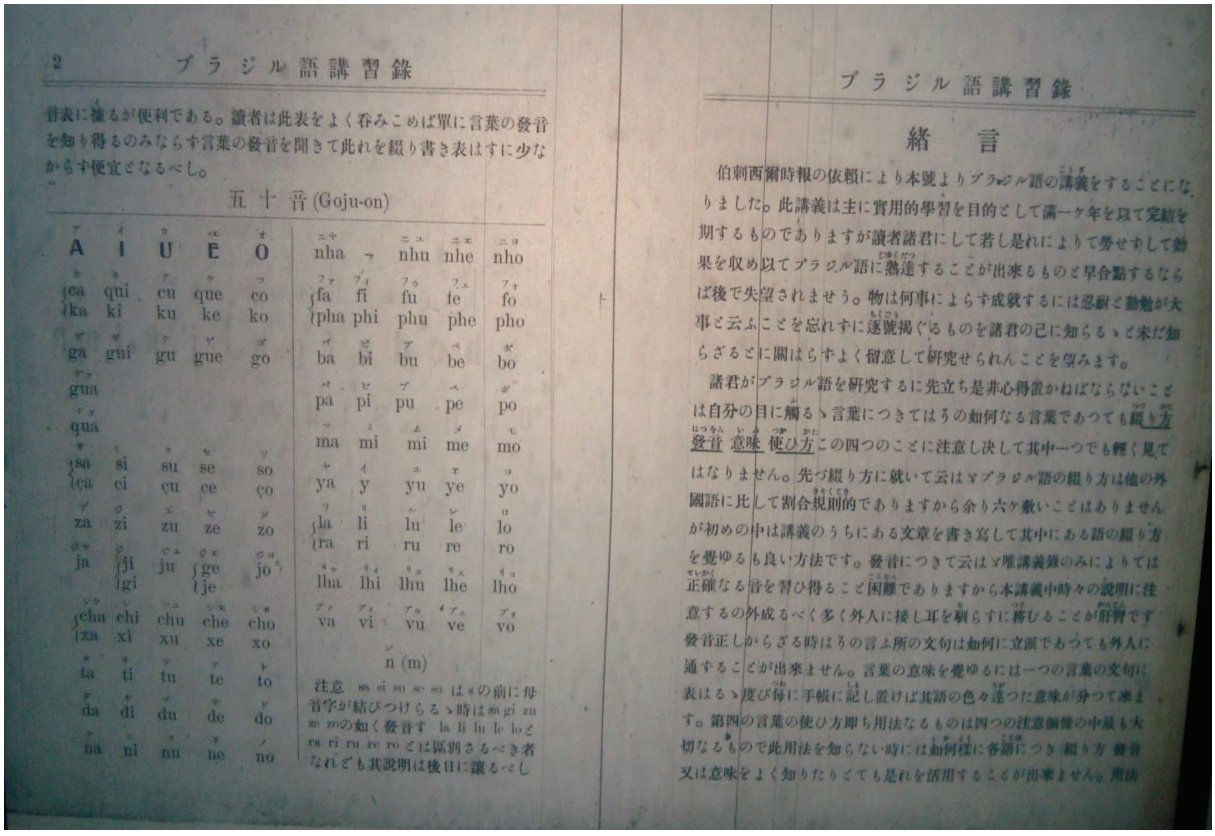
Imagem 36: **Colégio Particular da Sede da Colônia – Registro.**
FONTE: Álbum Colônia de Iguape 1913–1933.

Além da educação familiar e sua continuidade escolar, os jornais nipo-brasileiros também desempenharam um relevante papel na colônia japonesa. Apesar da curta duração de alguns dos periódicos, na maioria das vezes era o único veículo de comunicação para os imigrantes que não dominavam outras línguas, principalmente o português, levando em consideração que revistas e jornais importados do Japão demoravam meses para chegar ao Brasil. Nos jornais, encontravam-se notícias referentes à comunidade, artigos, anúncios de pessoas solteiras etc. Os elaboradores desses jornais normalmente estavam preocupados com o bem estar da comunidade, trazendo assuntos comuns, textos e artigos de auxilio aos Japoneses. O “Brasil Jihô” (“Notícias do Brasil”), por exemplo, na publicação número dois, apresenta um texto explicando a própria função dos jornais diante da comunidade nikkei, afirmando que no Brasil havia uma quantidade grande de japoneses, por isso seria necessário manter a colônia unida e bem informada (7

set. 1917. p.1). No mesmo número, aparecem ainda artigos sobre a História do Brasil, perigo de epidemias e notícias do Japão.

Segundo Tomoo Handa, o primeiro jornal japonês a circular no Brasil foi o Semanário Nambei, iniciado em 1916, mas com a curta duração de dois anos. A partir de 1917, surgiram outros como o "Nippak Shimbum" e "Brasil Jihô" ("Notícias do Brasil"), mais sofisticados com novos assuntos, como crônicas e textos políticos, além de ser um veículo de divulgação de ideologias de seus redatores (1987. p. 602-606). Esses jornais traziam consigo uma preocupação ainda maior com a comunidade japonesa e seu bem estar nas terras brasileiras. Apesar de haver divergências internas quanto ao caráter do jornal, havia toda uma preocupação com a interação dos japoneses à cultura e à sociedade brasileira[3]. Em meados de 1917, o jornal "Brasil Jihô" iniciou um curso de língua portuguesa que era publicado semanalmente em suas edições. A cada número, o leitor poderia montar uma espécie de cartilha, contendo, no início, exercícios de alfabetização e pronúncia até, nas edições mais avançadas, textos mais complexos, como os exemplos a seguir:

[3] Para maiores informações a respeito da imprensa da japonesa no Brasil vide Tomoo Handa, que dedica um capítulo interior a esse respeito (1987. p. 602-616).



2 ブラジル語講習錄

音表に據るが便利である。讀者は此表をよく呑みこめば單に言葉の發音を知り得るのみならず言葉の發音を聞きて此れを綴り書き表はすに少なからず便宜となるべし。

五十音 (Goju-on)

A	I	U	E	O
ca	qui	cu	que	co
ka	ki	ku	ke	ko
ga	gui	gu	gue	go
gua				
qua				
sa	si	su	se	so
ça	ci	çu	ce	ço
za	zi	zu	ze	zo
ja	ji	ju	ge	jo
	gi		je	
cha	chi	chu	che	cho
xa	xi	xu	xe	xo
ta	ti	tu	te	to
da	di	du	de	do
na	ni	nu	ne	no

nha	nhu	nhe	nho	
fa	fi	fu	fe	fo
pha	phi	phu	phe	pho
ba	bi	bu	be	bo
pa	pi	pu	pe	po
ma	mi	mi	me	mo
ya	y	yu	ye	yo
la	li	lu	le	lo
ra	ri	ru	re	ro
lha	lhi	lhu	lhe	lho
va	vi	vu	ve	vo

n (m)

注意 ma si su se so はnの前に母音字が結びつけらるゝ時はma gi zu ze zoの如く發音す la li lu le loとra ri ru re roとは區別さるべき者なれども其説明は後日に讓るべし

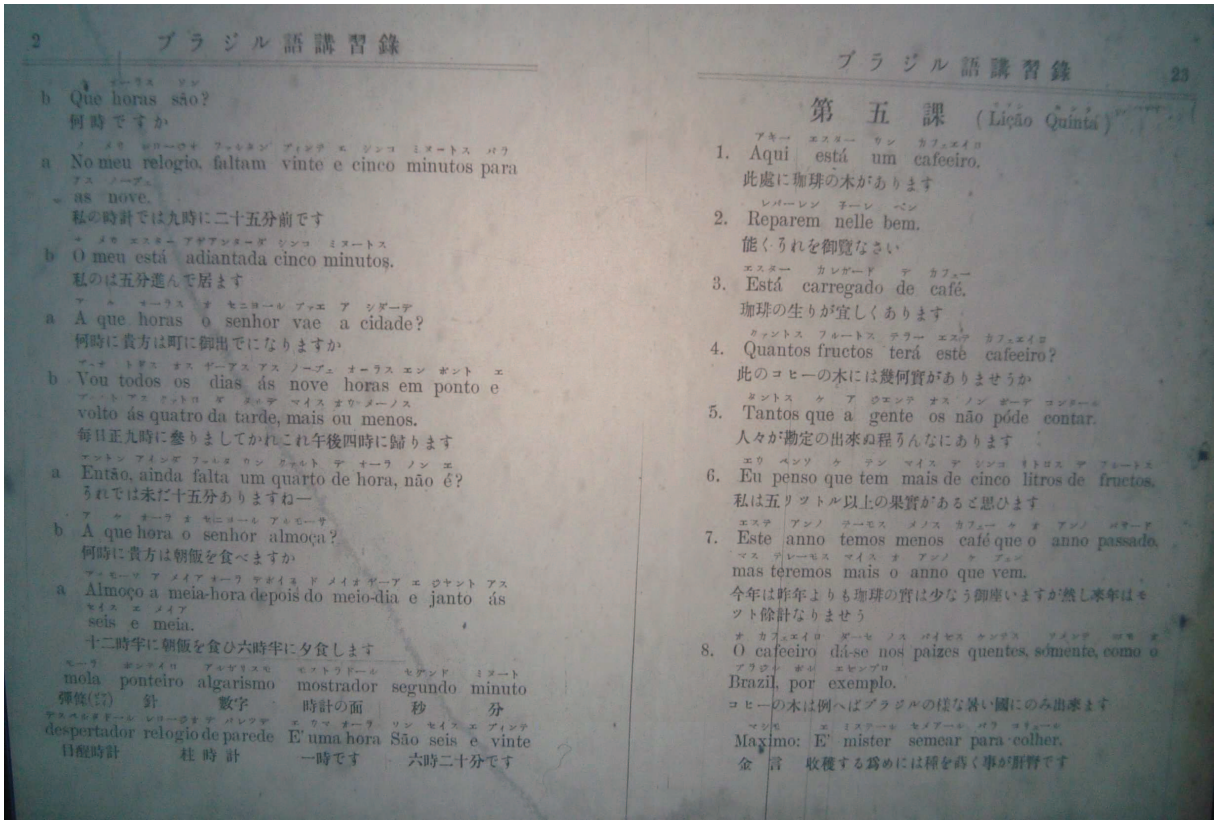
ブラジル語講習錄

緒言

伯剌西爾時報の依頼により本號よりブラジル語の講義をすることになりました。此講義は主に實用的學習を目的として滿一ケ年を以て完結を期するものでありますが讀者諸君にして若し是れによりて勞せずして効果を收め以てブラジル語に熟達することが出來るものと早合點するならば後で失望されませう。物は何事によらず成就するには忍耐と勤勉が大事と云ふことを忘れずに逐號掲ぐるものを諸君の己に知らるゝと未だ知らざるとに關はらずよく留意して研究せられんことを望みます。

諸君がブラジル語を研究するに先立ち是非心得置かねばならないことは自分の目に觸るゝ言葉につきてはうの如何なる言葉であつても綴り方 發音 意味 使ひ方この四つのことに注意し決して其中一つでも輕く見てはなりません。先づ綴り方に就いて云はゞブラジル語の綴り方は他の外國語に比して割合規則的でありますから余り六ケ敷いことはありませんが初めの中は講義のうちにある文章を書き寫して其中にある語の綴り方を覺ゆるも良い方法です。發音につきて云はゞ唯講義錄のみによりては正確なる音を習ひ得ること困難でありますから本講義中時々の説明に注意するの外成るべく多く外人に接し耳を馴らすに務むることが肝腎です發音正しからざる時はうの言ふ所の文句は如何に立派であつても外人に通ずることが出來ません。言葉の意味を覺ゆるには一つの言葉の文句に表はるゝ度び毎に手帳に記し置けば其語の色々違つた意味が分つて來ます。第四の言葉の使ひ方即ち用法なるものは四つの注意個條の中最も大切なるもので此用法を知らない時には如何樣に各語につき綴り方 發音 又は意味をよく知りたりとても是れを活用することが出來ません。用法

Imagem 37: Aulas de português no jornal “Notícias do Brasil”.
Notícias do Brasil. São Paulo, 05 out.1917. p. 3.



2 ブラジル語講習錄

b Que horas são?
何時ですか

a No meu relogio, faltam vinte e cinco minutos para as nove.
私の時計では九時に二十五分前です

b O meu está adiantada cinco minutos.
私のは五分進んで居ます

a A que horas o senhor vae a cidade?
何時に貴方は町に御出でになりますか

b Vou todos os dias ás nove horas em ponto e volto ás quatro da tarde, mais ou menos.
毎日正九時に參りましてかれこれ午後四時に歸ります

a Então, ainda falta um quarto de hora, não é?
うれでは未だ十五分ありますねー

b A que hora o senhor almoça?
何時に貴方は朝飯を食べますか

a Almoço a meia-hora depois do meio-dia e janto ás seis e meia.
十二時半に朝飯を食び六時半に夕食します

mola	ponteiro	algarismo	mostrador	segundo	minuto
彈條(ばね)	針	數字	時計の面	秒	分
despertador	relogio de parede	E' uma hora	São seis e	vinte	
目醒時計	柱時計	一時です	六時二十分です		

ブラジル語講習錄 23

第五課 (Lição Quinta)

1. Aqui está um cafeeiro.
此處に珈琲の木があります

2. Reparem nelle bem.
能くうれを御覽なさい

3. Está carregado de café.
珈琲の生りが宜しくあります

4. Quantos fructos terá este cafeeiro?
此のコヒーの木には幾何實がありませうか

5. Tantos que a gente os não póde contar.
人々が勘定の出來ぬ程うんなにあります

6. Eu penso que tem mais de cinco litros de fructos.
私は五リットル以上の果實があるご思ひます

7. Este anno temos menos café que o anno passado, mas teremos mais o anno que vem.
今年は昨年よりも珈琲の實は少なう御座いますが然し來年はモット餘計なりませう

8. O cafeeiro dá-se nos paizes quentes, sómente, como o Brazil, por exemplo.
コヒーの木は例へばブラジルの樣な暑い國にのみ出來ます

Maximo: E' mister semear para colher.
金言 收穫する爲めには種を蒔く事が肝腎です

Imagem 38: Aulas de português no jornal “Notícias do Brasil”.
Notícias do Brasil. São Paulo, 16 nov.1917. p. 3.

Até meados da década de vinte, as condições de instrução eram muito limitadas. Os primeiros professores dificilmente possuíam formação profissional para ensinar a língua japonesa; também não havia material didático nem infra-estrutura adequada para manter salas de aula (HANDA, 1987. p. 288). Somente a partir de 1925 as condições melhoraram, pois o governo japonês passou a apoiar energicamente o ensino da língua japonesa no Brasil. Além disso, a própria colônia já havia superado as limitações dos primeiros anos seguindo com prosperidade em seus negócios. Subsidiando integralmente as despesas da emigração, o governo japonês passou a estimular pessoas letradas a rumarem para o Brasil com o intuito, principalmente, de atuar na educação. Em outros casos, profissionais liberais em busca de aventuras, viajaram para o Brasil, atuando posteriormente também como professores. Em suas pesquisas, Zeila de Brito Fabri Demartini apresenta um entrevistado formado em economia que trabalhava em bancos no Japão. Chegando ao Brasil, atuou nas lavouras de café e, ao fim do contrato, dedicou-se ao magistério (2000. p. 63).

Em 1927, fundou-se a *Zaihaku Nihon-jin Kyoiku-kai (*Associação Japonesa de Ensino no Brasil) posteriormente intitulada de Sociedade de Difusão de Ensino de Japoneses do Brasil, com o objetivo de desenvolver e unificar o ensino da língua japonesa; melhorar também o tratamento do professor; promover seminários e conferências a respeito da educação e aperfeiçoar o material didático. A entidade era diretamente vinculada ao Consulado Geral do Japão no Brasil. Através dela, o governo japonês detinha grande influência sobre a educação, nomeando e enviando professores e diretores com formação superior ao Brasil. Nos primeiros anos de funcionamento, a entidade tinha filiais instaladas em São Paulo, Santos, Registro, Ribeirão Preto, Presidente Prudente, Promissão, Catanduva, Penápolis, Araçatuba e

Ourinhos. Em 1935, já contava com trinta e cinco filiais espalhadas por todo Estado de São Paulo (WAKISAKA, 1992. p. 100).

Além do ensino de japonês, muitas dessas escolas buscaram integrar-se ao currículo das escolas para o ensino da língua portuguesa, podendo inclusive funcionar como uma escola particular, muitas vezes frequentadas por alunos não japoneses. As aulas de português eram ministradas em horários distintos ao curso de japonês. Os professores poderiam ser enviados e mantidos pelo Estado ou pela própria colônia (WAKISAKA, 1992. p. 124-125).

Em meados da década de trinta, o sistema japonês de ensino no Brasil estava bem estruturado, com professores e diretores com formação no Japão, além dos cursos de português seguindo o modelo brasileiro. Em 1932 contavam-se cento e oitenta e sete estabelecimentos de ensino japonês oficializados e elevado número de alunos, com destaque a região da estação ferroviária Sorocabana, que contava com trinta e seis escolas e a Noroeste, com oitenta e três. Santos, junto com a região da linha férrea que liga a cidade ao Vale do Ribeira contava com dez escolas:

Tabela 7: **Escolas japonesas e alunos em 1932.**

Zonas de localização	*Nº de escolas*	*Nº de alunos*
São Paulo e subúrbios	10	618
Santos e Santos-Juquiá	10	364
Registro e vizinhanças	10	427
E.F. Paulista	13	544
São Paulo – Railway	5	120
E.F. Central do Brasil	3	140
E.F. Mogiana	0	0
E.F. Araraquara	6	181
E.F. Douradense	2	46
E.F. Sorocabana	36	1760
E.F. Noroeste	83	4669
Estado do Paraná	8	226
Estado do Mato Grosso	1	83

FONTE: WAKISAKA, 1992. p. 126.

2.1 A educação japonesa em Santos

Assim como nas demais colônias espalhadas pelo país, em Santos também funcionaram escolas fundadas por japoneses. Na década de trinta, período de maior prosperidade da colônia, sabe-se do funcionamento de três escolas, que posteriormente foram fechadas pelo Governo Vargas. Nos primeiros anos, contudo, não havia escolas destinadas ao ensino da língua japonesa, demorando alguns anos até que a primeira delas surgisse. Nesse primeiro momento da presença japonesa na cidade, a educação limitava-se ao ambiente familiar e às escolas brasileiras existentes até então. Os repórteres do jornal “A Tribuna”, em visita ao bairro Campo Grande em 1914 constataram que:

> Os petizes amarellos, mal attingem os oito annos, são mandados á escola, para aprenderem o portuguez. As mamãs capricham em apresenta-los muito limpos e bem calçados. Os pequenos, muito vivos e intelligentes, já falam quase todo nosso idioma, e é com muito orgulho que nos respondem quando indagamos se são japonezes: - Eu sou brasileiro; nasci aqui em Santos.

As primeiras manifestações de educação escolar aconteceram com professores particulares capazes de ensinar a língua, ministrando aulas em suas moradias ou em salas alugadas, com um número reduzido de alunos, sem contar com um prédio próprio e com estrutura adequada para isso:

> […] a minha mãe ainda me pôs aí em uma escola, uma escolinha particular, não sei se conhece, agora tem padaria, açougue, alí na esquina, me pôs ali e depois dali foi para uma outra escolinha particular e a gente aprende um pouco, depois aí no Santa Maria abriu uma escola melhor, até que tem o nome de Tarquínio Silva, alí que eu aprendi um pouco mais, a escola mais assim… melhor! […] Nem era escola sabe, a pessoa que sabia ensinar então arrumava um quarto, é, um quarto, e ali dava aula (Entrevistada MK).

A primeira referência de funcionamento de um estabelecimento de ensino japonês foi encontrada no relatório do Annuário de Ensino de 1918, em uma relação completa das escolas particulares de Santos. De acordo com o relatório, intitulava-se Escola Japonesa, situada no Canal 2, no bairro do Campo Grande, sob a direção do professor Taichiro Mizuno. Na ocasião a escola funcionava regularmente, cumprindo as exigências legais, contando com trinta alunos de ensino primário (GOVERNO DO ESTADO. **Annuário do Ensino do Estado de São Paulo**. Diretoria da Instrução, 1918. p. 520–521.). Apesar de não se conhecer ao certo por quanto tempo a escola permaneceu funcionando, desconhecendo-se a data de inauguração e fechamento,

sabe-se através de um requerimento feito pelo professor Taichiro Mizuno de 1917 que a escola funcionou pelo menos por um ano (Camâra Municipal de Santos, ano 1917, livro de atas, p. 212):

> Requerimento de Taichiro Mizuno, professor da escola Japonesa sita em Campo Grande, recorrendo do despacho de Exm: Sr. Prefeito municipal que indeferiu um requerimento sobre relevação de multas que lhe foram applicadas por infração de Código de Política – Ás Comissões de Justiça e Poderes e de Finanças, ouvido o Sr. Prefeito Municipal.

Como foi visto anteriormente, a imigração japonesa entrou em uma nova fase a partir do ano de 1925, principalmente pela participação do Governo Japonês. Além disso, decorridos cerca de uma década e meia da chegada dos pioneiros, a colônia adquiriu certa estrutura em relação aos primeiros anos. Essas mudanças também foram sentidas nas escolas japonesas da cidade, oferecendo ensino de maior qualidade.

Durante a década de 1930, existiram, pelo que se tem notícia, três escolas japonesas: uma localizada no bairro do Marapé, Escola União Japonesa; outra no bairro do Saboó, Escola Primaria da Associação de Jovens de Santos e a principal delas a Escola Japonesa de Santos, localizada no bairro Vila Mathias. Por falta de documentação, pouco se sabe a respeito da Escola União Japonesa do Marapé. O Entrevistado FT relata que localizava-se na *rua Carvalho de Mendonça lá em baixo, pé do morro. Perto do Memorial, sabe onde é. Lá tinha bastante japonês lá. Lá também tinha escola de japonês.* Sabe-se também, através de uma nota no jornal A Tribuna, Edição Comemorativa do Primeiro Centenário da Cidade de Santos (1939, p. 51), que a escola estava sob a direção do professor João Chinen, e em 1935, foi publicada uma nota no jornal “A Tribuna” divulgando os aprovados:

Escola União Japonesa

Sob a presidencia do professor sr. José Euclydes de Miranda, auxiliado pela professora, senhorinha Adelina de Sousa, procederam-se no dia 10 do corrente, os exames finaes nas classes da Escola União Japonesa, do Marapé, cujo resultado foi o seguinte:

2.º anno para o 3.º anno — Antonio Passos, Julia Toiama, Cecilia Serikaku, Julia Tomimura e Totoko Azato.

1.º anno para o 2.º anno — Alice Makamoto, Choci Yakabu, Antonio Nakaione, Seifuco Onaga, Nair Chinen e Nelson Chinen.

Imagem 39: **Alunos aprovados da Escola União Japonesa**
A Tribuna. Santos, 21 dez. 1935. p. 9.

Quanto à escola localizada no bairro do Saboó, de acordo com o verso de uma fotografia, chamava-se Escola Primaria da Associação de Jovens de Santos. Contudo, o relatório do Inspetor da Diretoria Regional de Santos e o jornal A Tribuna, edição comemorativa, registraram o nome de Escola Kazushi do Saboó (GOVERNO DO ESTADO. **Relatório da Diretoria Regional de Santos**. Santos: 1939. p. 7–8; **A Tribuna**. Santos.25 jan. 1939, p. 50). A escola foi construída com os esforços conjuntos da comunidade com o governo japonês. De acordo com o Entrevistado FT: *Lá, parece que o governo Japão também ajudou. Povo que mora lá, cinquenta e poucas famílias, cada um ajudou [com um pouco de] dinheiro para construir a escola, antes de Guerra*. O Entrevistado relata, ainda, que não estudou na escola, vindo com idade próxima aos quinze anos para o Brasil com o ensino básico completo no Japão para ajudar o seu pai, que na ocasião fazia parte da comissão organizadora para a construção da escola:

> Trinta e quatro. Quando construiu aqui, meu pai que foi, eu não foi, fazia serviço lá em casa, e tava plantando verdura, vendia no Mercado Municipal naquele tempo, do Saboó até lá no Mercado, levava para carregar, até lá! Eu não tinha quinze anos. […] Eu, até quinto ano, estudei no Japão, Vim para o Brasil para aprender língua brasileira mas como tinha muitas chácaras, muito serviço, chácaras que plantavam verduras e para vender também, eu que ia, número quarenta e oito no Saboó.

O bairro do Saboó foi marcado pela presença japonesa, apesar de atualmente (2010) contar com poucas famílias de origem nipônica. A colônia da região se destacou, como já foi visto anteriormente, pela produção hortigranjeira, concentrando um grande número de famílias. Assim a construção da escola significou para a colônia o estabelecimento de um centro cultural onde se poderia festejar e ensinar a língua japonesa. Ao contrário da Escola Japonesa de Santos, a Escola Primária da Associação de Jovens de Santos, de acordo com as fotografias encontradas e com os relatos dos entrevistados, era destinada somente aos filhos de japoneses. As demais crianças do bairro estudavam normalmente na Escola Municipal “Martins Fontes”, construída no mesmo período da japonesa.

Apesar de não ser japonês nem ter estudado na escola, o Entrevistado AF relata suas memórias referentes à escola e ao bairro que abrigou grande número de famílias japonesas:

> Escola de japonês, que é antiga, começou em 35 por aí, quando eu cheguei já tinha a escola, era novinha, quando eu cheguei aqui pequeno a escola era só para a molecadinha filho de japonês, escola só da língua japonesa. Depois o governo obrigou que tinha que falar a língua portuguesa aí tinha professor de manhã para ensinar o português e a tarde para ensinar o japonês. A escola ficou depois para duas línguas. Então a gente via aquela molecada passando, indo para a escola, todos os mesmos de manhã, era escola de manha e escola à tarde, de manhã cedo era japonês e a tarde língua portuguesa. A molecada o dia todo passando, essa rua

> aí, antes de Mercedes Fea, era Estrada costeando o Morro do Saboó, depois que passou a ser Mercedes Fea.

O Entrevistado AF segue descrevendo como era a estrutura física do casarão onde funcionava a escola:

> A escola era um chalé grande! O chalé montado em cima de colunas, o chalé era alto mas era montado em cima de colunas, eram seis colunas, colunas de trinta. E eles fizeram madeira em cima, tipo americana, chalé americano, que ia encaixando as tábuas, tinha varanda, uma varanda comprida [...]. Só estudavam japoneses! Depois é que veio, mais tarde naquela escola, a língua portuguesa. Aí vinha uma professora brasileira e ensinava a língua portuguesa, e vinha um professor para ensinar o japonês, professor de língua japonesa. Com eles lá só falavam aquela língua e a gente não entendia. Cantavam o Hino do Japão, depois cantavam o hino brasileiro, o hino nacional e eles... Teve a Guerra, aqui pertencia a japoneses que montaram a escola, era deles! Por causa da Guerra! O Brasil foi entrar na guerra, japonês perdeu a escola, era deles, por isso que não tem a escola hoje em dia, brasileiros obrigaram a língua portuguesa e saiu fora! Desmontaram a escola.

Além do chalé, a escola contava com um “barracão” onde festejavam. O local poderia servir de moradia para professores e alunos. O Entrevistado FT relembra que no dia da inauguração houve festejos no “barracão” com cerca de trinta pessoas e que, na ocasião até sofreu um acidente devido a fogos de artifício no dia seguinte durante ensaio musical:

> Quando inaugurou a escola eu tinha quatorze anos. Tem até bomba aqui, bomba de fogos e quando inaugurou, bomba que colocava rolo e subia para cima. Aquele que tinha efeito de fuzil. No dia seguinte, depois no dia, depois de inaugurar, depois da inauguração, um dia, bomba de fuzil defeito, tava batendo com aquilo de tocar [gestos de tambor] foi fazer a limpeza de inauguração, fomos trabalhar, até trinta pessoas na inauguração, foi fazer a limpeza [da] escola. Aquele que deu defeito na bomba fugiu, tinha jogado lá, o japonês não sabia, tinha jogado lá, no dia seguinte,

> tava tocando *Shamisen* japonês e tava batendo tambor, estourou lá em frente a escola, para cá tinha outra casa aqui na frente, tinha pessoa que ia estudar lá na escola podia até repousar no barracão em frente à essa escola. Depois que inaugurou, todo mundo entrou no barracão, tava um tocando *Shamisen* e outro tava batendo bumbo, aquele que tava batendo bumbo esquentou e moço que esquentou aquela bomba não subiu, esquentou e começou a bater na mão e como começou a esquentar a bomba, moço que estava com ele soltou a bomba que estourou em mim. Eu um dia sim e um dia não, ia fazer curativo, ainda tem a marca, tem marca.

Os festejos da comunidade, principalmente a Festa do Imperador, eram realizados na escola com características essencialmente japonesas, causando espanto e admiração nas demais pessoas do bairro:

> Festas de japonês tinha! Eu não entendia o que eles estavam falando. Cantavam o hino do Japão, hino japonês, e depois fazia aquela festa e que eles diziam, a gente não entendia. Eu era moleque, faziam aquela festas, cheio de bandeiras, eu não entendia, sei que era festa. Tocavam aquelas batucadas do Japão, que nem índio, eles faziam aquelas festas tocando, tocava e a gente ficava da rua só olhando, mas não entendia nada. A gente falava a língua portuguesa e não entendia uma palavra. Vinha o professor do Japão, o professor era japonês, ele falava com os alunos assim, nós não sabia nada, eles entendiam tudo! Cantavam o hino do Japão, não entendia. Agora quando chegou a professora eles cantavam... Depois que veio a língua portuguesa, o Hino Nacional era cantado, para aprender o hino nacional, eles cantavam, a molecada tinha que cantar (Entrevistado AF).

A ausência de alunos brasileiros ou de outras etnias na escola japonesa, levando em consideração que o bairro do Saboó também foi marcado pela presença de imigrantes portugueses e espanhóis (SILVA, 2007. p. 46–48), contudo, não significava necessariamente que não havia relação interétnica entre os moradores do bairro de diferentes etnias. O Entrevistado AF comenta sua amizade com os japoneses:

> O moleque aí que morreu [...] mas ele era novinho, nasceu muitos anos depois, o outro tinha minha idade, ele conversava comigo, sabia falar assim, era japonês, ele vinha comigo, jogava bola [...] Zencó aprendeu a língua. Falava certinho ele, não errava não! Aprendeu na escola, falava a língua, a língua portuguesa. Aprendeu, brincava, jogava bola. Aí mais tarde, quando a gente já tinha dez anos, eu fiz dez anos, ele também, eu tirei diploma e ele também, fomos depois para o Martins Fontes. Se ele estivesse vivo, ele ai contar que nem eu! Assim a história. A Escola Japonesa começou em 36, em 39 era só a língua japonesa, ele ia falar igual ao que eu estou falando, se ele não falasse assim estava errado, era só a língua japonesa, só entrava japonês, não entrava brasileiro, língua portuguesa é lá! Aqui só japonês, poderia ser brasileiro mas era deles, assim que eu... Meu pai tinha um sítio ali, pertinho, acho que antes desse sítio ele começou lá, a Escola Japonesa era a ultima casa, era perto, o pessoal vinha de longe já cantando e falando a língua japonesa.

Contudo, o Entrevistado comenta a perplexidade diante da escrita japonesa e salienta que os japoneses e filhos que dominavam a língua não a transmitiam para outras pessoas:

> Assim na roupa, aqueles pauzinhos. A gente não entendia, passava com a camisa perto de nós e não entendia. Para mim era um desenho, desenho japonês, eram riscos, riscos japonês, que eles escrevem com riscos, que escreve assim para baixo. Eles entende aqueles pauzinho lá. Eu, ainda mais que era pequeno, não entendia uma palavra. Para mim aquilo era um desenho, agora eles entendiam, escreviam aqueles pauzinhos, viviam escrevendo, escreviam mas a gente não entendia coisa nenhuma, eles não ensinavam, o japonês não ensinavam!

Além dos cursos de japonês e português ministrados em horários distintos, a escola do bairro Saboó, como é possível perceber pela imagem 40, oferecia também costura às moças da colônia. Contudo não é possível precisar, se com isso, possuía característica profissionalizante a exemplo da Escola de Corte e Costura Nipo-

brasileira e da Escola de Corte e Costura Akama, em São Paulo, fundadas especificamente com o propósito profissionalizante (DEMARTINI, 2000. p. 58-59). Também o Entrevistado FT relembrou que *depois de inaugurar aqui, essa professora ensina fazer tricô, fazia blusas, e professor morava lá na escola, embaixo sabe.*

Imagem 40**: Curso de costura da Escola Primaria da Associação de Jovens de Santos (1938)**.
FONTE: Acervo do Sr. Fumiu Tamashiro.

Na Imagem, também é possível notar que a sala de aula era decorada com alguns elementos típicos para o ensino de História e Geografia do Brasil, como por exemplo, o quadro de José Bonifácio e o mapa do Brasil no lado esquerdo da sala, provavelmente usada para as aulas com os professores brasileiros, ou para facilitar o acesso ao conhecimento referente ao Brasil.

Nas imagens seguintes (41 e 42) é possível conhecer a parte externa da escola, confirmando as descrições dos Entrevistados AF e FT que diziam tratar-se de um sobrado de madeira e um barracão para festas e eventos. Na imagem 41, de acordo com as descrições do Entrevistado FT, encontra-se no centro a professora de português e seu marido. Assim disse o Entrevistado: *esse aqui [figura central da fotografia], era de manhã, ensinava o brasileiro na escola. Sabe Conselheiro Nébias? Ela morava lá. Esse aqui marido! Esse era a professora da escola. Depois esse aqui e mulher também.* Na imagem 42, encontram-se maiores detalhes. Começando com a decoração mais elaborada, com diversas bandeiras das duas nacionalidades, Brasil e Japão, contudo não foi possível identificar as demais bandeiras ao. Além disso, os jovens e as crianças não estão trajando o uniforme escolar típico das escolas japonesas: saia, blusa e o laço, levando à conclusão de que se tratava de um dia de festividade. Outro fato curioso é a presença de autoridades municipais e Inspetores de Ensino da Diretoria Regional de Santos sentados na primeira fileira, junto aos professores e aos alunos. Percebe-se parte da cobertura do barracão ao qual o Entrevistado FT fazia menção, onde estava o fotógrafo no instante do registro. Um olhar mais atento revela o endereço do casarão, o número cento e treze[4].

Sabe-se que, através da edição comemorativa do jornal A Tribuna (1939, p. 50) a Escola Kazushi estava sob a direção do professor Heikiti Arakaki.

[4] Tal endereço não consta na Lista de Japoneses Residentes em Santos (Anexo1 e 2), mas sim o número cem, saltando em seguida para o número cento e quinze. Neste número cem, consta a sigla E.J (Escola Japonesa?) entre parênteses, e nesse endereço morava o senhor Yoshishigue Miyashiro.

Imagem 41: **Escola Primaria da Associação de Jovens de Santos: alunos e professores (1938)**.
FONTE: Acervo de. Fumiu Tamashiro.

Imagem 42: **Escola Primaria da Associação de Jovens de Santos (1940)**.
FONTE: Acervo da família Shimabukuro.

Assim como nas demais escolas japonesas da região, a Escola Primária da Associação de Jovens de Santos, ou Escola Kazushi como aparece em alguns documentos, foi obrigada a fechar em consequência da Segunda Guerra Mundial. Porém, ao contrário da Escola Japonesa de Santos, cujo casarão ficou em posse do Exército Brasileiro, conseguiu ainda funcionar mais algum tempo após 1945.

> Ela fechou, mas aguentou ainda um bocado de anos. A escola? Eu tirei o diploma aí e ainda estava, foi em 45, por aí, não marquei a data. Ela logo acabou. Em 45, ela acabou por aí, porque os japonesinhos saíram daí e foram para lá. Desmancharam lá ou em 44 ou em 45, por aí, nós brincamos por lá. Sei que Zencó teve que sair de lá e ir para o Martins Fontes, foi por essa época! (Entrevistado AF).

Infelizmente, hoje (2011) restam apenas as ruínas das escadarias e as fundações do casarão onde funcionou a escola japonesa do bairro do Saboó escondidas no meio do mato em um terreno baldio:

Imagem 43: **Vista frontal das ruínas da Escola Primaria da Associação de Jovens de Santos (2007)**.
FONTE: Rafael da Silva e Silva

Imagem 44: **Visão lateral das ruínas da Escola Primaria da Associação de Jovens de Santos (2007)**.
FONTE: Rafael da Silva e Silva.

2.2 A Escola Japonesa de Santos

A Escola Japonesa de Santos surgiu como fruto dos esforços conjuntos da Associação Japonesa de Santos com o Governo Japonês. A partir do momento em que a Associação adquiriu o casarão da Rua Paraná, no bairro Vila Mathias, a colônia japonesa pôde contar com um escritório da Associação e com uma escola bem estruturada para o ensino da língua japonesa.

Com a fundação da Associação Japonesa de Ensino no Brasil, cabia à Escola Japonesa, subordinada a essa instituição, centralizar e coordenar o ensino da língua japonesa na região. Assim, deveria receber e distribuir o material didático e indicar professores e diretores, que, por sua vez, eram formados e enviados pelo governo japonês. Foi o caso do professor diretor Akio Yanaguisawa, formado professor de língua japonesa em 1931, vindo ao Brasil em 1933, como bolsista pago pelo Ministério Exterior do Japão, complementando sua formação de professor normalista na cidade de Jundiaí:

> Meu pai, ele veio do Japão, embarcou, ou melhor, chegou aqui no Brasil em 1935, instalou-se em São Paulo como Professor normalista, encaminhado pelo Ministério da Educação do Japão, então, ele foi diretamente até na Rua São Joaquim, na Escola Piratininga. Chamava-se Taisho Gakoo, e lá ao lado da escola tinha um pensionato onde ele ficou esse período todo e lecionava a língua japonesa e ao mesmo tempo, no ano seguinte, em trinta e quatro ou trinta e cinco se não me engano, ele foi morar lá em Jundiaí, para fazer um curso de complementação, um curso normalista, na cidade de Jundiaí. [...] Então, o meu pai, vindo para cá para a Escola Japonesa, na Rua Paraná, 129, ele então tornou-se o diretor responsável pela Escola Japonesa (Entrevistado SY).

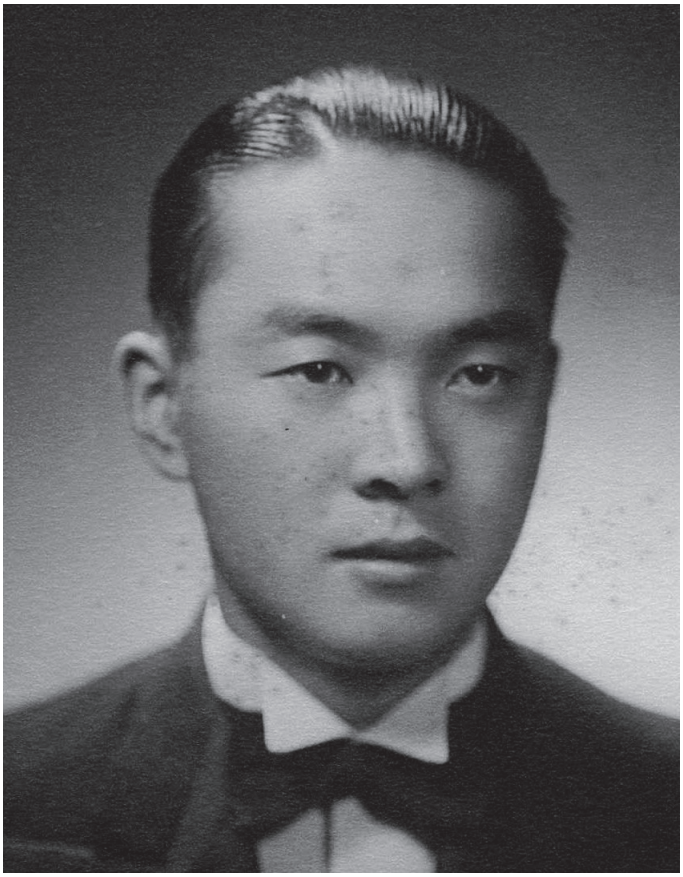


Imagem 45: **Professor Akio Yanaguisawa (1937)**.
FONTE: Acervo de Sérgio Yanaguisawa.

É provável que mesmo os professores responsáveis pelo ensino primário oficial brasileiro poderiam ser encaminhados a outras escolas nipônicas subordinadas a Escola Japonesa. Observando as Imagens 41 e 46, é possível supor que antes de atuar na Escola Primária da Associação de Jovens de Santos, uma das professoras atuou anos antes na Escola Japonesa de Santos.

Imagem 46: **Escola Japonesa de Santos em 1934**.
FONTE: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Imagem 47: **Comparação entre a Imagem 41 e a Imagem 46, apresentando semelhanças referente à professora brasileira que atuava nas escolas japonesas.**
FONTE: Rafael da Silva e Silva.

O material didático utilizado por alunos e professores para o ensino da língua também era centralizado pela Escola Japonesa que o recebia diretamente do Japão, onde era confeccionado. Nele estavam contidos uma série de elementos da educação e da cultura japonesa que eram transmitidos através do ensino da língua, como, por exemplo, as saudações japonesas e os contos infantis. Na cartilha utilizada pela Escola para o ensino da série inicial, traz entre suas lições, algumas histórias e contos típicos do Japão, merecendo destaque a lenda do *Momotaro,* um menino que chegou à Terra em um pêssego e foi criado por um casal de senhores. Após atingir a maioridade, parte para lutar contra um demônio, contando com ajuda de seus animais de estimação, um faisão, um cachorro e um macaco. Quanto à didática, como relembra a Entrevistada IU, a apostila procurava associar imagens às palavras para facilitar a compreensão de seu significado pelos alunos:

> Então, o japonês, a gente estudava tipo uma cartilha. Então, tem as primeiras palavras, por exemplo, seguida assim: “ame, a-me; ame: chuva”. Então cada folha dizia... Cachorro, cachorro como é que chama? Deus! Esqueci! São duas palavrinhas, tem a letra, sabe como é letra japonesa? Assim, é aquela coisa toda enganchada. Então, cada folha trazia uma figura do bicho ou, enfim... Uma planta, ou era um cachorro, um gato, cada folha trazia o bicho e a letra. Então era fácil de aprender, você via o bicho e já via o nome do bicho. Lendo assim, eu me lembro alguma coisa, mas falando... Sabe que falando eu não consigo, não consigo contar, mas assim vendo as letras eu consigo, consigo ver as letras e consigo, aí eu lembro o que é, mas se for conversar eu não sei, eu não sei conversar não! (risos) É uma coisa esquisita!

Imagem 48: **Apostila utilizada pela Escola Japonesa de Santos para ensinar a sua língua.**
FONTE: Acervo da Sra. Isaltina Uehara.

Imagem 49: **Atividades da apostila baseada nos gestos da cultura japonesa.**
FONTE: Acervo de Sra. Isaltina Uehara.

Imagem 50: **A lenda do Momotaro na apostila.**
FONTE: Acervo de Sra. Isaltina Uehara.

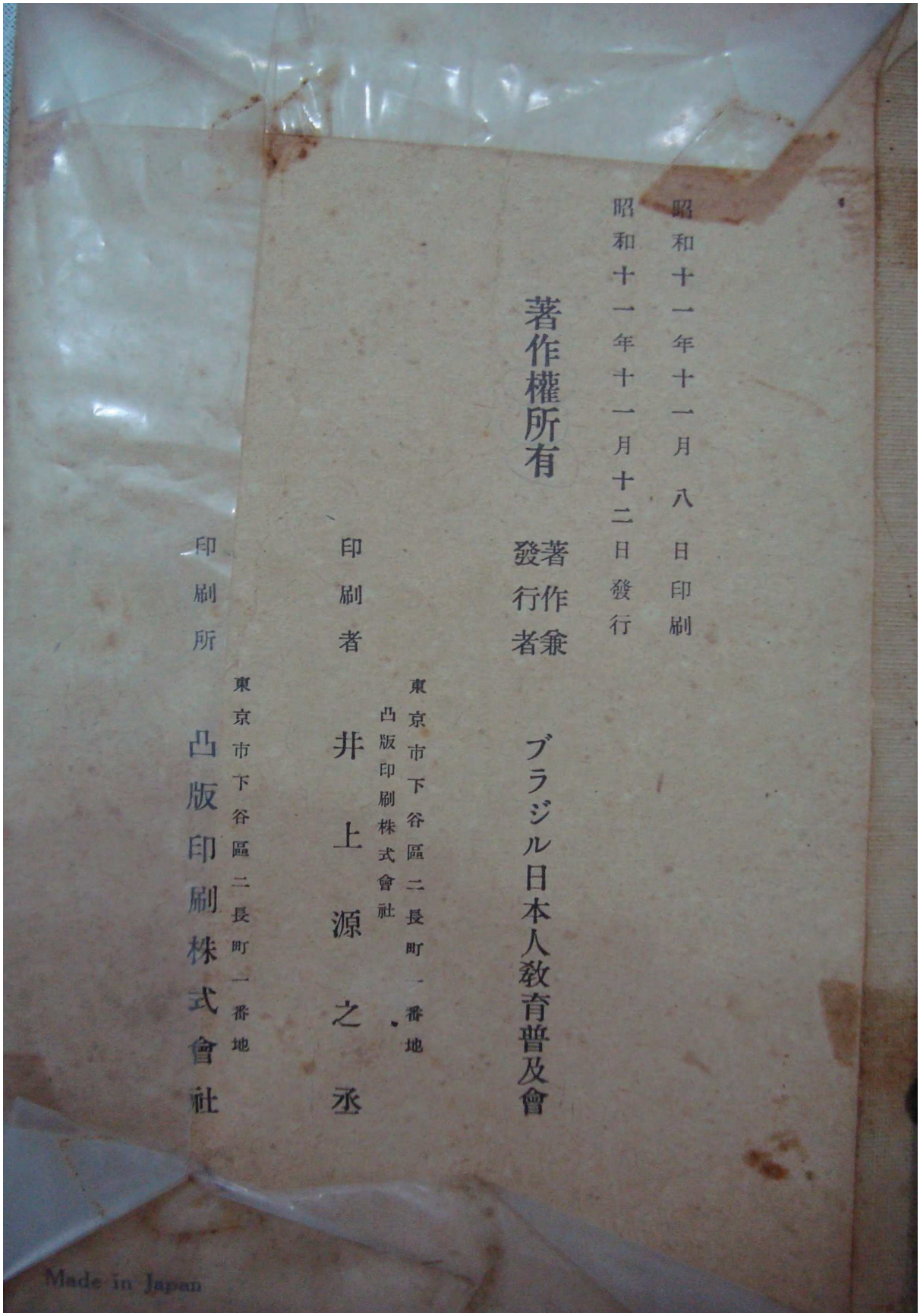


Imagem 51: **Contracapa da apostila onde consta a produção de origem japonesa.**
FONTE: Acervo de Sra. Isaltina Uehara.

Muitas escolas japonesas, a partir da década de 1930, procuraram se integrar ao sistema público de ensino, adotando a característica mista de escola pública/particular (DEMARTINI, 2000. p. 49). Dessa forma as escolas acabavam incorporando currículo elaborado para o ensino público no ensino da língua portuguesa. Assim, a Escola Japonesa de Santos chegou a manter, com pelo menos quatro salas, o curso de Ensino Primário com Primeira e Segunda séries, e o curso de japonês por mais tempo. A Entrevistada TS afirmou, em sua entrevista, que cursou os dois anos de "ensino português" na Escola Japonesa e depois mudou-se para o Grupo Escolar "Cesário Bastos", continuando o estudo da língua japonesa na Escola, em períodos distintos:

> Nasci aqui na Ponta da Praia e estudei no Grupo Escolar Cesário Bastos e estudei nessa Escola Japonesa que hoje é Associação Japonesa, depois eu fui para o Liceu São Paulo, fiz dois anos de Curso Ginasial, hoje em dia se diz Ensino Médio, não é? Onde foi que estourou a guerra e meus pais tiveram que sair da cidade, ficamos na cidade do interior seis ou sete anos!

Sabe-se que pelo menos três professoras de português atuaram na Escola Japonesa. Após a saída da professora que provavelmente tenha sido encaminhada para a Escola Primária da Associação de Jovens de Santo, atuou na escola a professora Ana Palmeira Martins Malta, conhecida como Dona´na. Com o crescimento das turmas, sua irmã, Eulina Palmeira Martins Simon, conhecida como dona Maninha, também passou a integrar o quadro docente. O Curso Primário permitia à escola funcionar como uma instituição de educação particular, incorporando o currículo da educação pública e permitia que alunos sem ascendência japonesa também pudessem frequentar a Escola. Há, pelo menos, dois ex-alunos que chegaram a estudar na Escola antes que ela fosse fechada pelo

governo. Ingressaram na escola pela proximidade que mantinham com as professoras de português. A Entrevistada DS afirmou:

> Foi muito pouco tempo, eu estava no colégio Jardim da Infância na parte da manhã e a Da. Maninha me convidou para que eu fosse assistir às aulas do colégio japonês na parte da tarde, porque era um horário em que eu ficava sem fazer nada ou fazendo travessuras em casa, e a Da. Maninha como era professora do colégio então me convidou e minha mãe achou ótimo que eu fosse participar do colégio.

Imagem 52: **Turma de alunos da professora Ana Palmeira Martins Malta (década de 30)**.
FONTE: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Quanto ao Entrevistado FS:

> Olha! Eu, sou filho da Da. Maninha, que era professora lá. Talvez pela razão me levou para estudar durante... Depois que eu já tinha feito o Jardim da Infância no Colégio Progresso Brasileiro, eu fui para a Escola Japonesa, mas também passei lá praticamente pouco tempo! Um ano? Talvez! E voltei outra vez para o Progresso Brasileiro, e minha mãe, além de nos ter ensinado em casa, também nos fez passar... Deu lições para mim e meus coleguinhas de colégio, de escola japonesa então fui mais ou menos bem, tanto que

> minhas notas nunca passaram de 80 (oitenta) dificilmente eu chegava ao máximo e, mas também tive relacionamento mais, com eles, também foi muito pouco vamos dizer pelo tempo decorrido, é eu não tenho grandes lembranças daquele tempo. Me lembro perfeitamente da família Minamitami da Tereza que era Eurico e o irmão dela Mário eu conheci posteriormente com "tintureiro" e a família Arakaki e Moriguchi "san" que eu acho que é o que o pai desse Ignácio também, eu era ligado com eles por esse fato de estar na Escola Japonesa, assim como o Yanaguisawa "sensei" que era muito ligado a minha mãe e a minha tia, Don´Ana, que era irmã dela, também era professora da escola Japonesa.

O Entrevistado FS afirmou que sua tia possui muita afinidade com o professor diretor Yanaguisawa. Curiosamente, a professora brasileira aprendeu a se comunicar em japonês, em uma época em que essa língua estava basicamente restrita à colônia:

> Eram professoras do curso primário, justamente por causa desse contato diário que minha mãe tinha, é, ela aprendeu bastante coisa de japonês, muitas frases, falava bastante bem, japonês, inclusive era uma surpresa para muita gente, principalmente feirante, quando ela chegava na feira e falava japonês, para eles era um espetáculo dificílimo de entender como é que uma pessoa, uma brasileira falava japonês, e principalmente naquele tempo, que era pouco tempo de contato com a colônia japonesa.

Contudo, os alunos brasileiros não estudavam a língua japonesa, participavam somente das aulas do curso primário, onde também aprendiam História, Geografia etc.

> Bom, eu me lembro que era o que se chamava antigamente de Curso Primário, então, tinha aula de Português. Constava de ditado, correção de textos, Aritmética, contas que se fazia e alguma coisa de Geografia e História. […] (e tinha aula de japonês?) Não. Para nós não. Tinha aula de japonês para os descendentes de japonês, para os Nisseis (Entrevistado FS).

Imagem 53: **Alunos e professores da Escola Japonesa de Santos (início da década de 40).**
FONTE: Acervo de Sérgio Yanaguisawa.

As professoras de português, como trabalhavam com ensino primário, eram responsáveis pela História e Geografia, integrada a essas disciplinas, a prática cívico-educativa (SOUZA, 2008. p. 28, 29). Assim, cabia às professoras brasileiras o ensino dos símbolos nacionais, como por exemplo, o significado da bandeira e os ensaios para cantar o Hino Nacional Brasileiro.

O espaço da escola também era utilizado para a recreação de crianças menores, que ainda não atingiram a idade escolar. Nessa condição a Entrevistada DS relata:

> Eu sei no colégio eu fazia mais desenho. Eu tava no Jardim da Infância, então eu fui para lá, mas para não ficar aprontando na rua. Então a Dona Maninha me dava muito giz e eu fica fazendo na lousa algum desenho, fazendo desenho no caderno, ficava colorindo às vezes, letras que ela escrevia, como antigamente ensinava, sabe? Alfabetizando as coisas de primeiro ano, porque eu tava no Jardim, nessa época e ele [Entrevistado FS] já era mais velhinho do que eu, por isso, que ele já estava mais adiantado. Aprendeu a fazer contas e tudo. Agora, eu já fui mais lá para continuar brincando, mas, só para preencher o tempo, para não ficar na rua, brincando. Era um grupo muito grande. Eu me lembro que tinha muita gente no Colégio Japonês, muitos japoneses. […] acho que uns 60, 70 pessoas. Muita gente.

Os números que a Entrevistada DS faz referência podem ser constado talvez na imagem 54, mais emblemática que se conhece a respeito da Escola Japonesa de Santos, onde há crianças e adultos na frente do edifício. Também é possível perceber que na época, pois hoje é quase imperceptível, havia na fachada do casarão o símbolo do Japão, ou seja, o Sol, em alto relevo na parte superior.

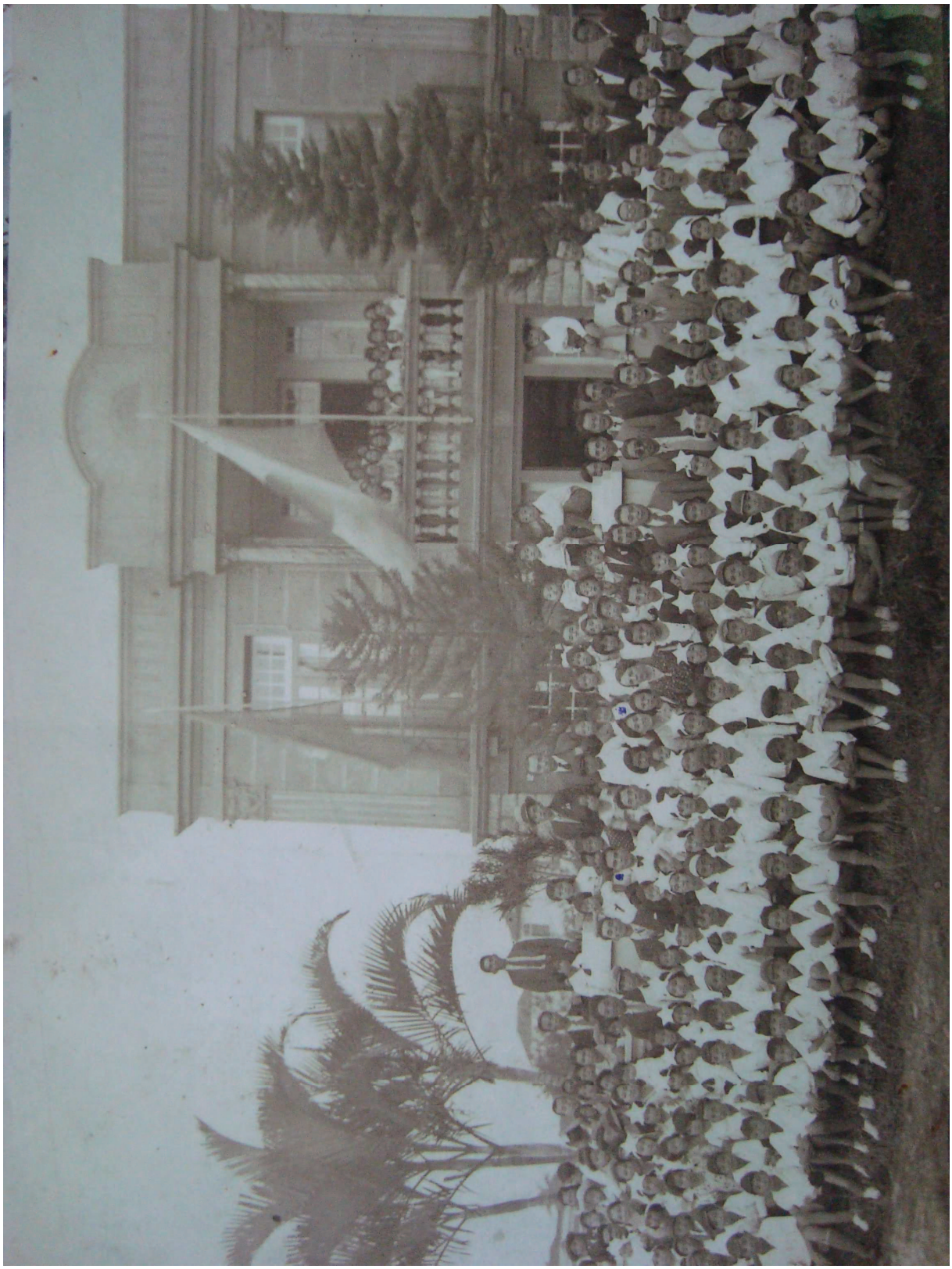


Imagem 54: **Escola Japonesa de Santos.**
FONTE: Acervo de Isaltina Uehara.

Em toda a documentação encontrada, o caderno do Entrevistado FS é o único documento escrito referente ao que era ensinado nas aulas da professora brasileira. Na verdade, boa parte do caderno é referente ao período em que o Entrevistado permaneceu no Collegio Progresso Brasileiro no ano de 1938, onde sua mãe trabalhava, sendo que apenas as quatro últimas páginas dizem respeito à Escola Japonesa de Santos, já no ano seguinte em 1939, que coincide justamente com o tempo em que sua mãe foi trabalhar na Escola. A primeira página dessas lições diz respeito a um exercício de língua portuguesa onde o aluno deveria praticar sentenças. A segunda página contém alguns exercícios de matemática e na terceira, produção de textos. Na última há um questionário abrangendo outras disciplinas: a primeira e a segunda perguntas indagam sobre conhecimentos geográficos, a terceira e a quarta sobre o corpo humano. É interessante notar, na primeira e na terceira páginas, onde o aluno realiza atividades de Português, os elementos comuns a cultura brasileira, com animais e personagens típicos do Brasil, contrastando nitidamente com os elementos presentes no ensino da língua japonesa.

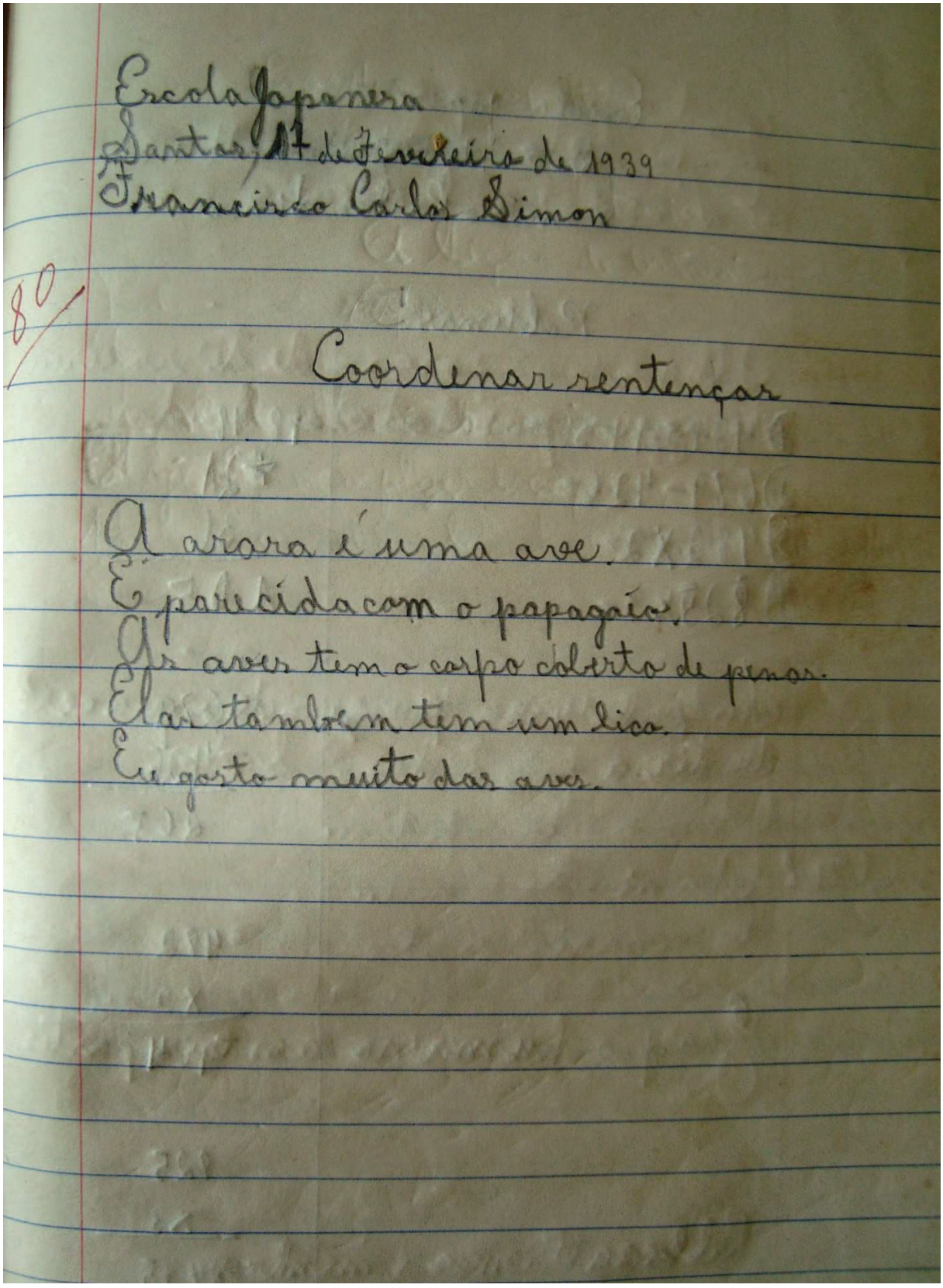


Imagem 55**: Atividade de língua portuguesa da Escola Japonesa de Santos do ex-aluno Francisco Carlos Simon**.
FONTE: Acervo de Francisco Carlos Simon.

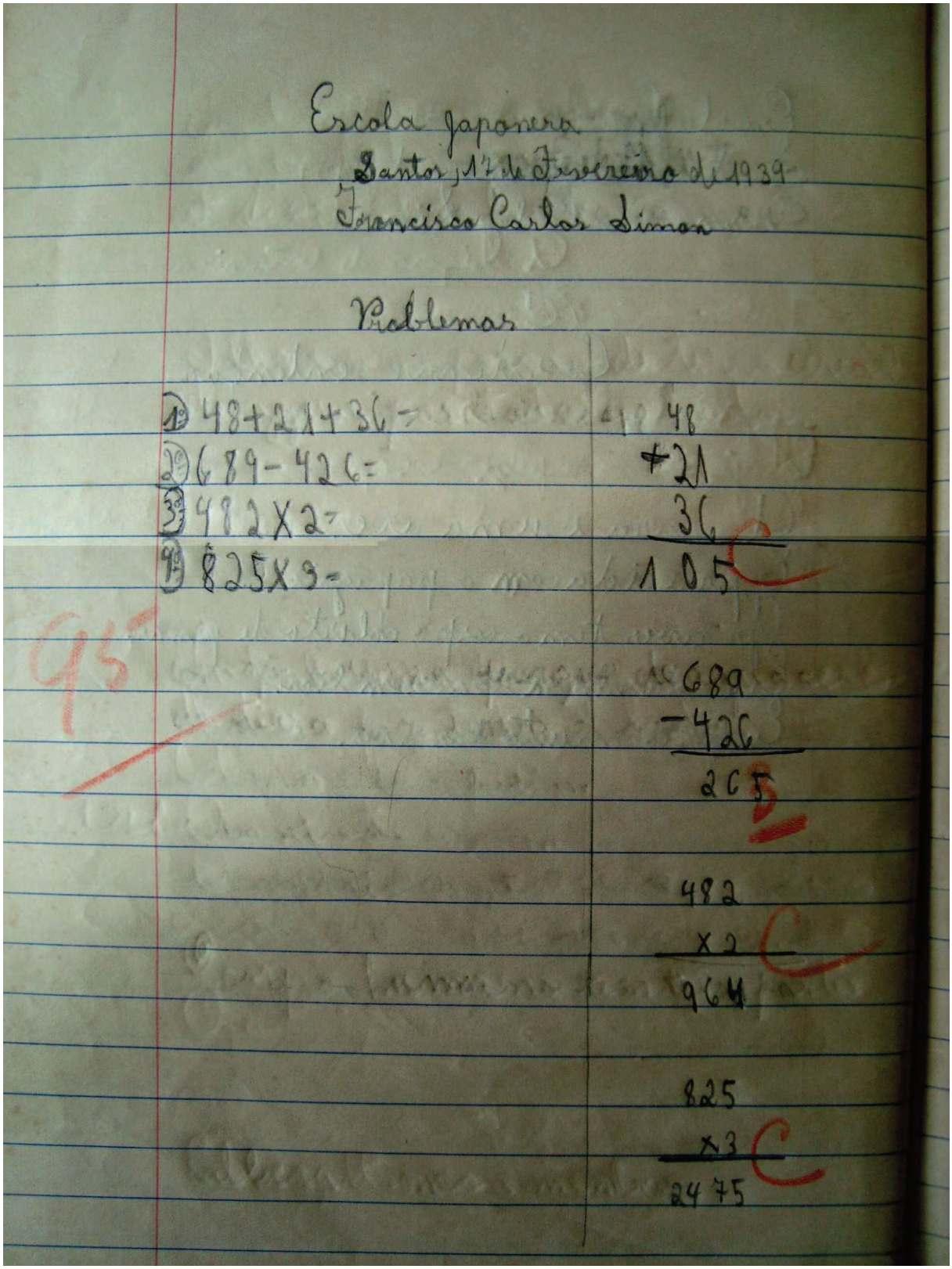
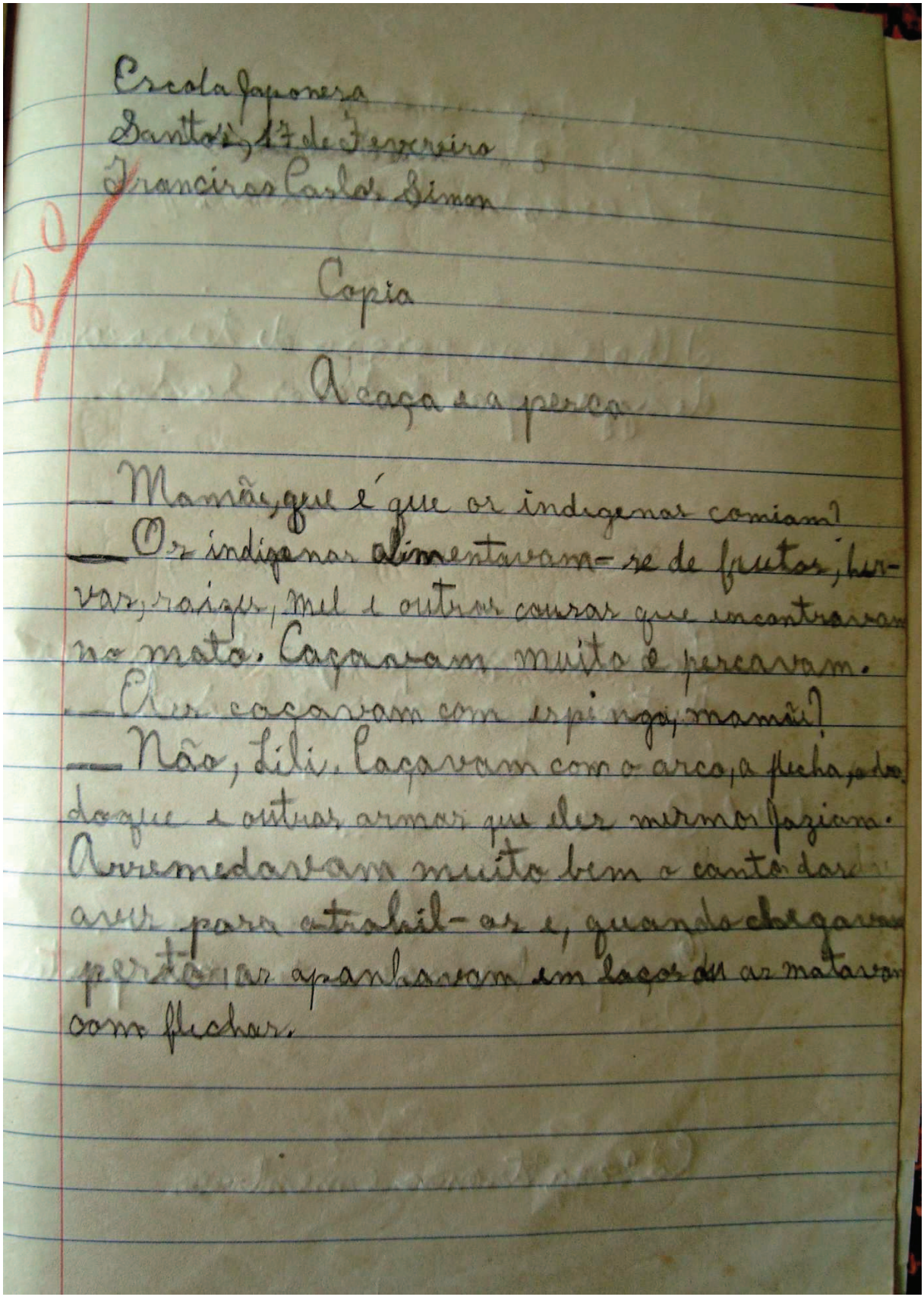


Imagem 56: **Atividades de Aritmética.**
FONTE: Acervo de Francisco Carlos Simon.



Escola Japonesa
Santos, 17 de Fevereiro
Francisco Carlos Simon

Cópia

A caça e a pesca

— Mamãe, que é que os indígenas comiam?
— Os indígenas alimentavam-se de frutas, hortaliças, raízes, mel e outras coisas que encontravam no mato. Caçavam muito e pescavam.
— Eles caçavam com espingarda, mamãe?
— Não, Lili. Caçavam com o arco, a flecha, o dardo e outras armas que eles mesmos faziam. Arremedavam muito bem o canto das aves para atraí-las e, quando chegavam perto, as apanhavam em laços ou as matavam com flechas.

Imagem 57: **Atividade de redação.**
FONTE: Acervo de Francisco Carlos Simon.

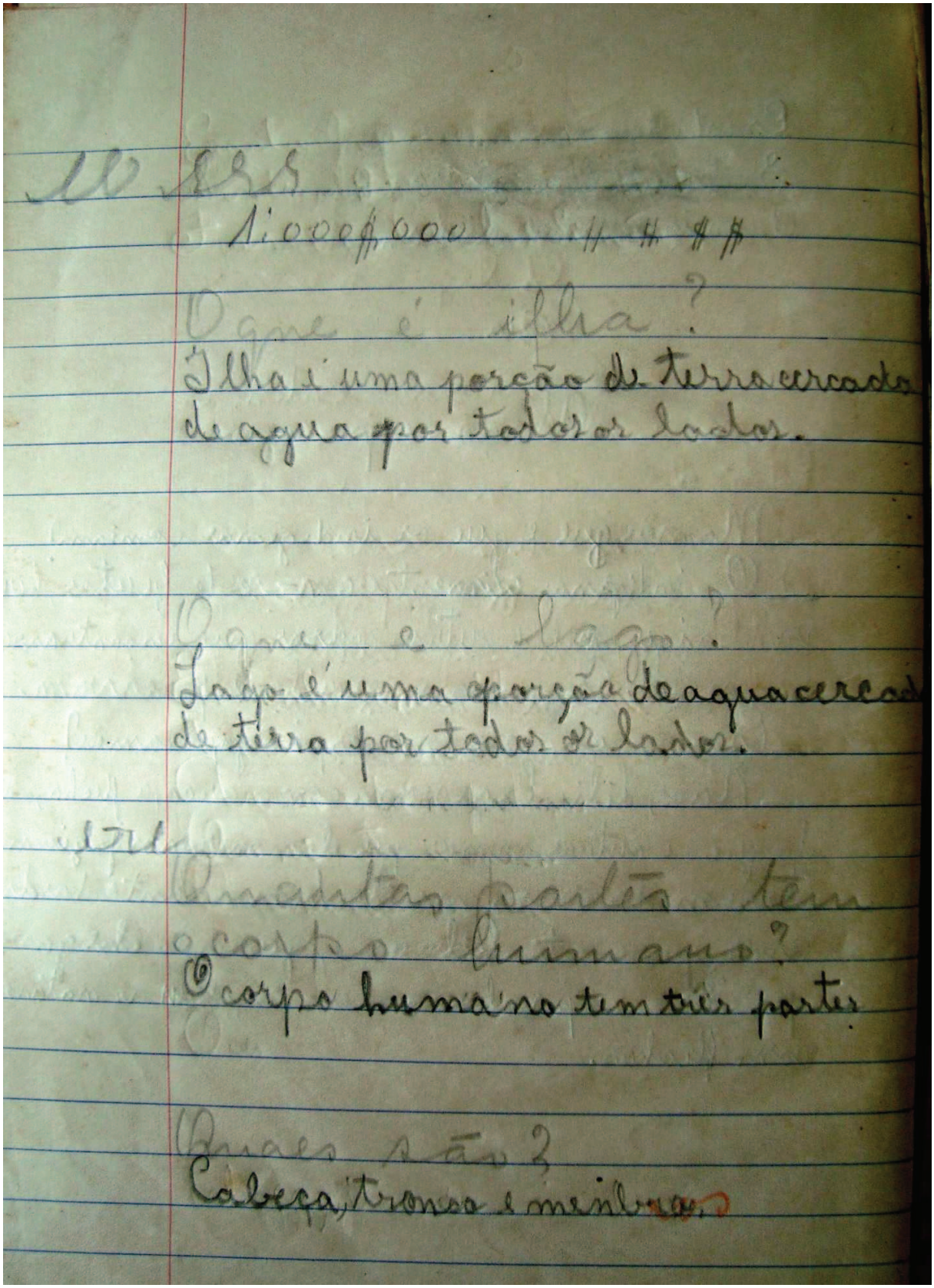


Imagem 58: **Exercícios.**
FONTE: Acervo de Francisco Carlos Simon.

De acordo com a autora Ruth Corrêa Leite Cardoso, as crianças japonesas ou filhas de japoneses poderiam viver dois mundos culturais completamente diferentes: um representado pela família e a escola japonesa, e outro pela escola brasileira (1973, p. 221-222). A resistência da Entrevistada TS em aprender a língua japonesa, apesar dos esforços de seu pai, representa parte desse antagonismo cultural:

> Meu Deus, meu pai, porque que eu tenho que estudar japonês, por isso, não vou nunca para a terra, por quê? Meu pai chega: 'você diz isso hoje, quando você crescer, quando casar, você tiver a felicidade de ir para o Japão, você vai saber falar a língua, você vai me agradecer'. Eu nunca vou pro Japão, sabe por quê? Meu Deus do céu, cabeça de criança. Aí eu tive a felicidade de ir, quando eu fui, eu fui numa época de carnaval daqui. Cheguei lá, aquele inverno, embaixo de neve, os parentes, minha mãe falava assim: 'é, você tem bastante irmão, mas a única que diz, fala japonês, alguma coisa, é você' [...] quando eu voltei, eu fui levar um presente para meu pai, nunca me esqueço, sabe o que ele me falou? 'você não tem uma coisa para me falar?'. Pensei: 'ah, muito obrigado, muito obrigado por você ter me mandado estudar japonês'.

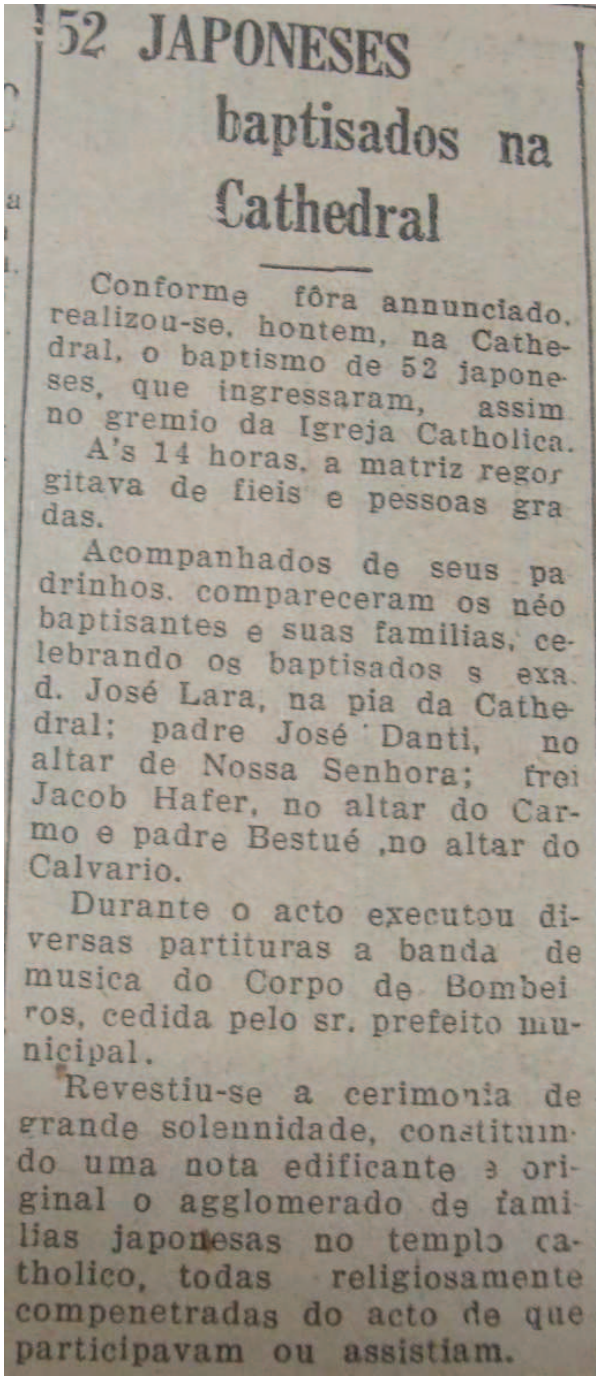
Assim também observou Tomoo Handa, afirmando que o imigrante japonês esteve durante a década de trinta entre duas ideologias diferentes: o nacionalismo brasileiro típico da Era Vargas e a exaltação das características da cultura japonesa (1987. p. 297). Seja como for, a análise do material didático e dos cadernos de exercícios dos alunos pode revelar características interessantes a respeito da cultura produzida no interior das instituições escolares (VIDAL, 2009. p. 106). Assim, comparando a cartilha de ensino de língua japonesa com o caderno de lições do aluno Francisco Carlos Simons, percebe-se, no primeiro caso, elementos típicos da cultura japonesa, até mesmo pela origem do material e o contexto em que foi produzido, contraditório ao conteúdo e os temas das atividades realizadas na aula de português, onde o aluno desenvolve uma redação com elementos da cultura e a fauna brasileira, no caso o índio e a arara. Não é possível determinar até que ponto

esse antagonismo cultural estava presente no ambiente cultural da escola e se aproxima da visão de Tomoo Handa, mas é certo que as diferenças culturais estavam presentes e faziam parte do cotidiano da escola.

Nesse sentido, as professoras brasileiras eram as principais responsáveis pela disseminação da cultura brasileiras aos pequenos japoneses e descendentes no ambiente escolar nipo-brasileiro. A Entrevistada YY relembra que a professora brasileira foi responsável pelo seu batismo na Igreja Católica e também pelo novo nome ocidental que a criança receberia:

> A gente tinha uma professora que era de Português que levava nós para a Igreja e lá ela me batizou. Quando fui lá ela, o pessoal ajudou e tudo, sentou na cadeira, chegou perto de onde que o padre conversa, aí ela veio perto de mim e disse assim: “Olha, eu vou batizar você, vou batizar com meu nome”. Aí eu fiquei contente, com alegria, né? Falei: “muito obrigada”. Aí batizou meu nome como Luíza, o nome da professora, aí eu fiquei contente, não é?

Esse tipo de batismo era um importante instrumento para a inserção dos brasileiros descendentes de japoneses e também dos recém-chegados ao Brasil. Era nesse momento, muita das vezes, que passavam a utilizar um nome de origem ocidental, quando não, os pais, conformados com o destino Brasil, optavam já pelo nome ocidental no momento do nascimento. No dia 10 de dezembro de 1928, o jornal “A Tribuna” anunciou o batismo de cinqüenta e dois japoneses na Catedral de Santos com a presença de padrinhos e familiares.



52 JAPONESES
baptisados na
Cathedral

Conforme fôra annunciado, realizou-se, hontem, na Cathedral, o baptismo de 52 japoneses, que ingressaram, assim no gremio da Igreja Catholica.

A's 14 horas, a matriz regorgitava de fieis e pessoas gradas.

Acompanhados de seus padrinhos, compareceram os néo baptisantes e suas familias, celebrando os baptisados s exa. d. José Lara, na pia da Cathedral; padre José Danti, no altar de Nossa Senhora; frei Jacob Hafer, no altar do Carmo e padre Bestué ,no altar do Calvario.

Durante o acto executou diversas partituras a banda de musica do Corpo de Bombeiros, cedida pelo sr. prefeito municipal.

Revestiu-se a cerimonia de grande solennidade, constituindo uma nota edificante e original o agglomerado de familias japonesas no templo catholico, todas religiosamente compenetradas do acto de que participavam ou assistiam.

Imagem 59: **52 japoneses batizados na catedral. A Tribuna**. Santos: 10 dez. 1928. p. 7.

Diferentemente do ensino brasileiro, onde havia a divisão por disciplina, o ensino da língua japonesa já estava integrado a outros estudos, como a cultura, a geografia e a história do Japão, além do ensino cívico-patriótico. A Entrevistada TS relembra essa diferença:

> Eles davam aulas de japonês e aula de japonês não tinha aquela coisa de História, não tinha! Era tudo uma coisa só, sabe? [...] Eu sei que era língua japonesa, mas não tinha nada de História, não tinha como no português, História, Geografia, Matemática! Então, lá [na aula de japonês] não era assim, era uma coisa geral, uma coisa geral tudo, sabe? O professor dava tudo! (Entrevistada TS).

Referente ao ensino primário de japonês a Entrevistada IU:

> Justamente porque começou, pelo menos no primeiro ano, a gente só estava aprendendo as primeiras letras, depois que acabasse aquele primeiro livro que ia passar para o segundo livro que aí tinha o hiragana, que é mais, um pouquinho mais difícil, que o normal, que se escreve. Então o katakana tem a letra bem fácil sabe, para escrever letras, palavras com nome português, palavra português, se escreve com katakana, sabe. Agora quando vai escrever coisa mesmo japonesa, o hiragana que se escreve. Mas quando você quer escrever as palavras estrangeiras usa o katakana[5]. Então eu só tinha terminado esse livro, acho que daí eu já ia começar o segundo livro, daí parei também, por isso que eu não tenho nada assim, era muito pouco, só me lembro assim da professora, que ela era muito boazinha, que era Morigushi Sensei[6].

Quanto ao esporte e às aulas de Ginástica, eram realizados na quadra da escola, localizada entre o casarão da Rua Paraná e o Pensionato. Lá eram praticados, além do *baseball,* ginástica propriamente dita e outras modalidades esportivas. Assim relembra a Entrevistada TS:

> Existia era educação física, que nós chamávamos só de ginástica. [...] Aquela corrida que entrega o bastão assim, como é? É no atletismo, não, aquele que corre não sei quantos metros e o outro

[5] Existem três grafias diferentes na escrita japonesa: o *katakana* é utilizado para formar principalmente palavras de origem estrangeira; o *hiragana* utilizado para formar palavras japonesas e representar os sons da fala; o *kanji* é formado por um longo conjunto de ideogramas de origem chinesa sendo que cada um deles tem um significado específico de palavras ou até mesmo frases e idéias.

[6] S*ensei* significa professor(a), por isso é comum adicionar a palavra ao nome daqueles desempenham tal função.

> entrega o bastão. Fazia muito aquilo, principalmente aquilo. Corrida, assim. Aquela coisa de barra e aquele jogo que chamava tipo de beisebol, mas ou menos assim, sabe? Na época, nós chamávamos de barrabol, barrabol! Formávamos duas equipes, é, duas equipes e jogava contra. Tínhamos aula de *ping-pong*, hoje em dia fala tênis de mesa, naquela época *ping-pong*. Eu era boa nisso, que eu me lembro, como eu gostava de jogar isso, tênis de mesa, que fala hoje. Eu jogava pra caramba! Desculpe a expressão, mas eu jogava pra caramba! Ah! Mas era tão bom, mas era um tempo tão bom que a gente ia para a escola e nós íamos para a escola, mas nós tínhamos tudo isso. Coisa que hoje em dia, no Grupo Escolar, não existe, né, não existe mais.

Havia também o dia em que eram expostos os trabalhos de artes realizados durante o ano letivo. A professora selecionava o melhor desenho de cada aluno produzido durante o ano para a exposição, dia em que a escola estava aberta para a comunidade apreciar os trabalhos dos alunos. Interessantemente, é possível perceber ao fundo da Imagem 32 os desenhos expostos no mural.

> E depois tinha mais uma coisa que eu esqueci de comentar: aula de desenho. Então durante o ano, o desenho que nós fazíamos não era desfeito, a professor destacava do caderno, naquele tempo a professora era a mãe do Ignácio, ela destacava do caderno e deixava de cada um, cada aula que fez o desenho tal, entende? Aí ela escolhia os melhores que o aluno fez, quer dizer que era todo aluno que participava, não era só um. Ela pegava, por exemplo, o seu, você desenha durante o ano todo, então ela pegava o melhor desenho seu durante o ano, o meu durante, o dele durante o ano; um, pegava um e punha na parede e fazia o dia da exposição de desenhos. Não é interessante? Isso eu me esqueci de falar. Tinha o dia da exposição dos desenhos que os alunos fizeram, os melhores desenhos, naturalmente, expunha tudo na parede, como faz esse negócio... Galeria e põe quadro, mesma coisa, só que não põe quadro, é um desenho, colocava e tinha o nome do aluno que seria desenho de fulano de tal, professora tal, não tem assim? Tinha um dia para fazer a visitação, disso eu me lembro também (Entrevistada TS).

Imagem 60: **Turma de formandos de 1936, onde se encontram as professoras Ana Palmeira Martins e Morigushi Sensei. Em pé, a segunda aluna da esquerda para a direita é Yoneco Yamashiro (1936).**
FONTE: Acervo de Yoneco Yamashiro.

Assim como nos grupos escolares, as classes eram divididas por séries, pelo menos no que diz respeito às aulas das professoras brasileiras, e cada sala possuía uma divisão interna por fileiras, baseada no desempenho de cada aluno:

> Essa turma de agora não fazem fila? Eu, naquela época, nós fazíamos fila e existia, por exemplo, a sessão: sessão A, sessão B e sessão C naquela época. Assim, a fraca, a média e a forte, existia-se essa separação na classe, A, B e C. A fraca, B média, C forte. Então, tanto é que na classe, A com A, B com B e C com C, em fileira, entende? Então, as classes também eram assim praticamente, se começava com A, depois o B e C, era assim. Eu, graças a Deus, sempre fui do C, sem mentira, sem mentira! Um de meus primos sempre foi do B, até meu tio, pai dele que no começo vinha nos buscar, lá na Associação, que era a Escola Japonesa, vinha nos buscar porque na volta nos morávamos naquela época na Senador Feijó, na altura onde hoje existe, hoje não é mais, o Bombeiro, onde existia o Bombeiro, lembra? Então, ali de fronte mais ou menos, nós morávamos, meu tio vinha nos buscar. Um dia ele perguntou para a professora por que que o filho dele estava numa fileira e eu na outra, aí foi que a Don'Ana, isso na classe da Don'Ana, ai a Don'Ana falou: "não, é porque os fracos, os mais ou menos e o C que é os fortes, seu filho é médio então ele ta no B, sua sobrinha está no C porque...". Mas não era mentira, eu sempre tava C, sempre tava no C. Então foi que ela falou, nós tínhamos o A, o B e o C. Naquele época era assim, até os grupos funcionavam assim também, A, B e C, na minha época, A B e C. Até no Cesário Bastos também era assim: A, B e C. Mas era interessante, porque eu acho tão bonito, até hoje quando eu me lembro, até no Cesário Bastos, que é um grupo grande, não sei se agora ainda é aquele número de alunos, sabe? Mas naquela época era bastante aluno, éramos bastante alunos!

Como nas demais escolas japonesas, os alunos eram obrigados a formar filas e a cantar os hinos do Brasil e do Japão. Na manhã era cantado o hino japonês e a tarde o brasileiro. Após isso, os alunos poderiam se sentar nas carteiras depois de deixarem o material do lado de fora da sala e cumprimentarem o professor:

> Nos entravamos às onze, saia às três, é às três e quinze mais ou menos e ficava até as seis. Muita classe! Ali sempre teve bastante... Não é, não tem? Eu me lembro que para entrarmos, nós entravamos só com o caderno, o material. As malas ficavam todas

> penduradas nos corredores, cada classe tinha os seus cabides, cabides de duas, três, até quatro fileiras. Púnhamos a mala, se tinha guarda-chuva púnhamos o guarda-chuva. Ninguém mexia na mala de ninguém, juro! Hoje não faz isso. O aluno poderia sair para o banheiro com licença da professora, mas ninguém passava por ali para mexer numa mala sequer, juro! Era tudo organizado, tudo tudo. De modo que para a gente entrar na sala de aula tinha que tirar tudo. E não se podia, se desse fome, não se podia comer escondido embaixo da carteira, comer escondido um lanche, que nada! Isso daí era um absurdo, era uma falta de educação, não podia. Se for no dia de hoje vê só, aluno ta atendendo celular, não sei o que, não é! De jeito maneira! Era rígido mesmo, era mesmo! Da língua portuguesa, no Cesário Bastos também era, me lembro muito bem, muito, muito bem. Ai de quem conversasse na classe! Então, como a gente acabou de falar, apanhava da professora, eu tive uma professora no grupo, lá do Cesário Bastos, não me lembro o sobrenome dela, era Rita ou Maria Rita, não me lembro, era baixinha assim, brava! Você sabe que ela batia com a régua, sabe aquela régua, não sei e ainda existe aquela régua comprida, bem comprida, sabe? [...] Antes de entrar cantava o hino japonês, cantava o Hino Japonês, depois cada um ia para a sua classe e estudava de uma forma geral. Como que diz assim... As provas: eram provas semanais. Tinha, como que diz assim, antes de sentar na carteira, era como um soldado que faz, como é? Continência! Mas antes de sentarmos na carteira, que era cadeiras que fala carteira, existia-se a posição de sentar, internamente. Diferente! Não era só chegar e sentar assim, saia da fila, tudo em posição direito para depois, só na hora que o *sensei*, *sensei* se chama professor, na hora que o professor falasse “pode sentar” se sentava, enquanto ele mandava ficar em posição, ficávamos em posição. Tudo diferente, a maneira de japonês antigo. Hoje em talvez não faça isso, já na terra, talvez não faça mais isso. No tempo que estudei pelo menos era assim (Entrevistada TS).

Quanto ao uniforme, seguia o padrão de outras escolas japonesas, ou seja, calça para os meninos e saia comprida para as meninas, na cor azul marinho, blusa branca e um enorme laço vermelho para as meninas preso na gola. Esse uniforme era utilizado tanto na Escola Japonesa de Santos, como na escola do Saboó e em outros lugares, como por exemplo a escola de Corte e Costura de Londrina:

Imagem 61: **Escola de Corte e Costura de Londrina.**
Jiho do Brasil, São Paulo, 1 jan. 1939.

Para a Entrevistada TS, o uniforme representava as cores da bandeira do Japão:

> Então, aí que está o uniforme! Eu tinha uma foto que me soltaram do álbum e eu não sei para onde foi. O uniforme era saia azul marinho, blusa branca, tanto é que está no jornal ali só que não dá para ver a cor, a blusa branca e a fita vermelha, que branco e vermelho é a bandeira do Japão. Então, o uniforme nosso era esse! Fita vermelha, laço grande, até que bem grande! Se for agora o pessoal vai dizer “ta pagando mico”. É uma blusa branca e saia azul marinho, era o nosso uniforme.

As atividades não se limitavam somente ao ambiente escolar. Acompanhados dos professores, os alunos realizavam passeios pelo litoral, em visitas à praia, como

por exemplo, do Guarujá. Infelizmente, a Entrevistada YY, não consegue se recordar dos acontecimentos no momento em que foram registradas as fotografias (Imagens 59, 60, 61, 62, 63 e 64), onde ela mesma estava presente:

Imagem 62: **Alunos da Escola Japonesa na estação de trem de Guarujá (fim da década de 30).**
FONTE: Acervo de Yoneco Yamashiro.

Imagem 63: **Alunos no trem, no Guarujá (fim da década de 30).**
FONTE: Acervo de Yoneco Yamashiro.

Imagem 64: **Alunos próximos à estação de travessia Santos-Guarujá (fim da década de 30).**
FONTE: Acervo de Yoneco Yamashiro.

Imagem 65: **Alunos na praia do Guarujá (fim da década de 30).**
FONTE: Acervo de Yoneco Yamashiro.

Imagem 66: **Alunos jogando peteca na praia do Guarujá (fim da década de 30).**
FONTE: Acervo de Yoneco Yamashiro.

Imagem 67: **Alunos posam para fotografia sob uma arvore (fim da década de 30).**
FONTE: Acervo de Yoneco Yamashiro.

Com a organização do pensionato, a Escola Japonesa pôde abrigar alunos de outras regiõe, principalmente do litoral sul, por onde passava a linha férrea Santos-Juquiá, e professores recém chegados do Japão ou há pouco tempo na cidade de Santos, sem moradia fixa. Os alunos do pensionato ficavam na escola em tempo integral, cursando aulas de língua portuguesa e japonesa nos dois períodos ou ainda poderiam trabalhar na cidade e estudar nos grupos escolares. O Entrevistado IM, relembra que seu pai, além de secretário da Escola Japonesa e da Associação Japonesa de Santos, também era responsável pela manutenção do pensionato:

> Eu não me lembro muito bem de que época foi, mas, com a vinda de outro professor, professor Yanaquisawa, que assumiu a direção da escola, nós passamos a morar no outro prédio, que fica no fundo deste terreno, isto é, na rua oposta, na rua de trás e lá

funcionava uma espécie de internato. Os alunos provenientes das várias cidades ao longo do Litoral, que vinha estudar aqui, moravam lá com internos e estudavam. E nesta ocasião, a minha família, os meus pais, tinha a função de administrar esse internato. Então, desse período, tenho uma recordação um pouco mais detalhada, que haviam muitos estudantes que vinham, estudavam, nas férias, voltavam para casa e ao retorno às aulas, era comum trazerem alguma coisa de suas casas; presentes, coisas assim. Isso eu lembro muito bem na minha infância.

Imagem 68**: Internato Nansei Shogaku localizado na Rua Antonio Bento, 124 (V. Mathias) – Santos. Grupo de professores e alunos do internato, destacando-se o prof. Ukichi Morigushi, senhora e os filhos Inácio e Kazayoshi; Abe Sensei e os alunos Moacir Ikemori, Ciro Imakawa, Toshide Hirata, Chosi Masumoto, Esmeralda Tizuko Hirata e Tamoto Imakawa (1939 ou 1940).**
FONTE E LEGENDA: Acervo de Sérgio Yanaguisawa.

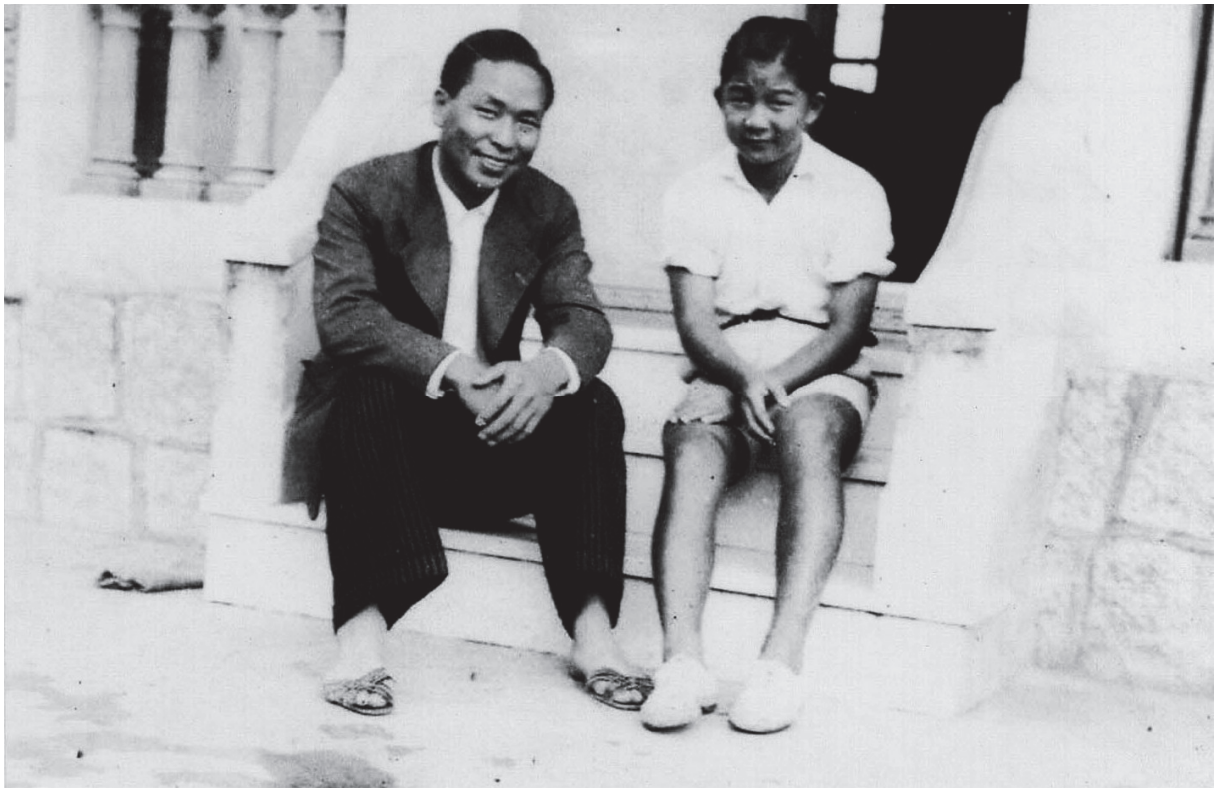


Imagem 69: **Abe Sensei e Moacir Ikemory na entrada do Internato Nansei Shogaku (1939 ou 1940).**
FONTE E LEGENDA: Acervo de Sérgio Yanaguisawa.

O internato chamava-se, como consta na legenda presente na Imagem 65, Nansei Shogaku Sha. Presente no endereço Rua Antônio Bento n° 112, logo atrás do casarão da Rua Paraná, correspondendo a um sobrado de dois andares com três quartos no piso superior e demais cômodos no piso inferior, como é possível perceber na planta abaixo obtida na Fundação Arquivo e Memória de Santos. Assim, o fato de o internato poder abrigar alunos de diferentes regiões do Litoral Sul, possibilitava, como é possível perceber na entrevista acima, a troca de experiências que ocorria no interior das relações (VIDAL, 2009. p. 106).

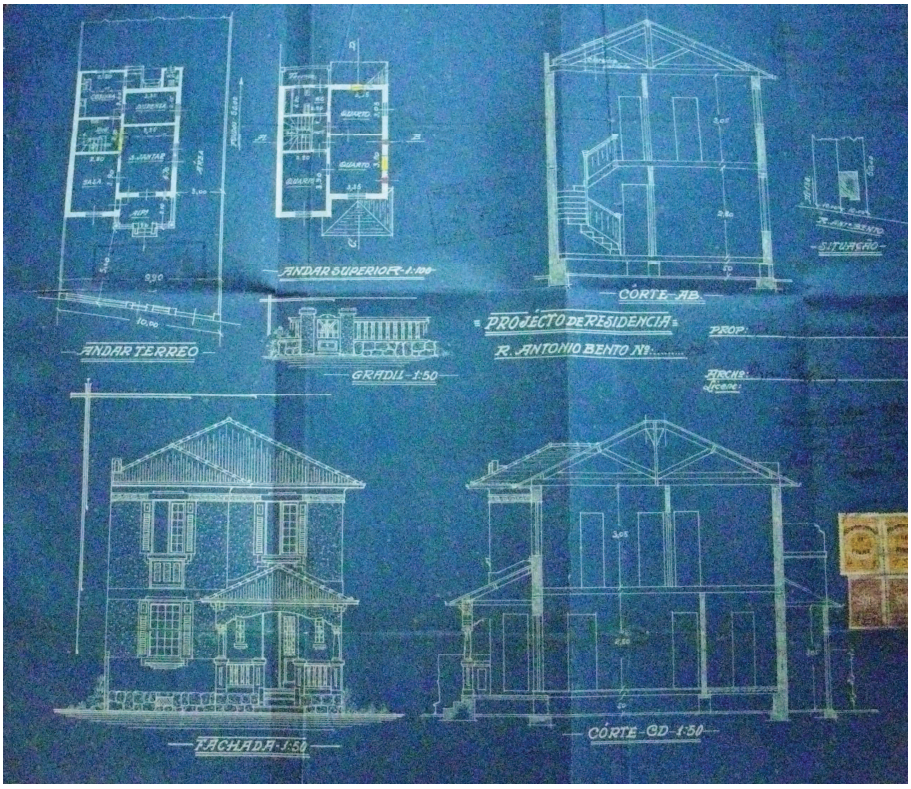


Imagem 70: **Planta do casarão onde funcionava o pensionato Nansei Shogaku Sha.**
FONTE: **Fundação Arquivo e Memória de Santos**. Processo n°4.961 – 04-maio-1947.

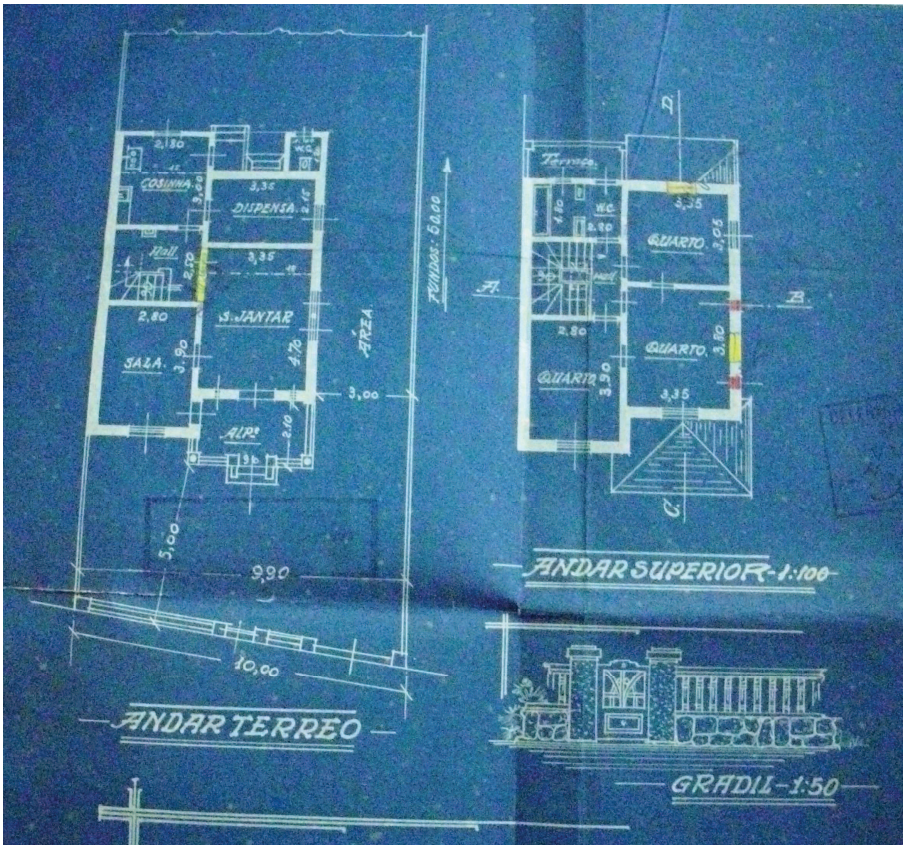


Imagem 71: **Planta do casarão onde funcionava o pensionato Nansei Shogaku Sha. Andar térreo e andar superior.**
FONTE: **Fundação Arquivo e Memória de Santos**. Processo n°4.961 – 04-maio-1947.

Imagem 72: **Morigushi Sensei com os filhos Inácio (Tadayoshi) e Kasuyoshi, Abe Sensei e Moacir Ikemori no Internato Nansei Shogaku Sha (1939 ou 1940).**
FONTE E LEGENDA: Acervo de Sérgio Yanaguisawa.

É provável que toda a parte administrativa da Escola ficasse a cargo do secretário Ukishi Morigushi, pois era responsável por assinar os requerimentos e processos referentes ao prédio. No acervo da Fundação Arquivo e Memória de Santos contem os processos n° 10522 e 13158, refere nte à pintura do prédio e o chanframento dos meios-fios do prédio da Escola Japonesa para possibilitar a entrada de veículos automotores em 1940 (Anexos 7 e 8). Em outro documento encontrado na Fundação Arquivo e Memória de Santos, o processo n° 16871, o secretário pede o cancelamento de multa por ter alterado a via pública sem a devida licença, justificando assim que esteve ausente durante o período das obras e que a mesma já estavam devidamente legalizadas (Anexo 9).

Imagem 73: **Alunos e professores da Escola Japonesa de Santos com a presença do Cônsul japonês de Santos (Início da década de 40)**.
FONTE: Acervo de Isaltina Uehara.

Imagem 74: **Alunos e professores da Escola Japonesa de Santos (1941)**.
FONTE: Acervo de Isaltina Uehara.

Apesar do bom funcionamento das escolas japonesas na região, o final da década de trinta foi marcado por uma série de dificuldades enfrentadas pelas escolas estrangeiras no país devido às fortes políticas de nacionalização do período, trazendo inevitavelmente efeitos negativos para a educação japonesa em Santos até o fechamento definitivo na década de quarenta.

CAPÍTULO 3
OS IMPACTOS DA ERA VARGAS NA EDUCAÇÃO JAPONESA EM SANTOS

O fim do século XIX foi marcado pela instituição dos valores liberais na maior parte do mundo ocidental. Apesar de muitas regiões, naquele momento, estarem vivendo sob o poder de grandes impérios formados pelo neo-colonialismo, esses mesmo estados eram grandes defensores das idéias liberais, que usavam esse argumento para impor a dominação a outras culturas julgadas inferiores ou atrasadas. Assim, a democracia, o voto, a liberdade de expressão estavam entre o discurso oficial que eliminaria o autoritarismo dos regimes monárquicos e levaria a sociedade para um estágio melhor. Contudo, o liberalismo tão presente nas mentalidades no início do século XX deu lugar, na década 1930 ao autoritarismo, que parecia se espalhar por quase todo o mundo dito civilizado e reduzindo drasticamente o número de estados que se diziam liberais. Os regimes autoritários

ganharam muitos adeptos e pareciam ser a tendência mundial para os próximos anos, tendo como grandes exemplos o Nazismo da Alemanha e o Fascismo da Itália (HOBSBAWM, 1995. p. 113-117).

O totalitarismo também esteve presente no Brasil no regime de Getúlio Vargas, conhecido como Estado Novo (1937 – 1945), contudo a idéia de construção de uma nacionalidade brasileira veio junto com a Proclamação da República no fim do século XIX. Naquele momento, era preciso dar um sentido liberal à sociedade brasileira, mesmo que esse liberalismo viesse, proclamada a República, de cima para baixo para, eliminando o resquício monárquico e tudo que pudesse lembrar o passado de dominação portuguesa no Brasil. Assim, foi necessário alimentar o espírito de nacionalidade criando novos símbolos e heróis. Também foi necessário manter no mesmo plano a idéia de pátria e cidadania (CARVALHO, 1987. p. 60-61). A idéia de construção de uma nacionalidade levou, muitas vezes, comunidades de imigrantes, principalmente japoneses e alemães, a serem questionadas por intelectuais e autoridades de inassimiláveis culturalmente. Mesmo assim, os imigrantes dessas duas nacionalidades, até nas áreas rurais mais afastadas, puderam se desenvolver no sentido amplo da palavra, mantendo muitas características culturais da terra natal, inclusive a língua, e prosperarem economicamente.

Durante a década de trinta, sob o regime do governo Vargas, a luta pela erradicação das minorias étnicas que haviam se instalado no país ganhou mais força alimentada pela idéia de constituição de uma nacionalidade. (SCHWARTZMAN, BOMENY, COSTA, 2000. p. 157–158). Para isso, o governo investiu fortemente no ensino público como forma de difundir para toda a sociedade os valores morais e cívicos pertinentes à constituição da nacionalidade brasileira. O currículo escolar foi

remodelado para se adequar às novas exigências. O estudo da língua portuguesa foi intitulado de língua-pátria e foi acrescentada a disciplina Educação Moral e Cívica. Além disso, a História e a Geografia estavam voltadas para a valorização dos heróis e dos acontecimentos pertinentes à construção da nação brasileira. Por outro lado, gradativamente o governo impôs uma série de dificuldades à educação do imigrante, intervindo no currículo, estipulando idade mínima para o ensino da língua estrangeira, indicando professores e diretores etc. (SOUZA, 2008. p. 58–68).

Com a Instituição do Estado Novo (1937), essas políticas ganharam ainda mais força. Questões como, saúde e educação, antes regionalizadas para os Estados, foram centralizadas nas mãos da União e tratadas como questões de segurança nacional (SKIDMORE, 1982. p. 56–57). A institucionalização do Estado Novo ocorreu justificando-se na eminente ameaça comunista. Assim, Vargas recebeu o apoio necessário para formar um governo totalitário semelhante a muitos outros que surgiam naquele momento, a exemplo do Nazismo e do Fascismo. Para justificar o Estado Novo, o governo elaborou uma extensa lista com nomes de personalidades que seriam atacadas por ações terroristas realizadas pelos comunistas, o chamado Plano Cohen. Contraditoriamente, o próprio governo havia declarado que a ameaça comunista fora extinta em 1935 (SEITENFUS, 1985. p. 141-143).

No Estado de São Paulo, contudo, as medidas restritivas à educação imigrante começaram antes mesmo da Instituição do Estado Novo. Uma série de discussões permeava as esferas dos intelectuais e das autoridades políticas sobre a questão da nacionalização e o isolamento em que muitos imigrantes viviam de forma inassimilável. Nesse sentido, em 1933, o Governo do Estado baixou uma lei estadual de forte impacto na educação imigrante, proibindo o ensino da língua estrangeira a crianças menores de dez anos; exigindo que os professores

estrangeiros fossem aprovados em exames para habilitação da matéria; os livros didáticos deveriam ser aprovados pelas autoridades de fiscalização antes de serem usados e a proibição de material que pudesse prejudicar a formação do espírito nacional (WAKISAKA, 1992. p. 128). Essas medidas atingiram diretamente a colônia japonesa, que se concentrava em sua maioria no Estado e possuía uma ampla rede de escolas que ensinavam a língua nipônica. Nesse ano, o número de entrada de imigrantes passou a ser controlado, limitando-se apenas a dois por cento do total de colonos presentes no país. Tal medida teve impacto significativo no número de nipônicos que entravam no país anualmente, limitando-se somente a duas mil, setecentas e onze pessoas. A partir de então, o número de entradas caiu drasticamente até ser completamente interrompido durante os anos da Segunda Guerra Mundial (SAITO, 1961. p. 37–38).

Em 1938 uma série de decretos de forte impacto na cultura e na educação imigrantes foi elaborada. O primeiro deles foi o Decreto-lei n° 383, de 18 de abril de 1938, Art. 2°, que proibia estrangeiros de exercere m ou interferirem em atividades públicas de forma direta ou indireta e também os impedia de se organizarem em:

> sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimento de caracter político, ainda que tenham por fim exclusivo a propaganda ou difusão, entre os seus compatriotas, de idéias, programas ou normas de ação de partidos políticos do país de origem [...].

O decreto permitia a organização de estrangeiros apenas para fins culturais, sem, contudo receber verba ou qualquer tipo de auxílio do governo estrangeiro. Para os japoneses, esse decreto trazia uma série de dificuldades, pois muitas escolas recebiam subsídios para manter seus professores e suas instituições diretos do

Japão. Logo em seguida, saiu o Decreto-lei 406, de 4 de maio de 1938 determinando a criação do Conselho de Imigração e Colonização em substituição do Departamento Nacional de Povoamento, a fim de intensificar a nacionalização dos estrangeiros. No dia 18 de novembro do mesmo ano, através do Decreto–lei n°868:

> Fica criada, no Ministério da Educação e Saúde, a Comissão Nacional de Ensino Primário, que se comporá de sete membros, escolhidos pelo Presidente da República, dentre pessoas notoriamente versadas em matéria de ensino primário e consagradas ao seu estudo, ao seu ensino ou a sua propagação.

De acordo com a mesma lei, entre outras atribuições, cabia à Comissão:

> Definir a ação a ser exercida pelo Governo Federal e pelos governos estaduais e municipais para o fim de nacionalizar integralmente o ensino primário de todos os núcleos de população de origem estrangeira.

Atingiu-se o ápice das medidas restritivas aos estrangeiros durante os anos da Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil rompeu definitivamente com os países do Eixo (Japão, Alemanha e Itália) em apoio aos Aliados. Até pouco antes da Guerra, o país procurou manter-se em estado de neutralidade, articulando-se diplomaticamente com ambos os lados. Até aquele momento, o governo do Estado Novo causava certa euforia nas autoridades ligadas ao fascismo e ao nazismo, devido às suas semelhanças ditatoriais (SEITENFUS, 1985. p. 76–85). Contudo, o advento do torpedeamento dos navios mercantes brasileiros com destino à América do Norte forçou o Brasil a declarar guerra contra Alemanha (CASTELO BRANCO, 1960. p. 54).

A partir desse momento, os imigrantes japoneses, alemães e italianos deixaram de representar um problema de nacionalização, para serem vistos como

caso de segurança nacional ou, até mesmo para alguns, inimigos de guerra. O envolvimento do Brasil na guerra inevitavelmente surtiu efeitos negativos diretos e indiretos para as colônias imigrantes. Como forma de indenização causados pelos estragos na guerra, o governo determinou no dia 11 de março de 1942 através do decreto-lei n° 4166 o congelamento dos bens dos imi grantes (CASTELO BRANCO, 1960. p. 55). O mesmo decreto permitiu que se nacionalizassem Instituições mantidas por imigrantes consideradas de utilidade pública. A exemplo dessa ação, o Hospital Alemão de São Paulo foi nacionalizado em 1942, passando a se chamar Hospital Oswaldo Cruz. No caso, a diretoria do estabelecimento foi substituída por outra indicada pelo governo. Os funcionários, em sua maioria de origem alemã, tentaram reagir, resistindo à nova direção:

A NACIONALIZAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS considerados de grande utilidade pública e o ex-Hospital Alemão, da capital

Campanna criminosa da irmã superiora Gertrudes Viesser, que a Superintendência da Segurança Política e Social foi obrigada a deter e processar

S. PAULO, 22 (Da sucursal) — Em virtude do plano de nacionalização de todos os estabelecimentos considerados de grande utilidade pública, pela natureza dos serviços que executam, o major Olinto França, superintendente da Segurança Política e Social, além de determinar a mudança do nome do "Hospital Alemão" para o de "Hospital Osvaldo Cruz", nomeou para substituir sua diretoria os médicos Miguel Coutinho e Auro Amorim, respectivamente, diretor e diretor clínico.

Como era de prever a nova diretoria teve de enfrentar uma série enorme de obstáculos não só porque grande parte dos funcionários do hospital era de nacionalidade alemã, como, e principalmente, porque, logo depois, a irmã superiora Gerda ou Gertrudes Viesser, não contente com a situação, iniciou uma campanha criminosa de desmoralização contra os novos diretores e assumia uma atitude de resistência passiva às ordens recebidas, procurando assim estabelecer verdadeira confusão administrativa e disciplinar, que redundasse no absoluto descrédito do estabelecimento.

Agindo com bons modos e empregando todos os meios conciliáveis de persuasão, a diretoria procurou vários entendimentos não só com os antigos diretores como com todos os funcionários de responsabilidade do hospital, inclusive a Irmã Superiora.

Aparentemente, foi estabelecida uma base de harmonia e entendimento mútuo, o que na prática falhou por completo em virtude da ação intempestiva de Gerda Viesser.

Dela dependendo toda a organização do estabelecimento, fácil lhe foi executar seu plano de desmoralização, influindo junto às enfermeiras e funcionários no sentido de que no hospital continuassem a mandar somente os alemães, pois a interferência de brasileiros viria contrariar os princípios estabelecidos pela política alemã no exterior.

EVASÃO DE RENDAS

Gerda convidada a proceder ao levantamento financeiro e administrativo do hospital reagiu solicitando prazos longos, que lhe foram negados. Constatando-se que algo de anormal se passava nesse setor, a diretoria resolveu nomear um guarda-livros para efetuar o trabalho, o qual veiu provar o completo descontrole da administração em geral, principalmente no que concerne à contabilidade e à direção, cujo divórcio era integral. Vários processos de controle foram empregados pela nova diretoria, mas nenhum deles deu o resultado desejado, pois contra tudo Gerda e seus apaniguados reagiram.

O levantamento efetuado das contas demonstrou uma grande evasão de rendas pela cozinha e outras dependências, sob os mais ardilosos métodos.

te Goddard e Edward Arnolds

ELEMENTOS ESTRANHOS MORANDO NO HOSPITAL

Havia no estabelecimento elementos estranhos alí residindo, em número de 100. Solicitadas informações a respeito, a Irmã Superiora informou que apenas um médico não pertencente ao quadro clínico era hospede. Como não fosse dada satisfações sobre a permanência legal no país dos estrangeiros que alí moravam, houve necessidade de uma diligência realizada pela Delegacia de Estrangeiros.

Por causa do uso indevido de distintivos, Gerda provocou uma onda de protestos injustificados. Diante da sua ação perniciosa, a diretoria resolveu afastá-la da direção. Mesmo assim, porém, ela continuou a reagir, penetrando nas dependências do hospital para, em alemão, e valendo-se ainda de sua ascendência, dar ordens as mais disparatadas, agravando dessa forma a disciplina e motivando discussões, protestos, pedidos de demissão, interpelações e sabotagem nos serviços diurnos.

PRISÃO DA INDISCIPLINADA

Fazendo pressão sobre as enfermeiras, Gerda forçou-as a pedir demissão coletiva, num gesto de solidariedade à sua pessoa, que havia sido intimada por fim a abandonar o hospital dentro de 48 horas. Quatro dessas enfermeiras, porém, voltaram atrás de sua decisão, continuando a exercer suas funções.

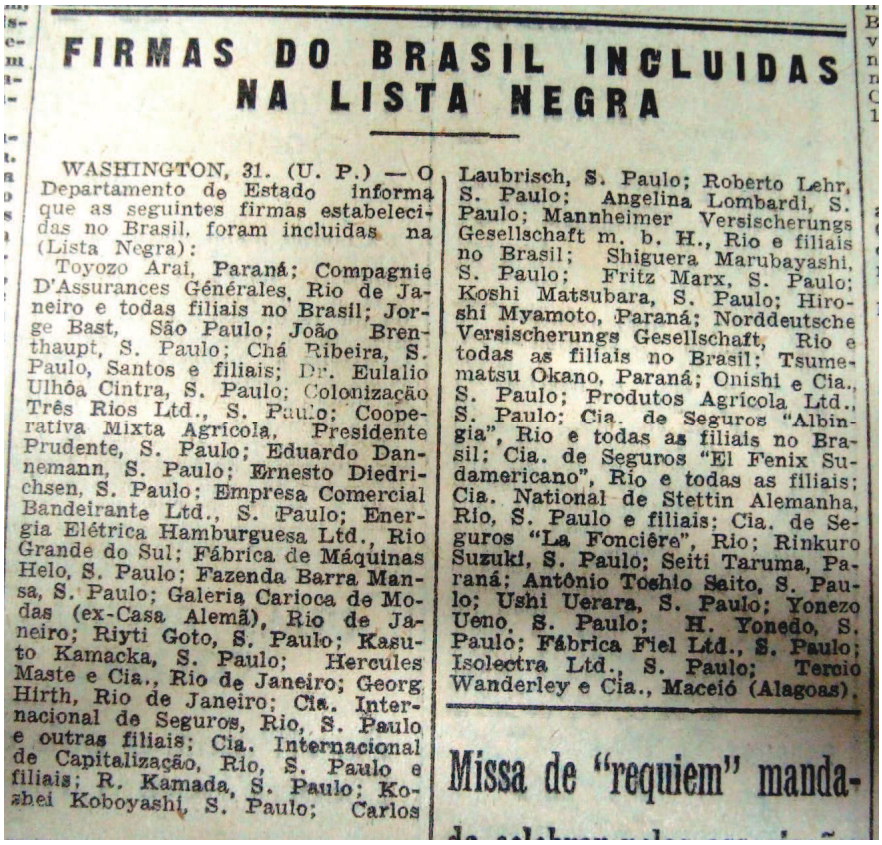
Gerda, além de Irmã Superiora, é enfermeira-chefe da Cruz Vermelha Alemã, e, segundo ficou apurado, chefiava o movimento de rebeldia, consoante os planos determinados pela política nazista.

Cientificado de tal procedimento, o major Olinto de França mandou prender a enfermeira insolente e instaurar processo a respeito.

Imagem 75: **A nacionalização dos estabelecimentos considerados de grande utilidade pública e o ex-Hospital Alemão, da Capital.**
A Tribuna. Santos: 23 jul. 1942. p. 2.

Além da nacionalização de algumas instituições, o governo também restringiu o funcionamento de muitas empresas de origem estrangeira no país, principalmente aos dos envolvidos na Guerra. Em setembro de 1942, o Jornal “A Tribuna” noticiou a

inclusão de uma série de firmas em uma espécie de “Lista Negra”, onde a maioria era de origem japonesa, algumas inclusive com sede ou filiais em Santos:



FIRMAS DO BRASIL INCLUIDAS NA LISTA NEGRA

WASHINGTON, 31. (U. P.) — O Departamento de Estado informa que as seguintes firmas estabelecidas no Brasil, foram incluidas na (Lista Negra):

Toyozo Arai, Paraná; Compagnie D'Assurances Générales, Rio de Janeiro e todas filiais no Brasil; Jorge Bast, São Paulo; João Brenthaupt, S. Paulo; Chá Ribeira, S. Paulo, Santos e filiais; Dr. Eulalio Ulhôa Cintra, S. Paulo; Colonização Três Rios Ltd., S. Paulo; Cooperativa Mixta Agrícola, Presidente Prudente, S. Paulo; Eduardo Dannemann, S. Paulo; Ernesto Diedrichsen, S. Paulo; Empresa Comercial Bandeirante Ltd., S. Paulo; Energia Elétrica Hamburguesa Ltd., Rio Grande do Sul; Fábrica de Máquinas Helo, S. Paulo; Fazenda Barra Mansa, S. Paulo; Galeria Carioca de Modas (ex-Casa Alemã), Rio de Janeiro; Riyti Goto, S. Paulo; Kasuto Kamacka, S. Paulo; Hercules Maste e Cia., Rio de Janeiro; Georg Hirth, Rio de Janeiro; Cia. Internacional de Seguros, Rio, S. Paulo e outras filiais; Cia. Internacional de Capitalização, Rio, S. Paulo e filiais; R. Kamada, S. Paulo; Koshei Koboyashi, S. Paulo; Carlos Laubrisch, S. Paulo; Roberto Lehr, S. Paulo; Angelina Lombardi, S. Paulo; Mannheimer Versischerungs Gesellschaft m. b. H., Rio e filiais no Brasil; Shiguera Marubayashi, S. Paulo; Fritz Marx, S. Paulo; Koshi Matsubara, S. Paulo; Hiroshi Myamoto, Paraná; Norddeutsche Versischerungs Gesellschaft, Rio e todas as filiais no Brasil; Tsumematsu Okano, Paraná; Onishi e Cia., S. Paulo; Produtos Agrícola Ltd., S. Paulo; Cia. de Seguros “Albingia”, Rio e todas as filiais no Brasil; Cia. de Seguros “El Fenix Sudamericano”, Rio e todas as filiais; Cia. National de Stettin Alemanha, Rio, S. Paulo e filiais; Cia. de Seguros “La Foncière”, Rio; Rinkuro Suzuki, S. Paulo; Seiti Taruma, Paraná; Antônio Toshio Saito, S. Paulo; Ushi Uerara, S. Paulo; Yonezo Ueno, S. Paulo; H. Yonedo, S. Paulo; Fábrica Fiel Ltd., S. Paulo; Isolectra Ltd., S. Paulo; Tercio Wanderley e Cia., Maceió (Alagoas).

Missa de “requiem” manda-

Imagem 76: **Firmas do Brasil incluídas na lista negra.**
A Tribuna. Santos, 1° set. 1942.

A perseguição não se limitou somente às firmas comerciais, as pessoas comuns também de origem alemã ou nipônica apareciam com frequência na imprensa acusadas de conspiração ou quinta-coluna. Havia também um clima de revolta por parte da população brasileira contra essas pessoas, ou pelo menos era o que a imprensa muitas vezes noticiava. No dia treze de agosto de 1942, por exemplo, “A Tribuna” apresentou, em uma página inteira, as manifestações brasileiras contra os movimentos nipônicos, germânicos e italianos. Em outra ocasião, o mesmo jornal flagrou uma grande manifestação de estudantes e estivadores, demonstrando repúdio às ações hostis dos países inimigos ao Brasil.

OS ESTUDANTES DE SANTOS MANIFESTARAM TAMBEM DE MANEIRA EXPRESSIVA O SEU REPÚDIO AO NAZI-NIPO-FASCISMO

Ao alto, os estudantes da Faculdade de Ciências Econômicas de Santos, ostentando o "V" da vitória. Em baixo, o jovem Gelson Pereira do Carmo, filho de Inocêncio Ferreira do Carmo, 2.º maquinista do "Arará", quando fazia declarações ao nosso redator

O torpedeamento de nossos navios mercantes pelos piratas do "eixo", quando, em comércio pacífico se dirigiam para os Estados do Norte, encheu de indignação o povo santista, cioso de suas tradições de brasilidade, das quais tem dado as mais inconfundíveis provas.

O movimento realizado pelos estudantes da capital, ontem, teve éco nos meios estudantinos de Santos.

VIVA O BRASIL!

Dando vivas ao Brasil e "morras" às potências totalitárias, esteve em nossa redação um grande número de alunos da Faculdade de Ciências Econômicas de Santos. Os jovens brasileiros não escondiam sua indignação pelo inominavel atentado à soberania nacional.

Em nome dos estudantes, falou o sr. Paula Martins Filho, que disse estarem os jovens de Santos solidários com o movimento levado a efeito pelos seus colegas da capital, ao mesmo tempo que externou a confiança depositada no governo da República.

Imbuidos de sentimentos de alta brasilidade, os referidos estudantes ainda ficaram palestrando com os nossos redatores, não se cansando de profligar o covarde atentado dos "eixistas" contra o comércio pacífico da nossa marinha mercante.

"MEU PAI VOLTARA"

Entre os estudantes que nos visitaram ontem, estava o jovem Gerson Pereira do Carmo, filho do sr. Inocêncio Ferreira do Carmo, 2.o maquinista do "Arará", um dos navios brasileiros afundados. Interpelado por um nosso redator, o jovem estudante, que disse viver com sua mãe e outro irmão, manifestou a confiança de que seu pai voltará. Disse que tanto sua mãe como seu irmão, estão calmos e confiantes de que nada haja acontecido a

"DUQUE DE CAXIAS"

Ainda esta semana, os estudantes de Santos realizarão uma grande assembléia, afim de fundar uma organização, que será denominada "Duque de Caxias". Essa organização, cujos trabalhos preparatórios vão bem adiantados, virá colaborar estreitamente com o governo em todos os sentidos, assim como dar combate sem tréguas à "5.a coluna" e a todos os elementos anti-brasileiros, e incentivando por todos os meios ao seu alcance os sentimentos de nacionalidade.

Imagem 77: **Os estudantes de Santos manifestaram também de maneira expressiva o seu repúdio ao nazi-nipo-fascismo.**
A Tribuna. Santos, 19 ago. 1942. p. 3

[...]BRANTES MANIFESTAÇÕES POPULARES EM SANTOS CONTRA O "EIXO"

[...]NDE MASSA POPULAR REALIZOU UMA PASSEATA PELAS RUAS DA CIDADE, TESTEMUNHANDO SUA REPULSA ÀS AGRESSÕES PERPETRADAS CONTRA A SOBERANIA NACIONAL

Os estudantes organizaram-se em imponente cortejo cívico

[...] de Santos não ficou in[...] às manifestações anti[...]-fascistas que rspontam [...] inteiro, saindo à rua [...] sua repulsa pelo in[...] contra a sobera[...] país.

[...] demonstração elo[...] solidariedade ao gover[...] presidente Getúlio Vargas [...] protesto contra a re[...] da pirataria na[...] "eixo".

[...]festação popular, reali[...] iniciativa dos estivado[...] na rua XV de No[...] não tardando a adesão [...] e centenas de popu[...] que prorromperam em [...] vivas ao Brasil, ao [...] República, ao Exérci[...] Marinha.

[...] a passeata, estando [...] os estivadores, os mani[...] percorreram as ruas XV [...], Comércio, Gral. Câ[...], General Câmara, [...] Gaspar, João Pessoa, [...] de Mauá, José [...] e Rui Barbosa, onde [...] em boa ordem.

[...] no Paço Municipal, [...]festações recrudesceram, [...] estivador Dóquinha, o [...] palavras de forte [...] patriótico. O sr. Fran[...], diretor administrati[...] Prefeitura Municipal, dis[...] manifestantes, profe[...] discurso, sendo [...]dido.

[...] de manifestantes tam[...] em frente à "A Tri[...] erguidos entusiasti[...] a este jornal.

[...] 18 horas, os ma[...] dirigiram-se para a [...] Bonifácio, onde está localizada a sede do Sindicato dos Estivadores, de cuja sacada o sr. Antônio Grela, estivador profissional, proferiu magnifico improviso, através do qual fez notar a repulsa de todos os trabalhadores da estiva de Santos pela violência dos métodos nipo-nazi-fascistas.

Depois, os populares, com o pavilhão brasileiro à frente, foram para a praça Rui Barbosa, onde continuaram as demonstrações de solidariedade ao nosso governo. Nessa ocasião falou o dr. Nelson da Veiga, inspetor do Serviço de Trânsito, o qual, em brilhante improviso, louvou o espírito de ordem dos manifestantes.

Pouco depois, a grande manifestação popular encerrou-se, dispersando-se os manifestantes em meio de perfeita ordem.

Um aspecto apanhado na rua XV de Novembro, durante a manifestação popular de ontem

PASSEATA DOS ESTUDANTES SANTISTAS

À noite, os estudantes de Santos realizaram uma grande passeata pelo centro urbano, levando à frente o pavilhão nacional.

Alunos de quase todos os estabelecimentos de ensino da cidade formaram no grande desfile estudantil, que também contou com a adesão de populares.

E foi entoando hinos patrióticos, saudando o chefe da nação e vivando o Brasil, que os manifestantes percorreram as principais ruas do centro, detendo-se em frente à "A Tribuna". Nessa oportunidade, falaram os srs. Laerte Gonçalves, da Faculdade de Ciências Econômicas da Escola "José Bonifácio"; Gondemar Marcondes, do Externato Luso-Americano; José Faria de Oliveira, que se fez ouvir em nome da classe operária e o artista circense J. Ferreira, sendo todos os oradores vibrantemente aplaudidos.

Os estudantes continuaram sua passeata, em meio de intenso ardor cívico, dissolvendo-se às 22 horas.

Durante o desfile estudantil predominou o espírito de ordem e disciplina.

UM COMÍCIO HOJE, NA PRAÇA RUI BARBOSA

Hoje, às 17 horas, em prosseguimento às manifestações anti-nipo-na[...]stas, haverá um grande comício na praça Rui Barbosa, por iniciativa dos estivadores, os quais, por nosso intermédio, convidam o povo em geral a comparecer a mais essa demonstração de sadia e pura brasilidade.

SOLIDARIEDADE DOS ITALIANOS LIVRES

Ao presidente da República e ao sr. Osvaldo Aranha, foram transmitidos, ontem, os seguintes telegramas:

"Exmo. sr. presidente da República — Palácio Guanabara — Rio de Janeiro. — Dolorósamente indignados, mas não surpresos novo deshumano atentado contra pacífica marinha mercante brasileira praticado com método condizente tradições instinto ideologia novos hunos, enviamos nossa solidariedade incondicional vossência, símbolo generosidade brasileira. — Pelos italianos livres de Santos: — Dr. Batendieri — Horácio Pagano".

— "Exmo sr. ministro das Relações Exteriores — Palácio Itamarati — Rio de Janeiro. — A vós novo Bayard da moderna cruzada contra os Hunos na defesa do templo da liberdade humana o nosso solidário e afetuoso saudar. — Pelos italianos livres de Santos: — Dr. Batendieri — Horácio Pagano".

Imagem 78: **Grandes manifestações populares em Santos contra o "Eixo". A Tribuna**. Santos, 20 ago. 1942. p. 1.

Muitas limitações foram impostas aos imigrantes. Durante os anos de guerra, foram impendidos de circular livremente pelo território nacional, não poderiam deixar o município onde residiam sem antes ter uma autorização de salvo conduto expedida pelas autoridades locais, caso contrário, poderiam ser detidos pela polícia. Além disso, estavam proibidos de pronunciar qualquer palavra estrangeira, pois contrário poderiam ser detidos em flagrante. Muitos dos registros encontrados no Arquivo Público do Estado de São Paulo sobre detenções e processos de japoneses nos anos da Segunda Guerra Mundial apresentam casos de pessoas com problemas por conta de salvo conduto ou por pronunciar palavras estrangeiras (TAKEUCHI, 2002. p. 32).

O governo estava sempre atento a qualquer ato de espionagem ou quinta-coluna[7]. Durante esses anos era comum aparecer na imprensa casos desse tipo e que o governo fazia questão de divulgar. Também utilizava a imprensa como forma comunicar a população brasileira sobre o perigo da presença dos imigrantes e seus descendentes no país. No dia nove de março de 1942, por exemplo, chama atenção para a cordialidade do povo brasileiro para com os estrangeiros e como isso poderia ser prejudicial para a segurança da Pátria. Em outra ocasião, apresentou os "verdadeiros objetivos" do Japão em relação ao Brasil, afirmando serem os filhos de japoneses nascidos no Brasil como portadores do temível espírito de nacionalidade japonesa.

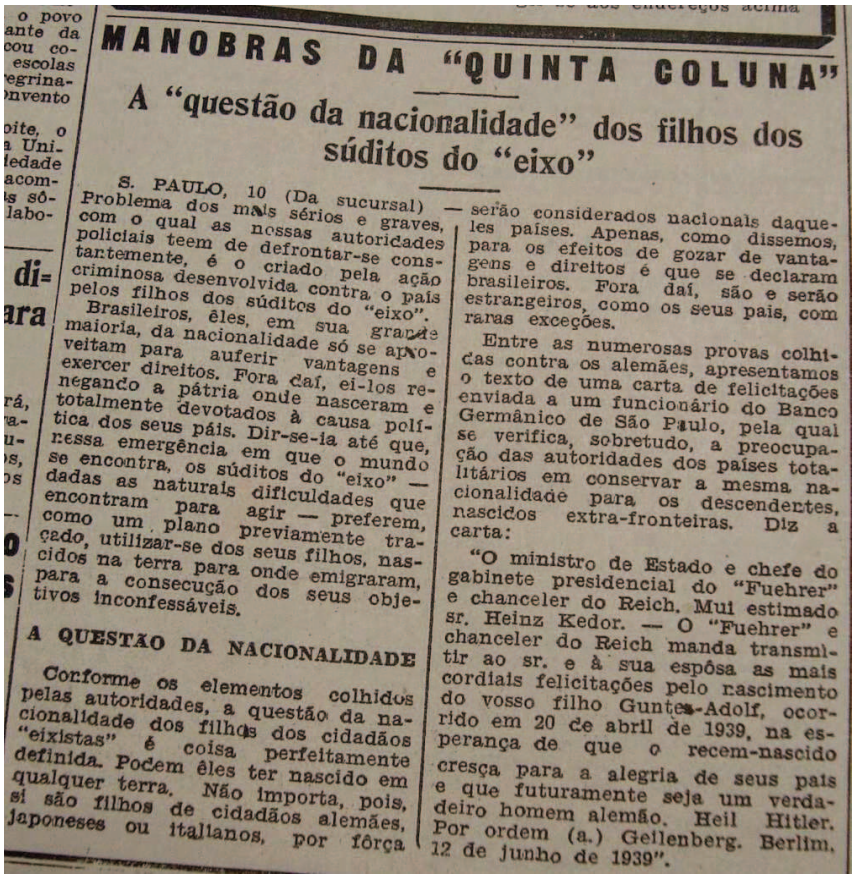
[7] Na época, o termo quinta-coluna era utilizado para designar qualquer pessoa que conspirasse contra o páis.

VAMOS DEIXAR DE SER SENTIMENTALISTAS

O brasileiro precisa combater o seu exaltado sentimentalismo. tem necessidade de abrir mão da sua tradicional boa fé. Somos um povo que confia demasiado no seu semelhante, que olha tudo com o melhor dos olhos. Somos de índole pacífica, somos bons por natureza. A nossa bondade, no entanto, não tem sido compreendida, ou antes, nem sempre tem sido retribuida por elementos que vieram para o nosso país, e que recebemos com a melhor das vontades. Estabelecidos em nossa Pátria, não ficaram satisfeitos em ser considerados como nossos iguais, em gozar de todos os direitos como si fossem filhos do Brasil. Entenderam rebelar-se contra nossas instituições, tentaram perturbar a ordem em nossa Pátria, buscaram implantar em nosso meio o fruto de ideologias perniciosas. A nossa imensa bondade tudo tolerou. Embora repudiando as palavras dêsses indivíduos, não soubemos coibi-los devidamente. Já é tempo de abrirmos os olhos. É mister que, contrariando a nossa índole, mostremos aos partidários do "eixo" que vivem gritando as vantagens de um regime que nós sabemos falho, deshumano, contrário a todas as leis humanas e divinas, — é mistér mostremos a êsses indivíduos que sabemos ser bons, sabemos ser humanos, ser nobres, mas que sabemos também defender a nossa integridade, a nossa independência, o nosso regime. Somos sentimentais, mas não somos ingênuos.

É dever que se impõe aos brasileiros a defesa da sua integridade política e econômica. Deixemos de lado o nosso sentimentalismo e ajudemos o nosso govêrno na obra de expurgo dos máus elementos que existem em nossa Pátria. Apontemos às autoridades todo aquele que procurar solapar as nossas instituições. Saibamos ser bons brasileiros, atentos para a defesa do Brasil.

Imagem 79: **Apelo do governo brasileiro ao caráter cordial do povo brasileiro. A Tribuna**. Santos; 9 mar. 1942. p. 2



MANOBRAS DA "QUINTA COLUNA"

A "questão da nacionalidade" dos filhos dos súditos do "eixo"

S. PAULO, 10 (Da sucursal) — Problema dos mais sérios e graves, com o qual as nossas autoridades policiais teem de defrontar-se constantemente, é o criado pela ação criminosa desenvolvida contra o país pelos filhos dos súditos do "eixo".

Brasileiros, êles, em sua grande maioria, da nacionalidade só se aproveitam para auferir vantagens e exercer direitos. Fora daí, ei-los renegando a pátria onde nasceram e totalmente devotados à causa política dos seus páis. Dir-se-ia até que, nessa emergência em que o mundo se encontra, os súditos do "eixo" — dadas as naturais dificuldades que encontram para agir — preferem, como um plano previamente traçado, utilizar-se dos seus filhos, nascidos na terra para onde emigraram, para a consecução dos seus objetivos inconfessáveis.

A QUESTÃO DA NACIONALIDADE

Conforme os elementos colhidos pelas autoridades, a questão da nacionalidade dos filhos dos cidadãos "eixistas" é coisa perfeitamente definida. Podem êles ter nascido em qualquer terra. Não importa, pois, si são filhos de cidadãos alemães, japoneses ou italianos, por fôrça — serão considerados nacionais daqueles países. Apenas, como dissemos, para os efeitos de gozar de vantagens e direitos é que se declaram brasileiros. Fora daí, são e serão estrangeiros, como os seus pais, com raras exceções.

Entre as numerosas provas colhidas contra os alemães, apresentamos o texto de uma carta de felicitações enviada a um funcionário do Banco Germânico de São Paulo, pela qual se verifica, sobretudo, a preocupação das autoridades dos países totalitários em conservar a mesma nacionalidade para os descendentes, nascidos extra-fronteiras. Diz a carta:

"O ministro de Estado e chefe do gabinete presidencial do "Fuehrer" e chanceler do Reich. Mui estimado sr. Heinz Kedor. — O "Fuehrer" e chanceler do Reich manda transmitir ao sr. e à sua espôsa as mais cordiais felicitações pelo nascimento do vosso filho Guntes-Adolf, ocorrido em 20 de abril de 1939, na esperança de que o recem-nascido cresça para a alegria de seus pais e que futuramente seja um verdadeiro homem alemão. Heil Hitler. Por ordem (a.) Gellenberg. Berlim, 12 de junho de 1939".

Imagem 80: **Manobras de "quinta coluna".** **A Tribuna**, Santos, 11 jun. 1942. p. 6.

Estão sendo esclarecidos os verdadeiros objetivos dos nipônicos contra o nosso país

Interessantes revelações contidas no inquérito instaurado pela polícia de S. Paulo — Teor de um dos boletins de propaganda dirigidos aos brasileiros, filhos de japoneses

S. PAULO, 3 (Da sucursal) — O inquérito instaurado pela polícia de São Paulo contra os elementos nipônicos que aqui instalaram o partido nazi-fascista do Japão — inquérito já muito volumoso — constitue precioso manancial de informações e dados sôbre os verdadeiros objetivos dos japoneses contra o Brasil.

Dêsse inquérito, destacamos um dos boletins de propaganda, de teor muito curioso e dirigido aos brasileiros filhos de japoneses (Dainisei), que êles classificam como autênticos japoneses pertencentes à segunda geração.

A GUERRA NIPO-AMERICANA

Apreciando a guerra nipo-americana, os partidários da fôrça, dizem, inicialmente:

"Devemos combater a falsa democracia, principalmente a democracia falada nos Estados Unidos. A democracia dos americanos do Norte, no fundo, como sabemos, não passa de um verdadeiro judaismo, onde impera o capitalismo. Trata-se de um país corrompido ao extremo. Quem admira os americanos, portanto, não os conhece. Êles se impuzeram apenas pela propaganda, pois nisso são competentes. Com um país dêsses, de falsários, houve por bem o Japão declarar guerra, pois, além do mais, os japoneses já tinham esgotado sua paciência. O Japão não foi ouvido ou atendido em seus apelos de justas reivindicações no Pacífico, razão porque não houve outra alternativa sinão a guerra.

Depois de acentuar os efeitos da imigração na América do Norte, cujo trabalho muito teria contribuido para o progresso do país, o boletim trata da questão do preconceito de raça, que ali teria surgido para hostilizar os súditos nipônicos. Mais adiante é louvado o caráter do japonês, como "respeitador das leis e dos tratados diplomáticos", como, igualmente, dos "direitos dos povos"...

NO BRASIL

Referindo-se à imigração japonesa no Brasil, também o boletim procura esclarecer os benefícios que disso advieram para o país, embora muitos japoneses que aqui chegaram, não tivessem outro propósito sinão o de "enriquecer e retornar à Pátria".

"Acontece porém, — prossegue — que o Brasil atual não é mais aquele Brasil de outros tempos, que imaginavamos".

Explica o boletim, a seguir, o que considera um ato de perseguição das autoridades, qual seja o de nacionalizar o ensino e a imprensa, e conclue que, por essa razão, os filhos de japoneses (ou japoneses da segunda geração) se transformaram "incompreensivelmente", em típicos caboclos brasileiros, que não teem outra esperança sinão a de dissolver-se como as demais gerações, oriundas de diversas raças e nacionalidades.

PROCLAMAÇÃO

Depois de uma série interminável de considerações, o boletim termina com a seguinte proclamação:

"Conterrâneos. A nossa situação é deveras lamentável e tão delicada que não devemos vacilar. Estamos debandados e não temos a esperança de voltar aos tempos idos. Dessa forma, procuremos conservar-nos coesos. Organizaremos a nossa união e reclamaremos nossos direitos. Si isso, porém, não conseguirmos, não teremos outra coisa a fazer sinão regressarmos à nossa pátria — hoje com território imenso".

SI BERLIM SOUBESSE DISSO...

Em reportagens anteriores, frisamos o fato de que os japoneses demonstram por fatos concretos absolutamente não ler pela mesma cartilha de Berlim, não só com relação aos seus propósitos de dominação territorial, como é principalmente no que se relaciona ao caráter e a superioridade da raça. Sinão, vejamos o que ainda sublinha o referido boletim:

"Promovamos o nosso regresso coletivo à pátria, o grande território da Asia, onde permaneceremos sob a proteção direta do govêrno do Japão — o único govêrno sensato. Portanto, sejamos unidos em tôrno da nossa sociedade, que saberá com bôa orientação guiar-nos, consistindo isso na própria conservação dos japoneses, cujo caráter é superior aos das demais raças do mundo".

Vida Social

FUMO, CINZAS, NADA...

Ajoujado sob uma rima de pacotes, presos com atilhos co-loridos, o meu amigo entrepa-rou, ante a minha muda admi-ração, e começou a explicar entamente, naquele ângulo de squina central:

— Levo aqui, meu caro, todo m arsenal barulhento, capaz e fazer voar pelos ares o pa-to quarteirão em que resido. as não pense que alimento nistras intenções arrasadoras, eparando-me para "coventri-r", ou "rostoguizar" este

usança que o rev. Koster e Mr. Kidder já assinalavam, em terras brasílicas, há um século, entre palavras de espanto...

É que nós, brasileiros da gema, — estuário etnico de correntes de sangue barulhento e impetuoso, a começar pelo bugre bravo e acabar pelo reinol aventureiro, — nada celebramos sem a barulheira dum quebra-louças bem atroador. Nossas alegrias, nossos momentos de regosijo coletivo se ca-

Imagem 81: **Estão sendo esclarecidos os verdadeiros objetivos dos nipônicos em nosso país.**
A Tribuna, Santos, 04 jun. 1942. p. 2.

Esse espírito de inimizade e desconfiança contra os japoneses levou as autoridades a agirem, muitas vezes com exageros, contra as ações nipônicas no país. Em certa ocasião, a polícia paulista fez a apreensão de uma grande quantidade de armamento em posse dos japoneses localizados no interior do Estado de São Paulo. De acordo com a reportagem de “A Tribuna”, publicada no dia oito de maio de 1942, após a ordem de entregar às autoridades todas as armas de fogo em posse de imigrantes de nacionalidades do Eixo, percebeu-se que muitos japoneses não o fizeram, o que levantou suspeita por parte dos investigadores. Após as devidas inspeções, a polícia apreendeu uma surpreendente quantidade de armas, atribuindo o fato ao espírito hostil referente ao Brasil. Em outra reportagem, a polícia desmanchou um curioso caso de ação nipônica no território do Estado paulista. Na ocasião, registrada em “A Tribuna” no dia 2 de junho de 1942, foram presos os chefes, Yugo Kussakaba e Massarino Sugimata, do partido de diretrizes nazistas que agia no Brasil, Taisi Yokusan Doshi Kai. Segundo a polícia, o grupo pretendia dominar todas as fontes de energia do Estado. A matéria destaca ainda que a prática japonesa de trabalhar ‘para si’, ou seja, seus interesses não diziam respeito aos demais países do ‘eixo’.

AÇÃO EFICAZ DAS NOSSAS AUTORIDADES CONTRA O "PERIGO AMARELO"

Em sensacional diligência realizada em Pompeia e em outras localidades da Alta Paulista, foi apreendido copioso material bélico em poder de japoneses

Armas apreendidas a súditos do Japão em várias localidades da Alta Paulista, na diligência levada a efeito pelas nossas autoridades

S. PAULO, 7 (Da sucursal) — Anunciado pela polícia que todos os cidadãos pertencentes aos países do "eixo" deveriam entregar à Delegacia de Explosivos as armas, registadas ou não, que possuissem, verificou-se, posteriormente, que apenas os que tinham registo se apressaram em atender as determinações da polícia. Nenhum apareceu para entregar qualquer arma retida clandestinamente. O fato causou espécie e, para esclarecê-lo convenientemente, foram ordenadas providências e investigações necessárias. Turmas de inspetores especializados foram distribuidas em setores previamente determinados, tanto nesta capital como no interior.

OS JAPONESES

Dada a suspeita organização que adotaram ao se instalarem em nosso Estado, principalmente no interior, foi contra os japoneses que, a respeito, mais se acentuaram as atenções da polícia. E' que, para assim proceder, razões lhe sobravam, tanto que o resultado obtido foi simplesmente êste: os japoneses que, conforme já está fartamente provado, agem abertamente contra o nosso país e aqui se organizaram como uma fôrça disposta a tudo, à espera tão sómente da "ocasião oportuna", ou de "ordens" que viriam do Japão, para levar a efeito os seus planos criminosos, estavam clandestina e terrivelmente armados.

ARMAS EM QUANTIDADE

A nossa reportagem, que vem acompanhando a ação policial nesse sentido, tomou conhecimento, entre outras, de sensacional diligência levada a efeito em Pompéia e outras localidades da Alta Paulista contra os imigrantes japoneses. Em poder dessa gente foi apreendido copioso material bélico, incluindo-se mais de duzentas espingardas de diversos tipos, Winchesters automáticas, de 18 tiros, metralhadoras de mão, Parabéluns, revólveres de todos os tipos e farta munição. Todo o material foi recolhido aos depósitos da Delegacia de Explosivos.

Imagem 82: **Ação eficaz das nossas autoridades contra o "perigo amarelo".** **A Tribuna**. Santos: 8 maio. 1942.

u a declaração de

ondres
ntra a
aís

to do ar-
á enorme
govêrno,
mo apôio
de vez
exerce
entre os

PIONA-
UES DE
RTOS

O co-
itar de
Guer-
le me-
espio-
es dos
black-
o gol-
s, ci-
s re-
tuan-
Tam-

lenou
ne-
da
co e
golfo
reta.
reu-
enar
En-
idos
tro-
se
ões,
om
ra-
m.
das
fo-
cia,
an-
ra-

in

ia

e
i-
n
s

A TRIBUNA

SANTOS — Terça-feira, 2 de Junho de 1942

A POLÍCIA PAULISTA DESTRUIU FORTE RÊDE DE ESPIONAGEM NIPÔNICA QUE AGIA NO ESTADO

Os japoneses trabalhavam para si, sendo que seus métodos diferem dos demais componentes do "eixo" — O plano de espionagem que seria executado no Brasil, segundo os documentos apreendidos pela Polícia — Prisões dos chefes principais

S. PAULO, 1 (A. N.) — Continua a nossa polícia a desenvolver intensa atividade no sentido de prevenir e reprimir as atividades dos elementos pertencentes aos países do "eixo" em nosso Estado.

Contra os alemães, mais especializados em serviços de espionagem, a ação policial atinge o seu curso final, com resultados definitivos. As diversas redes estabelecidas já foram desarticuladas e os principais implicados a estas horas se encontram trancafiados no xadrez, à espera de julgamento.

Os italianos, que se dedicam também aos processos de quinta-colunas, se acham em sérios apuros, pois a polícia de São Paulo não os perdôou, exercendo contra os mesmos uma ação terrivel, de forma a inutilizá-los, e com grande vantagem. Os remanescentes, que ainda existem, tanto de uma como de outra nacionalidade, estão sob vigilância e todo e qualquer movimento que porventura empreendam terão pela frente, decididas e enérgicas, as nossas autoridades encarregadas da Ordem Política.

OS JAPONESES TRABALHAM PARA SI

Conquanto a situação não seja ainda de absoluta tranquilidade, pois, como é perfeitamente compreensivel, os "eixistas" não esmorecem, podemos estar seguros do indiscutivel domínio da polícia paulista.

No momento, como um caso para ser ainda liquidado definitivamente, preocupa a atenção das autoridades, o japonês, cuja ação é, mesmo, objetivos, diferem, até certo ponto, dos demais componentes do "eixo". Verifica-se, por êsse fato, que os nipônicos trabalham exclusivamente para si, sem a menor atenção para com os seus pares — os alemães e italianos. Poder-se-ia dizer até que, no Brasil, êles estão isolados e desligados do "eixo". O trabalho, semelhante, tanto de espionagem como de quinta-colunismo, não passa de mera coincidência.

Da esquerda para a direita: Yugo Kussakaba e Massariro Sugimata, os principais chefes da espionagem nipônica

O PLANO NIPÔNICO

A polícia está de posse de vasto círculo organizado pelos japoneses, visando auferir vantagens no Brasil unicamente para êles. Nada de Alemanha ou de Itália no meio. O domínio será de japoneses e para os japoneses.

Esse plano compreende, preliminarmente, a raça japonesa — declarada por êles superior e sem a qual o mundo não poderá ir para a frente. Nada, como vemos, de arianos.

CONTRÔLE DO ESTADO

Foi quando da suspensão de salvo-condutos aos cidadãos nipônicos para viajarem, que a polícia conseguiu deter um individuo da referida nacionalidade, que se encaminhava a pé, pela estrada, em direção à cidade de Itú. Carregava êle diversas maletas e pacotes e era com dificuldade que se locomovia, devido, naturalmente, ao pêso e cansaço.

Examinado tudo o que trazia consigo, revelou-se aos olhos das autoridades simplesmente a existência, no Brasil, do "Taisi Yokusan Doshi Kai" — o partido nazi-fascista que presentemente domina no Japão. Os planos dessa poderosa organização visavam o contrôle de todas as fontes de energias do Estado e era dirigido por um diretório central, cuja chefia no momento estava a cargo de Yugo Kusakabe. O secretário geral era o individuo Masaziro Sugimata. A propaganda e a articulação era exercida por intermédio de numerosos agentes, muitos dos quais se encontram detidos.

Desmantelada a organização, foi apreendido farto material de propaganda e instruções, planos de ação, mimeógrafos, etc.

MEDIDA DE REPRESÁLIA OU COVARDIA

Os japoneses, na elaboração dos seus planos, foram meticulosos e cuidadosos, não emitindo qualquer detalhe para o domínio em nosso país.

Por outro lado, percebe-se que estavam agindo com estremada prudência, procurando evitar exageros prejudiciais. Declaravam-se certos da vitória dos seus propósitos, ao mesmo tempo que admitiam não ser conveniente otimismo excessivo. Tanto assim que, si a vitória não se verificasse, ou terminada a guerra em favor dos aliados, como último recurso toda a imensa colônia japonesa deveria abandonar o Brasil, sem mais demora, de regresso ao seu país e terras já conquistadas. Para tanto, o mesmo plano compreende ampla arregimentação e as instruções a respeito já estavam sendo distribuidas por toda a colônia, afim de que se aparelhasse, desde já, para essa emergência.

QUEM SÃO OS AGENTES DETIDOS PELA POLICIA

São os seguintes os agentes detidos pela policia: Sanziro Anbo, Keitaro Anbo, Takeo Nishiyama, Hanzo Eshiro, Shiusaku Hayashi, Sakiche Kuriyama e Heitaka Taira ou Heiyo Taira.

Pelos elementos colhidos pela policia, o partido foi fundado com a aquiescência do embaixador japonês no Brasil e do consul em São Paulo.

Depois da retirada dêsses diplomatas, coube a Yugo Kusakabe tomar a sua direção absoluta. A organização era mantida ultimamente por meio de donativos dos súditos.

A "Luftwaffe" realizou um

Imagem 83: **Polícia paulista destrói forte rede de espionagem nipônica.** **A Tribuna**. Santos: 2 jun. 1942.

As ações das autoridades brasileiras causaram certo desconforto nos diplomatas nipônicos, que pediam mais cautela nas ações contra japoneses e descendentes residentes no Brasil alegando tratamento desumano e injusto, pois se tratava de pessoas que nada tinham a ver com os acontecimentos internacionais. Os diplomatas japoneses ainda defendiam o porte de armas por japoneses que viviam em regiões muito afastadas e que estavam sujeitos a ações de pessoas mal intencionadas, necessitando assim de meios para auto defesa. Portanto, para as autoridades japonesas, as prisões que se seguiram ocorreram de forma injusta e autoritária (**A Tribuna,** Santos, 30 set. 1942. p. 3).

O JAPÃO ACUSA O BRASIL DE TRATAR DESHUMANAMENTE OS SÚDITOS NIPÔNICOS AQUI RESIDENTES

As absurdas alegações de um porta-voz japonês sobre perseguições e violências de que os mesmos estariam sendo vítimas — Qualificado como "uma ofensa contra o Deus da Humanidade" o tratamento tolerante e digno que as nossas autoridades estão dispensando à colônia amarela

TÓQUIO, 29. (U. P.) — Quebrando o prolongado silêncio que manteve a respeito do tratamento "não provocado e rude", que o governo do Brasil estaria dispensando a mais de 200.000 súditos japoneses residentes naquele país, o sr. Tomakuzo Hori, porta-voz do Departamento de Informações, deu à publicidade, esta tarde, a seguinte declaração:

"O governo brasileiro, influenciado pela crescente pressão política e econômica exercida pelos Estados Unidos e pela Grã Bretanha, adotou, finalmente, uma irrefletida atitude, declarando a ruptura de relações diplomáticas com o Japão, com o qual mantivera relações cordiais durante muito tempo.

Entretanto, o Japão observou os acontecimentos e a posição do governo brasileiro, com uma atitude serena e calma. Por outro lado, o governo brasileiro, desde a ruptura de relações diplomáticas com o nosso país, deu constantes passos para maltratar os residentes japoneses no Brasil. Alguns exemplos desse tratamento tão inhumano são enumerados abaixo:

1.o — É perfeitamente sabido que a posse de armas de fogo para a defesa própria é de uso absolutamente necessário para as pessoas que residem nas regiões do interior do país. As autoridades de São Paulo, sob a alegação de que todos os residentes japoneses são "quinta-colunas", confiscaram as armas de fogo em poder dos nipônicos. Em consequência disso, os elementos fóra da lei, aproveitando-se da oportunidade que se lhes apresentava, agrediram os japoneses com armas de fogo, cometeram delitos contra a propriedade e causaram inúmeras baixas. Até maltrataram indefesas mulheres japonesas. Contudo, as autoridades policiais brasileiras se mantiveram à margem de tudo isto e abstiveram-se de tomar medidas eficazes para a proteção dos residentes japoneses.

2.o — As autoridades brasileiras, sem razão justa, detiveram residentes japoneses e os fizeram permanecer em alojamentos insalubres. Em consequência disso, perigou seriamente a saúde de muitos japoneses.

3.o — As autoridades brasileiras se dedicaram a revistar domicílios de japoneses e, sem a mínima provocação, prenderam japoneses e os colocaram sob vigilância policial, tratando-os como si fossem delinquentes. Em realidade, muitos japoneses foram a meúdo ameaçados com violências físicas e muitos receberam lesões. As autoridades policiais brasileiras penetraram nas casas comerciais japonesas, apoderaram-se de mercadorias e levaram consigo o que puderam, depois de comer e beber a seu prazer, sem pagar.

Para citar certo exemplo, um chefe de polícia brasileiro ordenou a um súdito japonês que lhe entregasse o dinheiro que tivesse em seu poder. Como este se recusasse a atende-lo, imediatamente foi encarcerado. Tal ato, injusto e inhumano, de violência física e de perseguição, equivale a uma verdadeira profanação da civilização. É um ato dos mais indignos na história do Brasil, que era tido, por sua posição, como um dos países mais destacados da América do Sul.

Volvendo os olhos para os 35 anos de imigração japonesa no Brasil, posso afirmar com confiança que os imigrantes japoneses trabalharam diligentemente em sua pátria adotiva, e que fizeram contribuições sem paralelo para o desenvolvimento econômico do Brasil. Este é um fato bem sabido e reconhecido pelos próprios brasileiros.

Os maus tratamentos acima citados, por parte das autoridades brasileiras, aos súditos japoneses, não podem ser tolerados de modo algum, pela conciência livre de um homem.

É, em verdade, uma ofensiva contra o Deus da humanidade. É necessário dizer que o governo do Japão deu, há tempos, eficazes e adequados passos para corrigir a atitude do Brasil e assegurar a sua garantia contra futuros maus tratos aos nossos co-nacionais.

Esta resolução do governo permanece invariavel. Esperaremos, por conseguinte, que o governo brasileiro recuse a submeter-se à pressão norte-americana e britânica, e, por sua política própria independente, não perderá tempo em retificar sua atitude e o tratamento aos súditos japoneses que vivem em seu país".

NOMEADO O MINISTRO JOÃO ALBERTO

para o cargo de Coordenador da Mobilização Econômica do país

RIO, 29 (A. N.) — O presidente da República assinou o decreto de nomeação do ministro João Alberto Lins de Barros para coordenador da Mobilização Econômica do Brasil.

DECLARAÇÕES DO TITULAR COORDENADOR DA ECONOMIA NACIONAL — A POSSE DO MINISTRO JOÃO ALBERTO NO PALACIO DO CATETE

RIO, 29 (Da sucursal) — O ministro João Alberto, logo que foi publicado o decreto de sua nomeação, foi abordado pelos jornalistas sendo as seguintes declarações:

Imagem 84: **Japão acusa o Brasil de tratar desumanamente os súditos nipônicos. A Tribuna**. Santos: 30 set. 1942. p. 3.

DIPLOMATAS JAPONESES DEIXAM O NOSSO ESTADO, DE REGRESSO À SUA PATRIA

Relação das pessoas embarcadas

S. PAULO, 13 (Da sucursal) — Em trem especial, que partiu da Estação do Norte, hoje, às 8 horas, seguiram para o Rio de Janeiro, afim de regressarem ao seu país, acompanhados de suas famílias, o consul-geral, vice-consules e funcionários diplomáticos acreditados junto aos governos de S. Paulo e do Paraná, a saber: Kaoru Hara, consul geral; Yasushi Furukawa, Nori Furukawa, Motoko Furukawa, Fukashi Furukawa, Nami Furukawa, Kiyomi Furukawa, Toriko Mitsuka, Keisa Aida, Utako Aida, Misako Aida, Shisuo Aida, Yoshihisa Aisawa, Kiyoko Aisawa, Eiko Ise, Mituo Ito, Yaeko Ito, Mazuhiko Ito, Emiko Ito, Kenji Ito, Sadaji Hisamoto, Saburu Matsumoto, Sunie Matsumoto, Yashuhiro Matsumoto, Ryuki Matsumoto Mantaro Shigematsu, Yoshiko Shigematsu, Tuyako Shigematsu, Teruo Shigematsu, Eiichi Ezawa, Kiyo Ezawa, Hisako Ezawa, Sihhei Fujikatsu, Toshiko Fujikatsu, Yasuko Fujikatsu, Kazuko Fujikatsu, Kaneco Fujikatsu, Masu Fujikatsu, Tadashi Sasaki, Toshico Sasaki, Takesehi Sasaki, Chitoko Sasaki, Takashi Sasaki, Shiro Hagiwara, Masae Hagiwara, Yoko Hagiwara, Masakichi Kitamura, Miyoshi Kitamura Toshi Kitamura, Koishi Kitamura, Junji Kitamura, Sinkite Inuoe, Tae Inoue, Motoko Inoue, Tetsuichi Inoue, Seigo Mogi, Haru Mogi, Sadagi Fukuda, Yoshihiza Suzuki, Hidesada Okada, Chiyo Okada, Tsuneji Junicho Selichi Hayakawa, Toyojiro Kakeda, Shizuko Kakeda, Yuriko Kakeda, Keiko Kakeda, Kagashi Sugawara, Tazu Sugawara, Shigeru Sugawara, Kei Hanada, Ai Hanada, Akitoshi Hanada, Katsuo Ueno, Shizue Ueno, Tokio Ueno, Yasuo Ueno, Toyhiko Ueno, Fumiyo Komiya, Mitsue Komiya, Tsuncharo Inoue, Tatiana Ynoue, Kumaso Sakurai, Teljee Yemmal, Yeto Yemmal, Kairo Miyamoto, Goro Ogura, Hajime Usagawa, Mitsuko Usagawa, Toslo Hasagawa, Kiyoko Hasegawa, Akiko Hasegawa, Kayoko Hasegawa, Namiko Hasegawa, Misao Imaizumi, Shigeru Huziwara, Sakae Huziwara, Fusao Kagawa, Tatuo Ikai, Saburo Ito, Jitsumi Hashikura, Fujio Mizukami, Tokiko Mizukami, George Mizukami, Misako Mizukami, Shiro Mizukami, Hiro Sato, Yutaro Yasuraoka, Toshiko Yasuraoka, Hirosi Yasuraoka, Kuniko Yasuraoka, Seijiro Shimo, Yoshie Shima, Hisako Shima, Hiroshi Shima, Goro Kurata, Fumi Kurata, Midori Furata, Kukiyo Furata, Iku Hidaka, Kenzo Tsuboi, Mazae Tsuboi, Shizu Tsuboi, Masazo Nakano, Iwao Nakano, Hisa Sato, Ichiro Sato, Hideo Sato, Mitsuo Sato, Akira Hino, Ryu Hino, Tado Hino, Choji Imamura, Mishi Imamura, Shisato Imamura, Teresa Imamura, Sakue Imamura, Julio Imamura, Shikow Watanabe, Sumie Watanabe, Tsuyoshi Watanabe, Harou Watanabe, Yoshiko Watanabe, Shohei Imatomi, Haruko Imatomi, Ritsuko Imatomi, Singo Imatomi, Tatsuji Ieki, Tokie Ieko, Takashi Ieko, Akira Ieko, Keiko Ieko, Fukuso Tanaka, Tieko Tanaka, Julio Mário Tanaka, Kozo Miyaji, Ishigoro Nemoto, Hiroko Nemoto, Tsuna Nemoto, Sergio Akira Neomoto, Yoshiaki Kuga, Ikuko Kuga, Itsuro Kuga, Masaki Ito, Saburo Tanaka e Yahiko Kotake.

De Curitiba — Shunichi Komine, Fumiko Kumine, Yoshiko Komine, Yoshimi Sato, Matsuko Sato, Moriko Sato e Michiko Sato.

De Ribeirão Preto — Akira Fukuoka, Tatsu Fukuoka, Shizuko Abiru, Tamotsu Nakaya, Susumu Ogasawara, Tomiko Ogasawara, Shigueyo Ogasawara e Maria Ogasawara.

De Santos — Yoshizo Saito, Otce Saito, Yoshitaro Suzuki, Jurema Suzuki, Jutaro Suzuki, Yoshizumi Suzuki, Rikio Suzuki e Chiyoko Suzuki.

De Baurú — Naonori Ishihara, Miriam Ishihara, Keika Yanagihara, Yoko Yanagihara, Ayako Yanasihara e Etsuko Yanashihara.

De Ribeirão Preto — Hidenori Fukuha, Kasuko Fukuha, Eiko Fukuha, Kenei Kukuha e Hironori Fukuha.

Imagem 85: **Diplomatas brasileiros deixam o nosso Estado.**
A Tribuna. Santos: 14 jun. 1942. p. 10

Diante das ações hostis e do rompimento da diplomacia entre os dois países, as autoridades nipônicas deixaram o Brasil no dia 14 de junho de 1942 em regresso à sua pátria. De Santos, todo o consulado também foi removido, partindo Yoshizo

Saito, Otce Saito, Yoshitaro Suzuki, Jurema Suzuki, Jutaro Suzuki, Yoshizume Suzuki, Rikio Suzuki e Chiyoko Suzuki. Sem representação diplomática, a situação dos japoneses ficou ainda mais delicada, principalmente para os imigrantes das regiões litorâneas, pois logo toda costa brasileira foi considerada área de segurança nacional.

3.1 A situação da colônia de Santos

A situação em Santos foi agravada pelo fato de a região litorânea ser considerada área de segurança nacional, intensificando o clima de espionagem que recaia sobre súditos de nacionalidades do Eixo. O governo, por sua vez, buscou restringir a ação dos imigrantes na região, alegando sempre o risco de espionagem de submarinos ou navios inimigos na costa brasileira. Por isso, foi proibida a venda de combustível a japoneses, alemães e italianos. A medida afetou diretamente aqueles que lidavam com a pesca, devido a impossibilidade de abastecimento para mover os barcos. Como solução, a exemplo do pai da Entrevistada AH, alguns imigrantes arriscaram-se em adquirir combustível de forma ilegal, aumentando ainda mais os riscos de detenção:

> O período, na época da Guerra, como meu pai tinha barco de pesca e meu pai ele era naturalizado brasileiro e, então, ele não... Os barcos estavam no nome dele e tudo, na época da Guerra, e o que que eles fizeram? Cortaram o combustível que era o que movia os barcos que meu pai tinha, o Dais e o Alice, mas precisava trabalhar para ganhar dinheiro, como é que ia sustentar a família? Como não podia vender, ele comprava clandestino, aí pegaram ele, ele foi preso, não estava fazendo nada demais porque ele pagava e tudo direitinho, como é que ia trabalhar com um barco sem combustível? Não podia funcionar né! E ele era naturalizado! Que valor que tinha? Nenhum pro pessoal, mas aí ele foi preso, não sei quanto tempo

> ficou, um mês, só sei que minha mãe levava todo dia comida lá pro eu pai, aqui, na Praça dos Andradas, naquela cadeia. Mas graças a Deus saiu, aí depois que foi mandado embora de Santos.

Além de serem proibidos de executar uma serie de atividades, também não poderiam conversar normalmente na língua do país de origem. Mesmo no final da década de trinta e início de quarenta, era comum encontrar japoneses no Brasil que não dominavam plenamente o português, mantendo, assim, comunicação na língua nativa, principalmente no ambiente familiar. Essa comunicação passou a representar riscos de detenção simplesmente por pronunciar palavras em outra língua que não fosse o português. Em certa ocasião, "A Tribuna" registrou a detenção de dois japoneses por manterem conversas em japonês em vias públicas, sendo assim acusados de "quinta coluna". Outra situação semelhante foi relembrada pelo Entrevistado AF que, ao testemunhar um fato ocorrido no bairro do Saboó, conta que o seguinte:

> Teve uma vez que eu fui ser testemunha de um cara, um japonês, aí o delegado deu uma bronca no cara, na minha frente, eu tava lá, era testemunha e começou a perguntar: "faz tempo que o senhor conhece o seu fulano aqui, quero ver se você sabe do acontecido". Aí eu comecei a falar, depois foi o japonês falar com ele assim na língua deles, o delegado falou "escute, é proibido falar a língua japonesa aqui, cala a boca, não pode falar!" Deu um grito na minha frente, os japoneses ficaram quietinhos, depois da Guerra não podia falar a língua japonesa, ficou quietinho.

Presos em Santos e São Vicente quatro inimigos do Brasil

Na Vila Cascatinha, em S. Vicente, na tarde de domingo, foram presos, por populares, os indivíduos Antônio Linthiense e Antônio Kubelis, o primeiro de nacionalidade lituana e o segundo de nacionalidade alemã.

Ambos, com ostentoso desrespeito à dôr que nos punge pela perda irreparável de nossos compatriotas, comentavam, favoravelmente, ora em idioma alemão, ora num português tacanho, o gesto dos países do "eixo". Esses inimigos da nossa pátria foram

tregues, depois de processo regular, ao Tribunal de Segurança Nacional.

— Na tarde de ontem, investigadores da Ordem Política e Social prenderam, numa praça pública desta cidade, os nipônicos Isakame Kamasi e Tukama Kama, os quais falavam em voz alta o idioma de seu país de origem. Interpelados pelos policiais, os dois japoneses, com revoltante petulância, afirmaram que sabiam falar português, mas não o fariam, a não ser por conveniência. Esses dois "quinta-colunas" foram

Imagem 86: **Preso em Santos e São Vicente quatro inimigos do Brasil. A Tribuna**. Santos: 25 ago. 1942. p. 3.

Em outros casos, os japoneses tiveram seus rádios de uso doméstico apreendidos sub a suspeita de serem informados com transmissões vindas do Japão. Não são muitas as ocorrências dessa natureza, mas em um dos prontuários do DOPS, de n° 2159 (Anexo 10), encontrado no Arqui vo Público do Estado de São Paulo, consta que o secretário da Escola Japonesa de Santos, o Sr. Morigushi, reclamou e solicitou a devolução de um rádio Phillips de oito válvulas. O radio foi devolvido, contudo as ondas curtas foram lacradas. Nos casos de apreensão de rádio encontrados no arquivo do DOPS, todos eles foram devolvidos. Contudo, em determinada folha do prontuário citado acima, o delegado Luiz Tavares da Cunha demonstra preocupação quanto a posse de tais aparelhos por japoneses, salientando para o fato de serem estes conselheiros e líderes nas colônias japonesas:

> Por varias vezes tenho me manifestado sobre pedido de devolução de rádios de japoneses, opinando sempre pelo indeferimento.
>
> Isso, porque, como tenho ponderado, somente possuem ditos aparelhos os Conselheiros da colônia e não convem a segurança Nacional que esses amarelos, residindo no litoral, estejam de posse de tais engenhos, que os põem em contato a todo instante com a pátria de origem (**Prontuário n° 2159.** DOPS, Arquivo Público do Estado de São Paulo. 1943).

O clima de hostilidade por parte da população, a proibição da língua japonesa e as limitações para o exercício do trabalho fizeram com que os japoneses de Santos e seus descendentes sofressem mais nessa época desde que chegaram ao Brasil (SILVA, 2007. p. 51–52). Contudo, o pior ainda estava por vir. Em 1942, quando, por ocasião do torpedeamento dos navios brasileiros pelos alemães, o governo estabeleceu como área de segurança nacional toda a costa litorânea através do decreto 10.490 de 25 de dezembro de 1942. Decidiu-se, assim, remover todos os imigrantes de nacionalidade inimiga e enviá-los para o interior, longe da costa em pelos menos cinquenta quilômetros. Os imigrantes ficaram impedidos de regressar até o fim da Guerra, a não ser pelo caso especial de salvo conduto expedido pelas autoridades. A medida atingiu diretamente a colônia japonesa localizada na Baixada Santista, obrigando, quase em sua totalidade, as pessoas a se desfazerem de seus pertences e se dirigirem para diversas regiões do Estado, para casa de familiares, amigos ou até de pessoas desconhecidas. Em casos extremos, alguns japoneses poderiam até mesmo serem dirigidos a campos de concentração destinados a japoneses, italianos e alemães criados durante esse período com a intenção de manter reclusas pessoas potencialmente perigosas ao país (PERAZZO, 2009, p. 59-62).

A maioria dos entrevistados lembrou o episódio da remoção da cidade, alguns até mesmo sem antes serem indagados sobre o assunto, descrevendo posteriormente uma série de detalhes, revelando o quanto aquilo foi marcante para as suas vidas[8]. Quase a totalidade dos japoneses teve que deixar a cidade em vinte e quatro horas, sem tempo hábil para vender seus negócios ou deixar sob responsabilidade de amigos ou vizinhos. Em alguns casos encontrados nos prontuários do arquivo do DOPS, as famílias tiveram pouco mais de quatro horas para recolher seus pertences e se prepara para deixar a cidade. Apenas puderam permanecer mulheres viúvas e menores com nacionalidade brasileira; até mesmo japoneses naturalizados tiveram que deixar a região.

"A Tribuna" flagrou a remoção dos japoneses e alemães da região, que se procedeu por completo em dois dias. No caso, a reportagem destacou a grande superioridade numérica dos japoneses na região e, por isso, a cautela das autoridades para manter a ordem e a disciplina e assegurar que tudo ocorresse de acordo com os parâmetros legais. Destaca também, que a remoção não teve caráter punitivo, e sim se baseava nos interesses da soberania nacional. Pegos de surpresa, os japoneses tiveram que tentar vender seus pertences a qualquer preço antes da remoção, caso contrario, seus bens ficariam para trás. Assim a matéria destacou:

[8] Segundo as autoras Marieta de Morais Ferreira e Janaina Amado, ao se trabalhar com História Oral, é preciso utilizar métodos e técnicas emprestadas de outras disciplinas para dar conta do contexto sociológico e psicológico do entrevistado para a percepção de informações e elementos nem sempre presentes na sua fala (1998. p. 38).

ESTÃO SENDO AFASTADOS DE SANTOS E DO LITORAL TODOS OS SÚDITOS JAPONESES E ALEMÃES

A medida atinge cêrca de dez mil chefes de famílias residentes em toda faixa litorânea do Estado — Embarcaram ontem para a capital 215 alemães e japoneses, entre adultos e crianças

Por determinação do major Vieira de Melo, superintendente da Ordem Política e Social, o dr. Afonso Celso de Paula Lima, delegado auxiliar de polícia em Santos, iniciou o serviço de transferência de todos os japoneses e alemães para a capital e cidades do interior.

Investigadores de Santos e de São Paulo, trabalhando em turmas distintas e ininterruptamente, já detiveram centenas e centenas de súditos do Japão e da Alemanha, não só em nossa cidade, mas também no litoral sul e norte do Estado.

Na manhã de ontem, seguiu para São Paulo o primeiro contingente de japoneses e germânicos atingidos pela medida determinada pelo superintendente da Ordem Política e Social.

O embarque verificou-se às 10 horas, em composição especial da S. P. R., que transportou nada menos de 215 pessoas, entre adultos e menores.

Na manhã de hoje deverá seguir a segunda leva, compreendendo, na maioria, japoneses que residiam na faixa litorânea.

Trata-se de um serviço penoso, pois os estrangeiros alcançados pela determinação do major Vieira de Melo, notadamente o elemento nipônico, estavam distribuidos por zonas diferentes e distantes, na extensa região do litoral do Estado. Os investigadores, todavia, bem orientados, desenvolvem esse serviço com presteza e regularidade.

Todos os japoneses e alemães se destinam provisoriamente à Imigração, na capital, onde aguardarão ordens para seguir para cidades do interior, onde trabalharão em colônias agrícolas.

Não ocorreu qualquer incidente durante o serviço de detenção e embarque desses estrangeiros.

NÃO PODEM DAR HOSPEDAGEM A ALEMÃES E JAPONESES

Ontem, à tarde, chegaram a esta cidade, por um trem da Sorocabana, cêrca de 30 famílias de japoneses, vindas de várias localidades do litoral e que aqui aguardarão embarque para a capital.

Para pôr em prática a medida adotada pelo major Vieira de Melo, superintendente da Ordem Política e Social, de remover do nosso litoral todos os japoneses e alemães ali residentes, encontra-se numa das localidades servidas pela E. F. Sorocabana, o dr. Luiz Tavares da Cunha, delegado da Ordem Política e Social, que tem a auxiliá-lo grande númer., de investigadores daquela Superintendência.

O dr. Nelson da Veiga, delegado em Santos da Ordem Política e Social, mandou notificar todos os hoteleiros, donos de pensões e casas de cômodos que é expressamente proibido dar hospedagem a qualquer cidadão de nacionalidade alemã ou japonesa. Aos infratores será aplicada severa pena.

NOTA DA SUPERINTENDÊNCIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

S. PAUO, 8 (Da sucursal) — Comunicam-nos da Superintendência de Ordem Política e Social, por intermédio da Agência Nacional: "Por determinação do major Vieira de Melo, superintendente da Ordem Política e Social, e como medida de segurança nacional, foi iniciada hoje a retirada de todos os alemães e japoneses, entre adultos e crianças, os quais foram encaminhados imediatamente para o edifício da Imigração, onde, após registo, serão localizados em várias cidades.

Essa medida atinge cêrca de 10.000 chefes de família, residentes em Santos e no litoral. Sòmente os italianos suspeitos de atividades contrárias à segurança do país é que foram incluídos entre os que devem sofrer essa medida.

Por sua vez, os súditos de países do "eixo" que residem nas proximidades da represa de Santo Amaro, também dali serão afastados.

Dentro de poucos dias o afastamento de todos os elementos nocivos ao Brasil deverá estar concluido, graças à presteza com que foram cumpridas as ordens do major Vieira de Melo, pelos delegados Afonso Celso e Nelson da Veiga.

VON KLUGE, que dirigiu as operações contra Moscou, em 1941, está comandando o grupo central dos exércitos germânicos, em sua atual ofensiva na área Orel-Kursk-Bielgorod. A informação, procedente da capital russa, adianta detalhes do plano que o comandante teuto deveria executar e que consistia, segundo tudo faz crer, nô avanço das fôrças nazistas tanto ao sul como ao norte de Kursk, seguindo-se o ataque contra esta última cidade, que abriria caminho para Voronezh, através da região da "terra negra". Voronezh, ainda de acordo com a mesma fonte informativa, constitue a "chave" de um movimento de flanqueamento para o norte, visando Moscou. Assim, na tentativa de conquistar Kursk, von Kluge ordenou às tropas, anteontem lançadas em ação, para atacar em todos os pontos onde, no primeiro dia da ofensiva, haviam sido destruidos os tanques e dizimada a infantaria atacante. Expos-

QUASI CONCLUIDOS OS TRABALHOS DE CALÇA

Imagem 87: **Estão sendo afastados de Santos e do Litoral todos os súditos japoneses e alemães.**

A Tribuna. Santos: 09 jul. 1943. p. 3.

MAIS DE 1.500 SÚDITOS JAPONESES E ALEMÃES REMOVIDOS, ONTEM, PARA A CAPITAL DO ESTADO

Praticamente não há mais súditos do Japão e da Alemanha em nossa cidade — Cenas que a reportagem observou durante o embarque — Vendendo tudo a qualquer preço

APÊLO DO DELEGADO AUXILIAR DE POLÍCIA

A medida determinada pelo major Vieira de Melo, superintendente da Ordem Política e Social, quanto à imediata transferência de súditos japoneses e alemães para a capital e subsequente redistribuição para o interior do Estado, processa-se em nossa cidade com plena regularidade, esforçando-se a polícia para a perfeita execução dessa providência inédita no país e que não revela qualquer ato de punição, mas inspirada nos altos interesses da segurança nacional.

A remoção de japoneses e alemães, iniciada anteontem, continuou durante o dia de ontem, quando foram embarcados para a capital nada menos de 1549 pessoas daquelas nacionalidades, predominando, entretanto, o elemento amarelo.

Os alemães foram os primeiros a embarcar e muitos deles preferiram viajar espontaneamente e a expensas próprias.

Praticamente, não há mais alemães na cidade. E os japoneses, em número consideravelmente maior, também já foram expurgados, em sua maioria, havendo, entretanto, milhares deles residentes na larga faixa litorânea que ainda aguardam embarque nos seus centros domiciliares. Todos, porém, já foram notificados, de maneira que dentro de poucas horas todo o litoral estará varrido dos súditos nipônicos.

ORDEM E DISCIPLINA

Todos os detalhes de transferência desses estrangeiros decorreram sem atropelo, em ambiente de tranquilidade e de respeito, não se registando qualquer incidente. Aliás, os investigadores encarregados do serviço agem ponderadamente, evitando qualquer constrangimento aos estran- [illegible] atingidos pela oportuna

Flagrantes colhidos pela reportagem fotográfica da "A Tribuna", por ocasião do embarque de súditos nipônicos para a capital. No primeiro plano, várias famílias japonesas já acomodadas no trem. Em baixo, um aspecto do embarque na plataforma da Inglesa

OS EMBARQUES DE ONTEM

As 10 horas de ontem, em composição especial da Inglesa, foram embarcados para a capital 775 súditos japoneses e alemães, aqueles em número extraordinariamente maior. Seus documentos de identidade são recolhidos pelas autoridades policiais encarregadas de sua custódia, recebendo-os posteriormente, depois do registo na Hospedaria de Imigração.

No período da tarde, nova composição especial conduziu para a capital 774 japoneses, fazendo-se muitos deles acompanhar de suas famílias.

O serviço de embarque decorreu em boa ordem.

QUASE TODOS QUEREM RESIDIR NA CAPITAL

A reportagem teve ocasião de abordar alguns súditos nipônicos pouco an[illegible] do seu em[illegible]. Mostravam-se conformados com a medida policial. Um ancião, antigo morador da Ponta da Praia, comentava, entristecido, que reside em Santos há 25 anos e durante todo esse tempo não se havia afastado da cidade. Atendeu prontamente à instrução para o embarque, conformando-se com a situação, mas receberia com angustia qualquer ordem de fixação de residência fora da capital do Estado.

Aliás, a maioria deles prefere residir em S. Paulo.

VENDENDO TUDO A QUALQUER PREÇO

Colhidos de surpresa, pela medida da Ordem Política e Social, numerosos japoneses trataram de se desfazer de seus bens. No Marapé, na Ponta da Praia e em Santa Maria, houve verdadeira corrida para a venda de suínos, galináceos, muares etc.. Os japoneses — quase todos proprietários de chácaras — expuzeram à venda quase tudo quanto possuiam. Vendiam a qualquer preço, pois não havia tempo para re[illegible]. Sabe-se de um deles [illegible] de cada um,

que, para se desfazer de sua chácara em Santa Maria, vendeu três porcos, uma carroça e um muar pela quantia de mil cruzeiros! E galinhas? Essas foram vendidas a três e dois cruzeiros a cabeça.

NA HOSPEDARIA DE IMIGRAÇÃO

S. PAULO, 9 (Da sucursal) — Continuam a chegar a esta capital os súditos japoneses e alemães que residiam em Santos e na região do litoral sul e norte do Estado. Durante o dia de ontem, em dois trens especiais, chegaram ao edifício da Imigração 1.549 nipônicos e alemães, aqueles em maior parte.

Após o competente registo, os estrangeiros são conduzidos aos alojamentos, onde há limpeza e conforto. A alimentação é farta e saborosa.

Há cerca de 4.000 japoneses e alemães recolhidos à Imigração.

Esses estrangeiros, quando perguntados qual a cidade em que pretendem continuar suas atividades, optam impreterivelmente pela capital. Entretanto, o critério adotado parece ser dos mais justos, porquanto cada pessoa ou família é destinada a uma cidade apropriada para o desenvolvimento da profissão do seu chefe.

Os japoneses, em sua maioria, vieram acompanhados de suas famílias. Há muitas crianças na Hospedaria de Imigração.

Verificaram-se dois casos de moléstia: o de uma criança atacada de sarampo e de uma velhinha acometida de maleita. Os médicos providenciaram imediatamente o isolamento desses enfermos, os quais estão sendo cuidados com todo carinho profissional.

REMESSA PARA O INTERIOR DO ESTADO

A remessa de nipônicos e alemães para o interior do Estado começou na noite de hoje. Não serão removidos para cidades onde existam quartéis do Exército, sendo, porém, as demais localidades de livre escolha. As famílias que não dispõem de recursos serão encaminhadas aos prefeitos municipais e terão toda assistência até normalizar a situação par[illegible]

Imagem 88: **Mais de 1500 súditos japoneses e alemães removidos. A Tribuna**. Santos: 10 jul. 1943. p. 10.

Colhidos de surpresa, pela medida da Ordem Política e Social, numerosos japoneses trataram de se desfazer de seus bens. No Marapé, na Ponta da Praia e em Santa Maria, houve verdadeira corrida para a venda de suínos, galináceos, muares etc. Os japoneses - quase todos proprietários de chácaras – expuzeram à venda quase tudo que possuíam. Vendiam a qualquer preço, pois não havia tempo [...]. Sabe-se de um deles que, para se desfazer de

> sua chácara em Santa Maria, vendeu três porcos, uma carroça e um muar pela quantia de mil cruzeiros. E galinhas? Essas foram vendidas a três e dois cruzeiros a cabeça (**A Tribuna,** Santos, 9 jul. 1943. p. 3).

Poucas pessoas puderam permanecer na região, a Entrevistada IU foi uma delas, que permaneceu, apesar de seus pais saírem para cuidar da casa e dos irmãos, além de terminar os estudos:

> Eu vou dizer a verdade para você, eu não tenho muito para contar não, porque quando estourou a Guerra em 1943, não, na época em que eles mandaram os japoneses embora, eu fiquei aqui, então não tinha japoneses, todos foram, de um dia para o outro eles mandaram embora, os japoneses né. Quer dizer, foram com a roupa do corpo, então lá na Ponta da Praia... Aqui na cidade, ficaram só nos. Mas o pessoal que morava na Ponta da Praia, tinham muitas chácaras, elas largaram as chácaras, largaram tudo, já imaginou você chegar na sua casa e você ter que ir embora amanhã, do jeito que você está! Ninguém teve... Sei lá! Pegar o dinheiro, alguma coisa, ou vender uma máquina, qualquer bens que eles tinham, uma máquina de costura. Mas eu acho que a maioria não tinha casa comprada, era tudo acho que meio alugada assim. Então eles foram, largaram tudo e foram embora com a família toda, nos ficamos, do jeito que nós ficamos e não acontecia nada. Só meu pai e minha mãe que foram para o interior para a casa do... Lá do Igarapava, na divisa de Minas, foram para a casa de uns parentes, a minha madrasta, que eles têm muitos irmãos, já tinham sítio lá.

A Entrevistada MK não teve a mesma sorte, sendo abrigada a se retirar para a cidade de Bauru com a sua família e lá permanecer durante cinco anos até que pôde retornar para Santos mais tarde:

> Olha, a retirada foi difícil! Eles avisaram à tarde, disse que tinha que sair, aí saíram e foram tudo para a estação Santos-Jundiaí. E a gente nem conhece nada, mas pegamos um trem para a Imigração, imigrante e depois pegamos um outro trem para Bauru. Cada um tinha um conhecido no interior, soube do caso e deixou. Nós tínhamos, em Bauru, aí vieram buscar a gente na estação de Bauru. Ficamos hospedados na casa dessa família e depois cada um arranjou um canto para ficar, chácara outra vez! Foi assim a vida.

A Entrevistada YY conta que sua família envolveu-se com o comércio de verduras na capital do Estado, após a remoção da cidade:

> Por causa da Guerra, depois ela ia como que, meu pai plantar verdura, conhecia lá em São Paulo Mercado que comprava verdura fruta assim, conhecia pessoa lá; aí eles ensinaram onde é que tinha uma quitanda uma coisa assim, então ele foi lá e não sei se alugou ou comprou lá.

Algumas famílias foram saqueadas por outras pessoas na medida em que deixavam seus pertences para trás. Em entrevista cedida ao Jornal A Tribuna, o Sr. Shimabukuro relembra que a polícia determinou a retirada do bairro do Saboó junto com os demais moradores japoneses. Conta também que tentou vender tudo o que tinha, mas encontrou resistência, uma vez que muitos amigos seus, a partir daquele momento, passou a evitá-lo:

> Nós tentamos vender as galinhas e os porcos, mas quase ninguém queria comprar. As pessoas que eram minhas amigas antes, naquele momento, viraram a cara para mim enquanto passava na rua. Enquanto eu e minha família saíamos de casa, eu observava meus vizinhos tirando meus porcos e galinhas por cima do muro.

de Freitas, que mora no bairro

FOTOS WALTER MELLO

Matsuo: "Foi horrível. Um pesadelo terrível"

Shimabukuro se recorda da escola japonesa

Imigrantes lembram expulsão do bairro

Após um dia vendendo hortaliças, o lavrador Uskgsi Shimabukuro voltava para casa quando foi parado por um policial. O oficial pediu seus documentos e só lhe disse uma vez -teria de sair de Santos até a manhã seguinte. Não houve defesa, nem explicações. O trabalhador, no Brasil desde 1932, era imigrante japonês, e o Brasil havia declarado guerra contra os países do Eixo, entre eles, o Japão. Algumas horas depois, ele e sua esposa colocavam as roupas em sacos e saíam de casa com seus cinco filhos, enquanto os vizinhos roubavam seus porcos e galinhas.

Esta é uma das lembranças de um dos mais antigos moradores do Saboó. A passagem ocorreu em 9 de julho de 1943, quando o delegado auxiliar de Polícia em Santos, o superintendente da Ordem Política e Social Afonso Celso de Paula Lima, ordenou a retirada de todos os imigrantes japoneses e alemães das cidades do Litoral do Estado onde poderiam facilitar uma possível invasão). A família de Shimabukuro foi uma das dez mil expulsas de suas residências e mandadas para trabalhar no Interior.

Hoje, com 92 anos, morando em uma parte de sua propriedade original, no Saboó, o lavrador afirma que não moraria em outro lugar. "Aqui conheço todos e está tudo muito bom". Mesma opinião de 67 anos atrás, quando partiu da ilha de Okinawa para vir a Santos trabalhar. Na Cidade, já estavam três irmãos que o recepcionaram. Naquele mesmo ano, casaria, iniciando uma família com 8 filhos, 18 netos e 12 bisnetos.

Bairro Chinês — Shimabukuro se fixou na região conhecida na época como Bairro Chinês (como os orientais eram conhecidos na época), que englobava parte do Valongo, Saboó, Chico de Paula e Jardim Santa Maria. Em sua chácara, plantava hortaliças e criava galinhas e porcos, produtos que vendia para os barraqueiros no Mercado e nas residências na Cidade, com sua charrete. Esse era seu trabalho até 1943, quando foi expulso de Santos.

"Nós tentamos vender as galinhas e os porcos, mas quase nínguém queria comprar. As pessoas que eram minhas amigas antes, naquele momento, viravam a cara para mim quando passava na rua. Enquanto eu e minha família saíamos de casa, eu observava meus vizinhos tirando meus porcos e galinhas por cima do muro".

A dona de casa Matso Koshiquene (a dona Maria), de 81 anos, também moradora do Saboó, se recorda de sua expulsão. "Foi horrível, um pesadelo terrível. Os policiais passaram o dia (9 de julho de 1943) nos visitando e avisando que teríamos 24 horas para sairmos. Nós não tínhamos escolha, pegamos a roupa do corpo e partimos para o Valongo (Estação Ferroviária do Valongo, onde os imigrantes embarcaram para o Interior)".

Os dois moradores não guardam rancor desse tempo, afirmando que "um imigrante está sujeito a qualquer coisa", segundo Shimabukuro. Ele foi para Presidente Prudente, voltando dois anos depois — "Santos é muito melhor. Lá ficávamos muito doente por causa do tempo seco e da poeira". Matso e sua família foram para Bauru, voltando cinco anos depois.

Escola — O lavrador conta que, ao retornar, encontrou seu terreno repartido entre os vizinhos, o que o levou a construir sua casa em outro, onde reside até hoje. "Tudo que era de japoneses ou ligado à colônia foi tomado ou destruído. Até mesmo a Escola Japonesa teve de ser reconstruída".

Shimabukuro refere-se ao colégio construído pela colônia no Saboó (um dos três implantados em Santos), que alfabetizava os imigrantes e seus filhos em português e japonês. A escola teve de ser reconstruída entre 1948 e 1950, afirma, quando muitos exilados voltaram do Interior.

Hoje, a casa não existe. O único sinal é uma escadaria de pedra, coberta pela vegetação de um terreno baldio, no meio de um bananal. Segundo o lavrador, a escola funcionava como um centro cultural dos imigrantes, onde se realizavam as festas da colônia — entre elas, a do Aniversário do Imperador, em 29 de abril.

No próximo domingo — Para os amantes de esportes radicais, é o caminho para a pista de salto de asa-delta. Mas para centenas de famílias é um bairro residencial onde vizinhos ainda conversam no portão e a criançada brinca nas ladeiras. O Morro do José Menino é o próximo tema da série Retratos da Cidade. Os leitores podem participar ligando, gratuitamente, para o Alô Tribuna (0800-127711), informando histórias interessantes, fatos curiosos ou moradores da região com importância para a comunidade.

Imagem 89: **Imigrantes lembram a expulsão do bairro.**
A Tribuna, Santos, 26 set. 1999.

A remoção no bairro do Saboó seguiu-se e poucos japoneses puderam permanecer no local, deixando para trás, tudo aquilo que construíram desde a chegada na cidade. O Entrevistado AF relembrou como foi a remoção dos japoneses do bairro:

> O japonês foi saindo na marra, veio o aviso para eles saírem, deram um prazo, a polícia chegou aí, ficaram alguns com carroças, veio o juiz e deu um prazo para vender, aí foram tudo para o interior. No meu tempo, quando teve a Guerra, não ficou um japonês aqui no Saboó, era cheio de japonês, não ficou um, se tivesse japonês a polícia enchia o carro e ia embora com eles. Nós vendo eles irem embora, deixaram tudo, deixaram carroça, deixaram burro, Tempo da Guerra! Tiraram na marra a japonesada daqui, Saboó só ficou aquelas que não tinha o marido, que fosse viúva, se não ia embora com japonês e tudo, podia ser menor, ai tudo embora para interior, Bauru, esses lugares do interior, e quem não teve tempo de vender os burrinhos e as carroças, ficou tudo aí! O pessoal pegou, pegaram e venderam burro, carroça, foram embora!

É interessante notar que o Saboó, segundo a Lista dos Japoneses residentes em Santos (Anexo 1), era o segundo com a maior concentração de japoneses da cidade. Após a remoção, pouco a pouco os japoneses puderam voltar ao local, que permaneceu com um número reduzido de famílias em relação aos anos anteriores. Nos dias de hoje, restam apenas algumas famílias, sendo que parte delas jamais voltou do interior ou mudaram-se posteriormente para outros bairros da cidade (SILVA, 2007, p. 56).

Nos prontuários do DOPS, no Arquivo Público do Estado de São Paulo, é possível encontrar algumas histórias dramáticas referentes a japoneses que deixaram a cidade de Santos. O Prontuário 23821 (Anexo 11), por exemplo, diz respeito à tentativa de uma família portuguesa de trazer de volta para a região uma menina que era órfã de pai e mãe, criada por essa família e foi obrigada a se retirar

da cidade, sem ter lá quem a educasse. Contudo, não se sabe se o pedido foi aceito ou indeferido. Assim dizia o Delegado Auxiliar Affonso Celso:

> Tenho a honra de solicitar a gentilêza das providências de V.S. no sentido de ser autorizado o regresso a esta cidade da japonesa Iaé Nishinunekura, que encontra-se nessa Capital em virtude de determinação superior. Essa moça é órfã de pai e mãe, tendo sido criada pela família do Sr. Antônio Fernandes, de nacionalidade portuguesa, desde a idade de nove anos.
>
> O referido negociante assumiu, perante essa Auxiliar, inteira responsabilidade pela permanência daquela japoneza nesta cidade.
>
> Agradecendo antecipadamente, sirvo-me do ensejo para reiterar a V.S. os meus protestos de elevado apreço e mui distinção (**Prontuário n° 2159.** DOPS, Arquivo Público do Estado de São Paulo. 1943).

Inevitavelmente, muitas famílias que deixaram Santos jamais regressaram. Passaram a viver no interior de São Paulo ou no Estado do Paraná em novas atividades, na maioria das vezes relacionadas à agricultura. O Entrevistado FT conta que:

> Depois de Guerra só tinha chácara pequena, não tinha nem dez famílias, aí todo mundo foi para Macuco[9], Suzano, Mogi, muitos lugares morou. Depois de Guerra, muitas pessoas ficaram lá em Suzano, muitas pessoas morou e não voltou mais para Santos.

Entre a documentação pesquisada presente na Associação Japonesa de Santos, encontrava-se, junto com a "Lista dos Japoneses Residente em Santos" (Anexo 1), uma outra com o provável destino de algumas dessas famílias (Anexo 4). Apesar da maioria dos nomes desse documento constarem sem o local de destino no ano de 1943, é possível perceber que certa parte dos imigrantes japoneses

[9] Bairro de Santos.

conseguiu permanecer em Santos, outra bem maior foi encaminhada para a Capital e outras localidades, constando a cidade de Marília como local com maior número de deslocados depois da Capital. Contudo o grande número de cidades presentes no documento revela quão dispersos foram os japoneses residentes em Santos:

Tabela 8: **Destino dos japoneses residentes em Santos após a remoção.**

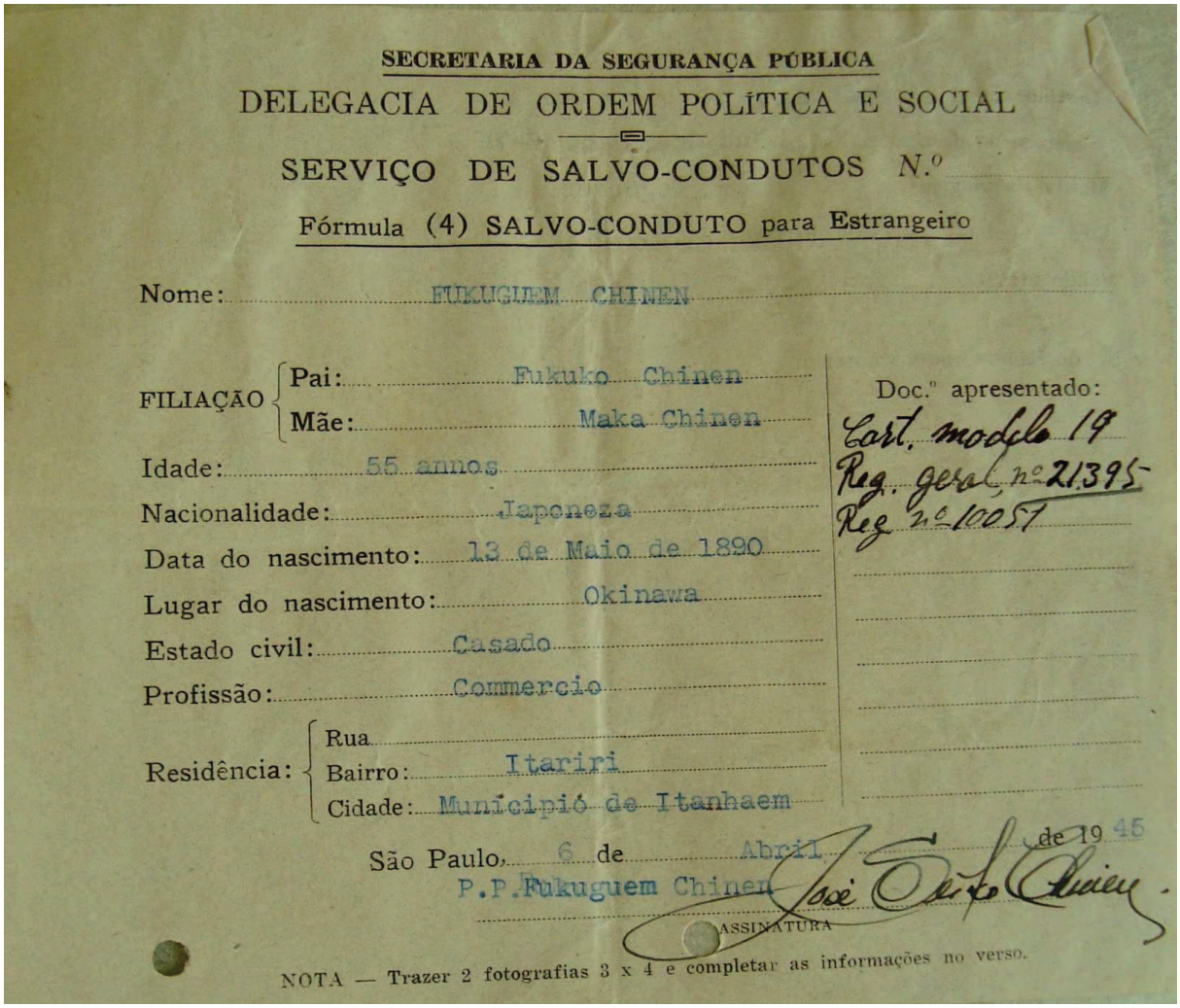
Não foi possível identificar a cidade	45
Permaneceram em Santos	36
Não especificado	330
Aclimação	1
Bastos	3
Bauru	1
Bertioga	2
Birigui	1
Campinas	1
Campos de Jordão	1
Caramuru	1
Caxingui	3
Falecidos	8
Guarujá	1
Itariri	1
Itu	1
Jabaquara	1
Lavínia	1
Linha Sorocabana	1
Lins	11
Marília	25
Mogi das Cruzes	3
Mogiana	1
Mooca	1
Pedro Barros	1
Paraguaçu	2
Paraná	2
Pedro de Toledo	1
Pinheiros	1
Piracicaba	2
Pompeia	3
Presidente Prudente	7
Registro	2
Santo Amaro	2
Santo Anastácio	1
São José dos Campos	1
São Paulo	66
Sorocaba	6
Suzano	3
Três Barras	2
Tupã	3
Valparaizo	1

Ypiranga	1

FONTE: Adaptado do documento **"Lista dos Japoneses Residentes em Santos nº2"** encontrado na Associação Japonesa de Santos.
AUTOR: Rafael da Silva e Silva.

Nos casos em que as pessoas deixaram negócios e pertences para trás, as autoridades concediam salvo conduto e permitiam o regresso à cidade, muitas vezes com a presença de investigadores. Dentre os documentos no DOPS, muitos foram os casos de pessoas que desejavam encerrar suas atividades na cidade e pediam autorização para regressar à cidade por apenas alguns dias. O prontuário 20456 (Anexo 16), do Arquivo Público do Estado de São Paulo, por exemplo, apresenta a súplica do senhor Kiko Miyagi, que foi removido da cidade e necessitava regressar para vender seus pertences e regressar à capital, onde se encontrava. Em carta anexada ao prontuário ele solicitava:

> Ao serem afastados do litoral paulista os membros do "eixo", o suplicante colhido por essa medida veio localizar-se na cidade de Campo Limpo, nesta Capital. Ao abandonar, porem, sua residencia, o requerente deixou, quatro muares, dois caminhões, terrenos e casas, - que constituem seu único patrimônio, razão pela desejaria voltar alguns dias (ao criterioso juízo de V. Excia.) para que possa efetuar a venda desses seus haveres.



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

SERVIÇO DE SALVO-CONDUTOS N.º

Fórmula (4) SALVO-CONDUTO para Estrangeiro

Nome: FUKUGUEM CHINEN

FILIAÇÃO { Pai: Fukuko Chinen
Mãe: Maka Chinen

Idade: 55 annos

Nacionalidade: Japoneza

Data do nascimento: 13 de Maio de 1890

Lugar do nascimento: Okinawa

Estado civil: Casado

Profissão: Commercio

Residência: { Rua
Bairro: Itariri
Cidade: Municipio de Itanhaem

Doc.º apresentado:
Cart. modelo 19
Reg. geral nº 21395
Reg nº 10057

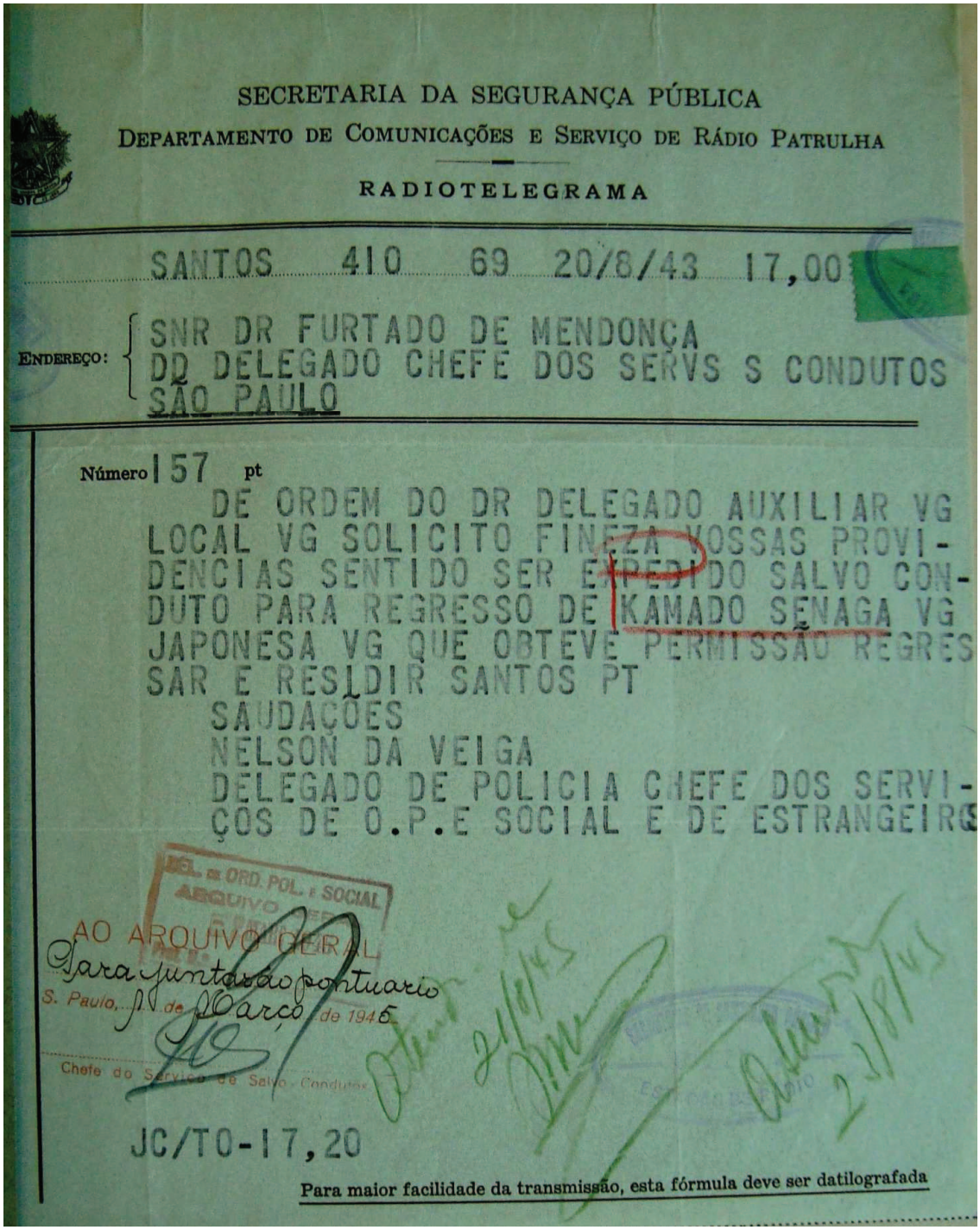
São Paulo, 6 de Abril de 1945

P.P. Fukuguem Chinen

ASSINATURA

NOTA — Trazer 2 fotografias 3 x 4 e completar as informações no verso.

Imagem 90: **Exemplo de salvo conduto para estrangeiro de Fukuko Chinen.**
Prontuário n° 57327 - DOPS. Arquivo Público do Esta do de São Paulo.



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E SERVIÇO DE RÁDIO PATRULHA

RADIOTELEGRAMA

SANTOS 410 69 20/8/43 17,00

ENDEREÇO: SNR DR FURTADO DE MENDONÇA
DD DELEGADO CHEFE DOS SERVS S CONDUTOS
SÃO PAULO

Número 157 pt

DE ORDEM DO DR DELEGADO AUXILIAR VG
LOCAL VG SOLICITO FINEZA VOSSAS PROVI-
DENCIAS SENTIDO SER EXPEDIDO SALVO CON-
DUTO PARA REGRESSO DE KAMADO SENAGA VG
JAPONESA VG QUE OBTEVE PERMISSÃO REGRES
SAR E RESIDIR SANTOS PT
SAUDAÇÕES
NELSON DA VEIGA
DELEGADO DE POLICIA CHEFE DOS SERVI-
ÇOS DE O.P.E SOCIAL E DE ESTRANGEIROS

DEL. de ORD. POL. e SOCIAL
ARQUIVO

AO ARQUIVO GERAL
Para juntar ao pontuario
S. Paulo, 11 de Março de 1945
Chefe do Serviço de Salvo-Condutos

JC/TO-17,20

Para maior facilidade da transmissão, esta fórmula deve ser datilografada

Imagem 91: **Ordem para expedir salvo conduto.**
Prontuário 45191 DOPS. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

As pessoas que tiveram maiores problemas com a adaptabilidade no interior eram ligadas ao ramo da pesca. A maioria dos prontuários referentes à solicitação e à autorização de salvo conduto diziam respeito a pessoas ligadas a esse ramo e que estavam sofrendo privações com a vida no interior, solicitando, assim, às

autoridades a permissão para regressar à cidade litorânea permanentemente. O prontuário n° 28648 (Anexo 12), do Arquivo Público do Estado de São Paulo, é mais um desses casos, onde o requerente relata que vivia em Santos há mais de trinta anos, sempre tirando o sustento de sua família através da pesca e, por conta da remoção, encontrava-se em situação financeira delicada:

> Seian Hamamoto, abaixo assinado, brasileiro naturalizado, de profissão pescador matriculado na Capitania dos Portos de Santos, filho de Casaemon Hamamoto e dn. Mina Hamamoto, residente em São Paulo a rua conde de Sarzedas n° 108, vem por meio deste muito respeitosamente solicitar-vos o seguinte.
>
> O requerente que conta 65 anos de edade, residia em Santos a Avenida Rei Alberto n° 241 em companhia de sua esposa de nome Missako Hamamoto e mais 8 filhos, brasileiros, vivendo do produto da pesca, isto a mais de trinta anos, sempre em Santos.
>
> Acontece que por determinação das respeitáveis ordens das autoridades, teve que retiraram-se de Santos, estando provisoriamente residindo em São Paulo, onde vive passando privações, pois o pouco recurso que possuía gastou em custeio de sua vida na Capital, achando atualmente quase na miséria.
>
> Pelos motivos acima, é que o peticionário implora da digna autoridade que preside os destinos da Ordem Política e Social o seu regresso para Santos, amparando deste modo um velho, bem como seus filhos todos brasileiros [...].

Muitas famílias, principalmente aquelas ligadas às atividades pesqueiras, tiveram que se adaptar a um estilo de vida completamente diferente do que estavam acostumadas. As famílias que lidavam com a horticultura ou com a pecuária, não sentiram tanto a mudança repentina, adaptando-se à vida no interior do Estado e jamais regressando a Santos. Aquelas porém, ligadas à pesca, regressaram anos mais tarde tendo que recomeçar a vida praticamente do zero, semelhante as condições em que chegaram nos primeiros anos. A Entrevistada TS, afirmou que sua família não se adaptou com a vida no campo, regressando posteriormente à

cidade. Sem barcos de pesca e com muitas dívidas, sua família teve que recomeçar através da coleta e venda de algas marinhas:

> O regresso foi assim, regresso em quarenta e sete com uma mão na frente e outra atrás, com dívida nas costas, nessa altura eu já tinha casado com ele. Então ele é de Presidente Prudente. O que nos salvou muito foi... Você conhece *sushi?* Você conhece aquela folha que é preparada? Naquela época tirava-se muito aquela alga, aquilo é uma alga que dava nas costeiras, sabe? Então, predominava aquilo. Então ele ia buscar, mandava minhas irmãs também ir buscar, tinha meus primos que também iam em busca e aquilo tirava das pedras, trazia para casa, moía, para moer não era elétrica, era manual; eu com meu filho nas costas moía aquilo, lavava direitinho. Existia-se a preparação. Então, moía, lavava direitinho e nós fazíamos um tipo de varal. Fazíamos um varal assim baixo e tínhamos a esteira que era feito de sapê, conhece sapê? As esteiras eram mais ou menos deste tantinho assim, que comportava seis folhas daquelas ali: *Nori*, existia-se o molde para preparar aquela folha e existia-se o tempero da água com a alga , água com a alga pura, não tem sal, não tem nada. Assim, fazia um caldo meio grosso de água com a alga. Aí púnhamos a esteira, pena que a gente não tem mais fotografia disso, punha-se a esteira no meio da mesa, o molde de madeira e dez folhas e ali nós largávamos aquela medida de latinha para dar a espessura do *nori,* da alga, aquela que faz. Quando escorria a água toda nós púnhamos nesse varal para secar no sol, chegava no outro dia tinha que estar tudo seco, tirávamos. Aí, no meio dessas folhas sempre tinha aquelas pedrinhas que era do mar, então tinha-se que se limpar, a gente limpava tudo a noite e fazíamos pilha. Aí vinha o vendedor de São Paulo, comprador de São Paulo e nós vendíamos duzentas, trezentas, quatrocentas folhas. Aí foi naquilo que conseguimos tirar o vermelho, pagar o vermelho [risos], que era o vermelho que nós tínhamos da lavoura, sabe?

Além dos pescadores, muitas mulheres viúvas e trabalhadores da cidade recorreram às autoridades, a fim de regressarem a Santos, principalmente aqueles cuja família ainda se encontrava na cidade. De maneira geral, esses pedidos foram aceitos com o passar do tempo e possibilitaram o regresso parcial da colônia japonesa para Santos. Na esperança de obter uma resposta positiva, as pessoas normalmente anexavam documentos que pudessem comprovar os vínculos com a cidade e a necessidade de regresso, como certidões, diplomas e declarações,

próprias ou de familiares. Outros ainda recorriam aos seus empregadores para que estes solicitassem às autoridades o regresso à cidade devido a sua importância no cargo exercido. O prontuário 62283 do DOPS, de 1945 (Anexo 13), referente ao japonês Kame Uechi é um desses casos, onde o requerente afirmava possuir emprego garantido na Companhia Docas de Santos, sendo que a própria instituição empregadora declarou que:

> São necessários a esta Companhia os serviços do Sr. Kame Uechi, trabalhador de carga e descarga da turma número V da Divisão do Tráfego, de nacionalidade japonesa, atualmente afastado de suas funções, em virtude de determinações emanadas da Delegacia Auxiliar de Santos, em meados de 1942.

No geral, os pedidos eram aceitos pelas autoridades. Poucos foram os negados, sendo esses considerados pelas autoridades ameaça à segurança nacional, apesar de não terem ficado muito bem claro os critérios que definiam isso. Abaixo segue um balanço dos documentos encontrados no arquivo do DOPS referente aos imigrantes japoneses que foram fichados ou que possuíam residência na cidade de Santos:

Tabela 9: **Prontuários do arquivo do DOPS – Arquivo Público do Estado de São Paulo**

Pedido com fins comerciais e saldo de dívidas:	21
Pedido de transferência para moradia permanente em regresso a Santos:	31
Pedido de licença para manipular produtos químicos e explosivos:	4
Pedido de transferência de endereço para a capital ou interior:	6
Preso por circular sem salvo conduto:	1
Presos por falar língua estrangeira:	4
Outros:	9
Deferidos:	49
Indeferidos:	2

Autor: Rafael da Silva e Silva

Com o deferimento dos pedidos de regresso definitivo dessas pessoas, pouco a pouco, a colônia japonesa da cidade pôde se restabelecer. As dificuldades financeiras foram muitas, como relembrou a Entrevistada TS, e foram superadas com o passar dos anos, apesar de que muitas pessoas não regressaram mais para a cidade. Todo esse contexto foi prejudicial para a educação japonesa, uma vez que suas escolas foram fechadas e a língua proibida de ser pronunciada e ensinada. Mesmo nos anos posteriores, o trauma desses episódios permaneceu gravado na memória daquela geração.

A expulsão da região litorânea também significou o rompimento das relações de amizade e, em alguns casos, familiares. Muitos japoneses e descendentes retomaram seus antigos contatos somente anos depois, graças aos avanços tecnológicos de comunicação e da retomada do prédio onde funcionou a Associação Japonesa de Santos. Alguns Entrevistados afirmam que após a remoção, perderam

o contato adquirido na Escola Japonesa, retomando somente com a reinauguração da sede da Associação Japonesa de Santos. Assim disse a Entrevistada DS:

> Mas, ainda tem o Ignácio, que está na fotografia que mora em São Paulo, hoje é Pastor, e algumas pessoas que eu perdi de vista, depois veio a Guerra e com isso nós tivemos, perdemos o relacionamento com as pessoas. Logo depois passou a ser do Exército, a casa foi cedida e agora depois de muitos anos é que eu me encontrei com algumas pessoas daquela época.

E o Entrevistado FS:

> Bem, eu, como disse, voltei para o Colégio Progresso Brasileiro, onde eu já tinha estudado no Jardim da Infância e lá, num tinha colega nenhum, de origem japonesa. Fui encontrar depois, aí, ter feito a Escola Japonesa, dos quais eu não me lembrava daquele tempo. Tinha Antonio Arakaki, Kasuo Onato, Kasuo Shimabukuro, Oscar Sato e tinha mais um outro, Jorge Miachiro. Jorge Miachiro se tornou grande médico proto-molecular tive a oportunidade de encontrar com ele há uns dois anos atrás, na festividade que nós comparecemos, era no Colégio Canadá, onde eu estudei posteriormente e ele ficou admirado de ver minha memória com referência aos tempos em que nós estudávamos no Canadá. Hoje, infelizmente, ele faleceu, Jorge Miachiro [...] Esse é outro capítulo. Que quando começou a guerra, depois que os japoneses foram obrigados a irem tudo para o interior. Perdemos aquele contato. Acho que não ficou remanescente nenhum, só depois que eles foram voltando devagarzinho, quando já tinha acabado a guerra, foi justamente quando eu fui colega desse, de Ginásio.

3.2 A educação japonesa em crise

Como foi visto anteriormente, a política nacionalista do Estado Novo surtiu impacto direto na educação imigrante, principalmente na alemã e na japonesa de uma maneira geral. A cidade de Santos não foi exceção e as consequências dessa política significaram um período de grandes dificuldades para a educação japonesa. No Estado de São Paulo, esse discurso esteve presente antes mesmo da década de

trinta. Na década de vinte, os Annuários de Educação do Estado de São Paulo já demonstravam preocupação com o elemento estrangeiro e sua devida nacionalização, passando inevitavelmente pelos assuntos relacionados à educação. Sem restringir a ação estrangeira no país, as autoridades sugerem (Annuário de 1926, p. 248-249) a fiscalização dos livros de ensino de língua estrangeira sem, contudo, proibir a sua prática. Mencionam, inclusive, as idéias proferidas pelo palestrante Raymond Pearl nos Estados Unidos sobre imigração e nacionalização:

> Entre os problemas da escola particular, avulta, por fim a questão da sua possível acção desnacionalizadora. Não nos assusta, como a muitos, a duvidosa dysgenia por esta ou aquella corrente imigratória. Preoccupa-nos, porém, o perigo certo de falta de assimilação social do imigrante e do filho do imigrante. Discutindo o problema, para os Estados Unidos, Raymond Pearl demostrou com princípios hauridos na Biologia, que não há necessidade de vedar as fronteiras a nenhuma raça. O que é indispensável é o trabalho incessante de homogeinização nacional do elemento importado, trabalho que deve caber a órgãos assimiladores especiais. Por isso, impõe-se fechar, de tempos em tempos, a porta ao immigrante, a fim de que a nação tenha tempo de digerir... É a aplicação social de um principio de hygiene alimentar.
>
> Pois esse órgão assimilador é a escola primária, quer publica, quer particular. [...]
>
> Contra a ação de certas escolas extrangeiras que, dos meninos extrangeiros e até dos pequeninos brasileiros, filhos de estrangeiros, procuram fazer hospedes do Brasil, às ordens da metrópoles, precisamos empregar, - precisamos empregar medidas repressivas energéticas e constantes. Mas não podemos omittir as medidas positivas de nacionalização, necessárias tanto nas escolas particulares como nas municipaes e nas estaduaes.

A partir de 1934 as arremetidas contra a educação estrangeira foram mais contundentes no Estado. Neste mesmo ano foi instituída uma medida que restringia o ensino de língua estrangeira para menores de dez anos (WAKISAKA, 1992, p. 128). Com isso, muitas crianças foram obrigadas a deixar de aprender a língua antes da idade estipulada, alterando a rotina de aula na medida em que elas só puderam continuar a educação da língua estrangeira junto com o ensino secundário.

Em Santos, graças ao curso primário mantido pela Escola Japonesa de Santos, as crianças abaixo de dez anos não precisaram mudar de escola, mas foram obrigadas a manter jornadas duplas, de ensino secundário e língua japonesa em horários distintos. Assim aconteceu com a Entrevistada TS, que contou a sua experiência:

> Então, meu pai já me colocou nessa escola japonesa para mim poder estudar o japonês, a língua japonesa e a língua portuguesa. Então, ele me matriculou lá e na época, só era permitido aprender o idioma japonês só quando a criança tivesse 9 anos, porque aqui no Brasil, o início escolar é com 7 anos, não é? Então, entra-se com sete anos, no primeiro ano, primeira série, então são sete, segunda são oito se a pessoa não repetir, vamos dizer. Não sei hoje em dia se existe essa palavra repetir. Com oito anos, então não era permitido entrar na aula japonesa. Só quando fizesse nove anos completo é que você poderia estudar a língua japonesa. O porquê disso? O porquê era para não atrapalhar a cabeça da criança, porque quando já estiver na segunda série, a pessoa já sabe ler, escrever o português, não sabe? Sabe tudo.

Pelo fato da Escola Japonesa de Santos e as demais escolas nipônicas da região não possuírem Ensino Secundário, os alunos deveriam cursar todo o Ensino Primário até que atingissem a idade permitida para o aprendizado da língua nipônica, coincidindo com o início do Ensino Médio. Assim, normalmente deveriam sair de uma escola e se dirigirem diretamente para outra. A Entrevistada TS conta como foi período:

> Na Escola Japonesa só existia língua portuguesa até a segunda série, aonde que eu passei para o Cesário Bastos e fiz a terceira série, a quarta série, me formei lá, dali onde que eu fui fazer o Liceu São Paulo, aí eu, a língua japonesa eu continuei na mesma, que foi seis anos, seis séries que eu fiz, então eu continuava de manhã na língua japonesa, na aula japonesa e à tarde, depois eu fui para o Liceu São Paulo e estudei. Quando eu estava no Liceu São Paulo, na segunda série, aí foi que estourou a guerra, eu tive que sair, morei um tempo na Ponta da Praia, aqui no bairro, porque eu nasci aqui. Na época que estourou a guerra, como lhe falei, estávamos morando no Mercado Municipal, foi dali que nós saímos e

> fomos para a cidade do interior, que foi a época da guerra e tivemos que ser retirados daqui devido aos problemas.

Não muito diferente, foi a rotina da Entrevistada IU durante esses anos:

> Eu tinha nove anos, porque foi em 1938, eu estava no segundo ano do Grupo que eu entrei em 1937, eu entrei no Grupo Barnabé, meu primeiro ano. Aquele eu estava no segundo ano aí eu entrava as duas e saia as cinco, e a Escola Japonesa eu entrava as oito e saia às onze. Então eu ia para a Escola e voltava e almoçava e depois eu ia para o Barnabé.

Durante esse período, os diversos núcleos japoneses espalhados pelo Estado de São Paulo passaram a chamara atenção das autoridades e das Delegacias de Ensino, principalmente nas regiões mais afastadas dos centros urbanos. O Relatório da Diretoria Regional de Santos (1936, p. 7-8), de Luiz Damasco Penna, identificou em Registro e outras regiões do Vale do Ribeira a urgência de instalar grupos escolares a fim de conter a educação exercida por escolas japonesas:

> [...] O de Registro, a mais movimentada povoação do litoral sul, sede da Companhia de Colonização Japonesa e a cujo respeitoso eu solicito aqui uma providencia de excepção, para que possa ter o seu grupo escolar, mesmo não constando, como não consta, do actual plano de edificações escolares. Funcciona o estabelecimento, que tem cinco classes, em prédio de más condições hygienicas, cedido gratuitamente, há muito tempo, pela Companhia de Colonização Japonesa. Há toda a urgência, por motivos de varia ordem e immediata compreensão, em construir ali um prédio capaz e condigno. O estabelecimento é, sem qualquer duvida, o a gente nacionalizador mais importante da localidade. Registro, porto do Ribeira e como uma porta do litoral sul – pois lá parte muito boa rêde de rodovias – o professorado paulista que se destina a toda zona e recebe, o que muito importa, levas de immigrantes japoneses, innúmeros dos quaes, é bom não esquecer, vem de gymnasios; não poucos, de universidades; e todos, das adiantadas escolas primarias de sua terra. É de imperiosa necessidade que uns e outros, imigrantes e professores, deparem na localidade escolas que fortaleçam nestes e desperte naquelles, o sentimento de Pátria Brasileira.

O Delegado chama atenção para a forte presença nipônica na região do Vale do Ribeira e a ausência de escolas brasileiras como instrumento nacionalizador. Solicita a construção de uma escola imediatamente para conter a educação das escolas japonesas, muitas delas, com péssima infra-estrutura. Adverte ainda que muitos imigrantes chegam ao Brasil formados em escolas de sua terra, por isso é necessário a presença da educação brasileira como “ferramenta nacionalizadora”.

Em 1938, o governo determinou o fechamento de todas as escolas estrangeiras, por meio dos decretos federais n° 406 e 3.010, sendo que se continuassem a funcionar seriam consideradas clandestinas (DEMARTINI, 2000. p.68). No mesmo ano, o Relatório da Diretoria Regional de Santos destacou o fechamento de escolas nipônicas que funcionavam nos núcleos de colônia japonesa em regiões rurais. O mesmo relatório destaca a importância da instalação de escolas brasileiras no sentido de nacionalizar essas regiões. O fechamento de estabelecimentos de ensino japoneses iniciou-se em 1938 no Vale do Ribeira e no litoral sul pelas ações nacionalizadoras. Apesar das medidas severas, ainda nesse momento as escolas de Santos puderam permanecer em funcionamento. A tabela abaixo adaptada do Relatório da Diretoria Regional de Santos de 1939, páginas 76 e 77, apresenta a relação desses primeiros estabelecimentos que foram obrigados a deixar de funcionar, onde não consta Santos:

Tabela 10: **Escolas japonesas fechadas em 1938.**

Número	Nome	Cidade ou região	Professor responsável
1-	Escola Japonesa de Raposa	Xiririca	Massáo Ogasawara
2-	Escola Particular Japonesa de Areado	Xiririca	Hideo Nishizawa
3-	Escola Japonesa de Rio Quilombo	Xiririca	Tosiaki Matsumura
4-	Escola particular de Todos os Santos	Manga Larga, Xiririca	Paulo Içco
5-	Colégio Japonês de Registro	Iguape	Shigueru Kiriyama
6-	Escola Japonesa de Carapiranga	Iguape	Jisuke Otsubo
7-	Colégio particular de Campo de Experiência	Iguape	Hissashi Yokowa
8-	Escola Japonesa de Taquarassú	Iguape	Kessao Uchicoshi
9-	Colégio Katsura	Jepuvura, Iguape	Seikichi Seo
10-	Escola Japonesa de Cedro	Prainha[10]	Tuneo Kanamota
11-	Escola Japonesa de Biguá	Prainha	---------
12-	Escola Japonesa de Três Barras	Prainha	---------
13-	Escola Japonesa de Vila Batista	Prainha	Akira Marokita
14-	Curso de língua japonesa de Pedro Barros	Prainha	---------
15-	Curso de língua japonesa de Pedro de Toledo	Prainha	Seieie Higa
16-	Curso de língua japonesa de Raposo Tavares	Itanhaem	Keisaku Toyoda
17-	Escola particular de Itarirí	Itanhaem	Yakishi Okano
18-	Escola Japonesa de Ana Dias	Itanhaem	Takata Massao

Autor: Rafael da Silva e Silva.

O Relatório destacou ainda que foi necessário intervenções em outras escolas para a substituição parcial ou total dos professores e diretores japoneses por brasileiros. Dois anos depois, as autoridades deram como liquidada a questão das

[10] Atualmente pertencente ao município de Miracatu, no Vale do Ribeira.

escolas estrangeiras e a ameaça que representavam à nacionalização do país através da educação:

> A legislação estadual assegurava satisfatoriamente a formação das novas gerações no sentido de nacionalidade. Foi completada, de maneira radical, por disposições dos decretos federais n° 406 e 3.010 (além de outros), de 1938, que extinguiram na maior porção do paiz a escola particular extrangeira e limitaram muitíssimo a sua ação em pequenas porções do território, onde ela ainda é permitida. É assunto liquidado (GOVERNO DO ESTADO. Relatório da Diretoria Regional de Santos. Santos: 1941. p. 66.).

O Delegado de Ensino Luiz Damasco Penna acreditava que as escolas de Santos, até o início da década de quarenta, não precisavam ser fechadas, pois estavam sob vigilância da Diretoria. Justifica ainda que a presença imigrante fazia parte da característica cosmopolita da cidade portuária:

> Quanto ao mapa, fil-o apenas do litoral sul, deixando a parte norte da região, onde não há imigrantes formando núcleos e onde estrangeiros só agora começam a reaparecer, ainda assim em numero limitado; não inclui Santos por ser um grande porto de mar, necessariamente tendendo para o cosmopolitismo; e tive que fazer mapa novo, diverso dos que já tenho remetido ao Departamento sobre o mesmo assunto (GOVERNO DO ESTADO. Relatório da Diretoria Regional de Santos. Santos: 1941. p. 68.).

Mesmo assim, as escolas japonesas de Santos não estavam livres da grande fiscalização por parte dos inspetores e diretores de ensino da região. Analisando os Relatórios da Diretoria Regional de Santos, elaborados no final da década 1930 e início da década de quarenta, percebeu-se que houve um aumento no número de visitas às escolas nipônicas até o seu fechamento, como demonstra a tabela seguinte:

Tabela 11: **Visitas de inspetores de ensino às escolas japonesas de Santos**

Escolas	**1938**	**1939**	**1940**	**1942**
Escola Japonesa de Santos	3	2	5	fechada
Escola Japonesa Kazushi	2	3	1	fechada
Escola União Japonesa	1	2	5	fechada
Total	6	7	11	-----

Autor: Rafael da Silva e Silva.
FONTE: Relatórios da Diretória Regional de Santos.

Para manter-se em funcionamento, a Escola Japonesa de Santos foi obrigada a adaptar-se ainda mais ao currículo proposto pelo Estado e a funcionar como uma escola particular comum. Além disso, devido a determinação de 1938 que proibia a direção de escolas por professores com formação estrangeira, a escola passou a ser dirigida pela professora Anna Palmeira Martins Malta, como consta no jornal A Tribuna na edição Comemorativa do Centenário da Cidade (1939, p. 50) até a chegada do professor diretor Yanaguisawa, com formação normalista na cidade de Jundiaí. Uma das medida adotada nesse sentido foi a alteração do nome Escola Japonesa de Santos para Sociedade Instrutiva Vila Mathias e a manutenção dos cursos primários com a presença de alunos brasileiros. Contudo, as escolas foram definitivamente fechadas no ano de 1942 e, no caso da Escola Japonesa de Santos assim permaneceu durante os anos posteriores.

Apesar da proibição de diretores escolares estrangeiros, o professor Yanaguisawa manteve-se no cargo até o fechamento da escola, provavelmente devido à sua formação, no Brasil, de professor normalista realizada em Jundiaí. Quando as escolas foram fechadas, ele ainda foi designado com sua família, a

permanecer no prédio para guardá-lo junto com a documentação referente à escola. Assim conta o Entrevistado SY:

> Quando ele veio para cá em 39, tinha sido... Como se diz... Houve uma determinação para suspender as aulas de japonês, como ele tinha feito curso normalista na cidade de Jundiaí, então foi normal ele permanecer aqui lecionando português, então a escola primária, através da Secretária de Educação aqui de Santos, então desenvolveu até 1942 a Escola Japonesa também chamada aula normal, seguindo o currículo da Secretária da Educação. Isso que aconteceu. Então, de 42 para cá, ele foi designado responsável pelos interesses da colônia japonesa através do Consulado da Espanha. A Espanha então, não tinha entrado na guerra, então ele ficou responsável pelos interesses da colônia japonesa, então desde 1942 e posteriormente, passou para o consulado da Suécia, então ele permaneceu trabalhando nessa função, então posteriormente ele foi para a Companhia de Navegação Johnson & Johnson, que ficava ao lado do Consulado da Suécia [...] Na verdade aqui da Escola Japonesa a partir de 1942 se enfraqueceu, a escola fechou e não estava mais funcionando, mas nós permanecemos aqui, meu pai ficou como responsável da escola até 1945, quando a escola foi confiscada pelo Governo e aqui na Escola Japonesa, passou a funcionar o Quartel do Exército. Só agora, depois de sessenta e poucos anos é que eles devolveram, no final de 2005, em dezembro de 2006, a escola, o prédio da Escola Japonesa, passou para a Associação Japonesa de Santos.

O prontuário n° 46856 do DOPS (Anexo 15), diz respe ito ao contrato do professor diretor Yanaguisawa como tradutor junto ao Consulado da Suécia. No mesmo prontuário, consta a permissão e a confirmação dos serviços pelo cônsul da Suécia. Ao final dos serviços, Yanaguisawa recebeu o salvo conduto para se retirar da cidade e residir no hotel São Francisco, na Capital.

Para aqueles que puderam permanecer em Santos, o fechamento das escolas japonesas significou, inevitavelmente, o fim do aprendizado da língua dos ancestrais. Não há relatos, ao contrário de muitos casos ocorrido no interior de São Paulo (HANDA, 1987, p. 622), do funcionamento de escolas japonesas clandestinas na região litorânea, até porque a repressão foi muito dura, restando poucos

japoneses na região. Muitas crianças e adolescentes foram obrigados a transferir-se para escolas brasileiras para terminar o ensino secundário ou profissionalizante, como foi o caso da Entrevistada IU:

> [...] naquela época eu entrei no Escolástica Rosa, fiz.. Terminei até o, estou no Escolástica Rosa que eu fiz o período integral, foi justamente o tempo da Guerra, quando meu pai foi para o interior e minha mãe, eu e minha irmã ficou tomando conta da casa, ficou responsável. Então, nessa ocasião ficamos uns meses, quando meu pai voltou do interior, ele voltou, voltou para a pesca, ele já era naturalizado brasileiro por que ele era... Acho que eles eram obrigados a se naturalizarem brasileiros por causa de viajar em alto mar.

No fim da década de 1930 e início da de quarenta a cidade possuía uma estrutura educacional razoável, iniciada com o progresso promovido pela economia cafeeira desde o final do século anterior. Havia alguns grupos escolares, a exemplo do Grupo Escolar Barnabé, Cesário Bastos, Ginásio do Estado “Canadá”; garantiam a continuidade dos estudos, principalmente no Ensino Secundário, e eram frequentados principalmente pela população imigrante ou descendente (PEREIRA, 1996. p. 58 – 64). As dificuldades do período, contudo, acabaram atingindo as crianças e os jovens presentes nos grupos escolares, seja pela jornada dupla, ou mesmo pela remoção da região.

Destes últimos, além de interromperem o ensino da língua japonesa ou ter de estudarem de forma clandestina, o governo determinou a transferência para outras escolas, de acordo com o destino de cada pessoa. Nos arquivos do Instituto D. Escolástica Rosa encontraram-se históricos escolares de alunos que foram forçados a se transferir para a Escola Técnica Getúlio Vargas; no caso os alunos Tioji Massumoto, Keian Matsudo, Hidejo Tahara, José Shimpo Tamashiro e Gensaburo

Miagi (Anexo 18). Junto a esses documentos encontrava-se ainda uma carta explicando os motivos da transferência de trinta e três alunos que foram removidos do Litoral (Anexo 19). Assim dizia a carta:

> Cumpre-me comunicar a Vossa Senhoria que, por determinação das autoridades superiores foram retirados do litoral todos os súditos de nacionalidade japoneza e em virtude dessa deliberação deixaram de freqüentar esta escola 33 alunos que seguiram com suas famílias para a Capital e interior do Estado.
>
> Tratando-se de um caso especial venho levar esse fato ao conhecimento dessa M.D. Superintendência para ulterior deliberação.[11]

Na tentativa de convencer as autoridades quanto à necessidade de permanência na cidade litorânea, muitas famílias obrigadas a se retirarem da cidade acrescentavam em suas solicitações documentos que comprovavam a situação prejudicial aos filhos em idade escolar e matriculados também nos grupos escolares. Ikuiti Fukamoto, por exemplo, prontuário 19808 do Arquivo Público do Estado de São Paulo (Anexo 14) chegou a anexar o diploma do seu filho à sua solicitação, tentando provar a necessidade de permanência. Em outro caso (Anexo 17), o aluno Shoji Nagai necessitou de salvo conduto para regressar, a fim de realizar exames finais na escola da região, cujo nome não foi revelado no documento.

[11] Para maiores informações sobre o Instituto Escolástica Rosa, consultar a Dissertação de Wilson Dias da Silva, sob o título de **O Instituto D. Escolástica Rosa: A gestão de Pedro Crescenti (1934 a 1945)** Orientado pela Profa. Dra. Maria Apparecida Franco Pereira e defendido em 2010, na Universidade Católica de Santos.

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

ESTADO DE SÃO PAULO

Eu, Horacio Maria, diretor do Grupo Escolar Barnabé, de Santos, faço saber que, à vista da aprovação obtida no 4.º ano deste estabelecimento pel.o alun.o Carlos Fukumoto nascid.o em Santos a 10 de janeiro de 1930, filh.o de José Fukumoto, lhe confiro, no uso da faculdade que me é dada pelas leis do Estado, o presente certificado de habilitação, visto haver concluido os estudos do curso primário em 30 de novembro de 1942, conforme se verifica a fls. 32 do livro competente.

DIRETOR,

MODELO 140 — D. MATERIAL

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO

Imagem 92: **Diploma da Escola Barnabé anexado ao Prontuário 19808.**
FONTE: Arquivo Público do Estado de São Paulo

Após a transferência para a guarda do Consulado da Suécia, os documentos e objetos presentes na Escola Japonesa, nas demais escolas, no consulado japonês da cidade e no Hotel Ushio, foram transferidos para a Embaixada da China no Rio de Janeiro (Anexo 5). Os bens da Escola Japonesa de Santos foram todos leiloados pelo valor de Cr$ 76.767,50 no dia 25 de abril de 1946 pelo Cônsul da Suécia como forma de indenização pelos danos causados na guerra (Anexo 6). O casarão foi incorporado aos bens da União, utilizado posteriormente pelo exército que ocupou o local durante décadas. Quanto à escola japonesa do bairro do Saboó, segundo o Entrevistado FT, ainda conseguiu voltar às suas atividades posteriormente, funcionando por mais alguns anos, depois da Guerra, antes de ser abandonada, pois poucas famílias japonesas voltaram para o bairro nos anos posteriores.

3.3 A devolução do casarão da Rua Paraná à Associação Japonesa de Santos

Durante muitas décadas, a Associação lutou no sentido de reaver o casarão tomado pela União durante a Era Vargas e posteriormente entregue ao Exército, pelo decreto 23.083 de março de 1947. A partir de 1952, a Associação formou uma junta de entidades e autoridades a fim de reaver o imóvel, o que conseguiu somente em 2006, ainda com a posse pertencendo a União. Em 2008, junto com o Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, finalmente o casarão voltou definitivamente para as mãos da Associação Japonesa de Santos.

Atualmente, no local, funcionam cursos ligados à cultura e à língua japonesas. Há também festividades e comemorações culturais, onde se evidencia a contribuição dos imigrantes japoneses para a cultura brasileira. Em 2010, foi celebrado o 3° Festival de Cultura Japonesa de Santos, onde foi possível apreciar

características da culinária japonesa e apresentações referente aos cursos e ao trabalho realizado na Associação e de outras colônias nipo-brasileiras de diversas localidades do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pioneiros da imigração japonesa desejavam enriquecer o mais rápido possível para regressar ao Japão com certa riqueza acumulada. Como o trabalho nos cafezais era incompatível com esse desejo, muitos se arriscaram fora das fazendas em trabalhos diversos, nos centros urbanos ou nas regiões rurais mais afastadas. Dessa maneira, surgiram muitos núcleos de imigrantes japoneses espalhados pelo país, principalmente no Estado de São Paulo. A cidade de Santos é mais um exemplo de tantos outros núcleos com a forte presença de pessoas oriundas de Okinawa, região onde a pesca e a horticultura eram largamente praticadas. Inevitavelmente, essas culturas foram trazidas para Santos, onde tiveram uma boa aceitação no mercado local no contexto urbano da cidade no início do século XX. Além disso, o imigrante japonês aproveitou as regiões periféricas da

cidade, os bairros do Campo Grande, Marapé, Saboó, Macuco e Ponta da Praia, para desenvolver essas atividades, já que o dinheiro era limitado para a ocupação de outras regiões mais valorizadas. Obviamente que havia pessoas japonesas engajadas em diversas outras profissões, contudo o sucesso dos pioneiros que se dedicaram a essas culturas servia como estímulo para que outros deixassem os cafezais e se dirigissem para a cidade portuária.

Com o progresso a colônia japonesa durante os primeiros anos na cidade, com o subsídio do Governo Japonês à emigração para o Brasil, um novo perfil de imigrante veio para Santos, possibilitando o aparecimento de um número maior de atividades e fortalecendo ainda mais a colônia, podendo assim se organizar e oferecer uma educação escolar, mesmo que básica, às novas gerações. Nesse sentido, surgiu a Associação Japonesa de Santos e, junto com ela, a Escola Japonesa de Santos. Não se pode comparar a Escola com a grandeza dos grupos escolares da época, mas mesmo assim ela contou com boa estrutura tanto para o ensino brasileiro, quanto para o da língua japonesa. Possuía um amplo espaço para a prática de esportes e ginástica, que também eram bastante valorizados pelos japoneses. A Escola Primaria da Associação de Jovens de Santos, no Saboó, além do ensino do japonês e o do brasileiro, oferecia aulas de corte e costura para os jovens, principalmente as meninas, valorizando-as para o mercado de trabalho ou para o casamento.

Antes da década de trinta, os japoneses já demonstravam grande preocupação com a educação escolar, pois nesse período foi registrada a presença de professores particulares em uma escola, mantida pelo professor Taishiro Mizuno. Não se sabe até que ponto os japoneses relutaram em matricular seus filhos em

escolas brasileiras, mas a documentação revelou a presença japonesa em escolas brasileiras desde os primeiros anos da imigração.

Segundo Zeila de Brito Fabri Demartini, não se pode dizer que as escolas japonesas mantinham características essencialmente japonesas, distinguindo-se, por isso, das demais escolas brasileiras; tão pouco é possível afirmar que deixou de lado suas origens para tornar-se uma instituição reprodutora dos discursos nacionalistas da época (2006, p. 165). Em Santos, mantendo as duas orientações educacionais, ou seja, a brasileira seguida nas escolas públicas e a japonesa, vinda com o material didático e com os professores convivendo em um mesmo ambiente, criou-se um campo complexo de relações culturais. Até mesmo os professores acabaram incorporando elementos culturais do outro país, a exemplo da professora brasileira Ana que atuou na Escola. Para os alunos, significou desenvolver-se em um rico ponto de vista cultural, mas ao mesmo tempo confuso, na medida em que as duas orientações apresentavam elementos nacionalistas diferenciados.

A incorporação do ensino da língua portuguesa possibilitou que as escolas japonesas se enquadrassem nas exigências legais para que pudessem manter-se em funcionamento durante a década 1930 e início da de quarenta. Além disso, mantendo o curso de Português, a Escola não deixava desamparada as crianças abaixo da idade estipulada pelo Governo para o curso de língua estrangeira, já que poderiam frequentar o Ensino Primário na escola japonesa até completar a idade adequada para ingressar nas aulas de japonês, coincidindo com o Ensino Secundário.

Talvez para os alunos, uma ou outra orientação educacional não fazia sentido, assim como afirmou a Entrevistada TS, mas certamente agradava aos pais saber que seus filhos seguiam dois ensinamentos ao mesmo tempo, já que muitos ainda

alimentavam as esperanças de regresso à terra natal. Ou ainda, havia aqueles, a exemplo dos pais das Entrevistadas IU e AH, que estavam conformados com a permanência no Brasil e desejavam dar a melhor educação possível a seus filhos, com ou sem a língua japonesa, por isso, buscaram manter diálogos no ambiente familiar na língua portuguesa para facilitar a adaptação no Brasil e o aprendizado dos filhos.

Até a expulsão dos japoneses da região litorânea em 1943, a Escola demonstrou grande estrutura para driblar ou superar as imposições do governo, sendo que nos últimos anos de funcionamento o estabelecimento teve até que mudar o nome, de Escola Japonesa para Sociedade Instrutiva Vila Mathias, onde provavelmente ensinou somente o português para poder se manter em funcionamento.

Esses últimos anos, culminando com o fechamento em quarenta e três, trouxeram resultados negativos para a Colônia e para o ensino da língua japonesa na cidade. A começar pelo trauma causado nas pessoas que vivenciaram essa época. Todos os entrevistados são unânimes em relembrar o dia da remoção, afirmando ter sido uma experiência traumática, onde os pais perderam o que tinham construído ao longo dos anos no Brasil e desconheciam seus destinos a partir de então. A interrupção do ensino de japonês fez com que toda uma geração deixasse de aprender a língua de seus pais, tendo que recorrer muitos anos mais tarde, a escolas particulares ou mesmo deixarem de estudar a língua nipônica para sempre. Além disso, muitas famílias, instaladas no interior do Estado, não regressaram mais para a região litorânea, e as que voltaram, tiveram que recomeçar praticamente do zero, assim como quando chegaram ao novo país.

As escolas japonesas representavam, ainda, um espaço de confraternização, encontro e manifestação cultural. Era onde poderiam reunir-se para festejos ou eventos ligados à colônia. No caso da Escola Japonesa de Santos, serviu ainda como sede da Associação Japonesa de Santos, onde muitos dos interesses da colônia eram tratados juntos com a secretaria da Associação e do Cônsul Japonês da cidade. A presença da escola junto a sede administrativa da Associação dá idéia do quão a educação era importante para os japoneses, já que os interesses gerais da colônia foram postos no mesmo plano que a necessidade de se educar e de se ter uma escola própria.

Percebeu-se pela análise dos prontuários do DOPS que não houve ação da seita Shindorei mei em Santos. Tal seita ficou famosa pelos casos de assassinatos de pessoas que aceitavam a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, agindo em diversos pontos do Estado de São Paulo, inclusive no Vale do Ribeira, mas não em Santos.

Certamente alguns pontos não foram suficientemente explorados nesta dissertação e, por isso, merecem pesquisas e abordagens posteriores. O primeiro deles é a questão do relacionamento dos japoneses com os demais brasileiros durante os anos de Guerra, onde passaram a ser vistos como inimigos pelas autoridades. Sabe-se que pairou no ar um clima de hostilidade e suspeita sobre os japoneses, mas até que ponto o conflito transformou essas pessoas em inimigos potencialmente perigosos e como as relações de vizinhança e amizade foram afetados por isso?

Acredita-se que o processo de devolução do casarão onde funcionou a Escola Japonesa de Santos também mereça futuras indagações e investigações, já que não foi devidamente aprofundado na presente pesquisa. É preciso também fazer

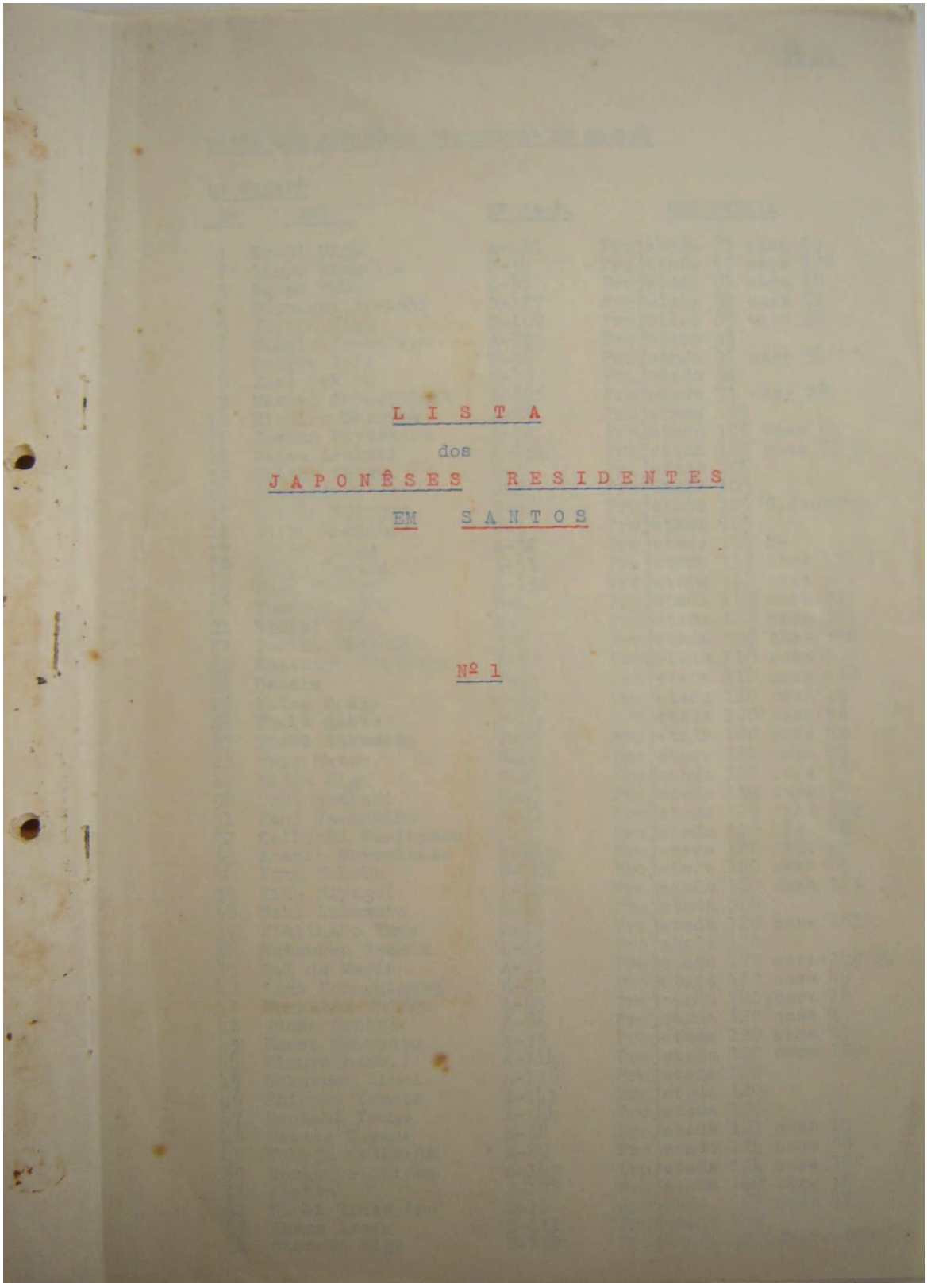
investigações sobre os jornais nipo-brasileiros e desvendar o que eles podem revelar sobre a colônia japonesa de Santos e sobre a história dos imigrantes japoneses no Brasil como um todo, já que muito do seu conteúdo ainda continua sem as devidas indagações, alguns inclusive ainda por serem localizados. Espera-se, posteriormente, encontrar maiores dados sobre a Escola União Japonesa, tão pouco abordada na pesquisa por falta de documentação escrita e oral. Seria possível estabelecer uma comparação da educação oferecida pelos japoneses no Brasil com aquela que aconteceu no Japão no mesmo período? A educação japonesa no Brasil seguiu a mesma orientação que o Japão?

Por fim, a pesquisa revelou que Santos não fugiu à característica dos japoneses apresentada pela bibliografia pesquisada a respeito da preocupação com a educação, já que na cidade houve grande mobilização no sentido de estruturar a educação nipônica.

ANEXOS

Anexo 1 **– Lista de japoneses residentes em Santos.**

FONTE: Acervo de Sérgio Yanaguisawa.



L I S T A

dos

J A P O N Ê S E S R E S I D E N T E S

EM S A N T O S

Nº 1

Nº 1.

LISTA DOS JAPONÊSES RESIDENTES EM SANTOS

1) MARAPÉ

Nº	NOME	Nº da P.	RESIDENCIA
1	Ryoji Higa	A-111	Projetada 87 casa 59
2	Sanro Yonamine	B-34	Projetada 87 casa 128
3	Sakae Taba	A-30	Projetada 89 casa 18
4	Toyoichi Arakaki	B-127	Projetada 89 casa 71
5	Joshim Higa	B-100	Projetada 87 casa 92
6	Makato Yamashiro	A-59	Projetada 91
7	Seisho Goia	B-36	Projetada 91 casa 94
8	José Oshiro	B-37	Projetada 91
9	Masuei Shimabukuro	B-146	Projetada 91 casa 28
10	Eishiro Shiroma	A-53	Projetada 105
11	Joshun Miyashiro	A-92	Projetada 105 casa 64
12	Matsu Arakaki	A-134	Projetada 105 casa 73 p.
13	Chisho Uetsu	B-1	Projetada 105
14	Hayashi	B-2	Projetada 105
15	Eishim Sjiroma	B-8	Projetada 105 C.Contorno
16	Matsu Romimura	B-3	Projetada 105
17	Tomiko Higa	A-32	Projetada 109 B-
18	Matsu Toyama	A-51	Projetada 118 casa 121
19	José Sanaga	A-136	Projetada 118 casa 142
20	Yoshimi Kuba	B-4	Projetada 118 casa 121
21	Ryokei Kuba	B-5	Projetada 118 casa 123
22	Tomiko Makimoto	B-6	Projetada 118 casa 150
23	Kozaburo Hisahara	B-7	Projetada 118 casa 113
24	Senaha	B-9	Projetada 118 casa 118
25	Seiso Onaga	B-23	Projetada 120 casa 46
26	Shoki Asato	B-24	Projetada 120 casa 46
27	Yoshi Sakamoto	B-25	Projetada 120 casa 52
28	Yuzo Hatao	B-26	Projetada 120 casa 52
29	Eijiu Higa	B-27	Projetada 120 casa 75
30	Ushi Arakaki	B-27	Projetada 120 casa 75
31	Kami Yamashiro	B-21	Projetada 120 casa 154
32	Seikichi Serikyaku	B-75	Projetada 120 lig. 16
33	Anchin Moromizato	B-143	Projetada 120 lig. 22
34	Kama Yakabu	B-183	Projetada 120 casa 65
35	Kiko Miyagui	A-14	Projetada 120 casa 183
36	Ushi Nakamoto	A-16	Projetada 120
37	Jittihako Kama	A-17	Projetada 120 casa 183
38	Matsuken Senaha	A-19	Projetada 120
39	Tal de Maria	A-21	Projetada 120 casa 149 f.
40	Kana Kobashigawa	A-22	Projetada 120 casa 49
41	Nampatsu Chinem	A-85	Projetada 120 casa 16
42	Junzo Oshiro	A-86	Projetada 120 casa 1
43	Hanes Marusatu	A-93	Projetada 120 casa 19
44	Kimura(barb.)	A-114	Projetada 120 casa 129
45	Sakusuke Minei	A-138	Projetada 120
46	Shizuko Yawata	A-141	Projetada 120
47	Henichi Tsuha	A-144	Projetada 120
48	Massao Toyama	A-68	Projetada 121 casa 19
49	Tokuji Majikina	A-88	Projetada 124 casa 38
50	Norisuke Chinen	A-149	Projetada 124 casa 18
51	Nishin	B-175	Projetada 124 lig. 16
52	Shoei Yamashiro	B-10	Aprovada 85 casa 47
53	Akama Asato	B-111	Projetada 120
54	Kentaro Higa	B-112	Projetada 120(Av.P.Machado)

1) MARAPÉ (continuação)

Nº	NOME	Nº da P.	RESIDENCIA
55	Sisho Miyashiro	A-46	Carvalho de Mendonça fim
56	Sanko Higa	A-72	Carvalho de Mendonça 731
57	Kanaki Kanashiro	A-80	Carvalho de Mendonça fim
58	E. Kanashiro	A-102	Carvalho de Mendonça 763
59	Hatsu Nohara	A-150	Carvalho de Mendonça 769
60	Kiku Shimabukuro	B-28	Carvalho de Mendonça 720
61	Shinsei Majikina	B-30	Carvalho de Mendonça 769
62	Kamesuke Nohara	B-31	Carvalho de Mendonça 769 f.
63	Eishin Kanasiro	B-33	Carvalho de Mendonça 763
64	Nabesuke Arakaki	B-87	Carvalho de Mendonça 799
65	Kamesuke Kanashiro	B-95	Carvalho de Mendonça fim
66	Kamazo Kanashiro	B-174	Carvalho de Mendonça 799
67	Matsu Hissahara	B-188	Carvalho de Mendonça 808 f.
68	Kiyoko Akamine	A-20	Pé do Morro de Marapé
69	Suhatsi Nakamoto	A-89	Pé do Morro de Marapé
70	Kamazo Kanasiro	A-119	Caminho do Contorno casa 2
71	Maria Nishina	A-153	Caminho do Asilo 114
72	Kamejiro Nohara	B-32	Caminho do Asilo 109
73	Taketa Nakazone	B-90	Fundo do Morro de Marapé
74	Sanra Shimabukuro	B-107	Fundo do Morro de Marapé
75	Kosuke Nagata	B-132	Ligação 21
76	Seiki Nakandakare	B-139	Caminho do Asilo 22
77	José Massa	B-172	Morro do Marapé Lig. 17
78	Shuhei Tsuha	B-177	Morro do Marapé Lig. 14
79	Seikichi Teruya	A-157	Projetada 120 lig. 8
80	Kame Hirata	A-188	Pé do Morro
81	José Uetsu(pasteleiro)	A-191	Carvalho de Mendonça 547
82	Seikichi Kanashiro	A-193	Carvlalho de Mendonça fim
83	Sayou Hayashi	A-199	Carvalho de Mendonça 682

Nº 3.

2) S A B Ô O

Nº	NOMES	Nº da P.	R E S I D E N C I A
1	Seiichi Yogui	B-38	Bairro do Sabôo 32
2	Shinei Kanashiro	B-38	Birro do Sabôo 32
3	Yoshi Kanashiro	B-38	Bairro do Sabôo 32
4	Seitoku Shiroma	B-39	Bairro do Sabôo 54
5	Zenei Yogui	B-40	Bairro do Sabôo 54
6	Toku Yamamura	B-41	Bairro do Sabôo 56
7	Kama Kanashiro	B-42	Bairro do Sabôo 38
8	Tamashiro	B-187	Bairro do Sabôo 48
9	Massa Mascalino	B-118	Bairro do Sabôo 95
10	Toku Kanashiro	B-43	Bairro do Sabôo 160
11	Tora Nohara	B-44	Bairro do Sabôo 170
12	Kama Taira	B-45	Fundo do Sabôo 12
13	José Tioei Nagahama	B-47	Fundo do Sabôo 21
14	Masaki	B-48	Fundo do Sabôo 21 p.
15	Kisaburo Itokazu	B-49	Fundo do Sabôo 49
16	Sukehachi Higa	B-50	Fundo do Sabôo 28
17	José Zenko Oshiro	B-51	Fundo do Sabôo 40
18	Kotoku Nohara	B-52	Fundo do Sabôo 31
19	Shinki Nohara	A-132	Fundo do Sabôo
20	Koei Gushiken	B-53	Fundo do Sabôo 31 p.
21	Riusho Shimabukuro	B-54	Fundo do Sabôo 37
22	Soei Arakaki	B-55	Fundo do Sabôo 52
23	Shoki Oshiro	B-56	Fundo do Sabôo 84
24	Tokusei Goia	B-57	Fundo do Sabôo 86
25	Kiei Higa	B-58	Fundo do Sabôo 88
26	Masagui Inafuku	B-65	Fundo do Sabôo
27	Yosei Miyashiro	B-119	Fundo do Sabôo
28	Kamasuke Taba	A-35	Fundo do Sabôo 96
29	Shintaro Nakazato	A-34	Fundo do Sabôo 104
30	Yoshishigue Miyashiro	~~A-179~~	Fundo do Sabôo 100(E.J.)
31	Matsukiti Agariueda	-----	Fundo do Sabôo 115
32	Kenjiu Nobaru	-----	Fundo do Sabôo 120
33	Kamasuke Nakaza	-----	Fundo do Sabôo 125
34	Hiroshi Tabata	-----	Fundo do Sabôo 126
35	Senro Azama	-----	Fundo do Sabôo 127
36	Seikiti Nakaza	-----	Fundo do Sabôo 130
37	Kame Nakaza	-----	Fundo do Sabôo 345
38	Kama Kamiya	-----	Fundo do Sabôo
39	Seiei Nakaza	-----	Fundo do Sabôo
40	Chinko Kanashiro	-----	Fundo do Sabôo
41	Seiki Kamiya	A-48	Chico de Paula Lig. 13
42	Zentaro Kamiya	A-55	Chico de Paula
43	Shitsuzen Shimabukuro	-----	Chico de Paula Lig. 55
44	Kuranosuke Nakaza	-----	Chico de Paula Lig. 56
45	Ryotoku Nakaza	-----	Chico de Paula Lig. 49-A
46	Seisuke Kamiya	-----	Chico de Paula Lig. 49
47	Massa Chinen	-----	Chico de Paula Lig. 52
48	Shitsuzen Shimabukuro	-----	Chico de Paula Lig. 51
49	Genjiro Kamiya	-----	Chico de Paula Lig. 46-A
50	Ushi Kamiya	-----	Chico de Paula Lig. 46
51	Makaru Shinzato	-----	Chico de Paula Lig. 45
× 52	Chinko Kanashiro *falecido*	-----	Chico de Paula
53	Nobutaka Uehara	-----	Chico de Paula
54	Seisuke Chinen	-----	Chico de Paula
55	Seikichi Kamiya	-----	Chico de Paula

Nº 4.

S A B Ô O (Continuação)

Nº	N O M E S	Nº da P.	R E S I D E N C I A
56	Sankuma Yamamoto	B-148	Av. Bandeirante 315
57	Shiusei Higa	B-128	Av. Bandeirante 179
58	Tokuei Yamamura	B-69	Av. Bandeirante 451
59	Toku Yamazato	B-69	Av. Bandeirante 453

ALEMÔA OU CASQUEIRO

60	Kiyotoku Miyahira	A-97	
61	Toku Yamamura		
62	Taru Shinzato		
63	Kama Fukama		
64	Saho Senaha		
65	Taru Azama		

SANTA MARIA

66	Ichiro Miyashiro	-------(Coelho)-----	Tres Barras-Paraná
67	Kana Kamiya	-------(Coelho)-----	Lins-Noroeste
68	Eiso Gushiken	-------(Goveia)-----	Tres Barras-Paraná
69	Shinkichi Chinen	-------(Goveia)-----	Marília-Paulista

70	Ushi Chinen	A-172	Fundo do Saboo Lig. 96
71	Kozen Nakazato	A-173	Fundo do Sabôo Lig. 104
72	Massa Miyashiro	A-178	Fundo do Sabôo Lig. 95

Nº 5.

C A N A L 2 (3)

Nº	N O M E S	Nº de P.	R E S I D E N C I A
1	Rafael Guzhi	B-68	Princesa Isabel 92
2	Kokame Kanashiro	B-108	Princesa Isabel 108
3	Kana Akamine	B-108	Princesa Isabel 86
4	Higa de tal	B-113	Projetada 110 casa 18
5	Kenji Tamayose	B-114	Projetada 110
6	Tsunematsu Gushi	B-115	Princesa Isabel 100
7	Kameichi Uehara	B-116	Projetada 110 A-16
8	Seiroku Kanashiro	B-144	Princesa Isabel 100
9	Dona Tomi	A-3	Projetada 91 casa 94
10	Matsu Gushi	A-103	Princesa Isabel 92
11	Saburo Tamashiro	A-105	Visconde de Faria 14
12			

Nº 6.

4) CIDADE

Nº	NOMES	Nº da P.	RESIDENCIA
1	Jiro Shiota	B-64	Amazonas 94
2	Massao Chida	B-71	Espirito Santos 44
3	Kuabara	B-106	Amazonas 106
4	Kosuke Iha	B-104	Paraná 310
5	Saiti Sumi	B-163	Amazonas 92
6	Shingui Kinjo	-----	Espirito Santo 34
7	Kokichi Nakajima	-----	Pedro Americo 136
8	Koro Nakndakare	-----	Pedro Americo
9	Ushi Goia	A-5	Arnaldo de Carvalho 48
10	Kamesuke Shiroma	A-31	Pará 95
11	Kotoku Iha	A-56	Pedro Americo 64
12	Shutso Nakazone	A-66	Pedro Americo 170
13	Y. Aguena	A-69	Almirante Barroso 53
14	Suejiro Makino	A-71	Pedro Americo
15	Massao Massumoto	A-151	Pará 266 f.
16	Taru Goia	A-156	Pará 31
17	Kojiro Gushiken	A-1	Luiza Macuco 15
18	Kiemon Suguihara	A-7	Luiza Macuco 226
19	Katsura Minamitani	A-11	Euclides da Cunha 82
20	Ryozen Nakandakare	A-67	Frei Gaspar 13
21	Shinshin Miyagui	A-96	Senador Feijo 205
22	Seitaro Oshiro	A-98	Luiza Macuco 15
23	Shimabukuro	A-121	S. Francisco 205
24	Y. Morimoto	A-125	Senador Feijó 283
25	Kaoru Aoki	A-129	Braz Cubas 277
26	Ryosuke Gakiya	B-63	P. José Bonifacio 27 *Foto Oriente*
27	Matsuzo Katekaru	B-72	M. Pego Junior 19
28	Tsukumatsu Kisimoto	B-74	S. Francisco 199
29	Shiguetsuna Furuya	B-82	Braz Cubas 258 S.P.
30	Guisuke Yoshihiro	B-83	Azevedo Sodre 152
31	Shunkei Miyashiro	B-98	M. Pego Junior 15
32	Keiiti Sato	B-102	Lucas Fortunato 4
33	Koshiro Takaoka	-----	Luiza Macuco
34	Saburo Yogui	B-103	Bitencourt 95
35	Shinko Shimabukuro	B-168	M. Paula Rodrigues 96
36	Shimpo Arakaki	B-173	7 de Setembro 3
37	Saichiro Shiroma	B-190	Amador Bueno 351
38	Naokatsu Uehara	-----	Amador Bueno 410
39	Kentoku Kinjo	B-194	Braz Cubas 18
40	Fumito Miyoshi	-----	Senador Feijo 210
41	Manhichi Doi	-----	Amador Bueno 136
42	Naoichi Doi	-----	Amador Bueno 136
43	Ryosaku Hirota	-----	Amador Bueno 136
44	Takeo Hirota	-----	Visconde de Cairú
45	Kichitaro Maeda	-----	Braz Cubas 239 *Hotel Ushio*
46	Tomoichi Kobuchi	-----	Braz Cubas 266
47	Matsutaro Uehara	-----	L. 7 de Setembro 12
× 48	Seigoro Kuwano	-----	Paraná 129 *Escola Japonesa Pensionato*
49	Ukichi Moriguchi	-----	Antonio Bento 124
50	Massamoto Ishiki	-----	Júlio Conceição 144
51	Kama Morine	A-159	Amazonas 101
52	Senichi Harada	A-160	Senador Feijó 221
53	Tadao Yoshida	A-164	Av-Rangel Pestana 72
54	Ankichi Nerome	A-182	Av. Rangel Pestana
55	Shiuzaburo Kondo	A-194	Senador Feijó 355
56	Joshun Miyashiro	A-196	Arnaldo de Carvalho 41 fundo

Nº 7.

5) C A N A L 3

Nº	N O M E S	Nº da P.	R E S I D E N C I A
1	Michio Miyaoka	A-13	Av. Washington Luiz 224-9
2	Kwanki Shinzato	A-23	Av. Washington Luiz 132
3	Sinsei Yamashiro	A-49	Av- Washington Luiz 444-4
4	Matsu Kanashiro	A-79	Av- Washington Luiz 224-4
5	Hiroichi Suguio	A-112	Av. Washington Luiz 222
6	Shoko Koja	A-140	Av. Washington Luiz 229
7	Satoro Nakazone	A-142	Av. Washington Luiz 230-f
8	Saburo Kanashiro	B-117	Av. Washington Luiz 199
9	Nabe Tamashiro	B-123	Av. Washington Luiz 219
10	Kama Yakabu	B-129	Av. Washington Luiz 224-f
11	Kama Shimabukuro	B-130	Av. Washington Luiz 224-f
12	Bunsei Nagahama	B-133	Av. Washington Luiz 219
13	Seijun Ki	B-134	Av. Washington Luiz 226-10
14	Seihiko Takushi	B-136	Av. Washington Luiz 193
15	Kenzo Kanemoto	B-137	Av. Washington Luiz 193
16	Salvador Kogatsu	B-140	Av. Washington Luiz 807
17	Seisuke Kanashiro	B-159	Av. Washington Luiz 224-f
18	Toku Kanashiro	-----	Av. Washington Luiz 224-f
19	Kanzen Arakaki	A-9	José Novita 60
20	Mario Kisanuki	A-18	José Novita s/n
21	Torako Arakaki	A-50	Senador Feijó 791
22	Jinsei Ishimine	A-74	Julio Conceição 379
23	Tsuguharu Sato	A-75	Comendador Martins s/n
24	Kosuke Futemma	A-95	Senador Feijó 790
25	Matsu Kanashiro	A-109	Senador Feijo 803
26	Kesaichi Yuhoguchi	-----	Senador Feijo 800
27	Seibu Kohatsu	-----	Senador Feijó 796
28	Esso Oshiro	A-122	Paraguassú 52
29	Ichisaku Nagai	B-60	Carvalho de Mendonça 97
30	Kame Shimabukuro	B-99	Goiaz 140-f
31	Kana Ueta	B-121	José Novita 60-f
32	Kana Serikyaku	B-138	Senador Feijó 806
33	Kamahachi Gushikeh	B-141	Senador Feijó 786
34	Shozo Takahashi	B-156	Julio Conceição 369
35	Matsutio Arashiro	B-157	José Novita 54-f
36	Fukutoku Kanashiro	B-164	Av. Ana Costa 357-f
37	Buzen Arakaki	A-81	Av. Washington Luiz 224-f
38	Zensuke Arakaki	A-163	Av. Washington Luiz 148 f.
39	José Higa	A-182	Projetada 122 casa 21
40	Massa Akahori	A-190	Cunha Moreira 60

Nº 8.

6) M E R C A D O

Nº	N O M E S	Nº da P.	R E S I D E N C I A
1	Shozo Kayashima	A-83	São Francisco 424
2	Yoshihiro Watanabe	A-100	Campos Melo 67
3	Shangem Okagawa	A-128	Dr. Cochrane 233
4	Kamaroku Hiuga	A-133	Chile 28
5	Shiguejiro Nakai	-----	Chile 28
6	Shikazo Nakai	A----	Chile 27
7	Kiemon Kamimura	B-105	Chile 27
8	Bungoro Naka	-----	Chile 8
9	Ritsuji Kayashima	A-137	Freitas Guimarães 10
10	Ryoichi Jugue	B-59	Dr. Cochrane 142
11	Matsuichi Tamashiro	B-62	Dr. Cochrane 208
12	Itami Goia	B-88	Campos Melo 259
13	Yusuke Nagao	B-96	Paulo Gonçalves 16
14	Taeko Ohara	B-105	Freitas Guimarães 14
15	Yamato Nakamatsu	B-165	Vieira de Souza 17
16	Taro Miyagui	-----	Vieira de Souza 3
17	K. Emura	B-193	Braz Cubas 263
18	Busuke Oshiro	-----	7 de Setembro 132
18	Naoyoshi Issobata	-----	Freitas Guimarães 23
19	Yoshio Kume	A-113	Silva Jardim 17 -----
20	Kano Sakae	A-33	P. Iguatemy Martins 68
21	Yasuichi Tatsumoti	-----	P. Iguatemy Martins 86
22	Mitsue Michishita	-----	P. Iguatemy Martins 92
23	Taeko Kusakari	-----	P. Iguatemy Martins 98
24	Chinroku Kanashiro	A-161	7 de Setembro 134
25	Misa Kosaka	A-171	Rua Chile 28
26	Uguenji Igarashi	A-192	P. Iguatemy Martins 76 sob.
27	Mario Miyamura	A-197	Freitas Guimarães 13

Nº 9.

7) CANAL 4 E MACUCO

Nº	NOMES	Nº da P.	RESIDENCIA
1	Shian Hirata	A-4	Castro Alves 185
2	Jiro Goia	A-6	Castro Alves 45
3	Yonamine	A-101	Castro Alves 194
4	Kyosuke Serikyaku	A-123	Castro Alves 166
5	Seiçho Ikehara	B-14	Castro Alves 76
6	José Sakuma	B-77	Castro Alves 128
7	Fiano	B-94	Castro Alves 625
8	Tohachi Serikyaku	B-101	Castro Alves 185
9	Giro Kanashiro	A-12	Siqueira Campos 190 p.
10	Sukeyoshi Oshiro	A-47	Benjamim Constante 177
11	Tasukame Nagamine	A-78	Bolivar 20
12	Eisso Goia	B-149	Bolivar 67
13	Sukeyoshi Oshiro	B-84	Benjamim Constante 177 f.
14	Nio Oshiro	B-84	Benjamim Constante 177
15	Shiguenori Arata	B-181	Benjamim Constante 143
16	Riukichi Shinzato	B-171	Oswaldo Cruz 376
17	Hiroshi Serikyaku	A-57	Castro Alves 161
18	Zensuke Kadekaru	A-42	Projetada 228-103
19	Shiniti Higa	A-65	Projetada 223-102
20	Kamado Oshiro	A-77	Projetada 228-168 f.
21	Koki Akamine	A-82	Projetada 221-29 f.
22	Nagamine	A-117	Projetada 361
23	Shigue Nakahara	A-118	Projetada 361 s/n
24	Dona Carmen	B-125	Projetada 228
25	Miwa Shimabukuro	B-185	Projetada 223-146
26	Eihatara Tamashiro	B-191	Projetada 228-183
27	Shinjiro Seitaro Hieda	B-189	Borges 100
28	Masuei Nishiyamamoto	A-58	Alexandre Martins 59
29	Oscar Toyama	A-126	Rodrigues Alves 257
30	Yaeko Saito	B-91	Rodrigues Alves 357
31	Kamesaburo Yakamoto	B-147	Rodrigues Alves 55
32	Seiko Toma	A-154	Batista Pereira 268
33	Fukujim Arakaki	A-41	Bacia do Macuco Travessa 35
34	Senichiro Tsuha	~~A-167~~	1º de Maio 50
35	Shin Miyagui	A-116	Pedro Lessa 196 f.
36	Kenyu Tokeshi	A-127	Pedro Lessa 516
37	Suta Gushiken	A-131	Pedro Lessa 196 f.
38	Tanafa	A-131	Pedro Lessa 196 f.
39	Hogue	A-131	Pedro Lessa 196 f.
40	Sanra Kanashiro	B-92	Pedro Lessa 516
41	Yogui	B-186	Pedro Lessa 196 f.
42	Seikichi Tanabe	B-186	Pedro Lessa 196 f.
43	Toyama	B-186	Pedro Lessa 196 f.
44	Guisei Kanashiro	B-131	Almirante Cochrane 328
45	Sogan Arashiro	A-158	Batista Pereira 306
46	Shokichi Tamanaha	A-165	Almirante Cochrane 166 f.
47	Tokusuke Shimabukuro	A-166	Batista Pereira 223
48	Taruzen Ireijó	A-169	Joaquim Murtinho 113
49	Seitoku Futema	A-170	Av. Pedro Lessa fim.
50	Kame Sakihara	A-180	Campos Melo 259
51	Fiano de tal	A-181	Siqueira Campos 35
52	Kamata Yamane	A-184	28 de Setembro 248
52	Seiju Arakaki	A-185	Particular Rinaldo 120 f.
53	Shishin Kudaka	A-177	Don Lara 53(passada 47)
54	Chiujiro Serikyaku	A-186	Castro Alves 625
55	Sukeyasu Sakuma	A-187	Castro Alves 171-185
56	Jiukichi Nakata	A-189	Oswaldo Cochrane 337
57	Nagai Ano	A-198	28 de Setembro 236

Nº 10.

8) PONTA DA PRAIA

Nº	N O M E S	Nº DA P.	R E S I D E N C I A
1	Kasuke Futema	B-169	Epitacio Pessoa 647
2	Seiro Futema	B-178	Epitacio Pessoa 589
3	Kami Kanashiro	A-10	Epitacio Pessoa 506
4	Tokiyoshi Toyoyama	A-73	Epitacio Pessoa 795
5	Massanori Tsuhako	B-93	Epitacio Pessoa 699-3
6	João Tsubaki	B-151	Epitacio Pessoa Travessa
7	Kenryo Arakaki	A-107	Rei Alberto 63-2
8	Seiro Tamashiro	A-108	Rei Alberto 63-6
9	Taiju Oshiro	B-153	Rei Alberto 63-4
10	Ushi Adaniya	B-154	Rei Alberto 119
11	Kishiro Teruya	-----	Rei Alberto 63-3
12	Tomisuke Kanashiro	-----	Rei Alberto 63-5
13	Morisuke Chinen	-----	Rei Alberto 64 f.
14	Tamisuke Hanashiro	-----	Rei Alberto 64 f.
15	Tokuhichi Tsubaki	-----	Rei Alberto 64 f.
16	Tokuzen Higa	A-176	Particukar-Rei Alberto

9) SÃO VICENTE

1	Shoei Yonashiro	A-27	Pedreira Sta.Isabel, Morro do Itararé.
2	Seiko Chinen	A-28	Pedreira Sta.Isabel, Morro do Itararé.
3	Seiro Shinzato	A-29	Pedreira Sta.Isabel, Morro do Itararé.

10) NOVA CINTRA

1	Guisei Nishitokukado	A-8	Ligação 7 no sitio.
2	Mozo Yabiku	A-195	Jabaquara Lig. 33

GUARUJÁ

1	Massami Sou Takahashi	A-162	Itapema
2	Heiichi Matsumoto	A-168	Itapema

NUMERO TOTAL----------3 3 0

3	Tokuei Nakandakare	A-174	Sitio Itapanhaú-Bertióga
4	Bunichiro Matsuda	A-175	Sitio Itapanhaú-Bertioga

Nº 10.

8) PONTA DA PRAIA

Nº	N O M E S	Nº DA P.	R E S I D E N C I A
1	Kasuke Futema	B-169	Epitacio Pessoa 647
2	Seiro Futema	B-178	Epitacio Pessoa 589
3	Kami Kanashiro	A-10	Epitacio Pessoa 506
4	Tokiyoshi Toyoyama	A-73	Epitacio Pessoa 795
5	Massanori Tsuhako	B-93	Epitacio Pessoa 699-3
6	João Tsubaki	B-151	Epitacio Pessoa Travessa
7	Kenryo Arakaki	A-107	Rei Alberto 63-2
8	Seiro Tamashiro	A-108	Rei Alberto 63-6
9	Taiju Oshiro	B-153	Rei Alberto 63-4
10	Ushi Adaniya	B-154	Rei Alberto 119
11	Kishiro Teruya	-----	Rei Alberto 63-3
12	Tomisuke Kanashiro	-----	Rei Alberto 63-5
13	Morisuke Chinen	-----	Rei Alberto 64 f.
14	Tamisuke Hanashiro	-----	Rei Alberto 64 f.
15	Tokuhichi Tsubaki	-----	Rei Alberto 64 f.
16	Tokuzen Higa	A-176	Particukar-Rei Alberto

9) SÃO VICENTE

1	Shoei Yonashiro	A-27	Pedreira Sta.Isabel, Morro do Itararé.
2	Seiko Chinen	A-28	Pedreira Sta.Isabel, Morro do Itararé.
3	Seiro Shinzato	A-29	Pedreira Sta.Isabel, Morro do Itararé.

10) NOVA CINTRA

1	Guisei Nishitokukado	A-8	Ligação 7 no sitio.
2	Mozo Yabiku	A-195	Jabaquara Lig. 33

GUARUJÁ

1	Massami Sou Takahashi	A-162	Itapema
2	Heiichi Matsumoto	A-168	Itapema

NUMERO TOTAL----------3 3 0

3	Tokuei Nakandakare	A-174	Sitio Itapanhaú-Bertióga
4	Bunichiro Matsuda	A-175	Sitio Itapanhaú-Bertioga

Anexo 2 **- Lista de japoneses residentes em Santos por ordem alfabética de sobrenomes.**
AUTOR: Rafael da Silva e Silva

MARAPÉ

1	NOME	Nº.	Endereço	Nº. da P.
	AKAMINE, Kiyoko	68	Pé do Morro do Marapé	A-20
2	ARAKAKI, Matsu	12	Projetada 105, casa 73	A-134
3	ARAKAKI, Nabesuke	64	Carvalho de Mendonça 799	B-87
4	ARAKAKI, Toyioshi	04	Projetada 89, casa 71	B-127
5	ARAKAKI, Ushi	30	Projetada 120, casa 75	B-27
6	ASATO, Akama	53	Projetada 120	B-111
7	ASATO, Shoki	26	Projetada 120, casa 46	B-24
8	CHINEM, Morisuke	50	Projetada 124, casa 818	A-149
9	CHINEM, Nampatsu	41	Projetada 120, casa 16	A-85
10	GOIA, Seisho	07	Projetada 91, casa 94	A-59
11	HATAO, Luzo	28	Projetada 120, casa 52	B-26
12	HAYASHI	14	Projetada 105	B-2
13	HAYASHI, Sayou	83	Carvalho de Mendonça 682	A-199
14	HIGA, Eijiu	29	Projetada 120, casa 75	B-27
15	HIGA, Jochim	05	Projetada 87, casa 92	B-100
16	HIGA, Kentaro	54	Projetada 120 (Av. Pinheiro Machad	B-112
17	HIGA, Ryoji	01	Projetada 87, casa 59	A-111
18	HIGA, Sanko	56	Carvalho de Mendonça 731	A-72
19	HIGA, Tomiko	17	Projetada 109 b	A-32
20	HIRATA, Kame	80	Pé do Morro	A-188
21	HISAHARA, Kozaburo	23	Projetada 118, casa 113	B-7
22	HISSAHARA, Matsu	67	Carvalho de Mendonça 808 f	B-188
23	KAMA, Jittihako	37	Projetada 120, casa 183	A-17

24	KANASHIRO, H.	58	Carvalho de Mendonça 763	A-102
25	KANASHIRO, Kamasu	66	Carvalho de Mendonça 799	B-188
26	KANASHIRO, Kamazo	70	Caminho do Contorno, casa 2	A-119
27	KANASHIRO, Kamesuke	63	Carvalho de Mendonça 763	B_33
28	KANASHIRO, Kamesuke	65	Carvalho de Mendonça fim.	B-95
29	KANASHIRO, Kanh	57	Carvalho de Mendonça fim.	A-80
30	KANASHIRO, Senkichi	82	Carvalho de Mendonça fim	A-193
31	KIMURA (barb)	44	Projetada 120, casa 129	A-114
32	KOBASHIGAWA, Kana	40	Projetada 120, casa 49	A-22
33	KUBA, Rykei	21	Projetada 118, casa 123	B-5
34	KUBA, Yoshima	20	Projetada 118, casa 121	B-4
35	MAJIKINA, Tokuji	49	Projetada 124, casa38	A-88
36	MAKIMOTO	22	Projetada 118, casa 150	B-6
37	MAKKINA	61	Carvalho de Mendonça 769	B-30
38	MARIA de tal	39	Projetada 120, casa 149 f.	A-21
39	MARUSATO, Hanes	43	Projetada 120, casa 19	A-93
40	MASSA, José	77	Morro do Marapé, lig. 17	B-172
41	MIASHIRO, Joshum	11	Projetada 105, casa 64	A-92
42	MIASHIRO, Sisho	55	Carvalho de Mendonça fim	A-46
43	MINEI, Sakamura	45	Projetada 120	A-138
44	MIYAGUI, Kiko	35	Projetada 120, casa 183	A-14
45	MOROMIZATO, Anchin	33	Projetada 120, lig. 22	B-143
46	NAGATA, Koseike	75	Ligação 21	B-132
47	NAKAMOTO, Suhatsi	69	Pé do Morro do Marapé	A-89
48	NAKAMOTO, Ushi	36	Projetada 120	A-16
49	NAKANDAKARE, Seiki	76	Caminho do Asilo 22	B-139
50	NAKAZONE, Taketa	73	Fundo do Morro do Marapé	B-90

51	NISHIN	51	Projetada 124, lig. 16	B-175
52	NISHINA, Maria	71	Caminho do Asilo 114	A-153
53	NOHARA, Hatsu	59	Carvalho de Mendonça 769	A-150
54	NOHARA, Kamejiro	72	Caminho do Asilo 109	B-32
55	NOHARA, Kameseke	62	Carvalho de Mendonça 769 f.	B-31
56	ONAGA, Seiso	25	Projetada 120, casa 46	B-23
57	OSHIRO, José	08	Projetada 91	B-37
58	OSHIRO, Jeizo	42	Projetada 120, casa 1	A-86
59	ROMIMURA, Matsu	16	Projetada 105	B-3
60	SAKAMOTO, Joshi	27	Projetada 120, casa 52	B-25
61	SANAGA, José	19	Projetada 118, casa 142	A-136
62	SENAHA	24	Projetada, 118, casa 118	B-9
63	SENAHA, Matsuken	38	Projetada 120	A-19
64	SERIKYAKO, Seikishi	32	Projetada 120, lig. 16	B-75
65	SJIROMA, Eishiro	15	Projetada 105, Contorno	B-8
66	SHIMABUKURO	60	Carvalho de Mendonça 720	B-28
67	SHIMABUKURO, Masau	09	Projetada 91, casa 28	B-146
68	SHIMABURUKO, Sanra	74	Fundo do Morro do Marapé	B-107
69	SHIROMA, Eishiro	10	Projetada 105	A-53
70	TABA, Sakao	03	Projetada 89, casa 18	A-30
71	TAUSHA, Shuhei	78	Morro do Marapé, lig. 14	B-177
72	TERUYA, Seikichi	79	Projetada 120 lig. 8	A-157
73	TOYAMA, Massao	48	Projetada 121, casa 19	A-68
74	TOYAMA, Matsu	18	Projetada 118, casa 121	A-51
75	TSUHA, Henishi	47	Projetada 120	A-144
76	UETSU, Chisho	13	Projetada 105	B-1
77	UESU, José (pasteleiro)	81	Cravalho de Mendonça 547	A-191

78	YAKABU, Kama	34	Projetada 120, casa 65	B-185
79	YAMASHIRO, Kami	31	Projetada 120, casa 154	B-21
80	YAMASHIRO, Makato	06	Projetada 91	A-59
81	YAMASHIRO, Shoei	52	Aprovada 85, casa 47	B-10
82	YAWATA, Shizuko	46	Projetada 120	A-141
83	YONAMINE, Sanro	02	Projetada 87, casa 128	B-34

SABOÓ

01	AGARIUEDA, Matsukiti	31	Fundo do Saboó 115	------
02	ARAKAKI, Soie	22	Fundo do Saboó 52	B-55
03	AZAMA, Senro	35	Fundo do Saboó 127	------
04	CHINEM, Massa	47	Chico de Paula lig. 52	------
05	CHINEM, Seisuke	54	Chico de Paula	------
06	GOIA, Tokusei	24	Fundo do Saboó 86	B-57
07	GUSHIKEN, Koei	20	Fundo do Saboó 31 p.	B-53
08	HIGA, Kiei	25	Fundo do Saboó 88	B-58
09	HIGA, Shiusei	57	Av. Bandeirantes	B-128
10	HIGA, Sukehachi	16	Fundo do Saboó 28	B-50
11	INAKUKO, Masagui	26	Fundo do Saboó	B-65
12	ITOKASO, Kisaburo	15	Fundo do Saboó 49	B-49
13	KAMIYA, Genjiro	49	Chico de Paula lig. 49	------
14	KAMIYA, Kama	38	Fundo do Saboó	------
15	KAMIYA, Seiki	41	Chico de Paula lig. 13	A-48
16	KAMIYA, Seikichi	55	Chico de Paula	------
17	KAMIYA, Seisuke	46	Chico de Paula lig 49	------
18	KAMIYA, Ushi	50	Chico de Paula leg. 46	------
19	KAMIYA, Zentaro	42	Chico de Paula	A-55

20	KANASHIRO, Chinko	40	Fundo do Saboó	------
21	KANASHIRO, Chinko	52	Chico de Paula	------
22	KANASHIRO, Kama	07	Bairro do Saboó 38	B-42
23	KANASHIRO, Shinem	02	Bairro do Saboó 32	B-38
24	KANASHIRO, Toku	10	Bairo do Saboó 160	B-43
25	KANASHIRO, Yoshi	03	Bairro do Saboó 32	B-38
26	MASAKI	14	Fundo do Saboó 21 p.	B-48
27	MASCALINO, Massa	09	Bairro do Saboó 95	B-118
28	MIYASHIRO, Yosi	27	Fundo do Saboó	B-119
29	MIYASHIRO, Yoshishigue	30	Fundo do Saboó 100 (E. J.)	A-179
30	NAGAHAMA, José Tioei	13	Fundo do Saboó 21	B-47
31	NAKAZA, Kamasuke	33	Fundo do Saboó 125	------
32	NAKAZA, Kame	37	Fundo do Saboó 345	------
33	NAKAZA, Kuranosuke	44	Chico de Paula lig. 56	------
34	NAKAZA, Ryotoku	45	Chico de Paula lig. 49-A	------
35	NAKAZA, Seiei	39	Fundo do Saboó	------
36	NAKAZA, Seikiti	36	Fundo do Saboó 130	------
37	NAKASATO, Shintaro	29	Fundo do Saboó 104	A-34
38	NOBARU, Kenjiu	32	Fundo do Saboó 120	------
39	NOHARA, Kotoku	18	Fundo do Saboó 31	B-52
40	NOHARA, Shinki	19	Fundo do Saboó	A-132
41	NOHARA, Tora	11	Bairro do Saboó 170	B-44
42	OSHIRO, José Zinko	17	Fundo do Saboó 40	B-51
43	OSHIRO, Shoki	23	Fundo do Saboó 84	B-56
44	SHIMABUKURO, Riucho	21	Fundo do Saboó 37	B-54
45	SHIMABUKURO, Shitsuzer	43	Chico de Paula lig. 55	------
46	SHIMABUKURO, Shitsuzer	48	Chico de Paula lig. 51	------

47	SHINZATO, Makaru	51	Chico de Paula lig. 45	------
48	SHIROMA, Seitoku	04	Bairro do Saboó 54	B-39
49	TABA, Kamasuke	28	Fundo do Saboó 96	A-35
50	TABATA, Hiroshi	34	Fundo do Saboó 126	------
51	TAIRA	12	Fundo do Saboó 12	B-45
52	TAMASHIRO	08	Bairro do Saboó 48	B187
53	UEHARA, Nobutaka	53	Chico de Paula	------
54	YAMAMOTO, Sankuma	56	Av. Bandeirantes 315	B- 148
55	YAMAMURA, Toku	06	Bairro do Saboó 56	B-41
56	YAMAMURA, Tokei	58	Av. Bandeirantes 451	B-69
57	YAMAZATO, Toku	59	Av. Bandeirantes 453	B-69
58	YOGUI, Selichi	01	Bairro do Saboó 32	B-38
59	YOGUI, Zenei	05	Bairro do Saboó 54	B-40

ALEMOA

60	AZAMA, Taru	65	--------	------
61	FURAMA, Kama	63	--------	------
62	MIYAHIRA, Kiyotuku	60	--------	A-97
63	SENAHA, Saho	64	--------	------
64	YAMAMURA, Toku	61	--------	------

SANTA MARIA

65	CHINEM, Shinkichi	69	---(Goveia)---Marilia Paulista	------
66	CHINEM, Ushi	70	Fundo do Saboó lig. 96	A-172
67	GUSHIK, Eiso	68	---(Goveia)---Tres Barras - Paraná	------
68	KAMIYA, Kana	67	---(Goveia)---Lins - Noroeste	------
69	MIYASHIRO, Ichiro	66	---(Coelho)---Tres Barras - Paraná	------

70	MIYASHIRO, Massa	72	Fundo do Saboó lig. 95	A-178
71	NAKASATO, Kosen	71	Fundo do Saboó lig. 104	------

CANAL 2 (3)

01	AKAMINE, Kana	03	Princesa Isabel 86	B-108
02	GUSHI, Rafael	01	Princesa Isabel 92	B-68
03	GUSHI, Matsu	10	Princesa Isabel 92	A-103
04	GUSHI, Tsunematsu	06	Princesa Isabel 100	B-115
05	HIGA de tal	04	Projetada 110, casa 18	B-113
06	KANASHIRO, Kokame	02	Princesa Isabel108	B-108
07	KANASHIRO, Seikoku	08	Princesa Isabel 100	B-144
08	TAYOSE, Kanji	05	Projetada 110	B-114
09	TAMI, Dona	09	Projetada 91, casa 94	A-3
10	TAMASHIRO, Saburo	11	Visconde de Faria 14	A-105
11	UEHARA, Kameiche	07	Projetada 110 A-16	B-116

CIDADE

01	AGUENA, Y.	13	Almirante Barroso 53	A-69
02	AOKI	25	Braz Cubas 277	A-129
03	ARAKAKI, Shimpo	36	7 de Setembro	B-173
04	CHIDA, Massao	02	Espírito Santo 44	B-71
05	DOI, Manhichi	41	Amador Bueno 136	------
06	DOI, NAOICHI	42	Amador Bueno 136	------
07	GAKIYA, Rysuke	26	P. José Bonifácio 27	B-63
08	GIOA, Taru	16	Pará 31	A-56
09	GOIA, Ushi	09	Arnaldo de Carvalho 48	A-5
10	GUSHIKEN, Kojiro	17	Luiza Macuco 15	A-1

11	FURUYA, Shiguetsuma	29	Braz Cubas 258 S.P	B-82
12	HARADA, Senichi	52	Senador Feijó 221	A-160
13	HIROTA, Ryosaku	43	Amador Bueno 136	-----
14	HIROTA, Takao	44	Visconde de Cairú	-----
15	IHA, Kosuke	04	Paraná 310	B-104
16	IHA, Kotoku	11	Pedro Américo 64	A-56
17	ISHIKI, Massamoto	50	Julio Conceição 144	-----
18	KATEKURA, Matsuzo	27	M. Pego Junior 19	B-72
19	KAUBARA	03	Amazonas 106	B-106
20	KINJO, Kentoku	39	Braz Cubas 18	B-194
21	KINJO, Shingui	06	Espírito Santo 34	-----
22	KISIMOTO, Tsukumatsu	28	S. Francisco 199	B-74
23	KOBUCHI, Tomoichi	46	Braz Cubas 266	-----
24	KONDO, Shiuzaburo	55	Senador Feijó 355	A-194
25	KUWANO, Seigoro	48	Paraná 129	-----
26	MAEDA, kichitaro	45	Braz Cubas 239	-----
27	MAKINO, Suejiro	14	Pedro Américo	A-71
28	MASSUNOTO, Massao	15	Pará 266 f.	A-151
29	MINAMITAMI, Katsura	19	Euclides da Cunha 82	A-11
30	MIYAGUI, Shinshin	21	Senador Feijó 205	A-96
31	MIYASHIRO, Joshum	56	Amazonas 101	A-159
32	MIYASHIRO, Shukei	31	M. Pego Junior 15	B-98
33	MIYOSHUI, Fumito	40	Senador feijó 210	-----
34	MORIGUCHI, Ukichi	49	Antonio Bento 124	-----
35	MORITO, Y.	24	Senador Feijó 285	A-125
36	MORINE, Kama	51	Amazonas 101	A-159
37	NAKAJIMA, Kokichi	07	Pedro Américo 136	-----

38	NAKANDAKARE, Koro	08	Pedro Américo	-----
39	NAKANDAKARE, Ryosen	20	Frei Gaspar 13	-----
40	NAKAZONE, Shutzo	12	Pedro Américo 170	-----
41	NERONE, Ankichi	54	Av. Rangel Pestana	A-182
42	OSHIRO, Seitaro	22	Luiza Macuco 15	A-98
43	SATA, Keiiti	32	Lucas Fortunato 4	B-102
44	SHIMABUKURO	23	S. Francisco 205	A-121
45	SHIMABUKURO, Shinko	35	M. Paula Rodrigues 96	B-168
46	SHIOTA, Jiro	01	Amazonas 94	B-64
47	SHIROMA, Kamesuke	10	Pará 95	A-31
48	SHIROMA, Saichiro	37	Amador Bueno 351	B-190
49	SUGUIHARA, Kiemon	18	Luiza Macuco 226	A-7
50	SUMI, Saito	05	Amazonas 92	B-163
51	TAKOAKA, Koshiro	33	Luiza Macuco	-----
52	UEHARA, Matsutaro	47	7 de setembro 12	-----
53	UEHARA, Nakatsu	38	Amador Bueno 410	-----
54	YOGUI, Saburo	34	Bitencourt 95	B-103
55	YOSHIDA, Tadao	53	Av. Rangel Pestana 72	A-164
56	YOSHIRO, Guisuke	30	Azevedo Sodré 152	B-83

CANAL 3

01	AKAHORI, Massa	40	Cunha Moreira 60	A-190
02	ARAKAKI, Bizen	37	Av. Washington Luiz 224 f.	A-81
03	ARAKAKI, Kanzen	19	José Novita 60	A-9
04	ARAKAKI, Torako	21	Senador Feijó 791	-----
05	ARAKAKI, Zensute 38	38	Av. Washington Luiz 148 f.	A-163
06	ARASHIRO, Matsutio	35	José Novita 54 f.	-----

07	FUTAMMA, Kosuke	24	Senador Feijó 790	A-95
08	GUSHIKEH, Kamahachi	33	Senador Feijó 786	A-95
09	HIGA, José	39	Projetada122, casa 21	A-182
10	ISHINE, Jinsei	22	Julio Conceição 379	A-74
11	KANAMOTO, Kenzo	15	Av. Washington Luiz 193	B- 137
12	KANASHIRO, Fukutoku	36	Av. Ana Costa 357 f.	B-164
13	KANASHIRO, Matsu	04	Av. Washington Luiz 224 – 4	A-79
14	KANASHIRO, Matsu	25	Senador Feijó 803	A-109
15	KANASHIRO, Seisuke	17	Av. Washington Luiz 224 - f.	B-159
16	KANASHIRO, Saburo	08	Av. Washington Luiz 199	B-117
17	KANASHIRO, Toku	18	Av. Washington Luiz 224 f.	-----
18	KI, Seijun	13	Av. Washington Luiz 226-10	B-134
19	KISANUKI, Mario	20	José Novita 60	A-18
20	KOHATSU, Seibu	27	Senador Feijó 796	-----
21	KOGATSU, Salvador	17	Av. Washington Luiz 807	B-140
22	KOJA, Shoko	06	Av. Washington Luiz 229	A-140
23	MIYAOKA, Miechio	01	Av. Washington Luiz 224 – 9	A-13
24	NAGAHAMA, Bunsei	12	Av. Washington Luiz 219	B-133
25	NAGAI, Ichisaku	29	Carvalho de Mendonça 97	B-60
26	NAKAZONE, Satoro	07	Av. Washington Luiz 230-f.	A-142
27	OSHIRO, Esso	28	Paraguassu 52	A-122
28	SATO, Tsuguharo	23	Comendador Martins s/n	A-75
29	SERIKIAKU, Kana	32	Senador Feijó 866	B-138
30	SHIMABUKURO, Kama	11	Av. Washington Luiz 224-f.	B-130
31	SHIMABUKURO, Kame	30	Goiaz 140-f	B-99
32	SHINZATO, Kuanki	02	Av. Washington Luiz 132	A-23
33	SUGUIO, Hiroichi	05	Av. Washington Luiz 222	A-112

34	TAKAHASHI, Shozo	34	Julio Conceição 369	B-156
35	TAKUSHI, Seihiko	14	Av. Washington Luiz 193	B-136
36	TAMASHIRO, Nabe	09	Av. Washington Luiz 219	B-123
37	UETA, Kana	31	José Novita 60-f	B-121
38	YAKABU, Kama	10	Av. Washington Luiz 224-f.	B-129
39	YAMASHIRO, Sinsei	03	Av. Washington Luiz 444-4	A-49
40	YUHOGUCHI, Kessaichi	26	Senador Feijó 800	-----

MERCADO

01	EMURA, K.	17	Braz Cubas 263	B-193
02	GOIA, Itami	12	Campos Melo 259	B-88
03	HIGA, Kamaroku	04	Chile 28	A-133
04	IGARASHI, Ulguenji	26	P. Iguatemy Martins 76 sob.	A-192
05	ISSOBATA, Naoyoshi	18	Freitas Guimarães 23	-----
06	JUGUE, Ryoichi	10	Dr. Cochrane 142	B-59
07	KANASHIRO, Chinroku	24	7 de Setembro 134	A-161
08	KUSAKARI, Taiko	23	P. Iguatemy Martins 98	-----
09	KAYASHIMA, Ritsuyi	09	Freitas Guimarães 10	A-137
10	KAYASHIMA, Shozo	01	São Francisco 424	A-83
11	KOSAKA, Misa	25	Rua Chile 28	A-171
12	KUME, Yoshio	18	Silva Jardim 17	A-113
13	MICHISHITA, Mitsue	22	P. Iguatemy Martins 92	-----
14	MIYAGUI, Taro	16	Vieira de Souza 3	-----
15	MIYAMURA, Mario	27	Freitas Guimarães 13	A-197
16	NAGAO, Jusuke	13	Paulo Gonçalvez 16	B-96
17	NAKA, Bungoro	08	Chile 8	-----
18	NAKAI, Shigueijiro	05	Chile 28	-----

19	NAKAI, Shikaso	06	Chile 27	A---
20	NAKAMATSU	15	Viera de Souza 17	B-165
21	OKAGAUA, Shangem	03	Dr. Crochrane 233	A-128
22	OSHIRO, Busuke	18	7 de Setembro 132	-----
23	SAKAE, Kano	20	P. Iguatemy Martins 68	A-33
24	TATSUMOBI, Yasuichi	21	P. Iguatemy Martins 86	-----
25	THAMASHIRO, Matsuichi	11	Dr. Crochrane 208	B-62
26	WATANABE, Yoshihiro	02	Campos Melo 67	A-100

CANAL 4 E MACUCO

01	AKAMINE, Koki	21	Projetada 221 – 29 f.	-----
02	ANO, Nagai	57	28 de Setembro 236	A-198
03	ARAKAKI, Fukujim	33	Bacia do Macuco, travessa 35	A-41
04	ARAKAKI, Seiju	52	Particular Reinaldo 120 f.	A-185
05	ARASHIRO, Sogan	45	Batista Pereira 306	A-158
06	ARATA, Shiguinori	15	Beijamim Constant 143	B-181
07	CARMEM, Dona	34	Projetada 228	B-125
08	FULANO	07	Castro Alvez 185	B-94
09	FULANO de tal	51	Siqueira Campos 35	A-181
10	FUTEMA, Seitoku	49	Av. Pedro Lessa fim.	A-170
11	GOIA, Eisso	12	Bolívar 67	B-149
12	GIOA, Jiro	02	Castro Alvez 45	A-6
13	GOSHIKEN, Suto	37	Pedro Lessa 196 f.	A-131
14	HIEDA, Shinjiro Seitaro	27	Borges 100	B-189
15	HIGA, Shimiti	19	Projetada 223 – 102	A-65
16	HIRATA, Shian	01	Castro Alvez 185	A-4
17	HOGUE	39	Pedro Lessa 196 f.	-----

18	IKEHARA, Seicho	05	Castro Alvez 76	B-14
19	IREIJÖ, Taruzen	48	Joaquin Murtinho 113	A-169
20	KADEIKARU, Zinsuke	18	Projetada 228 – 103	A-42
21	KANASHIRO, Giro	09	Siqueira Campos 190 f.	A-12
22	KANASHIRO, Sanra	40	Pedro Lessa 516	B-92
23	KANASHIRO, Guisei	44	Almirante Crochrane 328	B-131
24	KODAKA, Shishin	53	Don Lara 53 (Passada 47)	A-177
25	MIYAGUI, Shin	35	Pedro Lessa 196 f.	A-116
26	NAGAMINEI	22	Projetada 361	A-117
28	NAGAMINE, Tasukame	11	Bolívar 20	A-78
29	NAKAHARA, Shigue	23	Projetada 361 s/n	A-118
30	NAKATA, Jiukuchi	56	Osvaldo Cochrane 337	A-189
31	NISHIYAMAMOTO, Nasue	28	Alexandre Martins 59	A-58
32	OSHIRO, kamado	20	Projetada 228 – 168 f.	A-77
33	OSHIRO, Nio	14	Benjamim Constante 177	B-84
34	OSHIRO, Sukuyoshi	10	Benjamim Constante 177	A-47
35	OSHIRO, Sukuyoshi	13	Benjamim Constante 177 f.	B-84
36	SAITO, Yaiko	30	Rodrigues Alvez 357	B-91
37	SAKIHARA, Kame	50	Campos Melo 259	A-180
38	SAKUMA, José	06	Castro Alvez 128	B-77
39	SAKUMA, Sukeyasu	55	Castro Alvez 171 – 185	A-187
40	SERIKYAKU, Chiujiro	54	Castro Alvez 625	A-186
41	SERIKYAKU, Hiroshi	17	Castro Alvez 161	A-57
42	SERIKYAKU, Kyosuke	04	Castro Alvez 166	A-123
43	SERIKYAKU, Tohachi	08	Castro Alvez 185	B-101
44	SHIMABUKURO, Miuia	25	Projetada 223 – 146	B-185
45	SHIMABUKURO, Tokusuke	47	Batista Pereira 223	A-166

46	SHINSATO, Riukichi	16	Oswaldo Cruz 376	B-171
47	TAMASHIRO, Eihatara	26	Projetada 228 – 183	B- 191
48	TAMANAHA, Shokichi	46	Almirante Cochrane 166 f.	A-165
49	TANABE, Seikichi	42	Pedro Lessa 196 f.	B-186
50	TANAFA	38	Pedro Lessa 196 f.	A-131
51	TOKESHI, Kenyu	36	Pedro Lessa 516	A-127
52	TOMA, Seiko	32	Batista Pereira 268	A-154
53	TOYAMA	43	Pedro Lessa 196 f.	B-186
54	TOYAMA, Oscar	29	Rodrigues Alves 257	A-126
55	TSUHA, Senichiro	34	1º de Maio 50	A-167
56	YAKAMOTO, Kamesaburo	31	Rodrigues Alves 55	B-147
57	YAMANE, Kamala	52	28 de Setembro 248	A-184
58	YOGUI	41	Pedro Lessa 196 f.	B-186
59	YONAMINE	03	Castro Alves 194	A-101

PONTA DA PRAIA

01	ADANIYA, Ushi	10	Rei Alberto 119	B-154
02	ARAKAKI, Kenryo	07	Rei Alberto 63 – 2	A-107
03	CHINEM, Moriesuke	13	Rei Alberto 64 f.	-----
04	FUTEMA, Kasuke	01	Epitácio Pessoa 647	B-169
05	FUTEMA, Seiro	02	Epitácio Pessoa 589	-----
06	HANASHIRO, Tamisuke	14	Rei Alberto 64 f.	-----
07	HIGA, Tokuzin	16	Particular – Rei Alberto	A-176
08	KANASHIRO, Kami	03	Epitácio Pessoa 566	A-10
09	KANASHIRO, Tomisuke	12	Rei Alberto 63-5	-----
10	TAMASHIRO, Seiro	08	Rei Alberto 63-6	A-108

11	TERUYA, Kishiro	11	Rei Alberto 63 – 3	-----
12	TOYOYAMA, Tokiyoshi	04	Epitácio Pessoa 795	A-73
13	TSUBAKI, João	06	Epitácio Pessoa Travessa	B-151
14	TSUHAKO, Massanori	05	Epitácio Pessoa 699-3	B-93

SÃO VICENTE

01	CHINEM, Seiko	02	Pedreira Sta. Isabel, Morro do Itararé	A-28
02	SHINZATO, Seiro	03	Pedreira Sta. Isabel, Morro do Itararé	A-29
03	YONASHIRO, Shoei	01	Pedreira Sta. Isabel, Morro do Itararé	A-27

NOVA CINTRA

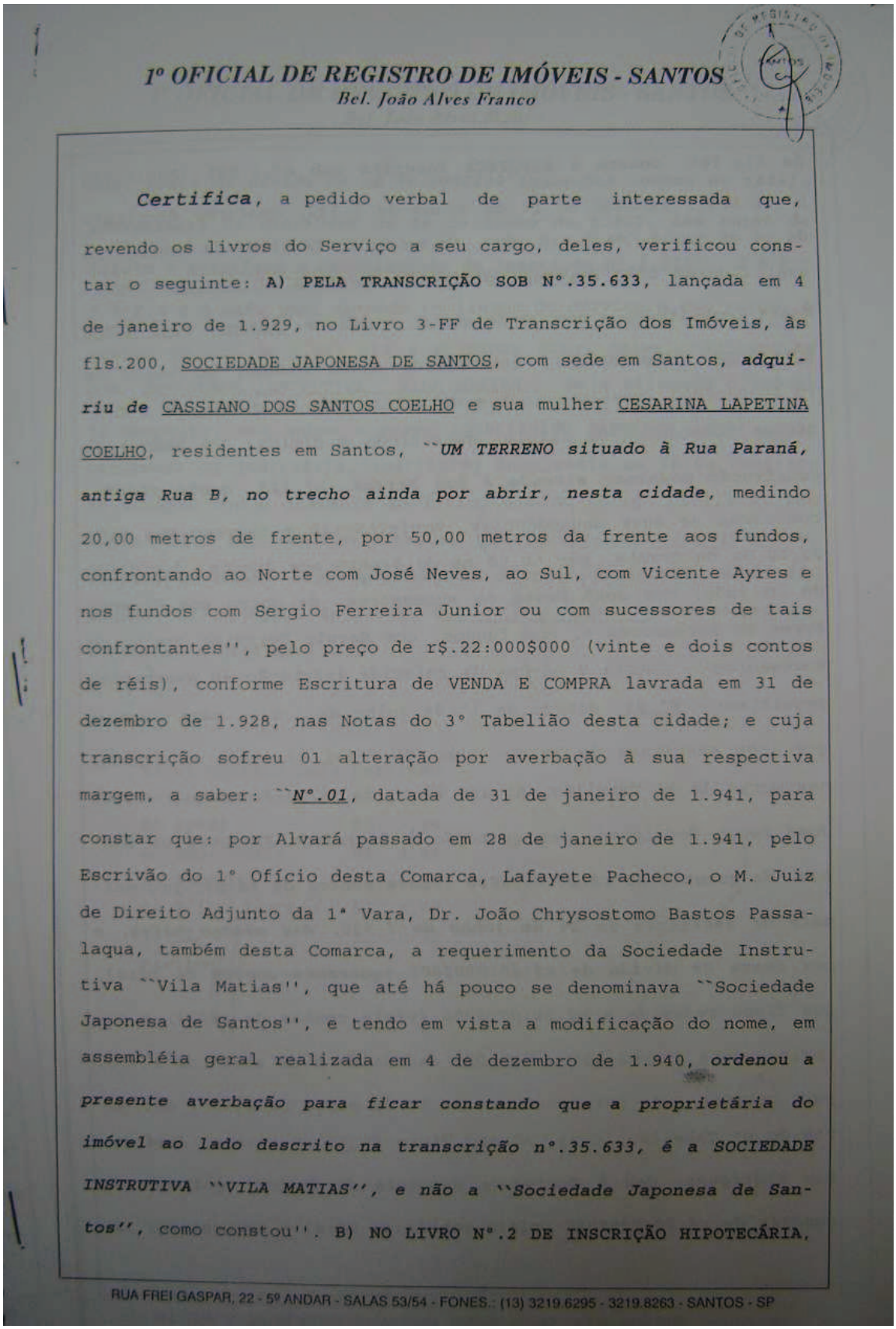
01	NISHITOKUKADO, Guisei	01	Ligação 7 do sitio	A-8
02	YABIKU, Mozo	02	Jabaquara lig. 33	A-195

GUARUJÁ

01	MATSUDA, Bunichiro	04	Sitio Itapanhaú – Bertioga	A-175
02	MATSUMOTO, Helichi	02	Itapema	A-168
03	NAKANDAKARE, Tokuei	03	Sitio Itapanhaú – Bertioga	A-174
04	TAKAHASHI, Sou (Massan	01	Itapema	A-162

NUMERO TOTAL - - - 330

Anexo 3 **– Registro de imóvel localizado na Rua Paraná, n° 129**
FONTE: Associação Japonesa de Santos

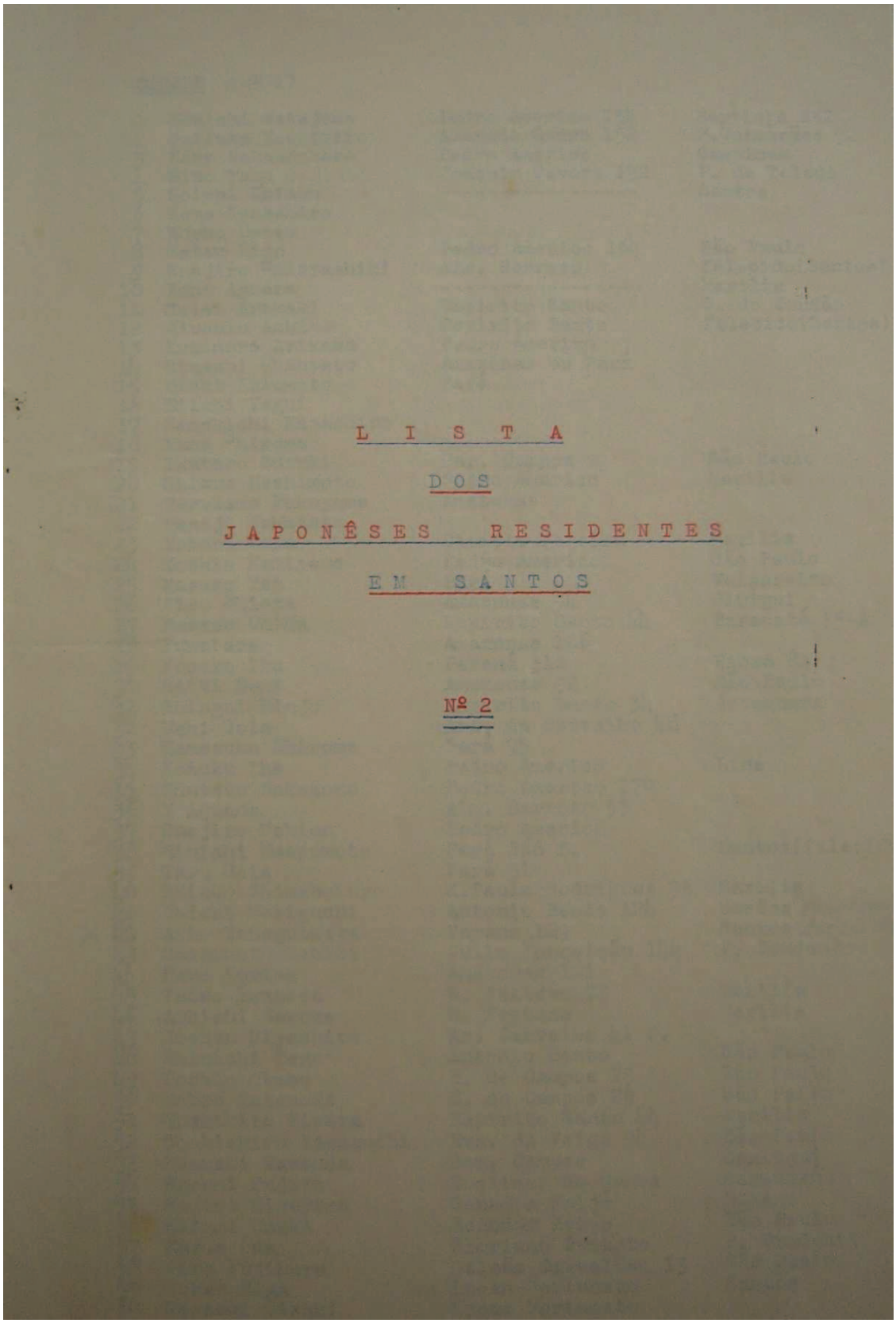


1º OFICIAL DE REGISTRO DE IMÓVEIS - SANTOS
Bel. João Alves Franco

Certifica, a pedido verbal de parte interessada que, revendo os livros do Serviço a seu cargo, deles, verificou constar o seguinte: **A) PELA TRANSCRIÇÃO SOB N°.35.633**, lançada em 4 de janeiro de 1.929, no Livro 3-FF de Transcrição dos Imóveis, às fls.200, SOCIEDADE JAPONESA DE SANTOS, com sede em Santos, ***adquiriu de*** CASSIANO DOS SANTOS COELHO e sua mulher CESARINA LAPETINA COELHO, residentes em Santos, ``***UM TERRENO situado à Rua Paraná, antiga Rua B, no trecho ainda por abrir, nesta cidade***, medindo 20,00 metros de frente, por 50,00 metros da frente aos fundos, confrontando ao Norte com José Neves, ao Sul, com Vicente Ayres e nos fundos com Sergio Ferreira Junior ou com sucessores de tais confrontantes'', pelo preço de r$.22:000$000 (vinte e dois contos de réis), conforme Escritura de VENDA E COMPRA lavrada em 31 de dezembro de 1.928, nas Notas do 3° Tabelião desta cidade; e cuja transcrição sofreu 01 alteração por averbação à sua respectiva margem, a saber: ``***N°.01***, datada de 31 de janeiro de 1.941, para constar que: por Alvará passado em 28 de janeiro de 1.941, pelo Escrivão do 1° Ofício desta Comarca, Lafayete Pacheco, o M. Juiz de Direito Adjunto da 1ª Vara, Dr. João Chrysostomo Bastos Passalaqua, também desta Comarca, a requerimento da Sociedade Instrutiva ``Vila Matias'', que até há pouco se denominava ``Sociedade Japonesa de Santos'', e tendo em vista a modificação do nome, em assembléia geral realizada em 4 de dezembro de 1.940, ***ordenou a presente averbação para ficar constando que a proprietária do imóvel ao lado descrito na transcrição n°.35.633, é a SOCIEDADE INSTRUTIVA ``VILA MATIAS'', e não a ``Sociedade Japonesa de Santos''***, como constou''. **B) NO LIVRO N°.2 DE INSCRIÇÃO HIPOTECÁRIA,**

RUA FREI GASPAR, 22 - 5º ANDAR - SALAS 53/54 - FONES.: (13) 3219.6295 - 3219.8263 - SANTOS - SP

Anexo 4 – **Lista com o destino de famílias japonesas removidas de Santos para o Interior**
FONTE: Acervo de Sérgio Yanaguisawa



L I S T A

D O S

J A P O N Ê S E S R E S I D E N T E S

E M S A N T O S

Nº 2

CIDADE (Nº 1)

1	Kokichi Nakajima	Pedro Americo 134	Bertioga 232
2	Guisuke Yoshihiro	Azevedo Sodre 152	F.Guimarães 92
3	Koro Nakandakare	Pedro Americo	Campinas
4	Eizo Tako	Joaquim Tavora 132	P. de Toledo
5	Soichi Chinen	----------	Santos
6	Kame Kanashiro		
7	Kosho Uetsu		
8	Matsu Eijo	Pedro Americo 164	São Paulo
9	Suejiro Shinyashiki	Alm. Barroso	falecido(Santos)
10	Koho Aguena	----------	Marilia
11	Seiei Arakaki	Espirito Santo	C. do Jordão
12	Jiusaku Aoki	Espirito Santo	falecido(Santos)
13	Kunimoro Arikawa	Pedro Americo	
14	Mineshi Shinzato	Amazonas ou Pará	
15	Uichi Kawamoto	Pará	
16	Eiichi Yagui		
17	Kamekichi Kanashiro		
18	Kana Shiroma		
19	Ikutaro Suzuki	Ber. Campos	São Paulo
20	Shizuo Hashimoto	Pedro Americo	Marilia
21	Tarukame Fukuyama	Amazonas	
22	Masaji Nakazato		
23	Noboru Hara	Clemete Pereira	Marilia
24	Yoshio Kamiyama	Pedro Americo	São Paulo
25	Massao Yai	Pará	Valparaizo
26	Jiro Shiota	Amazonas 94	Birigui
27	Massao Chida	Espirito Santo 44	Paracatú 35-A
28	Kuwabara	Amazonas 106	
29	Kosuke Iha	Paraná 310	Nioac 82
30	Saiti Sumi	Amazonas 92	São Paulo
31	Shingui Kinjo	Espirito Santo 34	Jabaquara
32	Ushi Goia	Arn. de Carvalho 48	
33	Kamesuke Shiroma	Pará 95	
34	Kotoku Iha	Pedro Americo	Lins
35	Shutsuo Nakazone	Pedro Americo 170	
36	Y Aguena	Alm. Barroso 53	
37	Suejiro Makino	Pedro Americo	
38	Riuichi Massumoto	Pará 266 f.	Santos(falecido)
39	Taru Goia	Pará 31	
40	Shinko Shimabukuro	M.Paula Rodrigues 96	Marilia
41	Ukichi Moriguchi	Antonio Bento 124	Bastos Pensionato
X 42	Akio Yanaguizawa	Paraná 129	Santos Escola Japo
43	Massamoto Ishiki	Julio Conceição 144	P. Prudente
44	Kama Morine	Amazonas 101	
45	Tadao Yoshida	R. Pestana 72	Marilia
46	Ankichi Nerome	R. Pestana	Marilia
47	Joshun Miyashiro	Ar. Carvalho 41 f.	
48	Shinichi Yago	Antonio Bento	São Paulo
49	Toshio Okubo	B. de Campos 25	São Paulo
50	Nobuo Matsuoka	B. de Campos 25	São Pailo
51	Yoshihiro Hirata	Espirito Santo 44	Marilia
52	Shokichiro Yamaguchi	Eva. da Veiga 94	São Paulo
53	Kazuaki Massuda	Ber. Campos	Caxingui
54	Kazumi Fujita	Euclides da Cunha	Caramuru
55	Sojiro Hirayama	Senador Feijó	Suzano
56	Hifumi Umeki	Senador Feijo	São Paulo
57	Kazuo Oda	Floriano Peixoto	P. Prudente
58	Jiro Fujikura	Galeão Carvalhau 13	São Paulo
59	Kohan Higa	Lucas Fortunato	Santos
60	Massaki Misuki	Lucas Fortunato	

CIDADE (Nº 2)

61	Kojiro Gushiken	Luiza Macuco 15	
62	Kiemon Suguihara	Luiza Macuco 226	Sto.Anastacio
63	Koshiro Takaoka	Luiza Macuco	Sorocaba
64	Katsura Minamitani	Euclides da Cunha 82	Lins
65	Ryozen Nakandakare	Frei Gaspar 13	
66	Shinshin Miyagui	Senador Feijo 205	
67	Seitaro Oshiro	Luiza Macuco 15	
68	Shimabukuro	S.Francisco 205	
69	Yoshifumi Morimoto	Senador Feijo 283	
70	Kaoru Aoki	Braz Cubas 277	São Paulo
71	Ryosuke Gakiya	P.José Bonifacio 27	São Paulo
72	Matsuzo Katekaru	Pego Junior 19	P. Prudente
73	Tukumatsu Kishimoto	S.Francisco 199	
74	Shigetsuna Furuya	Braz Cubas 239	Bras Cubas 258
75	Shunkei Miyashiro	Pego Junior 17	São Paulo
76	Keiiti Sato	Lucas Fortunato 4	
77	Saburo Yogui	Bitencourt 95	
78	Shimpo Arakaki	7 de Setembro 3	P. Prudente
79	Saichiro Shiroma	Amador Bueno 351	
80	Naokatsu Uehara	Amador Bueno 410	Itapura Miranda 66
81	Kentoku Kinjo	Braz Cubas 18	
82	Fumito Miyashi	Senador Feijo 210	São Paulo
83	Manhichi Doi	Amador Bueno 136	Paula Ney 88
84	Naoichi Doi	Amador Bueno 136	Aclimação
85	Ryosaku Hirota	Amador Bueno 136	Bertioga 230
86	Sumio Okoda	Amador Bueno 136	Oswaldo Cruz
87	Kichitaro Maeda	Braz Cubas 239	Santos *Hotel Ushio*
88	Shozo Akaki	Braz Cubas 239	São Paulo
89	Tomoichi Kobuchi	Braz Cubas 264 *H.Mikasa*	Silv.Martins 276
90	Nabe Uehara	L.7 Setembro 12	Santos
91	Senichi Harada	Senador Feijo	São Paulo
92	Kiyoshi Sumi	Braz Cubas	Largo da Se
93	Naomitsu Uehara	Campos Sales	São Paulo
94	Hissashi Abe	Braz Cubas 264	São Paulo
95	Chiho Zukemura	Pego Junior	
96	Seicho Chinen	Pego Junior	
97	Yoshimaru Maeda	Braz Cubas 241	São Paulo
98	Naoyoshi Uehara	Senador Feijo 305	São Paulo
99	Seisuke Arashiro	7 de Setembro 34	São Paulo
100	Naomoto Uehara	L.7 Setembro 12	São Paulo
101	Tokutaro Nakajo	Bitencourt 95	
102	Kiyoshi Okada	São Francisco 305	São Paulo
103	Hiroshi Nakandakare	São Francisco 303	Itariri(falecido)
104	Chiuni Kanashiro	P.José Bonifacio	
105	Guiei Oshiro	P.José Bonifacio	São Paulo
106	Tokusho Higa	P.José Bonifacio	
107	Shizuo Kitamoto	P.José Bonifacio	C. do Jordão
108	Noboru Uchida	Amador Bueno	São Paulo
109	Yutaro Miyazato	Senador Feijo	
110	Hiroshi Yamanaka	Frei Gaspar	
111	Shiro Nishikawara	15 de Novembro 155	Registro
112	Minekichi Yamamura	S.Francisco	Santos.
113	Yutaro Miyazato	7 de Setembro	
114	Rengo Goto	Braz Cubas 264	Marilia(falecido)
115	Shinai Saito	P.José Bonifacio 27	Paraná
116	Hiroshi Kubo	Braz Cubas 239	D.Pedro II 306
117	Zenichi Tanaka	D. Pedro II 1 13	Santos
118	Shujun Kohama	P.José Bonifacio	São Paulo
119	K. Emura	Braz Cubas 263	
120	Seigoro Kuwano	Almeida Moraes	Marilia

MERCADO

1	Shozo Kayashima	S. Francisco 424	
2	Yoshihiro Watanabe	Campos Melo 67	S.Paulo(falecido)
3	Shangem Okagawa	Dr. Cochrane 233	
4	Kumariku Hiuga	Chile 28	São Paulo
5	Shiguejiro Nakai	Chile 28	Sorocabana
6	Shikazo Nakai	Chile 27	L.Sorocabana
7	Kiemon Kamimura	Chile 27	Santos
8	Bungoro Naka	Chile 6	Santos
9	Ritsuji Kayashima	Freita Guimarães 10	Mogi das Cruzes
10	Ryoichi Jugue	Dr. Cochrane k 142	Bastos
11	Matsuichi Tamashiro	Dr. Cochrane 208	
12	Itami Goia	Campos Melo 259	
13	Yusuke Nagao	Paulo Gonçalves 16	São Paulo
14	Kameno Ohara	Freitas Guimarães 14	São Paulo
15	Yamato Nakematsu	Vieira de Souza 17	
16	Taro Miyagui	Vieira de Souza 3	Mercurio 69
17	Busuke Oshiro	7 de Setembro 132	São Paulo
18	Naoyoshi Issobata	Freitas Guimaães 23	F.Gukmarães 92
19	Yoshio Kume	Silva Jardim 17	São Paulo
20	Kano Sakai	Ig. Martins 68	Gloria 103
21	Yasuichi Tetsumori	Ig. Martins 86	Tupan
22	Mitaue Michishita	Ig. Martins 92	Tupan
23	Taeko Kusakari	Ig. Martins 98	Tupan
24	Chinroku Kanashiro	7 de Setembro 134	
25	Misa Kosaka	Ig. Martins 92	Gloria 103
26	Uguenji Igarashi	Ig. Martins 76	
27	Mario Miyamura	F. Guimarães 13	L.Sorocabana
28	Shunki Tahara	F. Guimarães	São Paulo
29	Chinhachiro Kanashiro	F. Guimarães	
30	Yoshitaro Noro	Ig. Martins	São Paulo
31	Shinichi Miyashiro		
32	Chiuji Yoshida	F. Guimarães	São Paulo
33	Eiichi Nomura	F. Guimarães	São Paulo
34	Sojim Tomihama		São Paulo
35	Masataka Okuhara		
36	Rosa Kanemitsu	Ig. Martins	Pompeia
37	Sanryo Suzuki	Vieira de Souza	D.Pdro 11

CANAL 2

1	Rafael Gushi	Princesa Isabel 92	
2	Kokame Kanashiro	Princesa Isabel 108	
3	Kana Akamine	Princesa Isabel 86	
4	Kentatsu Higa	Projetada 110-18	
5	Kenji Tamayose	Projetada 110	
6	Tsunematsu Gushi	Princesa Isabel 100	
7	Kameichi Uehara	Projetada 110 A-16	
8	Seiroku Kanashiro	Princesa Isabel 100	
9	Matsu Gushi	Princesa Isabel 92	
10	Saburo Tamashiro	Visc. Faria 14	
11	Takeo Hirota	Visc. Cairú	
12	Saburo Senaga	Projetada 110	
13	Tadashi Nonaka	Carv. Mendonça 428	São Paulo

&&&&&&&&&&&&&&&&&&&&

AVULSOS

1	Ike Miyashiro		
2	Koho Aguena	----------	Marilia
3	Oshiro(pasteleiro)	----------	Marilia
4	Taujimoto	P.Iguatemí Martins	Pompeia
5	Joichi Yamashiro		
6	Koki Asimine	----------	Garça
7	Chinsei Yamazato	----------	15 Sacadura Cabral
8	Chiyo Koizumi	----------	Caxingui
9	Choichi Oshita	----------	Mooca
10	Eiki Zamami	----------	Galvão Bueno 430
11	Guenji Shirahama	----------	B. Duprat 140
12	Guenichiro Arashiro	----------	Pagé 168
13	Guensei Oshiro	----------	Itapura Miranda 66
14	Heiji Fujihara	----------	Niteroi 2
15	Koei Ireijo	----------	Santo Antonio 597
16	Kenichi Kaihara	----------	J. Antonio Coelho726
17	Kenda Doi	----------	Gazometro 588
18	Kenkichi Hayashi	----------	Apai 718
19	Massashi Suzuki	----------	Tiutí 7
20	Shizo Miguita	----------	
21	Shingoro Nakao	----------	Pinheiros
22	Seiiti Shinya	----------	C. Sarzedas 328
23	Shozaemon Kubo	----------	Carneiro Cunha 25
24	Sutekichi Nagayama	----------	Alameda Santos 48
25	Sakae Miyata	----------	H.Souza Queiros 159
26	Shigue Nakahara	----------	B. de Duprat 140
27	Teitoku Tina	----------	B. de Duprat 119
28	Taru Yoza	----------	B. de Duprat 140
29	Wahei Kuwabata	----------	Linda Batista 86
30	Nishida	----------	
31	Inubushi	----------	São Joaquim 437
32	Fukuji Namabe	----------	11 de Agosto 224
33	Matsuzo Ohashi	----------	Tomas de Lima 454

CANAL 3

1	Michio Miyaoka	W. Luiz 224-9	Caxingui
2	Kwanki Shinzato	W. Luiz 132	Marilia
3	Shinsei Yamashiro	W. Luiz 444-4	
4	Matsu Kanashiro	W. Luiz 224-4	
5	Hiroichi Suguio	W. Luiz 222	
6	Shoko Koja	W. Luiz 229	
7	Sotaro Nakazone	W. Luiz 230-f	
8	Saburo Kanashiro	W. Luiz 199	
9	Nabe Tamashiro	W. Luiz 219	
10	Kama Yakabu	W- Luiz 224-f	
11	Kama Shimabukuro	W. Luiz 224-f	
12	Bunsei Nagahama	W. Luiz 219	São Paulo
13	Seijun Ki	W. Luiz 226	P. Prudente
14	Seihiko Takushi	W. Luiz 193	
15	Kenzo Kanemoto	W. Luiz 193	
16	Salvador Kogatsu	W. Luiz 807	
17	Seisuke Kanashiro	W. Luiz 224-f	
18	Toku Kanashiro	W. Luiz 224	S.Pallo-Itariri
19	Kanzen Arakaki	José Novita 60	
20	Mario Kisanuki	José Novita s/n	
21	Torako Arakaki	Senador Feijó 791	
22	Jinsei Ishimine	Julio Conceição 379	
23	Tsuguiharu Sato	Com. Martins s/n	Mogiana
24	Kosuke Futema	Senador Feijo 790	
25	Matsu Kanasiro	Senador Feijó 803	
26	Kesaichi Yunoguchi	Senador Feijó 800	S.José Campos
27	Seibu Kohatsu	Senador Feijó 796	São Paulo
28	Esso Oshiro	Paraguassú 52	
29	Ichisaku Nagai	C. Mendonça 97	
30	Kame Shimabukuro	Goiaz 140-f	
31	Kana Ueta	José Novita 60-f	
32	Kana Serikyaku	Senador Feijó 806	
33	Kamahachi Gushiken	Senador Feijo 786	
34	Shozo Takahashi	Julio Conceição 369	Lavinia
35	Massaxi Nagai	Julio Conceição 371	Santos
36	Matsutio Arashiro	José Novita 54-f	
37	Fukutoku Kanashiro	Ana Costa 357-f	
38	Buzen Arakaki	W. Luiz 224-f	
39	Zenguke Arakaki	W. Luiz 148-f	
40	José Higa	Projetada 122 casa 21	
41	Massa Akahori	Cunha Moreira 60	
42	Risaburo Miyagui	B.Paranapiacaba	Biguá(falecido)
43	Seiki Miyashiro	W. Luiz 224-f	
44	Guempo Tamashiro	W. Luiz 224-f	
45	Kiyomasa Miyashiro	W- Luiz 224-f	
46	Noboru Higa	B.Paranapiacaba	Marilia
47	Sanra Nakazone	W. Luiz	
48	Ichiro Satomi	W. Luiz 224-f	São Paulo
49	Chinki Kanashiro	W. Luiz 224-f	
50	Kamato Arakaki	W. Luiz	
51	Yunai Miyashiro	W. Luiz	
52	Shinichi Yamashiro	W. Luiz	
53	Azuma Sameshima	W. Luiz 195	Bastos
54	Yujiro Takenaka	W. Luiz	
55	Toki Arakaki	W. Luiz	
56	Serikyaku--	Luiz de Faria 35	

CANAL 4 E MACUCO

1	Shian Hirata	Castro Alves 185	
2	Jiro Goia	Castro Alves 45	
3	Yonamine	Castro Alves 194	
4	Kyosuke Serikyaku	Castro Alves 166	Marilia
5	Seicho Ikehara	Castro Alves 76	Sorocaba
6	José Sakuma	Castro Alves 128	Marilia
7	Tohachi Serikyaku	Castro Alves 185	Marilia
8	Giro Kanashiro	Siqueira Campos 190	
9	Sukeyoshi Oshiro	Benjamim Constante 177	
10	Yasukame Nagamine	Bolivar 20	
11	Eisho Goia(gim)	Bolivar 67	Santos
12	Nio Oshiro	Benj. Constante 177	
13	Shiguenori Arata	Benj.Constante 143	
14	Riukichi Shinzato	Oswaldo Cruz 376	
15	Hiroshi Serikyaku	Castro Alves 161	Marilia
16	Zensuke Kadekaru	Projetada 228-103	
17	Shinichi Higa	Projetada 223-102	
18	Kamado Oshiro	Projetada 228-168	
19	Koki Akamine	Projetada 221-29	
20	Nagamine (yasukami)	Projetada 361	
21	Shigue Nakahara	Projetada 361	
22	Dona Carmem	Projetada 228	
23	Miwa Shimabukuro	Projetada 223-146	
24	Eihatara Tamahiro	Projetada 228-183	
25	Shinjiro Seitaro Hieda	Borges 100	
26	Minoeu Sonobe	Borges 82	São Paulo
27	Masuhei Nishiyamamoto	Alexandre Martins 59	
28	Oscar Toyama	Rodri.Alves 257	
29	Yaeko Saito	Rodrig. Alves 357	
30	Kamesaburo Takemoto	Rodrig. Alves 55	São Paulo
31	Seiko Toma	Batista Pereira 268	Baurú
32	Fukujim Arakaki	Bacia do Macuco Trav. 35	
33	Senichiro Tsuha	Rua 10 Nº 50	
34	Shin Miyagui	Pedro Lessa 196 f.	
35	Kenyu Tokeshi	Pedro Lessa 516	
36	Suta Gushiken	Pedro Lessa 196 f.	
37	Tanaka	Pedro Lessa 196 f.	
38	Hogue	Pedro Lessa 196 f.	
39	Sanra Kanamiro	Pedro Lessa 516	
40	Yogui	Pedro Lessa 196 f.	
41	Seikichi Tanabe	Pedro Lessa 196 f.	
42	Toyama	Pedro Lessa 196 f.	
43	Guisei Kanashiro	Alm. Cochrane 328	
44	Sogan Arashiro	Batista Pereira 306	
45	Shokichi Tamanaha	Alm. Cochrane 166 f.	
46	Tokusuke Shimabukuro	Batista Pereira 223	
47	Taruzen Ireijo	Joaquim Murtinho 113	
48	Seitoku Futema	Pedro Lessa fim	
49	Kame Sakihara	Campos Melo 259	
50	Kamata Yamane	28 de Setembro 248	

CANAL 4 E MACUCO (Nº 2)

51	Seiju Arakaki	Particular Rinaldo 120 f.	
52	Shishin Kudaka	Don Lara 53	
53	Chiujiro Serikyaku	Castro Alves 625	Marilia
54	Sukeyasu Sakuma	Castro Alves 171	Marilia
55	Jiukichi Nakata	Oswaldo Cochrane 337	
56	Nagai Ano	28 de Setembro 236	S.Paulo
57	Kame Serikyaku	Castro Alves	Marilia
58	Bokutsu Kanashiro		
59	Kame Shimabukuro		
60	Kwanei Nishiyamamoto	Alex. Martins	
61	Eiko Kamiya	Castro Alves	
62	Seisuke Yonamine	Benj. Constante	
63	Tokichi Harunari	Alm. Cochrane	São Paulo
64	Kamesuke Shimabukuro	Alm. Cochrane	
65	Moro Minatogawa	Alm. Cochrane	
66	Yotoku Tamanaha		
67	Kamesuke Kanashiro	Siqueira Campos f.	
68	Kana Yoshizato	Pedro Lessa f.	Sorocaba
69	Seijiro Oshiro	Canal 6	Sorocaba
70	Toki Tamanaha	Canal 6	Sorocaba
71	Seihan Oyama	Benj. Constante 41f.	São Paulo
72	Seisuke Kanashiro	Castro Alves	São Paulo
73	Kamesuke Arakaki	Siq. Campos f.	São Paulo
74	José Kanasiro	Epitacio Pessoa 241	G.Bueno 450
75	Seizen Toguchi	Canal 4	Suzano
76	Sushin Iha	Canal 4	Suzano
77	Saburo Miyashiro	Canal 4	Itú
78	Chihachi Serikyaku	Canal 4	Ypiranga
79	Gunzo Shiota	Batista Pereira	Freguezia do Ó
80	Kame Serikyaku	Canal 4	Ypiranga
81	Kenichi Mori	Macuco	Bueno de Andrad

MARAPÉ (Nº 1)

1	Ryoji Higa	Projetada 87-59	
2	Sanro Yonamine	Projetada 87-128	
3	Sakae Taba	Projetada 89-18	São Paulo(V.Prudent
4	Toyoichi Arakaki	Projetada 89-71	
5	Joshim Higa	Projetada 87-92	
6	Makato Yamashiro	Projetada 91	
7	Seisho Goia	Projetada 91-94	
8	José Oshiro	Projetada 91	
9	Masuei Shimabukuro	Projetada 91-28	
10	Dona Tomi	Projetada 91-94	
11	Eishiro Shiroma	Projetada 105	
12	Joshun Miyashiro	Peojetada 105-64	
13	Matsu Arakaki	Projetada 105-73	
14	Chisho Uetsu	Projetada 105	São Paulo
15	Hayashi	Projetada 105	
16	Eishin Shiroma	Projetada 105	
17	Matsu Tomimura	Projetado 105	
18	Tomiko Higa	Projetada 109-b	
19	Matsu Toyama	Projetada 118-121	São Paulo
20	José Senaga	Projetada118-142	
21	Yoshimi Kuba	Projetada 118-121	P. Prudente
22	Ryokei Kuba	Projetada 118-123	Galia L.P.
23	Tomiko Makimoto	Projetada 118-150	Santos
24	Kosaburo Hisahara	Projetada 118-113	Santo Amaro
25	Matsukichi Senaha	Projetada 118-118	
26	Seiso Onaga	Projetada 120-46	P. Prudente
27	Shoki Asato	Projetada 120-46	
28	Akama Asato	Projetada 120-46	
29	Kentaro Higa	Projetada 120-46	
30	Yoshi Skamoto	Projetada 120-52	Santos
31	Yuzo Hatao	Projetada 120-52	
32	Eijiu Higa	Projetada 120-75	
33	Ushi Arakaki	Projetada 120-75	
34	Kami Yamashiro	Projetada 120-154	
35	Seikichi Seirikyaku	Projetada 120 Lig. 16	
36	Anchin Moromizato	Projetada 120 Lig. 22	
37	Kama Yakabu	Projetada 120-65	
38	Kiko Miyagui	Projetada 120-183	Paraguassú
39	Ushi Nakamoto	Projetada 120-	
40	Jitihako Kama	Projetada 120-183	
41	Matsuken Senaha	Projetada 120	
42	Tal de Maria	Projetada 120-149 f.	
43	Kana Kobashigawa	Projetada 120-49	Santos
44	Nampatsu Chinen	Projetada 120-16	
45	Junzo Oshiro	Projetada 120-1	
46	Hanes Marusatu	Projetada 120-19	
47	Kimura(barbeiro)	Projetada 120-129	
48	Sakusuke Minei	Projetada 120	
49	Shizuko Yawata	Projetada 120	
50	Henichi Tsuha	Projetada 120	

MARAPÉ (Nº 2)

51	Masao Toyama	Projetada 121-19	
52	Tokuji Majikina	Projetada 124-38	
53	Morisuke Chinen	Projetada 124-18	Santos
54	Nishin	Projetada 124 Lig 16	
55	Shoei Yamashiro	Aprovada 85-47	
56	Seisho Miyashiro	C. Mendonça fim	
57	Sanko Higa	C. Mendonça 731	
58	Kanaki Kanashiro	C. Mendonça fim	
59	Eishin Kanashiro	C. Mendonça 763	
60	Hatsu Nohara	C. Mendonça 769	
61	Kiku Shimabukuro	C. Mendonça 720	
62	Shinsei Majikina	C. Mendonça 769	
63	Kamesuke Nohara	C. Mendonça 769	
64	Nabesuke Arakaki	C. Mendonça 799	
65	Kamekiti Kanashiro	C. Mendonça fim	
66	Kamazo Kanashiro	C. Mendonça 799	Marilia
67	Matsu Hisahara	C. Mendonça 808	Santo Amaro
68	Kiyoko Akamine	Pé do Morro Marapé	
69	Suhatsi Nakamoto	Pé do Morro Marapé	
70	Kamazo Kanashiro	C. do Contorno-2	
71	Maria Nishina	C. do Asilo 114	
72	Kamejiro Nohara	C. do Asilo 109	
73	Taketa Nakazone	Morro Marapé fundo	
74	Sanra Shimabukuro	Morro Marapé fundo	
75	Kosuke Nagata	Marapé Lig. 21	
76	Seiki Nakandakare	C. do Asilo 22	
77	José Massa	Marapé Lig 17	
78	Shiuhei Tsuha	Marapé Lig 14	
79	Seikichi Teruya	Projetada 120 Lig. 8	P. Barros
80	Kame Hirata	Pé do Morro Marapé	
81	José Uetsu(pasteleiro)	C. Mendonça 547	
82	Seikichi Kanashiro	C. Mendonça fim	
83	Sayou Hayashi	C. Mendonça 682	
84	Kame Yonashiro	Marapé	
85	Morisuke Chinen	Marapé	Santos
86	Sanehiko Mikai	Marapé	
87	Tomekichi Ikematsu	C. de Mendonça	
88	Santaro Ozako	Marapé	
89	Kanekichi Yakeuchi	Saturlino de Brito	
90	Shingoro Nakao	Marapé	
91	Arata Yura(Issamu)	Av. P. Machado	Santos
92	Massao Shirahama	Marapé	

SABÔO (Nº 1)

1	Seiichi Yogui	Bairro do Saboô 32	São Paulo
2	Shinei Kanashiro	Bairro do Saboô 32	
3	Yoshi Kanashiro	Bairro do Saboô 32	
4	Seitoku Shiroma	Bairro do Saboô 54	
5	Zenei Yogui	Bairro do Saboô 54	
6	Toku Yamamura	Bairro do Saboô 56	
7	Kama Kanashiro	Bairro do Saboô 38	
8	Tamashiro	Bairro do Sabôo 48	
9	Massa Mascalino	Bairro do Sabôo 95	
10	Toku Kanashiro	Bairro do Sabôo 160	
11	Tora Nohara	Bairro do Sabôo 170	
12	Kama Taira	Fundo do Sabôo 12	
13	Tioei Nagahama	Fundo do Sabôo 21	Santos
14	Masaki	Fundo do Sabôo 21 p.	
15	Kisaburo Itokazu	Fundo do Sabôo 49	
16	Sukehachi Higa	Fundo do Sabôo 28	Santos
17	José Zenko Oshiro	Fundo do Sabôo 40	Santos
18	Kotoku Nohara	Fundo do Sabôo 31	
19	Shinki Nohara	Fundo do Sabôo 31 p.	
20	Koei Gushiken	Fundo do Sabôo 31 p.	
21	Riusho Shimabukuro	Fundo do Sabôo 37	
22	Soei Arakaki	Fundo do Sabôo 52	
23	Shoki Oshiro	Fundo do Sabôo 84	
24	Tokusei Goia	Fundo do Saboo 86	
25	Kiei Higa	Fundo do Sabôo 88	
26	Masagui Inafuku	Fundo do Sabôo 88 p.	
27	Yosei Miyashiro	Fundo do Sabôo 88 p.	
28	Kamasuke Taba	Fundo do Sabôo 96	
29	Shintaro Nakazato	Fundo do Sabôo 104	N.do Paraná
30	Yoshishigue Miyagui	Fundo do Sabôo 100	Marilia
31	Matsukuchi Agariueda	Fundo do Sabôo 115	
32	Kenjiu Nobaru	Fundo do Sabôo 120	
33	Kamasuke Nakaza	Fundo do Sabôo 125	
34	Hiroshi Tabata	Fundo do Sabôo 126	
35	Senro Azama	Fundo do Sabôo 127	
36	Seikichi Nakaza	Fundo do Sabôo130	
37	Kame Nakaza	Fundo do Sabôo 145	
38	Kama Kamiya	Fundo do Sabôo150	
39	Seiei Nakaza	Fundo do Sabôo 152	
40	Chinko Kanashiro	Fundo do Saboô 154	
41	Seiki Kamiya	Chico de Paula Lig. 13	
42	Zentaro Kamiya	Chico de Paula	Santos
43	Shituzen Shimabukuro	Chico de Paula Lig. 55	Lins
44	Kuranosuke Nakaza	Chico de Paula Lig. 56	Lins
45	Ryotoku Nakaza	Cgico de Paula Lig. 49-A	Lims
46	Seisuke Kamiya	Chico de Paula Lig. 49	Lins
47	Massa Chinen	Chico de Paula Lig. 52	Lins
48	Genjiro Kamiya	Chico de Paula Lig. 46-A	Lins
49	Ushi Kamiya	Chico de Paula Lig. 46	Lins
50	Makaru Shinzato	Chico de Paula Lig. 45	Lins

SABÔO (Nº 2)

51	Shinko Kanashiro	Chico de Paula	
52	Nobutaka Uehara	Chico de Paula	
53	Seisuke Chinen	Chico de Paula	
54	Seikichi Kamiya	Chico de Paula	
55	Sankuma Yamamoto	Av.Bandeirante 315	Saõ Paulo
56	Shiusei Higa	Av.Bandeirante 179	
57	Tokuei Yamamura	Av.Bandeirante 451	
58	Toku Yamazato	Av.Bamdeirante 453	

ALEMÔA OU CASQUEIRO

59	Kiyotoku Miyahira	Casqueiro	
60	Toku Yamamura	Casqueiro	
61	Taru Shinzato	Alemôa	
62	Kama Fukama	Alemôa	
63	Saho Senaha	Alemôa	
64	Taru Azama	Alemôa	

SANTA MARIA

65	Ichiro Miyashiro	------	Tres Barras
66	Kana Kamiya	------	Lins
67	Eiso Gushiken	------	Tres Barras
68	Shinkichi Chinen	------	Marilia

DIVERSOS

69	Ushi Chinen	Fundo do Sabôo 96	
70	Kozen Nakazato	Fundo do Sabôo 104	
71	Masa Miyashiro	Fundo so Sabôo 95	
72	Seigui Shinzato	Sabôo	
73	Kamasuke Akamine	Casqueiro	
74	Kamayo Shimabukuro		
75	Seikichi Itokazu	--------catador de papel	

PONTA DA PRAIA

1	Kasuke Futema	Epitacio Pessoa 647	
2	Seiro Futema	Epitacio Pessoa 589	
3	Kami Kanashiro	Espitacio Pessoa 506	
4	Tokiyoshi Toyoyama	Epitacio Pessoa 795	
5	Masanori Tsuhako	Epitacio Pessoa 699	
6	João Tsubaki	Epitacio Pessoa travessa	
7	Kenryo Arakaki	Rei Alberto 63-2	
8	Seiro Tamashiro	Rei Alberto 63-6	
9	Taiju Oshiro	Rei Alberto 63-4	
10	Ushi Adaniya	Rei Alberto 119	
11	Kishiro Teruya	Rei Alberto 63-3	
12	Tomisuke Kanashiro	Rei Alberto 63-5	
13	Morisuke Chinen	Rei Alberto 64-f	
14	Tamisuke Hanashiro	Rei Alberto 64-f	
15	Tokuhichi Tsubaki	Rei Alberto 64-f	
16	Tokuzen Higa	Rei Alberto-Part.	
17	Jiutaro Nakai	Rei Alberto 198	Marilia-Santos
18	Kosaku Kikuchi	Rei Alberto 208	S.Paulo-Santos
19	Yoshimitsu Okuyama	Rei Alberto 208	Santos
20	Toshimatsu Ono	Rei Alberto 241	Santos
21	Kiyomi Okumura	Rei Alberto 241	Santos
22	Nobuyo Kawamoto	Rei Alberto 241	Santos
23	Mitauyoshi Koide	Rei Alberto 241	Santos
24	Kazumi Okida	Rei Alberto 241	Santos
25	Sadami Okida	Rei Alberto 241	Piracicaba
26	Yumitau Okida	Rei Alberto 241	Piracicaba
27	Enichi Yamazawa	Rei Alberto 241	Santos
28	Yasuyoshi Sakai	Rei Alberto 241	Marilia
29	Yoshinobu Sakai	Rei Alberto 241	Marilia
30	Kiyoyasu Hamamoto	Rei Alberto 241	
31	Kotoku Tsuzuki	Rei Alberto	Santos
32	Shizuyoshi Onishi	Rei Alberto	Santos
33	Yoshi Nishi	Rei Alberto	Santos
34	Jiuroku Ota	Rei Alberto	
35	Seishiro Matsumoto	Rei Alberto	
36	Yassu Matsuzaka	Rei Alberto	
37	Kichitaro Mizuguchi	Rei Alberto	Mogi das Cruzes
38	Takichi Taniguchi	Rei Alberto	
39	Saichi Imada	Saldanha da Gama	Marilia
40	Rinnosuke Taniguchi	Saldanha da Gama	
41	Shigueto Massuno	Saldanha da Gama	
42	Chiutaro Uesugui	Saldanha da Gama	
43	Masahiro Uesugui	Saldanha da Gama	
44	Yakuichi Yagui	Saldanha da Gama	São Paulo
45	Tadashi Yano	Saldanha da Gama	São Paulo
46	Yukie Tauzuki	Saldanha da Gama	Registro
47	Yojiro Sato	Saldanha da Gama	
48	Chiukichi Takagui	Saldanha da Gama	
49	Kyoichi Kishimoto	Rei Alberto	Pompeia
50	Atsushi Jomori Uta	Rei Alberto	
51	Magosaburo Maeda	Rei Alberto	Santos.

SÃO VICENTE

1	Tamijiro Takagoshi	Praia	São Paulo
2	Titose Nakamura	Praia	Santos
3	Sojiro Muneno	Praia	Santos(falecido)
4	Tsuneyoshi Mori	Praia	Santos
5	Kyoji Shibayama	Praia	Santos
6	Issamu Ueta	Praia	Santos
7	Massaki Michihiro	Praia	São Paulo
8	Gunjiro Kumagaki	Praia	São Paulo
9	Massashi Yumoto	Praia	São Paulo
10	Terushi Ueta	Praia	São Paulo
11	Shoei Yamashiro	Morro de Itararé(p.Sta.Isabel)	
12	Seiko Chinen	Morro de Itararé	
13	Seiro Shinzato	Morro de Itararé	

NOVA CINTRA

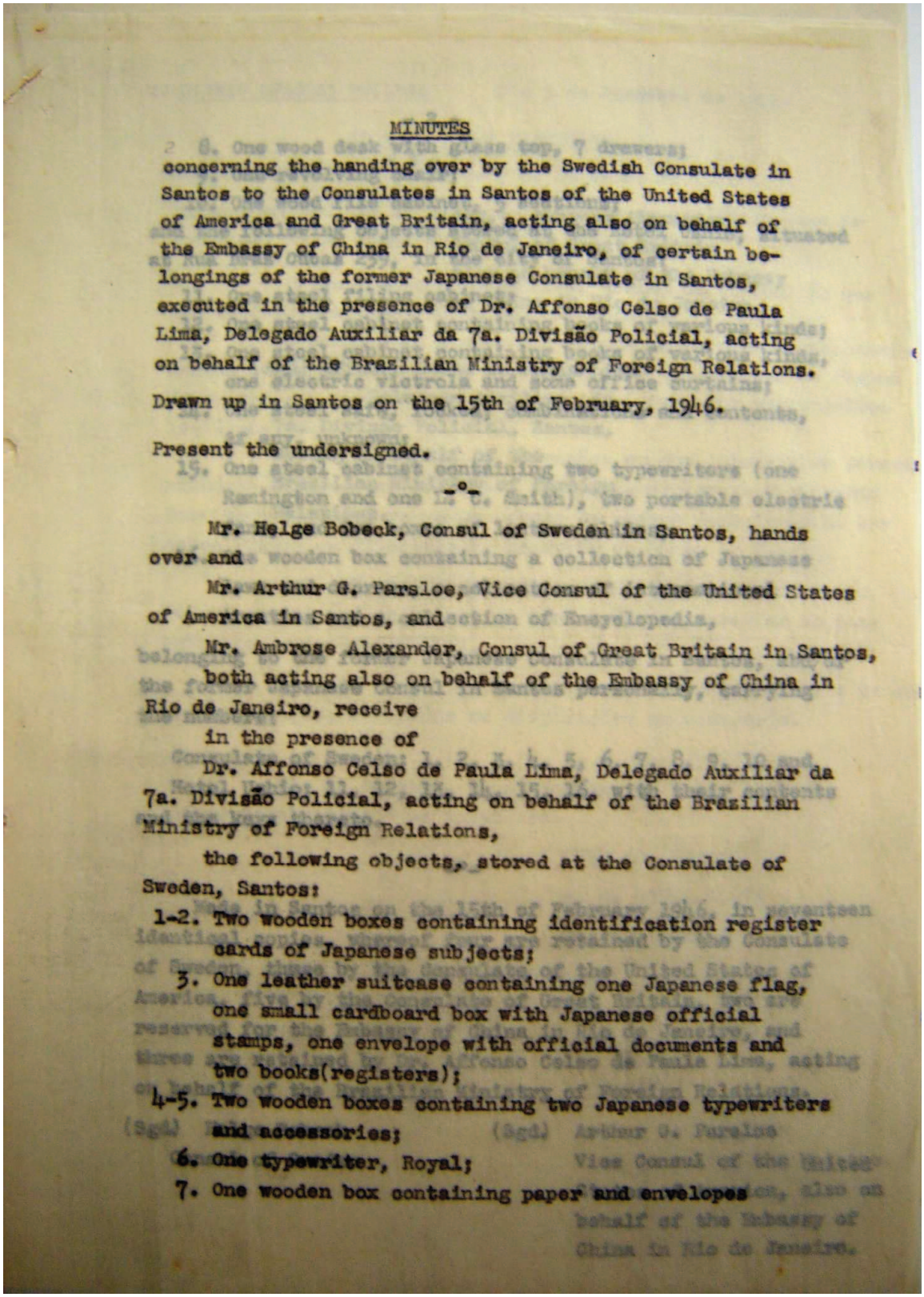
1	Guisei Nishitokujo	Ligação 7 no sitio
2	Mozo Yabiku	Jabaquara Lig.33
3	Mozen Yabiku	Jabaquara
4	Kama Maejo	Jabaquara
5	Zentatsu Shinzato	Jabaquara
6	Zennosuke Nishitokujo	Jabaquara
7	Yoho Kohatsu	Rangel Pestana fim
8	Kamekichi Kamiya	Rangel Pestana fim

GUARUJÁ

1	Massami Takahashi	Itapema	Paraguassú
2	Heiichi Matsumoto	Itapema	Guarujá
3	Teiju Naito	Bocaina	São Paulo
4	Hisashi Abe	Bocaina	
5	Bunichiro Matsuda	Itapanhaú-Bertioga	São Paulo
6	Tokuei Nakandakare	Itapanhaú-Bertioga	Mogi das C.

585 famílias

Anexo 5 – **Transferência de documentos e objetos pertencentes ao consulado japonês de Santos, do Consulado da Suécia para a Embaixada da China no Rio de Janeiro**
FONTE: Acervo de Sérgio Yanaguisawa



MINUTES

concerning the handing over by the Swedish Consulate in Santos to the Consulates in Santos of the United States of America and Great Britain, acting also on behalf of the Embassy of China in Rio de Janeiro, of certain belongings of the former Japanese Consulate in Santos, executed in the presence of Dr. Affonso Celso de Paula Lima, Delegado Auxiliar da 7a. Divisão Policial, acting on behalf of the Brazilian Ministry of Foreign Relations.

Drawn up in Santos on the 15th of February, 1946.

Present the undersigned.

-°-

Mr. Helge Bobeck, Consul of Sweden in Santos, hands over and

Mr. Arthur G. Parsloe, Vice Consul of the United States of America in Santos, and

Mr. Ambrose Alexander, Consul of Great Britain in Santos, both acting also on behalf of the Embassy of China in Rio de Janeiro, receive

in the presence of

Dr. Affonso Celso de Paula Lima, Delegado Auxiliar da 7a. Divisão Policial, acting on behalf of the Brazilian Ministry of Foreign Relations,

the following objects, stored at the Consulate of Sweden, Santos:

1-2. Two wooden boxes containing identification register cards of Japanese subjects;

3. One leather suitcase containing one Japanese flag, one small cardboard box with Japanese official stamps, one envelope with official documents and two books(registers);

4-5. Two wooden boxes containing two Japanese typewriters and accessories;

6. One typewriter, Royal;

7. One wooden box containing paper and envelopes

8. One wood desk with glass top, 7 drawers;
9. One revolving chair;
10. One wood file cabinet, 5 sections;

and the following objects stored at the Hotel Ushio, situated at Rua Braz Cubas 239, in the city of Santos:

11. One steel filing cabinet;
12. One steel cabinet containing books of various kinds;
13. One steel cabinet containing books of various kinds, one electric victrola and some office curtains;
14. One steel safe, locked, combinations and contents, if any, unknown;
15. One steel cabinet containing two typewriters (one Remington and one L. C. Smith), two portable electric fans, and two boxes of lantern slides;
16. One wooden box containing a collection of Japanese laws and decrees, a collection of international treaties and a collection of Encyclopedia,

belonging to the former Japanese Consulate in Santos, abd/or the former Japanese Consul in Santos personally, carrying the numbers:

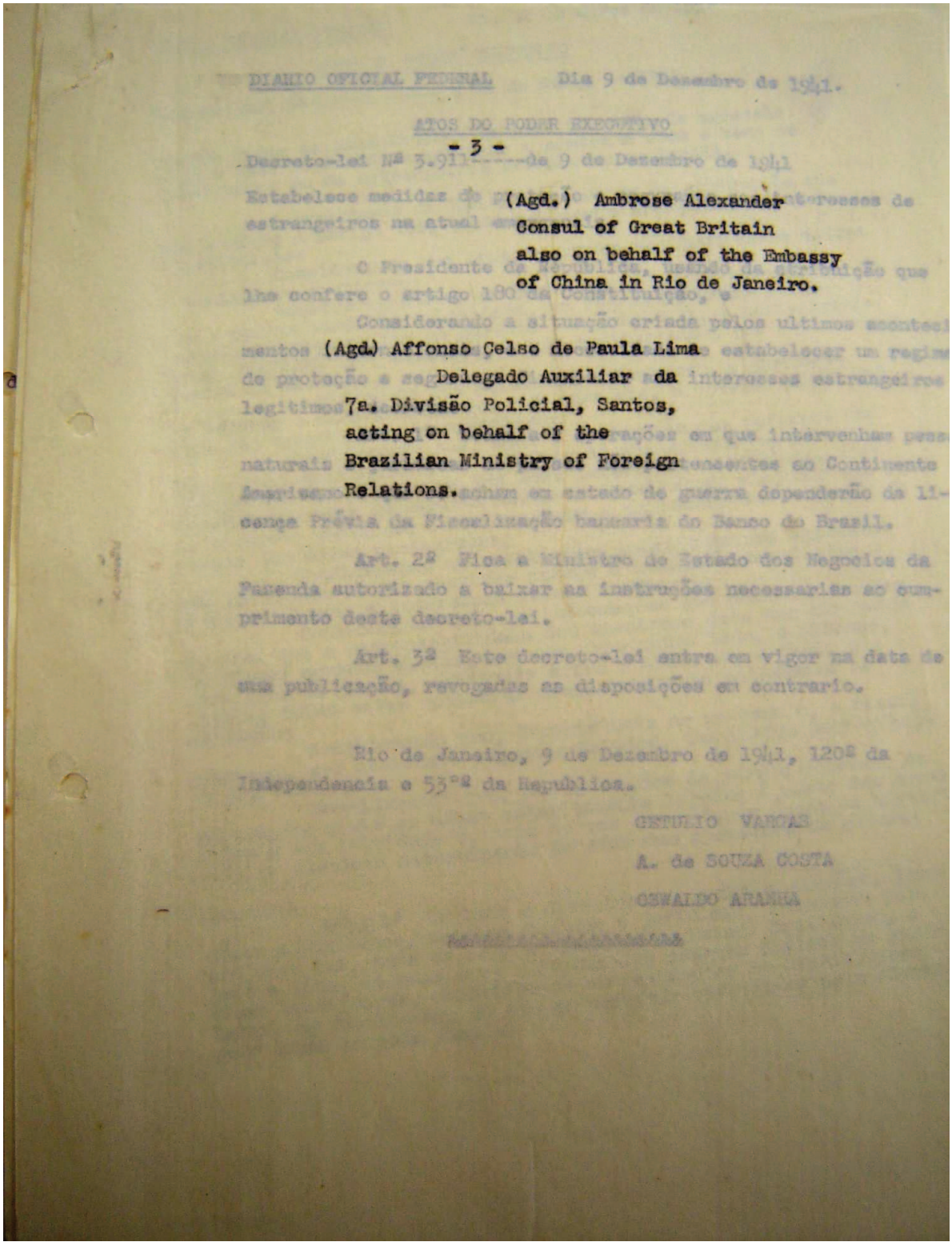
Consulate of Sweden: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 and
Hotel Ushio: 11, 12, 13, 14, 15, 16, with their contents and the keys thereto.

-°-

Made in Santos on the 15th of February 1946, in seventeen identical copies, whereof four are retained by the Consulate of Sweden, three by the Consulate of the United States of America, five by the Consulate of Great Britain, two are reserved for the Embassy of China in Rio de Janeiro, and three are retained by Dr. Affonso Celso de Paula Lima, acting on behalf of the Brazilian Ministry of Foreign Relations.

(Sgd.) Helge Bobeck
Consul of Sweden

(Sgd.) Arthur G. Parsloe
Vice Consul of the United States of America, also on behalf of the Embassy of China in Rio de Janeiro.



DIARIO OFICIAL FEDERAL Dia 9 de Dezembro de 1941.

ATOS DO PODER EXECUTIVO

- 3 -

Decreto-lei Nº 3.911 ---- de 9 de Dezembro de 1941

Estabelece medidas de [illegible] interesses de estrangeiros na atual [illegible]

O Presidente da [illegible] lhe confere o artigo 180 da constituição, e

Considerando a situação criada pelos ultimos acontecimentos [illegible] estabelecer um regime de protecção e segurança [illegible] interesses estrangeiros legitimos [illegible]

naturais [illegible] concernentes ao Continente Americano [illegible] em estado de guerra dependerão da licença Prévia da Fiscalização bancaria do Banco do Brasil.

Art. 2º Fica o Ministro de Estado dos Negocios da Fazenda autorizado a baixar as instruções necessarias ao cumprimento deste decreto-lei.

Art. 3º Este decreto-lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 9 de Dezembro de 1941, 120º da Independencia e 53º da Republica.

GETULIO VARGAS

A. de SOUZA COSTA

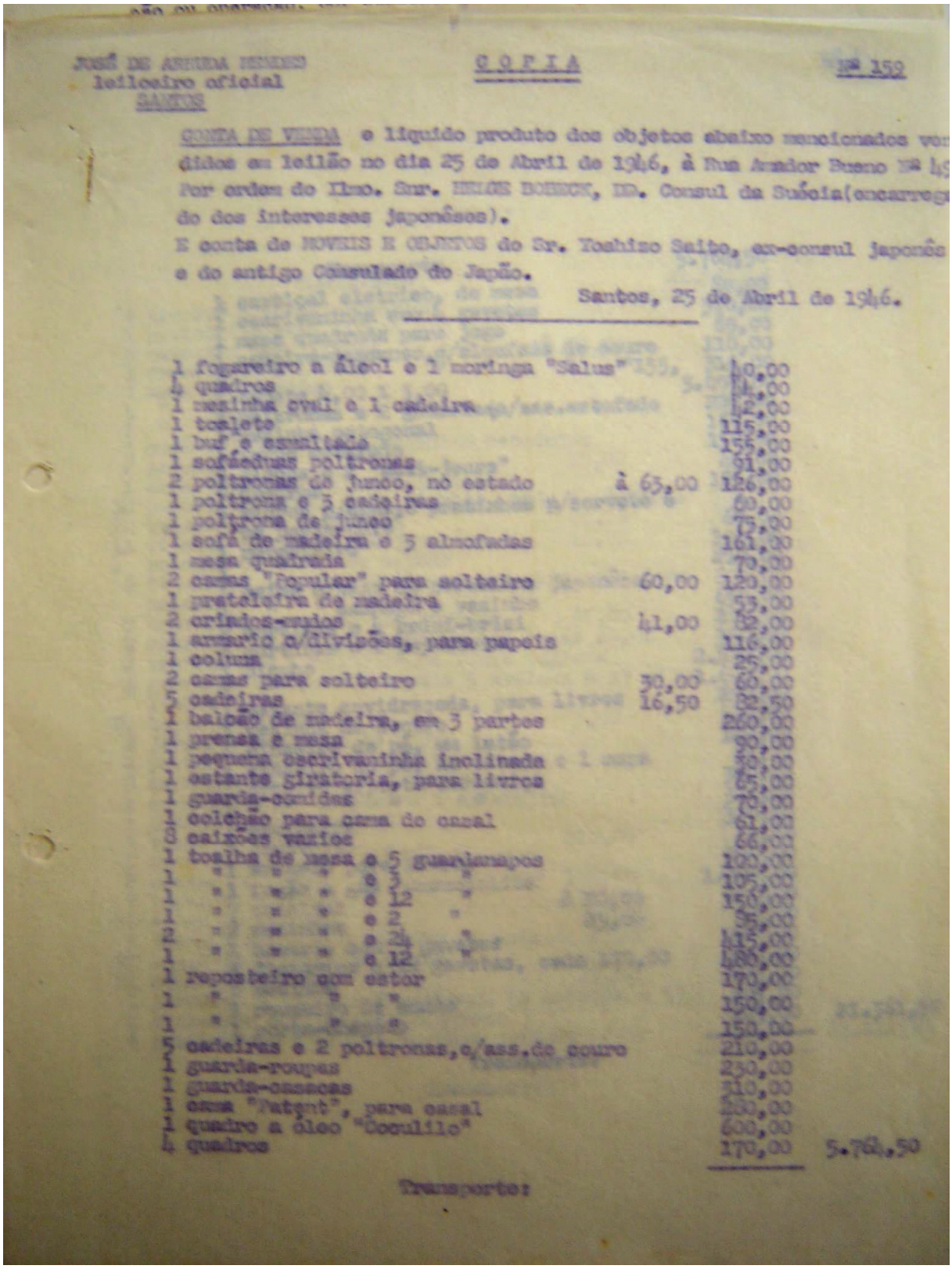
OSWALDO ARANHA

[illegible]

(Agd.) Ambrose Alexander
Consul of Great Britain
also on behalf of the Embassy
of China in Rio de Janeiro.

(Agd) Affonso Celso de Paula Lima
Delegado Auxiliar da
7a. Divisão Policial, Santos,
acting on behalf of the
Brazilian Ministry of Foreign
Relations.

Anexo 6: **Relação dos bens da Escola Japonesa de Santos leiloados em 1946**
FONTE: Acervo de Sérgio Yanaguisawa.



JOSÉ DE ARRUDA MENDES
leiloeiro oficial
SANTOS

COPIA

Nº 159

CONTA DE VENDA e liquido produto dos objetos abaixo mencionados ven
didos em leilão no dia 25 de Abril de 1946, à Rua Amador Bueno Nº 49
Por ordem do Ilmo. Snr. HELGE BOBECK, DD. Consul da Suécia(encarrega
do dos interesses japonêses).
E conta de MOVEIS E OBJETOS do Sr. Yoshizo Saito, ex-consul japonês
e do antigo Consulado do Japão.

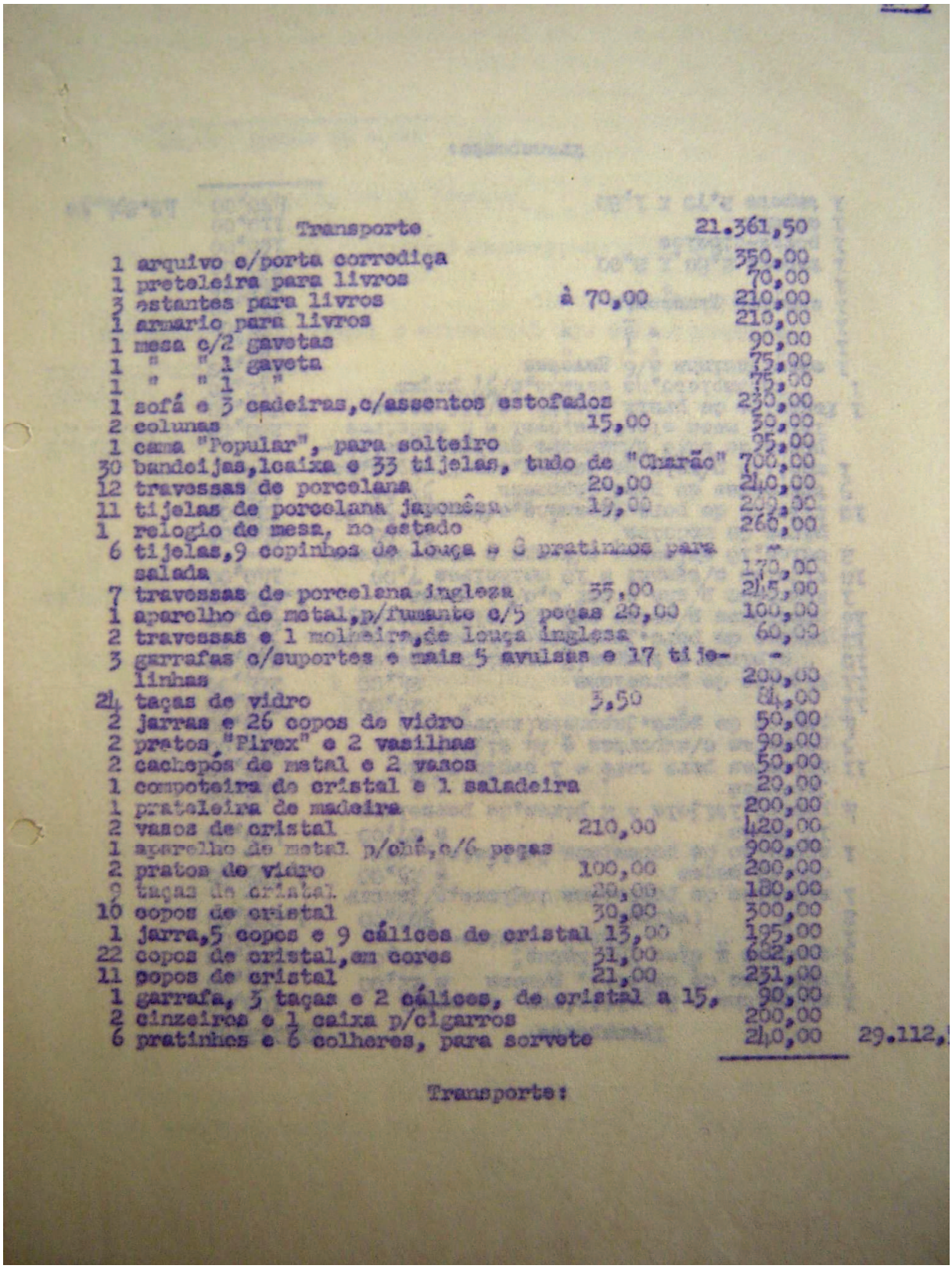
Santos, 25 de Abril de 1946.

1 fogareiro a álcol e 1 moringa "Salus"		40,00	
4 quadros		44,00	
1 mesinha oval e 1 cadeira		42,00	
1 toalete		115,00	
1 buf e esmaltado		155,00	
1 sofáeduas poltronas		91,00	
2 poltronas de junco, no estado	à 63,00	126,00	
1 poltrona e 3 cadeiras		60,00	
1 poltrona de junco		75,00	
1 sofá de madeira e 3 almofadas		161,00	
1 mesa quadrada		70,00	
2 camas "Popular" para solteiro	60,00	120,00	
1 prateleira de madeira		53,00	
2 criados-mudos	41,00	82,00	
1 armario c/divisões, para papeis		116,00	
1 coluna		25,00	
2 camas para solteiro	30,00	60,00	
5 cadeiras	16,50	82,50	
1 balcão de madeira, em 3 partes		260,00	
1 prensa e mesa		90,00	
1 pequena escrivaninha inclinada		30,00	
1 estante giratoria, para livros		65,00	
1 guarda-comidas		70,00	
1 colchão para cama de casal		61,00	
8 caixões vazios		66,00	
1 toalha de mesa e 5 guardanapos		100,00	
1 " " " e 3 "		105,00	
1 " " " e 12 "		150,00	
1 " " " e 2 "		95,00	
2 " " " e 24 "		415,00	
1 " " " e 12 "		480,00	
1 reposteiro com estor		170,00	
1 " " "		150,00	
1 " " "		150,00	
5 cadeiras e 2 poltronas, c/ass. de couro		210,00	
1 guarda-roupas		230,00	
1 guarda-casacas		310,00	
1 cama "Patent", para casal		280,00	
1 quadro a óleo "Coculilo"		600,00	
4 quadros		170,00	5.764,50

Transporte:

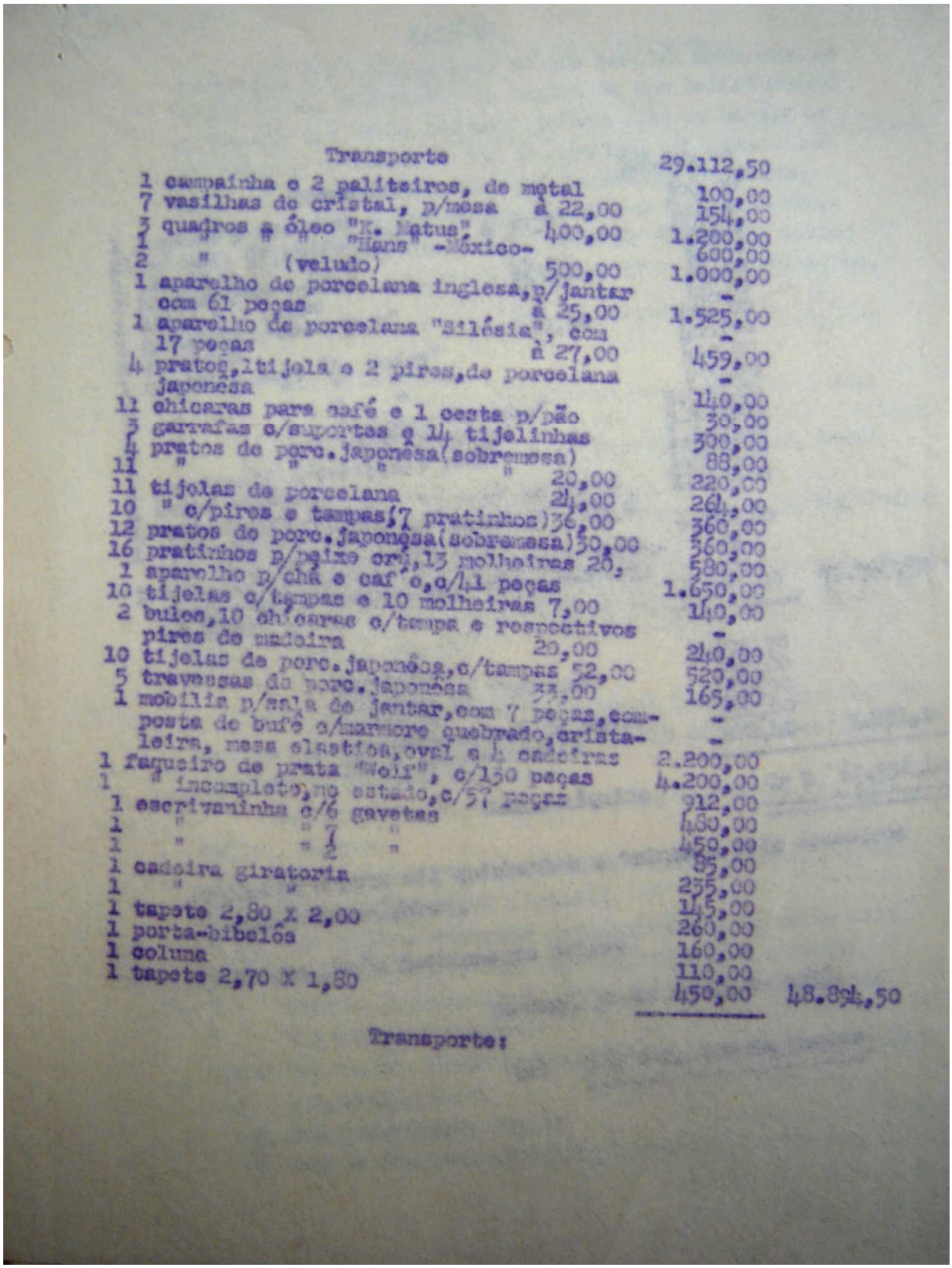
nº 2

	Transporte	5.764,50	
1	castiçal electrico, de mesa	80,00	
1	escrivaninha com 4 gavetas	370,00	
1	mesa quadrada para jogo	65,00	
1	cadeira-descanso, c/almofada de couro	110,00	
2	" " " " " "155,	310,00	
1	tapete 4,00 X 3,00	3.000,00	
2	poltronas e 2 gondolas c/ass. estofado	200,00	
1	mezinha octogonal	160,00	
1	terno estofado	150,00	
3	globos e 2 "abat-jours"	45,00	
6	quadros	120,00	
5	vidros p/agua, 8 pratinhos p/sorvete e um porta-gelo	67,00	
1	reposteiro	100,00	
1	"	210,00	
1	caixa c/vaso de porcelana japonêta	800,00	
1	" " cachepô e vazinho	650,00	
2	cortinas e 4 brisi-brisi	200,00	
2	cortinas e 1 reposteiro	350,00	
1	biombo	2.400,00	
1	"	1.600,00	
1	estante envidraçada, para livros	290,00	
1	mezinha de centro	100,00	
1	cinzeiro de pé, em latão	140,00	
1	cinzeiro de pé, no estado e 1 mapa	85,00	
1	arquivo c/porta corrediça	320,00	
1	" " " "	270,00	
1	camiseira	300,00	
1	tapavento	60,00	
1	armario para livros	350,00	
1	fogão a gas "Cosmopolita"	1.370,00	
7	cadeiras à 20,00	140,00	
2	mezinhas 25,00	50,00	
1	armario com 7 gavetas	260,00	
2	ficharios c/12 gavetas, cada 170,00	340,00	
1	mezinha	105,00	
1	roupeiro de canto	205,00	
1	porta-chapéus	125,00	21.361,50
	Transporte:		



	Transporte		21.361,50	
1	arquivo c/porta corrediça		350,00	
1	preteleira para livros		70,00	
3	estantes para livros	à 70,00	210,00	
1	armario para livros		210,00	
1	mesa c/2 gavetas		90,00	
1	" " 1 gaveta		75,00	
1	" " 1 "		75,00	
1	sofá e 3 cadeiras,c/assentos estofados		230,00	
2	colunas	15,00	30,00	
1	cama "Popular", para solteiro		95,00	
30	bandeijas,1caixa e 33 tijelas, tudo de "Charão"		700,00	
12	travessas de porcelana	20,00	240,00	
11	tijelas de porcelana japonêsa	19,00	209,00	
1	relogio de mesa, no estado		260,00	
6	tijelas,9 copinhos de louça e 8 pratinhos para salada		170,00	
7	travessas de porcelana inglesa	35,00	245,00	
1	aparelho de metal,p/fumante c/5 peças	20,00	100,00	
2	travessas e 1 molheira,de louça inglesa		60,00	
3	garrafas c/suportes e mais 5 avulsas e 17 tijelinhas		200,00	
24	taças de vidro	3,50	84,00	
2	jarras e 26 copos de vidro		50,00	
2	pratos "Pirex" e 2 vasilhas		90,00	
2	cachepôs de metal e 2 vasos		50,00	
1	compoteira de cristal e 1 saladeira		20,00	
1	prateleira de madeira		200,00	
2	vasos de cristal	210,00	420,00	
1	aparelho de metal p/chá,c/6 peças		900,00	
2	pratos de vidro	100,00	200,00	
9	taças de cristal	20,00	180,00	
10	copos de cristal	30,00	300,00	
1	jarra,5 copos e 9 cálices de cristal	13,00	195,00	
22	copos de cristal,em cores	31,00	682,00	
11	copos de cristal	21,00	231,00	
1	garrafa, 3 taças e 2 cálices, de cristal a	15,	90,00	
2	cinzeiros e 1 caixa p/cigarros		200,00	
6	pratinhos e 6 colheres, para sorvete		240,00	29.112,[illegible]

Transporte:



	Transporte		29.112,50
1	campainha e 2 palitoiros, de metal		100,00
7	vasilhas de cristal, p/mesa	à 22,00	154,00
3	quadros a óleo "K. Matus"	400,00	1.200,00
1	" " "Hans" -México-		600,00
2	" (veludo)	500,00	1.000,00
1	aparelho de porcelana inglesa, p/jantar com 61 peças	à 25,00	1.525,00
1	aparelho de porcelana "Silésia", com 17 peças	à 27,00	459,00
4	pratos, 1 tijela e 2 pires, de porcelana japonêsa		140,00
12	chicaras para café e 1 cesta p/pão		30,00
3	garrafas c/suportes e 14 tijelinhas		300,00
4	pratos de porc. japonêsa (sobremesa)		88,00
11	" " " "	20,00	220,00
11	tijelas de porcelana	24,00	264,00
10	" c/pires e tampas (7 pratinhos)	36,00	360,00
12	pratos de porc. japonêsa (sobremesa)	30,00	360,00
16	pratinhos p/peixe cr$, 13 molheiras 20,		560,00
1	aparelho p/chá e café, c/41 peças		580,00
10	tijelas c/tampas e 10 molheiras 7,00		1.650,00
2	bules, 10 chicaras c/tampa e respectivos pires de madeira	20,00	140,00
10	tijelas de porc. japonêsa, c/tampas	52,00	240,00
5	travessas de porc. japonêsa	33,00	520,00
1	mobília p/sala de jantar, com 7 peças, composta de bufê c/marmore quebrado, cristaleira, mesa elastica, oval e 4 cadeiras		165,00
1	faqueiro de prata "Wolf", c/150 peças		2.200,00
1	" incompleto, no estado, c/57 peças		4.200,00
1	escrivaninha c/6 gavetas		912,00
1	" " 7 "		480,00
1	" " 2 "		450,00
1	cadeira giratoria		85,00
1	" "		255,00
1	tapete 2,80 X 2,00		145,00
1	porta-bibelôs		260,00
1	coluna		160,00
1	tapete 2,70 X 1,80		110,00
			450,00
			48.834,50
	Transporte:		

Transporte		48.894,50	
1 jogo de 3 mesinhas		300,00	
21,40 mts. de passadeira	a 35,00	749,00	
1 tapete 2,70 X 1,80		510,00	
2 bacias(quebra-luz)	45,00	90,00	
1 bacia e 1 globo	32,00	64,00	
1 globo com "abat-jour"		45,00	
2 cortinas	100,00	200,00	
1 quadro a óleo "A. Godoy"		400,00	
1 " " " " "		450,00	
1 " " " " "		600,00	
1 " " " "Palmagy Forcuog"		3.000,00	
1 " " " "Movi-Negligy"		3.500,00	
1 dormitorio p/casal,c/9 peças		6.200,00	
1 terno estofado		1.500,00	
1 enceradeira eletrica "E.Lux", Nº 03798		1.615,00	
1 refrigerador eletrico"Universal", de 6 pés cubicos,mod.D.6,nº 52858		5.150,00	
1 aparelho de radio"Ultramar",de 11 vauvulas(curtas e longas)-gabinete-,mod.1011 nº 1120		3.500,00	76.767,50
Comissão		7.676,70	
Anuncios na "Tribuna"		612,00	
Carretos		450,00	
Conserto do ap² de radio		220,00	
Selos proporcionais		272,40	9.231,10
Saldo líquido		Cr $	67.536,40

(Sessenta e sete mil quinhentos e trinta e seis cruzeiros e quarenta centavos).

(A 1ª Via está devidamente delada)

Santos, 30 de Abril de 1946.

(a) José de Arruda Mendes.

Anexo 7: **Processo n° 10522 onde consta solicitação feita pelo secretário Ukichi Morigushi para obtenção de licença para pintura do prédio.**
FONTE: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Exmo. Snr. Dr. Prefeito Municipal de Santos.

10522

Á Sociedade Japoneza de Santos, por seu secretario abaixo assinado, onde se acha instalada a sua sede, á rua Paraná nº 129, nesta cidade, desejando fazer pintura interna e externa, por este meio requerer a V. Excia. se digne de fornecer uma licença necessaria, de acordo com as exigencias do lei.

Nestes termos.

P. Deferimento.

Santos, 17 de junho de 1940

Ukichi Morigushi
secretario

TABELLÃO LAFAYETTE
Reconheço a firma
Santos, 17 de junho de 1940
Em testemunho da verdade
OFICIAL MAIOR

Sociedade Japoneza de Santos
Caixa Postal
N. 719

Anexo 8: **Processo n° 13158 onde consta solicitação feita pelo secretário Ukichi Morigushi para obtenção de chanframento de meios fios.**
FONTE: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Exmo. Snr. Prefeito Municipal de Santos.

13158

A Sociedade Japoneza de Santos, por seu secretario abaixo assinado, onde se acha instalada a sua sede á rua Paraná nº 129, nesta cidade, desejando cortar o meio fio para fazer entrada de automoveis, bem como para o fundos é rua Antonio Bento passado º nº 112, vem por este meio requerer á V. Excia, se digne de fornecer uma liçença necessaria, de acordo com as exigencias da lei.

Nestes termos

Pede deferimento.

Santos, 31 de Julho de 1940

Ukichi Moriguchi

TABELIÃO LAFAYETTE

Anexo 9: **Processo n° 16871 onde consta solicitação feita pelo secretário Ukichi Morigushi para relevação de multa.**
FONTE: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

EXMO.SR;PREFEITO MUNICIPAL DE SANTOS.

16871

Dis o baixo assinado que tendo já pago os emolumentos, a que se refere o processo nº 13158/1940,por ter iniciado obras no passeio sem retirar a licença,o requerente como representante da Sociedade,esteve fóra de Santos,razão porque esto aconteceu,e sendo certo os motivos apresentados,solicita de V.Excia,o cancelamento da multa imposta por estrema equidade,pois como dis já pagou os emolumentos de lei.

Nestes termos

Espera deferimento

Santos,2 de Outubro de 1940

Ukichi Morigeuchi

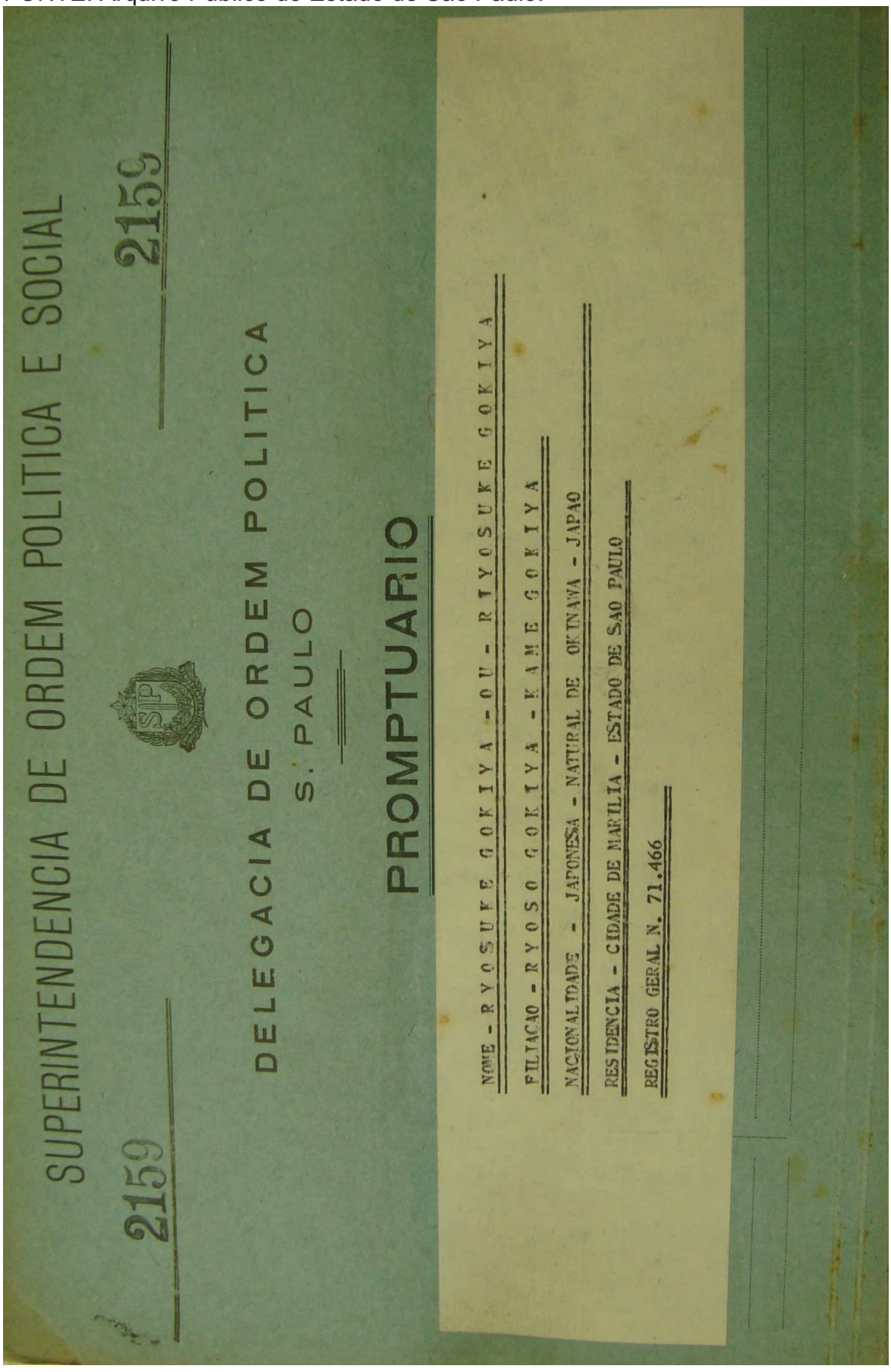
TABELIÃO LAFAYETE

Reconheço a firma

Santos, de

SUBSCREVENTE AUTORIZADO

Anexo 10: **Prontuário n°2159 do arquivo do DOPS.**
FONTE: Arquivo Público do Estado de São Paulo.



Exmo. Sr. Dr. Delegado da Delegacia de Orden Politica e Social.

#250

DEPARTAMENTO DE ORDEM POLITICA E SOCIAL
PROTOCOLO GERAL
24 MAR 1954
N.º DE GUICHET
6582

2931

Ryosuke Gakiya, de nacionalidade Japonesa, natural de Okinawa, Japaõ, filho de Ryoso Gakiya e de Da, Kame Gakiya, nascido aos I4 de Fevereiro de I909, casado, profissaõ, comerciario, atualmente desempregado, portador da Carteira Mod I9, Registro Geral Nº7I466 e Registro Nº78844, expedida pela Delegacia de Santos, Vem mui respeitosamente solicitar de V. Excia. se digna mandar expedir UMA ATESTADO DE ANTECEDENTE de Orden Politica e Social, para fins de viagem. Declara, outrossim, que a sua residência é Rua Nioac nº 82, Capital.

Nestes Termos

P. Deferimento

São Paulo, 23 de Março de 1954

Ryosuke Gakiya

17.º Tabellão - ARMANDO SALES
R. Filipe de Oliveira, 92-Fone 37-1191 (Rede Interna) São Paulo
Reconheço a firma
S. Paulo, 24 de 3 de 1954
Em test.º da verdade
CARLOS D. OLIVEIRA — Escrevente

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

Delegacia de Ordem Política e Social

SÃO PAULO

DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL — DELEGACIA ADJUNTA — SÃO PAULO — 2

Snr.Dr.Delegado Chefe do Setor Político.

Ukichi Moriguchi, Ryosuke Gakiya e Rituji Kayosima, súditos japonêses, requereram a esta Delegacia a devolução dos seus aparelhos de radio que lhes foram apreendidos e que se acham depositados na Delegacia Regional de Santos.

Com os ofícios nºs 18.124 e 18243, esta Delegacia autorizou a devolução dos radios reclamados aos seus proprietários uma vez que dos seus requerimentos consta estarem os mesmos residindo na cidade de Santos.

Com o ofício 3.781, de 6 do corrente, o Snr.Dr. Delegado Auxiliar-Regional de Santos nos solicita notificar os interessados acima referidos para nomearem procurador a-fim-de receber naquela Delegacia os seus aparelhos de radios, pois os mesmos já não residem mais naquela cidade.

Ignorando esta Adjunta quais as suas residências, mandou juntar os requerimentos feitos por êles e opina sejam êstes encaminhados à Delegacia Especializada de Estrangeiros, para que se digne informar quais as residências dos japonêses em aprêço.

S.Paulo, em 18.12.1944

O DELEGADO ADJUNTO,

Fui- F. Amaral

-FRANCISCO FRANCO DO AMARAL -

Luiz Tavares da Cunha

-LUIZ TAVARES DA CUNHA -

Recebido no dia 22/12/44

Ao Fichario Geral de Estrangeiros,

São Paulo 22 de 12 de 1944

Devidamente

Delegado Especializado de Estrangeiros

P. 21591

F 52

22 DEZ 1944

INFORMAÇÃO Nº 1.162/44
IB/

Ilmo. Sr. Dr.
Delegado Especializado de Estrangeiros.

Em atenção ao despacho supra, informo a V.S. que em nossos indices consta que: KYOSUKE GAKIYA, reside em Santos; RITUJI KAYOSIMA, reside no Bairro do Cocuéra- Municipio de Mogí das Cruzes, neste Estado.

Com referencia á UKICHI MORIGUCHI, nada consta.

São Paulo, 26/12/1944.
O Encarregado do Fichario Geral.

- Carlos Bueno de Aguiar -

"OP" 18243 16 novembro 44

Senhor Delegado.

Comunico-vos, para os devidos fins, que fica essa Delegacia autorizada a fazer a devolução do radio pertencente a UKICHI MORIGUCHI, que aí se acha depositado, devendo serem lacradas as ondas curtas do mesmo.

V.S. nos fará remeter, oportunamente, uma via do recibo que o interessado passará nessa Delegacia.

Atenciosas saudações

O DELEGADO CHEFE DO SETOR POLÍTICO,

ag. - LUIZ TAVARES DA CUNHA -

Ao Ilmo. Snr. Dr. Delegado Auxiliar-Regional de Santos.

17. 1944 NOV

P. 2159
F. 39

Sr. Dr. Auxiliar.-

Por várias vêses tenho me manifestado sobre pedido de devolução de rádios de japonesés, opinando sempre pelo indeferimento.

Isso, porque, como tenho ponderado, somente possuem ditos aparelhos os Conselheiros da colônia e não convem á Segurança Nacional que esses amarelos, residindo no Litoral, estejam de posse de tais engenhos, que os poem em contáto a cada instante com a pátria de origem.-

Saudações

O Delegado de Polícia,

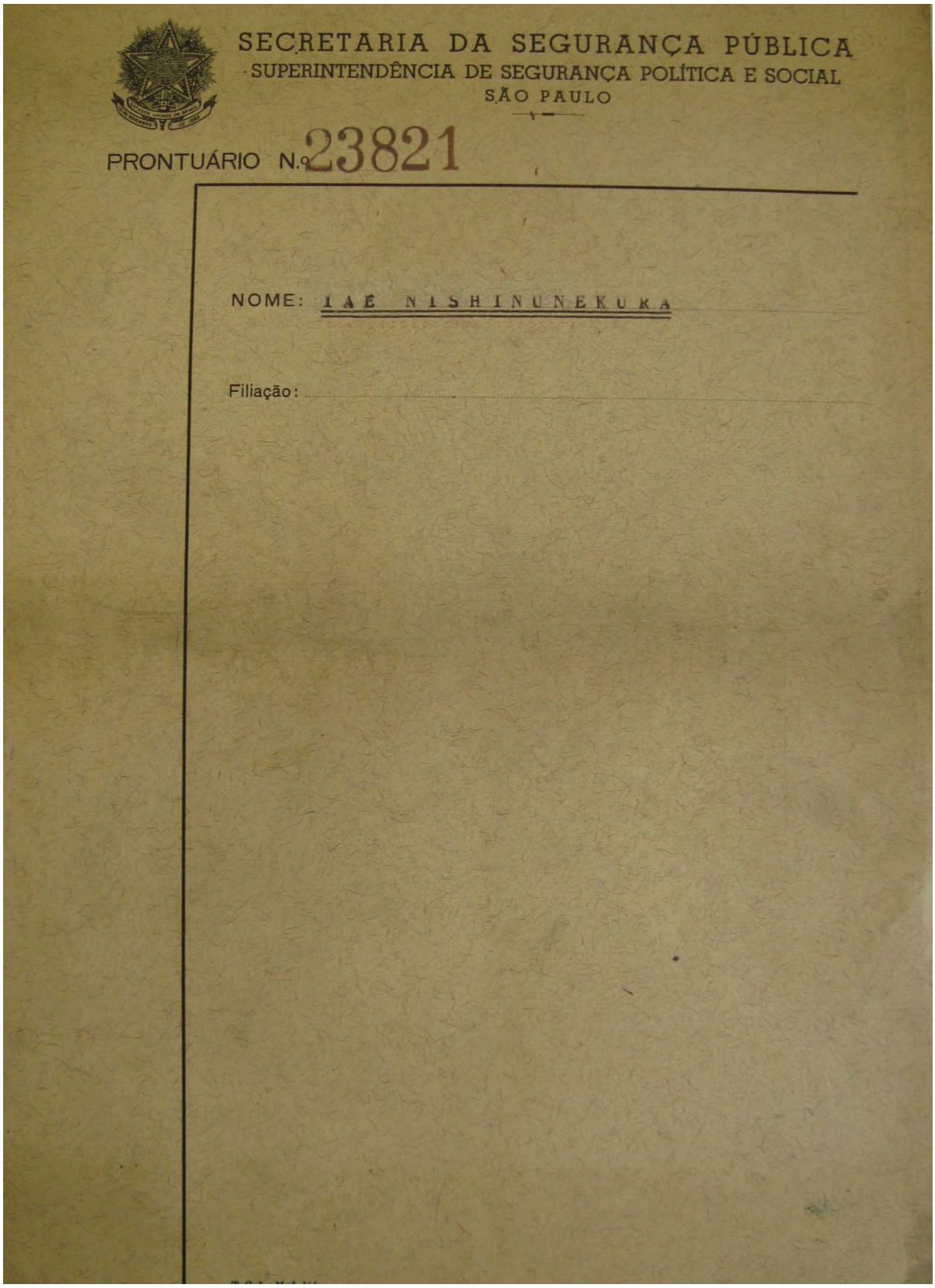
Luiz Tavares da Cunha

Luiz Tavares da Cunha.-

Encaminhe-se
ao Sr. Major Superintendente

DELEGACIA ESP. DE ORDEM
POLITICA E SOCIAL
13-4-43
Entrada
M. Proc. ficha 3560
Letra K
Destino a G e S S, Cel Heporto

Anexo 11: **Prontuário 23821 do arquivo do DOPS.**
FONTE: Arquivo Público do Estado de São Paulo.



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
SUPERINTENDÊNCIA DE SEGURANÇA POLÍTICA E SOCIAL
SÃO PAULO

PRONTUÁRIO N.º 23821

NOME: IAE NISHINUNEKUKA

Filiação:

POLICIA DO ESTADO DE SÃO PAULO
DELEGACIA AUXILIAR - 7.ª DIVISÃO POLICIAL
DE SANTOS

N. 02578
R.

Em 29 de Setembro de 1943.
Chefe do Serviço de Salvo Condutos
DELEGADO AUXILIAR

Em 28 de Setembro de 1943.

De acôrdo. Ao Serviço de Salvo-Condutos para os devidos fins.
S.P. 29.9.1943
-AUGUSTO GONZAGA-

Sr. Delegado:

Tenho a honra de solicitar a gentilêsa das providências de V.S. no sentido de ser autorisado o regresso a esta cidade da japoneza IAÉ NISHINUNEKURA, que encontra-se nessa Capital em virtude de determinação superior. Essa moça é orfã de pai e mãi, tendo sido criada pela familia do sr.Antonio Fernandes, de nacionalidade portugueza, desde a idade de nove ânos.

O referido negociante assumiu, perante esta Auxiliar, inteira responsabilidade pela permanencia daquela japôneza nesta cidade.

Agradecendo antecipadamente, sirvo-me do ensejo para reiterar a V.S. os meus protestos de elevado apreço e mui distinta consideração.

O Delegado Auxiliar,

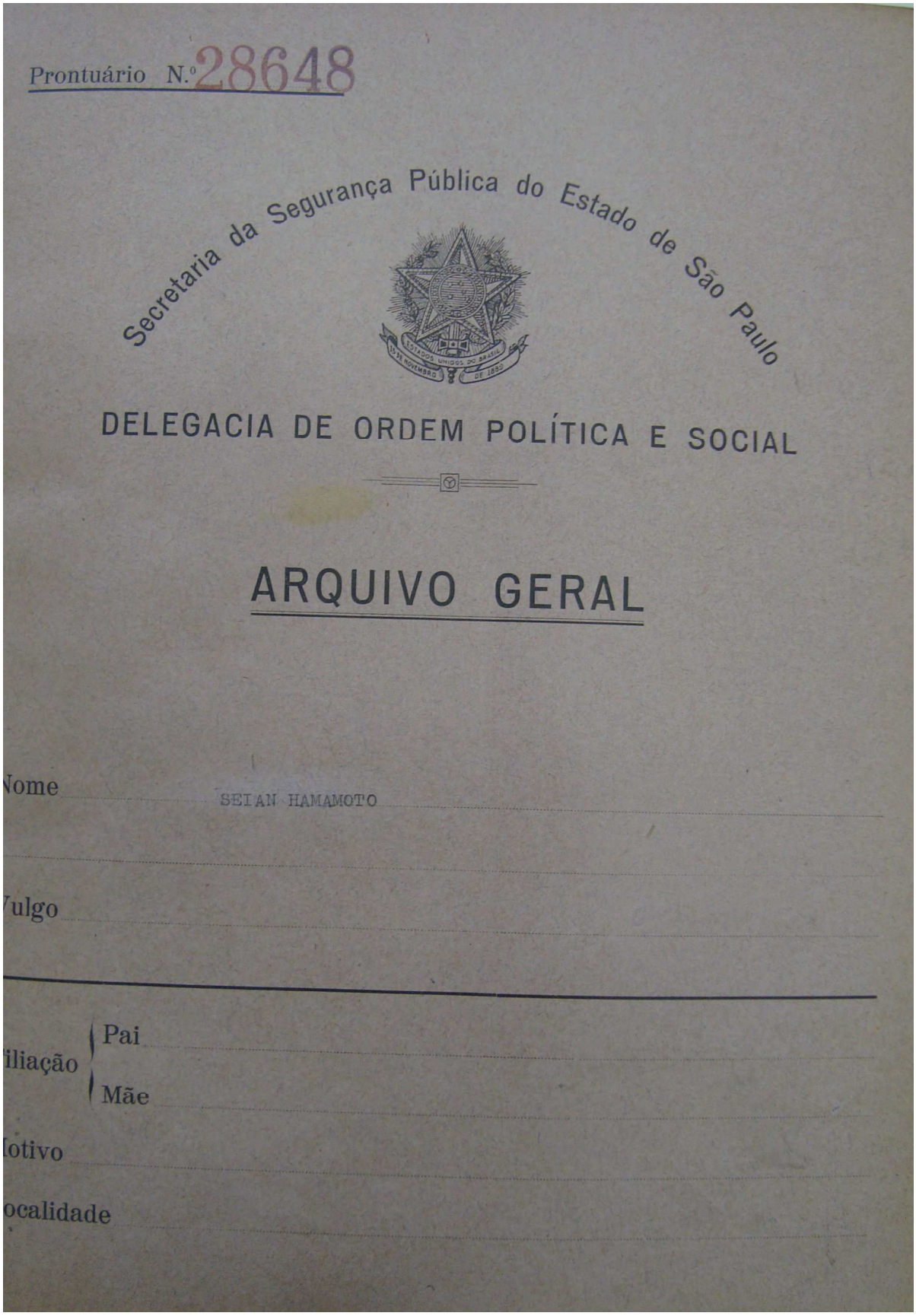
(Affonso Celso)

Atenciosa
S. Paulo, 29-9-43

ARQUIVO GERAL
Prontuario aberto por:
S. Paulo, 25 8 1944

Á SS. o Sr. Dr. Augusto Gonzaga
DD. Delegado Especialisado de Ordem Politica e Social.
SÃO PAULO

Anexo 12: **Prontuário n°28648 do arquivo do DOPS.**
FONTE: Arquivo Público do Estdao de São Paulo.



Prontuário N.º 28648

Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo

DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

ARQUIVO GERAL

Nome SEIAN HAMAMOTO

Vulgo

Filiação { Pai / Mãe

Motivo

Localidade

Illmo. Snr. dr. Delegado da Ordem Politica e Social de São Paulo.

DEL. DE ORD. POL. E SOCIAL
PROTOCOLO GERAL
3 AGO 1945
Guichet Nº 12498

Sim, à vista dos informações.
S. Paulo 17-VIII-945
O Del. Aux. Chefe do D.O.P.S.
[illegible]

DEP. DE ORD. POL. E SOCIAL
ARQUIVO GERAL
23 OUT. 1945
Prot. Nº

Arquive-se em prosteriorão 11/10/945

16 AGOS 1945

SEIAN HAMAMOTO, abaixo assinado, brasileiro naturalisado, de profissão pescador matriculado na Capitania dos Portos de Santos, filho de Casaemon Hamamoto e dna. Mina Hamamoto, residente em São Paulo a rua Conde de Sarzedas nº . 108, vem por meio deste muito respeitosamente solicitar-vos o seguinte.

O requerente que conta 65 anos de edade, residia em Santos a Avenida Rei Alberto nº 241 em companhia de sua esposa de nome Missako Hamamoto e mais 8 filhos, brasileiros, vivendo do produto da pesca, isto a mais de 30 anos, sempre em Santos.

Acontece que por determinação das respeitaveis ordens das autoridades, teve que retirar-se de Santos, estando provisoriamente residindo em São Paulo, onde vive passando privações, pois o pouco recurso que possuia gastou em custeios de sua vida na Capital, achando-se atualmente quasi na miséria.

Pelos motivos acima, é que o peticionario implóra da digna autoridade que preside os destinos da Ordem Politica e Social o seu regresso para Santos, amparando deste modo um vélho , bem como seus filhos todos brasileiros.

O peticionario possue carteira de identidade tirada em São Paulo, registro geral nº 888589 e junta a este a publica forma de seu titulo de naturalisação.

Nestes termos.

P. Deferimento.

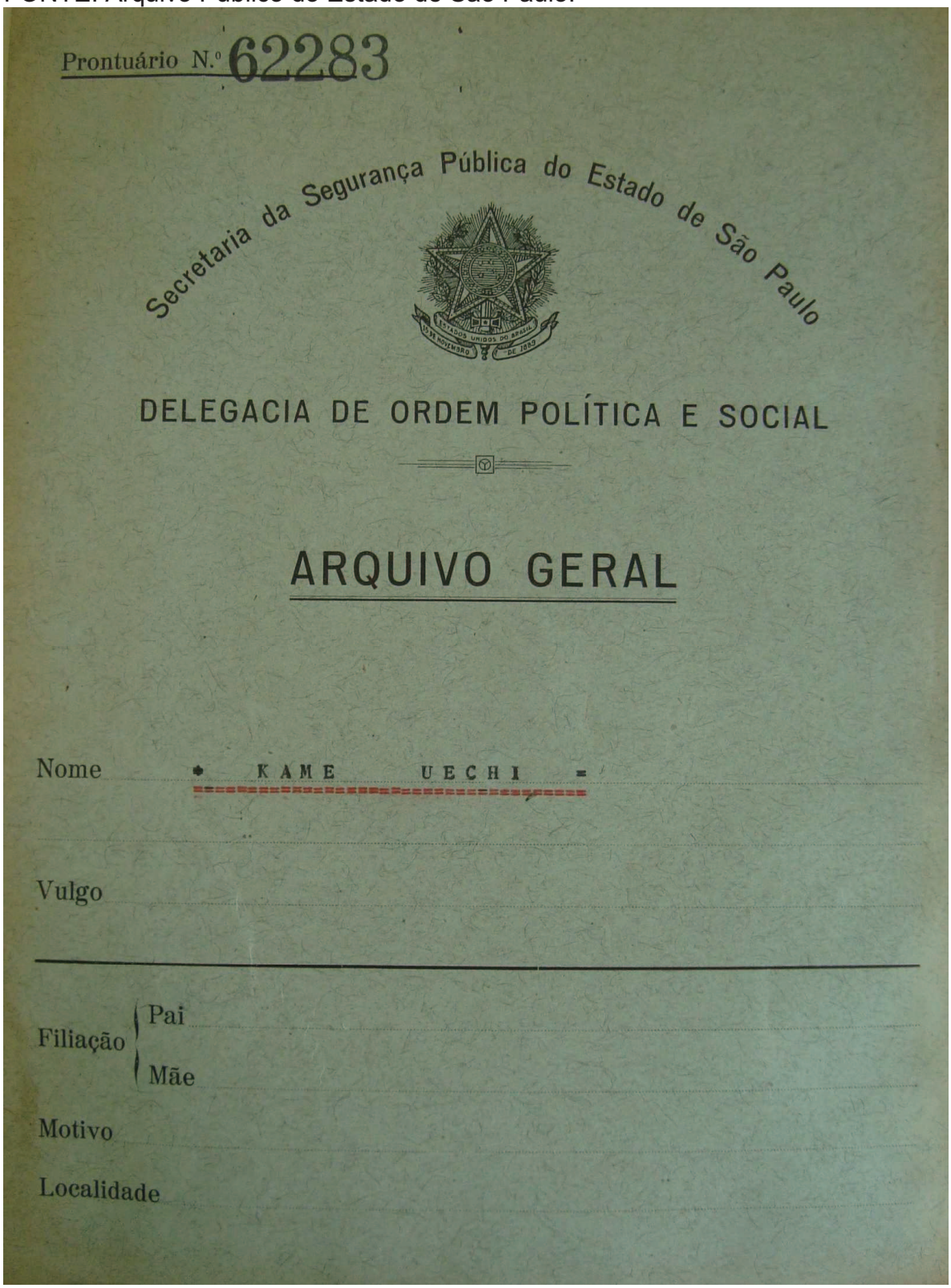
São Paulo, 3 de agosto de 1945

x Seian Hamamoto

Pl. 28.648

BRASIL
CRUZEIROS
CARTORIO D
Reconheço

Anexo 13: **Prontuário n°62283 do arquivo do DOPS.**
FONTE: Arquivo Público do Estado de São Paulo.



Prontuário N.º 62283

Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo

DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

ARQUIVO GERAL

Nome * KAME UECHI =

Vulgo

Filiação { Pai
Mãe

Motivo

Localidade

T. G. I. - Mod. 10-R (14)

Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública

Delegacia de Ordem Política e Social

N.º 25 - 12327

Santos, 3 de Dezembro de 1945

17089

Senhor Delegado Auxiliar,

Para a consideração que merecer, com êste, cumpre-me encaminhar a V.S. o requerimento aqui protoçolado sob nº 9394, em que é interessado o súdito Japones KAME UECHI, que solicita autorização para transferir sua residencia para ésta cidade de Santos, onde tem emprego assegurado na Cia. Docas.

Sirvo-me do ensejo, para reiterar a V.S. os protestos de alta estima e distinto apreço.

CARLOS FURTADO DE MENDONÇA
4.o Delegado de Policia

A S.S. O Senhor Doutor Venancio Ayres
DD. Delegado Auxiliar da 5a. Divisão Policial
Departamento de Ordem Política e Social
S ã o P a u l o.

Exmo.Sr.Dr.Delegado Auxiliar Chefe do Departamento de Ordem Politica e Social

São Paulo

A Secção de Registro de Estrangeiros, para encaminhar a consideração do Sr. Delegado Especializado de Estrangeiros

Santos, 17/12/1945

Delegado Chefe do S.R.E.

KAME UECHI, infra assinádo, de nacionalidade japoneza, casado, portador de cart. Modelo 19, nº 17.932, extraída em Santos, atualmente residindo no Bairro das Perdizes, Estação de Regente Feijó, vem pelo presente, mui respeitosamente requerer a V.Exia. se digne autorizar, possa residir na cidade de Santos, onde tem emprego garantido na Companhia Dócas de Santos, conforme declaração da referida empreza junto a este.

Certo de que V.Exia. não deixará de atendel-o neste seu pedido, desde já agradece penhoradamente.

Nestes termos

P.Deferimento

PROTOCOLO GERAL

OB. Nº 9394

1 DE 12 DE 1945

C.S.

PROTOCOLISTA

Santos, 1 de Dezembro de 1945

Kame Uechi

SECRETARIA DA FAZENDA ESTADO DE SÃO PAULO

CRUZEIROS 1 12 45

Reconheço verdadeira a firma

Secção

e dou fé.

Santos, 1 DEZ 1945

Em test.º da verdade,

Dr. Marcello R. Mendonça

5º Ofício

1 DEZ 45

SANTOS

OFICIAL MAIOR

BRASIL

Cr$ 0.40

25-22327

Santos,
xxxxxx 3 Dezembro 45

Senhor Delegado Auxiliar,

Para a consideração que merecer, com êste, cumpre-me encaminhar a V.S. o requerimento aqui protocolado sob nº 9394, em que é interessado o súdito japonês KAME UECHI, que solicita autorização para transferir sua residência para ésta cidade de Santos, onde tem emprego assegurado na Cia. Docas.

Sirvo-me do ensejo, para reiterar a V.S. os protestos de alta estima e distinto apreço.

A S.S. O Senhor Doutor Venancio Ayres
DD. Delegado Auxiliar da 5a. Divisão Policial
Departamento de Ordem Política e Social
S ã o P a u l o.

B-UG 72

COMPANHIA
DOCAS DE SANTOS
INSPETORIA GERAL
SANTOS

D E C L A R A Ç Ã O

DECLARAMOS, para os devídos fins, que são necessários a esta Companhia os serviços do Sr. KAME UECHI, trabalhador de carga e descarga da turma número V da Divisão do Tráfego, de nacionalidade japonesa, atualmente afastado de suas funções, em virtude de determinações emanadas da Delegacia Auxiliar de Polícia de Santos, em meiados de 1.942.

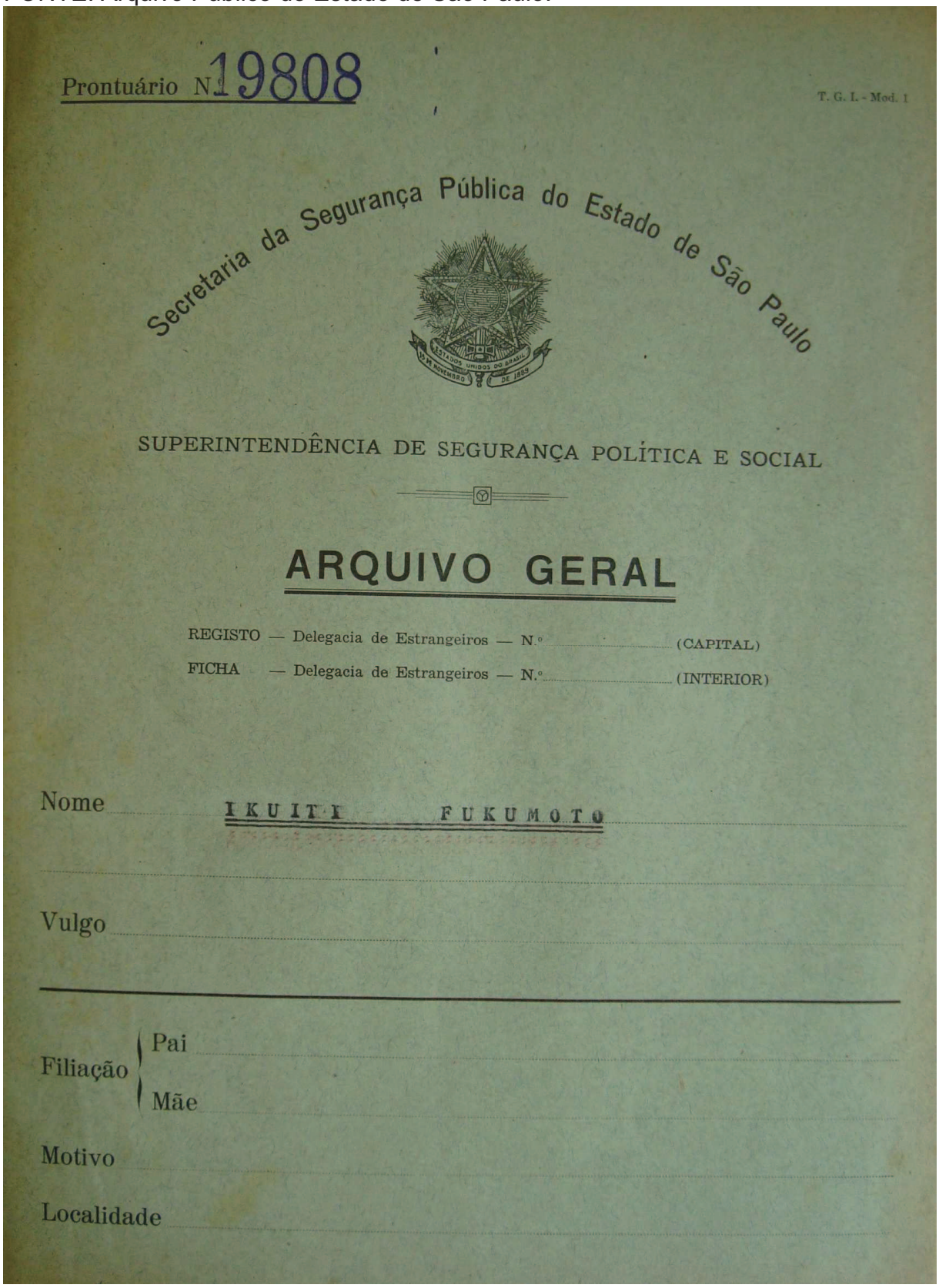
Santos, 30 de novembro de 1945.-

Pela Companhia Docas de Santos

(Antônio Freire)
p. INSPETOR-GERAL

ARC/RM.-

Anexo 14: **Prontuário n°19808 do arquivo do DOPS**
FONTE: Arquivo Público do Estado de São Paulo.



Prontuário N. 19808

T. G. L. - Mod. 1

Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo

SUPERINTENDÊNCIA DE SEGURANÇA POLÍTICA E SOCIAL

ARQUIVO GERAL

REGISTO — Delegacia de Estrangeiros — N.º ..... (CAPITAL)

FICHA — Delegacia de Estrangeiros — N.º ..... (INTERIOR)

Nome IKUITI FUKUMOTO

Vulgo

Filiação { Pai
Mãe

Motivo

Localidade

EXMO. Sr. Dr. DELEGADO AUXILIAR DA 5ª. DIVISÃO POLICIAL

DEL. DE ORD. POL. E SOCIAL
PROTOCOLO GERAL
10 OUT 1945
Guichet Nº 14702

Defiro à vista das informações.
S. Paulo 17-10-945
O Del. Aux. da 5ª Divisão

IKUITI FUKUMOTO, de nacionalidade Japoneza, natural de Hiroshima, onde nasceu em 5 de fevereiro de 1903, filho de TOMOTARO FUKUMOTO e SAKINO FUKUMOTO, tintureiro, residente em S. Paulo à Travessa 27 de Julho nº 4, tendo contraido matrimonio na cidade de Santos, neste Estado, de cujo consorcio tem quatro filhos, todos brasileiros, residentes naquela cidade, e tendo conseguido colocação no seu antigo emprego à rua João Pessoa nº 174, em Santos, vem muito respeitosamente solicitar a V. Excia. se digne autorizar sua transferencia para a referida cidade de Santos da qual foi afastado em 9 de Julho de 1943, esclarecendo ainda que o requerente tem sua permanencia no pais assegurada de acôrdo com o art. 24, c.c. 150 §1º do Dec. 3.010 de 20/8/938, cujo registro foi obtido sob nº 23.338 do Registro Geral nº 134.395, tudo em Santos, em 2 de dezembro de 1940.

Nestes Termos
P. deferimento

São Paulo, 10 de Outubro de 1945

São Paulo, 10 de Outubro 1945

TABELIONATO FRANKLIN
Reconheço a firma
S. Paulo 10 de Outubro de 1945
Em testº de verdade.

T. D. I. - Mod. 38 - Santos

POLÍCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DELEGACIA AUXILIAR DE POLÍCIA

SANTOS

N.º 12361

r.

Santos, 11 de Setembro de 19 45.

Senhor Delegado Auxiliar:

Tenho a honra de passar ás mãos de V.S., para a consideração que merecer, o inclúso requerimento em que o súdito japonez IKUITI FUKUMOTO, residente nessa Capitão, solicita autorisação para transferir sua residencia para esta cidade.

Sirvo-me do ensejo para reiterar a V.S. os protestos de minha alta estima e mui distinta consideração.

Pelo Delegado Auxiliar,

(Luiz Tavares da Cunha)
Delegado de Ordem Politica

19.808
23-10-45

Á SS. o Sr. Dr. Venancio Ayres,
DD.Delegado Auxiliar, Chefe do Departamento de Ordem Politica e Social.
São Paulo

Illmo. Snr. Dr. Delegado Regional de Policia de Santos.

IKUITI FUKUMOTO, de nacionalidade Japoneza, natural de Hiroshima, nascido em 5 de Fevereiro de 1903, filho de Tomataro Fukumoto e Sakino Fukumoto, tintureiro, residente em S. Paulo á Travessa 27 de Julho nr. 4, tendo contraìdo matrimonio nésta cidade, e de cujo matrimonio tem quatro filhos brasileiros, e tendo conseguido colocar-se no seu antigo trabalho á rua João Pessôa, 174, nésta cidade, vem muito respeitosamente solicitar de Va. Sa. para que seja dada ordem para a sua transferencia para esta cidade, da qual foi afastado em 9 de Julho de 1943. O requerente tem a sua permanencia assegurada no paiz de acôrdo com o art. 24,cc,150,§ 1º do decreto 3010 de 20-8-938, cujo registro de extrangeiros foi obtido so o nr.23.338 de Registro Geral nr.134.395, tudo nésta cidade em 2 de Dezembro de 1940.

Nestes termos

P. Deferimento

Santos, 8 de Setembro de 1945.

Santos 8 de Setembro de 1945
Ikuiti Fukumoto

Reconheço verdadeira a firma
Ikuiti Fukumoto
e dou fé
Santos, 10 de Set. de 1945
Em testemunho da verdade,

DELEGACIA AUXILIAR REGIONAL
DE POLICIA - SANTOS
Entrada 12 / 5 / 1945
Prot. 1.741
Class. P. P. Letra F.

Exmo. Sr. Dr. DELEGADO AUXILIAR da 5a. DIVISÃO POLICIAL

Para juntar ao prontuario 11-10-945

Autorizo, por vinte dias. 11/10/945. [illegible]

DEP. de ORD. POL. e SOCIAL ARQUIVO GERAL 15 OUT 1945 Prot. Nº

IKUITI FUKUMOTO, de nacionalidade japoneza, natural de Hiroshima, onde nasceu a 5 de fevereiro de 1903, filho de Tomotaro Fukumoto e Sekino Fokumoto, tintureiro, residente em São Paulo, à Travessa 27 de Julho nº 4, tendo contraido matrimônio na cidade de Santos, neste Estado, de cujo consorcio tem quatro filhos, todos brasileiros e residentes naquela cidade, vem pelo presente requerer a V. Excia. se digne conceder-lhe autorização para sua ida a Santos, em carater de visita a sua familia, durante o periodo de vinte dias contados desta data.

Outrossim, esclarece o requerente que sua permanencia no país está assegurada de acôrdo com o art. 24, cc. 150 § 1º do Decreto n. 3.010, de 20 de agosto de 938, cujo registro de estrangeiro foi obtido sob nº 23.338 do Registro Geral nº 134.395, tudo em Santos em 2 de dezembro de 1940.

Nestes Termos

P. Deferimento

São Paulo, 11 de outubro de 1945

São Paulo 11 de Outubro de 1945
Ikuiti Fukumoto

p 19.808

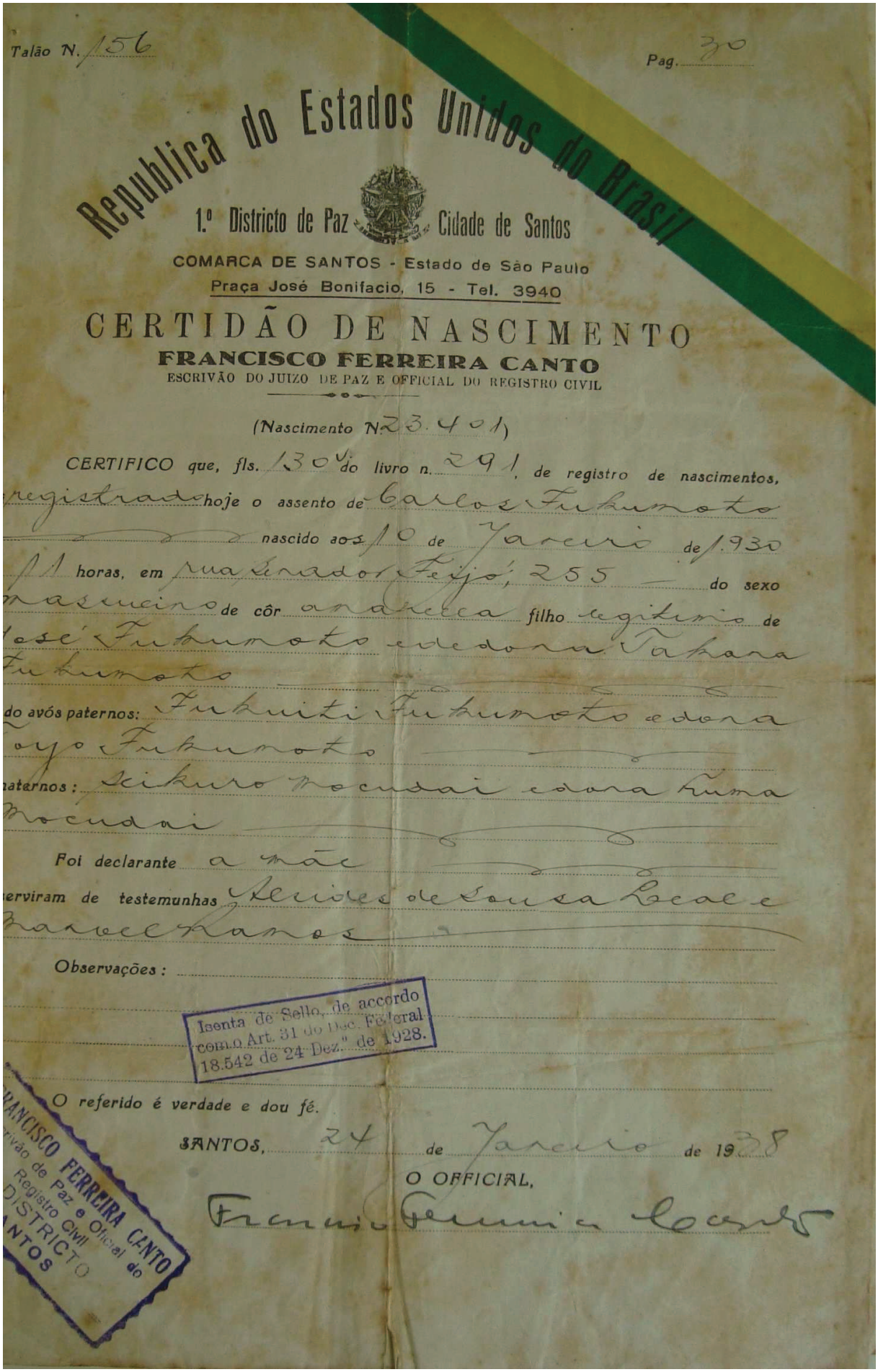
BRASIL 5 CRUZEIROS 11 10 5

TABELIONATO FRANKLIN

Exm. Dr. Delegado de Ordem Politica e Social.

IKUITI TUKUMATO, japonez, possuidor da carteira modelo 19, sob numero 23.338, casado com D. Takama Tukumato, que tambem é possuidora da carteira modelo 19, sob numero - 28.598,com 41 anos de idade, empregado no comercio, na tinturaria situada á rua Rego Freitas n. 45o, residente á rua 27 de Julho n. 177, estando lutando com sérias dificuldades para a manutenção de sua familia e tendo conseguido uma outra colocação na visinha cidade de Santos, onde Já residiu por muito tempo, na casa comercial do Sr. Ernesto Nardella, residente á rua João Pessôa n. 177,vem mui respeitosamente requerer a V. Exia a transferencia de sua residencia para aquela localidade, expondo ao mesmo tempo a V. Exia, com a documentação que se encontra anexo, o seu honrado procedimento desde que reside neste Paiz.

1º- Alega o requerente que tem 3 filhos brasileiros, sendo que o mais velho já é reservista do exercito (2ª categoria); 2º- que, ficará responsavel por sua permanencia naquela cidade o Sr,Ernesto Nardella, proprietaria da "Tinturaria Imperial"; que todos os seus filhos foram creados e educados em Santos; que, reside aqui no Brasil ha 31 anos, nunca tendo se envolvido em politica; que, requer a sua transferencia de residencia para Santos, em virtude de lá já haver residido durante 22 anos, nada constando na sua vida comercial que o desabone;que, aqui na Capital de São Paulo tem passado cruéis amarguras na sua vida, juntamente com sua fami-



Talão N. 156 Pag. 30

Republica dos Estados Unidos do Brasil

1.º Districto de Paz — Cidade de Santos

COMARCA DE SANTOS - Estado de São Paulo

Praça José Bonifacio, 15 - Tel. 3940

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

FRANCISCO FERREIRA CANTO

ESCRIVÃO DO JUIZO DE PAZ E OFFICIAL DO REGISTRO CIVIL

(Nascimento N. 23.401)

CERTIFICO que, fls. 130 do livro n. 291, de registro de nascimentos, registrado hoje o assento de Carlos Fukumoto nascido aos 10 de Janeiro de 1930 as 11 horas, em rua Senador Feijó, 255 — do sexo masculino de côr amarella filho legitimo de José Fukumoto e de dona Tahara Fukumoto

dos avós paternos: Fukuiti Fukumoto e dona Koyo Fukumoto

maternos: Seikuro Nocudai e dona Tuma Nocudai

Foi declarante a mãe

Serviram de testemunhas Alcides de Sousa Lacaz e Manoel Ramos

Observações:

Isenta de Sello, de accordo com o Art. 31 do Dec. Federal 18.542 de 24 Dez.º de 1928.

O referido é verdade e dou fé.

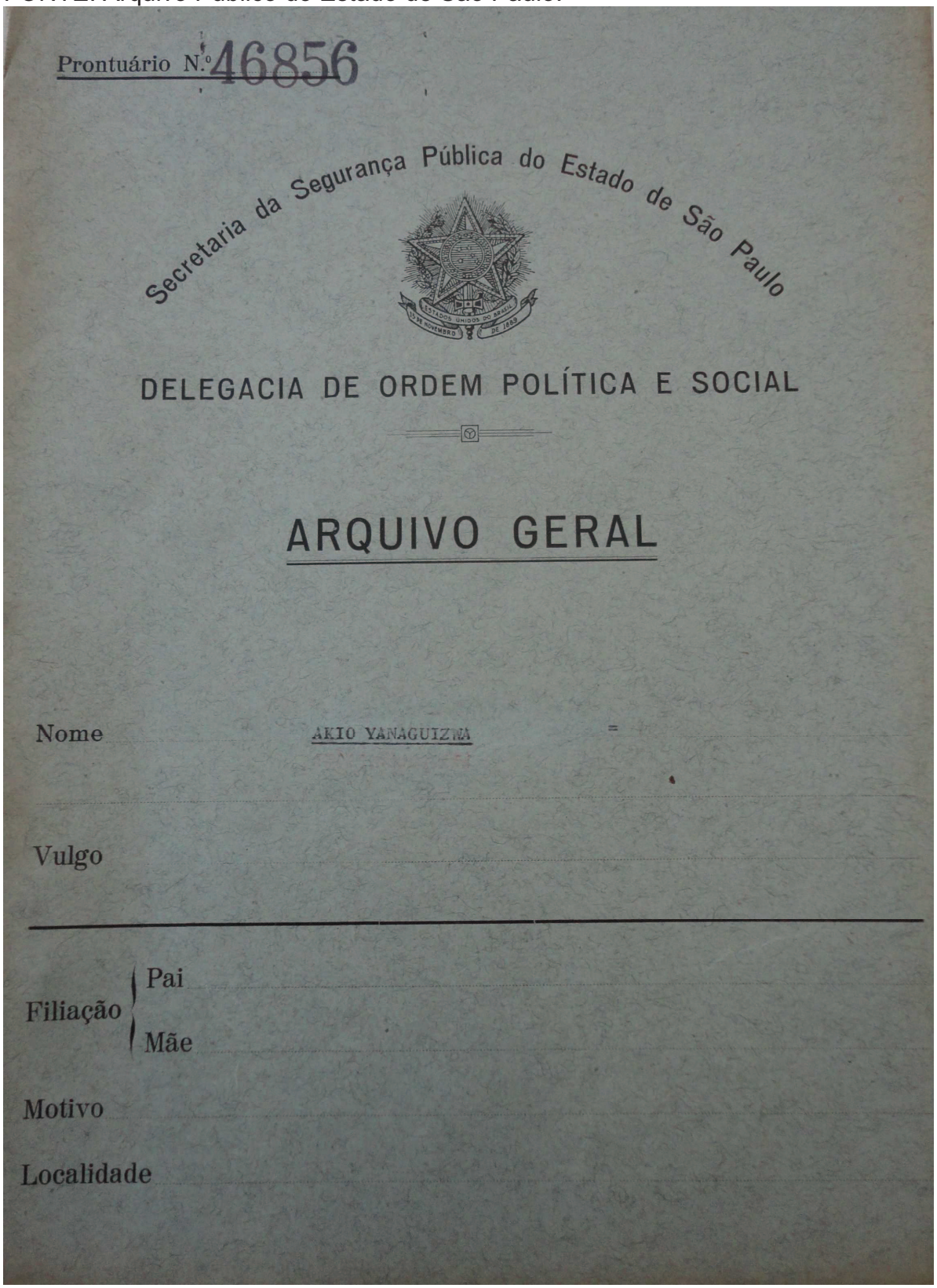
SANTOS, 24 de Janeiro de 1938

O OFFICIAL,

Francisco Ferreira Canto

FRANCISCO FERREIRA CANTO Escrivão de Paz e Official do Registro Civil DISTRICTO SANTOS

Anexo 15: **Prontuário n°46856 do arquivo do DOPS.**
FONTE: Arquivo Público do Estado de São Paulo.



Prontuário N.º 46856

Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo

DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

ARQUIVO GERAL

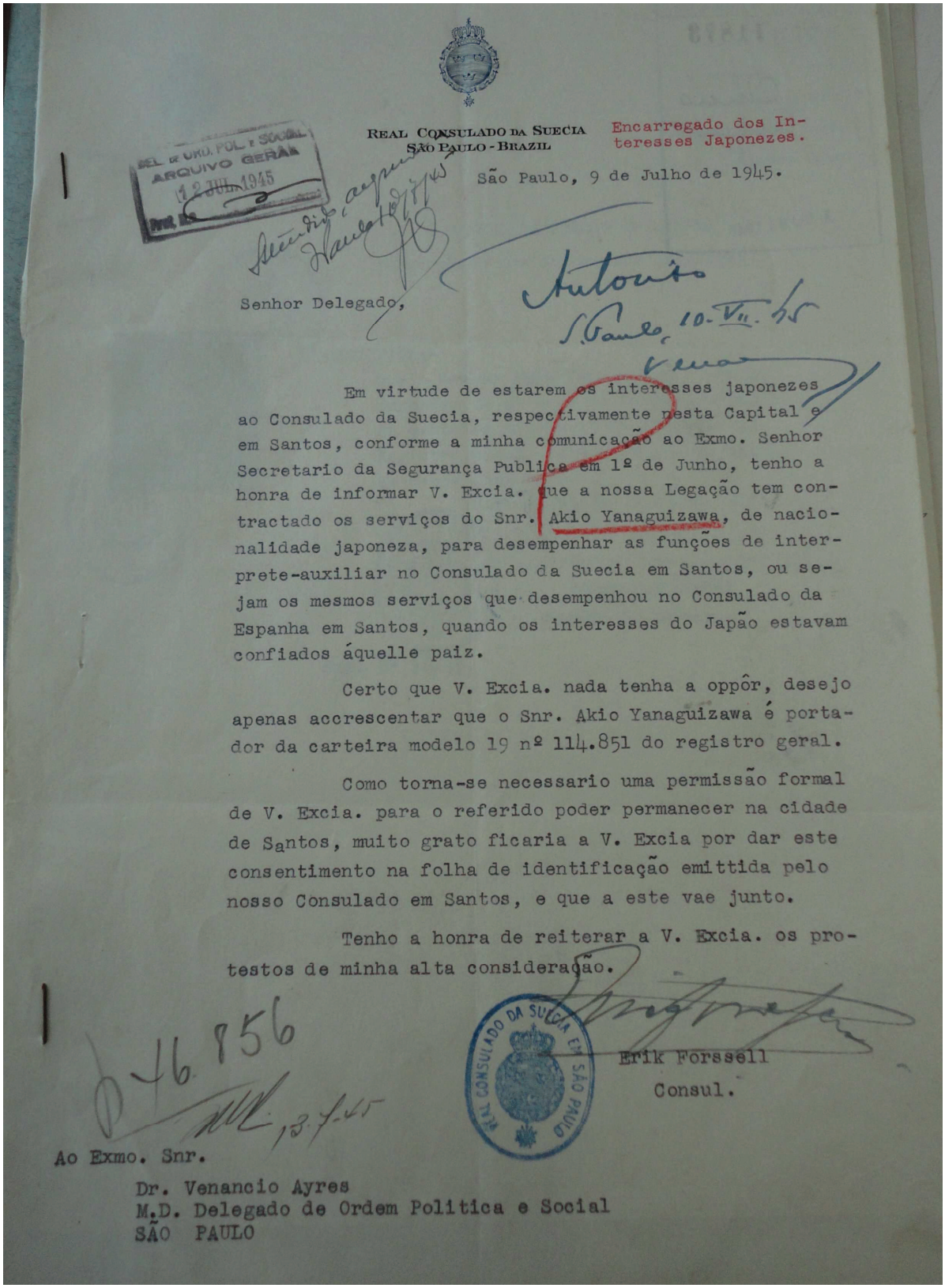
Nome AKIO YANAGUIZMA

Vulgo

Filiação { Pai / Mãe

Motivo

Localidade



REAL CONSULADO DA SUECIA
SÃO PAULO - BRAZIL

Encarregado dos Interesses Japonezes.

DEL. DE ORD. POL. E SOCIAL
ARQUIVO GERAL
12 JUL 1945

São Paulo, 9 de Julho de 1945.

Senhor Delegado,

Em virtude de estarem os interesses japonezes ao Consulado da Suecia, respectivamente nesta Capital e em Santos, conforme a minha comunicação ao Exmo. Senhor Secretario da Segurança Publica em 1º de Junho, tenho a honra de informar V. Excia. que a nossa Legação tem contractado os serviços do Snr. Akio Yanaguizawa, de nacionalidade japoneza, para desempenhar as funções de interprete-auxiliar no Consulado da Suecia em Santos, ou sejam os mesmos serviços que desempenhou no Consulado da Espanha em Santos, quando os interesses do Japão estavam confiados áquelle paiz.

Certo que V. Excia. nada tenha a oppôr, desejo apenas accrescentar que o Snr. Akio Yanaguizawa é portador da carteira modelo 19 nº 114.851 do registro geral.

Como torna-se necessario uma permissão formal de V. Excia. para o referido poder permanecer na cidade de Santos, muito grato ficaria a V. Excia por dar este consentimento na folha de identificação emittida pelo nosso Consulado em Santos, e que a este vae junto.

Tenho a honra de reiterar a V. Excia. os protestos de minha alta consideração.

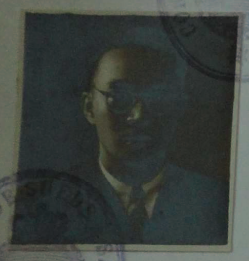
REAL CONSULADO DA SUECIA EM SÃO PAULO

Erik Forssell
Consul.

Ao Exmo. Snr.
Dr. Venancio Ayres
M.D. Delegado de Ordem Politica e Social
SÃO PAULO

KUNGLIGA SVENSKA KONSULATET
CONSULADO REAL DA SUECIA
SANTOS

O CONSUL DA SUÉCIA EM SANTOS
Encarregado dos interesses japonêses



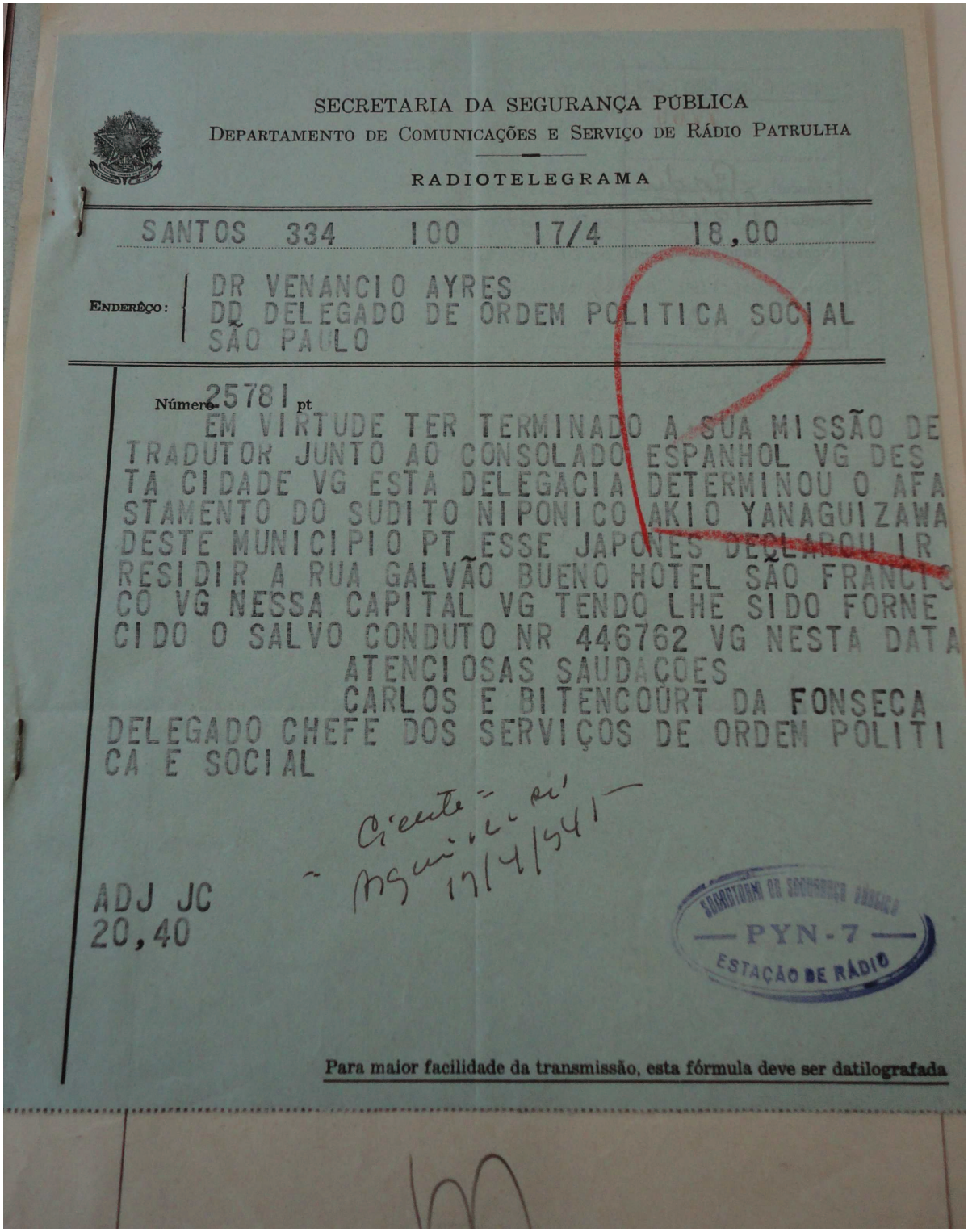
CERTIFICA;-

que o Senhor Akio Yanaguizawa, sudito japonês, de 31 anos de idade, portador da carteira modelo 19 Nº 114.851 do Registro Geral, está agregado ao serviço deste Consulado.

Santos, 11 de Junho de 1945.

Oscar Lundqwist
Consul da Suécia

Exp. Nº 36/45.



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E SERVIÇO DE RÁDIO PATRULHA

RADIOTELEGRAMA

SANTOS 334 100 17/4 18,00

ENDERÊÇO: DR VENANCIO AYRES
DD DELEGADO DE ORDEM POLITICA SOCIAL
SÃO PAULO

Número 25781 pt

EM VIRTUDE TER TERMINADO A SUA MISSÃO DE TRADUTOR JUNTO AO CONSOLADO ESPANHOL VG DESTA CIDADE VG ESTA DELEGACIA DETERMINOU O AFASTAMENTO DO SUDITO NIPONICO AKIO YANAGUIZAWA DESTE MUNICIPIO PT ESSE JAPONES DECLAROU IR RESIDIR A RUA GALVÃO BUENO HOTEL SÃO FRANCISCO VG NESSA CAPITAL VG TENDO LHE SIDO FORNECIDO O SALVO CONDUTO NR 446762 VG NESTA DATA

ATENCIOSAS SAUDAÇOES
CARLOS E BITENCOURT DA FONSECA
DELEGADO CHEFE DOS SERVIÇOS DE ORDEM POLITICA E SOCIAL

Ciente = Aguinaldo 17/4/941

ADJ JC
20,40

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
PYN-7
ESTAÇÃO DE RÁDIO

Para maior facilidade da transmissão, esta fórmula deve ser datilografada

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

Delegacia de Ordem Política e Social

SÃO PAULO

Ao Sr. Dr. Delegado Chefe do Setôr Político, para os devidos fins.

S.Paulo, 18 de Abril de 1.945.

O Deleg. Auxiliar de Ord. Política e Social,

[illegible]

Ciente

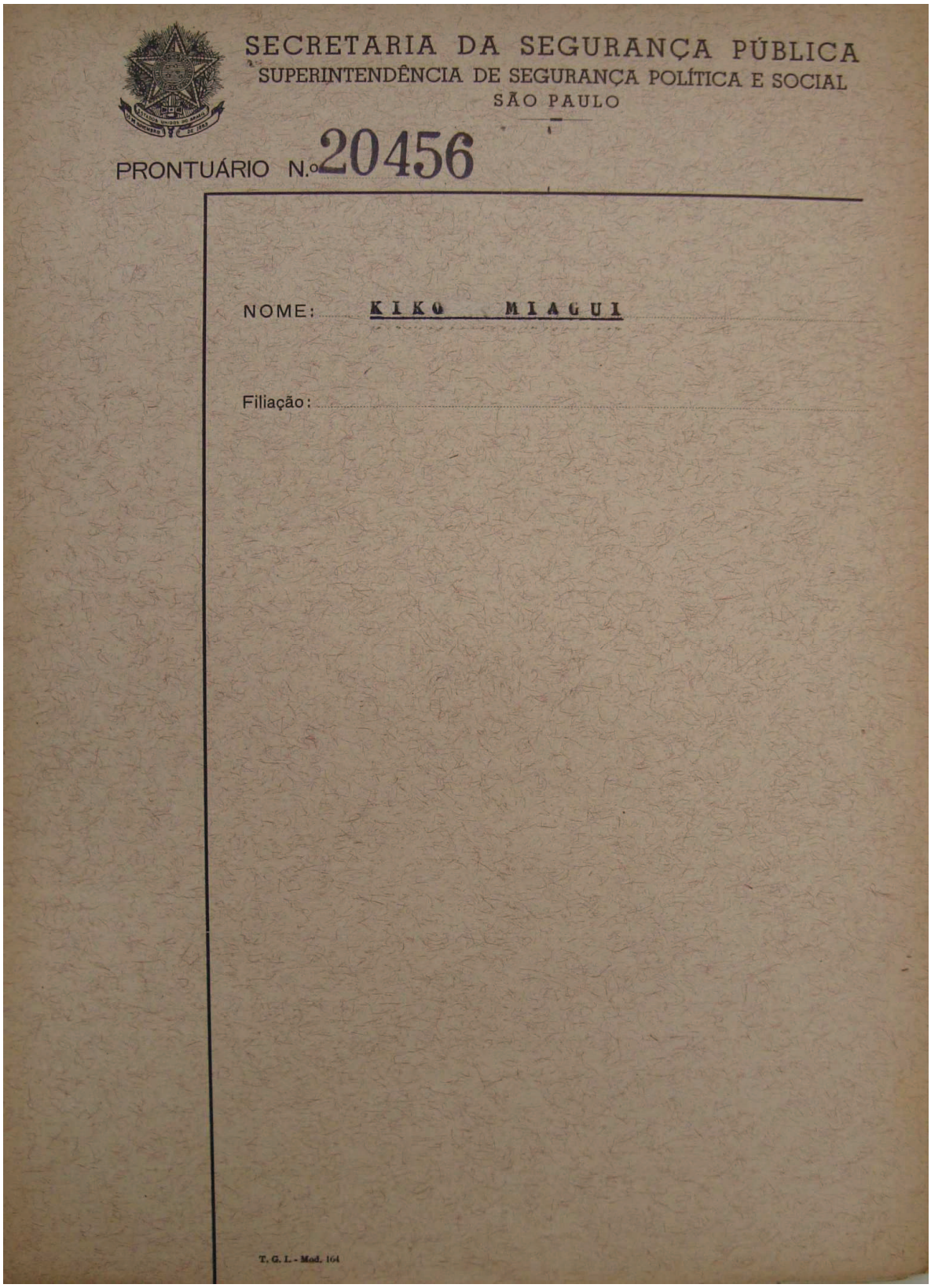
Arquive-se, em prontuario.

S. Paulo, 17/4/945

[illegible]

ARQUIVO GERAL
23 ABR 1945

Anexo 16: **Prontuário n°20456 do arquivo do DOPS.**
FONTE: Arquivo Público do Estado de São Paulo.



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
SUPERINTENDÊNCIA DE SEGURANÇA POLÍTICA E SOCIAL
SÃO PAULO

PRONTUÁRIO N.º 20456

NOME: KIKO MIAGUI

Filiação:

T. G. L. - Mod. 164

Santos

Exmo. Snr. Dr. Delegado Especialisado de Ordem Politica e Social de S. Paulo.

KIKO MIYAGI, abaixo assinado, natural de Okinawa, nascido aos 18 de Julho de 1.900, de nacionalidade japonesa, filho de Kishu Miyagi e de Kama Miyagi, devidamente legalisado no Paiz, portador da carteira modelo 19, emitida em Santos, pela Delegacia Regional, sob N.16.485 e registro geral N. 83.208, vem á honrosa presença de V.Excia. para expôr e requerer o quanto se segue:

Ao serem afastados do litoral paulista os membros do "eixo", o suplicante colhido por essa medida veio localisar-se na cidade de Campo Limpo, nesta Capital. Ao abandonar, porem, sua residencia, o requerente deixou, quatro muares, dois caminhões, terrenos e casa, - que constituem o seu unico patrimonio, razão pela qual desejaria voltar por alguns dias (ao criterioso juizo de V. Excia.) para que possa efetuar a venda desses seus haveres.

E'o que vem requerer esperando lhe seja determinado um prazo suficiente, com o que fará V. Excia. mais, um acto de

JUSTIÇA

S. Paulo, 18 de Agosto de 1.943

Kiko Miyagi

p 2045 ... 19-8-43

Superintendência de Segurança Política e Social
São Paulo

Cópia

DELEGACIA AUXILIAR REGIONAL DE POLICIA
S A N T O S

Nº 2103

RESERVADO

Em 14 de agosto de 1943.

. . . . . .

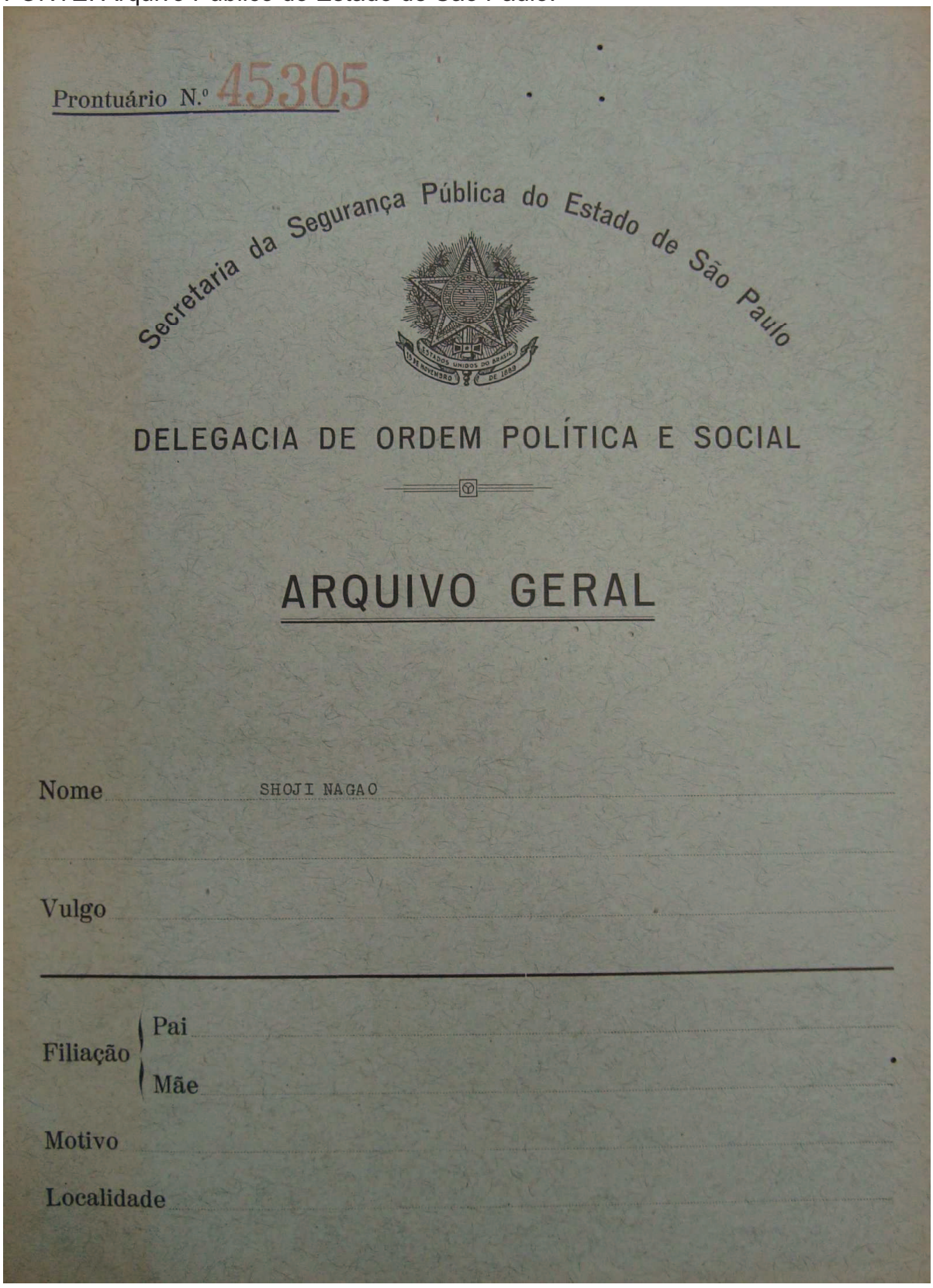
Assim, sôbre o assunto dos radiogramas nºs. 270, 271, 272, 286, 287 e 288, dessa Delegacia, referentes aos súbditos KIKU MIYAGI, TOKUEI KANDARAE, SEIICHI YOGUI, JACOPO ROSSI, FILOMENA BERTINI, HYOSHIN NAKANDAKARE, KURT HERZ e ARTUR FROHDE, respectivamente, peço as acertadas providências de V.S. no sentido de que venha um de cada vez e devidamente escoltado por um investigador, com prévio aviso a esta Auxiliar que, com a devida venia, solicita permissão para estipular o prazo de permanência dos mesmos nesta cidade.

Caso V.S. julgue em contrário, esta Auxiliar receberá, com acatamento, sua decisão.

. . . . . .

O Delegado Auxiliar,
(a) AFONSO CELSO

Anexo 17: **Prontuário 45305 do arquivo do DOPS.**
FONTE: Arquivo Público do Estado de São Paulo.



Prontuário N.º 45305

Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo

DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

ARQUIVO GERAL

Nome SHOJI NAGAO

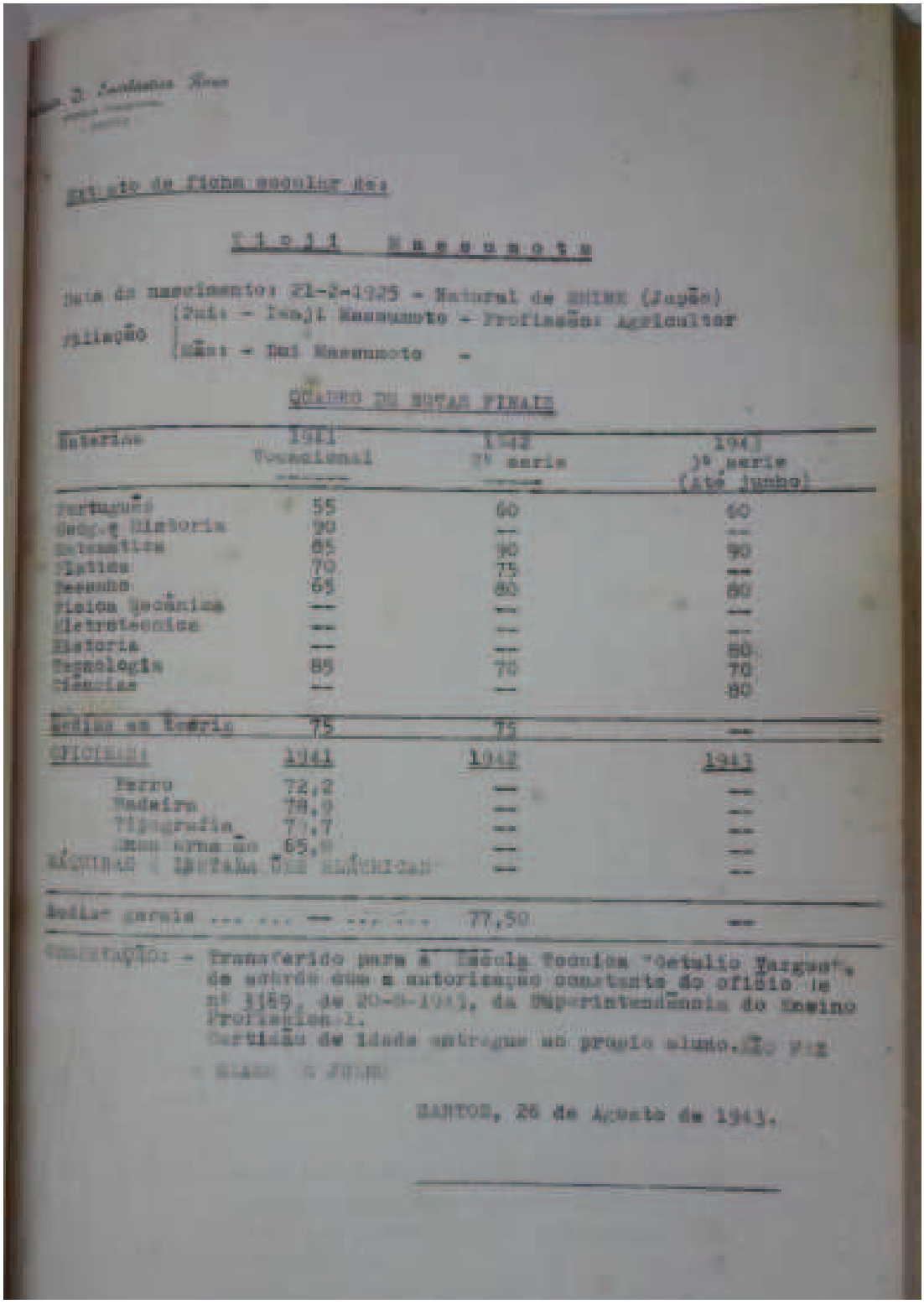
Vulgo

Filiação { Pai
Mãe

Motivo

Localidade

Anexo 18: **Transferência dos alunos Tioji Massumoto, Keian Matsudo, Hidejo Tahara, José Shimpo Tamashiro e Gensaburo Miagi para a Escola Técnica Getúlio Vargas.**
FONTE: ETEC Dona Escolástica Rosa.



Escolástica Rosa

Extrato de ficha escolar de:

Tioji Massumoto

Data de nascimento: 21-2-1925 - Natural de SHIME (Japão)

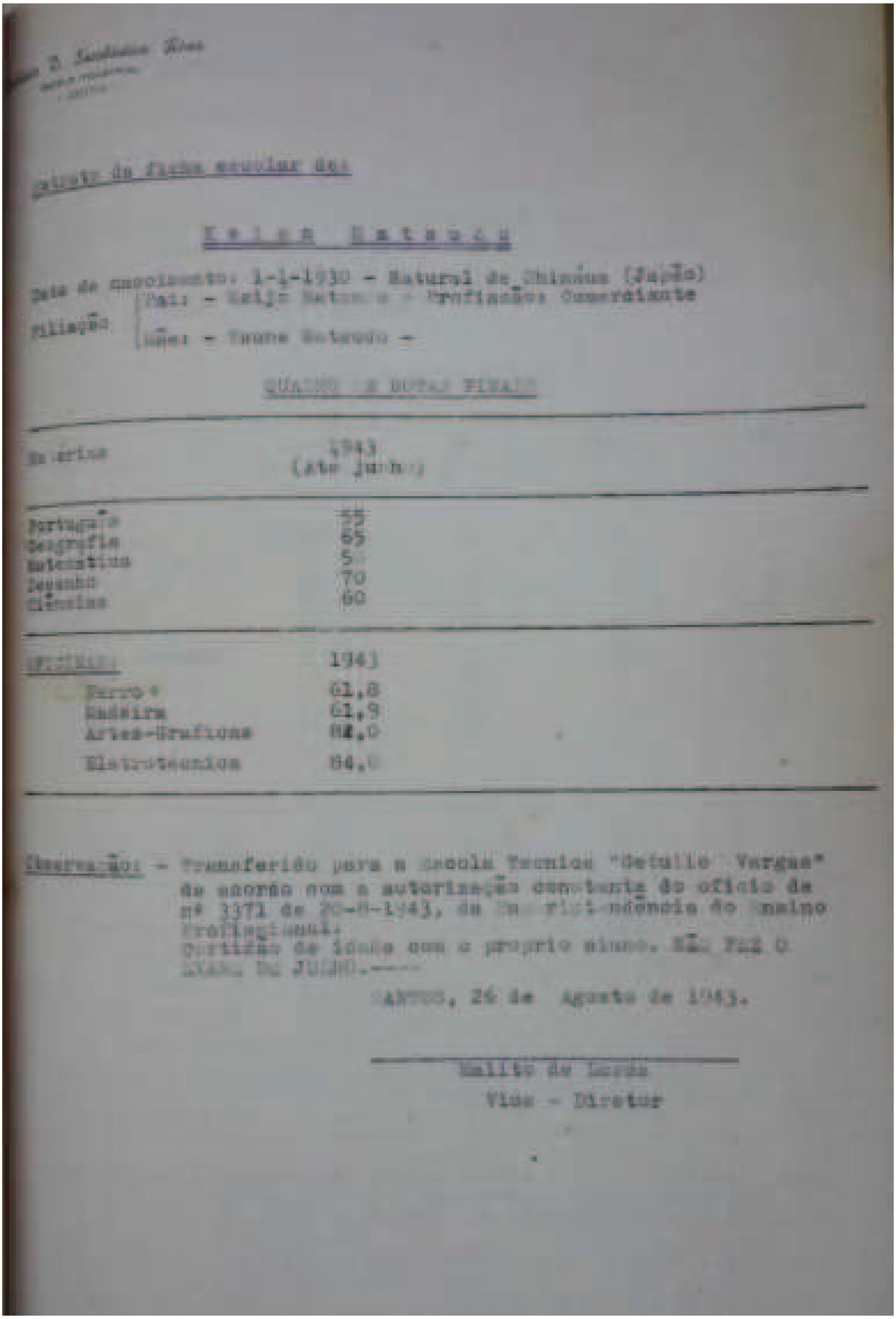
Filiação: Pai: - Ienji Massumoto - Profissão: Agricultor
Mãe: - Dui Massumoto -

QUADRO DE NOTAS FINAIS

Matérias	1941 Vocacional	1942 2ª série	1943 3ª série (Até junho)
Português	55	60	60
Geog. e Historia	90	—	—
Matemática	85	90	90
Plática	70	75	—
Desenho	65	80	80
Física Mecânica	—	—	—
Eletrotécnica	—	—	—
Historia	—	—	80
Tecnologia	85	70	70
Ciências	—	—	80
Médias em Teoria	75	75	—
OFICINAS:	1941	1942	1943
Ferro	72,2	—	—
Madeira	78,9	—	—
Tipografia	7[illegible],7	—	—
Encadernação	65,[illegible]	—	—
MÁQUINAS E INSTALAÇÕES ELÉTRICAS		—	—
Médias gerais ... ... —		77,50	—

CONSTATAÇÃO: - Transferido para a Escola Técnica "Getulio Vargas", de acordo com a autorização constante do ofício de nº 3169, de 20-8-1943, da Superintendência do Ensino Profissional.
Certidão de idade entregue ao próprio aluno. [illegible]

SANTOS, 26 de Agosto de 1943.



Extrato da ficha escolar de:

Keizo Matsuda

Data de nascimento: 1-1-1930 - Natural de Chinúus (Japão)

Filiação
- Pai: - Keijo Matsuda - Profissão: Comerciante
- Mãe: - Tsune Matsuda -

QUADRO DE NOTAS FINAIS

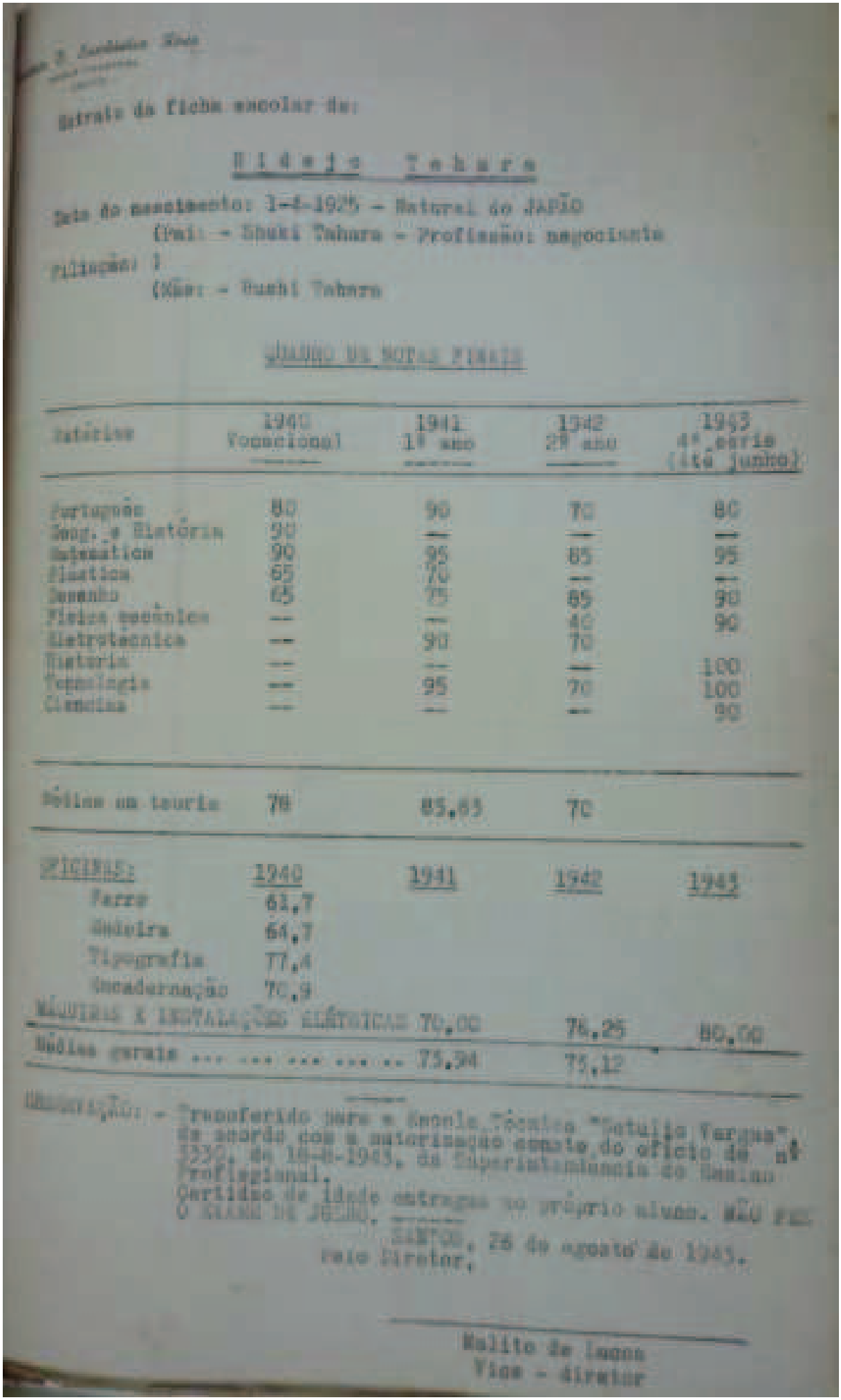
Matérias	1943 (ate junho)
Português	55
Geografia	65
Matemática	5[illegible]
Desenho	70
Ciências	60

OFICINAS:	1943
Ferro	61,8
Madeira	61,9
Artes-Graficas	84,0
Eletrotecnica	84,0

Observação: - Transferido para a Escola Tecnica "Getulio Vargas" de acordo com a autorização constante do oficio de nº 3371 de 20-8-1943, da Superintendência do Ensino Profissional.
Certidão de idade com o proprio aluno. NÃO FEZ O EXAME DE JULHO.---

SANTOS, 26 de Agosto de 1943.

Emilio de Souza
Vice - Diretor



Extrato da ficha escolar de:

Hidejo Tahara

Data do nascimento: 1-4-1925 - Natural do JAPÃO
(Pai: - Shuki Tahara - Profissão: negociante
Filiação:)
(Mãe: - Bushi Tahara

QUADRO DE NOTAS FINAIS

Matérias	1940 Vocacional	1941 1º ano	1942 2º ano	1943 4ª série (até junho)
Português	80	90	70	80
Geog. e História	90	—	—	—
Matemática	90	95	85	95
Plástica	65	70	—	—
Desenho	65	75	85	90
Física mecânica	—	—	40	90
Eletrotécnica	—	90	70	
História	—	—	—	100
Tecnologia	—	95	70	100
Ciências	—	—	—	90
Médias em teoria	78	85,83	70	

OFICINAS:	1940	1941	1942	1943
Ferro	61,7			
Madeira	64,7			
Tipografia	77,4			
Encadernação	70,9			
MÁQUINAS E INSTALAÇÕES ELÉTRICAS		70,00	76,25	80,00
Médias gerais		73,94	75,12	

OBSERVAÇÃO: - Transferido para a Escola Técnica "Getulio Vargas", de acordo com a autorização consta do ofício de nº 5330, de 18-8-1943, da Superintendência do Ensino Profissional.
Certidão de idade entregue ao próprio aluno. NÃO FEZ O EXAME DE JULHO.

SANTOS, 26 de agosto de 1943.
Pelo Diretor,

Malito de Lucca
Vice - diretor

Extrato da ficha escolar de:

José Shimpo Tamashiro

Data do nascimento: 30-8-1926 - Natural de Santos

Filiação: Pai: - Kanto Tamashiro (morto)
Mãe: - Kube Tamashiro

QUADRO DE NOTAS FINAIS

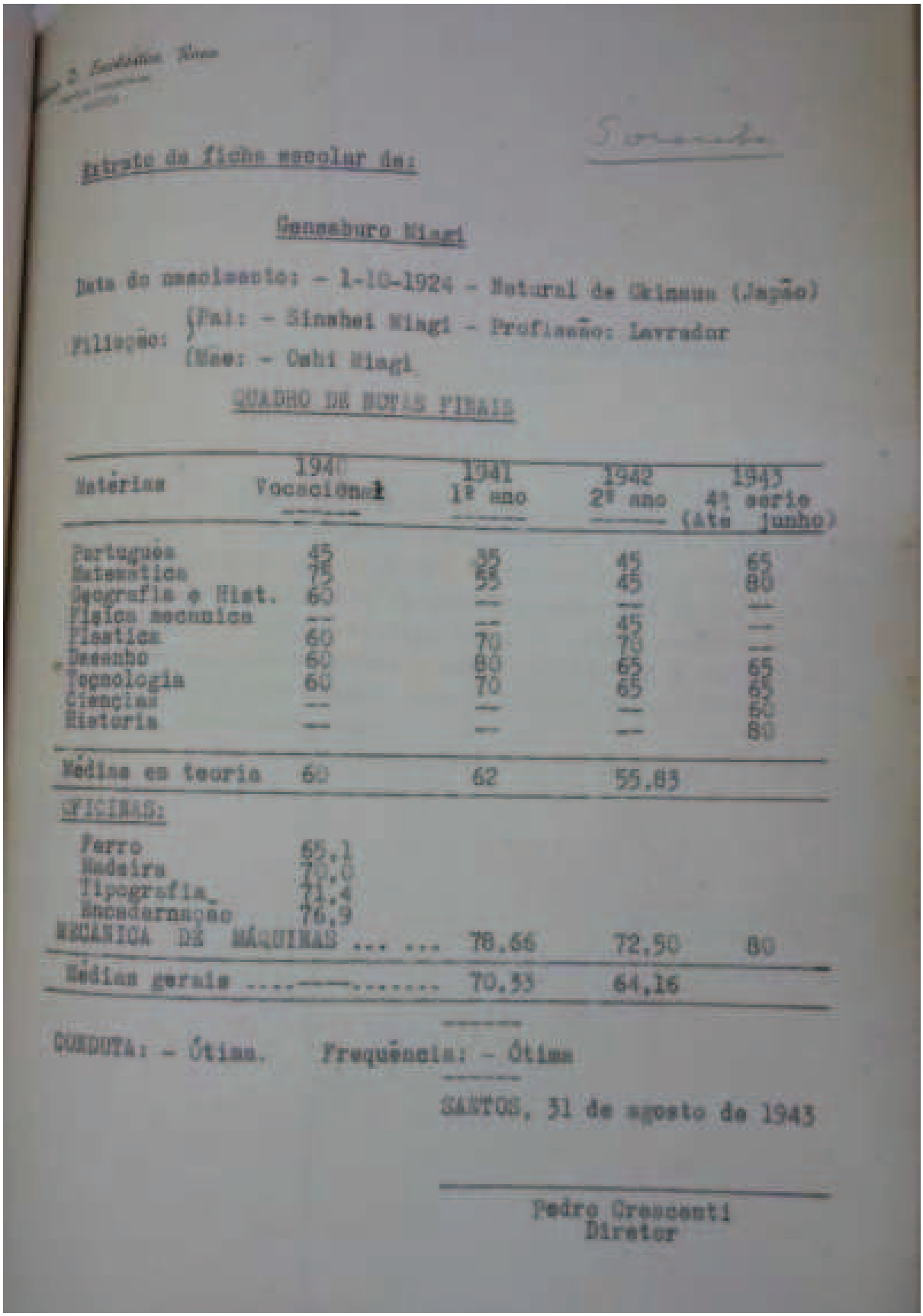
Matérias	1942 Vocacional	1943 2ª série (até junho)
Português	60	55
Matemática	50	60
Geog. e História	55	—
Desenho	80	80
Física	60	—
Tecnologia	30	—
Geografia	—	55
Ciências	—	70

OFICINAS:	1942
Ferro	65,9
Madeira	61,5
Artes-Gráficas	76,9
Eletrotécnica	----
Encadernação	64,7

Observação: - Transferido para Escola Técnica "Getulio Vargas" de acordo com a autorização constante do ofício de nº 3328 de 18-8-1943, da Superintendência do Ensino Profissional.
Certidão de idade com o próprio aluno. NÃO FEZ O EXAME DE ADMISSÃO. ----

Santos, 26 de Agosto de 1943.
pelo Diretor,

Waldir de Lucca
Vice - diretor



Escolástica Rosa

Extrato da ficha escolar de:

Gensaburo Miagi

Data do nascimento: - 1-10-1924 - Natural de Okinawa (Japão)

Filiação: Pai: - Sinshei Miagi - Profissão: Lavrador
Mae: - Oshi Miagi

QUADRO DE NOTAS FINAIS

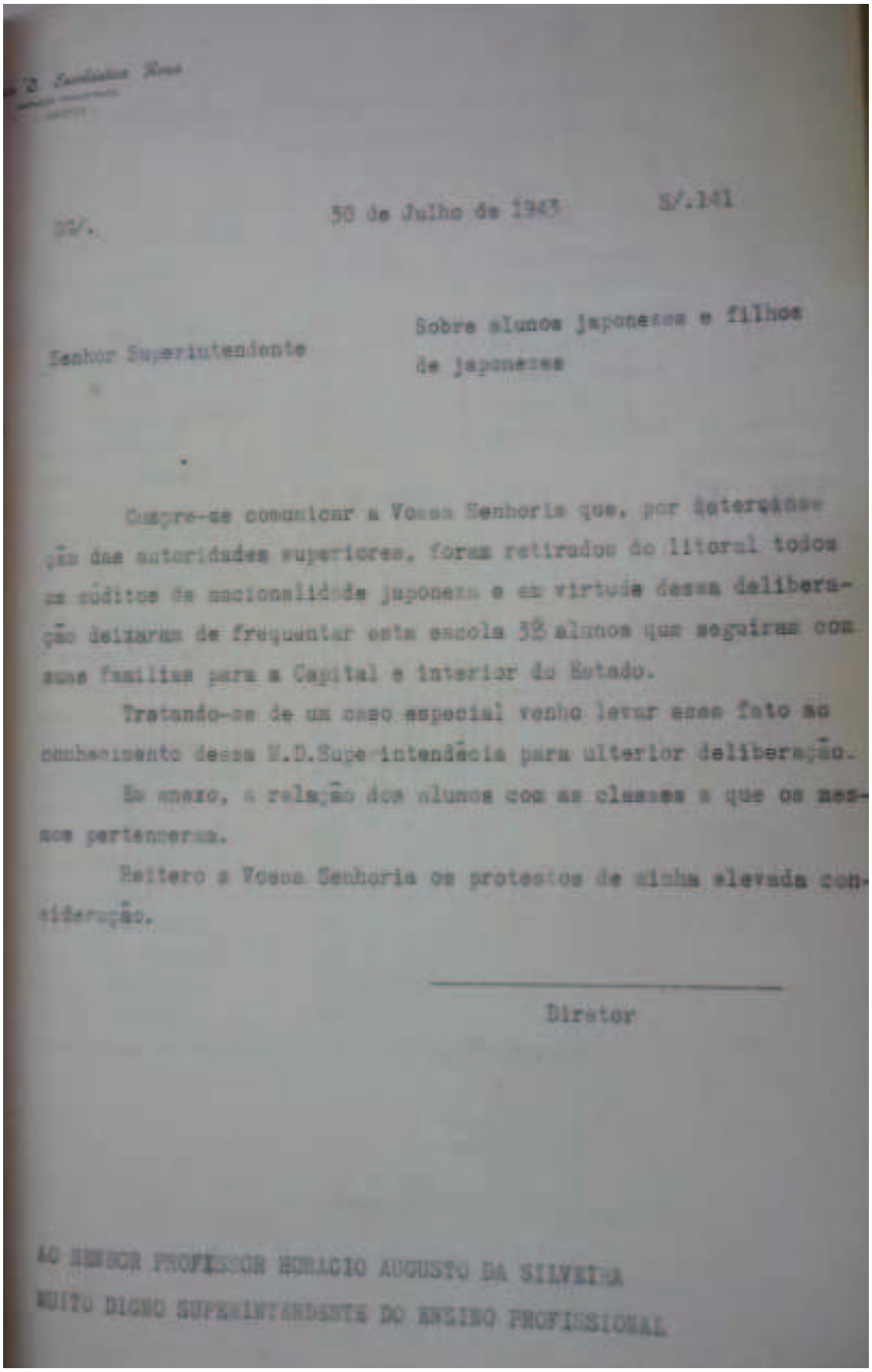
Matérias	1940 Vocacional	1941 1º ano	1942 2º ano	1943 4ª série (Até junho)
Português	45	35	45	65
Matemática	75	55	45	80
Geografia e Hist.	60	—	—	—
Física mecanica	—	—	45	—
Plastica	60	70	70	—
Desenho	60	80	65	65
Tecnologia	60	70	65	65
Ciências	—	—	—	60
Historia	—	—	—	80
Médias em teoria	60	62	55,83	
OFICINAS:				
Ferro	65,1			
Madeira	70,0			
Tipografia	71,4			
Encadernação	76,9			
MECANICA DE MÁQUINAS		78,66	72,50	80
Médias gerais ....——.....		70,33	64,16	

CONDUTA: - Ótima. Frequência: - Ótima

SANTOS, 31 de agosto de 1943

Pedro Crescenti
Diretor

Anexo 19 – **Sobre alunos japoneses e filhos de japoneses.**
FONTE: ETEC Dona Escolástica Rosa.



S/.

30 de Julho de 1943 S/.141

Sobre alunos japoneses e filhos de japoneses

Senhor Superintendente

Cumpre-se comunicar a Vossa Senhoria que, por determinação das autoridades superiores, foram retirados do litoral todos os súditos da nacionalidade japoneza e em virtude dessa deliberação deixaram de frequentar esta escola 38 alunos que seguiram com suas familias para a Capital e interior do Estado.

Tratando-se de um caso especial venho levar esse fato ao conhecimento dessa M.D.Superintendência para ulterior deliberação.

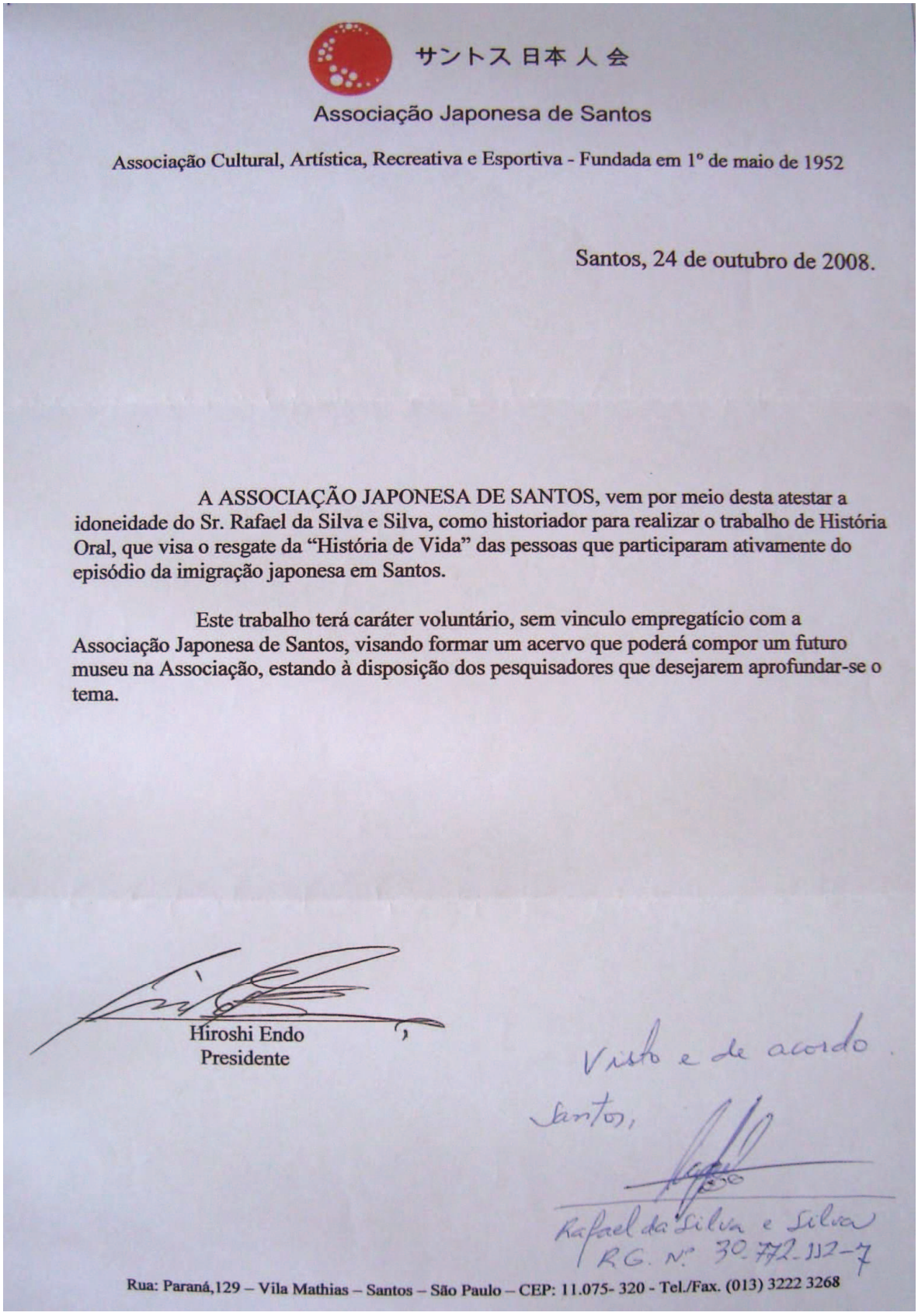
Em anexo, a relação dos alunos com as classes a que os mesmos pertenceram.

Reitero a Vossa Senhoria os protestos de minha elevada consideração.

Diretor

AO SENHOR PROFESSOR HORACIO AUGUSTO DA SILVEIRA
MUITO DIGNO SUPERINTENDENTE DO ENSINO PROFISSIONAL

Anexo 20: **Carta de apresentação, idoneidade e declaração de trabalho voluntário do autor para com os entrevistados de História Oral expedida pela Associação Japonesa de Santos.**



サントス日本人会

Associação Japonesa de Santos

Associação Cultural, Artística, Recreativa e Esportiva - Fundada em 1º de maio de 1952

Santos, 24 de outubro de 2008.

A ASSOCIAÇÃO JAPONESA DE SANTOS, vem por meio desta atestar a idoneidade do Sr. Rafael da Silva e Silva, como historiador para realizar o trabalho de História Oral, que visa o resgate da "História de Vida" das pessoas que participaram ativamente do episódio da imigração japonesa em Santos.

Este trabalho terá caráter voluntário, sem vinculo empregatício com a Associação Japonesa de Santos, visando formar um acervo que poderá compor um futuro museu na Associação, estando à disposição dos pesquisadores que desejarem aprofundar-se o tema.

Hiroshi Endo
Presidente

Visto e de acordo.
Santos,
Rafael da Silva e Silva
RG. Nº 30.772.112-7

Rua: Paraná,129 – Vila Mathias – Santos – São Paulo – CEP: 11.075- 320 - Tel./Fax. (013) 3222 3268

Anexo 21: **Modelo de Termo de cessão Gratuita de Diretos sobre o Depoimento Oral.**

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL

Cedente: _____
Nacionalidade:_____**RG/RNE:** _____
Endereço:_____**Tel.:**_____

Cessionário: Associação Japonesa de Santos – Rua Paraná, 129 – Vila Mathias – Santos – SP – CEP 11.075-320.

Objeto: Entrevista gravada exclusivamente para o Projeto de História Oral realizado em parceria com a Associação Japonesa de Santos.

Do uso: Declaro ceder a Associação Japonesa de Santos sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador **Rafael da Silva e Silva**, na cidade de **Santos** em _____/_____/_____, no total de fitas _____.
A Associação Japonesa de Santos fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Santos: _____de _____de _____.

_____
Assinatura do Depoente/Cedente

ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 – Entrevistada AH

Qual o seu nome por favor?

Alice Naka Hashimoto.

Onde você nasceu?

Nasci em Santos, na Rua Chile, nº 28, há setenta e seis anos.

Você sempre viveu aqui em Santos?

Sempre! Sempre vivi neste bairro aqui porque meu pai tinha os barcos de sardinha e naquela época descarregava na rampa do Mercado, então, por isso, nós sempre vivemos aqui nessa região e na Rua Chile, nos mudamos para Silvério Fontes, que era uma travessa da Rua Chile e depois o homem, o dono da casa, queria comprar, vender a casa, e minha mãe não queria comprar lá e aí compramos essa casa aqui e a cinquenta e oito anos nós moramos nessa casa aqui.

Você pode falar um pouco mais sobre seus pais?

Então! O meu pai foi uma pessoa que sempre lutou, e quando eu nasci, ele já era pescador, era pescador, tinha os barcos de pesca, então as atividades dele anteriores só sei porque o pessoal comenta que ele foi chofer, tanto é que ele tem um diploma aí, diploma aí que eu mandei fazer um quadro, mas a convivência com ele foi sempre com... As pessoas falam pra lançar dinheiro, né, que era dono de barco de pesca, então eu não sei de outra, eu não convivi com... Não sei de outra atividade.

E a sua infância?

A minha infância foi muito feliz porque lá onde eu morei, na Rua Chile, naquela época era tudo terra, então a gente brincava na rua, brincava lá, menino contra menina, jogava "*barrabol*", hoje não tem mais esse tal de "*barrabol*". Então, eu tive uma infância muito feliz.

Existiam escolas para atender essas crianças as quais a senhora conviveu?

Não! Foi normal, não tinha... Pelo menos, né! No nosso caso, nós não tivemos outro tipo de criação nem discriminação, nada disso nós não tivemos porque meus pais só falavam em português com a gente, então também facilitou né, a gente a conviver com outras pessoas, né!

E quanto à sua adolescência?

Boa, normal, tinham uns bailes, né (risos). Naquela época nós subíamos para São Paulo, tinham esses clubes japonês, eram poucos, né, mas então a gente juntava um grupinho e a gente ia para os bailes lá em São Paulo. Hoje já tem

espalhado, em todo lugar tem clube japonês, mas naquela época não tinha, então quando a gente sabia que tinha em São Paulo a gente ia em grupinho e ia para lá.

Seus pais sempre investiram na educação? Na sua Educação?

Ah sim! Tanto é que eu estudei oito anos no colégio Coração de Maria, antigamente era aqui na instituição, estudei oito anos lá, aí terminei e depois fiz o técnico em contabilidade no Colégio São José, que aqui não tinha, três anos aí me formei, aí depois não... Aí praticamente não fui trabalhar, não trabalhei assim, não precisava trabalhar, devia trabalhar no que estudou, mas minha mãe falava assim: 'para que trabalhar, não precisa trabalhar' [risos]. Então nunca trabalhei dentro da minha profissão, técnico em contabilidade. Era para ser faculdade, mas naquele ano mudou, deixou de ser faculdade, aí eu me formei em técnico em contabilidade.

Você lembra como era seu relacionamento com outros adolescentes? A comunidade na época da adolescência?

Olha! Eram poucos, sabe por quê? Justamente foi na época em que todo mundo foi mandado embora, não podia ficar na época da Guerra. Todo mundo foi e ficaram, depois de tempos é que voltaram. Então por isso não convivemos muito, só depois de muitos anos, é que aí até que o Matsutaro Uehara, Tarô, o apelido dele era Tarô, ele até foi vinte e nove anos vereador de Santos, ele é que fundou o primeiro clube em Santos, porque não tinha, sabe? Clube Associação Atlética Atlanta e aí é que nós começamos a ter contato com a comunidade, que não tinha. E aí foi indo.

Pode comentar um pouco mais sobre o período da Guerra?

Então. O período, na época da Guerra, como meu pai tinha barco de pesca e meu pai ele era naturalizado brasileiro e, então, ele não... Os barcos estavam no nome dele e tudo, na época da Guerra o que que eles fizeram? Cortaram o combustível que era o que movia os barcos que meu pai tinha, o Dais e o Alice, mas precisava trabalhar para ganhar dinheiro, como é que ia sustentar a família? Como não podia vender, ele comprava clandestino né, aí pegaram ele, ele foi preso, não estava fazendo nada demais porque ele pagava e tudo direitinho, como é que ia trabalhar com um barco sem combustível? Não podia funcionar! E ele era naturalizado! Que valor que tinha? Nenhum pro pessoal, mas aí ele foi preso, não sei quanto tempo ficou, um mês, só sei que minha mãe levava todo dia comida lá pro meu pai, aqui, na Praça dos Andradas, naquela cadeia. Mas graças a Deus saiu, aí depois que foi mandado embora de Santos! Aí ficou acho que três anos, eu não sei, não chegou há ficar tanto tempo. Não chegou há ficar três anos. Não ficou muito tempo não, depois foi para Santos, mas eu sei que... Mas eu, eu tinha um irmão mais velho que continuou cuidando do barco, então nessa parte continuou e meu pai, morreu com oitenta e cinco anos, em 1971, e levamos a vida. Agora os filhos tiveram uma vida normal, graças a Deus, nessa parte foi porque nós tínhamos costumes brasileiros, se tivesse aquele costume japonês ia sentir muito a diferença. A família dele [marido] foi mandada embora: 'vamos do jeito que ta, todo mundo embora, embora, embora'. Saíram com a roupa do corpo.

Você lembra como que foi o dia em que isso aconteceu?

Não, porque eu era solteira, ele era solteiro, mas isso foi em que ano? Não sei não, sei que nós não tivemos isso, graças a Deus, mas... O resto...

E quanto à comunidade? Como a comunidade sentiu esse episódio?

Bom, porque uma que eu era pequena ainda. Quantos anos eu tinha? Tempo da Guerra foi em quarenta e três, né. Quarenta e três, que seja quarenta e cinco, eu sou de trinta e dois, eu era adolescente, quando acabou a Guerra e tudo, então não deu para sentir medo.

Após esse período você reencontrou amigos, as coisas voltaram a ser como eram antes?

Mas aí, para voltar a gente é, nem tinha, praticamente nem tinha amizade, porque eu tinha o que...Treze anos, não é? O pessoal foi embora, aí cada um teve sua vida e tudo, só em... Então, quando foi fundada a Associação Atlanta é que nós começamos a conviver com os nisseis, fora isso a gente não convivia assim na comunidade, porque não tinha como que ia se encontrar? Não havia um ponto de encontro, todo mundo era novinho e tudo, então naquela época a família estava nesse sentido, talvez se eu tivesse com mais idade eu ia sentir alguma coisa, mas doze ou treze anos, não deu para sentir.

Hoje em dia você se identifica como brasileiro ou como japonês?

Eu? Olha, você sabe que eu tenho todo costume brasileiro, tudo! Eu sempre digo: só a cara é de japonês, é verdade! Mas tudo, tudo a gente é sistema brasileiro, sabe? E respeito, essas coisas, isso é normal né, mas assim, falar [japonês] a gente não fala, não tem essa coisa assim, a família dele era diferente, sabe? Né, tanto é que eu to casada há quarenta e nove anos e se fosse pensar se é japonês e tudo, olha, a mulher é que tem que fazer tudo, o marido [risos] antigamente era assim, sei lá. Hoje não. Então por isso que para mim esse depoimento meu não vai servir muito para você assim né? Alguma coisa você pode tirar, alguma coisinha ou outra assim, mas fora disso nos tivemos uma vida normal, nunca na escola teve preconceito, se tinha eu nunca reparei, porque eu sempre fui meio desligada [risos] sabe, então eu não sei, mas...

Em sua opinião, qual a importância desse trabalho para a comunidade japonesa e para a História de Santos?

Eu não sei o porquê dessa coisa de resgatar! Hoje em dia o pessoal ta tão mais se abrasileirando, tanto é que há tanta mistura hoje em dia, você vê, eu tenho quatro netas, duas namoram brasileiros, Tenho três tios, irmãos da minha mãe, primo da minha mãe, que moram em São Vicente, casaram tudo com brasileiro, então a gente não lembra até dessa coisa que a gente é descendente de japonês nem nada, está tão normal que a gente nem percebe [risos], só quando olha no espelho que a gente vê que a gente te traços orientais. Mas assim, questão de educação, de sistema e tudo, a gente não tem não. Por isso que eu fico contente

quando vejo assim alguma coisa da colônia né, o pessoal que sobressai e tudo, isso é muito importante mesmo, nessa parte não pode perder as raízes, mas o resto eu acho normal, não tenho mesmo essa coisa de preconceito.

Para finalizar, a senhora lembra ou gostaria de comentar algum outro fato marcante que poderia comentar?

Aqui em casa não, não porque a gente, questão assim nessa parte de raça... Muito pequeno o depoimento, você tira alguma coisinha assim. O resto é que já faz tantos anos, nossa Senhora! Estou com setenta e seis, então olha, cinquenta, sessenta, né, sessenta anos, é então faz muito tempo mesmo, o tempo da Guerra.

Muito obrigado pela participação!

Nada! Não sei se você tira alguma coisinha ai que dá, aí você vê de outro e isso aquilo e junta, porque eu não tenho muita coisa. O meu irmão tinha, que casado com brasileira que também não sabia falar japonês, mas ele ficava aqui por causa dos barcos, ficava ali no Mercado, então tinham uns amigos que ficavam lá. Aí ele, vinha um pessoal de navio japonês, se lá, oriental, nem sabia se era japonês, coreano, chinês, aí, dizia que ele chegava... As pessoas viam que ele era oriental e falavam e japonês, falava a língua deles perguntando alguma coisa, meu irmão não entendia nada, e quando ele contava a gente morria de rir, aí ele [interpretação], meu irmão dizia assim, sabia o que ele tava falando só dizia assim [apontando] as vezes era pra lá [esquerda], mas ele apontava para lá [direita], [risos]. Ele contando a gente morria de rir, não sabe o que ele ta falando né, então ele fazia sinal, dizia que era para lá, falava assim, como que diz obrigado né [risos]. Mas é ruim a gente não saber, né, a língua. Não fez diferença não, já fui ao Japão, fazia mímica lá, ele fala, na casa dele era bem japonês.

ENTREVISTA 2 - Entrevistada IU
1° Entrevista

Boa Tarde! Qual o seu nome por favor?

Isaltina Uehara, Isaltina Uehara.

Você nasceu no Brasil?

Eu sou nascida aqui em Santos, no dia 09 de setembro de 1928.

E seus pais?

Então, meu pai chama-se Bunguro Naka, chegou no Kasatu Maru, juntamente com meu sogro e também eles vieram sozinhos para tentar a vida aqui, achavam... Achavam não, todos achavam que viriam aqui ganhar dinheiro rápido para voltar para o Japão, por isso vieram sozinhos assim, deixaram mulher e filho lá né, mas chegaram aqui e foi complicado n, na chegada, foi uma decepção no Brasil, porque a história não foi bem assim pensando que um dia o dinheiro, não foi tão fácil, tiveram que lutar muito, foi muito sacrificado ir para as fazendas, trabalharam como escravos mas daí eles conseguiram depois de alguns meses, meu sogro, ele conseguiu fugir da fazenda, veio para Santos e foi trabalhar nas docas, depois das docas ele foi, deve ter trabalhado muito bem e ganhou confiança, depois das docas ele trabalhou como pintor e depois de uns dias ele conseguiu trabalhar, comprar uma vendinha né, sustentar a família, mas depois de trabalhar também ajudando a sociedade da época, na Sociedade Japonesa. Ele, passado um tempo, ele faleceu, ele ficou doente, faleceu e aí, na ocasião, que ele morreu, os... A sociedade da época... Fizeram uma homenagem, uma campa para ele, daí por diante, minha sogra que teve que levar avante os filhos, com muito sacrifício, com um pouco de ajuda dos cunhados também porque meu sogro antes de falecer, ele já prevendo que estava com uma doença grave, ele já escreveu também para os irmãos dele pedindo para virem para o Brasil, eram solteiros, assim ajudavam um pouco a criar os filhos dele. Aí eles vieram, trabalharam aqui e levaram essa vida morando mais ou menos juntos, e aí... Dessa história do meu sogro, que ele morreu, deixando filho, filho de três meses, que é meu marido e duas crianças eles ficaram... Foram levando com muita... Muito trabalho, sogra que lutou muito para criar as crianças na época em um país diferente, não falavam quase o português, foi muito difícil, mas como era uma mulher muito forte conseguiu depois de muito tempo trabalhar naquela venda, depois com ajuda dos cunhados, já que trabalhavam mais ou menos todos juntos, conseguiu criar os filhos bem, tanto que meu marido, mais tarde depois de se formar no colégio Canadá ele foi... Estudou, foi fazer curso de contador e tal, formou-se e tal, depois mais tarde, como ele foi muito ligado ao esporte e era uma pessoa de fácil comunicação, ele passou fazer muitas amizades e depois disso ajudou, enfim, começou a trabalhar a reunir amigos, na Associação Atlanta, e depois desse tempo ele conheceu muitas pessoas e ele conseguiu ajudar muitas pessoas, depois da Guerra, vieram muitos japoneses aqui para Santos e ele ajudou assim a colocar, ajudar no que fosse possível para juntar a Prefeitura junto a qualquer coisa que precisasse ele tava sempre junto para poder ajudar as pessoas... Se comunicava bem com as pessoas, com algumas autoridades. Então tudo isso fez com que ele,

mesmo as pessoas japonesas da época, queriam que ele se candidatasse vereador para ajudar, já que ele ajudava, assim independente para ele, naturalmente, ser uma coisa oficial, aí sendo vereador ele poderia ajudar melhor, daí ele se candidatou, apoiado pela sociedade da época e daí continuou trabalhando como vereador, se candidatou diversas vezes, uma candidatura atrás da outra, só que depois que ele se aposentou, para poder se candidatar, ficou doente com diabete e um ano depois faleceu, mas a nossa vida continuou com meus filhos, tive sete filhos, graças a Deus meus filhos, quando ele morreu, estavam todos casados, sabe? Estavam todos formados, todos eles estudaram, no que fizeram estudaram, trabalharam e casaram com quem quiseram, todo mundo foi bem independente assim, ninguém ficou fazendo pressão assim, só para estudar que todo mundo sempre exigiu, mas depois disso que todos entraram na faculdade todos se formaram e todos e daí foi, Graças a Deus estavam todos casados e eu tive mais tranquilidade, não tive que ficar criando filho assim.

A senhora pode contar como foi a sua infância?

Então, eu nasci na Rua 7 de Setembro, o pessoal pensa 'onde que eu nasci? No Japão?' não, eu nasci aqui do lado, na rua aqui do lado, na 7 de Setembro, número 98, bem entre a Conselheiro Nébias na parte do Mercado até na 7 de Setembro, também hoje tem um prédio ali, mas eu nasci bem ali. Então eu morei dois anos ali, depois meu pai mudou para a Rua Chile, nós moramos nove anos ali na Rua Chile, que é uma rua encostado no Armazém, depois tem uma Rua Silvério Fontes que fica assim, cruza com a Chile, aí meu pai tinha uma amigo que morava num sobradinho bom, nessa fotografia eu tenho ali aparece e ele comprou uma casa na Ponta da Praia então ele, amigo do meu pai, então ele perguntou se meu pai queria morar para lá, queria alugar, então nos fomos para essa casa. Aí durante... Durante... Fui para lá com onze anos, daí meu pai, naquela época, eu entrei no Escolástica Rosa, fiz.. Terminei até o, estou no Escolástica Rosa que eu fiz o período integral, foi justamente o tempo da Guerra, quando meu pai foi para o interior e minha mãe, eu e minha irmã ficamos tomando conta da casa, ficou responsável. Então, nessa ocasião ficamos uns meses, quando meu pai voltou do interior, ele voltou, voltou para a pesca, ele já era naturalizado brasileiro por que ele era... Acho que eles eram obrigados a se naturalizarem brasileiros por causa de viajar em alto mar assim. Então ele voltou logo e continuou a vida normal praticamente. Teve uma ocasião que tinha um caminhoneiro sabe de óleo diesel que era para o barco e não podia comprar assim, então meu pai comprava do caminhoneiro para ter mais óleo assim e aí ele foi levando essa vida, melhorou mais tarde a gente... Acabei me formando e fui para São Paulo, eu fui lá para São Paulo para fazer o Instituto Profissional Feminino que era um curso um pouquinho acima desse tempo; fui fazer o aperfeiçoamento para me formar professora. Me formei como professora lá depois... Mas nessa ocasião também eu já comecei a namorar o meu futuro marido, aí eu me casei, eu mal trabalhei porque eu já me casei dois anos depois que eu me formei eu já me casei então eu... Aí eu comecei a ficar atrás de filho, vieram tudo seguido né, fiquei morando com minha sogra também, morando lá na Rua Julio Conceição, nós moramos ali e lá, eu tive três filhos na Rua Julio Conceição e depois que nós compramos essa casa aqui, então eu já estou nessa casa há cinquenta e dois anos. Há cinqüenta e dois anos que eu estou morando nessa casa, praticamente meus filhos foram criados nessa casa aqui e aí minha vida ficou assim toda atarefada porque eu casei e logo meu marido já foi o presidente lá

do clube Atlanta, então foi aquela vida meio... Depois no passado, em 1963 ele se candidatou a vereador e eu já estava, quando ele foi candidato e ganhou a primeira eleição, eu tinha acabado de ganhar meu sétimo filho, minha filha. Então ser candidato já da trabalho, ainda mais que não era rico nem nada tinha que viver do trabalho; era duro, a gente não tinha nem sede nem nada, a sede era na minha casa, tinha um alvoroço de gente que sai e entra, ai meu Deus do céu! Foi muito trabalho essa coisa de eleição, tudo em casa, o pessoal vinha ajudar na época, hoje não, o pessoal paga, na época não, eram muitos japoneses, filhos, amigos, tudo voluntário que ajudavam, iam distribuir aquela papelada e hoje em dia não tem mais isso né, distribuía-mos muita papelada na caixinha, era todo mundo fazia... Todo mundo mesmo na boa vontade, juntava um monte de criançada, rapaziada, meus filhos eram escoteiros também, meus filhos ajudavam. Era muito divertido até, apesar do trabalho, era uma coisa muito gostosa porque você via o ânimo de todo mundo trabalhando e ninguém ganhava, só que na eleição a gente fazia muito lanche para distribuir nos postos onde tava todo mundo ajudando, era muito trabalho, a gente tinha que fazer aquele monte de sanduíche e mandar distribuir onde estava a turma que ia para o lugar. Então tinha o pessoal, os amigos, que tinham carro que levavam o pessoal que ia votar e levava para lá, para cá, era um movimento terrível de votar, todo mundo vinha aqui pegava isso, pegava aquilo, vinham aqui já sabendo que tinha carro para levar, mas eram todos voluntários, a gente não tava pagando nada para eles, para levarem de carro e nem essa criançada, essa moçada que vinha ajudar, eram todos voluntários né, então foi uma época muito boa, a gente tem até que agradecer, porque muitos ajudaram e hoje já estão todos moços, e como era japonês diziam que eram tio do tio, tudo era tio, porque eram todos rapaziadas, então diziam que era o tio deles que era candidato, mas deu tudo certo assim, a gente sempre procurou ajudar naquilo que era possível, era uma pessoa que ajudava mas não ia cobrar, não era de cobrar, quando quebra um galho de alguma pessoa, mas ele nunca fez isso, quando eu precisava ajudar alguma coisa, ele entrava em contato com a autoridade para ajudar aquela pessoa diretamente, ele dizia ‘se você quiser agradecer, tudo bem, mas eu só estou fazendo para ajudar’, então foi sempre assim, nunca de fazer e querer ganhar para ele. Não, meu marido nunca foi dessas coisas. Então quem quis agradecer que favoreceu mais diretamente assim, ele falava ‘entrega para fulano’, mas nada obrigatório porque era pedido que ele fazia por ele ser amigo do outro. Então ele sempre foi muito honesto nessa parte, o trabalho dele era assim, ganhava aquilo que era de direito, que ele ganhava por direito, mas não assim querer levar vantagem sabe, nunca assim. Então a gente sempre levou com ética, eu também não gosto. Detesto essas coisas querer favorecer as pessoas com interesse, isso é muito desagradável. Mas assim a gente foi levando essa vida assim, filhos estudando, formando, todos estudando em colégio do Estado, Foi desde o parque instrutivo, foram para o Grupo, do Grupo foram para o Canadá, do Canadá cinco dos meus filhos entraram na USP e três ficaram, estudaram aqui na Faculdade aqui e depois, que se formaram, cada um pegou o seu trabalho, a maioria foi trabalhar em São Paulo, daí eles trabalharam em São Paulo, cada um teve seu serviço, foi trabalhando, foi namorando e cada um achou seus... Seus parceiros em São Paulo, porque são-paulino a gente nem conhecia, namoraram, mas uma coisa tem de bom porque todas, depois da que gente foi conhecer, todas pessoas honestas, isso que é importante, de nacionalidade a gente não importava que a maioria deles são todos casados não com japoneses. Meu pai sempre preferiu que a gente casasse com japonês, nunca impôs, mas tudo aconteceu... Meu irmão casou com brasileira, o outro meu irmão

também casou com brasileira, nada foi obrigado, nada foi pedido, quiseram casar casaram, a gente sempre acolheu bem, tudo junto, não houve, não era do gosto, mas afinal de contas eram pessoas direitas, não tinha... Então foi normal. Meus filhos também, todos casaram, eles mesmo escolheram então hoje eu falo: eu não tenho culpa de nada, por que eles casaram com quiseram, fizeram o que quiseram, o mais velho é médico, o segundo fez administração, o terceiro é engenheiro, a quarta é essa que é musicista, ela fez escola de comunicação lá na USP, mas ela seguiu, como ela sempre gostou de música, desde criança ela estudava piano, então ela, paralelo a isso, ela fazia música, sabe lá nos ano oitenta uma escola de música, sei que ela fazia paralelo, mas quando ela acabou de se formar ela se dedicou só a música, tanto que até hoje ela já está, quase que a vinte anos, trabalhando com criança de creche, dava aulas de música para crianças, dava aula de música em escola também, mas como ela começou a trabalhar em uma creche lá em Tocaia, e começou a dar aula de música na creche para as crianças pobres e ela pegou uma turminha assim de quatro ou cinco anos e montou um coralzinho, aí esse coral foi crescendo e até hoje esses rapazes, moços, já estão dando aula sabe, já estão formando, dando aula em faculdade, mas até hoje ela tem esse coral que se apresenta, ensaiava lá na Imigração, ela já se apresentou também em diversos *shoppings* em são Paulo, quase todos os *shoppings* ela... Eu já assisti muitos, ela levava o secretário que já é um... Eles não só cantam como tocam diversos instrumentos sabe, é meio doida a minha filha, dança com as crianças, faz um carnaval danado sabe. Então já são rapazes moças que dançam e estudam, tem algumas que foram para aula de música em Moscou, outro já foi tocar no Rio. Enfim, os meninos já tão bem encaminhados, mas agora, nesse ínterim, como ela era muito batalhadora mas é assim meio... Ta sempre dura, músico já viu como é que é! Mas ela além de ensinar a criançada também luta por patrocínio porque é uma ONG que ela trabalha. Então ela já foi para Taiwan com patrocínio, foi para lá, levou vinte e cinco crianças, crianças não, adolescentes, de dez, doze, quinze anos até... Levou para lá! Levou para a França, já foram para Itália, para as cidades lá na Itália, esqueci o nome, também foram para lá tocar. A criançada toca e canta né, e dança! Faz todo um carnaval. Lá em Taiwan gostaram por que brasileiro, ainda mais porque ela tem aquela cara de japonesa, não porque ela tem a cara de japonesa não, mas como ela é muito desembaraçada e canta e dança e samba e faz um monte de coisa, para eles foi uma coisa diferente, então eles gostaram muito, de ver a criançada toda, mas foi.... E tenho a outra que é arquiteta que trabalha em São Paulo e depois tem esse o quarto, quinto, quinto não, o sexto, ele é... Ele trabalha... Ta na França, também é arquiteto, morou dois anos em São Paulo, depois de formado lá na FAUS, aí ele foi; trabalhou dois anos aí ele falou que ai lá para França, ficar em Paris, estudar um pouco, ver a arquitetura lá, era tudo interessante, ele como é muito assim, como se diz, ele é aquela pessoa que não para, ativo, ele quer ver coisas, então ele falou que ia ficar dois anos lá na França, até se matriculou lá na França, naquele colégio Nancy, Nancy? Acho que não, uma faculdade lá, ele se matriculou para entrar como estudante lá sabe, mas só que na época quando ele foi, foi até muito interessante uma história lá que eles estavam contando que eles estavam em uma exposição em São Paulo se preparando para ir para lá, já tinha feito os documentos para entrar como estudante, para ficar dois anos lá estudando, já estava formado trabalhando né. Aí ele disse que estava em uma exposição, aí encontrou com uma moça que também estava na exposição, não sei se lá vendo alguma coisa de bienal não sei, ai conversando com ela acabou descobrindo que ela era também lá da França e estava passeando em São Paulo, mas era uma bolsista

lá em Lima no Peru, aí ela conversando com ele, ele falando que ia para a França, então ela falou para ele 'quando você for você fica na minha casa, que eu moro lá, já que você vai para lá e não sabe onde vai ficar ainda'. Ele foi para a França com a cara e a coragem, quando ele escreveu, foi até o aeroporto, disse que deu um frio na barriga, "meu deus, o que eu vou fazer em um lugar que eu nem conheço" (risos), nem falava o francês! Mas ele disse que procurou lá, quando ele foi para a cidade, como é que chama, é bem no sul da França, uma cidade com o nome de um santo, sabe, bem no sul da França, diz que ele se lembra. Ele foi para esse endereço aí ele ficou na casa dessa moça, a mãe trabalhava no centro cultural sabe, então ele ficou lá uma semana, então ela, a mãe, apresentou para um arquiteto decorador e arranjou um trabalho para ele ficar quebrando o galho, para não ficar sem trabalhar, aí depois passaram mais uns meses aí ficou naquele, naquela vidinha assim, depois disse que teve um concurso lá na França que era assim para arquitetos, músicos e toda essa parte de arte fazer alguns trabalhos depois eles iam escolher para fazer uma exposição lá em Barcelona, e o trabalho dele foi escolhido, ele concorreu também e fez um trabalho lá que foi escolhido e ficou em exposição, então ele disse que ficou três dias em Barcelona para, cada autor de cada trabalho ficava lá fazendo plantão, e nisso ele diz que foi um arquiteto lá de Paris conheceu ele e tal e convidou ele para trabalhar, aí ele foi para Paris e até hoje não saiu de Paris viu! Ta lá a vinte e dois anos, e agora ele já fez uma casa ali no... Ficou morando em paris e agora a quatro anos atrás ele comprou um terreno, ele e a mulher dele, também é arquiteta de São Paulo, primeiro ele foi sozinho, depois é que casaram, mas ele comprou um terreninho ali do lado, é como se fosse um bairro de Paris, comprou aquilo e fez uma casa ele e a mulher dele, fizeram o projeto da casa, até o ano passado eu fui para conhecer, já tinha conhecido a namorada em Paris, tanto que eu ia todo dia, pegava o ônibus e ai, durante o mês que eu fiquei lá, eu via, pegava o ônibus pegava tudo, ia dar uma volta a tarde enquanto eles iam trabalhar. Mas aí ele fez os trabalhos e ficou lá, e fez essa casa, ficou trabalhando, agora ele... Sempre ficou trabalhando em empregos bons sabe, ele nunca ficou desempregado, quando ele estava em um trabalho vinha uma coisa melhor, ele já mudava, saia, sempre queria uma coisa melhor, não gosta de ficar só naquilo, na mesmice. Agora ele ta num trabalho bom que ele tem bastante para fazer projetos no país assim, onde que ele trabalha é um lugar, em uma firma muito grande de arquitetos, que tem cento e vinte arquitetos para lá, imagina! Eles fazem projetos lá na Europa, sabe? Ele esteve aqui no meu aniversario, como ele não tem filhos, então ele viaja muito lá na Europa, chega fim de semana, feriadinho de dois ou três dias, ele e a mulher deles tão sempre viajando, então eles viajam, Grécia... Todos aqueles países lá, todos os países eles viajaram porque não tem filhos né, a facilidade. Então a Europa toda... Na França... Todos os lugares eles sempre mandam cartões, onde eles ficaram uma semana assim de férias. Então é bom. Mas o que eu tava dizendo, Então a história do meu sogro eu não tenho história para contar, justamente por isso, porque ele morreu cedo, até mesmo porque eu conheci a história através da minha sogra, depois que eu casei que ela contava as histórias e ela contava pouco, não contava muito porque não falava muito o português e também talvez estava naquela confusão de perder marido e lutar com filho, toda aquela luta, não era uma coisa de ficar... Guardava lembrança dele, adorava, amava ele tanto que ela nunca casou, teve uma proposta que alguém né... Queria casar com ela, mas ela nunca... Só se dedicou aos filhos mesmo, levando aquela vida bem firme, sempre de muito trabalho. Tem uma irmã que está viva ainda tem oitenta e sete anos, a outra, dois anos mais velha morreu, mas ela ainda está viva, mas ta com câncer, não está muito

boa. Mas fora isso, eles foram bem criados, moraram aqui em Santos, sempre estudaram, então foi uma vida de sacrifício para minha sogra, mas graças a Deus, foi... Para que é viúva criar bem os filhos é bem... Foi um sacrifício, mas ela fazia as coisas, ela tinha a vendinha e ela fazia muito crochê. Quando a venda não tinha muito movimento, ela ficava ensinando crochê para a vizinhança, depois ela fazia essa massa de *missô*, não tem *missô*? Conhece comida japonesa? Não! Não conhece nada? Tem... *Missoshiro* que fazia muito nos restaurantes japoneses, tem um caldinho *missô*, *missô* é uma pasta de soja, tem o *shoyo*, não sei se você já ouviu falar em *shoyo*? Aquele liquido... Um tempero japonês, que você come *sashimi*, peixe cru, comida japonesa temperada com isso, que é um molho de soja e o *missô* é uma pasta de soja, aquele feijão né, amassado, cozido. É uma massa de soja tempero mesmo, então a gente faz a sopa e faz o *missoshiro*, caldo de *missô* e então ela fazia isso para vender também na venda, além do arroz e feijão, todas aquelas coisas que se vendem, no empório, naquele tempo; arroz, feijão, milho, aquilo que ela tivesse que vender, vendia. Só que ela vendia também macarrão japonês, vendia essa pasta que ela mesma fazia, comprava saco de soja, assim, cozinhava tudo aquilo, passava na máquina, depois punha em um barril, curtia tudo aquilo com muito sal, ela sabia a quantidade de sal, aí punha um coiso, como é que chama? Um coiso... *Codji*! *Codji* é uma coisa que embolora, que faz um certo bolor que é para durar, que faz aquela fermentação. Então tudo isso daí ela vendia e vinham muitos japoneses todos comprar na venda dela. Quer dizer, ela fez tudo isso aí disso, ela vivia com essas vendas, e foi assim que ela conseguiu que a filha dela estudasse, só estudasse, essa mais velha, estudou só no Escolástica Rosa, formou, foi para São Paulo, estudou mas tudo com o esforço dela. Formou professora, deu aula, depois casou e ficou em São Paulo. Enfim, foi assim, com muito sacrifício, mas conseguiu educar bem os filhos, não era sem comunicação. Mas aí a gente tem que falar, por que eu, pelo menos do meu pai, tenho toda essa recordação boa do meu pai, que foi um homem muito moderno, muito aberto, sabe, meu pai era aquele que muitos japoneses sofreram por causa de dinheiro, querem ir embora... Meu pai já não, depois que ele casou ele formou... Achou que não ia voltar mais, ele fazia tudo, tanto que ele comprou uma casa mais cedo. Na minha casa, antes de eu casar, já tinha muitas coisas modernas, e depois que eu casei também, já tinha tudo que era moderno. Tinha uma enceradeira Eletrolux que era importada, tinha como se diz o aspirador de pó, que era também tudo Eletrolux daqueles importados, hoje é tudo fabricado aqui, antes eram todos importados, tinha uma geladeira americana que eu sempre lembro que era um armário grande assim, a gente apertava com pé assim e a geladeira abria assim, sabe? Tinha umas coisas muito interessantes, meu pai comprou também um secador de roupa que era um armário como se fosse essa porta, você abria e as roupas ficavam penduradas assim, pingava e secava a roupa lá dentro. Imagina, naqueles tempos, tudo isso ai eram coisas... Ele era um homem assim que tinha a cabeça aberta, que gostava de ter todas as coisas modernas sabe, não era só ficar trabalhando, ganhando dinheiro. Ele queria que a gente frequentasse uma festa, bailes que tinha no Atlanta, na época em que meu marido foi diretor tinham muitos bailes, eu ainda era solteira, casei logo depois né! Mas, então havia todas essas festas, que ele gostava que a gente frequentasse, fosse numa igreja, estudasse... Meu pai sempre quis que a gente estudasse, só consegui estudar depois, mesmo assim... Porque foi um período que não deu, fechou escola e a gente tinha período integral na escola brasileira, então tudo isso atrapalhou, fechou a escola, também depois que eu casei tive muitos filhos não deu para estudar japonês, mas eu, de vez em quando, procuro estudar alguma coisa assim

mas é complicado, eu frequento uns meses depois acontece alguma coisa eu paro, depois sabe o que acontece, você não tem convivência aqui, meus vizinhos foram sempre brasileiros, a gente conviveu, convive, tem ajuda lá na Associação, eu frequento lá, uma reunião de senhoras, mas elas são brasileiras meio japonesas, umas são japonesas e não sabem falar o português, outras só falam o português e acabam falando o português comigo, e a gente acaba não falando japonês, mas também o que eu vou fazer, não é falta de vontade! A gente convive ali só falando o português. Meu pai falava só o português com a gente, minha sogra também. Depois minha mãe morreu cedo, tinha só dois anos quando minha mãe morreu, e meu pai casou que tem essa minha irmã, ela é da parte de que? De pai só! Por isso a diferença de cara, que ela é fofinha né, mas acontece que ela também veio do interior e ela só falava português lá, onde ela morava todos os parentes só falavam português, o que acontece? Chegou, ficou falando português e como a gente poderia falar? É diferente dessas famílias que os pais ficam falando japonês, os filhos, quase que até entrarem no Grupo, só falam japonês em casa. Conheço muitas amigas ai que só começaram a falar o português depois que entraram no Grupo, que em casa só falavam japonês, os pais só falavam japonês, em casa foi diferente, meu pai ficava falando português, apesar que a gente tem certos costumes japonês, de comida, meu pai fazia comida, tinha os costumes de comida japonesa, fazia *sashimi*, todas essas coisas ele sempre fez, a gente, tem pessoa que pensa só porque eu falo português que eu não entendo nada dessas coisas, muito pelo contrário, meu pai desde sempre... Ele já foi criado lá no Japão, fazia... Sabia todas essas coisas mesmo, japonesa: *sashimi*, todas essas coisas japonesas ele sempre... Teve esses costumes de comer, mas não é porque a gente só falava português... Tem muita gente japonesa que pensa só porque, que é completamente ignorante que pensa que só porque a gente.... Só come comida brasileira, pelo contrário, sempre comemos comida japonesa. Misturada né, comida japonesa e brasileira.

De que região vieram seus pais?

Meu pai? Quando ele veio para cá, ele saiu do Porto de Kobe, mas morou em... Como se chama? O nome da cidade... Esqueci o nome da cidade, ele era de Okinawa, meu pai era da ilha de Okinawa, por que tinha o arquipélago do Japão, e a ilha de Okinawa é uma coisa minúscula. É assim, você vê uma cobra assim, o Japão, bem na pontinha lá é que é Okinawa, então Okinawa é diferente do japonês mesmo, eles são mais escuros, são mais morenos, são mais queimados. Meu filho, se você ver são mais queimados, meus filhos também, eles são mais morenos, são de olhos mais abertos, tem muitos japoneses de olhos muitos fechadinhos né, são muito branquinhos, e Okinawa não, já são... É um povo assim mais solto, sabe, não são tão... Muito fechado, já são muito... Não sei, parecem mais brasileiros, o povo de Okinawa. Eles são mais alegres, mais expressivos sabe, e até roupas, são mais alegres né, mas isso tudo porque eu acho que puxou da Coréia, da China, como é muito pequeninho tiveram muita mistura, muitas coisas dos povos que vieram de lá, o povo de lá acabou entrando lá, na ilha e, lá em Okinawa, tem muita, não sei quantas, eu acho que mais de cento e poucas ilhas. Okinawa ficou completamente diferente do Japão, até o idioma também era diferente, agora eles tão assim, como se diz, o pessoal de Okinawa estão falando a mesma língua, o mesmo dialeto que o pessoal do Japão mesmo, por que antes era completamente diferente, ele tentava falar, mas não entendia, mas parece que agora é diferente, eles estão falando a

mesma língua, até na escola assim, estão falando a mesma língua do Japão mesmo. Apesar que muitos de Okinawa mesmo, como são muito discriminados, eles querem conservar aquela coisa de Okinawa mesmo, sabe, então tem muitos que estão querendo estudar para conservar, para não se perder, sabe? Essa coisa de Okinawa! Os costumes de Okinawa, os costumes mesmo... Muitas coisas de Okinawa, a alimentação, que... Agora o clima de Okinawa é assim meio Brasil, sabe, não sei aquela linha do Equador, que fica ali naquela linha, então eles tem um clima mais quente, lá eles tem bananeira, lá no Japão não tem, a comida é mais leve; que nem eles têm bananeira, tem frutas tropicais, meio coisa do Brasil mesmo, acho que da linha do Equador que é mais quente, é um lugar mais quente, não é tão frio quanto no Japão. Mas é um povo, em Okinawa, é um povo muito alegre. Meu pai veio de lá, só que meu pai não é bem de lá, ele veio de uma ilhazinha pequenininha mais para cima de Okinawa. Eu fui! Eu estive lá, sabe? Eu estive dois anos atrás, que eu estive lá, eu fui saber na ilha onde meu pai nasceu, por que ele nasceu lá ele veio adolescente ou menor para Naha, que é capital de Okinwa, mas ele estudou ali, por que o lugar que ele veio não havia lugar para estudar, ele veio para Naha, para a capital de Okinawa e ele estudou ali em Naha, por isso que ele veio para cá já alfabetizado, já formado e tudo né, meus pais já vieram alfabetizados né, então talvez eles já tivessem umas idéias mais avançadas lá, eu acho que meio avançada mesmo, pelo que eu... Desde criança a gente sabe que ele tinha aquela coisa de, sabe, de modernidades, aquelas coisas de... Então não era aquele japonês, muitos japoneses que vieram eram rabugentos, rabugento não, digo muito atrasados, me lembro até que meu pai era presidente da Associação de Okinawa, o Atlanta, tinha bailes, a gente ia muito nos bailes, moçada né, e tinha filhos de já nisseis que, alguns filhos de japoneses que nasceram aqui que, os filhos, seriam os netos, que o pai não deixava ir porque o pai achava que quem dançava era vagabundo, para você ver o atraso e meu pai já era o contrário, ele gostava que a gente fosse nas festas, na Igreja, não ia dizer que não pode ir na Igreja ou naquela, não! A gente morava em um sobrado e tinha o porão, meu pai sobre alugava para uma família negra, e foram eles que me levaram para a Igreja, na Rua 7 de Setembro, tinha o Coração de Jesus, que hoje está lá na Ponta da Praia, aquela Igreja Coração de Jesus, tem o Cristo ali, aquilo foi que em 1970, teve uma explosão do gasômetro, não sei se você até sabe dessa história, teve uma explosão do gasômetro, então, na ocasião, era uma igreja era ali na... Tinha um canal, na Rua Pedro Junior, a Igreja era na Constituição, eu acho que abalou um pouco né, então eles, acho que para não cair, não acontecer nada, acho que eles acabaram desmontando a Igreja e levaram aquele... Como que se diz, o coiso do Jesus, que era grande assim, ficava bem no centro da Igreja, levaram lá para aquela Igreja que você pode ver se você for católico, nessa Igreja Coração de Jesus, que é do lado do Escolástica Rosa, sabe, você vê Jesus bem grande, era lá na Igreja Coração de Jesus e ficava bem no meio assim do altar, como eu acho que abalou tudo eles resolveram... Por que o abalo foi tão grande que até eu ouvi o barulho, imagina, daqui até lá longe né, agora meu pai que morava naquela casa deu uma tremedeira lá, quebrou o vidro, aconteceu, tanto que naquela noite, quando aconteceu, era Dia de Reis, alguma coisa, eu tinha feito um jantar, um almoço para meu pai porque sempre quando rompia o ano a gente fazia em casa, mas meu pai como era japonês mais velho, disse que no dia primeiro nunca saia de casa, era costume, então uma semana depois, como era Dia de Reis, fazia um almoço aqui para ela sabe? Meu pai! Justamente eles vieram almoçar, quando chegou a noite voltaram tiveram que voltar porque tremeu toda a casa.

Além do Escolástica Rosa a senhora estudou em mais algum lugar?

Quando eu terminei os estudos aqui, eu fui para São Paulo para o Instituto Profissional Feminino, era ali no Brás, eu não sei se ainda tem essa escola. Era Instituto Profissional Feminino, era... Carlos de Campus! Instituto Profissional Carlos de Campus, era... Continuava fazer o mestrado, aí fazia um exame de admissão para entrar, era um curso de aperfeiçoamento, então lá você se tornava professora de costura. Tinha professora de costura, de bordado... Então a gente fazia a mesma coisa, estudava de manhã e depois a gente fazia a parte prática, então a gente saia daí com o título de professora, poderia dar aula, só que eu não cheguei a dar aula, dei aula um ano só, fui professora ali, mas logo casei, trabalhei um ano só, e quando eu fiquei grávida fiquei muito enjoada, passei o tempo todo muito enjoada e resolvi não trabalhar mais e daí depois que eu ganhei neném, aí depois... Batalhei um ano e meio chegou outro, depois tive outro e aí não, fiquei só criando meus filhos porque além disso meu marido tinha uma vida muito ativa, ficava para lá e para cá, depois eu tinha sogra também que volta e meia ficava com pressão alta, eu tinha que cuidar, muita... Quer dizer, o tempo passou para mim, mas eu nem vi por conta disso, a gente corria muito, tinha que correr muito, era filho atrás de filho; parentes, minha sogra, ela era mais velha, era de São Paulo, os maridos já tinham morrido e tudo, mas tinha os cunhados que qualquer coisa vinham visitar entendeu, Então qualquer coisa que tinha elas vinham visitar, ficavam aqui, era almoço que tinha que fazer, depois era assim: eu tinha minha cunhada também, essa que está doente, o marido dela era festeiro, sabe esses arroz de festa, onde vai carrega todo mundo, ele vinha para cá, era carnaval, finados, tudo quanto era feriado ele vinha para cá, minha cunhada vinha, minha cunhada depois teve filho casou, depois que casou teve cinco filhos, então ele vinha para cá ele trazia sogra, cunhada, não sei o que, vinha o cachorro, trazia todo mundo, vinha assim passar o fim de semana e trazia todo mundo, depois ele gostava de pescar com os amigos, ele não era rico, mas ele tinha fábrica de negocio japonês, sabe? Mas os amigos dele que eram empresários, ricos, então tinham dinheiro, gostavam de pescar e ele acompanhava esses amigos nas pescarias que eram pescarias de gastar dinheiro, que eram todos ricos, compravam... Na época não tinha como agora que você vê tanta coisa, era tudo importado, varas de pescar e não sei o que, sabe, compravam tudo estrangeiro, mas a mulher dele trabalhava muito, apesar que ela era professora, coitada, depois que casou ficou trabalhando como dona de casa, porque o marido era meio folgado, então, tinha uns empregados mas ele não tava nem aí, na casa dele não se comprava nada, diferente de meu pai, não tinha comodidade assim, ela comprou uma maquina de lavar depois que lavou tanta roupa na mão, ela nunca tinha lavado uma roupa, mas minha cunhada apesar de ser assim ela só deixava os filhos estudarem, porque era inteligente minha cunhada, apesar do esforço, só deixaram, já que ela tinha uma cabeça boa, achou melhor ela estudar, porque ela foi estudar em São Paulo também, então ela dava aula antes de casar, aí depois que casou, o marido é um verdadeiro folgado, só pensava em passear, passear assim, era muito bom responsável em certa parte, mas era... Não ligava para a casa, então ela que tinha que cuidar, se esforçar para ter uma roupa na mão, porque não comprava uma máquina, não se preocupava com essas coisas sabe. E ela então lutou bastante sabe, mas ele quando vinha passear era aquilo, ele não estava nem aí, ele trazia tudo, vizinho, sogra, irmã da sogra, cunhada, sogra da irmã dele lá e era uma coisa... Família inteira, eu não tinha nada que ver com a história, trazia tudo aquilo na minha casa. Aí meu Deus do Céu! Mas a gente sempre recebeu bem, eu falo, a

gente atendia todo mundo, mas com cada pessoa a gente aprende muita coisa, eu aprendi muitas coisas, cada um falava uma coisa e a gente aprende tudo, para mim nunca faltou, mas levei uma vida sacrificada pois não é fácil ficar sozinha e trabalhar e ter sete filhos para sustentar, sempre fazia uma coisa assim, quando podia fazia um bico com alguma coisa, vendia isso, vendia aquilo, enfim, fazia alguma coisa. Mas, mas meu cunhado, era muito bom vizinho, mas ele era muito folgado nessa parte viu, como pode, né? Quando vejo aquelas fotografias eu falo: 'mas como é que ele pode?' Gente que conhecia vinha, gente que nem conhecia estava comendo na minha casa e ele não estava nem aí, não perguntava se podia trazer, trazia! Então, eu também recebia as pessoas, sempre recebi as pessoas, nunca fui de fazer cara feia a ninguém, sempre recebi, não ia fazer falta! Mas era muito... Quando a gente lembra acha muito engraçado, como é que esse pessoal fazia as coisas e assim a gente conheceu muitas pessoas. Mas era muito engraçado; tudo que se vive, tudo que a gente passa, a gente só aprende, eu pelo menos só aprendi, nunca fui dessa de ficar sentado, ficar esperando para ter as coisas, sempre me movimentei assim dias e dias, cheia de criançada, ficam os netos os filhos tudo dentro de casa, ficavam uma semana, agora minha cunhada foi sempre... Ela vinha, ela vinha com as duas cunhadas aqui, mas ela trabalhava muito, ela me ajudava muito, fazia almoço, limpava a casa, as outras cunhadas eram tudo folgadas [risos], mas ela mesmo, a minha cunhada de São Paulo, ela que me ajudava a fazer almoço a fazer isso, a fazer as coisas também, mas as outras eram tudo folgadas, meu Deus do Céu, puxou o marido dela também, era folgado era assim mesmo né [risos].

Estudavam outras crianças japonesas no Escolástica Rosa?

Estudava mas eram poucas. Eu tinha uma prima que é da minha idade que morou, na época da Guerra, o pai também foi para São Paulo, então ela ficou, era a mais velha, era também de idade, na época era solteira, também ficou responsável por ela, então ela também terminou a escola comigo, só tinha eu e ela, por que na Guerra não ficou mais ninguém japonesa, ela e eu fiquei por que ficou minha irmã responsável e ela ficou com minha... Prima dela que era responsável, todos os japoneses saíram que tinha na escola, umas três saíram, não ficou mais ninguém, aqui ficou sem japonês, porque não tinha ninguém responsável tinha que ir embora, o pai com a mãe né, então ficou sem japoneses aqui, durante todo aquele tempo, depois que voltaram, no Escolástica Rosa. Mas na época da Guerra eu fiquei em São Paulo estudando, sabe. Justamente na época da guerra eu fiquei lá em São Paulo, minha vida ficou normal, eu tive colegas, três colegas de classe que eram japoneses, mas como elas eram do interior, duas eram de Lins, uma era de Botucatu e tinha uma de São Paulo, não! De São Paulo não tinha! Tinha duas de Lins, uma de Botucatu, tinha outra de... Não me lembro qual cidade, mas elas eram do interior, então elas vieram estudar em São Paulo, então elas ficaram em São Paulo estudando, tiveram que ficar dois anos morando em São Paulo, mas para cá mesmo, quando eu voltei para cá, não tinha assim família japonesa, então foi depois é que começaram a voltar devagar para cá, da família do meu marido ninguém mais voltou, agora algumas famílias vieram, vieram... Voltaram, poucas voltaram, mas depois da Guerra, começou a vir muitos japoneses, até chamavam de Japão novo, porque depois da Guerra muitos resolveram vir para o Brasil, o Japão estava arrasado né, com a bomba atômica todas aquelas coisas, e o Japão tinha perdido, então o pessoal começou a vir para cá, por isso que aqui, na época começou a vir muitos japoneses, alguns que ficaram, começaram a chamar as famílias. Então,

inclusive a família Yamashiro, eles tinham uma doçaria, ali na rua... Não me lembro uma travessa ali, começou a chamar, começou a prosperar muito vendendo doces, doce de padaria sabe, começou a ganhar bem então começou a pagar passagem para os irmãos deles, veio acho que duas irmãs e dois irmãos vieram do Japão, mas já vieram tudo com família, cada um com uma tropa de criança assim. E nessa ocasião meu marido também encaminhou toda essa criançada, colocou nos Grupos para estudar, foi falar com os diretores, com as professoras, acomodar toda essa criançada, muitos que abriram um negocio precisavam ter licença, ver isso e aquilo, para as pessoas. Ele sempre procurou ajudar assim no que pôde, mas depois começou a melhorar né. Mas assim nunca teve um local onde se reunisse a colônia japonesa a não ser no clube, no Atlanta e no Estrela, onde tinha o negócio do futebol sabe, jogo de futebol, e tinha um pessoal lá da Ponta da Praia que se reunia lá, os filhos dos pescadores. Agora aqui no Atlanta mais o pessoal aqui da cidade sabe, Marapé, Campo Grande, e ai eles se reuniam aqui no Atlanta, depois começou a ter jogos de futebol, tênis de mesa, voleibol, aí meus filhos cresceram, ficaram adolescentes, aí eles começaram, a aprender na escola, meu filho ali também ensinava as meninas a jogarem voleibol, o outro meu filho, esse segundo também, morou em São Paulo, gostava muito de tênis de mesa começou a aprender e a ensinar essa meninada, no Atlanta. Era muito bom porque o que aconteceu era que iam as famílias que, na ocasião que meu marido ficou presidente, quando ele era novo, eu também era nova, tinha dezenove, vinte anos, a gente casou e continuaram, então tinham aqueles bailes e aí ia muita moçada, filhos dos nossos amigos, começaram a frequentar muito e começaram a casar entre eles. Então, teve muito casamento na época que foram ali de namorar e conhecer, até hoje são casados, muitos ficaram viúvos, mas tem muitas amigas minha que estão aí com os filhos casando, casados e tudo, que foram todos ali de namorarem, meus filhos então, na época da adolescência frequentaram muito o Atlanta, chegava o domingo, ao invés de andar por aí, ia todo mundo jogar voleibol, jogar coiso e... Praticar esporte lá dentro e conhecer o pessoal ali dentro mesmo, foi muito bom, por isso que eu digo, hoje também a criançada frequenta os clubes e conhece as pessoas... Ta tão perigoso, a moçada... Esse negócio de ficar namorando pela internet, já viu como que fica essas coisas? Namorar pela internet! A Moçada, coitada da mãe que fica procurando o filho. Eu estava falando para minha filha que esteve aqui, lida com muita criança e além de lidar com essas crianças domingo ela vai para São Roque, ela vai todo domingo, ela vai em uma espécie de fazenda, é uma escola, mas é em uma fazenda assim, no meio do mato e tal, e tem umas pessoas limítrofes né. Pessoal que tem um grau de inteligência limitado né, então ela vai trabalhar com essas pessoas, não são crianças, são adultos! São adultos que tem limitações... Tem pessoas de família rica mas que não pode ficar em casa eles colocam lá né, e lá eles tem aula de música, tem aula dessas coisas, que é diferente de quem está em um hospital psiquiátrico, colocam as pessoas também lá, as vezes num ta bom colocam... E é diferente o tratamento. Uma vez saiu, não sei se foi na folha de São Paulo, esse lugar onde minha filha trabalha e aí, ela tem um amigo que é médico psiquiátrico, lá em Minas, que ele é diretor também, na época que ela o conheceu ainda era mocinho, estava estudando, há muitos anos, minha filha ainda era solteira, ele também, se conheceram aí em São Paulo, ele... Hoje ele é diretor, então ela até conversou com ele e apareceu na fotografia dela também, no jornal, a fotografia dela, então ele ligou para ela e falou... Ficou muito entusiasmado porque é outro sistema, é um coiso mais *light* sabe? Trabalha com pessoas assim... Hospital já é diferente né, o tratamento. Então ela disse que ele não falou muito não por que é

outro tratamento, mas disse que os professores lá onde ela trabalha, já que ela conhece muito ele, ele é um rapaz sério né, um rapaz sério, só que ele tem um sistema... Outro sistema né, que ele é médico também, psiquiatra, então queriam convidar ele para falar alguma coisa, disse que o tratamento é diferente, é uma coisa quase que inédita no Brasil, é tudo trabalhado assim bem leve e é muito bom. Um dia eu fui lá, teve uma festa e ela me apresentou para um rapaz: "olha minha noiva, vou passar a lua de mel", e eu pensei que ele estivesse falando sério, é meio militar e fala as coisas assim, parece que tudo é verdadeiro, e não é! Sabe? É muito interessante, e ela trabalha com esse pessoal, tem família rica, disse que a família dele é rica, mora não sei aonde lá no Rio e traz o rapaz para ser internado lá, para ficar nesse lugar. É tudo verde assim, é um lugar... Mas todo domingo ela vai para lá, ela esteve aqui mas foi embora no dia seguinte por que tinha que ir para lá, dez horas tinha que estar lá em São Roque. Por isso que eu digo, cada um gosta das coisas, ela gosta de cuidar de pessoas assim, tanto que ela cuida dessas crianças carentes, é difícil porque as crianças não tem uma boa criação, são filhos de empregados. Tem um rapaz que entrou pequeno, ele agora ta dando aula, veja só, se não tivesse essas aulas aí ele estaria hoje também na rua, tem uma moça que é cozinheira lá na creche, e ele não, como é um rapaz inteligente conseguiu aula de música, é prendado, ele está estudando, ele ta dando aula de música também na escola viu. Então é muito bom esse trabalho, mas, a filha dela também, que só tem vinte e três anos, se formou agora na PUC, já arranjou trabalho, trabalha com rádio TV, alguma coisa assim, ela era muito... Assim... Aquelas de opinião, sabe? Outro dia ela falou assim, nossa minha mãe faz um trabalho que é difícil, não é um trabalho que qualquer um faz, todo mundo admira porque é um trabalho de muita paciência né, apesar que ela tem um jeito tão doido, se ela fala com você ela fala alto, fala e tal, mas ela é assim, quando ela quer uma coisa ela vai atrás das pessoas e consegue, dois patrocínios: "além de eu ter que dar aula, tenho que andar procurando patrocinador". Porque é difícil, se não ela tem que ir lá, em cima das pessoas, falando que o trabalho é assim e assado aí ela arranja patrocínio para viajar e fazer todos esses trabalhos, mas já é dela, já é dela mesmo ficar... Ta sempre dura, ta sempre dura, nunca está assim arrumando um trabalho, é uma coisa que ela gosta, em uma ocasião eu perguntei por que você não vai para o Japão, em uma época em que tinha muita gente indo trabalha, vai ver se ganha alguma coisa a mais né, "imagina se eu vou para o Japão ficar apertando botão de fábrica quando eu posso ensinar tanta criança que precisa". Porque para ela é muito importante ficar ensinado essas coisas, e ela é muito inteligente sabe? Poderia estar ganhando bem, trabalhando em faculdades enormes, ela ta sempre estudando música, sabe? Vive estudando, lê muito, sabe todas as coisas do Japão, tudo ela procura estar sempre estudando, sobre as crianças, sobre os professores e seus métodos, mas já é dela, então é aquela pessoa que não pensa no dinheiro assim, para ela dar aula, tratar, ela se sente feliz assim, desse jeito, cada um... Tem gente que só pensa em querer ganhar, sabe? Ela não, não é esse o objetivo dela. Faz um trabalho bonito, então a filha dela se sente muito orgulhosa, fala com a mãe toda orgulhosa e ela também é assim, é batalhadora, nossa ontem minha filha estava falando 'a Inê esta pensando em se candidatar vereadora'. Ela mesma falou para mim, 'você pensa que para ser vereador é assim, tem que fazer muito trabalho em comunidade'.

A senhora pode falar um pouco mais sobre o período da Guerra?

Então, no tempo da Guerra, no tempo da Guerra, eu vou dizer a verdade para você, eu não tenho muito para contar não, porque quando estourou a Guerra em 1943, não, na época em que eles mandaram os japoneses embora, eu fiquei aqui. Então não tinha japoneses, todos foram, de um dia para o outro eles mandaram embora, os japoneses. Quer dizer, foram com a roupa do corpo, então lá na Ponta da Praia... Aqui na cidade, ficaram só nós, nós éramos aqui. Mas o pessoal que morava na Ponta da Praia, tinham muitas chácaras, elas largaram as chácaras, largaram tudo. Já imaginou você chegar na sua casa e você ter que ir embora amanhã, do jeito que você está! Ninguém teve... Sei lá! Pegar o dinheiro, alguma coisa, ou vender uma máquina, qualquer bens que eles tinham, uma máquina de costura. Mas eu acho que a maioria não tinha casa comprada, era tudo acho que meio alugada assim. Então eles foram, largaram tudo e foram embora com a família toda, nós ficamos, do jeito que nós ficamos e não acontecia nada. Só meu pai e minha mãe que foram para o interior para a casa do... Lá do Igarapava, na divisa de Minas, foram para a casa de uns parentes, a minha madrasta, que eles têm muitos irmãos, já tinha sítio lá, alguma coisa assim, então eles estavam... Alguns já estavam mais ou menos bem então foram para lá. Mas também ficaram, questão acho que de uns dois meses, e já voltaram sabe. Como eu disse, meu pai ficou normal, que aí até acabar... Nesse tempo, passou mais um ano, em quarenta e três eles foram, em quarenta e quatro ainda não acho que estourado a guerra, em quarenta e cinco, não, em quarenta e quatro, quarenta e três... Em quarenta e quatro eu estava aqui em Santos ainda me formei aqui no Escolástica Rosa. Em Quarenta e cinco, acho que em quarenta e cinco e quarenta e seis é que foi a Guerra, porque em quarenta e cinco minha irmã casou, foi no tempo da Guerra, e nisso eu já estava estudando em São Paulo, porque eu me formei em quarenta e quatro, em quarenta e cinco fui para São Paulo e fiquei lá. Então no tempo da Guerra, em quarenta e cinco e quarenta e seis, eu fiquei em São Paulo quando terminou a Guerra. Eu passei esse período da Guerra em São Paulo, tanto que lá não havia assim, por exemplo, a gente morava em uma casa de uns conhecidos e a gente ficava no Acamação. Acamação era um colégio de moças sabe, vindas do interior para aprender costura, aprender japonês, aprender algumas coisas de domésticas, então vinham muitas famílias do interior de São Paulo para ficar nesse colégio que era um colégio onde você aprendia japonês e aprendia costura, coisas de trabalho de mulher, eu queria ficar lá para aprender japonês, só que já estava lotado, meu pai conseguiu ficar na casa de um amigo, que eu ficasse na casa de um amigo, morando lá né enquanto estudava. Aí eu fiquei morando lá durante esse período da Guerra, foi justamente em quarenta e cinco e quarenta e seis. Então o que a gente fazia no mês de junho, naquele frio em São Paulo tinha... Não tinha férias, sabe? Então as padarias não faziam mais pão porque não tinha farinha, então eles fabricavam algum pão, não sei se era mandioca que eles faziam. Então a gente tinha que ficar na fila, cinco horas a gente acordava e ficava na fila, a gente ficava em São Paulo junto com os filhos dessa família, tinha uma moça que estava lá que era parente que estava estudando, ia eu, ela, a outra irmã que também já tinha dezoito, eu tinha dezoito, a outra que também já tinha dezenove e mais um menino, um rapaz de doze anos, para ficar na fila, as cinco horas, aquele frio de junho, um frio que fazia em São Paulo! Ficava todo mundo na fila para cada um receber um pão, não poderia um chegar lá e comprar quantos quisesse, cada um tinha direito a um pão, ou uma bengala. Então o pessoal ficava na fila desde meia noite, ficava todo mundo na fila, muitos que vinham meia noite

ficar na fila e a gente ia para fila às cinco horas para cada um receber um pão. Era o tempo da Guerra! E era aquele pão escuro, mas escuro mesmo, não era escurinho, era bem escuro, não sei do que era, feito com mandioca, com alguma coisa. E a gente passou esse período da Guerra assim, assim... Meu pai depois veio para lá, voltou, mas como eu estava estudando em São Paulo, continuei em São Paulo, mas meu pai ficou aqui em Santos com minha irmã também, mas a minha sogra também voltou de São Paulo, como ela era viúva então ela teve prioridade para voltar, então ela voltou e já ficou na venda dela, aquela vendinha dela, então esse período da Guerra eu fiquei em São Paulo justamente por isso, quando eu me formei voltei, quando acabou a Guerra também, venceram os países do Eixo né, então eu fiquei de 45, é 45, em 45 no dia da Páscoa, no Sábado de Aleluia, minha irmã casou, essa minha irmã que tomava conta da gente, ela estudou na Escola Japonesa, mas quando terminou, com quinze anos parece ou dezesseis, quinze anos, não sei, ela foi trabalhar no Consulado Japonês, que lá tava precisando de moça, que eu acho que já falei para você né, tava precisando de moça para ajudar lá tomar conta das crianças. Então o diretor lá falou com meu pai para ela aperfeiçoar o japonês, que ela tinha saído da Escola Japonesa, ela foi trabalhar lá, foi tomar conta das crianças e ela ficou durante uns seis anos lá no Consulado, ela aprendeu a falar bem aquele japonês melhor, e ficou trabalhando, tomando conta das crianças, ela então com a conselheira geralmente tinha essa parte social, geralmente atendia as visitas, a minha filha saia com as crianças para fazer compras... Então, isso antes da Guerra, estourou a Guerra e fechou o Consulado, aí fechou o consulado japonês e a minha filha (irmã) nessa ocasião já tinha vinte e um anos e ficou responsável por nós e o consulado fechou, mas o Consulado, a Consulesa queria levá-la para o Japão porque as crianças se acostumaram muito com ela, tinham uns seis sete anos por aí, mas como ela tinha ficado noiva ela não quis ir. Então, quer dizer, acabou Consulado, a Consulesa foi embora e ela ficou em casa tomando conta da gente e foi bom porque a gente pôde continuar na escola e ela ficou responsável. Aí meu pai voltou, isso logo no dia da Páscoa, no Sábado de Aleluia ela se casou, tanto que na fotografia que aparece ele sozinho foi no dia seguinte do meu casamento e, teve o casamento, aí, foi até no hotel Oshio, naquele tempo tinha o hotel Oshio ali na Rua Brás Cubas, foi um hotel japonês em que meu cunhado, tio do meu cunhado era o dono não do prédio, dono do hotel, lá o coiso físico do hotel, era alugado e lá fazia o hotel japonês, recebia muitos japoneses e ele como tinha assim aquele instinto de japonês, na parte de baixo fez um jardinzinho no saguão, uma lagoazinha assim e depois fez um jardim japonês bem bonito sabe lá em cima, e depois o meu casamento foi lá em cima, porque lá no hotel tinha quatro andares e tinha o elevador, lá em cima no teto tinha um corredor comprido e lá no fundo tinha um salão enorme lá em cima sabe, era um salão enorme, então lá é que a gente fazia as festas, o meu casamento foi lá em cima! Foi recebido *buffet* lá em cima, isso fizeram assim no canto uma cerejeira, sabe cerejeira japonesa, mas foi tudo feito de papel, as folhas foram todas feitas de papel, ficou muito bonito, tinha fotografia mas eu não sei o que aconteceu não saiu nada, os presentes e tudo que a gente filmou, não sei o que aconteceu, o rapaz que tirou fotografia eu não sei se queimou, eu sei que tudo que foi tirado ali dentro não saiu. Sabe uma mesa cheia de presentes e aquela arvore cerejeira tão bonita também não saiu. Mas aí meu pai já tinha voltado. Aliais eu tava falando do casamento dessa cerejeira, mas o da minha irmã, o casamento foi lá também tudo de ipê e também foi bonito. Um ano depois casou, foi embora, meu pai ficou tomando... Bom, depois daquilo passaram... Foi no começo da Guerra, aí passaram todo aquele tempo, eu me formei, voltei para Santos depois

de dois anos aí eu cheguei a trabalhar até... Acho que dois anos eu trabalhei em uma escola profissional, mas depois eu já casei, aliais, eu trabalhei um ano e casei no ano seguinte, como eu fiquei grávida depois de uma ano aí eu não fui, acabei ficando muito enjoada, aí foi aquela vida de casada, de filho, um filho atrás do outro e meu marido também com todo aquele trabalho de presidente, ele tinha o trabalho dele de presidente, diretor da Cooperativa de Banana aqui na cidade, depois mais tarde, depois de 1963 é que ele foi eleito vereador mas nesse ínterim todo, ele trabalhava como diretor da Cooperativa de Banana ali na cidade, na Rua 15 de Novembro, trabalhou muitos anos ali. Depois de eleito, foi nessa altura que eu tinha seis filhos, aliais eu estava com sete filhos, em 53 eu já tinha sete filhos, foi no meio de outubro, em agosto eu já tinha ganho essa minha última filha. Era aquela luta, criar filho, político e minha sogra já mais velha com pressão alta, foi uma luta! Foi uma luta, mas passou graças a Deus. Eu nunca fiquei doente, sempre tive uma saúde boa, quando a gente pensa é que fica doente, não pode nem pensar em ficar doente, nem tinha tempo para ficar doente viu, ficava mas ficava um dois dias no hospital e depois voltava e a gente levou uma vida assim, tanto que quando a vida ficou mais devagar ficou mais doente, quando se corre não da nem para pensar em dor de cabeça, mas foi uma época boa de muito trabalho, foi uma época boa e eu não tenho uma lembrança... Trabalhei assim, mas teve coisas assim engraçadas, sabe, que a gente vê como a gente trabalhou e não sentiu, foi uma vida muito corrida né.

A senhora comentou sobre a Escola Japonesa, pode comentar um pouco mais a respeito?

A Escola Japonesa foi assim: quando eu tinha oito, em 1938, eu entrei na escola japonesa, já tinha essa Escola Japonesa, até que minha irmã que é oito anos mais velha do que eu, ela já tinha se formado, ela então começou a trabalhar no Consulado que lá eles estavam precisando de moça, então justamente o diretor mandou, falou para meu pai deixar minha irmã trabalhar lá que era bom para ela aperfeiçoar o japonês, foi muito bom que ela aprendeu a falar bem o japonês mais fino, mais educado. Então, ela foi lá acho que em 37 quando ela deve ter se formado, porque em 38 eu entrei, aí o que acontece? Como eu tinha nove anos, entrei com nove anos, no começo eu fiquei, aí veio essa ordem de São Paulo que não podia frequentar escola estrangeira, porque crianças que tinham menos de nove anos não podiam frequentar escola estrangeira. Aí eu e mais um teve que sair porque tinha menos de dez anos, aí eu sai, se tivessem falado isso no fim do ano, eu poderia frequentar porque eu teria feito já dez anos, mas como minha colega já tinham feito dez anos no começo do ano, em janeiro então ela continuou, fez o coiso, porque depois fechou a escola, para mim não, como eu não freqüentei aquele ano e nem tava certo o ano seguinte, eu fui para o terceiro ano, e o horário já era diferente, meu horário foi que quando eu estava na Escola Japonesa eu entrava as oito e saia as onze, depois eu voltava para casa e entrava ali no Barnabé, sabe ali perto da polícia, então, minha escola era lá, entrava as duas e saia as cinco. Então dava certo, agora antes, no ano seguinte, quando eu passei para o terceiro ano, eu entrava as onze e saia as duas, então não ia dar certo o horário com a escola, não sei como é ia fazer porque nem a tarde daria também né, saia as duas, até chegar em casa já eram mais de duas e meia, então não sei como é que ia ficar, eu sei que eu tive que sair aquele ano e não continuei, porque eu fiz terceiro e quarto ano naquele horário e não retornei para a Escola Japonesa. Aí quando eu tirei o diploma

do outro no ano seguinte, em 1940, sai do grupo em quarenta, aí no seguinte, em 41, eu fiz exame de admissão no Escolástica Rosa daí eu entrei, aí eu fiquei quatro anos no Escolástica Rosa até me formar em 44, só que o período lá era período integral, só no ultimo que teve uma nova reforma, aí eu acho que eles precisavam não sei se de classe, uma nova reforma do governo que ao invés da gente ficar período integral, o que eles fizeram, a gente tinha que entrar as sete e meia e sair as onze e meia, nesse período de sete e meia as onze e meia a gente tinha que fazer tudo que fazia durante o tempo antes, das oito as onze estudava e uma as cinco fazia parte prática, aí o que a gente teve reduziu, ficamos estudando das sete e meia até as nove e meia estudava, depois tinha um intervalo e depois a gente fazia aula prática não sei se das dez até as onze meia ou das nove e meia até as onze e meia. Para você ver, reduziu tanto no ultimo ano, ficou reduzido a isso, porque precisava de classe parece, enfim, não sei o que aconteceu, sei que foi horrível para nós, porque reduziu todo tempo da gente, só que a gente terminou assim, o ultimo ano foi assim, pouco aproveitado porque imagine fazer o que fazia o dia inteiro em meio dia, era sete e meia e a gente tinha que sair antes das sete de casa, tinha que acordar seis e pouco, até chegar em casa era mais de meio dia, porque era lá na Ponta da Praia e eu morava aqui, na Rua Chile, onde meu pai morava, uma rua ali do lado, eu morava ali, nós morávamos ali, então foi meio complicado, mas aí não... Fechou a Escola, depois, eu acho que em 39 fechou a Escola, não sei se foi no ano seguinte ou no outro ano, fecharam a Escola, tanto que depois, só agora, faz dois anos, na casa, agora que eles estão tentando fazer um centro cultural, com escrituraria, prever varias coisas, vamos ver se vão conseguir né, como foi o ano da Imigração, foi com muito entusiasmo, porque foi a imigração e todo mundo tava se envolvendo agora daqui para frente, não sei se como vai ser, se vai ser com o mesmo entusiasmo, vamos ver se devagar o pessoal fica sabendo que tem uma escola, sabendo que lá estão ensinando cultura japonesa, *ikebana*, aula de *kendo*, aula de... Aquela luta de espada, todas essas coisas estão querendo colocar, já estão começando eu acho. Então se continuar talvez seja interessante, por muito que, mesmo que não sejam japoneses mesmo, vão aprender lá muitas coisas, por que são mestiços assim, meus filhos pelo menos são todos mestiços, tanto que ninguém se interessou, porque também moram em São Paulo, só o meu filho e meu neto mais velho, ele faz... Ele ta na USP fazendo, como que chama... Fazendo administração durante o dia, mas acontece que ele passou para a noite da administração por que durante o dia ele está trabalhando em um banco. Então ele quer fazer essa parte prática e ao mesmo tempo trabalhar. Isso é bom! E ele antes também já tinha ido no sábado... chega o sábado ele já vai na Aliança Japonesa, lá no *Bunkio*, no Centro Cultural Japonês, ele estuda japonês, ele está estudando aí, sábado ele estuda japonês, durante a semana ele estuda e está trabalhando no banco e a noite ele vai estudar na USP, já falei, precisa arranjar um tempo para namorar, também não vai ficar só trabalho, aquela coisa de ficar só estudando e trabalhando. Desde pequeno ele sempre foi muito responsável, quando ele tinha uns onze ou doze anos, ele tem uns irmãos mais novos, e um dia eu estava lá, eu não sei o que eu fui fazer lá, chegaram lá da escola, jogaram as malas e ligaram a televisão, ele chegou, já tinha uns doze ou treze anos, eu falei assim: “vocês já fizeram a lição?” Os dois menores largaram a televisão foram pegar lá para estudar, ele tinha doze anos e já falava assim sou muito responsável, e até hoje é todo responsável, foi procurar trabalho lá de trabalhar no banco e disse que foi muito puxado, ficava de manhã até a tarde no banco, tinha muita coisa pra estudar e a noite ele estudava, mas aí não sobrava muito tempo para estudar em casa, aí eu

não sei como que ele fez lá que agora ele trabalha menos no banco, mesmo assim diz que ele é muito responsável no que ele está fazendo, não é uma coisa qualquer, mas é menos tempo para ele ter tempo de estudar para depois ir a noite para faculdade, então ele é muito responsável.

Tem mais algum episódio marcante que a senhora gostaria de comentar?

Tive uma vida normal, foi muito corrido, mas sem muito... Meus filhos também estudaram, mais tarde que foi o meu marido que ficou doente, mas depois de que? Depois de aposentado, já estava aposentado em 1992, foi a ultima eleição, ele até tinha se aposentado, mas aí chamaram para... la ter uma nova eleição para prefeito e aí convidaram ele para ser o vice prefeito para o Cacione e ele já tinha se aposentado da política, mas acharam que ele se candidatando aí ajudar também, aí vieram falar comigo, se eu gostasse, já foi a muito tempo né, nossa! Mas como eles vieram com os amigos aí vieram falar se podia, não ia ser coisa muito complicada para ele, só ia dar o nome para ser candidato e para dar mais o apoio também, porque ele já era conhecido, talvez ajudasse na campanha para o Cacione ser prefeito, e o Cacione nem era do partido dele.

Em sua opinião, qual a importância desse trabalho para a comunidade japonesa e para a História de Santos?

Eu acho que é importante porque a gente não pode perder as raízes. Então voltar, como agora, por exemplo, voltando a Escola Japonesa, naturalmente vai conservar um pouco daquilo, porque se não existisse, se não voltasse, eles ficariam muito dispersados, porque aqui em Santos, toda essa parte de colônia japonesa, tinha o presidente ali, ele tava sozinho ali, fazendo reunião na casa dele, a gente tinha uma reunião das senhoras na casa dela, uma coisa muito... Então não tem aquela união e as pessoas não ficam sabendo de quase nada. E agora com essa retomada da Escola, eu acho que vai ser tudo que acontece com a comunidade japonesa vai acontecer aí. Então isso eu acho que faz com que a pessoa, as famílias japonesas tenham um centro de concentração aí e podem, qualquer evento, estarem chamando mais pessoas, se unindo mais e pelo menos procurar conservar. Não vai ser fácil, porque aqui em Santos e memória é muito... Já ficou assim por esse motivo de não ter uma escola japonesa, não ter um centro cultural mesmo por causa dessa época, dessa tomada, porque os militares eles pegaram a escola, por que os italianos e alemães há muito tempo que foi devolvido e a única coisa que ficou presa foi a Escola Japonesa, que só agora, desde quando: 39, então era uma coisa que deu todo um atraso, por isso que acabou dispersando muito. Então, não tinha aquela união de japoneses, tanto que até o hoje o pessoal ta meio... Agora que eu acho que estão procurando mais se unir, toda vez que ocorre um evento lá, então estão chamando, convidando. Mas eu acho que ainda vai demorar um pouco, mas acho que mesmo não vai ser fácil porque também, você sabe que, como aconteceu com meus filhos, eles vão se misturando, casando com outras raças né. Então isso tudo vai acontecendo normal, com todas as famílias que eu acho que é pouco, mesmo com muitos japoneses que vieram do Japão depois da Segunda Guerra. Agora depois da Guerra, muitos filhos são japoneses e casaram com brasileiras, não que seja os meus filhos que são assim, muitos japoneses, mesmo os filhos casaram com brasileiras. Então não vai dizer que ficaram preocupados, acontece né, aconteceu, você vive e convive, conviveram com... Casaram com quem conviveram

de perto, ou estudando ou trabalhando, conheceram vivendo. Não teve que escolher "eu vou casar só com japonesa ou só com brasileira", tudo acontece assim normal, e como hoje com trabalho, o mundo todo trabalha em qualquer lugar, se é japonês *nissei* ou o que seja, brasileiro, japonês, preto ou branco, a família também tem... A minha sobrinha, por exemplo, é casada com um rapaz que é descendente de negros. Por quê? Onde ela trabalhava era recepcionista, no Hospital das Clínicas, trabalhou muitos anos ali e ela convivia com um rapaz que era engenheiro formado, mas era um negro, mas aquela convivência de sempre estarem em contato, ela era recepcionista, mas entraram em contato por algum motivo acabou namorando e casando meio assim sem o pai saber, porque ela já casou meio tarde, nunca namorou, não era uma moça namoradeira, só vivia trabalhando, mas pelo jeito que aconteceu casou agora, faz uns seis ou oitos anos trás, Tanto que quando foi falar para o pai que queria casar e o rapaz era negro, subiu pelas paredes, apesar que ele tinha amigos negros, mas na hora que foi casar a filha dele, que nem era filha, era filha de criação sabe, ele não tem filho, minha cunhada né, e não tinha filhos e criou essa menina, que é justamente a minha sobrinha que é essa que tomou conta da gente, casou teve seis filhos e o sétimo morreu de parto. Então minha cunhada que não tinha filho acabou criando essa menina, justamente agora que ela já estava com quarenta anos, tinha namorado, trabalhava em São Paulo e de repente ela chega e fala que vai casar e fala para o pai que era negro, é descendente, a mãe e o pai são negros, um rapaz engenheiro... Mas o pai subiu pelas paredes, porque ele tinha muitos amigos que eram negros, mas na hora de casar não queria admitir. Tanto que minha cunhada ficou meio chateada porque ele nem tava muito... Ficou nervoso, mas ela sempre foi uma moça ajuizada, se ela já tem essa idade, se ela escolheu ele, é porque ela sabe com quem estava casando, ela não tem quinze anos, não é um qualquer que de repente caiu na frente dela e ela ta casando, se ela quer casar, é porque ela realmente sabe quem ele é, já viu o caráter do rapaz, ela com essa idade já conhece mais as pessoas, então eu acho que não tem nada de mais, mas ele não admitia, mas enfim, casou, ele é um bom rapaz, vão ser feliz enquanto puder, agora se não der certo, não deu certo! Como você pode garantir alguma coisa? Tem pessoas que casaram há quarenta anos e terminaram, pessoas aí casando em um ano e se divorciando, não tem nada! Esse meu filho aí morou nos Estados Unidos antes de entrar na faculdade, com um moço da *American Filds*, ele ficou morando um ano nos Estados Unidos. O pai era maestro, eles tinham cinco filhos, realmente era tudo na idade dos meus filhos então era uma família que deu certo, tinha um jeito humano que deu certo, e eram todos da mesma idade que meus filhos e ele foi morar lá e se deu muito bem, porque ele é muito dado sabe, faz amizade fácil. Então o pai também era um americano muito dado, chegava e abraçava você e tal.

A senhora poderia explicar as fotografias:

Essa aqui é de 1933 (Imagem 52), quanto tempo né, eu tinha quatro anos, minha irmã tinha uns doze anos.

Quem era sua irmã?

Minha irmã era essa daqui.

Ela se formou na escola?

Sim, quando eu entrei ela já tinha se formado.

Quanto tempo ela estudou na escola?

Quatro anos, em 38 ela já tinha saído, porque ela era oito anos mais velha do que eu.

Além da sua irmã, você conhece mais alguém dessa fotografia?

Tem! Essa aqui era prima do meu marido. Essa aqui é minha cunhada, irmã do meu marido. Essa aqui era minha madrinha, Terezinha. Essa aqui era outra amiga nossa, essas eu conheci depois. Todas essas aqui eu conheci, agora essas aqui de baixo eu não conheci, essa aqui era japonesa mesmo sabe, ela tinha vindo do Japão, ela era muito amiga da minha irmã, ela era muito inteligente, no Liceu Feminino disse que era só primeiro lugar, as melhores notas era dela, e ela era japonesa viu, agora essas daqui eu não sei, eu não conheci. Esse aqui era o Arakaki Sensei, o professor, essa aqui era Dona Aninha e era professora de português, e por muitos anos ela também deu aula aqui

(Trocando de fotografia – Imagem 71)

Essa aqui era Dona Aninha. Essa daqui foi nossa professora, pelo menos durante meio ano ela foi minha professora, era professora do Morigushi Sensei, ele parece que não dava aula, era mais relações públicas. Este casal aqui era o Cônsul japonês, eu não sei se foi o primeiro cônsul aqui viu, na época era Nankio San, depois que eles saíram, é que veio o outro cônsul, que minha irmã foi trabalhar com esse outro cônsul, que eles precisam de uma moça para trabalhar, que tomasse conta de criança, o cônsul foi falar com a escola e meu pai foi... O professor foi falar com meu pai que era bom ela trabalhar lá para aprender o japonês, enfim, para melhorar o japonês, ela trabalhou lá durante seis anos. Durante esses seis anos que ela trabalhou, aí veio a Guerra, aí fechou o consulado, A consulesa queria levar ela para o Japão, mas como ela estava noiva, ela resolveu casar, também se tivesse ido, com a Guerra, fechou tudo, fechou escola, talvez nem teria voltado mais, teria ficado por lá. Isso foi em 1936.

Muito obrigado pela sua participação.

Agradeço a visita.

2° Entrevista

Olá, boa tarde! Em que ano que a Senhora entrou na Escola Japonesa?

Foi em 1938, em 1938 eu entrei, aí eu fazia das oito até as onze, eu morava aqui, eu não sei se você sabe aqui na Campos Melo no final, ali onde tem o Mercado Municipal, onde tem um canal assim, então aquele canal, quando termina o canal, tem uma Rua Chile que era encostada lá no paredão do armazém, lá no fundo da Rua Chile, eu morava ali. Eu saia dali a pé, bom naquele tempo não era tão perigoso, eu aí dali seguindo o canal e ai até a Senador Feijó a pé, quando chegava na Senador Feijó, que era Senador Feijó com Rangel Pestana, ali eu tomava um ônibus, um ônibus não, um bonde, das sete e o bonde seguia até onde... O Teatro Municipal, ali perto, descia mais ou menos por ali e atravessava o canal, tinha uma ponte para atravessar o canal e fazia umas curvas ali a pé e entrava ali naquela Rua Paraná. Eu falei 'como é que a gente tão pequeno conseguia andar tudo aquilo a pé sozinha né'. Sozinha! Nunca fui com ninguém! Não lembro se na primeira vez fui com minha irmã ou minha mãe, não lembro! Meu pai também sempre estava viajando, eu acho que minha irmã que deve ter me levado, eu não lembro, eu sei que deve ter levado uma ou outra vez, depois disso nunca me lembro, eu sempre fui a pé, e a gente... Outro dia eu tava comentando como que eu vinha lá daqueles cantos a pé da cidade, pegava um bonde, ainda tinha que atravessar aquela ponte, a Paraná é pra lá ainda, eu não sei né, aquele tempo acho que não era perigoso. Hoje, imagina, o transito, nem eu consigo quase atravessar essa avenida [risos]. Então, mas aí eu fiquei... Estudei assim meio ano passando depois das férias, logo depois, veio essa ordem de São Paulo que as crianças com menos de dez anos não poderiam frequentar escolas estrangeiras. Aí eu saí, eu e mais um, se não me engano acho que primo da Tereza, saiu... Você entrevistou aquela moça que estava ao meu lado?

Não! Ela não quis ser entrevistada. Conversei com ela pelo telefone...

Bom ela também, como a família dela era japonesa, então ela já fala japonês, os pais dela falava japonês, tanto que na época eu me lembro que ela já falava japonês, só que ela tinha minha idade só que ela diz... Aliais, eu acho que ela é até mais nova do que eu, ela agora estava conversando comigo, que depois daquele tempo eu só a vi depois que ela estava com cabelo branco. Aí ela falou que não saiu, ela disse que se escondeu, quer dizer que depois daquela vez ela nunca mais entrou na escola, o dia que nós fomos foi eu que telefonei para ela e falei 'olha você não quer ir lá por que você andou né', e a Tazuko, que me telefonou, como é o sobrinho dela é o Sadao, aquele que é vereador, naturalmente convidaram logo ela para... E o pai dela foi o primeiro acho que foi o primeiro presidente da sociedade japonesa, se não me engano. Então provavelmente a família dela estava mais conhecida ali, então chamaram, disseram que iam entrevistar, que tinha um repórter do Japão que ia falar sobre a Escola Japonesa, aí ela telefonou vendo se eu não queria ir, por ela também falou 'ai eu não lembro de nada, de repente perguntam alguma coisa e você de repente lembra', eu disse 'eu também não lembro de nada!' e ela fez dois anos. Mas eu pensei que era um repórter só que estava lá, não sabia que tinha todo aquele pessoal, eu fui lá só para falar olha é isso aí que eu vou falar para você, de repente a gente vê aquele pessoal todo de São Paulo, vem de

Brasília, do Japão, aí eu falei assim 'meu Deus, se falarem japonês comigo eu não entendo nada', quer dizer, a gente pesca alguma coisa, palavras assim mas não dá para entender, é complicado. Mas então, eu fui, aí eu aproveitei para ligar para ela, como ela também ando lá, ela já falava japonês, quem sabe ela tenha mais algo para dizer, como ela não saiu, ela tinha me dito que ela não saiu, então ela fez, não sei se terminou, mais dois anos, mas eu não sei porque ela não quis dar entrevista, ela teria mais coisa para dizer do que eu né, porque quando ela chegou na escola, desde aquela vez nunca mais tinha voltado, eu já fui muitas vezes nessa escola. Com esse negocio de imigração eu já fui diversas vezes lá. Mas então só tinha eu e a Tereza para contar da Escola Japonesa.

E quantos anos a senhora tinha quando...

Eu tinha nove anos, porque foi em 1938, eu estava no segundo ano do Grupo que eu entrei em 1937, eu entrei no Grupo Barnabé, meu primeiro ano. Aquele eu estava no segundo ano aí eu entrava as duas e saia as cinco, e a Escola Japonesa eu entrava as oito e saia às onze. Então eu ia para a Escola e voltava e almoçava e depois eu ia para o Barnabé. Mas o que eu fiquei... fiz meio ano, tinha o primeiro livro, tinha entrado no segundo, que era por livros que a gente estudava, quando terminou aquela *katakana*, letra japonesa que você escreve português e sabe as letras, o *hiragana* já é mais... Um pouquinho mais difícil, praticamente é o que se usa mais em viagem. Então eu comecei um pouquinho aquele livro, mas só um pouquinho, depois parei. O que eu sei alguma coisa que eu lembro assim das palavras não é nada da Escola não, é porque eu tentei estudar assim depois que eu terminei o Escolástica Rosa eu fui para São Paulo e fiz o Instituto Profissional Feminino, eram dois anos, tipo um aperfeiçoamento para se formar professora em corte e costura, bordado; mas também era assim, era tipo um período integral, você estudava de manhã e depois tinha um período de oficina. Então nesse período quando tinha... Antigamente a gente fazia exame de seleção para entrar lá, chegava lá tinha aluna de Marilia, Botucatu, o interior de São Paulo, que também ia fazer exame e entrar. Então, alguns dias, tipo essas janelinhas que não tinha aula, alguns dias não tinha aula, eu tentei estudar japonês mas era longe, eu morava ali na Rua Votorantin, perto do Mercado, era uma rua pequena que atravessava a Senador Queirós, sabe? A Senador Queirós era uma avenida grande sabe? A rua era uma rua pequena, eu morava aí com uma família, dos Miadaira, dos Miadaira não, Finjo! A senhora, a mãe, que era Miadaira que era da primeira imigração, os pais dela são da primeira imigração, vieram com meu pai, e ela casou com o senhor chamado Finjo, então eu fiquei morando com o meu pai e o amigo dele, aliais quando eu fui para lá estudar, eu queria ficar não na casa da família, porque eu nunca gostei de ficar na casa dos outros, eu queria ficar em uma escola que lá tinha aula Kama que era assim escola que havia muitas moças do interior para estudar japonês, aprender doméstica, costurar, fazer coisas, falar; então tinha... E essa escola quando eu fui já estava lotada sabe, aí eu não pude ficar lá, então meu pai falou com esse senhor que era amigo dele já se eu não podia ficar lá, aí eu fiquei lá fiquei morando lá durante os dois anos que eu fiquei, depois eu fiquei de ir no outro ano para lá, mas ficou complicado e justamente, justamente eu tentei fazer aula de japonês, mas aí era na Rua... Tinha a Rua... Eu morava na Rua Votorantin perto do Mercado, eu ia pegar... Não era escolinha, era lá na Praça São Joaquim, Você vai a São Paulo? Na época tinha até um colégio Anglo Americano, alguma coisa assim, tinha cursinho, só sei que eu ia fazer cursinho em São Paulo e ia estudar com uma amiga minha. Mas

tinha essa rua, é uma travessa da Liberdade, aí eu tinha que subir ali no Mercado, ali no Mercado Municipal tinha pegar um ônibus e subir uma ladeira, Porto Real, era uma ladeira assim, ia até a Praça João Mendes, tinha a Praça da Sé e depois tinha a Praça João Mendes, eu descia ali e depois tinha que tomar outro bonde, e na época não tinha ônibus, era só bonde, eu pegava um bonde que ia pela Rua Liberdade, que era comprida, essa Avenida Liberdade, bem comprida! Aí descia na São Joaquim, hoje tem metrô, pegava aqui descia já na porta, aí descia nessa Rua São Joaquim, descia uma ladeira ali para chegar a uma casa, era uma casa, uma casinha lá, uma sobradinho, no fundo tinha um quartinho de empregada, nesse tinha uma japonesa que dava aula de japonês, ela morava tipo em um quartinho de empregada, era tempo da Guerra, em 1945, o marido dela estava preso lá no Navio Raul Soares, na época parece que tinham presos políticos lá, então o marido dela estava preso lá e ela para sobreviver ficou dando aula de japonês, e tinha uma filha também de oito anos. Então naquele quartinho lá que ela dava... Só que ela não falava nada de japonês e nada de português [risos], eu pegava o dicionário que era português-japonês, eu ficava copiando ali o que estava escrito nas frases e tentava traduzir assim com o dicionário japonês traduzir [risos], mas não dava muito certo, eu traduzia à minha moda, mas para ela ficava muito complicado, mas depois eu não sei o que aconteceu, se teve que sair de lá, era tempo de Guerra, era muito complicado, mas eu fiquei um tempo lá, então... Depois disso eu saí, saí depois eu tirei o diploma lá da escola, aí eu vim para Santos, fiquei um ano aí, depois de formada, tentei fazer um cursinho de pintura, fiz lá no Escolástica Rosa mesmo, mas era uma aula a parte assim, uma professora que dava aula, mas não era um curso assim , coisa muito oficial. Bom, enfim, eu fiquei só naquele tempo, um ano e nesse ínterim depois eu fiquei trabalhando também, eu fiquei de substituta em uma escola, na Casa do Senhor, não sei, ali na Conselheiro Nébias, fiquei trabalhando, tinha uma professora que ficou doente, aliais era até uma freira, a escola era dirigida por freiras, parece. Eu fiquei substituindo enquanto ela estava doente porque... Até o fim do ano, depois no ano seguinte eu fui trabalhar em uma outra casa ali, na escola, e também era dirigida por freiras, fiquei um ano, mas nesse ano mesmo eu casei, então eu parei né, nunca deu, eu estava sempre... Aí eu fiquei estudando, aliais trabalhei durante um ano e nesse ínterim, nesse ano mesmo eu me casei, aí eu saí, depois eu fiquei grávida, fiquei só em uma escola e aí só fiquei pelos meus filhos, então eu já não tive mais tempo, tive oito filhos [risos], aí foi um atrás do outro, e nem tive tempo, depois o meu marido também era muito atarefado, ele era... Bom, bem mais tarde, como ele foi ligado a ajudar assim os japoneses então ele era muito do esporte, ligado ao esporte, tinha muitos contatos com o pessoal da Prefeitura, do esporte, e ajudava muito os japoneses né e também ficou presidente do clube do Atlanta, ficou vinte e cinco anos presidente e ficou por muitos anos, ficou quinze anos depois foi e voltou, foi e voltou, entende? Depois eu sei que se candidatou, nisso já foi em 1963 quando ele se candidatou da primeira vez, eu já tinha sete filhos, quando ele se candidatou e foi eleito pela primeira vez, eu já estava com minha filha, a minha caçula que está com... Nasceu em 1963, foi a primeira vez que ele se candidatou e ele entrou e para mim foi uma luta, porque eu sempre tive muitos filhos, depois tinha a sogra, minha sogra volta e meia estava doente, doente não, tinha a pressão alta, então tinha que ter cuidados com a alimentação de vez em quando, tinha uns ‘piripaques’ de vez em quando e ela me ajudou bastante, mas ao mesmo tempo tinha uns cuidados com ela porque não tinha tempo de ficar vendo o que estava acontecendo, já tinha uma vida pública aí na rua, mesmo sem antes de ser prefeito, antes de ser vereador, ele já tinha uma vida muito agitada aí fora. Aí

ele, depois quando ele foi eleito ficou trabalhando direto, ajudava muito os japoneses, muito os brasileiros, sempre ajudou muito, os votos que ele tinha não era só japonês, tinha muitos votos brasileiros, que ele era muito conhecido no meio esportivo, era uma pessoa boa assim, então as pessoas gostavam, era uma pessoa certa, correta né, por isso que ele foi eleito tantas vezes, ficou vinte e nove anos viu! Durante vinte e nove anos ele foi vereador, quando ele se aposentou, falou 'chega disso aí', aí resolveram... O Vicente Cascione resolveu se candidatar para prefeito, não sei porque, ele nem era político, não sei porque ele resolveu, coisa de político, ele nunca foi político, Vicente Cascione, naquela ocasião resolveu ser candidato, não sei se queria fazer páreo com... Páreo não, acho que a Telma era a candidata do PT, acho que era alguma coisa, eu sei que a Telma era candidata sim, aí convidaram... Vieram convidar meu marido para ser o vice porque era bastante conhecido então sempre puxavam uns votos mesmo, até da colônia, apesar que ele já era aposentado da política, quando ele aposentou em 1965, não sei, pêra aí! Ele fez vinte e nove anos, parou, não foi mais, como é que se diz, não foi mais candidato para vereador, tinha parado, aí o Vicente Cascione foi lá com um grupo, depois resolveram convidar o meu marido para ser o vice, eu também nem gostei porque já chegava, ele tava tanto tempo ali, mas como ele era de ajudar alguma coisa, enfim, foi! Até, apesar dele estar sempre em ultimo lugar, no final ele e a Telma ficaram assim viu [gestos de equiparação]. Não sei se você lembra, acho que não lembra, já faz... Faz quinze anos que meu marido morreu, então acho que faz uns dezoito anos, já faz uns dezoito anos, mais! Acho que foi mais, não lembro, ele se aposentou, no ano seguinte ele morreu, ele foi candidato, depois o vice, e o Vicente Cascione perdeu por... A Telma teve cento e não sei quanto, não distanciou muito, mas não foi muito grande não a diferença porque o Cascione estava em ultimo lugar, no final ele passou e ficou ele e a Telma assim lutando e no final, bem aí meu marido saiu, depois já não ficou... Ficou com a diabete, tentou operar e tal, enfim, não deu. Mas aí, o que eu digo, eu não consegui estudar mais japonês. Consegui, há uns anos atrás eu tentei estudar com a professora particular, também com uma turma de umas dez pessoas, tentei estudar japonês à noite, mas isso já faz uns acho que oito anos atrás se não me engano, é uma turminha assim que... Aí eu tentei estudar lá, ela era professora mesmo, ela dava aula de japonês, ela foi para a USP, fez japonês lá na USP, então ela dava aula particular, aliais nós tínhamos uma aula lá em uma escola de espanhol aqui na... Canal quatro para lá, ela alugou uma sala lá da escola e dava aula lá, nós éramos acho que uns dez alunos, tinha um rapaz que trabalhava na COSIPA e que ia para o Japão, ele queria aprender japonês. Tinha uma professora japonesa pediatra também, *nissei*, também queria estudar também que era da minha classe, tinha a outra, a Soninha, não sei se você conhece a Soninha, de *sushi*, aqui na Luiz de Camões, que vende uns produtos japoneses, ela também estava lá. Tinha um casalzinho que tinha acabado de casar e que os pais eram do Japão e também foram estudar japonês, e depois... Enfim, tinha mais um casal do Guarujá também que estava estudando, era uma turminha mais ou menos assim, mas depois o rapaz teve que ir para o Japão, abandonou, o outro casal também ficou menos de um ano, foi para o Japão, teve que largar; a doutora também deu um problema, não sei se foi um problema de saúde; teve um outro também, aí só ficou eu, aí para eu ir lá para ela ficava ruim né, só por causa de uma aluna, aí ou eu ia na casa dela ou ela vinha aqui, aí eu comecei a ter aqui, mas você ter aula sozinha era muito trabalhoso para ela vir aqui em casa também né, para eu ir na casa dela também a noite sozinha, porque lá de vez em quando tinha carona, a Sonia que me dava carona porque ela mora para cá; tinha essa doutora que ia, o

Marcelo também que ia para lá e vinha de carro; então sempre na volta eu tinha carona, aqui de manhã era sete e meia a aula, tinha que pegar o ônibus para chegar até lá, né na escola. Enfim, era ruim, complicado, para estudar sozinho não dá, você tem que estudar em um grupo, se não, não dá. Se você mora, sozinho não tem como, se você vive... A Tazuko, por exemplo, o marido dela é japonês, então sempre tem uma facilidade, mas o pai dela já falava muito japonês, e quando veio para cá veio com três irmãos e já falava japonês. É diferente do meu pai que ele viveu sozinho aqui no meio dos brasileiros, por isso que ele só ficou falando português, por isso essa dificuldade que nós tivemos de não ter aquele ambiente para falar, a minha sogra também ficou trabalhando no empório só no meio dos brasileiros, não tinha japonês, então falavam mais português trabalhando [risos]. Então a dificuldade é que a gente não teve, depois com a Guerra foi todo mundo embora, não tinha japonês.

Lá na escola a senhora estudava mais alguma coisa além do japonês?

Sim, lá sim! Porque eu, de manhã, ia para a Escola, para estudar japonês e a tarde fazia o Grupo Barnabé, estudava o português, porque na Escola Japonesa parece que tinha uma turma que estudava o português, mas acho que eles eram japonesinhos também, por isso... Acho que a família só falava japonês, por isso pôs a criança para estudar japonês e estudar português, porque tinha a Dona.... essa Diva aí, essa aí na fotografia, ela estava ali só para brincar porque a madrinha dela era parece que irmã da professora de português e ela morava, não sei se era vizinha, não sei como era, então essa madrinha dela resolveu levar para ficar brincando, ela disse que nunca aprendeu nada, um dia mesmo eu liguei para ela, no dia que eu fui lá, para ver se ela queria ir lá dar alguma opinião, ela disse 'não eu só tinha sete anos, não me lembro de nada' e ela nem quis ir, disse que ia lá só para brincar, porque eu pensei que ela estivesse estudando português, ela disse que não, só ia lá para brincar, só brincando lá, então nem tem nada para falar. Então fica complicado, a gente que não... E na verdade só ficou ela, o resto da fotografia da minha irmã, tinha minhas cunhadas, irmã do meu marido, outra irmã, as três primas, tem um monte de pessoas na fotografia, mas todas nessa idade de oitenta e oito, todo mundo morreu mais cedo, a minha irmã morreu muito cedo, com 38 anos, só que ela também deixou três filhos, não sei se você conhece, não tem o Supercentro, tem a bomboniere, que é a Florinda, o marido dela é esse meu sobrinho, filho da minha irmã, ele tem até um restaurante lá dentro da, restaurante japonês, dentro do Supercentro de Santos, Boqueirão. Então, ela tem lá, tem a Bete também cunhada, parente também, não tem essas corridas também, o Yamashiro, sempre ganha campeonato, essa corrida de triátlon, ele é filho da Bete, que é também cunhada, era, agora ta separada, o marido dela era irmão da Florinda que é casado com meu sobrinho, todos ele são Supercentro. Então, a mãe desse Roberto, que é minha irmã, ela que tirou o diploma, o meu marido, as duas irmãs dele, mais as três primas de um tio mais outro tio, todos eram do restaurante japonês, mas foram com a Guerra, todo mundo foi embora, então não sobrou ninguém por aqui e estão tudo para lá. Muitos dos japoneses que estão por aqui vieram depois, tem muitas famílias, Yamashiro, um monte de famílias aí vieram depois, tinha um ou outro aqui, mas vieram muitos depois da Guerra, tem famílias grandes aí que vieram assim, tem esse Yamashiro que era doceiro na rua João Guerra, ele tinha tipo assim uma fábrica de doces, doce para padaria sabe, então depois da Guerra ele chamou

muitos irmãos dele, chamou o meu irmão, dois irmãos gêmeos, chamou não sei quantas irmãs então cada um veio com um monte de filhos, aí formou uma família.

E lá na Escola Japonesa tinham livros, como é que eles ensinavam lá na Escola Japonesa?

Então, o japonês, a gente estudava tipo uma cartilha. Então, tem as primeiras palavras, por exemplo, seguida assim: 'ame, a-me; ame: chuva'. Então cada folha dizia... Cachorro, cachorro como é que chama? Deus! Esqueci! São duas palavrinhas, tem a letra, sabe como é letra japonesa? Assim, é aquela coisa toda enganchada. Então, cada folha trazia uma figura do bicho ou, enfim... Uma planta, ou era um cachorro, um gato, cada folha trazia o bicho e a letra. Então era fácil de aprender, você via o bicho e já via o nome do bicho. Lendo assim, eu me lembro alguma coisa, mas falando... Sabe que falando eu não consigo, não consigo contar, mas assim vendo as letras eu consigo, consigo ver as letras e consigo, aí eu lembro o que é, mas se for conversar eu não sei, eu não sei conversar não! [risos] É uma coisa esquisita!

Essa cartilha era feita lá mesma ou vinha de algum lugar?

Não, não! Eles traziam de lá e acho que era vendido na Escola mesmo. Tinha todo esse livro, que era assim, era pequeno né, era desse tamanho [descrição gestual de uma brochura com aproximadamente cem páginas]. Eu tinha até uns anos atrás, depois minha filha levou porque disse que queria aprender japonês e aí levou.

A senhora comentou que entrava as oito e saia as onze...

Entrava as oito e saia as onze, aula de japonês corrido. Depois ia para o Barnabé, sabe na praça, ali na... Não tem o Morro? Então, logo quando você desce o Morro não tem o bondinho, então, ali na rua que desce o bondinho tem a escola, a escola Barnabé, já fez mais de cem anos, cento e dez anos aquela escola, do lado tem o Palácio da Polícia, naquele tempo era cadeia, agora é Palácio, mas antigamente era cadeia, aquele prédio lá, depois é que mudou para outro, eu sei que aquilo ali era cadeia. Então, eu estudava nessa escola no Barnabé, às vezes eu já ia pela Rua Sete de Setembro, sabe, você conhece né? Então pegava aquela Rua Sete de Setembro, depois pegava e ia até a Rua Senador Feijó, depois ai lá por trás. Naquele tempo, em 1938, eu me lembro que ainda estavam construindo a Prefeitura, sabe a Prefeitura de Santos, estavam construindo, nossa mas eu sou antiga né! [risos] O Aquário também, quando eu estava no Escolástica, começaram a fazer esse Aquário, esse Aquário aqui de Santos, então, o Orquidário também, quando eu estava já morando naquele tempo, o Aquário... O Orquidário tinha poucos anos, uns dois anos só, e na praia, no tempo em que eu estava no Escolástica Rosa, ainda no ultimo ano, sabe que na praia não tinha nenhum apartamento, só tinha casas, só casarões sabe, depois de quarenta e quatro é que começou a subir, começou os apartamentos. Mas na época só tinha casa, até quarenta e quatro só tinha casa.

E na aula de Japonês vocês estudavam só a língua ou tinha outras disciplinas, História etc., alguma coisa assim?

Não, justamente porque começou, pelo menos no primeiro ano, a gente só estava aprendendo as primeiras letras, depois que acabasse aquele primeiro livro que ia passar para o segundo livro que aí tinha o *hiragana*, que é mais, um pouquinho mais difícil, que o normal, que se escreve. Então o *katakana* tem a letra bem fácil sabe, para escrever letras, palavras com nome português, palavra portuguesa, se escreve com *katakana,* sabe. Agora quando vai escrever coisa mesmo japonesa o *hiragana* que se escreve, mas quando você quer escrever as palavras estrangeiras usa o *katakana.* Então eu só tinha terminado esse livro, acho que daí eu já ia começar o segundo livro, daí parei também, por isso que eu não tenho nada assim, era muito pouco, só me lembro assim da professora né, que ela era muito boazinha, que era Morigushi Sensei. O Ignácio Morigushi acho que é filho dessa professora. Então, acho que é filho dessa Morigushi Sensei, que foi minha professora, muito boazinha, eu queria mostrar as fotografias que tem ela, em três fotografias aparece ela.

E a Senhora só teve ela de professora?

Só! Não deu tempo! Não, só tinha ela de professora japonesa. Tinha o professor que eu acho que dava aula para... Eu acho que tinha o Arakaki Sensei, que dava aula mais para o curso acho que o terceiro ou quarto ano, ela eu acho que dava para o primeiro ano, primeiro talvez até o segundo. Com meio ano eu também não sei de nada né, Que nem aquela amiga, não quis dar a entrevista porque não tem nada para contar.

A senhora sabe quanto tempo durava o curso de japonês lá?

Acho que eram quatro anos, porque a minha irmã tirou o diploma acho que no quarto ano, só quer dizer era tipo, acho que era tipo primário né, eu não sei, porque lá no Japão já naquele tempo acho que eram seis anos viu, no Japão. Mas aqui eu não sei, acho que era só, porque em trinta e... Minha irmã já tinha saído, já estava trabalhando. Acho que era só isso aí mesmo, quatro anos! Então só quatro anos mesmo! Aquela fotografia que eu tenho é de trinta e três, trinta e três menos quanto que dá, vinte e nove, trinta e três menos quatro... Se eu entrei em trinta e oito... Eu marquei naquela fotografia 1933, mas eu acho que eram quatro anos viu! Não era mais do que isso não. Você conhece o Morigushi, pergunta para ele, mas eu não sei se ele lembra porque ele também era criança, se ele diz que está com sessenta, mas se ele está com sessenta será que ele é filho daquela Morigushi Sensei, se eu tinha oito, evidente que ela não tivesse filhos, só se ela tivesse filhos depois, se ele está com sessenta mais ou menos e é vinte anos mais novo do que eu, será que era neto? Só se ela teve filho depois, mas também a gente era tão pequena que não se lembra, só me lembro desses detalhes assim só! Me lembro de que quando formavam fila, menino e menina, tinha que ficar tudo enfileirado, tinha uns rapazes lá, tinha um que era primo do meu marido naquele tempo, ele estudava lá, nossa eu acho que era Arakaki Sensei, ficava bravo sabe quando a fila não estava pronta, ele dava cada bronca, isso aí eu me lembro. Até me lembro que alguns professores eram bravos, japoneses são bravos viu! Eu estava comentando isso aí que um dia eu me lembro que quando meu marido ainda estava vivo, quando veio uma turma,

agora não, toda hora tem jogos internacionais e todo mundo vai para o Japão e volta, mas veio uma turma de japoneses de voleibol, acho que foi uma das primeiras turmas de voleibol que veio jogar aqui no Brasil, em Santos jogar, foi até na Ponta da Praia, como meu marido foi sempre ligado ao esporte, então ele sempre jogou muito, a gente qualquer coisa ai sempre assistir, e eu não sei se foi no treino, não sei... Eu sei que eu vi lá o jogo de voleibol, o treinador dava cada tranco, quase que bate na menina, eu falei 'nossa como eles são grosseiros', e muitos professores de japonês, como eu me lembro dele, era bravo também, 'como eles são bravos!' Acho que é por isso que tinha mais educação do que hoje, essa criançada que faz o que bem entende viu [risos]. Mas enfim, eu não tenho outras coisas assim de lembrança, me lembro bem dessa coisa de ir para lá, pegar o bonde, isso aí eu me lembro bem. Agora como eu voltava, não lembro, não dá para lembrar, a gente só tem nove anos, depois só meio ano que eu andei por ali.

Mas a senhora disse que tinha aula de português também para a outra turma?

Tinha aula... Então lá, por isso essa Dn. Aninha que ela dava aula de português, eu acho que aquela criançada, por isso que eu queria mostrar aquela fotografia, ta cheia de criançada, na foto. Aquela criançada acho que são japonesinhos, acho que eles não falavam português, por isso que ela dava aula de português, ou não sei qual motivo, não sei se por isso ou o pai já fazia com que ele estudasse japonês, pode ser, tem que fazer dois horários, vai ver que eram japoneses que estavam estudando português, criançada que veio do Japão, para falar o português, deve ser isso, tinha bastante. Então, a Dn. Aninha dava aula de português, nessa foto até aparece a Dn. Aninha que dava aula de português, a Morishi Sensei que foi a minha professora, e tem o Arakaki Sensei que dava aula, que eu me lembre, que eram moços já, uma rapaziada já. Eram só esses professores viu, agora eu não, como no meu horário... Bom, eu não me lembro... tinha o Yanaguisawa Sensei também deu aula lá, mas eu não me lembro dele não, porque eu talvez ele desse em outro horário, no horário da tarde, não me lembro de ter visto, porque quando eu já era moça, quando eu estava... Meu marido era amigo dele, bom nessa época também já tinha passado tantos anos de escola, não sei onde ele trabalhava, nem sabia, agora que eu soube que ele deu aula lá, eu não sabia que ele tinha dado aula lá, eu sei que ele deu essa aula em São Paulo, eu conhecia a senhora dele, morava ali perto da onde meu marido morava, quando eu era solteira, então eu não... Agora que eu estive com esse Sergio Yanaguisawa.

A senhora lembra como era o dia-a-dia da escola?

Não lembro! Eu só me lembro da aula assim, ela falando alguma coisa, que eu também mal entendia porque ela falava mais japonês do que português. Então...

Você lembra quantos alunos tinham em cada classe?

Eu não lembro, tinha uma turma, a classe não era... Quer dizer, hoje eles abriram, que eu estou estudando lá em cima, eles abriram e agora ta um salão, você já esteve lá né? No salão de cima! A gente estudava lá em cima onde agora está o salão. Eles abriram, eram duas salas, agora ficou um salão, qualquer coisa que tenha assim, festas, eles abrem. Quando o príncipe veio eles abriram lá em cima.

Era ali que a gente estudava, só que era dividido, não era tão grande, era metade daquilo, mas era uma sala grande também. Eu só me lembro na classe, um colega que eu tinha ali, mas o resto ficou tudo apagado. Não me lembro mesmo viu! Só me lembro desse trajeto que eu ia para escola, dessa aula. Até outro dia eu estava comentando que a professora pegou meu caderno disse que eu tinha uma letra bonita e estava mostrando para a classe, isso eu lembro que isso foi engraçado, mas foi só, o resto eu não lembro. Lembro de ter estudado, do livro, daquelas palavras, mas o resto não da para lembrar, nove anos é muito pouco né.

Antes dessa escola que você estudou, você tem notícia do funcionamento de outra escola?

Escola japonesa?

É!

Não, não... Porque essa escola foi logo em, não sei se 1928, trinta, por aí porque se eu entrei em trinta e oito, a minha irmã já tinha, era oito anos mais velha do que eu, então para você ver, ela foi uma das primeiras que entrou na Escola. Então essa escola, que se continuasse, a sociedade japonesa, se não houvesse a Guerra, lógico que tinha muitos japoneses, seria uma outra coisa, mas como fechou, ficou sessenta anos fechado, quer dizer, primeiro por que acaba, japoneses saíram todos daqui de Santos, não tinha japoneses, as únicas famílias que ficaram que eu saiba foi, eu que fiquei, minha irmã que era mais nova e meu outro irmão; na casa do meu, que na época é só nossos conhecidos, amigos, no caso meu marido, eram em três irmãos, era o caçula, mas ele já estava no Canadá, não sei em que ano estava no Canadá e a irmã dele já era mais velha já tinha se formado na Escola Japonesa e no Escolástica Rosa, já tinha vinte e um anos, então ela também ficou tomando conta dele, da irmã um pouco abaixo dela e depois mais dois primos dela, que os pais também foram embora, que estavam no Canadá, uns estavam no quinto e outros estavam no quarto ano na escola, então eles também ficaram sobre os cuidado dela, até na época o Canadá, o ginásio era cinco anos, não era quatro anos, aquela turma, esse meu primo que ficou, foi a última turma de quinto ano, depois a turma do meu marido era de quatro anos só, já tinham tirado o quinto ano. Essa turma foi antes do Erasmo, foi uma turma acima do meu marido, esse meu primo, do meu marido, também foi da turma do Erasmo, que eram cinco anos. Então, nos ficamos por aqui, mais outra prima também ficou, tinha mais uma japonesa na minha classe que também era prima do meu marido, que os pais também subiram e também ficou morando com minha cunhada, que era solteira, ela que ficou tomando conta dessa turminha toda, por isso que todo mundo continuou e se formou, porque se não... Agora o resto mais para baixo, foram para São Paulo e ficaram meio atrapalhados né, porque iam para São Paulo, não tinha nem onde ficar, não sei como ficaram, e até escola parou, agora os que se formaram aqui foi bom, terminaram, eles terminaram no ginásio Canadá, que na época era um colégio muito bom, foi um colégio muito bom, comportado, mas depois da Guerra então, não tinha japonês, eu fiz quatro anos de escola depois e não tinha japonês, porque os que foram, os que voltaram, muitos ficaram alguns anos e depois é que voltaram, até recomeçar tudo né, largaram tudo, imagina o pessoal da Ponta da Praia, tinham muitos chacareiros lá, muitas verduras que se consumia lá no mercado, acho que era muito daqueles das chácaras lá da Ponta da Praia. Agora mudou, só tem prédios

né, mas antigamente só tinha maxuxeiro, tinha muito maxuxeiro, lá no Saboó também tinha muito maxuxeiro, na época. Eu tenho umas amigas que agora moram aqui perto, elas foram criadas todas aqui no Saboó. Disseram que lá tinha umas escolinhas particulares, mas não coisa oficial como essa escola japonesa né. Antigamente no Saboó era cheio de japoneses, plantavam, criavam porcos, todas essas coisas e aqui no Marapé também, nossa no Marapé, Campo Grande era cheio de japoneses, depois da Guerra que muita gente foi embora, desapareceram, na Ponta da Praia também tinha muitos chacareiros, lembro que começaram a abrir ruas depois porque antigamente só tinha chácaras de xuxus, porque quando começaram abrir as ruas o pessoal ficou muito desesperado, eu lembro que eu e meu marido tentamos ganhar tempo para eles pelo menos colher, dar tempo de colher os que estavam plantados, para não perderem, para depois a Prefeitura entrar para abrir ruas essas coisas, foi muita correria também ali. Então, agora essas coisas de escolinhas eu não sei porque eu não tive muito contato com o pessoal, eu tive contato assim, depois com o Clube Atlanta, tivemos contato com a moçada, não com os pais que tiveram aqueles tempos, a gente só falava português também, ninguém falava japonês, as minhas amigas que falavam japonês foram aquelas que moravam ali na rua mas que foram estudar em São Paulo. Muitas foram para São Paulo, não sei se foi no tempo da Guerra que foram para São Paulo, e aí também acabaram estudando em São Paulo. Mas essa coisa de escola eu sei que no Saboó, agora eu me lembrei, tinha uma escolinha sim, mas eu não sei como era.

A senhora lembra como era o uniforme da Escola?

Eu sei que era uma saia e tinha uma fita, não me lembro nem que cor era, sei que era uma blusa branca e saia azul marinho e tinha um laço aqui na frente, eu acho que devia ser azul marinho, só podia ser azul marinho, não podia usar outra cor. Nessa foto que eu tenho aí parece até na fotografia, mas eu não... eu procurei, deixei tão fácil aqui essas fotos... Eu acho que eu mandei para o meu filho.

A senhora lembra de festas, comemorações?

Não, não lembro nada disso, nesse tempo não teve não. Agora, essa fotografia que eu mandei também, foi acho que no ano seguinte, tem um monte de alunos viu! Dessa fotografia que eu mandei 'escanear', foi no ano seguinte, porque eu não estou ali e a Tereza está, ela está nessa foto, é porque essa fotografia foi tirada depois, como que tem bastante aluno tão pequenos e eu não sai, eu não entendi porque que eu não sai, era mais velha do que eu? Ta cheio de alunos assim tudo pequenininhos, a não ser que fossem japonesinhos, ou algo assim. Não! Aí eles estavam estudando português, agora não podiam estudar em escola estrangeira. Que história maluca essa né! Não poder estudar em escola estrangeira menor de dez anos, mas ali estava cheio de crianças pequenas, se ali era uma escola estrangeira.

Alguma coisa a mais que a senhora gostaria de acrescentar?

Da escola assim eu não lembro quase nada, não tenho nenhuma lembrança para dizer assim. O que eu lembro às vezes são algumas músicas que eu cantava, nem cantava, porque minha irmã que cantava, por isso que eu aprendi, mas pela escola não me lembro de nada.

Então ta bom, muito obrigado mais uma vez.

Brigado eu!

ENTREVISTA 3 - Entrevistada MK

Olá, bom dia! Qual seu nome por favor?

Matsu!

Onde você nasceu?

Okinawa.

Quando você veio para o Brasil?

O dia de saída de lá eu não sei viu, só sei o ano de 1918.

E a senhora veio para qual região aqui no Brasil?

Naquela época da imigração, eu sei que ia para o interior para a plantação de café, agora a região eu não sei que região. Por que fui muito pequena eu não lembro, não lembro! Não sei mesmo.

Quantos anos a senhora tinha?

Quando eu vim, eu vim com três meses, depois ficamos lá para o interior, para a produção de café, aí quando eu tinha acho que uns três ou quatro anos, meu pai saiu de lá e veio aqui para o lado do Litoral para plantação de arroz, de banana, e dali eu não sei com quantos anos eu saí, eu sei que... Eu não sei quantos anos eu fiquei, mas acho... De lá eu sai com seis ou sete anos, por aí, por que eu já vim com um irmão que nasceu lá no Litoral, e a outra irmã. E depois de lá meu pai veio para Santos e ficamos aqui por Santos mesmo, só aqui no Bairro do Saboó mesmo.

A senhora pode falar um pouco mais sobre os seus pais?

Meus pais! Eu não sei porque vieram de imigrantes e, quer dizer, meu pai era casado, tinha duas filhas que deixou no Japão quando vieram, e trouxe eu de colo com três meses. Então a vida do meu pai lá era lavrador, plantador de cana parece. Sobre outras coisas eu não me lembro de nada. Vim para cá pequena, de colinho, porque eu nasci em abril e pegamos o navio parece que em junho, mês sete, então eu não sei nada de lá. Eu to falando isso porque eu ouço falar né, então eu to falando, mas de lá eu não sei nada.

E como foi sua infância aqui no Brasil?

Naquela época escola quase nem tinha viu, a minha mãe ainda me pôs aí em uma escola, uma escolinha particular, não sei se conhece, agora tem padaria, açougue, ali na esquina, me pôs ali e depois dali foi para uma outra escolinha particular e a gente aprendia um pouco, depois aí no Santa Maria abriu uma escola melhor, até que tem o nome de Tarquínio Silva, ali que eu aprendi um pouco mais, a

escola mais assim... Mais... Melhor né. E também andei na escola até... Não completei o ano, segundo ano vai! Andei até o segundo ano.

Como eram as brincadeiras com os amigos?

Antigamente era bem diferente de agora, a criançada não brinca muito junto assim, só na escola. Tinha brincadeira de esconde-esconde, pega-pega, pular amarelinha [risos]. No meu tempo era isso.

E tinha muitas crianças aqui na região?

Tinha muitas crianças sim. Quer dizer, mais na escola, assim na rua tinha menos. Na escola mesmo a gente brincava de amarelinha, de roda, assim!

A senhora comentou sobre uma escola particular, poderia comentar um pouco mais a respeito?

Olha! Nem era escola sabe? A pessoas que sabia ensinar então arrumava um quarto, é um quarto, e ali ela dava aula. Não era escola assim que... tinham duas escolas particulares, uma era aqui perto do cemitério e outra era ali no fundo. Eu sai dali para ir para escola mesmo, era o Tarquínio Silva e eram professoras mesmo, até outro dia eu estava comentando com minhas filhas que essa professora vinha de bonde e usava aqueles chapeuzinhos, não esses chapéus de agora grandes, de festas não; chapéu mesmo de professora.

Aí a senhora teve que para de estudar?

É! Parei por que assim né! Aí eu andei meio ruinzinha, aí minha mãe já pôs eu para trabalhar, aí deixei a escola, não fiz o primário completo não, mas eu para ler escrever eu [risos] eu sei!

E as suas irmãs?

Minhas irmãs estudaram, elas estudaram melhor. Minhas irmãs, a segunda eu não sei. Estudaram, não tinha aquela escola no Pacheco, era escola, então elas estudaram lá, o primário sabe, minhas irmãs estudaram o primário. Começa a trabalhar, namorar, casa.

E como foi sua adolescência?

Naquela época era trabalhar. Trabalhava de casa, tabuleiro na cabeça e vender verdura, e eu subia esse Morro da Penha, Pacheco para vender verdura, foi assim minha vida de infância, assim fora do comércio não, só trabalhava.

Além de você, outras pessoas trabalhavam dessa maneira?

É, naquela época todo mundo trabalhava dessa maneira. Trabalhava tudo dessa maneira mesmo, tabuleiro na cabeça e vender verdura, batendo de porta em porta e cada um tinha... Aquela casa ali em cima, desde aquela época era japonesa, é onde mora... Esse terreno que tem agora padaria, mercearia, ali eram japoneses

que moravam. E depois veio essa família portuguesa, ali no terreno do Alcides, onde mora... Primeiro era de brasileiros depois uma família japonesa que comprou aquilo, comprou, mas durante a Guerra teve que ir para o interior né, e de lá para cá, depois uma família espanhola comprou do português, o seu Manolo.

Além de japoneses existiam famílias de outras nacionalidades?

Tinham! Tinham outra família que eu não sei o nome deles e depois os japoneses que compraram dessa família e depois na retirada da Guerra foram tudo para o interior. E depois puderam retornar, depois de cinco anos, mas como se deram bem lá aí veio e venderam o terreno.

Como era a relação entre os moradores aqui?

A relação aqui era boa. Nunca teve briga assim, nunca teve.

E as demais pessoas daqui da comunidade também estudavam?

Estudavam!

Onde?

Essa escola que eu falo, até tenho a fotografia, estudavam ali depois... Naquela época eu não sei se estudavam muito não, estudava o primário e depois trabalhavam.

Além dessas escolas, existia mais alguma?

Tinha no Santa Maria, mas não tinha muitos japoneses lá não, tinha alguns, mas não foi muito não. Eu fui para lá, meu irmão e outras pessoas foram para lá.

Você comentou que alguns moradores saíram do bairro durante a Guerra, pode comentar um pouco mais sobre esse fato?

Eu sei que foi difícil viu! Durou cinco anos só, mas era cidade onde a gente morava eram dois quilômetros, eu e meu filho mais velho que estava em idade de escola, nove anos, dez anos, ele andava dois quilômetros no areião para ir a uma escola grupo, e escola grupo municipal, e na fazenda não tinha escola para dar diploma, era uma escola mais assim para ensinar, dar aula e tudo, para receber diploma não tinha, tinha que ser municipal. O meu filho foi, mas ele também veio terminar aqui, no Martins Fontes, que viemos embora né, aí ele veio e terminou aqui no Martins Fontes. Sabe que esse Martins Fontes, olha agradeço bastante a essa escola porque meus filhos homens estudaram tudo aí, e depois os meus netos estudaram tudo aí e graças a Deus hoje estão todos bem. O primário, o primário faz aí, depois do primário já escolhe outras escolas.

E como foi a retirada de vocês?

Olha, a retirada foi difícil! Eles avisaram a tarde, disse que tinha que sair, aí saíram e foram tudo para a estação Santos-Jundiaí. E a gente nem conhece nada,

mas pegamos um trem para a Imigração, imigrante e depois pegamos um outro trem para Bauru. Cada um tinha um conhecido no interior, soube do caso e deixou. Nos tínhamos, em Bauru, aí vieram buscar a gente na estação de Bauru. Ficamos hospedados na casa dessa família e depois cada um arranjou um canto para ficar, chácara outra vez! Foi assim a vida.

Quantos anos vocês ficaram lá?

No interior cinco anos.

Toda colônia teve que sair?

Na época eram esses, que eram japoneses, italianos... Italianos e alemães. Disse que eram essas três raças que deveriam sair da cidade de Santos, disse que era por causa do cais, os outros eu não sei, só sei dos nossos, raça japonesa, das outras raças eu não sei, mas disse que eram três raças: japoneses, italianos e alemães.

Depois que acabou a Guerra todos retornaram?

Não foram todos que voltaram, muitos gostaram da vida do interior, muitos. Pouca gente voltou.

E como foi a vida após esse período?

Continuou na mesma [risos], vender verdura, assim! Só que eu, para mim, foi muito bom, porque meus filhos, não é todos que estudaram, mas o mais velho e o segundo estudaram, estão bem e as outras, como eram moças, se formaram e logo foram trabalhar, assim! Agora tem dois filhos, o primeiro e o segundo, graças a Deus estudaram, acho que as moças também estudou... Tudo bem! Graças a Deus bem, bem criados e bem cuidados graças a Deus.

OK! Mais alguma coisa que a senhora gostaria de acrescentar?

Não, não...

Em sua opinião, qual a importância desse trabalho para a comunidade japonesa e para a História de Santos?

Eu acho que é muito bom, mas olha, eu vivi até essa idade, vejo tanta coisa bonita, agora que estão festejando o centenário da imigração japonesa. Mas é muito bonito viu!

OK, muito obrigado.

Nada, obrigado você de vir aqui.

ENTREVISTA 4 – Entrevistado SY

Bom dia! Qual seu nome, por favor?

Sérgio Yanaquisawa.

Onde você nasceu ?

Nasci na cidade de São Paulo, em 16 de janeiro de 1937, Maternidade de São Paulo. Morava na Rua Rafael de Barros, n. 53, Paraíso, na casa dos meus avós, onde morávamos.

Quando você veio para Santos?

Eu vim para Santos em 1939 e, inicialmente, fui para o Hotel Oshio, na Rua Brás Cubas, n. 239 e em seguida, nos cederam uma casa na Washington Luiz, acho que foi por alguns meses e, em seguida nós viemos para a Rua Paraná, n. 129, em 1939, com dois anos de idade.

Você pode falar um pouco mais sobre seus pais?

Meus pais? Meu pai, ele veio do Japão, embarcou, ou melhor, chegou aqui no Brasil em 1935, instalou-se em São Paulo como Professor normalista, encaminhado pelo Ministério da Educação do Japão. Então, ele foi diretamente até na Rua São Joaquim, na Escola Piratininga. Chamava-se Taisho Gakoo, e lá ao lado da escola tinha um pensionato onde ele ficou esse período todo e lecionava a língua japonesa e ao mesmo tempo, no ano seguinte, em trinta e quatro ou trinta e cinco se não me engano, ele foi morar lá em Jundiaí, para fazer um curso de complementação, um curso normalista, na cidade de Jundiaí. Agora minha mãe, é *nissei*, nascida aqui no Brasil, mais precisamente na cidade de Conquista, lá em Minas Gerais. Então, ela já é *nissei*, portanto eu sou metade *nissei*, metade *sanssei*, segunda e terceira geração. Então, o meu pai, vindo para cá para a Escola Japonesa, na Rua Paraná, 129, ele então tornou-se o diretor responsável pela Escola Japonesa.

Então, ele se tornou diretor?

Diretor, na época de 1939, nós permanecemos aqui nesse período até 1945, quando o rompimento das relações Brasil com o Japão, então foram todos obrigados a se retirar desse prédio e permaneci até esse ano, 1945.

Como especificamente ele trabalhava aqui em Santos, aqui na Escola?

Ele, inicialmente, foi o seguinte: quando ele veio para cá em trinta e nove, tinha sido... como se diz? Houve uma determinação para suspender as aulas de japonês, como ele tinha feito curso normalista na cidade de Jundiaí, então foi normal ele permanecer aqui lecionando português, então a escola primária, através da Secretária de Educação aqui de Santos, então desenvolveu até 1942 a Escola Japonesa também chamada aula normal, seguindo o currículo da Secretária da

Educação. Isso que aconteceu. Então, de quarenta e dois para cá, ele foi designado responsável pelos interesses da colônia japonesa através do Consulado da Espanha. A Espanha então não tinha entrado na guerra, então ele ficou responsável pelos interesses da colônia japonesa, então desde 1942 e posteriormente, passou para o consulado da Suécia, então ele permaneceu trabalhando nessa função, então posteriormente ele foi para a Companhia de Navegação Johnson & Johnson, que ficava ao lado do Consulado da Suécia, ali na Praça Rui Barbosa e posteriormente, ele, quando concluiu o curso de Técnico em Contabilidade lá no Colégio Tarquínio Silva, ele adquiriu a condição de Contador e foi trabalhar no Tênis Clube Paulista, Tênis Clube de Santos, na Rua Minas Gerais e era gerente no período da noite. Isso permaneceu até o ano de 1953, quando nós, então, fomos para São Paulo, quando se instalou o Consulado Geral do Japão em São Paulo, nós fomos embora daqui de Santos e estávamos morando na Rua Brás Cubas no Hotel Oshio naquela ocasião, então de quarenta e cinco eu tive que ir para São Paulo. Meu pai permaneceu aqui, em seguida nós fomos morar no Hotel Oshio, uma espécie de um apartamento tipo pensão e permanecemos até 1953, quando fui embora.

Você poderia falar um pouco mais sobre sua infância?

A minha infância? Minha primeira infância foi aqui na Escola Japonesa, onde lá no fundo tinha um campo enorme, eu brincava, eu corria, vinham algumas crianças que pulavam o muro lá do fundo da escola e ficavam jogando futebol, quando eu era pequeno. Posteriormente, então comecei meus estudos em 1944, quando eu estava com sete anos, na Escola Liceu São Paulo, que fica ali na Rua... Avenida Ana Costa. Eu estudei na... Fiz o primeiro ano primário em 1944 e quando foi em 1945, quando eu estava estudando o segundo ano primário, é... Nos fomos destacados para ir para São Paulo. Meu pai permaneceu em... Neste ano de quarenta e quatro, né, é quarenta e quatro, é quarenta e cinco nós fomos obrigados a deixar e estudei um ano, de quarenta e cinco a quarenta e seis, na cidade de São Paulo e retornei aqui no final de quarenta e seis, quando eu tinha nove anos de idade. Fui estudar, completando a terceira série e depois, no ano seguinte, na quarta série primária, no Liceu São Paulo. Posteriormente, fui estudar em São Vicente, quando eu completei onze anos de idade, no Seminário Diocesano São José, ali na Praça João Pessoa, na avenida da igreja em São Vicente, uma das mais antigas, não é, do Brasil. Então eu, depois do seminário, fui estudar no Colégio Tarquínio Silva. Fiz o exame de Admissão, primeira série, segunda, quando eu estava na terceira, eu fiquei até o primeiro bimestre. No segundo semestre de 1953, na terceira série então fui para São Paulo, fui estudar no Colégio Paulista, na Guataqui, em São Paulo. Sempre nesse período todinho, sempre joguei futebol, desde pequeno. Na época do seminário, todas as quintas e domingos nós íamos jogar no Clube de Regatas Tumiaru, atravessando a Ponte Pênsil. Depois de uns quinhentos metros mais ou menos, se localizava ali o Clube Tumiaru, não sei se você conhece. Então, fiz durante dois anos e meio, todas quintas e domingos futebol e na seção de melhores do Seminário. Ficávamos de técnico, eu fui indicado para coordenar a parte esportiva com doze anos de idade e aí, eu organizava a seção de menores um campeonato de botão, campeonato de ping-pong e bilhar. Jogávamos voleibol, mas aí, eu era encarregado inclusive de formar as equipes de futebol, então, durante um bom tempo sempre jogando futebol de campo, no campo lá do Tumiaru e aí, quando cheguei lá em São Paulo, continuei jogando na várzea e depois que eu estava já cursando o Científico eu cheguei a jogar na Associação Cultural Esportiva

Piratininga. Então eu fazia parte do quadro de futebol de campo, disputei durante muitos e muitos anos. Posteriormente, trabalhei no banco também, formando uma associação no banco, jogando futebol de campo, depois na própria faculdade, fiz inicialmente lá na FEI (Faculdade de Engenharia Industrial) em São Bernardo, jogava futebol também pela faculdade e depois fui... Completei depois o curso de Educação Física da Universidade São Paulo. Continuei jogando futebol [risos] mais de vinte anos jogando muito futebol e posteriormente, formando em Educação Física. Eu então, como já treinava karatê, eu fui me profissionalizando. Comecei a dar aula de karatê também em clubes. Comecei inicialmente no Clube Paulista, Clube Ipê e no Centro Educacional Ibirapuera da Prefeitura e depois trabalhando como professor de educação física. Eu fiz o concurso no Estado, entrei pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e permaneci como professor de Educação Física e depois, fiz o concurso na Secretaria Municipal de Esportes como professor de Educação Física. Posteriormente deram a determinação de Técnico em Educação Física e os últimos seis anos então, trabalhei na área administrativa na Secretaria Municipal de Esportes, coordenando os jogos da cidade de São Paulo, Jogos Modernos, Jogos da Grande São Paulo, tem a Olimpíada infanto-juvenil e demais atividades da programação da Secretaria Municipal de Esportes, já me aposentando no Estado e na Prefeitura e continuo lecionando karatê. Essa é minha vida assim, rápida.

Então você morou aqui na Escola?

Morei aqui na Escola Japonesa de 1939 a 1945 e com oito anos de idade, eu fui para São Paulo e no final de... Quando eu tava com nove anos eu retornei para Santos e permaneci até 1953.

Você lembra como era o cotidiano aqui, nesse período que você permaneceu?

O cotidiano aqui na Escola Japonesa durante esse período que eu permaneci aqui na Escola Japonesa, como eu era pequeno, um, dois, três, quatro... Eu... A minha atividade mesmo era estudo no Liceu São Paulo, eu aproveitava o campo que nós tínhamos lá no fundo e quase que diariamente nós jogávamos futebol, desde pequeninho.

Você lembra quantos alunos tinha?

Quantos alunos?

É.

Alunos, na verdade aqui da Escola Japonesa a partir de 1942 se enfraqueceu, a escola fechou e não estava mais funcionando, mas nós permanecemos aqui, meu pai ficou como responsável da escola até 1945, quando a escola foi confiscada pelo Governo e aqui na Escola Japonesa, passou a funcionar o Quartel do Exército. Só agora, depois de sessenta e poucos anos é que eles devolveram, no final de 2005, em dezembro de 2006, a escola, o prédio da Escola Japonesa, passou para a Associação Japonesa de Santos.

Além do seu pai, existem outros professores que trabalharam aqui?

Sim, aqui antes do meu pai assumir a direção, o Sr. Moriguchi é que era o Diretor daqui e os filhos dele, os dois, nasceram neste prédio onde eu morei e quando o governo acabou confiscando, os professores foram embora, foram para o interior e alguns foram para São Paulo. Agora, com relação a Escola propriamente dita, ela foi extinta em 1942, isso por causa da guerra. O Brasil entrou em guerra, foi lá para a própria Itália, participando. Então, a relação diplomática do Japão e do Brasil se estremeceram e havendo uma cisão, isso que aconteceu.

O que se ensinava na Escola?

Inicialmente era a língua japonesa e posteriormente passou para o currículo normal, com a Secretaria de Educação, e...

Continuou a língua japonesa?

Não. A língua japonesa, ela foi proibida de ser utilizada por ocasião da guerra, infelizmente por causa da guerra. A Segunda Guerra Mundial provocou muitos danos aí, com a cisão, chegamos, né? Parte do governo, então foi, eles determinaram a proibição total do ensino da língua japonesa, bem como o japonês não poderia tocar música, não poderiam ligar rádio, né? Mesmo os livros, foram obrigados a sumir com todo o material de origem japonesa. Esse foi o estrago que a guerra provocou e uma das piores coisas que aconteceu, foi que eles deram 24 horas para que o pessoal que morava aqui em Santos, saíssem daqui. No caso, por ser litoral e eles então foram obrigados a se deslocar e acabaram vendendo ou dando. Várias casas foram saqueadas. Eles tiveram só 24 horas para poderem sair da cidade de Santos. Então, foi uma tristeza muito grande, um choque violento que eu acredito então, que seja um crime que tenham cometido, dar um espaço de tempo de reação e tomar providências imediatas. Isso aconteceu realmente no período de Vargas, triste, né? Na história da colônia japonesa, principalmente a de Santos.

Você lembra como funcionava a Escola? Tinham festas?

Não. Um pouco foi possível de eu me lembrar pois eu estava apenas com dois anos, três. Só com quatro anos é que acabou fechando, então não tenho lembranças nenhuma a respeito da Escola propriamente dita, só permanecemos aqui por que meu pai acabou sendo responsável pelo ensino até 1945, quando então, o prédio foi desocupado. O governo acabou assumindo todinho. Então, eu não tenho lembrança dos alunos que frequentavam. Como eu era muito pequeno aqui na escola, eu não tenho essa lembrança, entende?

E quanto à comunidade Japonesa, nesse período da guerra?

Nesse período de guerra, eu não... Nós sofremos muito. Foi uma época muito difícil para nós. O pessoal sofreu bastante mesmo, principalmente aqueles que foram deslocados para o interior e tiveram que começar praticamente do nada. E principalmente o pessoal aqui de Santos. A grande maioria se instalou na região da Linha Juquiá e a comunidade então se deslocou. Um prédio foi formado em

Itanhaém, outro em Peruíbe, depois, para Ana Dias, Iguape, a cidade de Pedro de Toledo, Miracatu, até chegar à cidade de Juquiá e Registro. Foi lá que aconteceu um desenvolvimento maior da colônia, daquele pessoal que se deslocou daqui de Santos. Então, foram se instalar mais na Região de Juquiá e Registro principalmente, por causa da Guerra. Agora em São Paulo, também o pessoal sofreu muito. As inspeções do Governo, proibindo uma série de coisas, restrições e a dificuldade, principalmente com relação ao emprego. Meu pai foi desempregado, meu avô, também meus tios, então era uma situação difícil no período da Guerra. Tinha um tio que estava freqüentando a Faculdade de Medicina lá da USP, lá da... Ao lado do Hospital das Clínicas; devido à Guerra, então ele foi obrigado a abandonar, deixou o curso, para poder ter que sobreviver, ter que trabalhar em lugar e outros também que tiveram mesmo problema, tiveram que morar em pensões, desalojados, estavam sem casa, tamanha a dificuldade. E assim, a maioria do povo japonês sofreu muito, muito, com a Guerra, as consequências da Guerra, né?

Na sua época de adolescente e infância, você lembra alguma história ou histórias que os mais velhos contavam para você, das experiências aqui em Santos?

Quanto a Santos não. Eu sou de fora e...

Quanto aos colegas mais velhos?

Não, não! Porque na verdade, poucos que eram descendentes de japoneses que permaneceram aqui. Então, em vários locais que estudava, era o único descendente de japonês que passou lá pelo Seminário Diocesano São José São Vicente. Não se tem notícia de que nenhum outro descendente de japonês tenha estudado nesta escola, bem como na Escola Liceu São Paulo, aqui na Av. Ana Costa. Era o único na escola, que era descendente de japonês. Então, a gente não tinha assim, um contato com o pessoal, só os coleguinhas mesmo brasileiros, né? Santistas. E quando eu estava no Tarquínio Silva, aí sim, eu formei um grupinho e nós então organizávamos as equipes e íamos lá para a praia para jogar futebol, lá na praia. Geralmente nós íamos lá no Boqueirão, o ponto de encontro era lá no Embaré. Íamos lá para o Embaré, por causa da Igreja Santo Antonio do Embaré, então, aquela era a praia que frequentava geralmente. No período da tarde era mais tranquilo, tinha um espaço bastante amplo para nós podermos jogar futebol. Várias vezes nós fizemos isso, né. Eu ainda me lembro que nós íamos de calção, depois do futebol, tomávamos um banho, voltávamos molhado, então tomávamos o bonde e ficávamos sentados no estribo. Não podia estar sentado, né? Normal! Os bondes eram abertos, naquela época, então nós íamos viajávamos no bonde, no estribo, não sei se você chegou a conhecer algum bonde, seu pai talvez, tivesse pego alguns bondes aqui. Bons tempos, viu! E aí, minha atividade mesmo recreativa era futebol mesmo, porque depois, em função do fato de eu ter estudado lá no seminário, eu acabei sendo coroinha da Igreja Coração de Jesus, na Rua da Constituição, não sei de você conhece, ali ao lado do Colégio Santista, não sei se ainda existe o colégio. A Igreja Coração de Jesus, você conhece? À esquerda da Rua Enrique Porchat e Constituição, não sei se ainda existe essa Igreja e aí. Quando eu era pequeno, ia ajudar na missa de manhã, estudava no período da tarde e então, formei o grupo lá dos Coroinhas. Posteriormente, entrei na congregação Mariana. Chamava-se Congregação Mariana da Anunciação e ela

então funcionava ali na Rua Sete de Setembro, bem em frente à entrada principal do Colégio Santista e fica bem próximo da Igreja Coração de Jesus, local onde todos os domingos, nós frequentávamos as missas e de lá então, dirigíamos lá para a Congregação Mariana, fica na Rua Sete de Setembro. E lá, então nós tínhamos atividades esportivas e futebolzinho. Na época, futebol de salão. Jogávamos ping-pong, pimbolim, alguns jogavam dama, xadrez. E assim, nós passávamos e disputei o campeonato também da Congregação Mariana de Santos. Existia o Campeonato da Congregação Mariana e eu cheguei a disputar várias vezes, lá no campo de futebol do Colégio Escolástica Rosa, ali na Ponta da Praia e no campo do Brasil Futebol Clube, onde foram um dos campos onde eu mais frequentei. Jogava então quase sempre futebol de campo.

Durante a sua formação, seus pais valorizaram bastante a cultura Japonesa?

Olha. Em relação à cultura japonesa, como houve aqui problema da proibição total. Total. De se falar japonês e muito menos ter livros e revistas. Então, na minha situação, eu não tive acesso. No início, foi meu pai ensinando a língua japonesa, mais pela professora da escola o governo proibiu totalmente que eu pudesse ter dado continuidade no estudo.

Então a cultura japonesa sofreu isso, por consequência da Guerra?

É! Não tenho dúvida. Sofremos muito mesmo. Então, eu na verdade não tive assim, uma participação direta, a não ser quando iniciei a prática do karatê, que é de origem japonesa né. Mais precisamente lá de Okinawa e até agora, permaneço com meus treinamentos e passei a ser professor e continuo lecionando karatê. Em função do treinamento do karatê, naturalmente, a nomenclatura é em japonês, isso praticamente me forçou a procurar os termos técnicos japonês. É aí que eu aprendi um pouquinho mais do japonês, em função aí do, praticamente do karatê. E aí, lógico né, é algo da cultura japonesa e é uma forma da gente passar informações em função do histórico e desenvolvimento do karatê, não só no Japão, como principalmente aqui no Brasil. Uma forma de se divulgar, mantendo as tradições e mostrando a cultura japonesa.

Hoje, você se identifica como Brasileiro ou Japonês?

Totalmente Brasileiro. Brasileiro e, nasci aqui em São Paulo e influência japonesa mesmo, praticamente não tive. Só junto à colônia, mais por parte de meus pais.

Tem mais alguma coisa, algum episódio marcante na sua vida ou na vida das pessoas na qual o senhor conviveu, que gostaria de comentar?

Não. Algo que me marcou foi o momento em que fui contatado para retornar aqui no prédio da Escola Japonesa, local onde eu morei. Meu pai era diretor dessa escola e quando, depois de sessenta e dois anos, eu me emocionei quando retornei e vi o local onde eu vivi nos primeiros anos de vida praticamente e junto com nosso amigo Sadao, nós percorremos todas as restaurações e reconheci alguns pontos que foram modificados e então, pegando a prancheta, foi anotando os detalhes de

como era o prédio. Isso daí, foi uma coisa marcante no tocante essa parte de reencontro. Chegamos, né, depois de sessenta e dois anos, algo que me marcou bastante.

O senhor consegue descrever como era?

Descrever...não.

A parte física.

A parte física eu me lembrava bastante, então, no momento em que o Sadao ia perguntando, eu ia sinalizando e anotando, né. As modificações que ocorreram em algumas peças, algumas janelas, portas, paredes. A entrada, se bem que permaneça a estrutura básica dela, ia lembrando as pessoas que eram os alunos do pensionato, me lembrei alguns fatos locais, busquei minha mãe, preparava as refeições, tinha lá o fundo, onde funcionava o laboratório. Notei inclusive o local onde tinha o galinheiro, [risos]. Inclusive tudo foi realmente uma coisa que me marcou e aqui estou, retornando pela segunda vez, com grande satisfação, a convite do Rafael, para que pudesse relembrar alguns fatos daquela época. Com grande satisfação, estou presente aqui. Espero que tenha dito algumas coisas que possam ser úteis para o seu trabalho.

E na sua opinião, qual a importância desse trabalho?

Eu acredito que esse trabalho seja muito importante, valorizar o que é uma oportunidade de se trazer ao conhecimento, trazer à tona alguns fatos que a grande maioria desconhece, principalmente da própria colônia, os atuais. Somente os antigos, mesmo assim, detalhes passam pelo desconhecimento da grande maioria. Eu acredito que este seja um trabalho relevante por parte do Rafael e este trabalho acho que merece todo nosso apoio e tudo que seja necessário para ajudar no seu trabalho. Nós teremos o máximo prazer e agradeço essa oportunidade que você está me oferecendo de estar, juntamente com a minha esposa e passando essas informações. Agradeço muito mesmo!

Eu que agradeço. Muito obrigado!

Ok. Obrigado então e até uma próxima oportunidade.

ENTREVISTA 5 – Entrevistados FS e DS

Bom dia! Seus nomes, por favor?

Francisco – Meu nome é Francisco Carlos Simons.
Diva – Meu nome é Diva dos Santos Ramos.

Qual é a relação que vocês têm com a Escola Japonesa de Santos?

Diva – Olha! Foi muito pouco tempo, eu estava no colégio Jardim da Infância na parte da manhã e a Dn. Maninha me convidou para que eu fosse assistir às aulas do colégio japonês na parte da tarde porque era um horário em que eu ficava sem fazer nada ou fazendo travessuras em casa, e a Dn. Maninha como era professora do colégio então me convidou e minha mãe achou ótimo que eu fosse participar do colégio e assim não ficava brincando na rua e o relacionamento com as pessoas, que tenho vagas lembranças porque a gente passa muito tempo né, a gente acaba perdendo as pessoas de vista. Mas, ainda tem o Ignácio, que está na fotografia que mora em São Paulo, hoje é Pastor, e algumas pessoas que eu perdi de vista. Depois veio a Guerra e com isso nós tivemos... Perdemos o relacionamento com as pessoas. Logo depois passou a ser do Exército, a casa foi cedida e agora depois de muitos anos é que eu me encontrei com algumas pessoas daquela época.

E o senhor? S. Francisco

Francisco - Olha! Eu sou filho da Dn. Maninha, que era professora lá, né? Talvez pela razão me levou para estudar durante... Depois que eu já tinha feito o Jardim da Infância no Colégio Progresso Brasileiro eu fui para a Escola Japonesa, mas também passei lá praticamente pouco tempo! Um ano? Talvez! E voltei outra vez para o Progresso Brasileiro, e minha mãe, além de nos ter ensinado em casa, também nos fez passar... Deu lições para mim e meus coleguinhas de colégio, de escola japonesa, então fui mais ou menos bem, tanto que minhas notas nunca passaram de 80 (oitenta) dificilmente eu chegava ao máximo e, mas também tive relacionamento mais, com eles, também foi muito pouco vamos dizer pelo tempo decorrido, é eu não tenho grandes lembranças daquele tempo. Sei... Me lembro perfeitamente da família *Minamitami,* da *Tereza,* que era Eurico e o irmão dela Mário eu conheci posteriormente como "tintureiro" e a família *Arakaki* e *Moriguchi "san"* que eu acho que é o pai desse Ignácio. Também eu era ligado com eles por esse fato de estar na Escola Japonesa, assim como o Yanaguisawa "*sensei*" que era muito ligado a minha mãe e a minha tia, Don´Ana, que era irmã dela, também era professora da Escola Japonesa.

E a Dn. Maninha e sua tia, elas ensinavam o que especificamente?

Francisco - Curso primário! Eram professoras do curso primário, justamente por causa desse contato diário que minha mãe tinha. Ela aprendeu bastante coisa de japonês, muitas frases, falava bastante bem japonês, inclusive era uma surpresa para muita gente, principalmente feirante, quando ela chegava na feira e falava japonês, para eles era um espetáculo dificílimo de entender como é que uma

pessoa, uma brasileira falava japonês, e principalmente naquele tempo, que era pouco tempo de contato com a colônia japonesa.

Você sabe como sua mãe conseguiu ter esse contato com os japoneses?

Francisco - Foi porque, como minha tia Don´Ana já era Professora da Escola Japonesa e alguém que precisava demais de professor para o Curso Primário. Então, ela fez o convite e minha mãe já tinha tido vários contatos, inclusive minha mãe era professora do falecido Ginásio Luso Brasileiro, existiu a muitos anos atrás aqui na Conselheiro Nébias, onde hoje é o SENAI, SESI, acho que é.

E a sua tia?

Francisco - A minha Tia tinha sido professora antes também, bastante bem relacionada com a colônia. Eu acho até que depois do contato que minha mãe teve com os japoneses e ficou muito mais familiarizada com as famílias japonesas, também com os professores da escola. Justamente por isso, vamos dizer assim, pela maior comunicabilidade que ela tinha com as pessoas e facilidade inclusive, de falar a língua, porque minha mãe aprendeu a falar japonês, que era muito, era não, é muito difícil.

Em que tempo vocês estudaram na escola? Vocês lembram como era o cotidiano, as aulas? Como era a aula?

Francisco - Bom, eu me lembro que era o que se chamava antigamente de Curso Primário, então, tinha aula de Português. Constava de ditado, correção de textos, Aritmética, não era matemática, contas que se fazia e alguma coisa de Geografia e História.

E tinha aula de japonês?

Francisco – Não. Para nós não. Tinha aula de japonês para os descendentes de japonês, para os Nisseis.

Diva – Eu sei que no colégio eu fazia mais desenho. Eu tava no Jardim da Infância, então eu fui para lá, mas para não ficar aprontando na rua. Então a Dona Maninha me dava muito giz e eu fica fazendo na lousa algum desenho, fazendo desenho no caderno, ficava colorindo às vezes, letras que ela escrevia, como antigamente ensinava, sabe? Alfabetizando as coisas de primeiro ano, porque eu tava no Jardim, nessa época e ele já era mais velhinho do que eu, por isso, que ele já estava mais adiantado. Aprendeu a fazer contas e tudo. Agora, eu já fui mais lá para continuar brincando, mas, só para preencher o tempo, para não ficar na rua, brincando. Era um grupo muito grande. Eu me lembro que tinha muita gente no Colégio Japonês, muitos japoneses.

Muitos quantos, mais ou menos?

Diva – Eu acho que uns sessenta, setenta pessoas. Muita gente.

Francisco – Naquela fotografia, por exemplo, que são os dois...

Diva – Não aparece nem a metade!

Francisco – Dois cursos primários, tem o que, uns sessenta, tão lá naquela foto.

E o relacionamento com os colegas?

Diva – Quando a gente é criança, todo relacionamento é muito bom, todo relacionamento! Porque a gente até é criança, tudo brincando com a mesma idéia, aquele mesmo sentido... Depois que a gente fica mais adulto, a gente passa a ser até mais exigente com as amizades, né. Mas, quando é criança...

Vocês lembram quais brincadeiras que tinham na Escola?

Diva – Naquela época era brincadeira de tudo.

F**rancisco** – Pega-pega, bola...

Diva – Forno-corno, que mais?

Francisco – Bola também, principalmente os meninos jogavam futebol e lá, tinha um espaço bem amplo. Na parte traseira da escola, que a escola é de frente para a Rua Paraná. A rua de traz se chama... Como que chama a rua de traz ?

Diva – A rua de traz...

Francisco – São Paulo, acho que é São Paulo o nome da rua de traz. Tinha um espaço bem grande, aliás, ainda tem o espaço.

Diva – Começa numa rua e acaba na outra.

Francisco – É um quarteirão inteiro. Um quarteirão não, de um lado ao outro, de uma rua até a outra.

Então, tinha um campo para prática de esporte?

Francisco – Tinha.

E o uniforme? Tinha uniforme?

Diva – Tinha uniforme e era... azul-marinho e branco, saia azul-marinho e camisa branca, sapato preto. Todo colégio era assim. Todo colégio naquela época, tinha uniforme.

Francisco – Calça azul-marinho e blusa branca.

Além da sua mãe e da sua tia, vocês tinham outros professores?

Francisco – Não.

Diva – Só a dona Maninha e Don´Ana.

Francisco – A gente tinha contato, pelo menos eu, contato com os outros professores, mas, eram de cursos mais elevados, do próprio colégio. Tinha Abe sensei, sensei é professor, né. Yanaguisawa também... Não sei se ele era professor, pelo menos fazia parte, Moriguchi também não sei se era professor, era Diretor pelo menos da escola.

Diva – Pai do Ignácio?

Francisco – Pai do Ignácio! Moriguchi san.

Tinham festas? Vocês conseguem se lembrar de alguma festa ou comemoração?

Francisco – deve ter tido, mas em função dos anos corridos...

Diva – É, muito difícil...

Francisco - Eu não me lembro.

Diva – Muito difícil.

Francisco – Olha. De festa, deve ser igual essas que tem da Colônia Japonesa, que sai todo mundo jogar Críquete, negócios, até nós, menores, não era dado a participar dessas brincadeiras.

E depois? Quanto tempo vocês permaneceram e para onde vocês foram depois?

Francisco – Bem, eu, como disse, voltei para o Colégio Congresso Brasileiro, onde eu já tinha estudado no Jardim da Infância e lá, não tinha colega nenhum, de origem japonesa. Fui encontrar depois, aí, ter feito a Escola Japonesa, dos quais eu não me lembrava daquele tempo. Tinha Antonio Arakaki, Kasuo Onato, Kasuo Shimabukuro, Oscar Sato e tinha mais um outro, Jorge Miachiro. Jorge Miachiro se tornou grande médico proto-molecular, tive a oportunidade de encontrar com ele a uns dois anos atrás, na festividade que nós comparecemos, era no Colégio Canadá, onde eu estudei posteriormente e ele ficou admirado de ver minha memória com referência aos tempos em que nós estudávamos no Canadá. Hoje, infelizmente, ele faleceu, Jorge Miachiro.

Diva – Taro foi um japonês que os pais dele também viveram nesse ano...

Francisco – Matsutaro Uehara!

Diva – Isso. Eles foram meus vizinhos e depois que nós estivemos lá, foi reinaugurado o salão lá dos japoneses. A Tina, a mulher do Taro disse que estudou lá também, só que estudou bem antes de mim, por que ela é bem mais velha do que eu. Ela assim: ‘Ah! Você estudou no Colégio Japonês. Eu também estudei no

Colégio Japonês, mas só que bem antes de vocês'. Então, quem sabe a Tina do Taro, não tenha documentos daquela época. Eu posso até perguntar para ela. É mais uma pessoa que a gente pode perguntar.

E qual o grau da importância que vocês dão à formação recebida na Escola Japonesa?

Francisco – Bom, eu aprendi, não só na Escola Japonesa como também com minha mãe e com meu pai, a primeira coisa foi respeito pelas pessoas, porque eu acho que isso é uma coisa muito importante e que hoje em dia, está faltando. Isso, em matéria dos nipônicos, todos, a gente sente que todos eles têm muito respeito pelas pessoas, principalmente pelos mais velhos, que agora é o meu caso, não é?

Diva – E eu endosso essas palavras, porque eu também, naquela época que os pais sabiam educar e o colégio era educação e ensino. Os nossos pais davam toda autoridade para os professores agirem como se fossem eles.

Francisco – Em relação a isso, pode-se até alegar que a gente vê hoje em dia, as universidades sempre os primeiros lugares são ocupados pelos descendentes de japoneses, porque quando eles se dedicam a uma coisa, eles levam a cabo, até o fim, com toda força para realmente serem os primeiros. Acredito que seja decorrência desse tipo de educação que receberam de seus pais e antepassados.

Diva – Japoneses eu sempre considerei uma raça super inteligente e muito amiga. Quando eles são amigos, são amigos de verdade. Eu tenho várias amizades com japoneses desde... Não sei por que eu tenho tanta atração por japoneses, é impressionante. Tem um bocado de amigos japoneses. Me tratam com muito carinho e eu vejo que são pessoas assim, poxa, que a gente se envolve tanto que não deixa de gostar deles.

Vocês sabem especificar o ano de entrada e de saída na Escola Japonesa?

Francisco – Eu diria que eu entrei em 39 e devo ter saído no fim de trinta e nove, porque depois, eu me formei no Colégio Progresso Brasileiro, que era antigamente o curso primário, que hoje é o fundamental.

Diva – Eu tenho a impressão que eu devo ter entrado também por essa época, porque aquela fotografia deve ser assim, 1937, 1938. Deve ser.

Francisco – Para você ter feito o Jardim da Infância.

Diva – E até eu to mesmo uma criança!

Francisco – Posso dizer que você é três anos mais moça do que eu. Eu acho que você estava no Jardim da Infância em trinta e sete...

Diva – E depois, eu acho que fiquei até antes da Guerra começar, que foi entregue...

Francisco – Ah é! Esse é outro capítulo. Que quando começou a guerra, depois que os japoneses foram obrigados a irem tudo para o interior. Perdemos aquele contato, né. Acho que não ficou remanescente nenhum, só depois que eles foram voltando devagarzinho, quando já tinha acabado a guerra, foi justamente quando eu fui colega desse, de Ginásio.

Diva – Depois veio a guerra e acabou.

Veio a guerra e fecharam a Escola?

Francisco e Diva – Fecharam a escola.

Diva – A gente perdeu o contato.

Francisco – É. Entregaram. Entregaram não, tomaram mesmo. Só agora depois de muitos anos, é que conseguiram devolver.

Diva – E a gente perdeu o contato com as pessoas. Como de fato a maior parte foi tudo para o interior.

E só depois que eles regressaram?

Francisco – É!

E hoje em dia, vocês conservam amizades daquela época?

Diva – Algumas pessoas que a gente encontra, sabe. Eu mesmo lá com essa turma lá do Taro, todo ano se reúne os filhos. Eles tem muitos filhos, muitos parentes, que se reúnem na casa do falecido Taro, todo fim de ano. Então, é uma oportunidade que a gente tem de se encontrar e fora isso, ainda tem pessoas que encontrei, que fizeram parte do colégio e que hoje têm uma igreja que eles fazem na casa deles, um culto e eu vou todo último domingo de cada mês. Eu vou nesse culto para me encontrar com eles e é aí que o pastor veio de São Paulo. Até o pai dele era diretor, naquela época, do Colégio Japonês e quando o veio, foi uma festa. Eu até telefonei para São Paulo para saber dele que fez uma operação no coração e agora, de vez em quando a gente se fala.

Mais alguma coisa que vocês querem comentar?

Francisco – Não. Acho que é...

Diva – O contato que temos com japoneses ultimamente, foi mais assim nos restaurantes japoneses que a gente costuma frequentar, inclusive o Estrela de Ouro, o Gyoko. Qual é o nome daquele outros? Conji... É esse o contato que a gente tem com japoneses, o Estrela... Onde a gente encontra sempre o Sadao Nakay.

E na opinião de vocês, qual a importância desse trabalho para recuperar a memória da escola ?

Francisco – Olha! Muito importante. Realmente muito importante, porque essa escola, esse assunto, a Escola Japonesa ficou esquecida durante muitos anos. Eu me lembro que minha mãe às vezes perguntava: 'e a Escola Japonesa?' e nunca ninguém pôde dizer nada. Depois, foi entre o exército, tomou conta lá da parte toda, inclusive agora, recentemente, ainda havia até a recuperação pela colônia e havia uma parte, um setor do exército que tomava conta lá. Tinham, diziam que tinham arquivos lá, mas não sei se esses arquivos que diziam ser da Escola Japonesa, foram encontrados. Mas eu acho da maior importância sim e se eu puder colaborar de alguma forma, para isso, eu acho que estou colaborando, né. Inclusive com os contatos que a gente tem desde aquela época, só que já fazem muitos anos. A maior parte das pessoas daquele tempo, ou faleceram ou perdemos o contato com eles.

ENTREVISTA 6 – Entrevistadas YY e LY

Qual seus nomes por favor?

Yoneco - Meu nome é Yoneco Yamashiro, é! Agora é, casei e coloquei Yamashiro, antes de casara era Kanashiro, mas agora que casou é Yamashiro.

Linda - Meu nome é Linda Yamashiro Ykemore.

Onde você nasceu?

Yoneco - Eu nasci em Itanhaém, no litoral, Itanhaém!

Você sabe me dizer quando?

Yoneco - Não, eu me esqueci a data.

Linda - 23 de março de 1921.

Você pode falar um pouco dos seus pais?

Linda - Fala de seu pai e sua mãe!

Yoneco - Eles trabalhavam em Itanhaém na roça, né, porque tinha um conhecido na roça que chamou ele para trabalhar na roça. Por isso que quando eu nasci na roça, no litoral, Itanhaém. Aí meu pai trabalhava assim, mas por causa da minha mãe que teve eu ele esquentava água para dar banho em mim lá no Itanhaém, ele arrumava e levava para minha mãe tomar banho e dar banho em mim. Minha mãe jogava água em mim, essas coisas, por causa da minha avó, era enfermeira no Japão, era principal quando ia ter filho essas coisas, como que arrumar o umbigo, essas coisas, dar banho. Essas coisas ela ensinou? Pra minha mãe. Por isso que ela fez tudo e meu pai esquentava água para levar para o quarto para dar banho em mim, logo que nasceu.

E seus pais eram brasileiros ou japoneses?

Yoneco - Eram japoneses, de Okinawa. Logo quando veio do Japão eles trabalharam na roça.

Linda - E depois da roça, para onde que ele foi?

Yoneco - Depois da roça são para Santos. Começou a fazer coisa de brinquedo.

Linda - Mas não tinha ido antes para o Porto?

Yoneco - O Porto! O Porto ele não ia porque tinha machucado o braço no Japão, não podia carregar do navio, do carro, carro para navio; não podia então ele, daí ele saiu de...

Linda - Trabalhava no transporte do navio para o carro, mas depois ele saiu de lá, como tinha o braço quebrado, machucado...

Yoneco - Quando estava no Japão ele machucou e então quando ele chegou aqui não podia fazer, então ele pegou e que por isso que ele foi para Itanhaém, que conhecia pessoal lá de Itanhaém, mandou ele para lá, aí ele foi lá trabalhar na roça.

Linda - Depois aí ele foi fazer brinquedo.

Yoneco - Depois de lá que saiu da roça ele começou a fazer brinquedo e depois vendia na praia brinquedo caseiro. Depois a pessoa encomendava e ele fazia e vendia pro pessoal assim.

Linda - Ele vendia os brinquedos lá na praia?

Yoneco - Vendia na praia.

E como que era sua convivência com seus pais?

Yoneco - Não, nunca falou grosseiro comigo, sempre com carinho.

Eles incentivavam seus estudos?

Yoneco - Meus estudos? Eles pensavam em ir para o Japão, então antes de eu... Quando comecei a estudar no Atlanta[12], porque lá tinha professor de português e o pessoal fazia a segunda língua nos estudos, aí poderia estudar japonês no primeiro ano porque tinha professor e professora lá ensinando japonês, por causa da Guerra num deixava estudar só japonês, estudava o português primeiro. Depois que eu passei para o segundo ano, comecei a fazer primeiro ano japonês. E quando minha mãe ficou doente, assim num sei se eu estava no terceiro ou segundo ano, minha mãe ficou doente e eu tive que ficar em casa por causa que minha cunhada tinha filha, acho que filho, filha não sei, e eu precisava tomar conta que ia fazer todas as coisas e eu precisava tomar conta para não deixar na casa para ir para fora. Eu ficava tomando conta das crianças.

Linda - Tinha que tomar conta das crianças por isso que teve que sair da Escola?

Yoneco - É.

E como foi sua infância?

Linda - Você brincava, o que fazia naquela época? Quando a mãe era criança o que fazia? Minha mãe disse que às vezes saia para brincar, carregava irmãozinho menor nas costas. Conta para ele como é que era.

Yoneco - não brincava porque quando minha mãe veio do Japão ela que tomava conta, não brincava, ela que tomava conta, não deixava sair, para a rua.

[12] Ao se referir ao Clube Atlanta, a entrevistada na verdade, quer dizer Escola Japonesa segundo a sua filha.

Linda - a mãe disse que as vezes saia para brincar carregava neném nas costas. Depois, fiquei acho que, num sei se tenho oito anos ou mais ou menos, sete ou oito anos ou seis anos, não sei, porque minha irmã depois que teve o irmãozinho novo, criança assim com um ou dois meses mais ou menos, por que quando minha irmã ia trabalhar a e pra me tomar conta pegava e colocava neném nas costas, e eu ficava lá assim, porque tinha lugar assim, tinha muitos japoneses, filhos de japoneses que mãe e pai tudo trabalhavam, ai lá trabalhar, dois anos mais velho que eu e ia brincar tudo junto. Assim foi indo.

Você brincava de quê?

Yoneco - Eu não brincava porque, o pessoal lá era assim tava acostumado a pular corda, né?, eu não pulava porque tava com neném nas costas, e só ficava olhando o pessoal pular e isso.

Linda - E quando a mãe ia para a escola a mãe disse que andava três quilômetros para ir...

Yoneco - E era a pé né sempre! Ia para colégio e depois voltava sempre, né? Depois quando termina trazia para casa.

Aonde era a Escola?

Yoneco - Era no Atlanta. Associação Atlanta Japonesa.

Linda - Não era naquela Escola Japonesa? A mãe não estudou no Colégio São Leopoldo. Lá na João Guerra, não tem o Grupo Escolar São Leopoldo? Onde eu estudei também? A mãe fez até a primeira e segunda série.

Yoneco - Lá eu fiz primário. Português.

Linda - E a mãe também estudava lá na Escola Japonesa na Rua Paraná?

Yoneco - Rua Paraná não sei, não lembro.

Linda - Aquela Escola Japonesa, que a mãe estudava?

Yoneco - Acho que tem, mas acho que... Como que tinha Associação Atlanta lá pegou e levou para lá por que tinha o ensino lá. Fez o primário, passou o primeiro e segundo ano, passou para o segundo ano comecei a aprender japonês, foi assim. Depois minha mãe ficou doente, quando tava em japonês segundo ou terceiro ano e eu tive que ficar em casa; não fui estudar, por isso que eu não sei muito estudo, esquece muito falar português nem japonês nem nada.

Você lembra como que era a Escola? Quantos alunos tinham?

Yoneco - Quantos tinham eu não sei!

Linda - A mãe gostava de ir para a Escola?

Yoneco - Eu gostava por causa que ficava em casa cuidando de neném nas costas.

Linda - Tinha bastante amigas na Escola?

Yoneco - Na Escola! Lá tinha, não sei se tinha uma... Num sei se era Sábado, era alguma coisa. A gente tinha uma professora que era de Português que levava nós para a Igreja e lá ela me batizou. Quando fui lá ela, o pessoal ajudou e tudo, sentou na cadeira, chegou perto da onde que o padre conversa, aí ela veio perto de mim e disse assim: 'Olha, eu vou batizar você, vou batizar com meu nome'. Aí eu fiquei contente, com alegria. Falei: 'muito obrigada'. Aí batizou meu nome como Luíza, o nome da professora, aí eu fiquei contente.

Linda - Foi no Coração de Maria que a mãe foi batizada?

Yoneco - Então, na Ana Costa, Coração de Maria.

Linda - No Coração de Maria, da professora dela

Yoneco - Por causa que ela levava na Igreja, acho que era Sábado que ela levava.

Essa professora ensinava o quê?

Yoneco - Português. Então eu passei para o segundo ano e Português e depois eu comecei a fazer Japonês lá na Associação. Primeiro e Segundo ano, passou o segundo ano depois eu precisei passar para outra escola, para o Grupo. Então meu vizinho tinha um grupo do Visconde de São Leopoldo, passei pro segundo então eu estudei lá, depois que passei pro terceiro depois minha irmã ficou doente aí eu não fui mais porque eu tive que ficar tomando conta dos irmãozinhos, sobrinhos assim. Minha irmã tomava conta, tenho que cuidar do sobrinho, eu ficava lá para não deixar criança. Então todas as coisas, fazia comida, lavava roupa, essas coisas; fazia todas coisas. Tomava conta da minha mãe também. Então eu não podia... Aí eu fiquei assim, só. Não teve nenhum estudo, num sei nada português nem japonês.

Além dela tinham outros professores?

Yoneco - Além da Luíza?

Linda - Tinham professores sem ser essa.

Além dessa que era professora de Português, tinham outros professores?

Yoneco - não sei se tinha, isso eu não lembro nem sei se tinha professor ou professora. Essas coisas esquece muito, cada vez que passa a idade esquece mais, a memória vai ficando fraca.

Havia uniforme?

Yoneco - no meu colégio acho que não tinha, na Escola Japonesa, acho que tinha. Agora lá no São Leopoldo acho que tinha. Não sei se era... Acho que tinha uniforme,

mas eu não sei se era branco, acho que era branco, uniforme branco, acho que era assim.

Linda - Quando eu estudei era branco.

Yoneco - Então acho que era branco mesmo.

Linda - Naquela época eu não sei se era branco.

Yoneco - Então era branco, tanto coisa que a gente esquece, quando a idade vai indo esquece mais, vai piorando.

Então quando a senhora saiu da Escola o que a senhora fez?

Yoneco - A Escola? Depois teve negócio que japonês e português não podia ficar em Santos, italiano; minha avó foi para São Paulo.

Linda - Lá por causa da Guerra?

Yoneco - Por causa da Guerra, depois ela ia como que, meu pai plantar verdura, conhecia lá em São Paulo Mercado que comprava verdura fruta assim, conhecia pessoa lá; aí eles ensinaram onde é que tinha uma quitanda uma coisa assim, então ele foi lá e não sei se alugou ou comprou lá.

Linda - Começou a trabalhar na Quitanda?

Yoneco: Tinha meu irmão que era mais velho que eu assim, ele que tomava conta lá e minha cunhada, por causa dele por que tinha criancinha ai tomava conta lá e eu ficava tomando conta lá no quarto para não deixar sair, que criança gosta de sair. Então ela ajudava na quitanda e com o outro meu irmão e eu ficava lá tomando conta assim, enquanto meu irmão tomava conta de coisa, eles faziam almoço, fazia essas coisas assim, passou assim a vida.

Posteriormente, como foi sua vida profissional?

Yoneco - Então eu fiquei ajudando... Depois que eu casei eu fiquei ajudando marido porque ela começou a fazer coisa de doce, comecei a ajudar ele tinha que fazer compras, tinha que fazer que fazer compras e eu ficava fazendo as coisas: o que ele podia fazer não podia fazer ele fazia.

Linda - E antes disso pai tinha quitanda? Quando a mãe casou já tinha quitanda e vendia banana?

Linda - O pai tinha carrinho de banana e ele ia...

Yoneco - Eu acho que é.

Linda - Ele tinha carrinho e levava banana e a mãe ficava na quitanda junto com a mãe do Shenji.

Yoneco - Não sei...

Linda - Aí depois ele resolveu fazer doce.

Yoneco - É, depois que eu casei marido começou a fazer doce aí comecei a aprender a fazer as coisas e o que eu podia fazer eu fazia, ele precisa vender ou comprar algumas coisas eu ficava em casa fazendo algumas coisas com as criancinhas pequenas, que tinha sobrinha pequena.

Linda - Trabalhar na fábrica.

Isso em Santos?

Linda: Em Santos!

Yoneco: Em Santos, naquele tempo!

Linda: A fábrica de doces era em Santos, Manoel Torino.

E você viveu todo esse tempo em Santos?

Yoneco - Quando eu vim para cá!

Linda - Faz uns cinco anos...

Yoneco - Mas eu não sei

Linda - Ela não veio para cá em dezembro de 2006, 2007, 2008?

Yoneco - Porque minha irmã faleceu e meu irmão... Porque a fábrica acho que não ia bem. Precisava pagar dívida, uma coisa assim, aí depois precisava pintar a fábrica, mudou para cá.

Linda - Quando tava na Manuel Torinho era, quando tava na Manuel Torinho estourou a Guerra, na época né, aí a mãe falou que quando estourou a Guerra, os japoneses tinham que sair né.

Yoneco - Foram tudo para São Paulo, depois de São Paulo foi lá plantação de café, depois terminou Guerra...

Linda – Voltou. Aí depois que mãe casou depois da Guerra?

Yoneco - Mas casei lá em São Paulo. Aí mãe disse que tinha vigilância sanitária lá no Manuel Tourinho, naquela época, então uma vez o fiscal lacrou todas as máquinas para não poder trabalhar, porque a vigilância sanitária lacrou todas máquinas. Aí a mãe disse que para não ficar parada durante a madrugada eles tiraram toda a fita, o lacre, trabalharam, limparam tudo, depois vendia, e durante o dia todo tudo arrumadinho como eles tinha deixado, porque eles trabalharam durante a madrugada, assim foi indo até que teve que comprar a terra...

Yoneco - Não sei se ele comprou um terreno, não sei o que foi, sei que foi lá na João Guerra. Aí, minha mãe disse que na frente tinha uma casinha assim e em uma moradia, não sei se tinha... Tinha uns quatro quartos.

Linda - Quatro quartos! Embaixo era fábrica na João Guerra. Por causa da vigilância sanitária que começou a apertar muito aí então meu pai teve que procurar outro lugar, então ele comprou na João Guerra depois construiu outra fábrica, mas de acordo com a exigência. Então embaixo ele fez essa fábrica, em cima tinha cinco quartos para a família, mas nos fundos tinha mais cinco quartos que eram para os empregados, que tinham empregados que moravam longe no sítio, não tinham tempo hábil de chegar no trabalho.

Yoneco - Lá no Japão, não podia ficar então meu marido chamou.

Linda - Depois que nós voltamos na João Guerra meu avô ficou viúvo, e todos os irmãos dele moravam no Japão, aí meu avô ficando viúvo não, primeiro foi João Fuku. São Caetano, foi chamando aos poucos familiares para trabalhar na fábrica com meu pai.

Em que época que foi a fábrica da João Guerra?

Linda - Eu mudei, que eu tava... Foi em dezembro de cinquenta e seis que nós mudamos na fábrica da João Guerra e viemos até o ano passado, que nós vendemos, mas ela viveu aqui até agora, dois mil e cinco. Mas sempre foi há quarenta anos naquela casa.

Yoneco - Tinha um carrinho, mas como não podia fazer nada, depois o S*mart* trabalhava lá, depois a fábrica também não ia muito bem, como antigo né, ficou fraco aí ficou fazendo dívida aí teve que fechar a fábrica.

Ainda voltando na Escola, a senhora fez amizades na Escola, chegou a fazer amizades?

Linda - Tinha colega?

Yoneco - Tinha colega, mas não assim. Só na Escola mesmo só na Escola.

Linda - Não de ir na casa do outro!

Yoneco - Não, só na Escola.

Então depois você não viu mais eles?

Yoneco - É, por causa da Guerra, essas coisas não vi mais ninguém. Agora se perguntar esse nome ou daquele, Eu não sei nenhum mais nome.

E quanto ao que você aprendeu na Escola, você acha que foi útil para sua vida?

Yoneco - Eu gostei, mas sei que língua japonesa tem muito daquelas coisas, que já esqueci muita letra, assim pra dizer, muita coisa eu não sei nem responder porque meu pai minha mãe ninguém falava japonês quando nós falava, então eu não sei falar , nunca...

Linda - Mas foi importante, a aula japonesa para mãe?

Yoneco - Foi bom por causa que ficava lá e aprendia alguma coisa.

Linda - Depois veio a parentada do Japão, só que uns só falavam português, então não conseguiam falar, ficavam assim. Depois fica cada vez mais fraco, depois que eu caí, nossa, cada vez mais esquecendo as coisas, conforme a idade vai indo, não sei se é por causa da idade vai indo, não sei se é por causa da idade que vai avançando, esquece todas as coisas.

Na opinião de vocês, qual a importância desse trabalho para o resgate da memória e da Escola e da comunidade?

Yoneco - Ah isso eu não sei.

Linda - Acho que isso é importante, acho que é muito importante porque hoje eu, para minha geração, conhecer qual foi a história que eu não sabia também, muitas coisas eu não sabia, e com esse trabalho que você ta fazendo acho que vai ser uma boa oportunidade ara nossa geração conhecer como foi a origem nossa aqui no Brasil e pros futuros herdeiros nossos filhos, nossos netos e para preservar a cultura.

Ta bom.

Yoneco - Desculpa, num lembro mais, mas mentir também é feio.

Muito obrigado.

Linda - Bom trabalho!

ENTREVISTA 7 – Entrevistado AF

Qual seu nome por favor?

Antonio Fernandez Filho!

Desde quando o senhor está aqui no Saboó?

Eu vim aqui para o Saboó, quando eu cheguei aqui, cheguei em 1936, vim pequenininho, mas de trinta e nove para cá eu conheço tudo, em 1939. Tinha a Escola Japonesa lá embaixo, no fim da Mercedes Fea, terminava e tinha uma escola de japonês, trinta e nove! Dessa rua para cá, só morava japonês, umas casinhas pequenas, casinhas de madeira, uma 'chacrinha' na frente. Português só tinha meu pai no morro e mais umas três casas aí no morro, uma ali e outra aqui. Não tinha essas casas aí no morro, só tinha uma casa aí no morro. E essa rua, quarta travessa, só tinha uma espanhola lá na frente e japonês desse lado como está agora, e esse japonês [gestos apontando]. Era tudo casinha de madeira e zinco, 'chacrinha' na frente. Vê aí, mudou tudo! Então, as coisas agora se falar, só o pessoal daquele tempo é que sabe. Aqui na quarta travessa, era japonês, tinham criação de porcos e 'chacrinhas', eram chácaras, chácaras de japoneses! E lá, da Mercedes Fea para baixo, era brejo, criavam porcos, 'chacrinhas' de japonês, só tinha japonês aqui. Bairro do Saboó, daqui até chegar lá fora, na avenida, Nossa Senhora de Fátima, sempre foi Nossa Senhora de Fátima lê, daqui até lá fora, era só japonês desse lado do brejo, criavam porcos... Não tinha um brasileiro aqui, só tinha eu porque vim com meu pai, mas morava lá no fundo, português no morro e embaixo era japonês. A gente passava assim na rua, ia vendo os japoneses nas 'chacrinhas' com os filhos nas costas, a mulher amarrava o filho aqui e pegava a enxada e carpindo a chácara. A gente passava na rua, cumprimentava só japonês! É brejo, e eu fiquei conhecendo o bairro Saboó porque eu nunca saí daqui, com seis anos eu já estava aqui. Agora tenho setenta e nove, vou fazer oitenta em dezembro, eu sei tudo! Para trás eu sei tudo por aqui! Tudo que eu falei é o que era, japonês lá embaixo e português aqui no morro, só tinha uma espanhola ali. Naquele morro, só tinha uma casa lá, aqui era português, tinha engenho, tinha um engenho aqui ó! Tinha outro engenho lá em cima. Português no Morro e Japonês em baixo. Então eu conheço, falou em passado é escola de japonês, que é antiga, começou em trinta e cinco por aí, quando eu cheguei já tinha a escola, era novinha, quando eu cheguei aqui pequeno a escola era só para a molecadinha filho de japonês, escola só da língua japonesa. Depois o governo obrigou que tinha que falar a língua portuguesa ai tinha professor de manhã para ensinar o português e a tarde para ensinar o japonês. A escola ficou depois para duas línguas. Então a gente via aquela molecada passando, indo para a escola, todos os mesmos de manhã, era escola de manha e escola a tarde, de manhã cedo era japonês e a tarde língua portuguesa. A molecada o dia todo passando, essa rua aí, antes de Mercedes Fea, era Estrada Costeando o Morro do Saboó, depois que passou a ser Mercedes Fea. Ta vendo, antigamente era estrada de barro, passava aquelas carroças de japonês, no burrinho, no cavalo, descarregava verdura para o Mercado em cima de burro, jumento né. Era uma lama danada, antigamente era um pantanal, tinha dia que não se podia passar ai a pé, era um pantanal! Aí, a Prefeitura começou a aterrar isso aqui com o lixo da cidade, o lixo da cidade de Santos era carregado nas caçambas

puxadas a burro, ta vendo! Não tinha nem carro a Prefeitura, Santos era tão atrasada que não tinha nem carro, o lixo era catado a noite em caçambas puxada a burrinho, foram aterrando de lá do Chico de Paula, que não tinha, só tinha uma casa no Chico de Paula, aterraram o Chico de Paula, veio aterrando, parou na entrada ali, aí o lixo misturado com as águas do morro virou um pantanal isso daí. Isso se chamava o Pantanal do Saboó. Agora o cemitério do Saboó já tinha, cemitério e... A Escola Japonesa acabou por causa da Guerra né, não podia mais falar a língua japonesa aqui, aí japonês abandonou a escola, desmancharam tudo.

Como era essa escola?

A escola era um chalé grande! O chalé montado em cima de colunas, o chalé era alto, mas era montado em cima de colunas, eram seis colunas, colunas de trinta. E eles fizeram madeira em cima, tipo americana, chalé americano, que ia encaixando as tábuas, tinha varanda, uma varanda comprida.

O senhor lembra o nome da escola?

Agora eu não lembro o nome, era nome japonês, puxa vida! Sei que tinha a Escola, mas o nome eu não sei, porque o nome estava em japonês. Naquele tempo o nome era em japonês.

Só estudavam japoneses?

Só estudavam japoneses! Depois é que veio, mais tarde naquela escola, a língua portuguesa. Aí vinha uma professora brasileira e ensinava a língua portuguesa, e vinha um professor para ensinar o japonês, professor de língua japonesa. Com eles lá só falavam aquela língua e a gente não entendia. Cantavam o Hino do Japão, depois cantavam o Hino brasileiro, o Hino Nacional e eles... Teve a Guerra, aqui pertencia a japoneses que montaram a escola, era deles! Por causa da Guerra! O Brasil foi entrar na guerra, japonês perdeu a escola, era deles, por isso que não tem a escola hoje em dia, brasileiros obrigaram a língua portuguesa e saiu fora! Desmontaram a escola.

Naquela época o senhor lembra se eles tinham festas, se eles se reuniam na escola e davam festas?

A bom... Festas de japonês tinha! Eu não entendia o que eles estavam falando. Cantavam o Hino do Japão, Hino japonês, e depois fazia aquela festa e que eles diziam a gente não entendia. Eu era moleque, faziam aquelas festas, cheio de bandeiras, eu não entendia, sei que era festa. Tocavam aquelas batucadas do Japão, que nem índio, eles faziam aquelas festas tocando, tocava e a gente ficava da rua só olhando, mas não entendia nada. A gente falava a língua portuguesa e não entendia uma palavra. Vinha o professor do Japão, o professor era japonês, ele falava com os alunos assim, nós não sabíamos nada, eles entendiam tudo! Cantavam o Hino do Japão, não entendia. Agora quando chegou a professora eles cantavam... Depois que veio a língua portuguesa, o Hino Nacional era cantado, para aprender, o Hino Nacional, eles cantavam, a molecada tinha que cantar.

E o senhor lembra quantos alunos tinham na escola?

Agora eu não sei, sei que era bastante! Todos os moradores que moravam no Saboó colocavam os filhos nessa escola, todos! Cada casa os filhos estudavam. Todos os moradores daqui, do Chico de Paula até chegar lá na avenida, só tinha família japonesa, todos os filhos ia para a Escola Japonesa. Cantavam o Hino, mas era só japonês, brasileiro... A professora ia lá para ensinar a língua portuguesa. Por que brasileiro nenhum... Brasileiro ia para o Martins Fontes. Antigamente tinha o Martins Fontes. O Martins Fontes é mais velho que a Escola Japonesa. O Martins Fontes... Quando a Escola Japonesa chegou já tinha o Martins Fontes, era novinho. Martins Fontes dali! Quem era brasileiro, meu pai mesmo me colocou no Martins Fontes, com sete anos eu tava no Martins Fontes.

E lá no Martins Fontes tinham japoneses também?

Lá não! Lá era da Prefeitura! Japonês só na escola! Japonês era na escola de japonês. Mas depois, mais tarde, acabou a Guerra e começou a morar aqui outra vez, desmancharam aí, desmanchou ali e os meninos foram lá para cima! Mas em trinta e nove, 1939, todo filho de japonês ia para a escola de japonês. Só japonês ia, não tinha um brasileiro. Bom, poderia ter brasileiro, mas era filho de japonês, eles aí ó [aponta para a vizinhança]! Tudo com cara de japonês.

E o senhor tinha amizades aqui?

Mas tinha! O moleque aí que morreu, que era o irmão dele, o seu Jorge, mas ele era novinho, nasceu muitos anos depois, o outro tinha minha idade, ele conversava comigo, sabia falar assim, era japonês, ele vinha comigo, jogava bola.

Como era o nome dele?

Zencó! Sabia falar, aprendeu a língua. Falava certinho ele, não errava não! Aprendeu na escola, falava a língua, a língua portuguesa. Aprendeu, brincava, jogava bola. Aí mais tarde, quando a gente já tinha dez anos, eu fiz dez anos, ele também, eu tirei diploma e ele também, fomos depois para o Martins Fontes. Se ele estivesse vivo, ele ai contar que nem eu! Assim a história. A Escola Japonesa começou em trinta e seis, em trinta e nove era só a língua japonesa, ele ia falar igual ao que eu estou falando, se ele não falasse assim estava errado, era só a língua japonesa, só entrava japonês, não entrava brasileiro, língua portuguesa é lá! Aqui só japonês, poderia ser brasileiro, mas era deles, assim que eu... Meu pai tinha um sítio ali, pertinho, acho que antes desse sítio ele começou lá, a Escola Japonesa era a ultima casa, era perto, o pessoal vinha de longe já cantando e falando a língua japonesa.

E o senhor lembra como eram os uniformes dessas crianças?

Eles tinham um uniforme, mas o nome que eu não sei mesmo! Tinha uniforme, a molecada vestia aquela roupa branca e coiso... Branca... Eu acho que era azul e pronto, chegava lá, era tudo japonês. Assim na roupa, aqueles pauzinhos. A gente não entendia, passava com a camisa perto de nós e não entendia. Para mim era um desenho né, desenho japonês, eram riscos, riscos japonês, que eles escrevem com

riscos né, que escreve assim para baixo. Eles entende aqueles pauzinho lá. Eu, ainda mais que era pequeno, não entendia uma palavra. Para mim aquilo era um desenho, agora eles entendiam, escreviam aqueles pauzinhos, viviam escrevendo, escreviam mas a gente não entendia coisa nenhuma, eles não ensinavam, o japonês não ensinavam!

E o senhor lembra quantos professores eles tinham?

Agora eu não sei, sei que eram muitos, enchia a escola, eram muitos, era tudo desse Saboó aí, tudo quanto era filho de japonês, enchia a escola. Tinha muita casinha aí no brejo. Tudo vindo do Japão, filhinho, fazia a casinha, que nem esse aí ó, que só tinha o Zencó que veio do Japão, eles são oito! Mas já nasceram aqui, Esse Jorge aí, esse pasteleiro, nasceu já aqui, ia para a escola também. Mas naquele tempo como, foi em 1935, ainda não era nascido, quem era nascido era esse ai que eu estou falando que veio do Japão, Zencó, eles já estavam, ele era desse tempo, mas o irmão não, daquele tempo só eu tem, só tinha eu daquele tempo! Mais ninguém, morreu tudo! De vez quando alguém me para perguntar se tinha a Escola Japonesa, tinha! No fim dessa rua! No terreno da *Sevem Boys,* terreno ali pertence ao macarrão *Sevem Boys.* O *Sevem Boys* é japonês, ainda hoje ele é dono daquilo ali, parece que está abandonado, aquilo é próprio deles. Você vê que os prédios não puderam com eles. Ao passar essa rua direto, tiveram que pedir para a *Sevem Boys,* porque a rua não era por lá! Era entre o morro! Chegava lá ela virava para a esquerda. Para fazer direto assim, tiveram que trocar, a rua de dentro era de japonês, tiveram que ir na Prefeitura, por que era daquele lado. Aquele terreno todo da ali pertence a japonês, do macarrão *Sevem Boys.* Então ainda é, eles jogam lixo e tudo, mas não é da prefeitura, esse terreno é do homem lá, desde aquele tempo ta aí. Agora tem uma casa, não sei se ele paga aluguel, mas é da *Sevem Boys*. Agora, o terreno que é da *Sevem Boys,* que é o terreno da escola de japonês*,* a escola era em cima do terreno deles, ele era japonês, não sei o nome dele, o dono do macarrão *Sevem Boys*, não lembro o nome dele, ele é japonês.
Por aí para cá, cada um comprou seu terreno, meu pai comprou aqui no morro, esse aí comprou aí, comprou e ficou aí até agora. Quando veio a Prefeitura, que dalí para baixo, Mercedes Fea. Agora para lá, para cá não é da Prefeitura. Essa rua todinha aqui é particular. Eu, ele, todas essas casas aí! Só que continua japonês a família toda só essa carreira de casas aí, é de uma família japonês, ela morreu ficou a filha e ainda não morreu. Todas essas casas aí é de japonês, a casa aí do lado ta alugada, aquela outra ali é da filha, a outra é da filha, tem três filhos, só que aqueles já são brasileiros, nascidos aqui no Brasil, e a mãe deles ainda ta viva, tem noventa e oito anos, ta viva aí, só que ela não anda mais. Eles tão tudo aí, só casa aí, tudo japonês! Tem essa aqui que é de brasileiro, que ta alugada, o terreno é tudo deles, que nem o da *Sevem Boys*, o terreno é tudo deles, também é daquele tempo. Então aqui nessa rua aqui, tem setenta e dois metros, quarta travessa tem setenta e dois metros! Tudo particular! Não é da Prefeitura não, a Prefeitura aqui não tem nada, a Prefeitura é da Mercedes Fea para os prédios. Esses prédios aí não tem escritura, a Prefeitura não da escritura, ela pegou da Marinha, o cara comprou aí, lá da portuária, também não sei o nome, fez os prédios e vendeu. Tem que ter escritura, porque a Marinha não passa escritura. Encontrei o cara na padaria, falou ‘comprei’, mas não tem, como é que chama? Laudêmio! Ninguém tem a escritura, tem que ter a escritura, aqui na quarta travessa todo mundo tem, para baixo, compraram os apartamentos, todo terreno não é da Prefeitura, é da Marinha, a Marinha não passa

escritura. Todo mundo ta puto porque pagaram um dinheirão aí, compraram apartamento aí, para vender ninguém compra, pode vender a vontade aí, só que na hora de passar não tem a escritura, não tem Laudêmio, não tem o Laudêmio, o pessoal não compra, compra se tiver a escritura, ta cheio de gente para vender isso aí. Eu mesmo, opa! Não tem escritura, se tiver escritura eu compro, ninguém tem! Concorda? Esse japonês aí tem o laudêmio, antes de ele vir para cá, ele morava no Chico de Paula, lá ele pagava, veio para cá vê se ele pagou mais, porque aqui não é da Prefeitura, saiu do Chico de Paula e comprou aqui. Macacou a rua dele, a Prefeitura chegou aí ele disse: 'não senhor, daqui para lá é meu', veio vindo setenta e dois metros, macacado e tudo, a Prefeitura foi macacar isso aí perdeu o pedaço, ó lá! O japonês disse 'não, é meu!'

O senhor sabe como a escola fechou?

Ela fechou, mas aguentou ainda um bocado de anos. A escola? Eu tirei o diploma aí e ainda estava, foi em quarenta e cinco, por aí, não marquei a data. Ela logo acabou. Em quarenta e cinco, ela acabou por aí, porque os japonesinhos saíram daí e foram para lá. Desmancharam lá ou em quarenta e quatro ou em quarenta e cinco, por aí, nós brincamos por lá. Sei que Zencó teve que sair de lá e ir para o Martins Fontes, foi por essa época!

E Quanto ao Martins Fontes? Você lembra como era lá no Martins Fontes?

O Martins Fontes sempre foi grande como é. A Prefeitura quando veio, como é agora, sempre foi assim, quando a Prefeitura fez, já fez assim grande, sabe? Só que a rua ali, não tinha aquela rua calçada ali, só calçaram na subida. Aquele viradouro ali era de barro, a porta do cemitério não era daquele lado, era em frente a linha do bonde um na avenida, ali era a porta do cemitério, lá era mato, ali! Ali não tinha nenhuma casa, aonde tem a porta agora, ali era só mato, a rua era assim, subida na frente do colégio até o morro da caveira que é lá em cima, até o vira douro lá e cima. Ali só tinha mato, casas, nem de um lado nem de outro, o terreno ali é da Prefeitura, a Prefeitura fez aquele colégio, todo aquele terreno é da Prefeitura. Depois é que veio o aval, tempo da lei do aval começaram a vender e fazer casa, encheu de casa, a Prefeitura não se incomodou, todas aquelas casas são da Prefeitura, não podia fazer em frente a porta do cemitério, fez e está até hoje, começou a primeira na frente do cemitério, agora, essa porta ta agora, quando abriram a porta daquele lado, abriram a rua também, a Prefeitura abriu a rua também, então começou as casinhas, primeira, segunda, encheu de casa, aquele pessoal ta tudo ali mas é da Prefeitura. Depois foi até chegar na escola, abriram lojas lá embaixo, para vender flores, já veio morar gente, fizeram outra, outra, até chegar lá no Martins Fontes, quando chegou lá no Martins Fontes, foi indo, como ta hoje. Começou com uma casa, duas três quatro, tomou conta de tudo, casinha pequena, foram arrumando, arrumando... Então, a porta era na frente, a porta do Cemitério do Saboó, era na frente da Nossa Senhora de Fátima, ainda é hoje, que é Largo da Saudade, até trinta e nove era na frente da linha do bonde, aquele nome lá é Largo da Saudade. Bom, isso é o cemitério, o cemitério já estava, só a porta que não estava, a porta fecharam, nem fecharam, porta principal agora é... Isso agora, mas no meu tempo, em trinta e nove, era na frente do Largo do Saudade, em frente ao ponto do bonde um. Ta vendo como eu sei! Sei porque eu sou daquele tempo.

O senhor lembra dos seus professores lá no Martins Fontes?

Lembro, era um professor, acho que era Maria Barbosa,Dona Maria Barbosa, era uma professora. Quando eu entrei na escola lá, entrei em quarenta, trinta e nove, em trinta e nove! Foi por aí... Já tinha sete anos, para entrar na escola tem que ser sete anos né, já tinha sete anos, trinta e nove, é! Em trinta e nove eu tava no Martins Fontes, só sei que quando eu entrei, ela já estava lá, Maria Barbosa, Dona Maria Barbosa. Quanto tempo faz? Se eu tinha bem dizer sete anos, era sete anos, porque eu vim do Rio com seis, sou do Rio de Janeiro, meu pai comprou um sítio ali no fundo, perto da escola de japonês em 1936, foi quando tinha a escola de japonês, então quando chegou em 39 eu conhecia tudo, quantos anos tinha se eu sou de vinte e nove, dez anos! Então é o que eu digo, de trinta e nove para cá eu sei tudo, agora para trás, eu era pequeno, como é que ia saber. Agora é que mudou tudo, mudou tudo! Aqui era Estrada Costeando Morro do Saboó, hoje em dia é Rua Maria Mercedes Fea, aqui era um caminho, hoje é Quarta Travessa, começa a primeira na frente do cemitério, depois tem a segunda, depois tem a terceira, a minha é a quarta travessa, depois o negócio de travessa acabou, é tudo caminho, passa a pedra, tudo caminho, aquele pessoal do morro ali é tudo da Prefeitura, aqueles caminhos que vai lá para cima, tudo da Prefeitura, aqui não, ali é um caminho, segundo caminho o da pedra e o outro caminho lá embaixo, todos para a esquerda, vai para as casas que nós vemos por ali. Aqui não, não vê que tem o japonês aí até hoje.

E o senhor sempre morou aqui, nunca saiu?

Eu sempre morei aqui, desde pequeno, desde pequeno! Desde pequeno!

E você e sua família trabalhavam com o que aqui?

Meu pai era português e trabalhava com negócio de fazer pinga, engenho de pinga que tinha ali, ele fazia e aqui no caminho, no morro assim, as canas, descia, moía na garapa, fazia pinga e vendia por aí no bar, antigamente não tinha fiscal, era aquele garrafão. Bar só tinha lá fora, o Bom Barbeiro, aqui não tinha bar, não tinha padaria, não tinha nada, era um pantanal, comprar coisas, arroz e feijão, tinha que ir até o Bom Barbeiro, era lá na São Leopoldo, o primeiro armazém era o Bom Barbeiro, que ainda deve ser o nome lá, onde é negócio de pizza, antigamente era Bom Barbeiro, o nome deve ser ainda. E depois da São Leopoldo, que termina lá na Praça Rui Barbosa, é naquela rua que a gente ia para a cidade, só tinha Visconde do Embaré, São Leopoldo e Marques Herval, só tinha três ruas preferenciais para nós irmos para a cidade. O bonde ia pela Visconde do Embaré até lá em cima e descia pela Praça dos Andradas em frente a uma padaria e entrava na São Leopoldo, o ponto que tinha lá do bonde um era na Praça dos Andradas. Ia para a cidade, quer ir de bonde, era Visconde do Embaré, mas pegava a São Leopoldo aqui né, mas depois que o bonde chegava lá embaixo entrava na Visconde do Embaré, ele ia lá em cima, até uma padaria que tinha morro São Bento depois ele dobrava e ia para a Praça dos Andradas. Não tinha aquela rua, ali era armazém de café, aquelas ruas que você vê não tinha, só tinha três, era tudo armazém de café, em cima tinha a casa de Nossa Senhora, ainda ta lá, a das irmã Lurdes, o bondinho passava ali, depois que ele chegava em frente a padaria é que ele entrava na Visconde do Embaré. O único armazém aqui era o Bom Barbeiro, lá embaixo.

Para quem morava aqui era a única opção?

É! Todo mundo daqui, mesmo os japoneses iam tudo comprar lá.

O senhor disse que os japoneses tinham porcos, tinham...

Agora porcada tinha, eles tinham os porquinhos deles aí e matava vendia para os açougues, gente que vinha comprar aí, passava gente comprando porcos, passava aí comprador de porcos, era cheio de lama, mas o caminhão entrava! Calçamento? Era lama! Tinha caminhão que encalhava aí, encalhava nessa ruazinha. Eles chegavam, a os japoneses já sabiam quando chegava o comprador. Um vendia, outro vendia, o cara enchia o caminhão de porco e ia embora, comprador de porcos, vendia até na porta, agora nós não, nós éramos aqui no morro, eu, meu pai né, fazia pinga, aguardente. Então o Saboó, de trinta para cá eu conheço tudo. A baixada também, como eu falei, tinha o Bom Barbeiro, bar nenhum, tinha a escola de japonês e o Martins Fontes, agora negócio de negociante, bar, tinham nenhum, todo mundo ia fazer as compras no Bom Barbeiro.

Era para lá que vocês vendiam a pinga?

Eu e meu pai vendíamos para eles, e alguns aí, não era só o meu pai, o outro também vendia pinga, vendia para ele, ele comprava bastante. Tinha um na São Leopoldo, vendia lá embaixo, na... Tinha uma vila, onde era a cavalaria. Antigamente, tinha um capinzal ali, era a cavalaria! Cavalaria que rondava a cidade de Santos. Ali tinha uns bares que meu pai vendia, os outros vendiam, todo aquele pessoal vendia aguardente. Ali era a Cavalaria. Eles rondavam a cidade, aqueles cavalos. Rua, só tinha três, hoje em dia mudou tudo. Bonde tinha a Linha Um, a gente pegava e quando chegava no final a gente pulava fora, ali onde hoje é o terminal. Para São Vicente a mesma coisa, pegava o bonde Um mas indo para o outro lado, ele parava em São Vicente. Para entrar no Saboó, tinha que ir pisando na estrada de terra, hoje que a Prefeitura fez um passeio, fez um passeio ligando uma na outra, mas era lama, o caminhão atolava. E o lixo parou ali, chegou no Pantanal, parou, aí veio os caminhões, se inventou o caminhão, acabou as caçambas, o lixo era carregado em carrocinha, puxadas a burro. Parou o lixo ali na metade, virou um pantanal, aí começou a trabalhar, a empurrar o lixo para a água poder passar, virou um pantanal, assim na porta. Tinha japonês que não agüentou viver mais em cima da água e fugiu mais para cima, tudo água daqui até lá fora. O cemitério sempre foi mais alto, com aquele passeio, então a água nunca chegava lá dentro, batia no muro e voltava. Chovia, a água chegava no muro do cemitério. Entupia, não tinha cavalo, não tinha nada, eram valas, entupia a vala. A gente, quando chovia muito, passava por dentro do cemitério, só por dentro do cemitério que dava para passar, molecada chegava da escola, passava por dentro do cemitério e sai lá no fundo. Cheio de água, enchia de água! Onde hoje é os prédios, era um pantanal, enchia de água isso aí, a água batia no muro do cemitério, essa rua aí... A do cemitério que era a Pio XII já enchia, essa aí que era uma vielazinha enchia de água. Eram valas! Enchia de água as valas que os japoneses faziam, japonês fazia aquela valinha assim, enchia tudo. Em tempo de chuva aí era uma briga para chegar lá fora, chegava ali na esquina, parecia uma lagoa. A gente entrava pela porta dos fundos, passava por dentro do cemitério para ir para escola. A molecada aqui do fundo, aqui do morro, passava aqui por trás, aqui em cima água

nunca chegava, entrava pela a porta do cemitério e saia lá fora, porque o muro do cemitério não deixava a água entrar, era alto, batia e voltava. Virava um pantanal isso daí! Hoje existem prédios aí, abriram o canal, chegou tudo. Então o lixo, foi assim, as maquinas espalharam, aí a japonesada abriu um canal, se combinaram... Antes desse canal aí, lá perto da *Sevem Boys*, combinaram assim, abriram uma vala larga para a água ir com uma potência com tudo. Eles mesmos que abriram! Não foi a Prefeitura não! Eles abriram, os japoneses tudo puxando terra, quando a vala chegou lá fora na ponta, começou a secar as águas, as águas estavam presas aqui dentro, cheio de água isso aí, a vala entupida, tudo cheio de água. Aí, eles abriram e nunca mais encheu. A Prefeitura espalhou o lixo com aquelas máquinas, plantou um bananal em cima do lixo e o lixo começou a sair em um caminhão, a sair para o outro lado, não vinha mais por o lixo aí. Foi indo, foi indo, a Prefeitura tomou conta disso tudo aí e o lixo parou lá na metade, daí para cá, veio um aterrozinho, ali onde é o campo do Bandeirantes, antigamente o Bandeirantes era lá. Aí foi indo, mandaram o Bandeirantes para lá, tudo isso era água! O Bandeirantes começou aqui fora, na Pio XII, começou na Pio XII, naquele tempo, aterraram o lixo, aterraram aqui na frente, depois chegou para cá, mudaram, ali era um pantanal também. Primeiro foi o japonês que abriu, depois veio a Prefeitura para asfaltar, afundaram mais, era deles, da Prefeitura, fizeram aquele canal, depois esse, depois aquele, aí fizeram isso daí tudo. Mas no meu tempo, era um pantanal isso daí, o Saboó. Era só japonês, porco. O canal que os japoneses abriram começava lá na *Sevem Boys*, e ia até lá na ponta, era reto! Era retinho! A prefeitura quando abriu, já fez... Veio para cá, depois voltou.

E funcionou o canal que eles abriram?

No Mesmo lugar! Funcionou. Antigamente era japonês, foram os japoneses. Terreno era da Prefeitura né, da Mercedes Fea para baixo, sempre foi Prefeitura, então eles estavam em cima do terreno da Prefeitura, ficaram esses anos todos fazendo casas lá na frente. Então para vender isso aí, a Prefeitura negociou com os japoneses, aliais com japoneses e brasileiros, japonês começou a mudar, aí, cada um, que tinha uma casa no Pantanal pegou casa lá na frente, deu uma para cada um, todos que moravam no pantanal ganhou uma casa, aí a Prefeitura passou com as maquinas, aterrou tudo e fez os prédios, mas não puderam com os japoneses, Sevem Boys ta até hoje lá, vê se tem casas lá em cima do terreno deles, do macarrão!

Há mais alguma coisa que o senhor gostaria de dizer sobre a escola dos japoneses?

Da escola de japoneses o que eu posso dizer é que acabou! Tudo desmanchado, o dono era *Sevem Boys,* ele que desmanchou a escola, *Sevem Boys* era dono do macarrão, agora eu não sei o nome dele, ele que é o dono daquilo ali, do terreno lá, japoneses, mas o nome eu não sei. A escola tava no terreno deles, era deles mesmo, eles que fizeram a escola ali. Foi feito por japoneses aquela escola, só língua japonesa, não ensinava brasileiro não. Bom, tinha brasileiros, mas filhos deles, quem nasceu aqui é brasileiro, mas brasileiro era Martins Fontes.

Mas o seu pai tentou te matricular lá ou não, foi direto para o Martins Fontes?

Meu pai foi direto me matricular lá, eu era pequeno! Meu pai que me levou lá em cima e me botou na escola, com sete anos por aí, foi em trinta e cinco, sete anos por aí. Foi! Sete anos que eu entrei aí. Então conheço tudo, conheço tudo aí. Agora não tem mais nada para falar. O que tinha que falar era isso. A rua era o antigo caminho, não era rua, é Quarta Travessa. No antigo é o que eu falei, era cheio de lama, pantanal, daqui até lá fora é da Marinha, enchia de água, a água batia no muro do cemitério. Na Pio XII, a água passava por cima do barro, não tinha canal, não tinha nada, era umas valinhas assim, enchiam as valas a água invadia a rua, batia no muro, por todo o comprimento do Saboó. Agora aquela ponte lá fora sempre teve, por causa do trem, ela batia no muro, vinha pro pantanal e sai pela ponte lá fora. As travessas do Saboó ficavam tudo trancadas quando enchiam, por que? Eram valas de japonês. Então, escoou as águas quando fizeram aquele canal lá, começando na *Sevem Boys*, que japonês fez! Não foi a Prefeitura não, foi a japonesada que fez, uniram um monte de japonês. A Prefeitura aterrou o lixo, aí começaram a fazer casas, aí não era só japonês, aí já invadiu foi todo mundo, pessoal do morro que morava por aí que não tinha lugar, foram tudo fazendo casinhas, misturou com japonês, japonês também foram sendo retirados na marra, teve até que arrancar o japonês daí. O japonês foi saindo na marra, veio o aviso para eles saírem, deram um prazo, a polícia chegou aí, ficaram alguns com carroças, veio o juiz e deu um prazo para vender, aí foram tudo para o interior. No meu tempo, quando teve a Guerra, não ficou um japonês aqui no Saboó, era cheio de japonês, não ficou um, se tivesse japonês a polícia enchia o carro e ia embora com eles. Nós vendo eles irem embora, deixaram tudo, deixaram carroça, deixaram burro, Tempo da Guerra! Tiraram na marra a japonesada daqui, Saboó só ficou aquelas que não tinham o marido, que fosse viúva, se não ia embora com japonês e tudo, podia ser menor, ai tudo embora para interior, Bauru, esses lugares do interior, e quem não teve tempo de vender os burrinhos e as carroças, ficou tudo aí! O pessoal pegou, pegaram e venderam burro, carroça, foram embora! O que eles tinham era o burrinho e a carroça para levar verdura, cataram! Foram vendendo burro, pegavam os burrinhos, cada um tinha o seu burrinho, aí ia vender. O pessoal que morava nos morros, por dentro desses morros aí, da Penha, sempre teve gente no morro da Penha, avançaram nesse Pantanal aí. A Prefeitura espalhou o lixo, japonês foi embora.

Eles chegaram a voltar depois da guerra?

Depois eles chegaram a voltar depois que acabou a Guerra. Foi quando esse tava no Chico de Paula, voltou, comprou do patrício que tava aqui, mas já tinha o Antônio. O patrício que tava no interior que veio do Japão vendeu para ele, aí eles compraram, o outro foi embora para o Japão. Por causa da Guerra! Só ficava mulher velha com os filhinhos, o marido morreu poderia ficar. Depois disso foram avançando, abriu o Bandeirantes que não tinha, uns passaram a criar porco, criar cavalo, vaca. O lixo espalhado, aterro por cima, o Chico de Paula vem crescendo, vem vindo de cá para lá, de lá para cá, uniu, o avanço, o avanço que fez isso, depois que a Prefeitura foi em cima, deu uma casa para cada um lá na frente, a Prefeitura tirou todo mundo, pagou a casa e a mudança para lá, todos que tem casa lá na frente, ganharam da Prefeitura, muita gente era inquilino, a Prefeitura deu casa. Os japoneses, uns foram para o Japão, esse daí comprou aí, hoje ta bem, o japonês sabido, o pai dele, a Prefeitura tentou pegar o terreno dele, ele tinha o papel, a

Prefeitura perdeu! Pensou que ele era que nem os outros, ele abriu o olho, comprou aí porque o Patrício vendeu, antes dele era japonês também, foi para o Japão. O viradouro aqui é da Prefeitura, aqui é meu, mas macacaram tudo aí, pode ver, agora pode fechar que eu não vou mais falar! Tudo que eu tinha que falar eu já falei. Também to rouco, gripe. Então, ficou gravado aí bem a minha voz, vai ficar gripado que nem eu. Se aparecer alguém pode falar assim, de trinta e nove para cá eu conheço tudo, agora era japonês, Martins Fontes...

Além do Zencó o senhor tinha mais amizades com japoneses?

Eu tinha, aquela japonesada que veio do interior, quando ele comprou aí, eu fiquei com amizade com eles, aquele morreu, Zencó, mas ainda tem alguns vivos, só que não moram aqui no Saboó, ainda tem alguns né, filhos de japonês vivos, agora aqui no Saboó, tinha aquele ali, que morreu, a filha dele casou com brasileiro. A gente ia lá no Bandeirantes, naquele tempo, sabe onde que era o Bandeirantes, naquele tempo? Não era aqui, lá na frente do cemitério, um campo que tinha lá passando a linha da máquina, tinha um campo de bola, não sei o nome, acho que era Bandeirantes mesmo. O Bandeirantes não era ali não, nem aqui, mas já tinha o Bandeirantes. Passava o pantanal, atravessava a linha da máquina para jogar bola lá. Não tinha campo de futebol aqui no Saboó, era SPE, depois que a Prefeitura aterrou fez o campo aqui e depois mudou para lá. Para a gente jogar bola, tinha que passar a linha da máquina, o nome do campo era SPE. Depois acabou escola, acabou tudo. Teve uma vez que eu fui ser testemunha de um cara, um japonês, aí o delegado deu uma bronca no cara, na minha frente, eu tava lá, era testemunha e começou a perguntar: 'faz tempo que o senhor conhece o seu fulano aqui, quero ver se você sabe do acontecido'. Aí eu comecei a falar, depois foi o japonês falar com ele assim na língua deles, o delegado falou 'escute, é proibido falar a língua japonesa aqui, cala a boca, não pode falar!' Deu um grito na minha frente, os japoneses ficaram quietinhos, depois da Guerra não podia falar a língua japonesa, ficou quietinho. Hoje se fala. No tempo da Guerra vinha a polícia ver se o cara tava falando a língua japonesa, deu uma bronca que ficaram quietinho, daí eu terminei de falar e ele falou: 'escuta seu Antônio, sabe do acontecido', eu disse 'é que eu moro lá', 'quanto tempo o senhor mora lá?' 'Eu sempre morei lá', 'então o senhor conhece', eu disse 'sim, conheço', e ele gravando lá como aqui. 'Então o senhor conhece, e o morro? O negócio aqui é o morro, você conhece até lá em cima e atrás como é que é?', 'eu conheço a frente e até onde tem trilha, agora para trás...' Morro do Saboó eu conheço, para trás não, ele começou a perguntar, eu falei como eu to falando para você, depois ele falou 'se tem alguém que conhece aqui é o Sr. Antônio, ele contou exatamente como era, quando o senhor precisar venha aqui', porque se o cara me perguntar, eu falei certinho, escola de japonês, tudo que eu falei aqui, falei na frente da polícia, 'Sr. Antônio, quarta travessa', porque eu sou daquele tempo, o delegado gostou de mim, e os outros, vieram com conversa lá, levaram bronca, o outro levou bronca porque tava falando em japonês, o outro também falou umas abobrinhas, levou a bronca, eu falei certinho, o que me perguntam eu falo, o que tinha naquele tempo, a escola de japonês, aquilo era, escola de japonês! Não tinha armazém nenhum no Saboó, o único que tinha era lá embaixo o Bom Barbeiro, já tinha o Martins Fontes, em trinta e nove o Martins Fontes já tinha, porta do cemitério era do outro lado. Daquele tempo eu sei tudo, eu sei que tem setenta e dois metros por causa de meu mapa, depois de setenta e dois metros propriedade de Sr. Antônio, esse também tem, nessa rua todos tem, a

escritura, para baixo ninguém tem. Tá gravado isso aí, se alguém perguntar está vivo ainda ele, ele falou e está vivo! Gravou? Agora pode desligar porque eu não vou falar mais nada do Saboó que eu já falei tudo!

Certo, muito obrigado.

Entrevista 8 – Entrevistado IM

Boa tarde. Qual seu nome por favor?

Ignácio Tadayshi Morigushi.

Onde que o senhor nasceu?

Nasci em Santos, no dia 1 de fevereiro de 1935, o local era este, onde estamos agora presentes, na Rua Paraná, que na época era uma escola de japoneses.

E quanto aos seus pais?

O meu pai, ele era secretário da Associação Japonesa, que existia na ocasião e, evidentemente, essa Associação Japonesa, administrava uma escola, e nessas condições, tínhamos uma relação muito íntima e próxima com essa escola e a esposa dele, que é a minha mãe, eram casados. Eu sou o primeiro filho do casal. Nesta situação, ela era professora também, dessa escola.

Ela era professora de que, especificamente?

Evidentemente, ela era recém vinda imigrante do Japão e ela lecionava japonês. O português dela nessa época era bastante deficiente, mas, dava aula de japonês.

E você pode contar um pouquinho a sua infância?

Muito bem. Evidentemente, ao nascer aqui, os primeiros anos, digamos a lembrança que a gente tem, é a lembrança de uma infância que não está muito claro. Algumas vagas lembranças a respeito de alguns eventos. Como era uma escola, durante as aulas, os recintos, as salas eram ocupadas, então, evidente que minha área disponível, ficava restrito ao quarto e ao quintal. Mas, com o passar do tempo, evidentemente, os alunos achavam interessante o filho da professora e na verdade, tinha, vamos dizer assim, eles tinham um carinho pela criança que acho que era natural. Então, na minha vida social, vamos dizer assim, nessa ocasião era no meio de muitos alunos e me lembro, realmente, me lembro que era um período bastante tranquilo, com muitas pessoas em volta. Essa é a recordação que eu tenho da minha infância.

Você lembra quantos alunos tinham?

Números não me ocorre. Agora, o que eu lembro, são as fotos registradas na época, então, se percebe que havia um grande... Essa aqui é uma das fotos. Tem uma outra foto, que você deve ter também, tirada ali na rua, ali na frente. Aquela foto registra uma quantidade maior de alunos.

E o senhor chegou a estudar aqui?

Não. Não cheguei a estudar. Bom, esse período, residência aqui, neste prédio, foi restrito. Eu não me lembro muito bem de que época foi, mas, com a vinda de outro

professor, Professor Yanaquisawa, que assumiu a direção da escola, nós passamos a morar no outro prédio, que fica no fundo deste terreno, isto é, na rua oposta, na rua de trás e lá funcionava uma espécie de internato. Os alunos provenientes das várias cidades ao longo do Litoral, que vinha estudar aqui, moravam lá com internos e estudavam. E nesta ocasião, a minha família, os meus pais, tinha a função de administrar esse internato. Então, desse período, tenho uma recordação um pouco mais detalhada, que havia muitos estudantes que vinham, estudavam, nas férias, voltavam para casa e ao retorno às aulas, era comum trazerem alguma coisa de suas casas; presentes, coisas assim. Isso eu lembro muito bem na minha infância.

E esses alunos compreendiam quais regiões? Eles eram daqui da Baixada?

É, daqui da Baixada. Nesta linha lá para Registro, toda essa linha de lá! Era a maior parte. Dificilmente vinha doutro. Vamos dizer, é conhecido como Litoral Norte já era meio difícil. A comunicação com o Litoral Norte era feito à base de barcos, navios. Para o Litoral Sul havia estrada de ferro, mais fácil a comunicação com o Litoral Sul. Isso você já sabe.

O senhor comentou da sua infância. Quais eram as brincadeiras? Você brincava por aqui mesmo, na escola?

É, as brincadeiras nessa época não eram tão, vamos dizer assim... Hoje em dia existe a modernidade com games, etc. Mas, brincadeira era soltar pipa, jogar bolinha, soltar pião. Eram brincadeiras dessa natureza, mas, apesar de ser, digamos assim, equipamentos mais simples, mais... Trazia uma boa dose de alegria e também era como quando era menino, brincar com caminhão e fazer um monte de areia, com montanha, com estradas. Então, éramos alguns com outros colegas que nós brincávamos. Uma coisa que me lembro muito bem era na Antônio Bento a chuva, fazendo com que a água cobrisse... Aquele trecho, onde a água escorre, então, formava uma espécie de rio. Então nessa época, muito comum fazer barquinho de papel com dobraduras e soltava lá e ficava acompanhando. Isso era um tipo de, vamos dizer, brincadeira, de passa tempo que era, aliás, motivo de receber muitas repreensões: 'você está na chuva, você molhado, vai ficar doente, volta logo pra dentro'. Essa é uma lembrança da minha infância.

Como era o cotidiano aqui na Escola?

Bom, o cotidiano aqui na Escola, naturalmente havia essas aulas. Horários de aula, fora desse horário de aula, os alunos iam embora. Dessa época que morava aqui, realmente minha lembrança é muito vaga. Tínhamos uma quadra aí no fundo da Escola e nesse local, era comum então a realização de, ainda hoje perdura essa tradição e datas comemorativas, principalmente o Aniversário do Imperador do Japão "*Joseisen*", que se realizavam esse tipo de... Que nós chamávamos de gincana. São várias competições onde crianças, adultos, mesmo os de mais idades também participavam. Também eram momentos que nos trazia muita alegria.

Além dessa Escola Japonesa, existiam outras?

Claro. Então, como disse, ao atingir a idade de sete anos então eu fui matriculado numa escola, ainda hoje existe lá na Avenida Ana Costa, Liceu São Paulo. Então, lá

eu cursei o primeiro ano, a primeira série, digamos assim, Curso Primário e nesta época também, o que me resta de memória viva, foi o primeiro dia de aula. Eu sou, vamos dizer assim, um tipo um tanto introvertido e lembro que meu irmão, acima, mais velho, com diferença de uns dez anos, ele me levou na escola, na classe, no primeiro dia de aula e foi a primeira experiência de estar no meio de uma sala de aula com outros colegas que encontrei pela primeira vez. Aquela convivência que tinha com os alunos aqui da Escola Japonesa, era uma experiência diferente daquela. Aqui eram alunos que conheciam a gente, conheciam a minha família. Lá, já eram em ambiente totalmente desconhecido e isso marcou bastante em minha memória, como sendo a primeira experiência de sociabilidade, num ambiente diferente. Isso é uma lembrança que tenho da primeira série, o primeiro ano primário.

O senhor sabe me responder se aqui, a Escola atendia exclusivamente a japoneses ou atendia...

Não, não, não. Era uma escola, evidentemente, havia aula de português,
Então era uma escola normal.

E posterior a isso?

Posterior a isso, primeiro ano na Escola Liceu São Paulo, foi em 1942 e 1943. No segundo ano, fui matriculado no Grupo Escolar Cesário Bastos, também fica aqui próximo e nessa ocasião estávamos no segundo ano e foi justamente pós férias. Eu não me lembro exatamente a data, mas voltávamos das férias, para a Escola, para iniciar o segundo semestre, quando veio essa ordem de deixar a cidade de Santos. Foi dado um prazo de vinte e quatro horas e todos os japoneses tinham que deixar a cidade e com isso, partimos para São Paulo e lá em São Paulo, o tempo restante, seria Agosto, Setembro, Outubro, Novembro, já era data de exames. Fui estudar em uma escola lá em São Paulo, mas um período de adaptação muito curto, diferença do nível, fez com que, embora matriculado no segundo semestre, lá em São Paulo, não alcançasse a formação. Perdi o segundo ano, em função dessa experiência de ser expulso da cidade, adaptação em uma nova escola, então fui reprovado no ensino do colégio.

Você pode comentar um pouco mais sobre este período?

Bom, permanecemos até o final deste ano, em quarenta e três, lá em São Paulo. Estávamos sendo recepcionados por uma tia, lá em São Paulo e em seguida, no ano de quarenta e quatro, mudamos para a cidade de Presidente Prudente. Lá, residiam nossos avós e lá meus avós tinham uma fábrica de doces e junto à esse local, haviam outras famílias que eram irmãs e irmãos da minha mãe e aí, nós permanecemos o ano de 1944. Aí, concluí o segundo ano completo. Terminamos e meu pai, nesta época, ele tinha uma função aqui em Santos ainda. Ele era tradutor juramentado e a tarefa dele era de auxiliar os imigrantes que estavam chegando aqui em Santos, então, na questão de apresentação daqueles que queriam se estabelecer aqui em Santos. Então, ele tinha, vamos dizer assim, capacidade de como tanto como juramentado e fazendo esse trabalho, de auxiliar, por isso, que ele tinha uma função dentro da Associação Japonesa, aqui de Santos. Lá no interior, na fábrica de doces, com meu avô, evidentemente ele não tinha como exercer a sua

capacidade. Então, resolveu mudar para uma cidade chamada Bastos e lá em Bastos, morei em 1945, até 1950 e fiz o Primário, terceiro e quarto anos de Ginásio, os quatro anos de Ginásio e ao terminar o Ginásio na cidade de Bastos, não havia a possibilidade de dar continuidade aos estudos. Então, nós voltamos para Santos novamente e aqui em Santos, estudamos mais um período e depois, fomos para São Paulo. Isso foi em 1952 e a partir, ficamos morando em São Paulo.

E a sua mãe como Professora?

A minha mãe, como Professora, na verdade houve um período em que havia uma restrição de se falar japonês, havia perseguição, mas, logo terminou a guerra e ela tinha formação de professora, então, lá no interior, lá em Bastos, principalmente, ela abriu uma escola e ela tinha um número razoável de alunos. Acredito que mais ou menos 100 alunos e as aulas eram dadas na própria casa e hoje mesmo, a gente tem a oportunidade de encontrar muitas pessoas que dizem: 'olha, lembra? Quando eu estava lá em Santos, fui aluno de sua mãe'. Então, ela exerceu esse tipo de função de professora lá em Bastos e mesmo depois da mudança para São Paulo, ela continuou lecionando até o falecimento. Isso ocorreu em 1976, que ela faleceu. Lá em São Paulo, ela continuou lecionando. Hoje, graças a esse fato, tive uma mãe professora de Japonês, tenho, vamos dizer assim, não digo facilidade, mas pelo menos, um diálogo, a gente consegue manter, embora reconheça que deveria ter aproveitado melhor, ter estudado mais a fundo o japonês. Então, essa é uma lamentação que tenho hoje.

Então, posterior a isso, como foi a sua carreira profissional?

Bom, carreira profissional, como todo adolescente, passa por várias fases e é interessante observar o seguinte: no meu caso em particular, passei conforme a faixa etária de vida, por várias... Ou sonhos. Na primeira infância, vamos dizer assim, logo na adolescência o desejo era de me tornar um caminhoneiro, era motorista de caminhão. Por quê? Porque eu achava que aquele motorista, volante de caminhão, tinha poderes, tinha potência, tinha capacidade, então era sonho, que era ser motorista de caminhão, mas, a coisa vai evoluindo e chega um momento e diz: 'bom, motorista de caminhão tem suas dificuldades, seus sacrifícios', e nessa ocasião, eu conheci, digamos, fiquei próximo de um tio que era mecânico. A partir daí, o sonho mudou. Não! Esse meu tio tinha feito curso na Ford, aqui em São Paulo, então, aí, o meu sonho era outro, bem, quero ser mecânico, montar, consertar. Então, o interesse passou a ser pela mecânica. Esse também não durou muito. Quando fomos para São Paulo, já na idade de dezessete anos, então tinha que pensar no trabalho e nessa ocasião, por interferência do meu pai, fui apresentado a um escritório de projeto de engenharia cível e nessa fase, entrei lá como estagiário, para aprender a desenhar e então, era um escritório de projetos de estruturas de concreto armado. Então, o projeto era de edifícios. A partir daí, o sonho, então, o sonho foi sofrendo uma série de transformação e aí, eu sou desenhista, mas, eu vou ser engenheiro. A partir daí, o esforço foi conduzido na direção de fazer o vestibular e entrei na Escola Politécnica. Então, foram cinco anos na Escola Politécnica e como minha formação profissional de desenhista de estrutura de concreto armado. Evidentemente, a escolha da área de atuação, foi projetos de estrutura, projetos estruturais e dessa forma, quando me formei, em cinquenta e nove, passei a trabalhar na questão de projetos de estrutura e nisso,

com estruturas de edifícios e depois, passei a fazer projetos de pontes e viadutos. Tive a oportunidade de participar de alguns projetos de grande valor lá em São Paulo. Por exemplo, mais conhecido como conjunto de pontes na chegada da Castelo Branco, que é conhecida como “Cebolão”. Lá, tem um conjunto de pontes, então, participamos daquele projeto. Enfim, hoje, nós temos várias obras, das quais tivemos alguma participação. Então, isso é, digamos assim, a minha realização profissional: Engenheiro de Estruturas e essa qualidade, também me surgiu a oportunidade de lecionar e durante trinta e quatro anos, eu lecionei na Escola Engenharia Mauá, como titular da disciplina de pontes. Isso também me trouxe uma satisfação muito grande e eu tinha contato com os alunos e eram alunos já da última série, da quinta série de Engenharia e hoje mesmo eu ainda tenho contato com muitos desses, hoje, atuais profissionais, que passaram pela Escola de Engenharia de Mauá. Então, foi um momento muito importante da vida, da atuação profissional de transmitir conhecimento para os jovens. Então, participei da formação profissional de muitos desses jovens. Isso também é um fato que marcou muito a minha vida. Aos 70 anos, já era idade limite lá na escola, então, eu tive que me afastar dessa função.

Vou pedir desculpas, porque eu pulei uma pergunta ainda referente à Escola. Além da sua mãe, existiam outros professores?

Sim, sim, sim. Haviam as colegas e como falei logo no início, na época que morava aqui, na época era o filho da professora, o primeiro filho da professora, então, havia muitas colegas da minha mãe que me tratavam muito bem. Eram professoras de português, naturalmente, a parte de japonês, minha mãe que dava. A parte de português, isso aí, era com outras professoras e houve realmente muitos professores que participavam do corpo docente dessa escola.

E a postura da sua mãe como professora?

Bom, como professora, eu não sei, porque eu não era aluno dela, mas, como mãe, a minha lembrança era alguém que exigia que se cumprisse as tarefas que eram determinadas e não tinha moleza não. Ela sempre exigiu. Evidente, que como mãe, tinha também seu aspecto do carinho, do amor, mas a exigência que ela tinha em relação às minhas obrigações, às minhas tarefas, não tinha dúvida não, acho que a sua formação de professora a levava a comportar-se dessa maneira.

Qual era o período do curso que sua mãe ensinava?

Olha, nessa época, você não tinha muita lembrança, mas, eu... Que ela tinha aulas, havia turmas de manhã e turmas da tarde, então, com certeza, não me lembro os horários, mas evidentemente, ela tinha determinadas aulas para determinadas turmas. Isso aconteceu sim, como no currículo escolar.

O senhor poderia descrever como era o casarão aqui?

O casarão aqui? Bom, como disse, a parte administrativa ficava aqui, em baixo e essa parte de cima, era tida como parte da residência e a parte de traz, tanto inferior como a de cima, eram salas de aula. Eu não me lembro quanto era a divisão,

quantas salas tinham, mas, com certeza, havia essa divisão, em qual existiam salas diferenciadas simultaneamente, então, havia separação.

Você sabe dizer se o Governo do Japão ajudou a construção aqui da Escola?

Sem dúvida. A colônia japonesa estabelecida aqui em Santos era de uma importância para o governo japonês, porque lá do Japão, mandaram os imigrantes. O navio chegava e aportava aqui no porto de Santos. Ao desembarcar, quem recepcionava esses imigrantes, eram exatamente aqueles que já tinham vindo antes e que residiam em Santos e esta sociedade japonesa residente aqui em Santos, nesta ocasião, tinha uma importância muito grande para o governo japonês, não só nesse aspecto de recepcionar os imigrantes que chegavam, mas também como uma forma de adaptação desses imigrantes. Dentro da... Vamos dizer, o primeiro contato com o solo brasileiro. Então, a sociedade japonesa que existia nessa época, tinha uma função muito importante de estar recepcionando e dando, vamos dizer, apoio para aqueles que já tinham destino definido, para o interior e muitos, como eu disse, iam a região do Litoral Sul e vários eventos oficiais, com o governo Japonês, se marcaram neste local e eu me lembro que, primeiro, a construção deste edifício, foi realmente um investimento muito grande do governo Japonês, dado essa importância de ser o lugar onde os imigrantes chegavam e eram recepcionados e eu me lembro, era criança ainda, mas era criança nesta época também, mas, havia uma hélice, parte de uma pá de madeira, vertical e como base, haviam dois pedaços, tocos também, da parte da hélice. Acredito que a hélice era do tipo três pás e as duas eram recortadas e serviam de base e uma das pás foi mantida e ficava de pé. Essa foto deve existir aí, em algum lugar e que me informaram é que esta hélice pertenceu a um avião japonês que caiu em um acidente, alguma coisa e um pescador japonês ajudou a resgatar e, como sinal de gratidão. Naturalmente o avião se perdeu, essa hélice então, foi uma forma de memorial deste fato e permanecia neste canto aqui, como um troféu, vamos dizer assim e muitas fotos oficiais tiradas nesta ocasião, esta hélice aparece. Então, eu acho que é um fato marcante nesta ocasião. Primeiro o governo japonês tinha um interesse muito grande nessa sociedade aqui em Santos e esse investimento que o governo japonês fez para a construção desse prédio, foi fundamental para essa região litorânea e na verdade, Santos era, vamos dizer assim, base. Daqui que iam para as várias localidades, principalmente Registro. Houve lá, uma concentração muito grande, então a importância de Santos e esta escola, acaba, vamos dizer assim, materializando essa importância dada pelo governo japonês, na forma de investimento que eles tiveram.

O senhor sabe se esse prédio foi construído exclusivamente para ser uma escola ou não?

Bom, evidentemente, a finalidade básica, era ser escola, mas, com certeza, em torno dessa escola, funcionou a sede da Associação Japonesa, *Nihonjin-kai*. Então, como você vê essas várias salas que existem por aqui, com certeza abrigaram toda a parte administrativa, não ao da Escola, mas principalmente da Associação. Aliás, a Escola fazia parte da Associação. A Escola, em função da Associação. Quem formou a escola foi a associação. Dificilmente a origem, vamos dizer assim, o ponto de partida foi a escola. Existia a associação, a necessidade de fazer com que essa cultura japonesa fosse mantida, fosse preservada. Havia necessidade de escola.

Então, a Associação formou a escola e nesta importância daqui de Santos, o Governo Japonês então despendeu, eu não sei qual valor, mas, com certeza, um valor considerável para construir isto aqui.

Há mais algum fato marcante na sua vida ou na vida da escola, que o senhor gostaria de comentar?

Bom, eu creio que essa influência de professores e de um pai relacionado com essa associação, influenciou minha vida, minha formação. Ainda houve dentro de mim, além desse aspecto profissional de engenheiro, de professor, uma preocupação muito grande com respeito à ação social, isso me levou a ter uma função muito importante dentro de uma igreja, aliás, a igreja denominada Igreja Evangélica... Hoje, existia nessa época, aqui em Santos também e era a igreja onde meus pais participaram e essa formação, que recebi desde a minha infância, com certeza moldou, não só a minha personalidade, mas também a minha formação, de modo que eu também trabalhei esse aspecto religioso e nessa condição, eu fui também incumbido de uma tarefa como consultor. Eu sou pastor evangélico também e isso, não só moldou a minha personalidade, mas principalmente a preocupação com o aspecto social e isto me levou a participar de uma instituição, que existe lá em São Paulo, conhecida como Beneficência Nipo-Brasileira de São Paulo, que mantém aqui em Santos, uma entidade chamada *Kossei Home*, que é na verdade, uma casa de repouso, vamos dizer assim. Hoje em dia, se utiliza essa palavra, asilo, com certa restrição, então, é uma casa que acolhe pessoas de idade, chama-se *Kossei Home*. E tal como esta entidade, aqui nós temos várias outras, no total de nove unidades, onde o objetivo é assistência à pessoas de idade. A partir de uns cinco anos passados, começamos a atuar agora na área de infância, então, nós temos uma instituição que cuida de crianças, isso fica lá em São Paulo, no Bairro da Vila Carrão e que as crianças, da ordem de oitenta e nove crianças divididas em duas turmas. Há um convênio com a Prefeitura Municipal de São Paulo e essas crianças devem estar matriculadas em uma escola. Evidentemente, o período de aulas ou é de manhã ou à tarde, um período complementar de estudo, isto é, o aluno matriculado à tarde, vem na parte da manhã a esta nossa comunidade chamada Amami. E lá, essa criança recebe alimentação, orientação, formação e depois almoço e vai para a escola e as crianças matriculadas de manhã, depois da aula, vem, almoçam e permanecem no período da tarde e depois, vão para casa. Essa é mais uma atividade social de atendimento às crianças carentes da região da Vila Carrão, lá em São Paulo. Então, essa é uma entidade que está absorvendo atualmente, a maior parte do meu tempo. Estou na condição de aposentado, mas, essa atividade de assistência social, me absorve bastante o tempo. Eu estou na função de Presidente desta entidade, Associação Nipo-Brasileira de São Paulo e isso me permite também estar atuando dentro da colônia *Nikei*, lá em São Paulo. Existem as atividades desta comunidade japonesa *Nikei*, onde o presidente da Sociedade Cultural Brasil Japão, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, tem o Museu de Cultura Japonesa, conhecido como *Bunkyo*, tem mais uma entidade que congrega, vamos dizer assim, é uma federação das entidades das províncias Japonesas, chama-se... Uma federação conhecida com... Existe uma outra, é Aliança Cultural Brasil Japão. Então, são cinco entidades que de certa maneira representa a comunidade e qualquer evento oficial, os presidentes destas cinco entidades são convocados ou participam. Então, nós tivemos, principalmente no ano passado, em 2008, tivemos muita

participação nesses eventos comemorativos dos cem anos. Então, isso tem me absorvido bastante do meu tempo. Essa é minha situação atual.

Diante disso tudo, poderíamos atribuir uma importância à sua educação familiar?

Sem dúvida, sem dúvida. O fato de eu poder manter um diálogo dentro dessa Associação, dentro dessa colônia de caráter nobre, devo muito aos meus pais, à formação deles. Da minha mãe, como professora de japonês, do meu pai como alguém que sempre dedicou a vida toda à entidade ou a ação social na comunidade. Eu creio que essa é uma herança muito forte, que tem moldado também a minha formação e as minhas atividades atuantes.

Na sua opinião, qual a importância desse trabalho, para o resgate da memória da Escola Japonesa de Santos e da comunidade de uma forma geral?

O seu registro, o seu levantamento né, desses fatos, eu creio que tenha uma importância vamos dizer assim, tão grande, que a gente não consegue avaliar. Por quê? Porque por causa da guerra, se perdeu todos os registros, se perdeu realmente... Formou-se um hiato. Então, o que resta de memória é dos sobreviventes dessa época. Infelizmente, eu sobrevivi, mas nesta fase, era minha infância, então, é a memória de uma criança que está muito restrita, mas eu creio que esse seu trabalho de estar registrando esses fatos históricos, os depoimentos de pessoas, é muito importante, é fundamental. O que se percebeu o ano passado, o ano da comemoração do Centenário da Imigração, foi esse esforço de estar rememorando os cem anos da Imigração e esse esforço se desenrolou em muitos locais onde a imigração japonesa se fez presente e onde restam também, vamos dizer assim, os feitos desses pioneiros. Então, eu lhe dou os parabéns por se interessar por essa questão e faço votos que você consiga alcançar o êxito que você está buscando.

Muito obrigado.

Parabéns.

Entrevista 9 – Entrevistada TS

Bom dia. Qual é o seu nome, por favor?

Bom dia. Meu nome é Tazuko Shiraki, eu era da família Nakai, mas agora sou Shiraki. E o pessoal aqui no bairro me conhece mais por Tereza, pelo nome de batismo, mas eu estou registrada com o nome japonês porque na época do meu nascimento, assim, não só o meu pai, muitos japoneses tinham a intenção de retornar para a sua terra, então, onde que eu tenho a certidão de nascimento tanto brasileira como japonesa, eu tenho, sabe?

Em que ano você nasceu?

Eu nasci em 6 de janeiro de 1928, portanto eu estou com oitenta e um para oitenta e dois, nasci aqui na Ponta da Praia e estudei no Grupo Escolar Cesário Bastos e estudei nessa Escola Japonesa que hoje é Associação Japonesa, depois eu fui para o Liceu São Paulo, fiz dois anos Curso Ginasial, hoje em dia se diz Ensino Médio, né. Onde foi que estourou a guerra e meus pais tiveram que sair da cidade, ficamos na cidade do interior seis, sete anos, né. Para voltarmos para cá, quando voltei, era 1947. O mês eu não lembro, só sei que era 1947, para voltar para o ramo de pesca que era o ramo do meu pai. Era o ramo deles, ele começou da estaca zero, mas graças a Deus, foi sempre um homem, tipo, como se diz assim 'nada me derruba', né. 'Eu tenho que ir pra frente, tenho que vencer isso'. Meu pai sempre foi isso, então onde que ele conseguiu vencer na vida, graças a Deus. Ele deixou uns bens aí antes de falecer, então, eu agradeço isso, como também, quem sabe, a força que eu tenho também tenha herdado dele, eu acho.

A senhora pode contar um pouquinho mais sobre seus pais?

Ah! Meus pais? Meu pai veio da terra dele com dezenove anos, parece. Veio ele, uma irmã mais nova, eles eram um, um... Três homens, eram homens e duas mulheres, não, três mulheres, é. Meu avô, três homens e três mulheres. Aí, na época que ele veio para cá, eu não sei, ele veio muito depois do Kasato Maru, ele veio muito depois, meu avô. Ele só pode trazer o meu pai, que é o segundo filho homem e a mais nova das meninas, que não tinha condições financeiras de trazer a família toda, certo? E outros filhos ficaram na casa de parentes, até ele poder ir buscá-los muitos anos depois. Quer dizer, aonde que nessa altura, você sabe. Quando os filhos são pequenos, não entendo o porquê que acontece isso, de os pais deixarem parentes ou deixar... Se criado por outras pessoas que não sejam o pai e a mãe, entende? Então, eles, alguns criam revoltados, não criam? Criam mesmo, tanto é que, Deus o tenha, um dos meus tios, o tio mais velho, porque o mais velho ficou lá, ele não se dava com meu avô, não se dava, sabe? Depois que veio para cá. Então, porque antigamente existia esse negócio, vamos dizer assim, o filho mais velho que cuidava dos pais idosos. Foi sempre assim, antigamente. Hoje, não é. Os filhos mais velhos tinham que cuidar dos pais, os idosos, né. Mas, o meu pai não era mais velho, era o segundo, entende? Mas, já meu pai, já se dava com meu avô, uma porque teve mais convivência também. Então meu pai que cuidou sempre dos meus avós, meu avô e minha avó, sempre cuidou, né. Então, aquele meu avô era muito rigoroso, sabe, daqueles que diz assim: 'você tem que trabalhar

para você pagar o prato que come', entende? Naquele sistema rígido, meu avô era... Meu avô era bravo mesmo, daquele japonês samurai. Então meu avô trouxe meu pai com dezenove anos e essa minha tia, que foram para um sítio, fazenda como se diz, não sei antigamente, no café, diz que... No Estado de São Paulo, não era muito longe do Estado de São Paulo, agora eu não lembro o nome. Eles falavam que a fazenda chamava-se Santana, né, e foi lá que meu pai aprendeu o português no meio dos colonos, entende, e escrever também, né. Aprendeu o abecedário com os colonos, à luz da lamparina. Meu pai sabia escrever, falava bem o português, sabe, quando, por que eles tinham um contrato. Quem chegava de lá, entrava numa fazenda, mas como o regime era muito rigoroso e a comida, não tava acostumado com a comida do Brasil. Aquela comida para eles era ruim. Um arroz e feijão, uma coisa horrível, não é? Então, meu avô não... Tinha que sair de lá. Então, praticamente, então fugiram. Uma coisa que todo mundo fazia. Fugiram antes do contrato. Então, o pessoal fugia para outra cidade, aí... Que um dia meu avô arrumou uma carona de um carroceiro, carroceiro que vinha trazer uma carga e ir para o porto. Então, você vê, quantos anos atrás isso. Sem saber falar o português, mas, pegou a carona dele, pôs a minha avó, meu pai e essa minha tia dentro da carroça e eles falavam que tinha tipo de feno, que fala. E que chegou para Santos. Para chegar na Baixada, disse que levou dois dias e uma noite, nunca me esqueço que ele contou essa história; dois dias e uma noite para chegar aqui e chegou aqui na praia, aqui na Ponta da Praia, ele já tinha se comunicado, meu avô tinha se comunicado com japonês amigo dele, já estava no ramo da pesca, entende? Onde meu avô se meteu no negócio do ramo de pesca. Foi aí que surgiu a família, sempre trabalhando em peixe. Construção de barco e pescavam em alto mar. Diz que naquela época, meu pai contava que eles lançaram a rede até na altura das imediações do Aquário, existia peixe em abundância. Aquário, hein! Então, eles não precisavam muitas vezes, nem ir de embarcação, sabe. Mas, quer dizer, para trazer os cardumes de peixe naturalmente tinha que ter algum... Eu não sei como faziam, mas diz que lá no Aquário, na altura do Aquário, existia muito peixe. Foi daí, que eles foram graças a Deus, progredindo, progredindo a frota, foram aumentando a frota, sempre, né. Então, antigamente, até a guerra, nós tivemos uma vida muito farta. A gente pode dizer farta, nunca passamos necessidade. Única vez que nós passamos na vida, foi o tempo da guerra, porque nunca faltou nada, nada, nada na nossa vida. Sempre fomos criado assim... Não to dizendo milionário não, mas, nunca faltou nada, nada, nada. Sempre a pesca deu. Você não sabe porque é muito novo, a pesca deu até uns anos atrás, deu muita fartura, quem se fez, progrediu, progrediu! Quem não, ficou para trás porque não soube aumentar aquele negócio. Então, meu marido depois que casou comigo, ele era do interior, mas ele veio trabalhar com meu pai, é onde que ele é que manobrava e administrava e... Ele ia em alto mar, trabalhava junto com os empregados, vinte e três anos em alto mar, trabalhando sem férias, sem nada, né. Eu praticamente criei meus três filhos sempre sozinha, sempre com meus pais, mas assim, perto né, com orientação deles assim, vinte e três anos trabalhando, eu nunca, graças a Deus sempre tivemos fartura, muito peixe, que tinha muito, muito mesmo. Hoje, vendeu tudo, porque chega aquela idade, a gente tem que entender, chegou a idade tem que ir passando para outro, não é? Então, daqui para frente, vai ficar teimando a mesma coisa, que você não é mais capaz de dirigir, não é mais capaz de comandar, para que você ficar? Só para você ter aquele... ter aquela coisa de dizer 'eu sou o dono, eu posso'. Não adianta, chega um ponto que tem que passar adiante, então passa adiante. Enquanto o seu nome é lembrado, você é fulano, era dono disso. Ah! Como aquela época era isso,

trabalhou, fez. Se fez na vida, não sei o que! Não é melhor ser lembrado assim, do que você ficar teimando numa coisa que você já não é mais capaz de comandar e depois ver a decadência. Não é mais horrível? Já pensou quanto mais alto você está, a decadência é pior. Tem aí, no meio de nossos parentes, tem uns dois ou três, que ficaram naquele... Teimoso. Ficou, ficou, aí no fim...

De que região eram seus pais?

Meu pai... Era japonês era negócio de Buda, budismo. Agora meu pai não era muito, vamos dizer, ateu. Mas minha mãe era como pessoa que acordava de manhã, budismo...

Digo a região ali do Japão.

Okayama. Okayama é uma cidade longínqua de Tokyo. É uma cidade que eu fui quando fui passear. Eu fui! É mais quente, não é tão friorenta como é Tokyo, a tal de Hokaydo, que neva, lá nunca neva. Lugar dele, do meu pai. Minha mãe também era de lá. A minha mãe veio depois e meu pai veio primeiro e aí, como o casamento naquele tempo era tudo arranjado, como na novela da Índia, tudo arrumado. O meu avô foi buscá-la, foi buscar a minha mãe para casar com meu pai. Mas, a minha mãe conhecia muito pouco ele, o meu pai, porque eram da mesma, mas não tinha aquele contato, sabe? Minha mãe casou; casando, achou que tinha que casar e uma, que ela quis também, como diz assim, se soltar da família. Já estava com dezoito anos por aí, queria independência, não é? Não queria ficar lá, é onde que ela veio para um país diferente porque ela já tinha uma irmã casada, aqui no Brasil, né, numa outra cidade, entende? Então, por isso que ela veio, não é? Chegou aqui, naturalmente ela foi na casa da irmã para depois casar com meu pai. Coisa que não é o casamento como o de agora, coisa de namoro, de nada, arrumado, como essa da novela, assim. Chama a noiva para casar, fica conhecendo aquele negócio de dote, é idêntico também, interessante! Essa da Índia, tem muito, muito dos japoneses antigos, não falam? Você acho que chega a ver novela. Não vai ter tempo, mas, fala-se aí na novela, negócio de dote, a moça para casar, dote e o rapaz para casar, a família do noivo também da dote para a família da noiva. Então, lá no Japão era diferente; o Japão, só o noivo que trazia o dote, a moça não dava dote, mas o moço tinha que levar o essencial: enxoval, que falam e uma máquina de costura. Isso era o principal. Então, a moça tinha que saber cozinhar, costurar, bordar, cozinhar o principal, costurar segundo. Tinha que saber fazer tudo isso. Naquela época da minha mãe, né, a primeira coisa o filho mais velho morar com os pais, o sogro e a sogra. Mas, no caso do meu pai, aconteceu do contrário; o meu tio não se dava com o pai, que é meu avô, eram meus pais que tiveram que seguir. Meu pai que morou com meus avôs, sobrou para minha mãe, pesou mesmo, pesou, sofreu muito. Foi uma criatura, vamos dizer, que a gente pode tirar o chapéu. A minha mãe foi uma heroína, minha mãe foi, Porque meu pai, meu Deus, deu muito trabalho, muito rigoroso, era igual o pai, idêntico o avô. De família, nossa! Sabe aquele japonês que é, sabe, pedra é pau, pau é pedra, pedra é pau e é mesmo, sabe? Na minha casa, sem mentira, que eu lembro, pela minha infância, não sentávamos numa mesa para comer, na hora da refeição, ta certo, é sagrado, mas também é permitido conversar, não é? Não é! A gente quer contar um caso que aconteceu, ta acontecendo, sei lá, que eu saiba. Não deixava abrir a boca, só se ouvia barulho de talher japonês, meu pai, minha mãe, meus avôs só comiam de

pauzinho, palitinho, nós, assim, de garfo e tudo, só escutava o barulho de tigelinha. Meu pai não deixava abrir a boca para nada, aí, na hora que eu, minhas irmãs, nós falávamos assim: ‘o dia em que a gente casar, na minha casa, a hora da refeição, vai ser a hora mais alegre que tem’. Nossa senhora! Comer, almoçar, jantar em um ambiente; a gente falava depois de grande. Se a gente falasse alguma coisa assim, na mesa, meu pai, qualquer coisa que tinha na mão, voava. Meu pai não pegava a gente para bater assim, ele tinha mania de pegar os objetos que vinha e voava em cima da gente. Difícil ele fazer isso, mas, quando fazia... E também não podia precisava falar nada, bastava olhar. Só com o olhar a gente já percebia se tava agradando ou não. Hoje, por acaso, os filhos da gente, os netos da gente, são assim. Eles discutem com a gente, a geração de agora, discute com a gente, se a gente quer passar um pensamento para eles... Você ta falando assim: será que não era melhor assim? Não, não é válido nosso porque somos idosos, o tempo já passou. Entende e primeira coisa, num se tem respeito pelos idosos, não pensa você tem, não tem não! De jeito nenhum. Pensamento deles é diferente, completamente. Eu sempre falei isso para as sogras da minha filha, eu sempre falei isso. Então, eu não sei, eu já, muitos anos, já comentava com minhas amigas assim, que a geração de hoje, daqui para frente, principalmente hoje, eles são pequenos, mas amanhã, já serão uns moços. Adolescente, pra moça, pra tudo. Pensamento deles é diferente do nosso, vocês tem que ficar preparado, não pensem vocês que vocês tem essa cabeça, vamos dizer, antiga. Não to dizendo que eu sou mais moderna, não to dizendo isso, mas eu acho assim, que a geração de agora é diferente, eles não se vêm na obrigação de olhar os pais, então, vocês não esperem muito deles, porque se você esperar, você tem um choque, porque aí, não é aquilo que eu estava pensando, eu pensava de um jeito, aí meu Deus! Não era isso que eu estava esperando para mim. Vamos dizer, se tem um marido para nós, né, você não pensa assim? Elas falavam para mim, elas que já são sogras da minha filha, aí, eu falava assim: ‘Eu não sei’. Se eu sou diferente de você, se eu sofria ou se eu... Mas eu penso assim... A geração não é assim. Você tem que ficar, assim, preparada para o dia de amanhã. Se acontecer, por essa infelicidade, se acontecer de dizer que os filhos não vão olhar pela gente, você estando preparada, você não vai levar um choque grande. Agora, se você estiver preparada, o choque não vai ser muito grande não. Não está acontecendo? Uma das sogras minhas, hoje fala: ‘é, aquilo que você a muitos anos comentou, quando estávamos conversando e tal’. Você não tomou um choque? Por que? Porque você não estava preparada. Esperava tanto, tanto, tanto e não é aquilo que você esperava. Eu que sempre falei com meu marido assim: ‘a gente tem que pensar que a geração agora, é diferente, assim, assim, não vamos esperar muito deles. Não pode cobrar’. Pai e mãe é para toda hora para eles, mas, eles não são toda hora para a gente, não. Se a gente pensar assim, a gente não vai ter choque grande. Sempre eu falei pra ele também, desde aquela época a gente sempre, nós, nós dois sempre pensamos isso. De vez em quando a gente toma um choque, Rafael! Pensa você, não é? Então, por isso que eu falo: a geração é completamente diferente. Por quê? É cara de japonês, mas aqui, 100% brasileiro! É verdade, 100% brasileiro; não é 80, 90 não, é 100% brasileiro. Pensamento brasileiro, tudo, tudo! Primeiro não procura aprender a falar a língua, não procura nada, saber negócio de cultura, tem exceção, tem alguns que... Mas eu não. Pelo menos, tenho os meus netos... Para começar, namora tudo brasileiro, vai casar com brasileiro. Não tenho preconceito, por que eu tenho uma filha casada com brasileiro. Tenho uma filha. Graças a Deus... Por serem brasileiros, muito bom brasileiro, muito bom! Muito paciente, muito paciente, aguenta minha filha que é rabugenta,

professora aposentada. Muito bom! Sobre isso, nunca tive nenhum preconceito, tanto que é que quando ela trouxe ele para apresentar, ele é que ficou receoso de entrar numa família japonesa, porque nunca teve contato, mas eu, como sempre, fui criada no meio brasileiro, ele também. Então, para gente, foi normal, normal, tudo normal, muito bom rapaz, muito bom, melhor do que o outro que é japonês. Falo porque é verdade, não que ele seja ruim, mas é que o outro, como tem a tendência de japonês, é mais enérgico, é mais... Sabe? Mais tipo de japonês. Esse que é o brasileiro, não. Muito bom, muito boa pessoa.

A senhora pode me contar um pouco sobre a sua infância?

Minha infância? Então, minha infância é aquela que eu te falei agora pouco. Que eu nasci aqui no bairro, me criei aqui, né, já tinha dito né. Tinha. Então, quando fiz a idade, quando comecei a idade escolar, meu pai me matriculou no Colégio, nessa associação que chamava Escola Japonesa de Santos. Na época que lá existia o primário, né. Primeiro e segundo ano, como se diz hoje, primeira e segunda série. Então, meu pai já me colocou nessa escola japonesa para mim poder estudar o japonês, a língua japonesa e a língua portuguesa, né Então, ele me matriculou lá e na época, só era permitido aprender o idioma japonês só quando a criança tivesse 9 anos, porque aqui no Brasil, o início escolar é com sete anos, não é? Então, entra-se com sete anos, no primeiro ano, primeira série, então são sete, segunda são oito se a pessoa não repetir, vamos dizer. Não sei hoje em dia se existe essa palavra repetir. Com oito anos, então não era permitido entrar na aula japonesa. Só quando fizesse nove anos completo é que você poderia estudar a língua japonesa. O porquê disso? O porquê era para não atrapalhar a cabeça da criança, por que quando já estiver na segunda série, a pessoa já sabe ler, escrever o português, não sabe? Sabe tudo! Aonde que se entrar a língua japonesa, a cabeça da criança vai ficar muito emaranhada. Não vai ficar. De jeito maneira! Eu pelo menos achei que não fiquei né. Porque aí, quando fiz nove anos, eu comecei aula de japonês, aí foi que eu passei. Na Escola Japonesa só existia língua portuguesa até a segunda série, aonde que eu passei para o Cesário Bastos e fiz a terceira série, a quarta série, me formei lá, dali onde que eu fui fazer o Liceu São Paulo, aí eu, a língua japonesa eu continuei na mesma, que foi seis anos, seis séries que eu fiz. Então eu continuava de manhã na língua japonesa, na aula japonesa e à tarde, depois eu fui para o Liceu São Paulo e estudei. Quando eu estava no Liceu São Paulo, na segunda série, aí foi que estourou a Guerra, eu tive que sair, morei um tempo na Ponta da Praia, aqui no bairro, porque eu nasci aqui. Na época que estourou a guerra, como lhe falei, estávamos estudando no Mercado Municipal né, foi dali que nós saímos e fomos para a cidade do interior, que foi a época da guerra e tivemos que ser retirados daqui devido aos problemas.

E como que a senhora fazia para chegar até a escola?

Então, de manhã eu saia daqui, pegava o bonde quatro, nas imediações aí do Internacional Clube hoje, de lá, eu voltava no Boqueirão, existia uma estação, o Boqueirão. De lá, eu pegava o bonde doze, que circulava do Boqueirão, a praia toda e entrava na Ana Costa e ia para a Vila Mathias, porque a Associação Japonesa hoje, que naquele tempo era a Escola Japonesa, funcionava nas imediações, onde existe a Igreja Coração de Maria. Era ali, então eu saltava naquelas imediações da igreja e aonde que eu fazia essa trajetória todo dia, todo dia. Não existia ônibus, era

só bonde, então, na volta também a mesma coisa, eu pegava o doze, saltava no Boqueirão, pagava o quatro e vinha, depois de um tempo, apareceu o bonde treze, que era da Ponta da Praia a São Vicente. Então, quem em São Vicente e quisesse vir estudar por essas bandas da Ana Costa, vinha com o bonde treze, naturalmente, aí tinha que eu também para o bonde doze para depois ir para a Ana Costa. Eu lembro que na minha infância, pelo menos foi isso, então, eu não voltava para minha... Para almoçar, porque não tinha condições de... Da condução, mais por causa da condução. Porque como eu vinha naquela época, com o bonde, desse jeito, devagarzinho, chegar a Ponta da Praia, almoçar e voltar, outro período para ir para o grupo, não podia. Então, passava a sanduíche de mortadela. Depois de grande, muitos anos depois, que eu fui conseguir comer um pão com mortadela. Juro por Deus! Porque esses seis, quatro, cinco, seis anos comendo todo dia pão com mortadela na hora do almoço, sem um refrigerante. Olha como era rigoroso! O pai e a mãe, diferente antigamente. Pedia dinheiro para o refrigerante, era luxo, pedir para mudar o meu lanche para... Eu nunca me esqueço que eu pedi uma omelete para minha mãe, eu comentei a pouco tempo com uma das minhas amigas, também de uns oitenta e poucos anos, que um dia eu lembro que eu pedi para a minha mãe fazer uma omelete, que eu tava enjoada de mortadela. Sabe o que a minha mãe falou? Minha mãe falou assim: ‘que se o colégio permitia um aluno levar sanduíche de omelete’. O que é ovo? Que ovo era artigo de luxo naquela época, aí, a minha amiga, uma que tem uns três, quatro anos mais do que eu, hoje ela ta internada no asilo japonês, ela falava: ‘não, mas, você tem que entender que naquela época, um ovo era artigo de luxo’. Mas, na minha cabeça não era, eu não entendia isso, ‘eu to enjoada mãe, todo dia mortadela, não pode mãe, fazer uma omelete?’ E sabe lá se na minha casa tinha ovo, eu não me lembro. Hoje é motivo de riso, ta certo, mas, pensando tudo isso, eu falava assim: ‘meu Deus do céu, como que era a vida antiga né’. Por isso que eu falo para os meus netos, hoje eles tem vinte e tantos anos, tudo formado. Na época que eles tinham quinze, dezeis anos, a gente falava assim: ‘olha, vocês tem quinze anos, quatorze anos, vocês estão vivendo os quatorze anos direitinho, quatorze anos... Que nem a avó e o avô, se a gente está com sessenta, setenta, estamos vivendo de dez anos para cá’. Aí, eles falam: ‘mas meu Deus, então como que era vocês, naquela época, como que era a nossa vida’. Juro, pensa bem, não poder tomar um refrigerante, que eu me lembro, pão com mortadela e um copo de água lá do bar, da pia que eu pedia. Meu Deus do céu, era meu almoço. Aonde que eu me revoltava, que eu chegava aqui no bairro de tarde, as minhas colegas, todas elas, caçando siri, pescando, nadando, verão, eu vindo da escola ainda que no... Ah! ‘Meu Deus, meu pai, porque que eu tenho que estudar japonês, por isso, não vou nunca para a terra, por que?’ Meu pai chega: ‘você diz isso hoje, né, quando você crescer, quando casar, você tiver a felicidade de ir para o Japão, você vai saber falar a língua, você vai me agradecer’. Eu nunca vou para Japão, sabe por que, meu Deus do céu, cabeça de criança. Aí eu tive a felicidade de ir, quando eu fui, eu fui numa época de carnaval daqui. Cheguei lá, aquele inverno, embaixo de neve, os parentes, minha mãe falava assim: ‘é, você tem bastante irmão, mas a única que diz, fala japonês, alguma coisa, é você’. Falei, entendo alguma coisa, não sei falar muito bem, mas eu sei. Quando eu voltei, fiquei três meses lá, quando eu voltei, eu fui levar um presente para meu pai, nunca me esqueço, sabe o que ele me falou? ‘você não tem uma coisa para me falar?’ Pensei: ‘ah, muito obrigado, muito obrigado por você ter me mandado estudar japonês’. Ele tava esperando essa palavra. Falei muito obrigado para ele. Ele falou: ‘ah! reconheceu? Não foi válido?’ E eu falei, foi bastante válido. Aonde que eu aprendi

japonês e aonde que eu falo com minhas amigas, algumas já se foram, algumas já se foram, mas tem uns dois, três aí, que eles não conseguem falar, não conseguem nem mais ler. Por quê? Não aprenderam. Porque o que a gente aprende quando criança fica, sempre no subconsciente. E depois, o ensino antigamente era bem mais... Que eu me lembro era, que eu me lembro era! Tanto o Português, como o Japonês. O Português também era rigoroso, tinha aula de religião, me lembro, aula de religião, coral. Existia era educação física, que nós chamávamos só de ginástica, e tinha aula de artes. Então era muito bom, pelo menos onde eu fui estudar, Cesário Bastos, tinha se não me engano, era segunda-feira, toda segunda era religião, quem não era dessa religião católica, durante a aula, saia no corredor, não frequentava. Era assim. O coral também, me preparava para o coral, fazíamos educação física, antigamente se chamava ginástica, tinha tudo!

Isso na Escola Japonesa?

É, tudo, aula de... Aula de... E o esporte que fazíamos naquele quintal ali... Mas era maravilhoso, esporte.

Quais esportes vocês praticavam?

Então, quer dizer, nós fazíamos muito... como é que fala? Aquela... aquela corrida que entrega o bastão assim, como é? É no atletismo, não, aquele que corre não sei quantos metros e o outro entrega o bastão. Fazia muito aquilo, principalmente aquilo. Corrida, assim, corrida. Aquela coisa de barra e aquele jogo que chamava tipo de beisebol, mais ou menos assim, sabe? Na época, nós chamávamos de barrabol, barrabol! Formávamos duas equipes. É. duas equipes e jogava contra. Tínhamos aula de ping-pong, hoje em dia fala tênis de mesa, naquela época ping-pong. Eu era boa nisso, que eu me lembro, como eu gostava de jogar isso, tênis de mesa, que fala hoje. Eu jogava ‘pra caramba’! Desculpe a expressão, mas eu jogava ‘pra caramba’! Ah mas era tão bom, mas era um tempo tão bom que a gente ia para a escola e nós íamos para a escola, mas nós tínhamos tudo isso. Coisa que hoje em dia, no Grupo Escolar, não existe, não existe mais. Naquele tempo existia tudo isso, aula de tudo. Até aula de tear, para menina, bordar, sabe? Pintar, é... Aprendia-se tudo no grupo escolar. Aonde que hoje existe isso? Aonde que existe? Não ensina alfabeto, não é isso? Aonde que a maioria que sai de lá, diz que sai na quarta série. Como que eles escrevem tudo errado? Fala errado! Ta certo que são jogadores de futebol e de classe, não to desprezando, mas não sabe cantar o Hino Nacional... Acho isso uma vergonha, eu acho, eu acho uma vergonha, aparecer na tela e não sabe cantar o Hino Nacional. Eu não sei, o que eu acho, ta certo que eles não tiveram uma instrução, mas, pelo menos, já que entrou nesse ramo de futebol, vai sair numa tela de televisão, pelo menos um trecho do Hino Nacional eu acho que eles deveriam ensaiar com os técnicos. Não seria uma má idéia. Eu canto, graças a Deus, o Hino Nacional Japonês e o Hino Nacional Português, eu canto! Consigo cantar. Então, eu acho que tudo vem... Toda vez que sai uma matéria... Meu Deus, como é que pode? Não saber cantar o Hino Nacional do país de origem, não é? Ta certo que o Hino Nacional é comprido, agora abreviaram, não abreviou? Já ficou mais fácil. Naquela época, no grupo, era obrigatório antes de entrar na sala de aula, cantava-se o hino nacional. No dia 7 de setembro, era comemorado; no Dia da Bandeira, era também comemorado. Se não fazia externo, fazia interno. Eles montavam uma, como é que se chama? Tipo palco e sempre era escolhido uma

aluna ou um aluno, para subir lá em cima e fazer o discurso sobre a data, entende? Então, o que fosse escolhido, era o melhor da classe, era a melhor da classe, então subia e falava sobre a data, entende? Aí, cantava-se o hino da data que tava comemorando. Ah! O dia da árvore era também comemorado. Era muito bonito... Independência, Descobrimento... Dia da Árvore, Dia do Trabalho, Dia do Trabalho. Tudo era comemorado.

Além dessas datas, se comemorava as datas festivas do Japão também?

Não. O único dia que sempre comemorou anos consecutivos, fazendo eventos, 1 de maio, você deve, por esses anos agora, ter acompanhado, deve saber, 1 de maio sempre teve um evento e a gente, a diretoria, faz um tipo de gincana, aluga-se um campo... Quando começou, era o Campo do Saldanha, depois, passou para... Como que se chama esse quartel do Canal 6? Quartel que tem o soldado, no Canal 6? Sexto Batalhão não sei lá o que! Muitos anos lá também e faz coisa de uns quatro ou cinco anos passou para os Portuários, ali perto do Memorial. Então, passou para lá agora, porque lá, além de ter o campo, tem o ginásio, então, no dia de tempo ruim, como aconteceu este ano, aí passa para fazer dentro do ginásio, sabe? Aí, nesse evento, aí entra a mão feminina, o grupo de senhoras, que é o meu grupo, que é o grupo que eu liderei. Digo liderei, até o ano passado, quando me deu problema na perna. Eu liderei quinze anos, comandei faixa de umas trinta senhoras, mais ou menos da minha faixa, faixa, tem algumas para baixo; chama-se *Tupin Kai*, quer dizer Grupo de Senhoras, *Kai* é grupo, então eu comandava isso quinze anos na casa que eu morava, para lá do Canal 7. Eu tinha uma casa grande, com quintal grande, então eu, sabe, emprestei a minha casa e eu que liderava esse grupo para os eventos; fazer doces japoneses, os '*sushi*', você conhece o *sushi?* Nós fazíamos tudo isso. Eentão, fazíamos, o começo, nós fazíamos faixa de cento e vinte ou cento e trinta bandejinhas. Você já viu o prato japonês? Então, aquelas bandejas, nós que fazíamos. Eu acordava umas três horas da manhã, mais ou menos, para poder fazer o recheio dos salgadinhos, né, o recheio do sushi. Quando chegava 8 ou 9 horas da manhã, vinha a minha equipe de senhoras, vinham as que podiam já colaborar desde cedo. As que não podiam, vinham depois do almoço, aí nós fazíamos o *sushi*. Você conhece o doce japonês? Aquilo, nós fazíamos com um dia de antecedência, aquilo tem que fazer recheio, que é um tipo de brigadeiro brasileiro, só que é com... Muito trabalhoso. Nós fazíamos dez quilos de farinha de trigo, que comportava mais ou menos seis quilos de massa, então, nós fazíamos... Até hoje, nós fazemos de seiscentos a oitocentos docinhos, nesses eventos, que tem ainda na Associação. Quem faz tudo aquilo, dos docinhos, é a minha equipe antiga.

Esse evento do 1 de maio, era comemorado na época da Escola?

É comemorado não é por causa do Dia do Trabalho, porque dia 29 de abril, se não me engano, é... Sempre foi aniversário do Imperador do Japão. Imperador do Japão, se não me engano, eles comemoraram no dia 29 de abril, uns dois dias antes, por aí. Então aonde que aqui, os que estavam aqui no Brasil, comemoravam o 1º de maio, sabe? Em consideração ao aniversário do Imperador. Aí então diz assim, essa gincana se chama *undo-kai, undo* – esporte, *kai* – grupo. Grupo que faz os esporte, que é o tipo de gincana: *undo-kai:* tipo de esporte, sabe? Que eu entendo, meu japonês, que eu aprendi, foi assim, agora se hoje eles usam outra palavra, também eu não sei. Por que, como diz, eu parei no tempo, estudei aquilo e fiquei. Onde que

eu continuo falando japonês porque eu ando com minhas amigas, que eu tenho muitas amigas minhas, na faixa da minha idade, acima da minha idade, que só falam a língua japonesa, não falam o português.

Como que a turma se organizava para ir para as classes?

Ah tinha, eu não sei que classe que subia primeiro, eu não sei porque você já não é do tempo de... Essa turma de agora não faz fila? Eu, naquela época, nós fazíamos fila e existia, por exemplo, a sessão: sessão A, sessão B e sessão C naquela época. Assim, a fraca, a média e a forte, existia-se essa separação na classe, A, B e C. A fraca, B média, C forte. Então, tanto é que na classe, A com A, B com B e C com C, em fileira, entende? Então, as classes também eram assim praticamente, se começava com A né, depois o B e C, era assim. Eu, graças a Deus, sempre fui do C, sem mentira, sem mentira! Um de meus primos sempre foi do B, até meu tio, pai dele que no começo vinha nos buscar, lá na Associação, que era a Escola Japonesa, vinha nos buscar porque na volta nos morávamos naquela época na Senador Feijó, na altura onde hoje existe... hoje não é mais, o Bombeiro, onde existia o Bombeiro, lembra? Então, ali de fronte mais ou menos, nós morávamos, meu tio vinha nos buscar. Um dia ele perguntou para a professora por que o filho dele estava numa fileira e eu na outra, aí foi que a Don'Ana, isso na classe da Don'Ana, ai a Don'Ana falou: "não, é porque os fracos, os mais ou menos e o C que é os fortes, seu filho é médio então ele ta no B, sua sobrinha está no C porque...". Mas não era mentira, eu sempre estava no C, sempre tava no C. Então foi que ela falou, nós tínhamos o A, o B e o C. Naquele época era assim, até os grupos funcionavam assim também, A, B e C, na minha época, A B e C. Até no Cesário Bastos também era assim: A, B e C. Mas era interessante, porque eu acho tão bonito, até hoje quando eu me lembro, até no Cesário Bastos, que é um grupo grande, não sei se agora ainda é aquele número de alunos, sabe? Mas naquela época era bastante aluno, éramos bastante alunos! Era o período de... Nós entravamos as 11:00, saia as três, é as 3:15 mais ou menos e ficava até as 6:00. Muita classe! Ali sempre teve bastante... Não é, não tem? Eu me lembro que para entrarmos, nós entravamos só com o caderno, o material, né. As malas ficavam todas penduradas nos corredores, cada classe tinha os seus cabides, cabides de duas, três até quatro fileiras. Púnhamos a mala, se tinha guarda-chuva púnhamos o guarda–chuva. Ninguém mexia na mala de ninguém, juro! Hoje não faz isso né. O aluno poderia sair para o banheiro com licença da professora, mas ninguém passava por ali para mexer numa mala se quer, juro! Era tudo organizado, tudo tudo. De modo que para a gente entrar na sala de aula tinha que tirar tudo. E não se podia, se desse fome, não se podia comer escondido embaixo da carteira, comer escondido um lanche, que nada! Isso daí era um absurdo, era uma falta de educação, não podia. Se for no dia de hoje vê só, aluno ta atendendo celular, não sei o que, não é! De jeito maneira! Era rígido mesmo, era mesmo! Da língua portuguesa, no Cesário Bastos também era, me lembro muito bem, muito muito bem. Ai de quem conversasse na classe! Então, como a gente acabou de falar, apanhava da professora, eu tive uma professora no grupo, lá do Cesário Bastos, não me lembro o sobrenome dela, era Rita ou Maria Rita, não me lembro, era baixinha assim, brava! Você sabe que ela batia com a régua, sabe aquela régua, não sei e ainda existe aquela régua comprida, bem comprida, sabe? Batia assim no pé da orelha, batia mesmo quando não sabia e... Gozado, hoje não existe mais isso, mas naquela época tinha muita aula de leitura, o aluno ficava de pé e ela mandava ler, ler trechos,

até trecho tal, aí ia e lia, o outro prosseguia, aquele que não lesse direito ela encostava do lado e ficava de castigo, do lado da escrivania dela ajoelhado até o final da aula, pelo menos essa professora era, as outras eu não sei, sabe? Batia com a régua, eu levei uma reguada uma vez aqui no pé do ouvido, que ela pediu para recitar, sabe o que é recitar. Recitar, declamar, recitar e eu era pequena assim, era a mais a timidez também, sabe, eu não conseguia me expressar, aí ela falou: 'como que você não consegue, você leu o texto, você guardou, você tem que saber se expressar'. Foi quando eu não consegui, então ela me deu uma reguada aqui no pé da orelha, pelo menos ela não me deixou ajoelhada, mas me deu uma reguada aqui. A outra ficou ajoelhada lá. Mas era assim sabe, a professora que batia mesmo.

Os professores japoneses eram rigorosos assim também?

Também, também! Se hoje um professor bater em um aluno como é que fica? Não pode, mas naquele tempo batia, batia mesmo, se não soubesse a lição apanhava. Gozado, e não acontecia nada, não acontecia nada, ninguém reclamava não, aluno apanhava, o professor bateu: 'a minha professora me bateu, meu professor me bateu'. sabe? Pronto! Nos dias atuais se um professor fizer castigo desses de bater, ai meu Deus, o que vai acontecer? Se nem o pai ou a mãe as vezes podem bater, não é? Mas eu falo assim, que na educação atual, fala-se que não pode bater, falam né, falam que não pode. Será que umas palmadas de vez em quando não seria bom não? Não funciona? Acho que funciona sim! No meu pensar, no meu modo de pensar, eu acho que funcionava, que nem minha empregada, tem uma menina de quatorze anos, essa semana comentou que a menina ta numa idade de adolescência, não obedece mais, que ela não está mais conseguindo, que ela está perdendo a autoridade sobre ela e não sei o que não sei o que... Que a menina está falando mais alto do que ela. Eu falei: 'você se deixou dominar'. Falei para ela: 'será que essa menina há um tempo atrás você tivesse dado umas palmadas, será que não tinha...', 'a não, não posso bater'. Agora você sofre, eu ou do coiso... Eu não sei se eu estava errada, se fui errada, mas e... Com meus três foi assim, eu não sei se tava errada, o pai nunca tava em casa porque sempre tava viajando, ganha pão dele, eu era o pai e a mãe, então quando eu tinha que pegar eles, não tenho vergonha de falar, eu não batia sempre, não batia não, juro. Eu acumulava cinco, dez, sete travessuras lá, fosse o que fosse quando eles faziam coisa ruim, mas o dia que eu pegava de jeito os três, primeira coisa que eu fazia, trancava a porta da frente e de traz porque eu sempre morei em casa, agora que eu to morando aqui; trancava, punha a chave no meu bolso do avental, 'agora eu vou pegar vocês de jeito', aí eles corriam, a primeira coisa eles corriam para a cozinha, porque a cozinha é larga né, os quartos não corriam, se bem que eu acho que trancava os quartos, corriam para a cozinha; aí os três, como é que eu vou pegar os três, aí eu esperava mais ou menos quando chegava perto da mesa, o que é que eu fazia, empurrava a mesa para a parede, aí eles não podiam circular em volta da mesa, aí eu pegava de jeito os três. Até hoje eles falam: 'mãe, quando você pegava a a gente era de matar', eu falei: 'mas era toda travessura de dez, quinze que eu pegava vocês', 'mas pegava pra valer né mãe' [risos]. Mas não falhava uma, pegava! E quando não conseguia Rafael, eu pegava o chinelo mirava e, sempre tive a pontaria boa, a buscava! Eu me lembro que quando meus netos de oito e nove anos, brincava muito com a irmã, judiava né, e eu que cuidava porque a mãe trabalhava né, essa que era professora, eles ficavam comigo, depois eu mandava na perua e tudo. Aí um dia eles estavam brigando muito, eu acho, tava com mais idade também né, não estava

de boa maré aí eu sei que peguei o chinelo, mas eu mirei nele, o chinelo pegou aqui, nunca me esqueço, machucou e tudo. Quando a mãe chegou do serviço a primeira coisa: 'a avó me bateu, a avó me machucou, me jogou o chinelo'. Mas não falou o que ele fez, aí minha filha que também é bocuda chegou para mim assim: 'Você bateu no meu moleque e não sei o que', Espera aí! Ele falou o que ele fez? Não! 'Só falou que você bateu'. Então pergunta para ele direito por quê eu bati. Ele ficava judiando da irmã e eu também não tava mesmo de boa maré, então eu mirei o chinelo e ataquei nele.

Na época de sua infância como era aqui o bairro?

O bairro era assim, só mato, não tinha água encanada, existia uma torneira assim de não sei quantos metros a diante. Assim, tinha uma torneira, vamos dizer pública que fala, torneira pública, aonde o povo ia pegar a sua água e poder levar para a sua casa, Água potável no Brasil é muito grande né! Padaria existia só na altura do Clube Regatas, era mais ou menos por ali, né. Clube Regatas já existia. Não! Primeiro o Vasco da Gama, para cá. Então é o Vasco, é o Vasco, não é o Regatas. Padaria quase vizinha ao Vasco da Gama aonde existia, naquele tempo o remo. Os jovens daquela época, os brasileiros, eu lembro que eles vinham, pegavam e arriavam aquelas canoas, não sei como que se chama, eles remavam muito, isso eu me lembro aí no Vasco da Gama. A padaria era ali e a condução, essa que eu te falei de um bonde quatro e o bonde lá adiante. Mais tarde surgiu o bonde treze para São Vicente, era só essa condução que tínhamos e aqui nesse pedaço tudo era puro mato, então eles soltavam os gados, as vacas, os cavalos que eles tinham né! Soltavam! Quantas carreiras a gente tomava dos touros [risos]. Quando soltavam do bonde, quantas vezes a gente não levava as carreiras dos bois! Mas tinha que passar porque que remédio? Tinha que vir para cá, morávamos aqui né. Então tudo isso nós passávamos. Esse que era dono dos bois e das vacas, um senhor português, já faleceu naturalmente, só esta os filhos dele e os netos. Ele tinham um, como que se chama? Estábulo que fala, aonde ele tirava o leite e fornecia. Então não era a padaria que fornecia o leite, nos comprávamos o leite dele na nossa porta e o pão nós íamos buscar naquela lonjura, mas o leite vinha. E frutas, nós comíamos o desses naturais dos pés, que esse senhor que dono do estábulo, lá ele tinha um quintal grande que tinha pé de goiaba a perder de vista, pés de goiaba, pé de jaca, então nós íamos lá, nós tínhamos toda a liberdade, o pessoal daqui e tudo, não sei se você conhece aquela fruta chamada jambo, e o que era gostoso era trepar e buscar. Então a gente trazia de cesta, é onde que era a nossa fruta. Carambola, conhece carambola? Carambola, goiaba, jambo e jaca; banana eu acho que era muito pouco, banana não tinha muito não, o homem lá não tinha muito, tinha muita, muita goiaba, muitas, muitas...

E aqui moravam mais japoneses?

Tinham muitos japoneses por causa dos barcos de pesca. Barco de pesca que era a captura, como a embarcação era pequena, então era no dia-a-dia, eles saiam madrugada e voltavam ao anoitecer, que eu me lembre. Então era assim, como tinha um, não existia assim frigorífico, não existia, então quando chegava de tarde, chegavam os barcos então eles mesmos gelavam o peixe, já tinha o gelo, gelavam o peixe, punham nos caminhões. Antigamente não é como agora que é de plástico, era tudo caixa de madeira naquele tempo. Eles montavam o peixe dentro do gelo,

dentro da caixa e passavam tudo para o caminhão e esse caminhão saia. Punha de tarde, deixava no gelo, quando era madrugada, abria o Mercado Municipal né, e tinha aquela sessão de peixes, lá eles iam vender os peixes porque os maridos tinham que ir para auto mar, sabe? Porque antigamente, você não é dessa geração então você não sabe, japonês carregava os filhos pequenos nas costas, nas costa, e pegava o bonde, pegava o bonde porque o bonde ia para a Conselheiro, então a gente descia no mercado, onde hoje é a Sete de Setembro, não é? Rua Sete de Setembro, deixa naquela altura com criança nas costas, o menorzinho que eles tinham dentro de casa, carregavam o pequeno e iam vender os peixes que o marido capturou. Foi assim sabe, foi assim, carregava os filhos nas costas, eu também cheguei a carregar o meu filho mais velho na época, eu também cheguei a carregar, era uma coisa desconfortável, mas era o único jeito porque não existia creche, não existia nada, para quem a gente vai deixar, se a gente precisa trabalhar junto com o marido, então o jeito era carregar nas costas e ir junto e brasileiro achava gozado aquilo, falava 'parece macaco carregando', e o brasileiro naquele tempo não tinha muita convivência com japonês, nem tava acostumado com os costumes nosso e japonês a mesma coisa, não é? Não sabia se expressar com muita dificuldade. Meus avós que, ta certo que eles não foram dos primeiros a chegarem, mas assim mesmo diz que tiveram muita dificuldade. Antigamente, uma mercearia não se chamava mercearia, se chamava armazém, queria comprar uma garrafa de vinagre, não conseguia falar, só gesticulava, procurava onde que tava na prateleira, apontava e ai o vendedor chamava o japonês de burro: 'não sabe falar, o que veio fazer'. Sabe aquelas coisas? Mais tarde é que foi entender o que é. Mas foi, tudo isso, quer dizer que então quem veio da turma dos nossos avós sofreu muito, muito, muito, muito... Que nem hoje, esses descendentes já foram trabalhar lá na terra, né que fala *Dekasegui*, fala que sofreu, como sofreu? Não sofreu nem isso, porque já tem tudo lá, não é? Agora os que vieram de lá para cá, se bem que também a gente fica sabendo, teve muitos que também vieram clandestinos, não soltaram no Brasil, soltaram na altura da Bolívia, por ali, e fizeram a caminhada até o Brasil. Isso eu escutei uma vez numa história e fiquei assustada. Coragem né! Tanta vontade de vir para o Brasil, saltou na Bolívia e entrou clandestino, e tem descendentes dessas pessoas que eu conheço, mas também muitos nessa trajetória diz que morreram porque se embrenham nas matas para poder vir aqui. Pensa bem! Sem experiência, sem saber a língua, comer o que, comer o que acha durante a trajetória, diz que muitos morreram, poucos chegaram aqui na trajetória, mas tem uns descendentes deles por aqui, eu conheço uma família, eu conheço. Ta vendo como que é o negócio, é que nem todos vieram direitinho no navio, de jeito nenhum! Tanta vontade de conhecer o Brasil, uma que lá o país é pequeno, o país é pequeno, muita população, então eles queriam vir a um país estranho para poder ganhar a vida, aonde que muitos nem voltaram, os meus pais foi um deles que nem voltaram, foi passear duas vezes, voltou, mas quando voltaram para lá, na cabeça deles imaginaram sempre aquilo que eles deixaram, não é assim? A gente não é assim? Mas quando chegou lá tudo diferente, tudo diferente, que disseram assim: 'é, a gente veio para o Brasil, o Brasil é melhor mesmo', e ficaram aqui, faleceram aqui e tudo, muita gente. Até eu conheço um casal japonês, ele é japonês de lá, ela *nissei* daqui, você sabe o que é *nissei*? É a primeira geração, que sou eu né. Ela foi trabalhar lá, acho que era professora aposentada, uma coisa assim, ela foi trabalhar lá, aí ela conheceu esse japonês e casou com o japonês e veio morar para o Brasil, ganhou dinheiro, ganhou dinheiro porque eles pegaram uma época boa, comprou uma casa, eu não cheguei ainda a ver, mas dizem que é uma mansão lá na

Enseada, e eles trabalharam conosco lá nesses eventos, muito trabalhador o japonês, ele não fala português, aí eu... ele vem de carro de lá, vem ele e a esposa, não tem filhos, aí numa dessas viagens ele quis me dar uma carona, eu perguntei em japonês assim se ele tinha vontade de voltar, ele falou que não: 'eu gostei e gosto tanto do Brasil, não é por estar na sua frente, como o Brasil é um país tão bom', falou para mim. Eu: 'é Saito, você acha'. Ele se chama Saito, o sobre nome dele. 'Você acho o Brasil bom?' 'O Brasil é muito bom, muito bom'. Eu falei: 'Você é japonês, todo japonês que vem de lá fala que lá tudo é melhor, que aqui não presta'. 'Não, não, pode ser que tem gente que fala, mas mim não, mim Brasil mais bom'. Falou outro dia, mas eu fiquei assim: 'muito obrigada'. Porque no meio deles eles falam que eu sou *nissei* né. A minha geração, meu grupo que trabalha, só tem eu e mais uma senhora que são nascidas aqui, o resto são tudo de lá, sabe. 'Então vocês falam que eu sou brasileira', e para elas tudo do Brasil não presta, Japão é melhor, então você fala isso: 'muito obrigada'. Eu falei para ele, ele falou que o Brasil é muito bom. Inclusive, a uns anos passados, eu falei não foi com uma japonesa, foi com uma espanhola. Mas ela estava numa barraca de feira, nunca me esqueço, reclamando do Brasil, reclamando do Brasil, senhora de idade já, essa barraca que estávamos comprando os legumes é muito conhecida minha né, português: 'ai, Brasil é isso, Brasil é aquilo'. Eu não aguentei Rafael, eu sou assim mas as vezes eu, como dizem, entro bem porque, maneira de falar, porque as vezes quero concertar as coisas e levo cada uma sabe, mas dessa vez eu não errei, eu falei para ela assim: 'desculpe me intrometer na sua conversa', você vai falar que eu não tenho nada a ver, mas eu vou comentar: 'a senhora já saiu do Brasil?', ela falou não; 'pois devia, viu, pois deveria'. 'Como assim', meio agressiva. Eu falei 'sabe por que?' Eu tenho cara de japonesa mas eu nasci aqui, então eu não sei, para alguns eu sou brasileira, para alguns eu sou japonesa, mas eu vou falar uma coisa para a senhora, eu estive na terra dos meus pais né, eu vi como é diferente daqui do Brasil, aqui no Brasil minha senhora, fala-se que é pobre mas come-se de tudo, pode-se comer tudo, para a senhora dar valor a terra que está pisando, a senhora deveria sair um pouco porque eu saí daqui e os meses que eu fiquei fora a senhora não sabe o quanto que me fez falta essas comidas que nós temos aqui, praticamente de graça, lá não se come, não é só no Japão, é noutros países que eu sei, que minhas filhas todas, elas tem maridos que foram trabalhar na Noruega, na Suécia, não sei aonde, elas vem para o Brasil passear e falam que é um pecado ver essa mesa cheia de comida, que não é assim, não é só no Japão não, tem que agradecer o chão que ta pisando porque o Brasil pode ser falar que é isso, que é mal governado e não sei o que, é que é um país grande, por isso que não consegue ser governado como deveria ser, se dividisse os estados em pedaços assim talvez conseguisse melhorar. 'O Brasil não é ruim não minha senhora'. Ela calou a boca, aí o dono da barraca olhou para mim e falou: 'Dona Tereza, gostei do que a senhora falou'. Eu pensei que a senhora ia pegar um legume e jogar em cima de mim, mas não, ela saiu calada. Mas não é? Tem que agradecer a Deus, existe um país melhor do que esse? Só você saindo para você dar valor. Ta certo, os governantes roubam. Um país grande desses de que jeito vai governar? Não! Você não vê país de fora, qualquer coisa que não estiver do agrado deles, o que que eles fazem? Soltam Bomba, soltam não sei o que, não é? Não prejudica a si mesmo? Ta certo que no Brasil de vez em quando acontecem umas loucuras aí, que eles incendeiam ônibus, mas em comparação com outros países, o Brasil é um país pacato, eu acho! Eu não sei se é porque eu sempre morei aqui, mas as poucas vezes, aquela vez que eu falei lá, eu senti na pele o que é, o que que é, o modo de viver fora. Hoje em dia tem tudo as por que?

Porque o pessoal daqui foram para lá, mas na época que eu fui não tinha essa fartura, tinha que comer a comida de lá né, e eu como a minha... meu pai sempre teve esses negócios de dar refeição de brasileiro a minha mãe, então a gente foi criado comendo arroz e feijão, com a comida daqui entende? Então eu sentia falta de feijão, quando eu viajei, você acredita? Eu levei feijoada na minha mala, meus netos riram de mim quando eu... mas eu também vou levar o que eu sei que não tem, não tinha, não tinha! E o pão, café da manhã, o pão, lá não se toma café, já se come arroz puro, a sopa e o peixe, aí eu não estou acostumada com isso, na época eu tinha o que, uns cinquenta anos, por aí, para mim aquilo era uma tortura acordar de manhã e comer uma tigelinha de arroz. Mas será que nesse país não tem um pão? Porque eu fui em uma excursão, e tinha brasileiros também. Vocês não sentem saudade de pão? 'A, e como!'. Mas eu ainda vou achar pão por aqui! Todo dia eu batia pé, todo dia, aí um dia eu to batendo pé achei uma bagueteria, coisa de luxo né! Mesma coisa, aquelas moças de chapeuzinho tudo. É aqui mesmo que eu vou entrar! Aí só tinha pão doce, pão doce de forma, não tinha esse pão média, salgado, não tinha. Esse mesmo que vai, comprei até um bom, porque tinha o pessoal do alojamento, tava comigo, aí eu entrei no supermercado, tinha margarina né, manteiga em potinho, aqui não tem, no Brasil não tem, não vê, não sei se em São Paulo tem em quantidade pequena, mas lá no Japão tem, tudo em miniatura, sabe que lá é tudo pequeno. Comprei aí manteguinha, tudo em miniatura, voltei para o alojamento, o café, não tem, mas tem chá, japonês toma muito chá né, até hoje, chá tem sempre na garrafa térmica, a hora que eu tava comendo o primeiro pedaço de pão doce, que tava comendo chegou o rapaz da excursão que tava no outro alojamento: 'da licença?' Entrou e viu eu comendo pão doce: 'Onde a senhora achou esse pão doce?' Eu falei: 'senta aí que você vai comer comigo. Ele sentou no chão né, nunca me esqueço, era um rapazinho novinho ainda, onde é que você... 'Puxa, quanto tempo que a gente não come um pedaço de pão!' Ele falou: 'nem sei, mas se eu falar que eu comi um pedaço de pão com a senhora o pessoal vai ficar tudo avuado. Deixa eles com vontade, amanha a senhora me ensina onde é que é!' Ensinei ele mais um casal, era uma vontade de comer o pão doce. Pelo menos se podia tomar café, não tinha o café com leite mas tinha o chá. Agora, os que estão lá agora, eles levam daqui, eu tenho uma sobrinha que ta lá a mais de dez anos, desde que foi, diz que nunca comeu uma comida japonesa, por quê? Porque diz que semanalmente tem um caminhão baú que leva os alimentos brasileiros que é o arroz e o feijão, óleo, salgadinho e vendem, entende? Então, os que estão não sofrem nada, mas os antigos é que sofreram, só que vieram para cá.

Com relação a Escola, a senhora lembra dos professores?

Lembro, alguns, que é esse pai do Sérgio, que você falou agora, que é o Akio Yanaguisawa, já faleceu né. A mãe do Inácio, eu não lembro o nome, só o sobrenome que era Morigushi, porque o Inácio era muito pequeno, ele não era... Não tava em idade escolar, ele tinha um irmão mais velho, que era por parte de pai eu acho, que é falecido. Esse irmão, que estudava comigo, o Inácio era muito pequeno né. E tem essa dona Ana Pimentel que era, e a irmã dela, que eu não lembro o nome dela. Ana era Pimentel, até a sepultura dessa Ana está lá no Paquetá, no Paquetá que está a sepultura dela, agora a irmã dela que eu não estou lembrado, eu tive aula com essa Ana Pimentel, Ana... Maria, Martins, Ana Maria Martins! É, Ana Maria Martins!

E como era seu relacionamento com esses professores?

Até que eu era uma aluna aplicada, era porque eu sempre gostei de estudar. Sempre gostei! Até agora na minha idade eu leio muito, gosto muito de ler e escrever, rabisco qualquer coisa. Então, agora na minha idade assim, não to me exibindo de maneira de falar assim, eu tenho uma agilidade na mão que precisa de ver, de tanto que eu sei escrever, porque eu faço muito trabalho manual, nessa idade que eu tenho, faço muito trabalho manual, eu faço muito para essas casas de caridade, mãe pobre assim, não tem mãe solteira? Pobre né, elas procuram lá nas creches, nas igrejas assim, não procuram ajuda? Querem um enxoval de bebe, não conseguem então eu sempre ajudei e deixo, sempre ajudei né. Que nem ali na *Seicho-no-ei,* eles fazem todo ano, mês de abril, eles fazem uma festividade muito grande comemorando os anjinhos com essa parte quando eu já, tricoto quase um ano, deixo a quantidade aí faço a mochila e mando. Sempre tenho feito isso, então eu não sei, essa parte eu sempre consegui me doar, sempre doei e ainda falei, uma vez à A Tribuna esteve me entrevistando sobre o evento do 1 de maio eu falei enquanto eu puder'. Porque é uma coisa que eu gosto, faço de coração, colaboro tanto no primeiro de maio quanto nessas entidades que eu colaboro. Sempre colaborei, sempre.

Os professores da Escola Japonesa eram bem rigorosos

O pai do Sérgio era, o pai do Sérgio era muito bravo, que eu me lembro era, era muito bravo. Agora a mãe do Inácio não. Por ela ser professora era mais suave mas não era tão rigorosa assim, mas o pai do Sérgio era bravo!

Eles eram professores do que?

Eles davam aula de japonês e aula de japonês não tinha aquela coisa de História, não tinha. Era tudo uma coisa só, sabe? Agora o pai do Sérgio pelo que eu me lembro era muito bravo. Yanaguisawa era muito, muito bravo. Tinha um outro que o sobrenome era Abe, Abe. Eu não sei o nome dele, ela já não era tão bravo quanto o pai do Sérgio.

Abe era professor de japonês também?

Também! Também era japonês, porque aí nessa altura a mãe do Ignácio já não estava lecionando mais, ai entrou esses dois professores, sabe? Mas o pai do Sérgio, ele dava muito mais força no esporte, muita força no esporte, Eu sei que era a língua japonesa, mas não tinha nada de História, não tinha como no português, História, Geografia, Ciência, Matemática, né. Então, lá era assim, era uma coisa geral, uma coisa geral tudo. O professor dava de tudo!

A senhora comentou que tinha o coral, tinha teatro. Vocês se apresentavam? Como era?

Apresentávamos! E depois tinha mais uma coisa que eu esqueci de comentar: aula de desenho. Então durante o ano, o desenho que nós fazíamos não era desfeito, a professor destacava do caderno, naquele tempo a professora era a mãe do Ignácio, ela destacava do caderno e deixava de cada um, cada aula que fez o desenho tal,

entende? Aí ela escolhia os melhores que o aluno fez, quer dizer que era todo aluno que participava, não era só um. Ela pegava, por exemplo, o seu, você desenha durante o ano todo, então ela pegava o melhor desenho seu durante o ano, o meu durante, o dele durante o ano; um, pegava um e punha na parede e fazia o dia da exposição de desenhos. Não é interessante? Isso eu me esqueci de falar. Tinha o dia da exposição dos desenhos que os alunos fizeram, os melhores desenhos, naturalmente, expunha tudo na parede, como faz esse negócio... galeria e põe quadro, mesma coisa, só que não põe quadro, é um desenho, colocava e tinha o nome do aluno que seria desenho de fulano de tal, professora tal, não tem assim? Tinha um dia para fazer a visitação, disso eu me lembro também.

E a Escola ficava aberta para a exposição?

Ficava aberta! Ficava aberta! Não é interessante? Não é! Coisa que hoje em dia não existe, não existe mais, mas existia, era a mãe do Ignácio que fazia. Agora o Ignácio assim, se eu comento esse detalhe, ele vai escutar e ele não lembra porque ele era pequenino, não vai lembrar, ele era pequenino, mas eu me lembro! Destacava, escolhia melhor que tinha do aluno e punha. Foi o aluno de tal série e tal, não tem? Tinha aula de coral. Aula, como eu falei, de teatro, que punha a vestimenta conforme a cena que iria fazer, o cenário. E era muito bacana! Era muito bacana! Se não tivesse a Guerra, tivesse continuado aquilo talvez tivesse expandido bastante. Então, Deus queira que daqui quem ta tomando a frente, os colaboradores todos, não digo idêntico vai ser difícil, mas se conseguir, mais ou menos acompanhar esse coiso, acho que é muito bacana viu!

Quanto aos esportes, Vocês disputavam entre si somente ou chegavam a disputar com outras escolas?

Com outras! Com outras escolas, viajávamos para Itariri, ali no Vale do Ribeira. Nós íamos, mas também para isso fazia o treino continuo, naquele pedaço, sabe. Treino contínuo após a aula, para não prejudicar a aula. Então, mas era mesmo, nossa senhora, como era bom!

Como era o cotidiano da Escola?

De manhã... não! Antes de entrar cantava o hino japonês, cantava o Hino Japonês, depois cada um ia para a sua classe, ia para a sua classe e estudava de uma forma geral. Como que diz assim... as provas, eram provas semanais. Tinha, como que diz assim, antes de sentar na carteira, era como um soldado que faz, como é? Continência! Mas antes de sentarmos na carteira, que eram cadeiras que fala carteira, existia-se a posição de sentar, internamente né. Diferente! Não era só chegar e sentar assim, saia da fila, tudo em posição direito para depois, só na hora que o *sensei, sensei* se chama professor, na hora que o professor falasse 'pode sentar' se sentava, enquanto ele mandava ficar em posição, ficávamos em posição. Tudo diferente, a maneira de japonês antigo né. Hoje em talvez não faça isso, já na terra né, talvez não faça mais isso. No tempo que estudei pelo menos era assim.

E quantos alunos tinham?

Mas não era muito não, coisa de uns vinte, se tivesse uns vinte... máximo era... não tinha muito não.

Tinham muitas turmas?

Tinha! tinha uma turma boa.

Vinte era na sua turma ou no total?

Não, não! Na classe! tinha de manhã... de manhã tinham quatro classes, mais ou menos. A tarde tinha outro tanto, não é? A tarde tinha outro tanto e de manhã... a tarde tinha outro tanto da aula portuguesa, que funcionava tanto de tarde como de manhã. É! Aula de português só dava de manhã. Japonês que dava de manhã e a tarde.

A escola era exclusiva para japonês ou não?

Não, tanto é que a Diva estava lá. Mas é gozado que eu só me lembro da Diva, de outra brasileira eu não lembro. Então, mas a Diva ficou muito pouco lá. O porque não sei também né, de criança não vou saber. Tinha muita turma do pessoal que morava ali nas imediações do Mercado Municipal. Uns moravam ali na altura onde hoje é o Canal 3, por ali, tinha muito pessoal de lá. O pessoal que frequentava o colégio, os pais eram na maioria machucheiros, plantavam chuchu, já ouviu falar em chuchu? Então, na maioria deles os pais eram. Os que trabalhavam no peixe, dava para contar nos dedos, que era minha família, mais três ou quatro famílias só! A maioria era o pessoal da plantação. Por isso que para eles, quando estourou a Guerra e tiveram que sair daqui, que foi para a lavoura, para eles não teve dificuldade nenhuma, não teve porque eles foram para o ramo que eles entendiam mais ou menos. Agora a família do meu pai assim, foi para uma profissão completamente fora de... sabe? Porque não entendiam nada, fazia as cegas, não é? Olhando só os outros e fazerem imitando e fazendo, porque não deu certo mesmo também! Não ia dar mesmo, de que jeito? Pessoa não está preparada para isso, agora esses que tinham dificuldades, muitos até se deram bem lá fora, se deram muito bem lá fora, tanto é que não voltaram, se tivessem com dificuldades voltariam, assim como minha família voltou. Então, sabe, isso ai...

Você chegou a fazer amizades na Escola?

Consegui bastante, bastante, tinha bastante! Tinha a família Isobata que eu falo. Tinha o tal de Miashiro, Kanashiro, tudo que foram embora para o interior. Tinham bastante. Como a Diva, a Diva não era do meu período, que eu me lembre, a Diva não era do meu período, era do período acho que da tarde. Então, onde que eu não tive muito contato com ela, mas eu a conheci assim... no fim a gente fica conhecendo por causa das reuniões que faz na escola, reunião geral, que faz. O dia das festividades a gente reúne o período da tarde o período da manha, entende? Então é onde fica tendo o contato né, por isso! Se não a gente não ia conhecer todo mundo né.

Tinha uniforme?

Tinha, tinha! Então, aí que está o uniforme! Eu tinha uma foto que me soltaram do álbum e eu não sei para onde foi. O uniforme era saia azul marinho, blusa branca, tanto é que está no jornal ali só que não dá para ver a cor, a blusa branca e a fita vermelha, que branco e vermelho é a bandeira do Japão né. Então, o uniforme nosso era esse! Fita vermelha laço grande, até que bem grande! se for agora o pessoal vai dizer 'ta pagando mico'. É uma blusa branca e saia azul marinho, era o nosso uniforme.

E dos meninos?

Dos meninos era uma calcinha curta azul marinho e uma camisa branca, aquelas abertas de laço.

A senhora poderia comentar o episodio do avião que caiu?

Que eu sei, que eu me lembro que eu era muito... Numa das idas para o colégio, das idas para o colégio, nós vimos o avião submerso, que se fala né. Então, que é que aconteceu? Foi um avião que parece que caiu, que foi pousar e não conseguiu, uma coisa que eu era criança. Aí quando eu cheguei a escola comentando justamente, eu não sei se foi nesse dia, ou se foi no decorrer da semana, que caiu para cada um fazer uma narração, mas eu, eu não sabia de todo o acontecido, entende? Sabe como é? Você só sabe que tem um avião lá, então naturalmente eu fiz muita fantasia, era criança né! Não é? Tem fantasia, então eu devo ter fantasiado com certeza, devo ter fantasiado na hora da narração, eu sei que eu tirei nota dez. Isso que to lembrando muito bem [risos] que foi um avião que parece que vinha vindo, não sei bem dizer, não era um avião assim de passageiro então deve ser daqueles aviões pequenos que ia daqui para, vinha muito sei lá de onde, para ir para aquela ... Vicente de Carvalho, que se chamava naquele tempo Bocaina. Para mim, depois que eu cresci, eu mais ou menos deduzi isso, entende? Que eu, naturalmente, acho que ia para aquele lado e não conseguiu fazer essa trajetória e parece que caiu ali naquele pedaço, mas não teve, que eu me lembre, não teve ferido, sabe, só me lembro que o avião estava praticamente destroçado. Então foi isso aí, me lembro assim, vagamente a única coisa que eu sei que daí eu tirei a história e naturalmente, com certeza, eu fantasiei na minha cabeça de criança, devo ter inventado muitas coisas ali, eu não sei como que foi né, eu sei que eu tirei uma nota muito boa. Isso eu to lembrada, lembro muito bem desse incidente aí. Foi muito perto, muito perto.

E como foi o fechamento da escola?

Eu como não fiquei aqui, não estou sabendo. Quem ficou, se apoderou, por causa do governo foi os... A parte do Exército, a parte do Exército ficou na Escola durante todo esse período e houve a tentativa, depois do término da Guerra, houve a tentativa de se conseguir retomar. Até meu pai foi um dos presidentes da Escola, então ele fez muita força, junto com a colônia para ver se reavia, mas não conseguiu. E foi passando anos, sempre foi indo nessa luta, mas não conseguiram. Ao contrário das outras do interior que eles conseguiram tudo de volta, a única que não pôde durante todo esse período conseguir de volta a Escola foi a cidade de Santos, aonde que muitos descendentes deixaram de aprender a língua; Não teve a

oportunidade, como meus irmãos mais novos, não teve a chance de aprender, por quê? Por causa que houve o fechamento, quem voltou no pós-guerra, tinha idade ainda para frequentar a escola, mas não teve a chance, sabe? A não ser que fosse para São Paulo, mas como, de que jeito que ia, né. Então, onde que aqui ficou abandonado a língua japonesa, só ficou predominando o português, ta certo que ta na terra do Brasil, mas seria interessante se soubesse falar as duas línguas, dos pais, não é? Não é bacana? Eu acho!

Foi nesse período que você saiu da Escola Japonesa?

Então, foi nesse período de guerra, tive que interromper, tive que interromper os estudos.

E como que foi essa remoção de vocês para o interior?

Foi a saída obrigatória em vinte e quatro horas, que o Getúlio deu, vinte e quatro horas saída obrigatória. Quer dizer que muitos só saíram com a roupa do corpo, quem pôde carregar alguma coisa... de que jeito? Nem dava! A gente largou os negócios, levou tudo, e quem conseguiu vender, vendeu tudo baratinho. Quem teve a felicidade de ter irmãos mais velhos, como eu falei, para poder ficar com os mais novos e cuidar e continuar a ficar na sua casa. Muito pouco, mas ficaram! Os que não, que nem minha família, eu era a mais velha, eu tive que acompanhar os meus pais para o interior e levar uma vida que nunca tinha visto. Aquilo foi uma coisa assim de outro mundo. Tirar água do rio, pegar água do poço, comer o que plantava, coisa que nunca estávamos acostumados, era só pegar dinheiro e sair por aí comprando né. Querer comer um pão, ter que fazer o pão; É uma coisa totalmente diferente, uma coisa que a gente nunca tinha visto, uma coisa do outro mundo né. E outra coisa que não é como hoje: era muita dificuldade, não é como hoje que tudo é mais fácil. Tudo mais fácil. por exemplo, para fazer o pão, hoje em dia você quer fazer um pão caseiro vai no supermercado, existe o fermento, faz com fermento e pronto. Naquela época não existia nada disso, Você mesmo tinha que fazer o seu fermento para poder fazer o pão! Você tinha que fabricar desde o fermento, que é a semente né, depois eu não sei. Por aí você vê, uma coisa que você está acostumado na cidade de Santos a chegar na padaria e comprar pão fresco, chegar no açougue e ter carne, ir na quitanda, antigamente não era mercearia, era quitanda que se chamava, comprava verdura. Completamente diferente.

E como foi o regresso para Santos?

O regresso foi assim, regresso em quarenta e sete com uma mão na frente e outra atrás, com dívida nas costas, nessa altura eu já tinha casado com ele. Então ele é de Presidente Prudente. O que nos salvou muito foi... você conhece *sushi?* Você conhece aquela folha que é preparada? Naquela época tirava-se muito aquela alga, aquilo é uma alga que dava nas costeiras, sabe? Então, predominava aquilo. Então ele ia buscar, mandava minhas irmãs também ir buscar, tinha meus primos que também iam em busca e aquilo tirava das pedras, trazia para casa, moía, para moer não era elétrica, era manual; eu com meu filho nas costas moía aquilo, lavava direitinho. Existia-se a preparação. Então, moía, lavava direitinho e nós fazíamos um tipo de varal. Fazíamos um varal assim baixo e tínhamos a esteira que era feito de sapê, conhece sapê? As esteiras eram mais ou menos deste tantinho assim, que

comportava seis folhas daquelas ali: *Nori*, existia-se o molde para preparar aquela folha e existia-se o tempero da água com a alga , água com a alga pura, não tem sal, não te nada. Assim, fazia um caldo meio grosso de água com a alga. Aí púnhamos a esteira, pena que a gente não tem mais fotografia disso, punha-se a esteira no meio da mesa, o molde de madeira e deis folhas e ali nós largávamos aquela medida de latinha para dar a espessura do *nori,* da alga, aquela que faz. Quando escorria a água toda nós púnhamos nesse varal para secar no sol, chegava no outro dia tinha que estar tudo seco, tirávamos. Aí, no meio dessas folhas sempre tinha aquelas pedrinhas que era do mar, então tinha-se que se limpar, a gente limpava tudo a noite e fazíamos pilha. Aí vinha o vendedor de São Paulo, comprador de São Paulo e nós vendíamos duzentas, trezentas, quatrocentas folhas. Aí foi naquilo que conseguimos tirar o vermelho, pagar o vermelho [risos] que era o vermelho que nós tínhamos da lavoura, sabe? Então aquilo foi de grande ajuda, na época. Hoje não sei se tem né, a gente não escuta falar mais. Ninguém tira mais. Tirava-se muito dessas algas, dessas algas que se faz o *sushi.* Tudo isso a gente preparava. A gente fez de tudo até chegar a essa idade, o que deu também foi um aprendizado na vida, a gente aprendeu foi de tudo, de tudo! Fizemos de tudo!

Bom, e quanto ao que a senhora aprendeu na Escola? A senhora acha valioso para a sua vida?

Eu acho de uma grande valia, bastante, porque após isso, como eu te falei, que tinha casa grande lá, que eu emprestei para aquela turma que queria fazer as reuniões mensais, para fazer coisas do evento, a língua japonesa, embora eu tenha estudado, uma coisa que você não usa, não pratica, você não sabe ficar fluente, como diz. E eu com essa convivência com essas senhoras que são as nascidas lá, elas só falam japonês, o português que elas falam é muito pouco e sotaque muito carregado, então elas preferem falar japonês, ali no nosso meio, sabe? Então eu fui obrigada, com essa convivência, a aprender muitas coisas; aprendi, embora tinha estudado um pouco na escola, para mim foi de uma grande valia. Eu fico muito contente de poder ter pertencido a esse grupo. Muito! É um grupo legal, de senhoras legais, tem seus coisos rígidos né, que de vez em quando da um choque comigo porque predomina o português, então... Quando agora for falar assim, eu já vou falando ‘eu prefiro falar português porque eu me expresso melhor, consigo falar japonês, posso falar, mas não consigo me expressar tanto quanto a língua portuguesa’. Por quê? Porque eu nasci aqui, não adianta, predomina a língua portuguesa. Eu, não por me exibir, para ler e escrever português acho que na faixa de minha idade eu não perco para ninguém, o que eu sei é escrever muito bem, eu fazia não... Antigamente, hoje em dia não sei como se chama, antigamente nós tínhamos aula de linguagem que chama que era a colocação, saber falar o português certo e fazer uma descrição, uma narração. Hoje em dia eu não sei como que é que se diz isso, essa palavra, tudo muda. Narração, por exemplo , um objeto, que seja isto, você vai ter que descrever o que é, para que serve, como é feito, como é o coiso dele, como que é a forma, a forma dele , tudo. Então, todas essas coisas nos tínhamos essa aula que chamava-se aula de descrição e aula de narração que aí você tinha que fazer uma história da sua cabeça, durante a aula você tinha que fazer uma narração, inventar uma, vamos dizer, história, um tema né, um tema, hoje em dia que se fala, você tem que fazer! Então, eu acho que o ensino antigamente era muito mais... se estudou quatro anos, eram quatro anos bem empreendido, bem... um ABC bem, sabe bem...

A senhora tem noticia de outras escolas japonesas além daquela?

Comentava-se que tinha uma, mas eu mesmo nunca frequentei e eu acho que a mais conhecida era essa mesmo. Comentava-se que tinha uma pequena, mas essa era a mais conhecida. A entrada dela, da Escola, não era pela Rua Paraná, era pela Rua da Antônio Bento, para o outro lado que eles fecharam, que eu me lembro, porque ali na rua Paraná os portões não se abriam para os alunos, de jeito maneira!

Então ali seria a entrada da secretaria?

Só! Somente! Os alunos eram permitidos só pela Antônio Bento, pelo que eu me lembro! Para você ver, tudo isso existia, essa separação, alunos e professores, era diferente! Um respeito de professor. Na língua portuguesa mesmo, nos grupos escolares também, eram tudo comportados, os alunos, tudo! Cesário Bastos exista, esse Barnabé, existia-se esse no Marapé, Olavo Bilac, uma coisa assim, os meus primos falecidos estudaram no Olavo Bilac. Veja você, lá na Ponta da Praia, lá a trajetória, imagina você naquela época, eles estudaram e Olavo Bilac sempre foi ali, eles iam estudar ali e eu estudava no Cesário Bastos, outros estudavam no Barnabé, alguns estudavam no São Leopoldo, João Guerra que existia ainda. Mas muito pouco... e a maioria estudou na Escola de Pesca, sabe Instituto de Pesca? Era um colégio, ensinava-se português, a maioria do bairro estudou aí.

Então a Escola Japonesa abrigou mais os alunos ali do Canal 3?

Era! Daqui da Ponta da Praia era muito pouco, dava para contar nos dedos, quer dizer que ia-se com muita dificuldade. Talvez fosse por causa disso né, que os pais não deixassem, sei lá! Eu sei que fui umas que estudaram lá porque no começo, como eu disse para você, contra a vontade, eu achava um absurdo, eu ia ir nessa lonjura, ia estudar em uma lonjura uma língua que eu nem sei se mais tarde eu ia estudar, obrigou a estudar a língua japonesa, mas meus irmãos não tiveram a felicidade, por quê? Por causa da Guerra né. Eles entendem mas não conseguem se expressar, mas entendem tudo. Meus pais falavam, minha mãe, por exemplo, só falava em japonês, já meu pai não, falava misturado né, a minha mãe não, minha mãe só falava em japonês, então a gente era obrigado a ter esse contato, então a gente tinha que ter na cabeça, aí aprendeu né, meus irmãos aprenderam, tanto é que minha mãe criou meus dois primos pequenos, perderam a mãe e o pai cedo vieram morar conosco; na época eles não sabiam nada de japonês, nada, nada nada! Ficaram sete ou oito anos em casa, minha mãe tinha a maior dificuldade para manter contato com eles, e a gente não, desde criança acostumados. Então meus primos, puxa vida, muitos primos falou que era isso e aquilo, tiveram a maior dificuldade de conversar com minha mãe. Então, hoje em dia, a gente casado, avô e avó, tudo! A gente começa a lembrar esses fatos a gente cai na risada: ‘quando é que você vai lá em casa, você lembra você não sabiam nem como se chamava isso nem aquilo’. A gente comenta agora rindo né! Mas que é bom saber as duas línguas é, é muito bom! Eu acho! É muito bacana!

Na Escola Japonesa tinha aula de japonês, aula de portuguesa, os esportes. Além disso, haviam mais atividades?

Acho que o que eu lembro, o que está memorizado... Eu só lamento, uma coisa que eu lamento é que, como eu falei né, não pode ter continuado da Escola, aonde muitos não puderam estudar a língua japonesa, assim como meus filhos, minhas filhas hoje né, também não conseguiram. Só lamento de não ter assim, minha filha mais nova um dia comentou comigo: 'a mãe, mas por que você, embora a Escola Japonesa tenha fechado, por que que a senhora não nos ensinou um pouco mais de japonês?' Pois é né, a gente casa, cria família fica naquela coisa de labuta todo dia, precisa criar os filhos, trabalhar, que eu ajuda né, nas costuras da rede, ajudava né. Então a gente não pensava nisso. 'É, mas poderia né. Talvez hoje, se a gente soubesse um pouco mais de língua japonesa'. A minha filha um dia cobrou isso de mim. Eu lamento só essa parte, de eu não poder ter transmitido para eles, pelo menos um pouquinho. Eu não sei tanto! Mas o pouquinho que eu sei poderia ter transmitido, mas, se bem que os costumes isso aí é uma coisa que você vê e você transmite, elas vem fazer e fazem. Eu lamento isso, lamento porque talvez nessa altura meus netos, embora já seja, não vou dizer adolescente, são homens de vinte e tantos anos, vinte e quatro ou vinte e cinco, talvez eles também pudessem ter tido o gosto, vamos dizer né, que é a palavra certa, de aprender um pouquinho da língua japonesa. Não saber nada, saber somente de três a quatro palavras só. Que nem outro dia os meus primos mesmo que, marido de uma sobrinha minha, casado também engenheiro... formado pela faculdade boa, eu não sei do que, é engenheiro formado pela faculdade de São Paulo, uma faculdade de boa, eu não sei do que, é engenheiro formado, está muito bem de vida, casou com uma das minhas sobrinhas, não entende nada de japonês. Aí, como ele agora está morando em São Paulo, só morando em São Paulo, emprego bom a minha sobrinha que comentou outro dia, é um fato bem coiso sabe! Importante dele não saber, o não saber a língua! Porque convidaram pra um churrasco lá em São Paulo lá com os amigos dele, um amigo é que convidou ele, sabe que ele não sabe o japonês, nem minha sobrinha, mas o pessoal que estava ali a maioria não sabia, pensou que cara de japonês. Ele entrou, diz ali no lugar que estava lá no recinto, fala japonês, o comprimento completamente diferente. Pessoal diz que ficou tudo assim em silêncio, sabe? Sabe! Aí diz que ele falou para a minha sobrinha: 'Como é que você falam, eu paguei mico né'. 'É, eu notei'. Aí chegou o amigo dele e disse: "Marcos você deu um fora, agora não tem como concertar. Eu vou falar que você não fala japonês, uma vergonha mas eu vou falar'.'E porque você já não disse com antecedência?' A minha sobrinha que estava no Estrela um domingo desses encontrou comigo e contou esse fato. 'Ai tia, como é dura a gente não saber falar japonês'. 'E não está tarde para você aprender'. Após essa data, o marido da minha sobrinha entrou na aula de japonês. Precisou passar vergonha para poder aprender. 'Ta vendo!' Falei mesmo, nunca teve interesse. 'Meu Deus, ainda mais vocês vão trabalhar, né, não é interessante vocês aprenderem a língua'. Mas eles sabem o inglês que é diferente. 'No Japão também funciona o inglês'. Funciona mas tem que ter o japonês, não é? Sabe que os próprios japoneses de lá, a geração mais nova, aquelas letras, sabe, que o japonês é muito difícil, a música é, o falar é fácil, mas o escrever, que é assim, por exemplo, se você sabe o abecedário você forma uma palavra toda. O japonês não é só isso, existe o abc mais fácil e o abc mais difícil, que são aquelas letras todas rabiscadas atravessadas, sabe? E maneira de escrever? Algumas começam por cima, algumas começam de lado! Maneira de escrever! Então, essa geração, que são de lá mesmo,

quando eu fui viajar, que eu me lembro que eu levei, meu pai estava vivo, pediu para mim quando eu chegasse na cidade, porque eu ia me hospedar, entregar uma embalagem de *nescafé,* para um amigo dele em uma outra cidade, que se chama Yokohama e eu desembarquei em Naraki. Então eu queria que a moça da recepção me mandasse e pedi com meu japonês, eu arranhava mais ou menos, agora até que eu arranho melhorzinho, ai ela falou assim: 'mas eu não sei ler!' Por quê? Porque estava escrito em...Aí eu falei: 'Meu Deus do céu'. 'Eu sei que o nome desse senhor é fulano de tal, mas esse aqui eu não consigo ler'. 'mas você é daqui você não sabe ler?' 'Não, a nossa geração não sabe'. Eu não acredito! Aí veio um senhor de mais idade, foi que decifrou e mandou. Eu falei: 'Eu não acredito'. Aí esse senhor: 'é, essa geração só aprendeu o abecedário mais fácil, o mais difícil ainda não chegou lá ainda'. E nem se interessou porque fala que é muito difícil e ficou nisso! Está vendo, por isso que o japonês é muito difícil, muito, muito difícil. O português não! Você sabe, o abecedário e outra coisa importante, a contagem das coisas: a contagem de ave é uma coisa, a contagem de lápis e caneta é outra, contagem de páginas de livro é outra a contagem de pessoas é outra, tudo diferente. Aqui não é um lápis , um lápis, um caderno, uma folha, um sapato, uma cadeira, Uma ou um, não é? Lá, não é só isso! Não é uma e um, é tudo diferente. Por isso que eu falo que é muito difícil a língua japonesa. Então quem aprendeu em criança sempre guarda, agora os que aprendem já com mais idade tem muita dificuldade. A minha filha mais nova estava aprendendo, aqui no Estrela que tem professora, aí outro dia eu perguntei para ela: 'esses dias você não tem ido?' 'Mãe, desisti, cheguei um ponto que eu não entendia mais nada'. Eu falei: 'Eu não acredito, você é inteligente, fez faculdade aqui e tudo, você sempre foi inteligente!' Que ela sempre foi a melhor de todas em casa. 'Mãe, mas como o japonês é difícil! É muito difícil escrever!' Eu falei: 'Então você chegou no chama-se *kanji*, chegou no *kanji*?' 'Cheguei! Mas eu não consegui, tem que escrever pela direita, rabiscar do lado direito , tem uns traços, para fazer os traços não pode ser da direita para esquerda, tem que ser da esquerda para direita'. Eu falei: 'é muito difícil, aquele que conseguir aprender a escrever isso, já está...' É muito difícil. E outra coisa, significa , uma dessas letras significa uma coisa, mas se você emendar com a outra , outro *kanji* que se chama, significa, já tem que ler de outra maneira, eu nisso não cheguei, até hoje eu não consegui aprender.

E o *kaniji* se ensinava na Escola Japonesa?

Ensina, ensina, mas uma coisa que você aprende quando criança, alguma coisa você guarda, mas quando é uma coisa difícil e muito... Eu quando fui ao Japão nunca me esqueço, estava a passeio, eu não via nas lojas escrito os *kanjis*, aí as vezes a porta estava fechada, então as vezes estava aberta você sabe. Aí eu falava com um dos meus primos; eu sei que aquela letra significa isso, mas como está emendada com a outra eu não sei que é. Ai falava assim: 'pelo menos você sabe o que está significando, você sabe o que está vendendo, está escrito lá em cima'. Só que tem maneira de ler porque está emendado com outra letra. Por isso que eu falo que é difícil, muito difícil.

Em sua opinião, qual a importância desse trabalho para o resgate da memória da Escola e da comunidade de uma maneira geral?

Eu acho que, não digo todas, mas alguma coisa eu acho que vai ter bastante utilidade, para o pessoal saber, vamos dizer assim, também não foi só eu que tive

essa dificuldade de frequentar o colégio, de fazer essa trajetória, teve umas pessoas também que já são falecidas, então já não tem como. Não sei se a família, os descendentes deles, tem essa lembrança, mas que eu fui uma das pessoas aqui que fez essa trajetória para poder estudar a língua, eu acho que é valido, não é? Eu acho que é válido! Porque eu fiz essa trajetória, fiz mesmo, e agradeço ao meu pai que me forçou praticamente, praticamente me obrigou. Quer dizer, naquela época não é como agora, hoje em dia você não consegue obrigar ninguém, filho nem nada. Naquele tempo, quando pai falava era a ultima palavra, você tinha que obedecer, queria ou não queria você tinha que fazer aquilo, não é? Assim como eu falei para você, problema de família, que filho mais velho tinha que cuidar do pai e da mãe idoso, tinha que seguir, nem que não quisesse, tinha que seguir aquilo. É a mesma coisa, antigamente era obrigado. Então, nessa parte que ele me fez frequentar as duas línguas no colégio. Eu agradeço se não hoje estaria somente com o português, na minha idade. Acho bacana poder falar a língua dos dois países, a cultura, os costumes. Se bem que não segui o da minha mãe, a budista eu não segui, sou católica e assim mesmo eu frequentei de vez em quando a *Seicho-no-ei,* o negocio da palestra, porque eu gosto muito de ouvir palestra, porque a gente sempre aprende alguma coisa, embora na minha idade, sempre to aprendendo, to aprendendo. E eu gosto muito, gosto muito de ficar no meio de pessoas, que a gente sempre estar escutando coisa, sabe a gente não escuta não somente, mas escuta coisas boas que aprende.

A senhora participava das aulas de religião na Escola?

Participava o Grupo! Participava! Tanto é que meu nome de batismo é Tereza, que eu tenho minha madrinha e meu padrinho, mas só que no registro meu nome é japonês porque na época meu pai tinha a intenção de voltar para lá, mas como eu nasci aqui tinha que ser registrada aqui também, então ele me registrou tanto aqui como lá, assim como as minhas duas irmãs abaixo de mim, também tem esse registro português e japonês. Então, por exemplo, no caso, para mim, quando eu fui viajar para lá, então eu tive que fazer dois passaportes, o brasileiro para sair daqui e chegar lá e apresentar o japonês, entende? Então no caso, se eu quisesse permanecer lá eu poderia porque eu tenho registro, sabe? É, aconteceu um fato interessante quando eu fui, fui com meu passaporte brasileiro, quando chegou no aeroporto lá no guichê, eu continue apresentando o brasileiro, ai ele me brecou, eu era bem mais nova né: 'é gozado, por que aconteceu isso?' Aí ele falou, gesticulou, falou que não estava valendo, aí um dos rapazes que foram na excursão, um japonês mocinho, nissei, chegou para mim e falou em português: 'A senhora tem dois registros?' Eu falei: 'Tenho!' 'Chega aqui não pode mostrar o brasileiro, a senhora tem...usa o do japonês'. 'Mas agora eu já mostrei, vou fazer o que'. Não era para mostrar o de brasileiro. 'E o que que tem?' Eu falei, pagar alguma multa? Ele vai ficar sabendo que eu tenho registro brasileiro também, aí eu tirei o passaporte japonês, aí foi que ele viu, carimbou e, sabe, nem pensei, por que é que ele me brecou? Vai ver que eu mostrei... porque aí eu tava entrando no Japão, eu tinha mesmo que mostrar o do japonês. Então eu tenho dois registros, por isso que eu digo na portaria, só me conhece pelo nome de batismo. As minhas amigas, as nisseis todas, só me chamam por Tereza, porque é meu nome de batismo e o dele, ele teve sorte, o dele ficou o mesmo, porque é Nélson e ficou como registrado Nélson, então o dele está Nélson, tanto no brasileiro como no japonês, mas aí é bom né!

Então está bom! Muito obrigado pela sua participação.

Se é valido o que eu falei, se serve para alguma coisa...

Pode ter certeza que sim.

E eu nem te ofereci um cafezinho.

ENTREVISTA 10 – Entrevistado FT
Nascido em 1921, ingressado no Brasil em 1934

Boa tarde! Onde o senhor nasceu?

Nasci no Japão.

Quando o senhor veio para cá?

Trinta e quatro. Quando construiu aqui, meu pai que foi, eu não foi, fazia serviço lá em casa, e tava plantando verdura, vendia no Mercado Municipal naquele tempo, do Saboó até lá no Mercado, levava para carregar, até lá! Eu não tinha quinze anos.

Como seu pai participou da fundação da escola?

Lá, parece que o governo Japão também ajudou. Povo que mora lá, cinquenta e poucas famílias, cada um ajudou com um pouco de dinheiro para construir a escola, antes de Guerra.

O senhor chegou a estudar na escola?

Não! Eu, até quinto ano, estudei no Japão, Vim para o Brasil para aprender língua brasileira, mas como tinha muitas chácaras, muito serviço, chácaras que plantavam verduras e para vender também, eu que ia, número quarenta e oito no Saboó. Agora parece Rua... Como é que chama? Pio XII, no fundo né. Aqui é Pio XII, depois esquina do cemitério, Maria Mercedes Fea.

Quando você veio para cá o seu pai já estava aqui?

Veio junto

O senhor sabe quantos alunos tinham na escola?

Cinquenta!

Cinquenta?

É.

E quanto aos professores?

Esse aqui (figura central da fotografia) era de manhã, ensinava o brasileiro na escola. Sabe Conselheiro Nébias? Ela morava lá. Esse aqui marido! Esse era a professora da escola. Depois esse aqui e mulher também. Quando inaugurou a escola eu tinha quatorze anos. Tem até bomba aqui, bomba de fogos e quando inaugurou, bomba que colocava rolo e subia para cima né. Aquele que tinha efeito de fuzil. No dia seguinte, depois no dia, depois de inaugurar, depois da inauguração, um dia, bomba de fuzil desfeito, tava batendo com aquilo de tocar [gestos de tambor]

foi fazer a limpeza de inauguração, fomos trabalhar, até trinta pessoas na inauguração, foi fazer a limpeza (da) escola. Aquele que deu defeito na bomba fugiu, tinha jogado lá, o japonês não sabia, tinha jogado lá, no dia seguinte, tava tocando *Shamisen* japonês e tava batendo tambor, estourou lá em frente da escola, para cá tinha outra casa aqui na frente, tinha pessoa que ia estudar lá na escola podia até repousar no barracão em frente a essa escola. Depois que inaugurou, todo mundo entrou no barracão, tava um tocando *Shamisen* e outro tava batendo bumbo, aquele que tava batendo bumbo esquentou e moço que esquentou aquela bomba não subiu, esquentou e começou a bater na mão e como começou a esquentar a bomba, moço que estava com ele soltou a bomba que estourou em mim. Eu um dia sim e um dia não, ia fazer curativo, ainda tem a marca, tem marca.

Que horário que funcionava a escola?

Eu sei que de manhã ensina brasileiro, depois de tarde japonês, por isso que tinha a professora brasileira [mostra a fotografia] e esse daqui professores japonês [mostra na fotografia].

Os professores japoneses moravam na escola?

Não! Tinha outro barracão.

Então tinham duas casas, uma para aula e outra para professores?

É! Professores e para alunos que também queria aprender, tinha acho que dois quartinhos lá. Até lá no Macuco, Rua Castro Alves, meu cunhado estudou aí. Depois que parou a Guerra, em que ano que era a Guerra? Também tinha começado um pouco, mas não era professor ele, era outro professor né.

Em que ano que foi inaugurada?

Trinta e oito!

E por que fecharam a escola?

Por causa de quinta coluna [risos]. Japonês, alemão, italiano. Era, como que chama, mil novecentos e quarenta e pouco. Guerra, japonês foi tudo mandado embora né, só brasileiros que ficaram alguns. Em casa tinha titio que mora lá no Paraná, muitos foram para lá, quatro anos ficou lá, contrato de café.

Nesse período?

É! Tempo de Guerra.

Então o senhor ficou lá quatro anos?

Em uma cidade chama Astobá. Conhece Astobá?

Além dessa escola tinha outra escola japonesa?

Na Rua Paraná tinha! Tinha outra em Campo Grande também.

O senhor conheceu a escola do Campo Grande?

O nome eu não sei.

Sabe quantos alunos estudavam lá?

Também não. Campo Grande, Rua Carvalho de Mendonça lá em baixo, pé do morro. Perto do Memorial, sabe onde é né? Lá tinha bastante japonês lá. Lá também tinha escola de japonês. Tinha três. No Saboó, essa aqui, o governo de Japão também ajudou, mas pessoas que moravam aqui eram mais de cinquenta famílias, todo mundo ajudou a construir né, quem dava mais aceitava.

Estudavam só japoneses ou também estudavam brasileiros?

Não, só japonês. A professora de brasileiro era essa moça de chapéu, esses daqui eram professores de japonês. Tinham cinquenta e poucas famílias lá. Rua de Saboó, lá na frente, nosso visinho chamava Kanashiro, quando construiu escola era para isso, professores também. Não professores não, presidente do clube. Depois, em quarenta e quatro,quarenta e dois, quarenta e três ou quarenta e quatro; japonês mandou embora todos de Santos, depois teve muita pessoa que ficou lá, não voltou mais, não voltou mais, alugou... Voltou escola né, depois de Guerra também. Quarenta e dois,quarenta e três, não sei se foi quarenta e três ou quarenta e quatro que japonês mandou embora de Santos, ficou só brasileiro, filho de japonês podia ficar lá. Depois de inaugurar aqui, essa professora (fotografia) ensina fazer tricô, fazia blusas, e professor morava lá na escola, embaixo sabe. (explicando a fotografia) Mapa do Brasil, esse daqui japonês, esse daqui brasileiro, acho que Getúlio Vargas, aquele tempo presidente do Brasil é Getulio Vargas. De trem até Ourinhos, sabe onde é Ourinhos, era de graça, mas governador de Paraná não deixou passar, pode ficar em São Paulo. Ourinhos pertinho de divisa com Paraná, passando ponte trem e caminhão também. Sabe que governo do Estado não deixou, São Paulo, Paraná não! Vendo japonês, não deixou não. Como o documento chamava salvo conduto para passeio, aí dava passeio e visitar família né, Ourinhos para o Paraná.

Lá eles tinha aula de português, japonês e também tinha aula de...

Só os dois, de manhã brasileiro. (fotografia da aula de costura) Esse aqui, minha tia, irmã de meu pai.

Ela trabalhava lá também?

Não, aquelas pessoas estavam aprendendo crochê.

E quanto tempo durava o ensino de japonês na escola?

Primário durava seis anos. Mas não demorou seis anos, estourou a Guerra. Japão, Alemanha e Itália era... Japão era contra americano.

Como as crianças aprendiam antes da construírem a escola?

Antes lá tinha! Tinha um particular. Tinha três particulares, lá na rua tinha. No Marapé eu não sei se tinha, lá perto do Memorial, agora onde construiu o memorial. Lá também tinha particular, escola de japonês. No macuco também tinha mas não continuou. No tempo de Guerra, Santos tinha três escolas, e tinham particular também né. Quando santista, todo mundo ia para o interior.

E quando passou a Guerra ela ainda funcionou?

Funcionou! A professora era essa aqui depois de Guerra.

E por quanto tempo funcionou depois da Guerra?

Depois de Guerra só tinha chácara pequena, não tinha nem dez famílias, aí todo mundo foi para Macuco, Suzano, Mogi, muitos lugares morou né. Depois de Guerra, muitas pessoas ficaram lá em Suzano, muitas pessoas morou e não voltou mais para Santos.

Mais alguma coisa que o senhor gostaria de acrescentar?

...

Então muito obrigado.

FONTES E REFERÊNCIAS

Fontes primárias:

Álbum Colônia de Iguape (1913-1933). Iguape, 1934.

BRASIL**, Decreto-lei n°386** , de 18 de abril de 1938.

BRASIL**, Decreto-lei n°406** , de 4 de maio de 1938.

BRASIL**, Decreto-lei n°868** , de 18 de novembro de 1938.

BRASIL, **Decreto-lei n°4166** , de 11 de março de 1942.

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS. **Atas de 1917 – Escola Japonesa**. Of. Typ. de A Tribuna, 1921.

GOVERNO DO ESTADO. **Annuário do Ensino do Estado de São Paulo***.* Diretoria da Instrução, 1918.

_____. **Annuário do Ensino do Estado de São Paulo***.* Diretoria da Instrução, 1926.

_____. **Annuário do Ensino do Estado de São Paulo***.* Diretoria da Instrução, 1928.

_____. **Annuário do Ensino do Estado de São Paulo***.* Diretoria da Instrução, 1936.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Relatórios Anual da Delegacia Regional do Ensino de Santos**. Santos: 1936.

_____. **Relatórios Anual da Delegacia Regional do Ensino de Santos**. Santos: 1937.

_____. **Relatórios Anual da Delegacia Regional do Ensino de Santos**. Santos: 1939.

_____. **Relatórios Anual da Delegacia Regional do Ensino de Santos**. Santos: 1940.

_____. **Relatórios Anual da Delegacia Regional do Ensino de Santos**. Santos: 1941.

_____. **Relatórios Anual da Delegacia Regional do Ensino de Santos**. Santos: 1943.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. **Recenseamento de 1913**. Santos: 1914.

Prontuários consultados do DOPS – Arquivo Público do Estado de São Paulo.

29424	8516	6726
9015	26430	30704
57327	45224	45223
18335	9327	29424
45225	45241	19808
23821	45191	45193
45232	41728	62283
73925	10689	13967
20456	45197	45207
45208	48756	62281
74843	47072	45269
45266	45267	45210
2159	14325	28648
59463	16929	26393
41929	45284	45283
45292	45286	61556
29162	61768	19964
28384	9346	45328
45305	7338	73929
10185	74585	68848
61190	15602	20346
22309	24750	45335
45334	45329	43453
54216	45339	46856
87886	94442	

Processos de imóveis– Fundação Arquivo e Memória de Santos

4961	6103	27358
5843	10522	13168
16871	30457	

Periódicos

A Tribuna. Santos, 22 mar. 1914.

A Tribuna. Santos, 1 maio 1916.

A Tribuna. Santos, 24 nov. 1928.

A Tribuna. Santos, 10 dez. 1928.

A Tribuna. Santos, 11 maio 1930.

A Tribuna. Santos, 21 dez. 1935.

A Tribuna. Santos, 8 nov. 1938.

A Tribuna. Edição Comemorativa do Centenário da Cidade de Santos, 25 e 26 jan. 1939.

A Tribuna. Santos, 8 maio. 1942.

A Tribuna. Santos, 2 jun. 1942.

A Tribuna, Santos, 04 jun. 1942.

A Tribuna, Santos, 11 jun. 1942.

A Tribuna. Santos: 14 jun. 1942.

A Tribuna. Santos, 23 jul. 1942.

A Tribuna. Santos, 19 ago. 1942.

A Tribuna. Santos, 20 ago. 1942.

A Tribuna. Santos, 25 ago. 1942.

A Tribuna. Santos, 1 set. 1942.

A Tribuna. Santos, 30 set. 1942.

A Tribuna. Santos, 09 jul. 1943.

A Tribuna. Santos, 10 jul. 1943.

A Tribuna. Santos, 9 mar. 1948.

A Tribuna, Santos, 26 set. 1999.

A Tribuna, Santos, 11 ago. 2006.

Jiho do Brasil. São Paulo, 7 set. 1917.

Jiho do Brasil. São Paulo, 05 out.1917.

Jiho do Brasil. São Paulo, 16 nov.1917.

Jiho do Brasil. São Paulo, 7 abr. 1939.

Jiho do Brasil. São Paulo, 8 fev. 1939.

Jiho do Brasil, São Paulo, 1 jan. 1939.

Nambei Shimpo. São Paulo, 01 jan. 1930.

Revista Flama, anno XVIII n 8, ago. 1939.

Revista Flama, anno XX, n 4, abr. 1941.

Revista Flama, anno XX n 3, ago. 1941.

Bibliografia consultada

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto. Transformações gerais na Sociedade japonesa e imigração para o Brasil. In: CONSULADO DO JAPÃO. **O Japonês em São Paulo e no Brasil.** São Paulo: Consulado Geral do Japão, 1971. p. 50–57.

ALMEIDA, Ana Maria. **Imigração Japonesa em Santos: a presença japonesa na Ponta da Praia.** 1987. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Católica de Santos, Santos.

ALVIN, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: NOVAIS, Fernando A. **História da Vida Privada: da Belle Époque a Era do Rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 215–287.

ANDO, Zempati; WAKISAKA, Katsunori. Sinopse História da Imigração Japonesa no Brasil. In: CONSULADO DO JAPÃO. **O Japonês em São Paulo e no Brasil.** São Paulo: Consulado Geral do Japão, 1971. p. 4–34.

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. Santos: urbanismo na época do Café. In: PEREIRA, Maria Apparecida Franco (Cord.). **Santos, Café & História.** Santos: Leopoldianum, 1995. p. 89–106.

ARAUJO FILHO, José Ribeiro de. **Santos, o Porto do Café.** Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia, 1969.

BERNARDINI, Sidney Piochi. **Os planos da cidade: As políticas de intervenção em Santos – de Estevan Fuertes a Saturnino de Brito (1892 – 1910).** São Carlos: Rimas, FAPESP, 2006.

BRASIL, Márcio. **O Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo e a escolarização de Vila Macuco durante a Primeira República.** 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos, Santos.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. O Papel das Associações Juvenis na Aculturação dos Japoneses. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. **Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil.** Petrópolis: Vozes; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1973. p. 317–345.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTELO BRANCO, Manoel Thomaz. **O Brasil na Segunda Guerra**. Rio de Janeiro: Editora do Exército, 1960.

CHESNEAUX, Jean. **A Ásia Oriental nos séculos XIX e XX.** São Paulo: Pioneira, 1976.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Senzala à Colônia.** 4. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Pesquisa Histórico-Sociológica, Relatos Orais e Imigração. In: _____; TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **Estudos Migratórios: perspectivas metodológicas.** São Carlos: Ed. UFSCar, 2005. p. 87–113.

_____. Relações interétnicas na prática pedagógica. In: ARAUJO, Marta M. (org). **Intelectuais, Estado e Educação.** Natal: EDUFRN, 2006. p. 163-184.

_____. Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: Elementos para a história da educação brasileira. **Educação & Sociedade***,* n. 72, ago, 2000. p. 43-72.

FAZOLI FILHO, Arnaldo. **Educação no Japão.** São Paulo: Letras & Letras, 1991.

_____. **Japão Formando Gerações**. São Paulo: Letras & Letras, 1999.

FERREIRA, Marieta de Morais; AMADO, Janaina. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. O Café e a Imigração em Santos. In: PEREIRA, Maria Apparecida Franco (Cord.). **Santos, Café & História.** Santos: Leopoldianum, 1995. p. 41–54.

GONÇALVES, Ricardo Mario. A Religião no Japão na época da Emigração para o Brasil e suas repercussões em nosso país. In: CONSULADO DO JAPÃO**. O Japonês em São Paulo e no Brasil.** São Paulo: Consulado Geral do Japão, 1971. p. 58–73.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês: História da sua vida no Brasil.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

_____. Vida nas Fazendas de Café. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. **Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil.** Petrópolis: Vozes; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1973. p. 71–128.

HOBSBAWM, Eric. **A Era do Capital (1848 – 1875).** São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. **A Era dos Extremos: o breve século XX (1914 – 1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **A Era dos Impérios (1987 – 1914).** São Paulo: Paz e Terra, 2009.

HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LANDES, David S.. **Riqueza e pobreza das nações: por que algumas tão ricas e outras tão pobres**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. **Uma cidade em transição, Santos: 1870 – 1913.** São Paulo: Hucitec/ Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 1996.

LICHTI, Fernando Martins. **Poliantéia Santista.** São Vicente: Caudex, 1986.

LOVE, Joseph. Autonomia e independência: São Paulo e a Federação Brasileira, 1889 – 1937. In: FAUSTO, Boris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira: Brasil Republicano.** Rio de Janeiro: Difel. 1977. p. 53-76.

MARTINS, José de Souza. **A Imigração e a Crise do Brasil Agrário.** São Paulo: Pioneira, 1973.

MARAM, Sheldon L. **Anarquistas, imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro, 1890 – 1920.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MIYAO, Sussumu. Posicionamento social da população de origem japonesa. In: SAITO, Hiroshi (org.). **A Presença Japonesa no Brasil.** São Paulo: T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1980. p. 91–99.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. **A imigração japonesa para a lavoura cafeeira paulista (1908 – 1922).** São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. 1973.

_____. Considerações gerais sobre a imigração japonesa para o Estado de São Paulo entre 1908 e 1922. In: SAITO, Hiroshi; MAYEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos Japoneses no Brasil.** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. p. 56–68.

ONO, Morio. De colono a pequeno produtor: considerações sobre a agricultura japonesa. In: SAITO, Hiroshi; MAYEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos Japoneses no Brasil.** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. p. 129–163.

PERAZZO, Priscila Ferreira. **Prisioneiros de Guerra: Os "Suditos do Eixo" nos campos de concentração brasileiros (1942-1945).** São Paulo: Humanitas, Impresa Oficial do Estado de São Paulo. 2009.

PEREIRA, Maria Apparecida Franco. **Santos, nos caminhos da educação popular (1870 – 1920).** São Paulo: Loyola, 1996.

PETRONE, Maria Tereza Schorer. **Imigração.** In: FAUSTO, Boris (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira: Brasil Republicano** (Tomo 2). Rio de Janeiro: Difel, 1977. p. 94–111.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1949.

SAITO, Hiroshi. **O Japonês no Brasil: Estudo de mobilidade e fixação.** São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1961.

_____. À margem da contribuição de japoneses na horticultura de São Paulo. In: SAITO, Hiroshi; MAYEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos Japoneses no Brasil.** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. p. 189 – 200.

SANTOS, Francisco Martins dos. **História de Santos (1532 – 1936).** São Paulo: Empresa Graphica da Revista dos Tribunaes, 1937. 2° v.

SAVELLE, Max. **História da Civilização Mundial**. Belo Horizonte: Limitada, 1968.

SCHADEN, Egon. Alemães e japoneses: uma visão comparativa. In: SAITO, Hiroshi (org.). **A Presença Japonesa no Brasil.** São Paulo: T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1980. p. 135–151.

SCHWARTZMAN, Simom; BOMENY, Maria Helena Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema.** São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos (1930 – 1942).** São Paulo: Nacional, 1985.

SILVA, Rafael da Silva e. **O Imigrante Japonês na Cidade de Santos e Região: da sua chegada ao Brasil à constituição de vida na Baixada Santista (1908 – 1943).** 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Faculdade de Ciências e Letras Don Domênico, Guarujá.

SILVA, Wilson Dias da. **O Instituto Escolástica Rosa: A gestão de Pedro Crescenti (1934 a 1945).** 2010. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos, Santos.

SKIDIMORE. Thomas E. **Brasil: De Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930 – 1964.** São Paulo: Paz e Terra, 1982.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil***.* São Paulo: Cortez, 2008.

STANIFORD, Philip. Nihon Ni Itemo Sho Ga Nai: O backgroud, a estratégia e a personalidade do imigrante japonês no Além-mar. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. **Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil.** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. p. 32–55.

STROH, Eloá Maia Pereira. **Imigração Japonesa na Baixada Santista: do sonho ao pesadelo (1908 – 1943).** 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Católica de Santos. Santos.

TAKEUCHI, Márcia Yumi. O **Perigo Amarelo em Tempos de Guerra (1939-1945)**, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Arquivo do Estado de São Paulo, 2002.

TSUKAMOTO, Tetsundo. Sociologia do Imigrente: algumas considerações sobre o processo migratório. In: SAITO, Hiroshi; MAYEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos Japoneses no Brasil.** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. p. 13–31.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e práticas escolares como objeto de pesquisa em História da Educação. In: YAZBECK, Dalva Carolina; ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. **Cultura e História da Educação: intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009. p. 103 – 113.

_____. **Culturas Escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)**. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIEIRA, Francisca Isabel Schurig. **O Japonês na Frente de Expansão Paulista.** São Paulo: Pioneira, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

WAKISAKA, Katsunori (cord.) e outros. **Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec/Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.

Entrevistas

Entrevista 1 - **Entrevistada AH**
Alice Naka Hashimoto
Realizada dia 17 de novembro de 2008, em Santos – SP.
21 min. de duração.

Entrevista 2 - **Entrevistada IU**
Isaltina Uehara
Realizada dias 24 de novembro de 2008 e 29 de agosto de 2009, em Santos – SP.
2h. e 30 min. e 1h. e 30 min. de duração respectivamente.

Entrevista 3 – **Entrevistada MK**
Matsu (Maria) Kushiikene
Realizada dia 14 de dezembro de 2008, Em Santos – SP.
21 min. de duração.

Entrevista 4 – **Entrevistado SY**
Sérgio Yanaguisawa
Realizada dia 16 maio de 2009, em Santos – SP.
39 min. de duração.

Entrevista 5 – **Entrevistado FS e Entrevistada DS**
Franscico Carlos Simons e Dn. Diva dos Santos
Realizada dia 13 de junho de 2009, em Santos – SP.
24 min. de duração.

Entrevista 6 – **Entrevistas YY e LY**
Yoneko Yamashiro e Linda Yamashiro Ikemore
Realizada dia 20 de junho de 2009, em Piraçununga – SP.
29 min. de duração.

Entrevista 7 – **Entrevistado AF**
Antonio Fernandez Filho
Realizada dia 28 de junho de 2009, em Santos – SP.

Entrevista 8 – **Entrevistado IM**
Ignácio Morigushi
Realizada dia 9 de julho de 2009, em Santos – SP.
41 min. de duração.

Entrevista 9 – **Entrevistada TS**
Tasuko (Tereza) Shiraki
Realizada dia 11 de julho de 2009, em Santos – SP.
2 h. e 20 min. de duração.

Entrevista 10 – **Entrevistado FT**
Fumiu Tamashiro
Realizada dia 7 de dezembro de 2009, em Santos - SP
1h. e 11 min. de duração.

Crédito das imagens e periódicos

Acervo de Alice Naka Hashimoto.

Acervo de Fumiu Tamashiro.

Acervo da família Shimabukuro.

Acervo de Isaltina Uehara.

Acervo de Sérgio Yanaguisawa.

Acervo de Yoneco Yamashiro.

Acervo do Instituto D. Escolástica Rosa.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Associação Japonesa de Santos.
Biblioteca Humanitária dos Empregados no Comércio de Santos.
Centro de Documentação da Baixada Santista da Universidade Católica de Santos.
Fundação Arquivo e Memória de Santos.
Hemeroteca Municipal de Santos.
Museu Histórico da Imigração Japonesa.
www.novomilenio.inf.br/santos